



Invulnerável

SÉRIE DARK HAND

Autora best seller na Amazon

ZOE X



Invulnerável

SÉRIE DARK HAND

Autora best seller na Amazon

ZOE X

Copyright © 2021 Zoe X

INVULNERÁVEL

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor/editor.

Capa: Clyra Alves

Revisão: Bárbara Pinheiro

Diagramação: April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem prévia autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

TEXTO REVISADO SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

SUMÁRIO

[Sumário](#)

[Aviso](#)

[Newsletter](#)

[Playlist](#)

[Epígrafe](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Otras obras](#)

AVISO DE GATILHO

Este é um romance Dark contemporâneo, nada tradicional. Ele contém assuntos polêmicos, incluindo temas de consentimento questionável, sobre distúrbio alimentar, agressão física, psicológica e verbal, linguagem imprópria, conteúdo sexual gráfico, entre outros. Esta é uma obra de ficção destinada a maiores de 18 anos. A autora não apóia e nem tolera esse tipo de comportamento. Não leia se não se sente confortável com isso. Se você quer um conto de fadas, essa leitura não é para você.

Este livro é o **último** livro de uma série, é necessário a leitura dos anteriores para entendimento da trama.

Não saia da ordem se não gosta de spoilers.

NEWSLETTER

Para não perder novidades sobre físicos, próximos lançamentos e etc, assine minha **newsletter**.



Se você tiver alguma dúvida, queira me mandar mensagem, ou ver os avatares que escolhi para a série, acesse meu instagram.

[@_mynameiszoex](#)

PLAYLIST

[PLAYLIST NO SPOTIFY](#)



[PLAYLIST NO DEEZER](#)

Aos meus personagens,

a quem eu era quando tudo isso começou,

a quem eu sou agora que tudo acaba.

Vocês três sabem o quanto tentei fugir desse fim, sabem o quanto enrolei para dar esse adeus, mas há ciclos que precisam se fechar para que outros possam se abrir.

Obrigada por me transformarem, obrigada por terem escolhido minha cabeça fodida para colocá-los no mundo. Obrigada, a mim, por não ter desistido e, contra todas as probabilidades, ter feito dar certo.

A Dark Hand oficial, a que me atormentou para escrever suas primeiras trinta páginas sentada na poltrona de couro esgarçado do meu quarto com a promessa de que mudaria o meu rumo, acaba aqui, e ela foi o maior presente que já ganhei na vida, mas agora é hora de colocar um ponto final.

Essa foi a minha dança com o diabo, e você sempre vai se lembrar dela.

EPÍGRAFE

Depois que sangra, seca.

— **autor desconhecido**

CAPÍTULO 1

Eu fui idiota por te amar?
billie eilish, no time to die

Elizabeth Fabbri

Os trovões não me deixavam dormir ou, pelo menos, era disso que eu tentava me convencer. Com o lençol de seda marrom enrolado entre as pernas, me sentei na cama de Louis.

Ele nem se moveu.

Observei o corpo nu completamente relaxado depois de mais uma foda magistral.

Encontrei seu rosto sereno, sua respiração profunda e nenhum indício de consciência pesada.

Suspirei, cobrindo-o melhor e abracei minhas pernas.

Escondendo os lábios no antebraço, soprando e sugando o ar pela boca, me balancei involuntariamente por algum tempo, tentando manter a mente limpa.

Aquele era o meu mais novo desafio.

Os últimos dois anos passaram em looping na minha mente. Toda aquela montanha-russa de emoções desde a primeira vez em que botei os olhos em Louis, até aquele momento ali, na serenidade de uma madrugada chuvosa em Nova Iorque, sobre a cama do meu pior e maior vício, me fez perceber o quão doente eu estava.

Dia a dia, minuto a minuto, eu tentei lutar contra o cansaço, contra o vazamento daquele líquido viscoso que se apegava às minhas entranhas e corroía tudo. Tentei arduamente lutar contra o sentimento que me levava ao chão, mas finalmente, depois de ficar quase completamente sozinha por cerca de três meses, eu não tinha mais forças. Minha única distração era Louis, a cama que acabava virando nossa por algumas horas e o sono ao qual eu começava a manipular com medicação para conseguir calar a boca da minha mente ensandecida.

Será que as pessoas adictas tinham aquela sensação?

Olhar Louis dormindo me dava sossego. Era bom vê-lo ali, comigo, inteiro e vivo. Mas encará-lo tão em paz também me causava pânico.

Por todos aqueles meses, ele não havia mudado.

Louis ainda era o homem que havia me tirado de casa para passar duas semanas fodendo. Era o desgraçado que havia causado a ressurreição dos

meus maiores medos, e o culpado por eu reviver meu pior trauma em um nível escroto de intensidade.

Eu o assisti brincar comigo, manipular minhas emoções, forçar minha presença. Testemunhei sua pior face, seus descontroles e estava lá quando ele matou alguém sem pensar duas vezes... Porém em todo aquele tempo ao seu lado, só ali, naquela madrugada insone e barulhenta, eu realmente entendi que o homem ao meu lado também era parte de mim.

Assim como todo o lixo e sujeira que o cercava e o constituía, Louis tinha suas rachaduras e, negasse ele ou não, eu via o que o seu passado quase secreto havia acarretado para o nosso presente. Talvez, tenha sido minha compaixão descabida no meio daquela paixão doentia, que me fez despedaçar ainda mais o pouco de mim, do que havia sobrado, para tentar manter as paredes dele em pé.

Talvez, fosse por isso que o rombo no meu coração parecia grande o suficiente para caber um punho e eu tivesse sido cega o bastante para suportar o aperto do grilhão que se prendeu à minha alma quase sem reclamar.

Eu amava Louis.

Amava tanto que sentia aquele amor absurdo refletindo em cada célula minha. Era por ele que eu podia respirar, era por causa daquele sentimento

bom em meio a toda merda, que eu conseguia me levantar da cama e encarar o resto do dia. Era por pensar que tudo o que vivia com Louis entre quatro paredes era único e a coisa mais próxima de amor que ele poderia me dar.

E por beber nosso amor envenenado a conta-gotas, não havia percebido a hora de parar, e ali, naquela cama, com meu coração completamente entregue, eu não sabia como ou se poderia ir embora.

Meu trabalho era dele.

Meus sonhos eram com ele.

Meu corpo o pertencia.

Minha vida girava ao seu redor.

Não havia parte nenhuma minha livre de Louis e estar tão entregue, tão vulnerável daquela forma me assustava. Naquela brincadeira de gato e rato, com um relacionamento construído em cima da cama, eu estava enjaulada, pior do que no começo.

Se na torre que era o hotel na Zona Sul de São Paulo, eu achava que não tinha escapatória, como seria em outro país, completamente sozinha?

Em quase três meses de solidão, sem Zola, Giovanna ou Kira, com Louis trabalhando incessantemente, cego de ódio por Giovanna ter quebrado sua bolha de soberba, eu não tinha ninguém e percebi, aos poucos, que se as coisas não mudassem, em breve eu estaria morta, andando sobre sapatos

caros e fingindo que ainda havia algo dentro de mim que valia a pena ser visto.

Louis suspirou e coloquei minha mão sobre a base de sua coluna, acariciando a pele macia e quente, sem olhá-lo, com medo de encontrar os olhos diabolicamente astutos tentando me ler.

— Não consegue dormir, *bambina*? — A voz grossa e falhada ecoou pelo ar e arrepiou minha pele.

— Os trovões — balbuciei, depois de encontrar minha voz. — E estou com aquela queimação maldita no esôfago.

— Hm... — Uma de suas mãos veio parar no meu quadril e ele ficou em silêncio.

Sem entender o sentimento de tensão que se instalava no meu peito, perguntei baixinho, com medo de ele ter voltado a dormir:

— Louis? — Minha voz era um sopro.

— O quê? — O tom foi um pouco mais alerta dessa vez.

— Posso sair amanhã?

— De jeito nenhum. — Houve um momento de hesitação.

Senti seu corpo se mover na cama, mas continuei sem coragem de encará-lo, sem querer que ele visse as lágrimas que se acumulavam nos meus

olhos.

— Você sabe que não é seguro, e eu não confio em ninguém desde que...

— Desde que Giovanna e Zola foram embora — completei sua frase com grande má vontade e limpei os olhos com a lateral da mão. — Certo.

Antes que ele pudesse me puxar, me arrastei para fora da cama e fui direto para o banheiro, sem um pinga de vontade de continuar com a discussão de quase todos os dias.

Era um fato, eu havia virado uma prisioneira, uma escrava, ou talvez só a puta de luxo que Louis queria que eu fosse lá atrás.

Nossa rotina desde que ele havia quebrado a cara era essa: acordar, brigar, foder, comer, foder, trabalhar, brigar, foder mais uma vez e dormir.

E tudo aquilo vinha mexendo demais com a minha cabeça.

Constantemente, nos últimos tempos, eu comecei a me aplicar pequenas sugestões bobas do tipo “*se o vento soprar pelas cortinas três vezes durante um minuto, eu vou embora daqui*”. Aquilo se tornou tão normal para mim que, assim que entrei no banheiro, resgatei os últimos três testes de gravidez que havia comprado sem nenhuma pretensão de usar.

— Se der negativo, se eu não tiver nada que me impeça, eu vou embora — falei baixo para o reflexo no espelho, mal me reconhecendo.

O processo foi rápido. Abri os três testes, me ajeitei em frente ao vaso e abaixei as calças. Era só a prova dos nove e eu não estava nenhum pouco nervosa, de verdade. Apesar das gozadas dentro, eu era responsável e não havia pulado um dia da pílula sequer. Aquela coisa toda era só mais um dos rituais que eu comecei a inventar na minha cabeça para tentar me convencer de que ir embora ainda era a coisa certa a fazer.

Quase ri quando fiz xixi no primeiro teste.

Era muito imbecil da minha parte acreditar que aquilo daria certo.

Senti-me extremamente infantil em barganhar com o acaso e enquanto pensava em outros pequenos pedidos ao universo, terminei de fazer os três testes de gravidez.

Um trovão alto e perturbador me assustou e eu coloquei as mãos sobre o peito, sentindo o coração disparado.

— Eu deveria ter pedido esse sinal. Tinha evitado gastar os testes — reclamei, ao me limpar.

Levantei-me, dei descarga e lavei a mão.

Logo em seguida, lavei o rosto, mas sentindo meu corpo queimando, pensei em tomar um banho, porém, assim que me sequei e abri os olhos, tão logo minha visão focou, eu quase gritei.

Os três testes estavam diferentes dos outros que eu já havia feito.

Todos deveriam ter apenas um risco vermelho.

Um risco.

Negativo.

Mas não era o que tinha ali.

Os três eram positivos.

Caralho.

Tapei a boca com as mãos e encarei aqueles testes por mais alguns minutos, antes de entender que alguma coisa estava errada. *Se acalme*, eu pensei. *Os três podem estar com defeito.* Só podia ser. *E se não tiver, aborto é legalizado nos Estados Unidos.*

Não havia possibilidade de ter um filho de Louis.

Não mesmo.

Não tinha chance de eu carregar um bebê do diabo, ainda mais naquela altura do campeonato.

Com o corpo quente, a mente agitada e terror dominando cada pedacinho de mim, ouvi o toque do telefone de Louis, peguei os testes na impulsividade e os joguei pela janela do banheiro, me molhando toda no processo.

Fechei o vidro o mais rápido que podia e me joguei com as costas contra a parede, fechando os olhos, querendo que aquele fosse só mais um pesadelo.

Só mais um.

— Lizzie, vai demorar?

Eu não consegui responder. Ouvir a voz de Louis junto à batida na porta só me mostrou que tudo aquilo era real. Desde o começo até ali, naquele momento apavorante, tudo havia sido real.

Respirei fundo, tentando me controlar, e abri os olhos.

— Já vou — respondi da forma mais firme possível enquanto a confusão da minha mente voltava com tudo.

Daquela vez, eu mesma havia me trancado dentro da jaula e jogado a chave fora.

CAPÍTULO 2

A vitória agora é tudo o que você precisa
Então cultive e plante a semente
Prenda a respiração e conte até dez, apenas conte até dez
Vou fazer chover, então toque o sino
Eu sei disso tudo muito bem
Lâmina na ponta do seu punho
Posso ter uma testemunha?
Pois agonia não traz nenhuma recompensa
Por mais um ponto e uma última marcação
Não seja uma vítima, corte a corda
shinedown, cut the cord

Louis Luppolo

— Que horas são? — perguntei, quando atendi a ligação, passando o braço pela cama, conferindo se Elizabeth já havia voltado.

Ainda de olhos fechados, respirei profundamente e esfreguei as pálpebras.

— Quase sete. — A voz sonolenta de Henry entregava que ele não havia dormido.

Aquela era nossa rotina nos últimos tempos.

Nos últimos três meses, a corrida para encontrar minha irmã mais nova havia se tornado um tormento. Era prioridade máxima, muito maior do que encontrar a filha de Arturo ou lidar com as merdas restantes que Castagnari havia deixado para trás depois de sua morte.

— Alguma novidade? — Abri os olhos no mesmo segundo em que tomei impulso e pulei para fora da cama, expulsando de vez o sono do meu corpo.

— Finalmente, sim. Sabemos para onde Giovanna e Zola foram.

Parei no lugar, o sorriso tomou conta do meu rosto.

Eu pegaria aqueles dois.

— Onde?

— Ela é esperta, chefe. Mais do que pensávamos. Mas depois de analisar um a um dos vídeos dos portões do aeroporto, eu a encontrei. Era para isso ter acontecido antes, mas o idiota que conferiu o vídeo primeiro não a reconheceu.

Cazzo di inferno.

— Conte-me mais.

— Giovanna está na Califórnia. Embarcou sozinha, com pouca bagagem, sob documentos falsos.

— Ela não faria nada disso sozinha — rosnei, sabendo que havia sido idiota.

Eu não era bom de admitir minhas falhas, mas inevitavelmente, sabia que elas existiam. Minha empolgação e distração com os negócios na Carolina do Norte e a possibilidade de pegar o traidor da Família, tomaram tanto minha cabeça que eu não enxerguei direito o quão profundo havia sido o abismo que minha pequena irmã havia caído.

De fato, eu já imaginava que Bartek não seria um exemplo de marido, mas não um lixo a ponto de fazê-la fugir, me desobedecer ou, pior ainda, me decepcionar.

Mesmo assim, seu ex-noivo teve o que merecia.

Fechei os olhos e inalei profundamente, puxando na memória o cheiro do produto químico que havia deixado Bartek duro como pedra.

Na minha mente, a cena veio tão facilmente que arrepiou os pelos da minha nuca.

Alek me olhava sério, alerta, mas não questionou minha autoridade.

— *Pelo amor de Deus, irmão!* — Bartek gritou em sua língua mãe, enquanto eu me divertia afiando a faca que usaria.

Ainda usando a parte de cima das suas roupas matrimoniais, completamente nu da cintura para baixo, com os tornozelos e punhos afastados e presos sobre a mesa de ferro, contei pacientemente quantas faíscas saíram do atrito da faca contra a pedra até que ele começasse a chorar, mas o desgraçado se segurou bem.

Quis rir, porém, talvez se alguém fosse arrancar minhas bolas daquela forma, eu também choraria.

— *Irmão, por favor!* — ele implorou mais uma vez e Alek não disse nada.

Encarei o leão da montanha andando de um lado para o outro, com os olhos fixos em nós e os braços cruzados, completamente tenso.

Não era fácil para ele, mas sua lealdade era superior ao laço de sangue, o que muito me admirava. Se um dos meus irmãos tivesse feito o que o dele fez, provavelmente eu faria o mesmo.

Mesmo com vinte e três faíscas soltas da faca, Bartek só chorou quando dei o primeiro passo em sua direção.

— Não! NÃO! — ele gritou, repetidamente, e eu parei no lugar, satisfeito por ver aquele desespero todo.

Sua agonia preenchia cada canto do meu corpo oco.

Seu medo era como uma poça de sangue no meio do oceano e eu era o tubarão, pronto para pegá-lo e rasgá-lo pedaço a pedaço.

— Está com medo disso? — perguntei, mostrando a faca e rindo. — Não tenha. Ela só vai finalizar o processo. Cortar suas bolas fora tirando sua chance de cantar para mim não está nos meus planos. Se fosse assim, Mary teria dado um jeito.

— Mary? — minha vítima perguntou, o suor se acumulando em sua testa, o corpo tenso, tentando de todo jeito arrebentar as correntes em seus membros.

— Não vou apresentá-la a você, pelo menos... — me aproximei de Bartek e analisei seu corpo —... não hoje.

Suas pernas estavam afastadas, quase como uma puta sedenta para receber seu cliente. O pau duro, curvado para cima, quase roxo, tamanha a estimulação da droga... sangraria *pra caralho*.

— Me diga. — Me curvando sobre Bartek, peguei seu rosto escorregadio, encarando primeiro a massa roxa e inchada, consequência do soco que ele ganhou do irmão quando este descobriu sua traição, e quase sorri. Segurando firme em sua mandíbula, machucando, conforme forcei meus dedos contra a carne e os ossos com muita força. — O que você

prefere? — perguntei, quando consegui que ele parasse quieto. — Que eu remova tudo, ou que deixe essa merda murcha para que você nunca se esqueça do que fiz a você? — E com a mão livre, depois de largar a faca sobre a mesa ao lado dele, dei um tapa forte sobre o seu caralho dolorido e ri quando assisti à íris dele ficar quase que completamente escura enquanto ele urrava de dor.

— Louis. — A voz de Alek me acertou antes de sua mão em meu ombro. — Esse não é o combinado.

Ainda com os olhos nos de Bartek, encarei o merdinha cheio de medo e juntei nossos rostos até que meu nariz tocasse o dele.

— Vamos ver se você gosta quando é você o ratinho na gaiola do diabo. Você violou minha casa, meu sangue, e tem sorte de que seu irmão vale algo para mim, ou, te garanto, você não sairia vivo desta sala. — Minha voz era baixa, raivosa e reverberou por cada milímetro de pele dele.

Eu tinha certeza de que se Bartek pudesse, ele teria se mijado naquele segundo.

Larguei seu rosto e ajeitei a postura, pensando no que fazer em seguida.

— Alek — sua mão ainda estava sobre meu ombro —, preciso de você fora daqui.

— Não. — Ele tentou negar, mas era óbvio que não daria certo tê-lo como testemunha. — Você vai matá-lo se eu sair.

— Eu te dei minha palavra de que não vou.

— Merda, Louis. Nós sabemos o quanto nossas palavras valem...

— *Você é meu irmão* — falei em sua língua, encarei os olhos dele pela primeira vez dentro daquela sala e fui até ele, colocando a mão sobre sua. — Prometo que ele sairá vivo daqui. E se for o que você quer, digo que fiquei frustrado por não poder tocá-lo. Que você o acertou.

A dúvida atropelou meu amigo como um caminhão.

— Caralho — ele xingou e sua mão pesou sobre meu ombro. — Não o mate. — Era um pedido sincero, sem nenhuma ameaça. Eu respeitava aquilo.

— Eu te garanto que ele vai sair daqui vivo — falei, apenas para ele e pendei a cabeça um pouco para o lado, sem tirar os olhos dos dele. — Henry, coloque o médico para dentro. — Alek soltou o ar com pressão e me soltou. Ele se afastou, pronto para ir embora e eu voltei minha atenção a Bartek, pousando uma das mãos sobre o peito dele, enquanto a outra se embrenhava pelos cabelos empapados de suor. — Quero que ele controle os sinais vitais de Bartek, e, principalmente, quero que ele fique acordado e bem consciente, o tempo todo.

O polonês recomeçou com seus gritos, implorando, mas bastou uma troca de olhares minha e de Alek para que o leão da montanha saísse.

Esperei até a porta se fechar e me abaixei na mesma altura que Bartek, soprando em seu ouvido.

— Ah, seu fodido, nem imagina o quanto eu vou adorar isso... — Acariciando seu cabelo, sorri, passando a ponta da língua de um canino a outro, lentamente, assistindo, conforme o entendimento preenchia a mente da minha vítima, vendo o desespero em seus olhos ao entender que não havia chance de eu parar, e que, com o irmão longe, eu só cumpriria minha promessa. Ele sairia vivo, mas não inteiro, nem intacto. — Vamos começar com você me contando o que fez à minha irmã... — pedi, largando sua cabeça sobre a mesa para poder tirar a camisa.

— Eu não fiz nada — Bartek disse, quando desabotoei o segundo botão.

— Tente novamente — pedi, com gentileza, como se aquela conversa fosse algo trivial. — Giovanna é tão frágil e maleável. Vamos lá, me conte o que você fez com ela. Eu vi algumas fotos...

E a visão de minha irmã exposta, abusada e machucada dominaram minha mente.

Sem pensar, peguei a faca que havia acabado de afiar e, achando o ponto certo da musculatura da coxa dele, a enfiei profundamente na carne.

Bartek gritou até perder o ar.

Eu não ri.

Ele era frouxo. O tipo de homem que eu nunca teria sob minhas ordens.

Que merda eu estava pensando quando achei que ele seria uma boa opção de marido para Giovanna?

Seus gritos duraram pouco mais de um minuto.

— Vamos tentar de novo — falei, quando ele finalmente ficou em silêncio. — O que é que você fez com a Giovanna?

— E-eu a alimentei! — gaguejando, Bartek tentou. — E cuidei dela. Mas sua irmã era desobediente.

— É mesmo? — Dei as costas a ele por um minuto, ignorando os outros dois na sala e continuei a olhar com muita curiosidade para todo o material de tortura que eu tinha em mãos.

Mais facas, um bom maçarico, uma prensa que eu apelidei carinhosamente de quebra-nozes, alguns bons alicates de variados tamanhos...

É, algumas unhas faltando não o matariam.

Uma unha para cada foto que Matteo havia me mostrado.

Girei o alicate de ponta mais fina entre os dedos e, ignorando a plateia, me aproximei de Bartek pela ponta da mesa, ficando atrás de sua cabeça, vendo o desespero dele ao tentar me enxergar.

Parei com o alicate erguido e perguntei:

— Você é destro ou canhoto?

— C-canhoto — ele choramingou, mentindo.

Eu já havia visto Bartek escrevendo e atirando há anos, usando sempre a mão direita.

Acabei sorrindo.

— É uma pena que isso não importe.

Sem muita paciência, vendo suas mãos em punho, escondendo a ponta dos dedos contra a palma, apertei um pouco acima de seu pulso esquerdo e fiz força para que ele não conseguisse manter as unhas ocultas.

Funcionou.

Assim que a mão de Bartek estava na posição que eu precisava, fui certeiro, abrindo o alicate e forçando uma das pás entre a unha e a carne do dedo mindinho.

Bartek uivou de dor quando o metal, à medida que era forçado, separava sua carne dolorosamente da unha.

A sombra do líquido vermelho surgiu envolvendo a ponta do alicate que estava dentro dele, e quando eu as forcei juntas e puxei, a unha veio inteira, com um rastro de sangue, acompanhado de um grito tão agudo que quase me fez gozar.

Eu bambeeí, sorrindo, curtindo milímetro a milímetro da adrenalina se espalhando pelo meu corpo, ganhando cada centímetro de veia, chegando a cada pequena parte do meu corpo. Do centro às extremidades.

Mal havia começado e eu já estava duro.

Não havia nada no mundo que eu amasse, mas se me perguntassem algo que não poderia ficar sem, era o ato de infligir dor aos outros.

— Grite mais alto, seu fodido — pedi, quase cantando e peguei o dedo anelar.

O processo foi o mesmo, mas agora com uma trilha sonora mais interessante.

Forcei o alicate mais uma vez, enquanto Bartek gritava, implorava, cuspia e chorava.

Uma a uma, as unhas das mãos iam ganhando espaço no chão.

Um a um, os dedos ficavam inchados, sensíveis e sangrentos.

Ainda era pouco.

Quando terminei a última unha da mão direita, ele não aguentava mais gritar.

Encarei o filho da puta e notei seu rosto branco, como se a pressão tivesse caído, e o peito subindo e descendo rápido.

— Ei, ei, ei — chamei, dando tapas firmes em sua cara, conforme o via amolecendo. — Não é hora de dormir, seu cuzão. Eu mal comecei. — Soltei seu rosto e o vi chorar.

— Sua irmã me traiu — ele soprou as palavras, com dificuldade.

— *Bugiardo!* — eu gritei, antes de dar mais um tapa em seu rosto. — Henry, tire os sapatos de Bartek, por favor.

Afastei-me, limpando o suor da testa, contando mentalmente até quatrocentos.

Era o tempo que o polonês teria para se recuperar, ainda assim, ele não se tocou disso.

— Louis, por favor, pela amizade entre nossas famílias, me deixe ir — ele começou dizendo em sua língua, depois em italiano, depois em inglês e continuou repetindo, tentando lutar contra Henry como conseguia.

Assistindo àquilo, vi quando meu soldado ficou sem paciência e me encarou, pedindo permissão. Eu dei. Era bom compartilhar aquele tipo de

experiência, e o som do osso do tornozelo de Bartek quebrando encheu o ambiente junto com o grito seco e oco que ficou preso em sua garganta.

Dominado pelo demônio que vivia dentro de mim, eu ri e corri para perto de Bartek, me abaixando, roçando o nariz em seu rosto, aspirando o cheiro do medo, da dor, do desespero... Aquele era meu perfume favorito.

Lambi o rosto de Bartek, sentindo o gosto daquilo tudo em suas lágrimas, em seu suor, e continuei rindo.

— Quanto mais você nega, quanto mais você luta, mais divertido fica — sussurrei de forma diabólica próximo à sua orelha e o vi tremer.

Seu tempo havia acabado.

O processo no pé de Bartek foi igualmente prazeroso.

As unhas menores saíram sem nenhuma dificuldade. As maiores deram mais trabalho, mas quando descolaram da pele, saíram tão perfeitamente inteiras que eu resolvi que as guardaria junto da recordação principal.

— Porra! — o polonês gritou, a veia do pescoço saltando, o suor deixando seu corpo completamente molhado.

— Gostou? — perguntei, olhando com atenção para a unha e o formato da raiz.

Ele não respondeu.

— Doutor — pedi ao médico da Família —, por favor, não permita que nossa visita adormeça antes do tempo.

Dei as costas a Bartek por alguns minutos, contando incessantemente, respirando fundo, enquanto o médico cuidava do que precisava. Eu o rasgaria tão profundamente, eu o deixaria tão moribundo, que Bartek sempre se perguntaria o motivo de eu tê-lo deixado vivo.

A resposta estaria presente sempre que seus olhos caíssem em Giordana, ou no irmão.

Ele nunca foderia a própria esposa.

Ele só estaria vivo por causa de Alek.

Se bem que, eu não mataria Bartek se ele fosse outro. Pelo menos, não tão cedo.

Eu o trancaria em uma gaiola, eu o machucaria todo dia, pouco a pouco, saboreando o canto diferente que ele daria a cada parte quebrada, cortada, queimada, ferida.

E nem quando ele parasse de se importar, eu o mataria.

Bartek seria um fantoche vivo no fundo da minha sala, sem poder falar, sem poder comer. Definindo pouco a pouco até não haver mais nada além da carne podre.

É, aquilo seria divertido.

Era o que ele merecia por entrar na minha casa, cheio de amizade e hospitalidade, e ignorar as regras. Bartek ter machucado Giovanna, a única pessoa pela qual eu prezei a pureza e inocência durante todos aqueles anos, atingiu em cheio o meu ego.

O medo que eu pensei que ele tinha de mim não foi o bastante, então, eu o faria entender o porquê estava tão errado. O porquê minha irmã não era só mais um brinquedinho.

O porquê não se mexe com a família do diabo.

Era um carinho no meu ego, mas um alerta para que, quando colocassem os olhos em Bartek, soubessem que aquilo era prova da minha misericórdia, e que ela não aconteceria duas vezes na mesma vida.

— Ele está pronto, senhor. — Ouvi o médico avisar quando minha conta chegou em seiscentos e setenta e dois.

— Ótimo. — Respirei fundo e voltei para a mesa de brinquedos. — Vamos lá... estava pensando, você tocou minha irmã de forma indevida e — fazendo o teatro ficar interessante, me virei com o maçarico para Bartek — que tipo de irmão eu seria, se deixasse você sair por aí, se lembrando de como a pele de Giovanna é macia? Ou seu gosto... — Passei a mão pelo rosto de Bartek e sua boca. — Ou o quão apertada minha irmã deve ser. —

Dando mais um tapa sobre o pau dele, o ouvi gemer de dor. — É, eu não seria um bom irmão. Vamos apagar a sensação.

Segurando a placa de metal com um pano grosso, eu a esquentei com o maçarico até que uma gota do meu suor caiu nela e evaporou antes mesmo de tocá-la.

Era a prova de que estava pronta.

Henry me ajudou a abrir a mão de Bartek.

Ele mal lutou, já que a ponta dos dedos o impedia.

Quando pressionei sua mão contra o metal quente, o chiado da carne queimando encheu o ar junto do cheiro. Bartek abriu a boca e gritou tão alto que me arrepiou todo o corpo.

Eu estava tão duro que poderia foder por horas.

Se Elizabeth estivesse ali, eu a foderia em cima de Bartek.

A possibilidade de aquilo acontecer me fez sorrir de novo. O tipo raro de sorriso que eu dava. Era real.

Nada me faria mais feliz do que unir as duas coisas que eu mais gostava na vida.

Porém, com toda a certeza, ela não participaria de algo como aquilo.

Era provável que Elizabeth morresse de infarto, caso visse o que eu realmente era capaz de fazer. Ela só tinha uma vaga noção e já reprovava... Se soubesse a verdade, seria capaz de fugir.

O pensamento dela longe me causou um desconforto tão grande, uma raiva súbita que pressionei a mão de Bartek com mais força contra a placa.

Não era minimamente aceitável a ideia de ela partir.

Nunca seria.

Ela era minha.

Quando afastei a mão do polonês da placa, pedaços de pele ficaram presos ao metal. Sua mão não passava de um amontoado inchado e vermelho. Estava em carne viva.

Soltei um riso nasalado.

— Divertido — comentei e voltei a esquentar a placa.

A outra mão e cada um dos pés passou por aquele processo, conforme eu encarava o rosto de Bartek a todo momento, gravando suas expressões de dor, guardando na mente cada som que ele produzia, armazenando até onde eu podia ir com o corpo humano sem arrebatá-lo, só para prolongar o meu prazer. O meu maior prazer.

Aquilo sim era um vício.

O melhor e mais perigoso.

Matar exigia um pedaço da alma, mas eu tinha acabado com a minha logo nas primeiras mortes.

Na verdade, na segunda vez que matei, eu soube que não havia nada que prestasse vindo de mim. Que eu já estava morto por dentro, e que levar alguém ao limite daquele jeito era a única forma de me sentir vivo.

E eu adorava me sentir vivo.

Constantemente.

Foi pensando nisso que vi Bartek mordendo os lábios para aguentar a dor e me lembrei de uma foto em particular. Aquela mesma boca havia lambido, mordido e feito muito mais com minha pequena irmã.

— Eu quase me esqueci... — Ao me ouvir, Bartek arregalou os olhos e procurou meu rosto, completamente apavorado.

Minha empolgação foi tanta que quase soltei a placa no chão de qualquer jeito e avancei para o seu rosto.

— Essa boca merece uma limpeza também. — Passei o maçarico bem próximo aos lábios dele, provocando e ri. — Henry, por favor, a menor faca e a mais afiada. E, doutor, será que você pode me auxiliar?

— O que quer fazer, senhor Luppolo? — O médico me encarou sob os óculos, visivelmente incomodado com tudo aquilo, mas sábio o bastante para

calar a boca.

— Como posso bifurcar sua língua? Ou será que eu deveria cortar um pedaço dela? — perguntei, como uma criança curiosa.

Levou menos de dois minutos até Henry me ajudar a abrir a boca de Bartek e colocarmos sua língua para fora. O médico me explicou, apontando os pontos da língua, disse que seria bom fazer com um alicate em vez de uma faca, e que deveríamos cauterizar o corte depois, para evitar a perda de sangue.

— Hm... — Coloquei o alicate de corte sobre a língua de Bartek na vertical e, quando minha mão pressionou, fechando as pinças sobre sua língua, cortando a carne macia como se não fosse nada, perguntei: — Assim?

O grito vindo da garganta de Bartek foi impressionante, ainda mais quando o médico pediu para que eu iluminasse a boca para ele cauterizar a ferida.

Só de brincadeira, peguei o maçarico recém-usado e pressionei contra os lábios de Bartek, vendo mais lágrimas rolando de seus olhos.

— Chore. Chore mesmo. Chore demonstrando toda a sua gratidão, por saber que vai sair daqui com vida. — Uma risada anasalada escapou de mim. — Chore por saber que não haverá um dia sequer que você vá esquecer de mim e da minha família. Da sua desonra. Do meu ódio por você.

Bartek me obedeceu e começou a chorar de soluçar.

Chorava tanto que seu peito tremia.

— Isso, fodido obediente. Nem parece que vai perder o pau. — O desespero em seus olhos me fez rir e, no segundo seguinte, meu dedo pressionou o botão do maçarico e as chamas foram direto para a cabeça do pau de Bartek.

Ele dançou sobre a mesa, mas eu não me movi, contando lentamente até cem.

Quando meu dedo soltou o botão e eu olhei para baixo, a cabeça do pau de Bartek era um negócio inchado, meio escuro, feio e cheio de bolhas. E ele esperneava, movendo o quadril de um lado para o outro, grunhindo de dor. Seus olhos eram monstruosos, escuros, completamente insanos pela dor, pela droga em seu sistema.

— O que acontece se eu estourar uma delas? — perguntei, já fazendo.

Com o polegar e o indicador como pinça, apertei a glândula que fumegava e estourei cada uma das bolhas, sorrindo como uma criança que encontra plástico bolha.

Foi muito prazeroso ver o líquido escorrendo delas enquanto Bartek urrava.

— Acho que você não consegue mais gritar, não é? Que pena... — Descendo para conferir suas bolas, eu ri. — Hora de colher suas nozes.

— O senhor quer... — Henry ia me oferecer o instrumento que faria os bagos de Bartek se despedaçarem, mas eu neguei.

— Mudei de ideia. Quero arrancá-lo na faca, inteiro, e vou enviá-lo de presente para Giordana — provoquei, rindo. — Porém quero saber como uma coisa se liga a outra, sabe? Adoro anatomia e nunca pensei em como faria isso antes.

Depois de orientado pelo médico, com um bom alicate na mão e a faca bem afiada na outra, parei em frente à nudez de Bartek e tateei a base de seu pau, até achar o ponto que queria.

— Isso vai precisar ser rápido, infelizmente. Se eu demorar muito, você morre — avisei. — Mas eu espero que você se lembre disso no meio da noite, quando precisar mijar, ou quando quiser foder alguém. Espero que lembre disso antes de ser um desgraçado sem honra de novo. Antes de trair quem lhe deu confiança. — E pousando o alicate no ponto em que o médico havia indicado, antes de pressioná-lo e deixar Bartek sem uma parte importante, continuei: — Isso é por Giovanna, por sua honra, e pela minha burrice — admiti no último segundo, fechando a mão sobre o alicate, sentindo a dificuldade de cortar a carne rígida.

Bartek, que pensei não conseguir mais gritar, soltou uma nota alta, aguda. Um grito capaz de congelar a alma no corpo de um ser normal. Mas eu não era esse ser.

Forcei mais, precisando dar alguns trancos com a mão e quando consegui separar a parte que me interessava do resto do corpo, assisti, vitorioso, com o coração martelando alto contra o peito, sentindo minha boca encher d'água ao ver tanto sangue jorrando.

Encarei o pedaço de carne murchando preso ao alicate e, enquanto o médico e Henry trabalhavam juntos para cessar o sangramento, eu gargalhei.

Alto, solto, feliz como nunca.

Não havia nada que me fizesse mais vivo do que aquilo.

Eu era o diabo, eu era Deus, e filho da puta nenhum podia me desafiar.

— Senhor? — Henry chamou, confirmando se eu ainda estava na linha.

— Califórnia, é? Agliardi podia ser mais esperto. Não avise mais ninguém, nem mesmo Matteo. Ela estar na área dele, me faz desconfiar de que meu irmão sabe mais do que fala.

— Se ele souber... — Interrompi meu soldado.

— Se ele souber, o fato de não ter me contado até agora o transforma em traidor também. Agliardi traiu minha confiança e parece que tem a afeição de meio mundo para que mintam a fim de protegê-lo. — Passei a mão pelo cabelo e encarei o tempo feio do lado de fora, foi quando reparei na porta do banheiro entreaberta, com olhos verdes curiosos me encarando sob a brecha. — Não conte para ninguém o que descobrimos. Ninguém é confiável.

A mágoa nos olhos de Elizabeth por minhas últimas palavras ao telefone não me abalou.

— Se você contar para alguém, vou considerar traição — avisei, largando o telefone sobre a cama.

Ela abriu a porta de vez e passou do batente.

— E para quem eu poderia contar? Virei sua prisioneira de novo, vovô. — A acidez em suas palavras me fez respirar fundo.

O dia mal havia começado, eu não queria fodê-lo na primeira hora.

— O que aconteceu? — mudei o assunto, assim que seu rosto foi iluminado pela luz do abajur. — Estava chorando?

— Não. — Elizabeth ajeitou a coluna e passou as mãos pelo rosto, claramente mentindo para mim.

Cobri a distância entre nós em segundos, pegando seu rosto entre as mãos, obrigando-a a me olhar. O nariz avermelhado, o rosto inchado e os olhos cheios d'água traíam sua boca.

— Por que está chorando, *bambina*? — minha voz foi o mais suave possível quando a questioneei, mantendo seus olhos presos aos meus.

— Eu... — Ela demorou um tempo para proferir a resposta, mas desviou o olhar, respirou fundo, lambeu os lábios cheios e voltou a me encarar antes de responder. — Giovanna e Zola são meus melhores amigos. Não posso deixar você tirá-los de mim. Se você os encontrou, eu vou com você.

Demorou algum tempo para meu cérebro absorver aquelas palavras, mas quando o fez, minha única resposta foi rir.

— *Bambina*... — acariciei o rosto de Elizabeth —... isso está fora de cogitação.

— Não quero saber, eu vou com você. — E aquele olhar determinado me fez compreender um pouco mais o motivo de ser ela a ter controle sobre aquela parte esquisita e incontrolável dentro de mim.

— Não vamos pensar sobre isso agora, certo? — Movi minhas mãos para a cintura de Elizabeth e desci o rosto para seu pescoço, encaixando a

boca na curva delicada, beijando sua pele, afastando o roupão que ela vestia, indo na direção do ombro exposto.

— E vamos pensar sobre o quê? — Ela parecia gelada, mas eu a queimaria até derreter e virar vapor.

— *Bodytalk*, que tal? — Minha proposta junto do aperto do seu corpo contra o meu a fez arfar. As mãos dela pousaram contra os músculos do meu braço e seus dedos se comprimiram contra minha carne.

Lizzie aspirou o cheiro da minha pele e estremeceu quando, depois de continuar a beijar o caminho de volta até seu pescoço, mordisquei sua garganta.

— Merda, Louis — ela xingou e eu ri.

— Podemos começar o dia bem ou...

E, de repente, mudando completamente o cenário, como se tivesse tomado um choque, ela me empurrou.

— Você vai me deixar louca! Eu preciso ir trabalhar e parar de perder tempo com você... — gritou, cheia de animosidade, não me deixando nenhuma brecha para fazê-la mudar de ideia, enquanto saía do quarto.

Elizabeth me deixou.

CAPÍTULO 3

Eu me apaixonei pelo diabo
E agora estou com problemas
Eu me apaixonei pelo diabo
Estou sob o seu feitiço
Alguém me mande um anjo
Para me emprestar uma auréola
Eu me apaixonei pelo diabo
Por favor, me salve deste inferno
I fell in love with the devil, avril lavigne.

Houve um tempo em que a palavra que movia minha vida era não, negativo, e todos os seus sinônimos. Naquele segundo, eu só queria voltar no tempo.

A palavra positivo parecia tatuada no meu cérebro, e sentada em frente ao meu computador, no escritório do primeiro andar do apartamento de Louis, tudo o que eu conseguia era encarar a cidade lá fora naquele dia cinzento e chuvoso, pensando que dentro de mim havia uma vida.

Uma vida proveniente da loucura de Louis e da minha irresponsabilidade.

Colocar-me em risco era uma coisa, e mesmo que enxergasse o tamanho da burrice, eu era a única que pagava por ela.

Colocar uma criança no meio daquilo tudo era quase leviano.

Segurei o ímpeto de tocar minha barriga e fechei a mão em punho, batendo-a na mesa enquanto tentava organizar minha mente.

Será mesmo que aqueles testes estavam certos?

Será que uma criança seria capaz de mudar quem Louis era?

Eu duvidava, e muito.

Nas minhas costas, havia um livro com o prazo quase estourado para entregar, a sensação de solidão esmagadora e o sufocamento de não poder compartilhar aquilo com ninguém. Era muito, muito duro saber que não havia nenhum amigo disponível para me ajudar a colocar a cabeça no lugar diante de tanta confusão. Pior ainda, era saber que as únicas pessoas que amei tanto quanto podia, desde que me apossei daquela vida, estavam com os dias contados.

E foi tentando organizar uma lista mental de coisas que poderia fazer, que vi o dia se transformar em noite e, quando notei, Edgar batia à minha porta.

— Senhorita Fabbri? — O tom carinhoso de Edgar me fez sorrir ao vê-lo. — O senhor Luppolo já chegou há algum tempo e perguntou se a

senhorita o acompanhará no jantar.

— Ah, claro... — Encarei a tela do computador em branco e suspirei.

Mais um dia jogado fora.

— Eu já vou.

De qualquer forma, eu não podia ficar focada na possível gravidez.

Giovanna e Zola podiam ser encontrados na próxima hora e, de algum jeito, eu precisava muito estar lá, não importava o que aquilo custasse.

Certa de que aquele era o caminho e a distração certa, ajeitei o vestido cor de abóbora, puxando sua barra um pouco mais para baixo para cobrir melhor as coxas, ajeitei minhas coisas sobre a mesa da melhor forma que dava e saí com os pés no chão, fechando o escritório e prometendo a mim mesma que o dia seguinte seria diferente, ou minimamente produtivo.

Subi as escadas pulando de dois em dois degraus e parei no topo, quando vi Louis sentado sozinho, com o jantar já servido na mesa, mexendo em seu celular.

Prendi a respiração, puxando as mangas do vestido sobre as mãos, tentando entender o clima do ambiente.

— Teve um bom dia? — ele perguntou, me fazendo vacilar e continuar para meu lugar à mesa.

— Uhum. — Minha resposta foi curta. — E você?

Sentei direito na cadeira e comecei a fazer meu prato, me servindo das travessas que Edgar havia colocado sobre a mesa.

— Nada do que reclamar. — Louis guardou o celular no bolso e me observou.

— Encontrou a Giovanna? — Minha pergunta foi direta e meu olhar oscilou de seu rosto para meu prato.

— Por que quer saber?

— Porque quero entender... — Pousei a porcelana pesada sobre a mesa e o encarei. — O que você pretende fazer quando encontrá-la?

— Você não quer ter essa conversa agora.

Ele me ignorou pelo tempo em que fez seu prato, mas assim que me encarou, percebeu que eu não cederia.

— Você não aprende mesmo, não é? — Ele sorriu, o tipo de sorriso que não chegava aos olhos e que aprendi a odiar com o tempo. — Giovanna tem meu sangue e é só isso que a salva. Eu ainda não decidi o que fazer com ela. Mas Agliardi, depois de me trair como fez, só tem uma única coisa que posso fazer...

— Você não pode matá-lo — interrompi Louis, tão bruscamente que suas sobrancelhas arquearam. Aquilo era um desafio, e eu continuei: — Sua irmã só precisou fugir porque você não a enxergou. Você foi um péssimo irmão, Louis.

— Você, mais do que ninguém, sabe o quanto eu estive trabalhando em coisas importantes. — De fato, eu o vi pouquíssimo depois de ter voltado para o apartamento. Louis passou tanto tempo trabalhando em suas coisas todas, legais e ilegais, que nas vezes em que eu o encontrava, era com ele vindo deitar comigo nas madrugadas e, ainda assim, eu acordava sozinha pela manhã. — Se ela tivesse me pedido para acabar com tudo e me dado provas, eu teria feito minha parte. Giovanna nunca me disse nada.

— Não com palavras, mas todos nós assistimos, de camarote, à sua irmã morrendo aos poucos.

— Achei que era por conta do luto por Felippo.

— A história de sua irmã e Felippo foi um surto coletivo. Ela o superou, e Zola sempre cuidou dela, sempre gostou dela.

— Não me fale desse tipo de bobagem.

— É verdade e você sabe. Como você poderia julgá-lo por salvar quem ele ama? Como você tem coragem de condenar Zola por proteger sua

irmã, arriscando a própria vida? — continuei, mas Louis tentou me interromper de novo.

— Pare. — Seu tom de voz era duro e seco. Ele não queria falar sobre aquilo, mas eu não queria saber, ele precisava ouvir.

— Você podia ter feito algo e não fez. Sua irmã não confiou em você porque sabia que você não pensaria nela. Sua irmã não podia contar com você, Louis. Você não queria ajudá-la, não queria vê-la, não a teria salvado.

— Chega! — ele explodiu. — Isso não é a porra de um conto de fadas. Pensei que você soubesse disso, mas parece que ainda não aprendeu.

Arrastando a cadeira com raiva, conforme se erguia, Louis saiu escada acima, me deixando sozinha na mesa do jantar, com um gosto amargo na boca.

Eu terminaria aquela frase com a suposição de que Louis poderia fazer o mesmo por mim, mas eu não tinha nenhuma prova.

Tudo o que eu sabia era que ele era um fodido, um sádico, e que qualquer coisa que pudesse ter feito por mim era só por puro ego e diversão.

Não demorou nem cinco minutos para que a barulheira começasse.

Com uma mão no garfo, empurrando comida na boca enquanto as lágrimas rolavam, ouvi quando Louis começou a tocar bateria num ritmo furioso.

Fechei os olhos, engoli a comida quase sem mastigar, e terminei com meu prato em menos de três minutos. E se eu não me freasse, entendendo que não era fome o vazio que sentia, teria comido todo o resto da travessa.

— Merda — xinguei baixo, mal conseguindo ouvir meus pensamentos, acabei com o suco do meu copo, batendo-o na mesa com mais força do que deveria.

Ajeitei-me na cadeira, escondi o rosto nas mãos e terminei de colocar para fora a agonia que me fazia chorar. Ela nunca passava, mas esvaziar o pote ajudava a respirar melhor. Quando consegui conter toda a minha mágoa, mesmo que ela machucasse minha garganta naquele nó abrasador, respirei fundo e abaixei minhas mãos.

Giovanna havia se acabado em seis meses.

Eu vi a garota cheia de vida e risos murchar e perder seu brilho tão rápido quanto um piscar de olhos.

O meu processo era parecido, só um pouco mais lento e desgastante.

Era como o sapo na panela, que vai se adaptando à temperatura da água até que não tem mais como fugir e é cozido vivo.

Naquele momento de loucura, quando dei por mim, estava de pé, com a mão sobre o corrimão, subindo o último degrau da escada. Louis me atraía de uma forma tão absurda que, mesmo com vontade de descer e ir embora, era na direção dele que eu ia.

Com a camisa aberta, de olhos fechados, sua mão sobre as baquetas surrava o instrumento, e cada batida refletia dentro do meu peito. Era como se meu coração pudesse gritar cada nota rebelde da música desconhecida que ele tocava.

Louis abriu os olhos, o rosto sério, a boca firme numa linha comprimida, contendo a raiva que tinha de mim naquele minuto. Ele não me queria ali, mas pouco me importava. Caminhei até ele, ignorando seu alerta para ficar longe, e o toquei.

Primeiro com as unhas sobre sua nuca, depois com ambas as mãos invadindo sua pele dos ombros e peito.

Quando eu o abracei pelas costas, parando com a mão espalmada sobre seu coração, sentindo as batidas fortes e intensas, Louis parou de tocar.

Seu corpo tremia, irradiando o calor da raiva que sentia, mas tudo o que ele fez foi colocar a mão sobre a minha e suspirou.

— Odeio quando você me desafia assim. — Sua voz, mais profunda do que nunca, ecoou contra minha pele, fazendo meus pelos se arrepiarem.

Cortando a tensão do ar com meu gesto, apoiei a cabeça na curva do seu pescoço e inalei seu cheiro de outono, o meu favorito, tentando me manter sã.

— Nasci pronta para apontar seus erros — respondi baixinho, perto de seu ouvido, vendo de relance Louis passar a língua de um canino ao outro antes de me responder.

— E há algo que você tenha para me dizer desta vez que seja diferente das outras? — Havia escárnio em sua fala.

— Não. E se tivesse, não adiantaria. — Era a verdade dita em voz alta.

— Se não adianta, por que é que você ainda está aqui?

Fechei os olhos e peguei mais ar para responder àquilo.

— Você sabe o motivo.

Porque eu te amo.

Porque sou idiota.

Porque daria a minha vida por você quando sei que você não merece nada disso.

Louis tirou minhas mãos de si e girou, me colocando entre suas pernas, ficando de frente para mim. Suas mãos seguraram com firmeza em minha cintura, não me permitindo fugir, enquanto ele esfregava o rosto contra o meu colo.

— *Me lembre dele.* — Era uma ordem.

— Você é o pior ser humano que conheço. — Acariciando sua nuca, trilhando caminhos diferentes, conforme meus dedos avançavam, roçando em seu couro cabeludo, continuei, numa voz calma e baixa: — E eu sei que uma grande parte minha te odeia.

— Mas há uma parte sua tão sombria quanto a minha... — Louis parou de esfregar a barba contra meu colo e começou a beijar a pele exposta dos meus seios pelo decote do vestido. — E essa parte me adora, adora com uma devoção nunca vista. — Me beijando, mais uma vez, ao mesmo tempo em que uma de suas mãos descia para tocar minha coxa por baixo do tecido do vestido, ele disse: — E por isso, você não consegue me deixar, assim como eu não consigo, *bambina*. Eu disse a você antes, nós nos pertencemos.

— Não é só isso — consegui responder, mesmo que mais baixo que antes e precisei abrir os olhos quando ele parou com as carícias.

Encontrei Louis me encarando, curioso.

As rugas em volta de seus olhos castanhos ficaram mais evidentes quando ele franziu as sobrancelhas.

— Não?

— Não. — Neguei com a cabeça. — Você sabe — minha voz ganhou corpo —, é um cabo de guerra infindável. Eu te amo e te odeio, na mesma proporção. Você me deixa doente, mas como uma viciada, eu sempre volto.

Sua mão em minha cintura me apertou mais forte contra si.

— Sempre arredia, cedendo até a parte que te interessa, nunca se curvando como eu gostaria... — Louis respirou fundo com o rosto contra mim e voltou a me encarar. — Isso me irrita, consome, mas diverte.

E atrevido como sempre, sua mão em minha coxa subiu certa, apalpando o fundo da minha calcinha. — Não há boceta como a sua por todo o mundo.

— E é só isso que você gosta em mim?

Eu parecia uma adolescente.

Minhas pernas fraquejavam, meu ventre pulsava e, de fato, sabendo que eu poderia ser uma vagabunda de marca maior, estava completamente molhada, querendo tanto Louis com tudo o que era, tanto que chegava a doer.

— Não — a voz rouca respondeu, enquanto ele se erguia, me obrigando a dar um passo para trás. Olhei para cima, encarando seus olhos

como se Louis fosse uma espécie de deus pagão a ser venerado e quando ele tocou meu rosto, esfregando o polegar sobre meu lábio inferior, notei que minhas mãos estavam juntas sobre o peito, erguidas em punho, quase como se eu estivesse pronta para rezar. — Mas não é hora de falar sobre isso.

E ele caiu sobre mim, tão forte e intenso quanto a tempestade da noite passada.

Ele só não esperava que eu fosse um vulcão, prestes a entrar em erupção.

Com nossas bocas juntas, numa intensidade que sempre consumia minha mente, a vontade por ele tomou conta de cada fibra minha. Minhas mãos foram para o seu ombro e, na ponta dos pés, com suas mãos descendo da minha cintura para minha bunda, eu nos inverti. Louis ficou de costas para o sofá e empurrá-lo, obrigando-o a tirar a boca da minha e se sentar, foi fácil.

Queria prová-lo, lambê-lo, sentir seu gosto enchendo minha boca e sem cerimônia, envolvi o volume marcando sua calça com a mão, desenhando o contorno dele para coroar o momento, mordendo-o de leve sobre o tecido.

Ele arfou, eu sorri.

Suas mãos ansiosas vieram prontas para abrir o cinto, botão e zíper.

Quando ele ergueu os quadris contra o meu rosto, já abaixando calça e cueca, não perdi a oportunidade. Segurei seu membro duro com ambas as mãos e movimenteí-o lentamente, sem tirar os olhos dos seus.

Louis parecia hipnotizado e entreabriu os lábios para passar aquela maldita língua de um canino a outro quando me viu colocar a língua para fora.

Seus olhos se fecharam quando lambi numa delicadeza contida, a cabeça inchada e melada. O primeiro movimento em círculo o fez engolir em seco. O segundo, interrompi para brincar esfregando a pontinha da língua dura em seu freio e, depois disso, eu envolvi toda a glândula na boca, sugando intensamente antes de avançar a chupada, indo de uma vez até o limite do que minha garganta aguentava naquela posição.

Os músculos das coxas de Louis ficaram visíveis por sua tensão.

Quis sorrir quando ele gemeu jogando a cabeça para trás em aprovação, e agradei por Louis não fazer a linha silencioso.

Era um carinho e tanto no meu ego ver que o agradava.

Lentamente, subi sugando todo seu pau e desci rápido, umedecendo-o com o máximo de saliva possível, forçando-o de uma vez ao limite, sentindo-o bater no fundo da garganta com força.

Ele aprovou, já que suas mãos vieram ao meu cabelo, segurando violentamente minha cabeça, conforme acompanhava o ritmo do sobe e desce, assistindo atento até que eu o mantive no limite e forcei ainda mais.

— Caralho! — ele xingou quando seu pau quase me sufocou, e forçando os quadris contra o meu rosto, rocei os dentes bem de levinho quando me afastei.

Louis puxou o ar entre os dentes e, sem um pinga de cuidado, me puxou pelos cabelos, me obrigando a erguer o tronco e encará-lo.

— Não é só a boceta mesmo. — Quis rir do seu comentário, mas não tive tempo.

Ele me puxou para cima, me forçando a sair do chão e só me soltou quando teve acesso à minha cintura.

Louis me ajeitou sobre seu colo, encaixando-se de um jeito que nossos sexos se tocassem perfeitamente sobre o tecido da calcinha que eu vestia.

Meus lábios externos envolveram toda sua grossura e eu forcei o quadril para frente e para trás, me esfregando nele, não conseguindo esperar.

A fricção gostosa me obrigou a morder o lábio inferior. Suas mãos por baixo do vestido curto que eu usava acariciavam e apertavam minha bunda sem medir forças.

— Já quer que eu te foda? — A luxúria na sua voz, a premonição do que viria a seguir e a vontade de que aquele destino se cumprisse logo me fez balançar a cabeça num sim mudo.

Mas aquele não era o plano de Louis.

Pelo menos, não ainda.

Suas mãos me mantiveram junto de si e, quando ele se ergueu, eu segurei em seus ombros dando um gritinho.

Deitando meu corpo de costas no sofá, Louis me despiu do vestido e, com a mão espalmada, mapeou meu rosto, colo, seios, barriga e desceu finalmente para minha calcinha. Ergui ainda mais as pernas, conforme ele me abria e testemunhei quando ele desceu com o rosto para cima do tecido vermelho completamente encharcado, cheirou como se fosse um animal e, depois de um sorriso do mais safado, lambeu.

— Não pode ser tão simples quando temos tempo.

Não era uma bronca, mas um ensinamento.

Louis se ergueu, livrou-se das peças de roupa que ainda restavam e se ajoelhou, movendo minha bunda para fora do sofá, ficando com a cara na minha boceta.

Eu quase bati palmas para mim mesma, mas qualquer pensamento de fazer gracinha ficou em segundo plano, quando ele afastou o tecido e me

beijou o clitóris como se beijasse a boca, me desmanchando em cinco segundos.

Todo meu corpo reagiu, ficando frio e quente ao mesmo tempo, conforme Louis e sua língua brincavam com meu juízo.

Os movimentos circulares e intensos naquela parte foderam com meu controle.

Minha respiração perdeu o ritmo, meu coração acelerou, meus quadris dançaram contra ele, mas Louis não fez nada de diferente, a não ser segurar minha bunda parada no lugar e me dar um tapa de reprimenda.

Os gemidos começaram suaves na minha boca. Tentei contê-los mordendo o lábio, mas fiz a besteira de olhar para baixo e ver Louis com os olhos atentos nos meus, e me fodi. A língua dele desceu dura para minha entrada e ele a forçou para dentro de mim, provando o gosto na fonte, parecendo adorar.

— Pelo amor de Deus — pedi, implorei, mas quase esqueci como se pronunciava o nome dele quando os dedos do italiano vieram sobre meu clitóris.

Balbuciei alguma coisa que devia ser um palavrão e senti cada pedaço do corpo anunciar. Se ele não parasse, eu não teria como fugir.

Mas Louis era esperto.

Seu rosto se afastou antes do tempo certo e pude notar a graça de um sorriso em sua voz.

— Como você ainda pode negar? — O corpo dele pesou no meu, o rosto molhado por mim, cheirando a mim, tão irresistível que não tive outra opção a não ser lambê-lo, mas Louis era cruel. No momento em que ficou com o rosto na altura do meu, seu pau me invadiu numa só estocada e eu gemi tão alto que tive certeza de que todo o prédio ouvira. — Porra, Elizabeth — ele rosnou, quando entrou fundo e nosso corpo virou um. Sua mão na minha garganta serviu de apoio para a primeira metida, e ele completou: — Você é minha.

Como negar?

Era verdade. Meu coração estava nas mãos de Louis desde o primeiro dia.

Para curar ou destruir.

E naquele minuto, com ele metendo em mim num entra e sai brutal, úmido e gostoso *pra caralho*, eu queria que ele me destruísse.

A boca de Louis tomou conta da minha. Nossos gostos se misturaram em nossas línguas e eu tinha certeza de que não havia combinação melhor.

Aproveitando-se da minha entrega, Louis devorou o meu juízo naquele sofá, fazendo o som da nossa foda ser quase tão alto quanto o de sua bateria.

Quando senti meu corpo dando sinais de que entraria em ebulição, empurrei-o de cima de mim e me sentei. Ele não entendeu o que era, mas ao me ver tirar o sutiã e me apoiar nas costas do sofá, de joelhos, erguendo a bunda e me oferecendo, não recusou. Encaixando-se de uma vez, grudando o corpo no meu, suas mãos vieram sobre meus ombros e me puxaram.

Pousei a cabeça contra o ombro dele. Louis passou os braços em volta de mim, me segurando. Uma mão no meu seio esquerdo, outra no meu queixo. O desgraçado meteu devagar e eu gemi. Sua mão apertou meu seio e desceu sem demora para meu clitóris, estimulando devagar, mandando minhas forças para o além.

Eu gemi baixinho, a cabeça inclinada, os olhos presos aos dele, sentindo sua mão livre passeando no meu pescoço. Louis parecia possuído. Minha boca se entreabriu, seus dedos subiram, esfregaram meu lábio inferior e ele me forçou a abrir a boca.

Não tive opção, mas meu choque veio quando, sem eu esperar, ele cuspiu em mim.

Sem tempo para processar, sua boca veio sobre a minha no minuto seguinte e me beijou tão sem pudor, conforme a mão voltava para minha garganta e me sufocava, que do jeito mais sujo, aquilo me excitou ainda mais.

Empinei mais a bunda e coloquei as mãos para trás, segurando em suas coxas, dando mais firmeza para as estocadas curtas e intensas.

E então, com todo aquele conjunto de estímulos, não vi quando perdi o controle.

O grito desesperado ficou preso na garganta, na boca de Louis.

Eu me tremi dos pés à cabeça.

Meu corpo parecia em chamas e minhas paredes o apertaram como nunca.

Ele me mordeu e no auge daquele prazer alucinante, eu mal senti.

Minhas pernas não aguentaram e Louis me soltou.

Escorreguei para o chão, buscando o ar em um desespero sem tamanho, mas vendo Louis ainda duro, me fitando de cima, como se fosse meu dono.

Não era.

Lambi os lábios e, mesmo tremendo, me apoiei no sofá e fiquei de pé.

Meu olhar no dele não o fez piar.

Coloquei Louis sentado e ele riu quando me desfiz da calcinha.

— Agora? — A voz carregada de ironia foi desarmada com o tapa que dei em sua cara. Sua expressão se fechou, os olhos escureceram, mas eu não

liguei.

Montei nele de uma vez, e foi minha vez de levá-lo ao limite.

Louis segurou na minha cintura. Eu toquei meu próprio corpo.

Face contra face, eu não o beijei.

E no melhor de mim, sabendo o que ele gostava de ver, notei quando seus olhos deixaram os meus. Naquele segundo, eu soube que havia ganhado.

Pouco a pouco, passando a mão entre meus seios, descendo pela barriga, tocando a mim mesma com ele dentro de mim já pulsando.

Não demorou para entrar no clima de novo.

Meus quadris encontraram um bom ritmo, desenhando um pequeno oito imaginário sobre Louis, e eu fui cruel. Propositalmente, o apertava em um e relaxava em outro.

Seu rosto desceu para meu corpo, ele beijou minha clavícula e desceu até poder abocanhar o mamilo supersensível. Eu gemi na intenção de provocá-lo.

O movimento do meu quadril mudou. Rebolei numa volta só, mais rápido, mais intenso, brincando de apertar e relaxar conforme via a expressão dele mudar. Meus dedos sentiram meu clitóris inchado, pronto para outra, e eu não dei um segundo de paz ao diabo ao qual eu fodia.

Suas mãos na minha cintura me apertaram com tanta força que gritei e bati em seus braços. Ele não desistiu e segurou minha bunda. A boca largou meu seio e procurou a minha, eu neguei. Louis mordeu minha garganta, o calor do seu corpo aumentando, a respiração descontrolada rasgando o peito.

Eu não parei, mas ele também não.

Louis procurou o ponto que queria, e quando acertou, forçou sem dó dois dedos para dentro de mim nas portas de trás. Eu urrei, mas não de dor.

Ele tentou me dominar e ditar o ritmo das metidas. Eu não deixei.

Minha mão livre foi para o seu cabelo, e com a cabeça acima da dele, numa sentada curta, intensa e incontrolável.

Percebi quando ele perdeu o controle.

E foi quando eu o perdi também.

Louis gemeu meu nome, deitou a cabeça contra o sofá e se deu por vencido.

Eu o senti pulsar brutalmente dentro de mim.

E meu corpo o imitou.

Com a boca aberta contra a sua, a testa suada na dele, gemi sem pudor algum a cada onda de prazer que corria pelas veias. Seus dedos foram

expulsos de onde estavam. O mesmo aconteceria com seu pau se eu não estivesse em cima dele, e enquanto ele gozava dentro de mim, eu sorri.

Nada mudaria o quanto era bom estar em seus braços.

Absolutamente nada.



Encolhida contra o peito de Louis, acariciando as pequenas cicatrizes que descobri com o tempo, não me importando que ele fizesse o mesmo com minhas marcas, Louis ergueu minha cabeça com a mão livre.

— O que está pensando? — ele perguntou.

— Em como eu posso te impedir de machucar meus amigos.

— Esse é seu maior medo?

Neguei com a cabeça.

— Eu tenho medo de... — E eles eram muitos, mas um me atormentava toda vez que Louis saía pela porta, desde que ele havia levado um tiro bem na minha frente. — Que você morra.

Louis riu, deitou a cabeça para trás e gargalhou um pouco mais.

— O que é? Não tem graça... — Chateada, me encolhi ainda mais.

— Não, *bambina*. Não tem. — Erguendo a cabeça e parando de rir, Louis subiu a mão que estava em minha nuca e fechou os dedos em volta da

minha nuca, segurando minha cabeça com firmeza. — Eu não temo a morte, Elizabeth. Ela irá acontecer, cedo ou tarde, para todos. Ainda assim, não é porque eu não a temo que não vá tentar fugir dela a todo custo, e sabe por quê? — Fiz que não com a cabeça. — Porque para onde eu vou, com toda a certeza, você não irá pisar.

E era por isso que eu precisava ir embora.

Porque mesmo quando tudo estava para desabar, eu ainda pensava nele.

No seu bem-estar, na sua saúde física, em deixá-lo feliz.

Era doentio e precisava de um fim.

CAPÍTULO 4

Sobre as velas
Não preciso de um desejo
Pois eu sou tudo
Agora rasteje para minhas botas e lamba,
ajoelhe-se diante de mim
Eu tenho meu bolo e vou te comer também
necessary evil, motionless in withe

O relógio despertaria em 43 minutos, mas meu sono sumiu por completo quando comecei a pequena lista de tarefas daquele dia.

Elizabeth não se moveu quando me levantei da cama, nem pareceu notar minha ausência enquanto me arrumava para começar o dia. Quando a observei com mais atenção, nua, com o lençol enrolado na cintura, deitada de lado com ambas as mãos sob o rosto, não resisti. Aproveitei seu sono pesado, me ajoelhei ao seu lado e desenhei a linha de sua cintura.

Ela não se moveu, nem sua respiração mudou.

Da forma mais delicada possível, segui para a pele pouco exposta dos seios pesados e contei cada uma das marcas ainda aparentes ali.

Dezessete pequenas marcas remanescentes marcando a minha criança.

Foi inevitável não morder a ponta da língua com força antes de suspirar.

Quando eu tivesse tudo sob controle, o que não estava longe, faria um favor ao mundo e acabaria sozinho com toda a MS-13 e qualquer um que ficasse no meio do caminho.

Eu mataria.

Mataria por ela.

Pelo que fizeram ao que era meu.

Eu não havia me esquecido daqueles desgraçados. Assim que o corpo de Salvatore começou a esfriar, coloquei homens em todas as suas propriedades. Revirei os últimos endereços em que ele havia colocado os pés e procurei em suas finanças, mas ainda não havia nenhum rastro da garota mexicana.

Miranda... O nome era um dos que vibrava em vermelho na minha lista mental de pessoas que eu esmagaria com as minhas próprias mãos.

Descendo a mão para tocar a pequena cicatriz que Elizabeth carregava na barriga pela perda do baço, acariciei a pele de textura diferente com o polegar e Lizzie se moveu. Ela respirou mais fundo e quando fitei seu rosto, os olhos verdes estavam abertos, se esforçando para focar em mim.

— Não se preocupe, ainda é cedo — falei, movendo a mão mais rápido para o seu rosto, acariciando sua bochecha.

— Você já vai sair? — Ela voltou a fechar os olhos.

Sua boca volumosa entreaberta era quase um convite para voltar para a cama, mas fui firme.

— Vou. — Ela não gostava de detalhes sobre o meu trabalho ilegal.

— Não demore para voltar. — Colocando a mão sobre a minha, ela a puxou para sua boca e beijou minha palma.

— Não vou, *bambina*. — Era uma promessa.

— E volte inteiro — ela completou, conseguindo arrancar um sorriso meu.

— É o que pretendo.

Dividir a vida com Elizabeth era quase fácil demais.

A rotina com seu humor instável nunca era entediante.



Duas horas mais tarde, Felippo estava sentado na poltrona em frente à minha mesa na sede da Família. Com os cabelos perfeitamente penteados e suspensório sobre a camisa com mangas erguidas, seu humor não parecia dos melhores.

— Como vai sua sobriedade?

— Muito bem, mas você precisa me dizer onde está Bóris. — De fato, eu já havia perdido as contas de quantas vezes ele tinha feito aquele pedido.

— Bóris está fora de circulação, e é o que te importa saber.

— Ele é a porra do meu sogro. — A raiva de Felippo se acumulava em seu maxilar cada vez mais travado.

— Seu sogro não é ele, você sabe. — Ignorei-o, procurando entre os papéis em minha mesa o contrato de compra e venda do terreno da nova The Hell.

— Para o que nos importa, precisa ser ele. Precisamos dele, Louis.

— *Me lembre o motivo* — fiz graça. Era divertido ver o desespero de Felippo.

— Eles vão escolher um sucessor para a Bratva. As coisas lá não funcionam como aqui, família, sangue, não tem esse valor todo.

— Então corra, tenha um filho logo, ou case sua menina com o próximo escolhido. — Minha resposta foi tão amena que vi pela visão periférica quando meu consigliere me olhou indignado, como se eu fosse doido ou algo do tipo.

— Eu estou pensando no bem da Família...

— Ah, é? — Ri baixo. — Sua família se chama vingança por sua mulher ter se fodido a vida inteira com o monstro que era seu pai?

Felippo ficou em silêncio por um minuto e eu ergui os olhos para encará-lo.

— Você sabe que seria justo.

— Eu não ligo para o que é ou não justo para você, porém, não posso te dar Bóris.

— Por que não? — Felippo se inclinou na minha direção, interessado, e eu neguei com a cabeça.

— Se você sonhasse... O que posso te garantir é, Bóris não está comigo. Ainda está vivo, mas pelo andar da carruagem — e das fotos que Kira havia me enviado da última vez em que foi visitá-lo —, ele não terá um segundo de paz antes de ir ao inferno.

E, contando que as coisas caminhariam para sua morte, ele esquentaria a cadeira, ou o colo do diabo, antes que fosse minha vez.

— Don, consigliere — Henry avisou, depois de bater na porta e ganhar nossa atenção. — Lorenzo Ferioli está na porta.

— Mande-o entrar — falei, ignorando a carranca de Felippo que ainda não havia se dado por vencido.

Não havia nada como a sensação de dever cumprido que uma vingança gerava, e Lorenzo Ferioli era a prova viva disso. Depois de resolver sua pedra no sapato, a qual eu o impedi por anos por saber que ainda não era a hora, o homem parecia outro. Trabalhava como uma máquina, lidava com os problemas de forma racional e só trazia até mim boas notícias.

Por todo aquele esforço de fazer a Dark Hand vingar no solo novo, ele ganharia um belo aumento.

Depois de cumprimentar a mim e a Felippo com abraços e beijos, Lorenzo abriu seu terno e se sentou ao lado de Felippo.

— E o que traz de bom, primo? — meu consigliere perguntou ao homem.

— Na verdade, nada muito diferente do que já disse antes. A Carolina do Norte é mais arredia, mas nada que não estivesse nos meus planos.

— Ótimo, já que o estado será praticamente seu — comentei, me servindo do aperitivo das nove. O copo de uísque brilhou contra a luz que adentrava da janela.

— Luca também está trabalhando bastante. Na verdade, a unidade da The Hell de lá vem recebendo cada vez mais gente e é possível que em pouco tempo se compare com a daqui. Mas, de fato, minha preocupação é

que o homem não superou a perda do filho, ou o casamento repentino da filha.

— Garanto que com o tempo ele vai superar — Felippo respondeu, com a língua ferina.

Acho que, se ele pudesse ressuscitar Salvatore para matá-lo mais cem vezes, ele faria.

— Talvez possamos ajustar as coisas este final de semana. Com o casamento de Ariana, toda a Família reunida talvez faça Luca perceber que a vida não acabou — completei.

— Está pensando em casar Luca? — Felippo me questionou, mas seu tom não era de oposição.

— É uma possibilidade. Acredito que as obrigações de marido o distraiam o suficiente, o que acha?

Felippo deu de ombros.

— Posso descobrir alguns nomes.

— Se posso opinar sobre isso, o casamento me fez muito bem — Lorenzo afirmou.

— É uma ideia, ainda mais depois de tanto trabalho.

Matar Castagnari foi apenas o primeiro passo. Por meses, precisei lidar com seus seguidores fiéis. Trabalhar com qualquer escória fazia com que elas acreditassem que tinham seu valor, e quanto mais valioso alguém se achava, quanto mais o grupo se achasse especial, mais trabalho ele dava.

Matar um homem era fácil, destruir um ideal era muito, mas muito difícil.

Porém não era impossível, e depois de quase seis meses, finalmente tínhamos vencido, mesmo que no caminho boa parte das garotas enviadas para trabalhar na The Hell tivessem sido mortas, nossa droga queimada e a polícia tenha dado algum trabalho.

A caça às bruxas havia acabado.

Arone Callegari finalmente havia entendido o recado de que se não voltasse a trabalhar direito, sua cabeça seria a próxima, e produzia e fornecia apenas aos negócios da Família a mais pura heroína que poderíamos ter. Francesco Piscitelli demorou, mas se conformou com o casamento de sua filha querida com Marchiori, o mais velho dos Gabiatti. A produção de bebidas pelas mãos de Agostino Lazzarin ia de vento e popa, e cada um dos outros negócios da Família parecia ir bem.

Mesmo que minha irmã tivesse desmoralizado minha família, tudo começava a caminhar para que o poder do meu nome pudesse limpar a lama

a qual Giovanna jogou sobre nós quando decidiu fugir com um soldadinho de merda.

— De fato, um casamento sempre é algo bom. E Ariana terá o prazer de servir como exemplo para todos nós, uma vez que, a última experiência que tivemos não foi tão... doce assim. — Dei dois goles de uma vez na bebida que bateu no meu estômago como um boxeador furioso.

Ninguém ali tinha apreço algum pela garota de olhar petulante e boca venenosa.

E ela deveria ter agradecido minha misericórdia, já que sua língua ainda estava dentro da boca.

No fundo, confesso que se Elizabeth não tivesse aparecido, talvez Ariana fosse uma bela distração. Mais agressiva, conturbada e passageira, mas ainda assim, uma bela distração.

Seria interessante acompanhar como os Gabiatti a moldariam.

— E a que devo a honra de sua presença na cidade, Lorenzo? — perguntei, recostando na cadeira de couro, segurando meu copo próximo ao rosto.

— Na verdade, queria agradecer. — A fala me surpreendeu. — Estou voltando para casa, depois de algumas semanas longe e, pela primeira vez, sinto que minha família não está em risco. — Por seu histórico, era

compreensivo que Lorenzo se preocupasse tanto com Delfina. — Mas, por mais que você não entenda, muito obrigado, Don.

— Você sempre é bem-vindo, Lorenzo. Que seus negócios e sua família sejam prósperos. — Eu realmente não tinha motivos para desejar algo diferente a um dos poucos homens que ficaram do meu lado durante as dificuldades.

Brindei ao capo e terminei com a bebida em meu copo.

— Agora — continuei. — Se nos der licença, há uma reunião com Matteo daqui a pouco e Felippo é o único que posso permitir aqui dentro.

Sem se ofender, o homem de olhos escuros se despediu de nós e saiu, rápido como havia entrado.

Foi só a porta se fechar que disquei o telefone de Matteo e o coloquei no viva-voz.

Depois de três toques, ele atendeu.

— Vocês estão atrasados. — A voz do outro lado era de um Matteo mal-humorado.

— Lorenzo passou por aqui — avisei.

— E está tudo bem?

— Está — Felippo interrompeu. — Bom dia, Matteo.

— Eu não sou o corno aqui, não é? Meu irmão, por acaso, já te contou algo do que planejou para os próximos passos?

— Ainda não. Não gosto de repetir, e vocês dois precisam estar cientes do que quero fazer.

— Ai, porra — Matteo xingou. — Lá vem merda.

— Me escute primeiro, lamente depois... Eu quero montar um exército.

— Oi? — Felippo perguntou e Matteo ficou mudo.

— Tá falando sério? — meu irmão cortou o silêncio depois de um minuto.

— Temos quase seiscentos homens na folha de pagamento só aqui em Nova Iorque, Louis. Sem contar os peixes menores — Felippo disse, como se minha ideia fosse absurda.

— Nossas últimas jogadas estão equilibrando o jogo, não? — perguntei, enquanto encarava o copo contra a luz e ouvi quando eles concordaram.

— É, mas nosso lucro ainda está pequeno comparado ao que...

— Outras organizações podem se sentir ameaçadas com a Dark Hand indo para cima de um estado inteiro dessa forma. Além de que, Matteo vem cuidando muito bem de Miami, não? — Meu irmão confirmou num murmúrio. — Nossas famílias, nossos negócios, nossa produção... nada disso pode ficar em risco, e eu quero mais. — Foi a primeira vez que olhei para Felippo direito naquela manhã e pude ver que seus olhos me julgavam louco.

— Irmão, para onde mais você quer ir?

— A Carolina é nossa por inteiro, mas só Miami na mão é muito pouco, é só uma cidade e eu quero mais... O plano é fortalecer as bases e, quando tudo estiver alinhado, quero dois mil homens armados até os dentes e prontos para cruzar a fronteira.

— Você não está pensando em...

— Invadir o México? É isso mesmo.

— Puta que pariu... — Felippo xingou, depois de um assovio e se largou contra a poltrona, quase rindo. — *Tá falando sério?*

— Vocês querem paz. Eu quero o mundo. — E não havia nada que pudesse me impedir.

A comoção por conta do meu anúncio durou pouco.

Meu braço direito e o esquerdo dentro da Dark Hand sabiam que eu não estava brincando e quando meu irmão perguntou de onde eu queria os homens, entendi que estava do meu lado. Felippo demorou um pouco para abrir a boca de novo, mas quando disse que faria o levantamento da Flórida, me deixou um pouco menos disposto à discussão.

No final das contas, não tinha por que recuar quando tudo à minha frente pedia para ser conquistado.

— Ok, mas mudando de assunto, tem notícias de Giovanna? Alguma pista? — Matteo perguntou.

— Não. Isso é assunto meu. Cuide do seu trabalho.

— Ela é minha família também... — E antes que o discurso continuasse, interrompi meu irmão.

— Tenha um bom dia. — Desliguei, enquanto Matteo esbravejava do outro lado da linha e guardei o celular no bolso.

— Você realmente não sabe dela? — Felippo me perguntou, chamando minha atenção.

— Não — respondi, com firmeza.

— E já sabe o que vai fazer quando encontrá-la?

Não vi motivo para não ser sincero.

— Depois de matar Zola Agliardi, pela primeira vez, eu não sei o que vou fazer.

Felippo se recolheu em seus pensamentos e eu nos meus.

Era coisa demais para planejar, mas quando o mundo estivesse aos meus pés, não haveria limites para o meu poder.



— Você sabe que eu não gosto disso, não é? Não fui ao casamento de Giovanna porque não aceito essa palhaçada de casar obrigado. — Elizabeth experimentava mais um vestido e não parecia feliz com o resultado no espelho, por mais que eu não visse nada de errado.

— E por que insiste em me acompanhar desta vez, se eu já disse que não precisa? — Já pronto, com as mãos no bolso enquanto a esperava, encarei a pilha de vestidos que ela ainda experimentaria e, sabendo como cada um deles ficaria nela, mandei: — Use o com detalhes dourados.

— Este? — Ela tirou a peça da pilha e o encarou sobre o corpo, vestindo apenas uma calcinha mínima que eu poderia arrebentar sem esforço algum. — É, talvez. — Considerando minha opinião, ela o vestiu e eu me aproximei para cuidar do zíper.

— Não me encare assim — ela pediu, quando viu meu olhar sobre seu reflexo no espelho. — Você sabe que não quero...

— Não quer perder a chance de me impedir de te magoar. — Era a verdade.

— É. — Ela concordou com a cabeça, alisando o vestido que ia até o chão. — Gostei.

Virei Elizabeth para mim sem muito esforço e a abracei pela cintura.

— Eu te disse, eu nunca erro.

A proximidade era tentadora. Estava pronto para cair sobre ela, mas Lizzie me impediu, erguendo a mão para me afastar.

— Erra, sim, e sabe disso. E vamos logo, quanto mais cedo encarmos aquele povo estranho, mais cedo acaba.

— E você sabe como acabará, não? — Toquei seu queixo, erguendo seu rosto para que ela olhasse em meus olhos e voltei a puxá-la para mim.

Dessa vez ela não lutou contra.

— Como? — Seu tom baixo, de flerte, entregava que se eu a provocasse muito, não sairíamos dali.

Eu ri da provocação, juntando a testa à dela.

— Estou tendo ideias, talvez eu as amadureça no meio do caminho.

— Então vamos logo. — Selando a boca na minha, Lizzie me fez sair de casa pensando em mil maneiras de fodê-la naquela roupa, graças à

bendita fenda do vestido em sua coxa



Elizabeth não me enganava.

Eu sabia que toda aquela proximidade tinha seus motivos.

Quando, depois do casamento na igreja, ela grudou em mim antes de Henry, entendi que ela não me deixaria por nenhum segundo. Na festa, sob todo o som e agitação, Lizzie juntou a mão na minha e em nossa troca de olhares, percebi o quanto ela não estava feliz em estar sendo alvo dos olhares da Família.

— Quer ir embora? Eu ainda preciso ficar, mas... — ofereci, mas de prontidão, ela negou com a cabeça.

— Ouvi sua conversa com Henry ontem à noite e sei que está quase encontrando Giovanna e Zola. — Ela colocou sua intenção óbvia para fora sem se preocupar com minha reação. — Não vou deixá-lo sozinho por nenhum minuto, Louis. Se você for atrás dela, eu também vou.

— Acredita mesmo nisso? — perguntei, encarando os olhos verdes.

— Acredito. — Ela não tinha um pinga de dúvida e brigaria como uma leoa para me acompanhar.

— Sabe que precisarei me ausentar alguma hora, não? Casamentos para o meu mundo são mais do que festas bonitas.

— Louis, minha única burrice é ficar com você. Acredite, você não vai me enrolar.

— E mais uma vez, nós discordamos, já que acredito que essa seja sua única decisão inteligente.

Ela quase riu, mas o sorriso sumiu de seu rosto sem deixar rastro quando Bartolo, o irmão do noivo, me chamou.

— Don Luppolo, estamos te aguardando.

Lizzie ameaçou ir junto, mas ele mesmo a barrou.

— É uma reunião privada, senhorita.

E Elizabeth ficou parada no lugar, vendo-me me afastar, sem protestar.

Dar a minha benção, fazer um discurso sobre lealdade e brindar os progressos da Família me fizeram perder uma hora. Quando saí da sala reservada, Henry foi o primeiro que vi.

— Senhor — ele me chamou, mas ergui a mão.

— Onde está Elizabeth?

— Eu não a vi, mas tenho informações importantes, nós a encontramos.

A sensação da adrenalina me consumiu e não esperei.

— Onde?

— Podemos sair agora... — Henry começou a dizer, mas fomos interrompidos e eu já sabia que não seria tão fácil.

— Eu vou com você. — Elizabeth surgiu de trás de uma coluna próxima.

— Não, você não vai.

— Eu vou, quer você queira, quer não. — Eu não respondi e ela reforçou. — Louis, se não me levar, quando voltar, pode ter certeza de que nunca mais vai me encontrar.

— Elizabeth... — eu a chamei pelo nome com a raiva circulando cada letra na minha língua, me aproximando dela o bastante para que minhas palavras fossem ouvidas com muita atenção. — Você não pode ir.

— Não vou deixar você fazer nenhuma loucura.

Respirei fundo. Quanto tempo mais levaria até ela entender que eu não era a porra do príncipe encantado?

— Se quer mesmo ir, lide com a ideia de assistir de camarote enquanto eu te decepçiono, mais uma vez. E não me odeie por ser o diabo que eu sou. Nunca escondi minha verdadeira natureza.

Com a realidade exposta, dei as costas a ela, ainda com esperança de que ela ficasse para trás. Porém seus saltos ecoando atrás de mim trouxeram as consequências contra o meu peito.

Depois daquilo, Lizzie entenderia que dentro de mim vivia um diabo em carne viva.

Um demônio que nunca a deixaria ir, e que cortaria suas asas toda vez que ela tentasse voar.

CAPÍTULO 5

Eu estava dançando com o diabo
Fora de controle
Eu quase cheguei ao céu
Foi mais perto do que você imagina
Jogando com o inimigo
Apostando a minha alma
É tão difícil dizer não
Quando se está dançando com o diabo
dancing with the devil, demi lovato

Meu peito doía, assim como minha garganta.

O peso do grito preso nela era quase insuportável.

Tudo à minha frente era completamente turvo graças às lágrimas que se acumulavam nos meus olhos, mas eu não o soltei, nem diminui meu ritmo, conforme acompanhava Louis para fora do salão de festas.

Mesmo sobre saltos desconfortáveis, eu não vacilei, não quando pessoas que eu amava precisavam de todo e qualquer apoio que eu pudesse dar.

Quando me esgueirei para dentro do carro de Louis, agarrada em seu braço, com os dedos grudados no tecido de seu terno, e me sentei ao seu lado, senti o peso da situação:

Finalmente, seríamos engolidos pela realidade que nos cercava e eu evitava enxergar.

Minha mente foi rápida em imaginar o pior cenário.

Zola e Giovanna mortos, Louis com sangue nas mãos e eu com o coração irreparavelmente quebrado.

Funguei alto antes de limpar as lágrimas que caíam, e sabendo que Louis me olhava, ergui o rosto para encará-lo, sentindo o sopro de sua respiração contra minhas bochechas.

— Fique. — Era quase uma ordem, mas ignorei, negando com a cabeça, não conseguindo controlar a vontade copiosa de chorar.

— Não posso...

Previendo a tragédia, Louis respirou fundo e ajeitou minha mão sobre a sua, entrelaçando nossos dedos e, com a mão livre, deitou minha cabeça em seu ombro e beijou meus cabelos.

— Então aproveite as últimas horas, já que, depois de hoje, eu duvido que você seja capaz de me suportar, *bambina*.

— Você vai matá-los? — perguntei, só para tirar a prova dos nove, com a voz saindo num sopro falho, quase inaudível.

— Vou. — A sentença não o perturbava.

Acariciando meus cabelos, Louis ficou em silêncio, e eu também.

Era ali que, apesar de tudo o que havíamos passado, meu coração se quebrava.

A cada minuto dentro daquele carro, depois no avião, sem largá-lo por nenhum segundo, eu podia ouvir a melodia que dançávamos desde que eu coloquei os olhos sobre ele começando a tocar suas notas finais.

No final das contas, talvez fosse bom vê-lo daquela forma.

Talvez, o único jeito de ir embora, seria enxergando Louis como ele realmente era:

Diabólico, implacável, cruel.

Sem coração.

Imperdoável.

E não havia nada que eu pudesse fazer para mudar o destino de quem o desafiava.

Ele era incapaz de sentir.



Era esquisito estar naquela posição.

Eu sabia que, dependendo do que acontecesse, nunca mais conseguiria olhar na cara de Louis. E ele também sabia disso.

Eram nossos momentos finais.

O segundo antes de toda a merda explodir, do tudo ou nada acontecer.

Por isso, quietinha, fechei os olhos e orei.

Orei por mim e por Louis, para que eu tivesse forças para impedi-lo da loucura que queria cometer, para que ele se acalmasse e mudasse de ideia. Orei por Giovanna e Zola, querendo que um sinal divino os fizesse fugir para mais longe ainda, para que alguma força sobrenatural os fizesse invisíveis.

Orei pelo passado, pelo presente e pelo futuro.

Pedi, repetidamente, misericórdia.

Mas quando, depois de quase cinco horas cansativas, entre cochilos, choros e medo, o avião pousou, Louis se levantou e, quando me encarou com os olhos castanhos furiosos, entendi que minhas preces não valeram de nada.

Em silêncio, segui Louis para fora do avião, junto de Henry e dos outros seguranças que nos acompanhavam para cima e para baixo nos últimos meses.

Louis os proibia de falar comigo e, mesmo com minha insistência, nenhum deles cedia. Aquilo só servia para que eu me sentisse ainda mais sozinha, ainda mais controlada, ainda menos eu.

O dia mal havia clareado quando pousamos, e eu larguei da mão de Louis para me proteger do vento frio que soprava naquela manhã. A cada degrau que eu descia, a cada passo que eu dava, sentia a ansiedade comendo minhas entranhas. O estômago, os pulmões, o coração, tudo parecia trêmulo, ácido, comprometido.

Sem entender o que acontecia direito, vi quando dois carros iguais pararam perto de nós e não gostei quando Henry se enfiou na minha frente.

— Senhorita Elizabeth. — Ouvi um dos outros homens atrás de mim chamando, despretensiosamente.

Com os saltos na mão e os pés descalços sobre a pista de pouso, parei no lugar e o encarei sobre o ombro.

— O que foi? — perguntei, quando o homem não disse nada, mesmo comigo o olhando por um longo minuto.

O rapaz alto de cabelos escuros bem penteados me encarou de volta, parecendo surpreso pela minha animosidade repentina.

— A senhorita precisa descansar.

De repente, a mão dele pousou no meu ombro e eu ouvi portas batendo.

Virei num instante para ver onde Louis estava, mas no segundo em que meus olhos se focaram e eu o vi dentro do primeiro carro, com Henry, gritei.

— Não!

Louis estava no lugar do motorista, seu fiel escudeiro ao seu lado, e ele me encarava sem nenhum peso na consciência.

Tentei ir na direção dele, mas era tarde demais, e havia uma mão me segurando com força o bastante para me impedir de seguir.

Louis havia me enganado, de novo.

Num acesso de fúria, eu gritei alto o bastante para fazer todos em volta se assustarem. Segurando o sapato com o salto para baixo, eu o usei como arma e bati com toda minha força sobre a mão que me segurava.

O segurança me soltou, e então, sem esperar uma segunda chance, eu corri.

— Elizabeth! — Ouvi me chamarem, mas eu já estava com a mão na maçaneta do carro mais próximo.

O homem que havia trazido aquele carro estava agora no banco traseiro do carro que Louis dirigia, mas as chaves ainda estavam no contato e, graças a Deus, eu sabia dirigir um carro automático.

Girei a chave, mudei a marcha e liberei o freio de mão.

Dois dos homens que Louis havia deixado para cuidar de mim brotaram na frente do carro, um deles com a arma em punho.

— Pare o carro! — Ouvi-o gritar, mas ignorei e avancei.

Ou eles saíam da frente, ou seriam atropelados.

Por sorte, eles escolheram a primeira opção, e quando saí pisando fundo no acelerador, indo pela direção que o carro que Louis dirigia ia, não pensei em mais nada além de que precisava fazer algo, qualquer coisa, que pudesse ajudar as únicas pessoas naquela merda de máfia que se importavam comigo também.

Por ser tão cedo, havia poucos carros na rua, e não demorou para eu estar perto de Louis. Quando ele percebeu que eu estava em sua cola, correu feito um louco.

Eu não fiquei para trás.

Sabe-se lá Deus quantas vezes eu quase bati o carro, ou quantos faróis vermelhos eu ignorei. Pouco liguei para o caso de a polícia aparecer, eu só queria chegar a tempo.

Xingando, tentando me manter sã, ouvi meu celular tocar uma porção de vezes.

Eu sabia que era Louis, e não pretendia atendê-lo de jeito nenhum.

Mesmo que eu estivesse correndo, quando entramos na rodovia, Louis provou que aquilo não era nada. Seu carro avançou muito mais que o meu, e com minha pouca experiência no volante, não consegui costurar entre os carros como ele fazia.

Mesmo assim, não me deixei abalar. Não o perdi de vista e fiz o meu melhor para segui-lo. Quando ele saiu para a avenida na orla, estávamos longe um do outro, mesmo assim, eu não desisti. Ele voou pelo asfalto e eu acompanhei.

Quem via de fora, devia imaginar que estávamos apostando corrida e que eu era o carro perdedor.

Dirigir não era tão difícil assim quando a única tarefa era acelerar e frear na hora certa, mas a habilidade de Louis era mil vezes melhor que a

minha, por isso, quando entramos na região de bairros e ele se embrenhou no labirinto das ruas, eu quis chorar de novo quando o perdi de vista.

— Não — rosnei, brigando comigo mesma, limpando os olhos.

Não era hora de ser fraca. Eu choraria depois, caso perdesse a guerra. Naquele momento, eu precisava ser forte.

O carro dele não era difícil de encontrar, e depois de seguir reto por uma via, olhando para os dois lados com atenção, encontrei-o longe, a alguns quarteirões de distância em uma rua que parecia sem saída.

Minha curva não foi nem um pouco suave e quando me aproximei, notei que o carro estava parado.

Parei atrás dele de qualquer jeito, e descalça, com o carro ainda ligado, abri a porta e desci.

Olhando em volta, tentei ouvir e ver algo diferente, e quando notei uma porta aberta, na última casa da rua, soube para onde ir.

Meu coração estava na boca, minha respiração acompanhava o ritmo das batidas dele, mas eu não parei. Abri a porta que tinha a marca de um tiro próximo ao trinco e a empurrei por completo. Não deu para prestar atenção em nada além da mulher caída no jardim.

Não era Giovanna, e mesmo sendo errado, meu coração se aliviou um pouco.

Eu não tinha tempo de conferir se ela estava viva, mas não havia sangue em canto nenhum.

Passei por ela e corri na direção da próxima porta.

Parei assim que passei pelo batente e olhei em volta, tendo certeza de que era ali que Zola e Giovanna tinham se escondido.

Havia fotos dos dois em porta-retratos, sapatos demais para fora do closet e, por Deus, uma cama bagunçada.

— Corre, Giovanna, corre! — Ouvi a voz de Zola e olhei pela janela.

Atrás da casa havia uma descida para uma praia particular. Louis descia as escadas junto do homem careca que trouxe o carro e Henry nos seus calcanhares. Giovanna estava correndo para perto de Zola, na direção da água, mas havia tropeçado e estava no chão.

No final das contas, eles não teriam para onde fugir, e se eu não agisse, não haveria chance nenhuma para nenhum dos dois.

— Louis, não! — eu gritei, quando saí pela varanda e avancei atrás dele.

Segurando o vestido para não tropeçar nele, dei o meu máximo até sentir os pés na areia, mas meus olhos estavam fixos na confusão e meu

corpo parecia estar no automático.

Zola tinha colocado Giovanna de pé e estava pronto para seguir com ela para o mais longe possível, mas Louis parou de correr e deu um tiro para cima. Isso os congelou no lugar. Mesmo assim, eu continuei correndo.

— Parem! — Ouvi as palavras vindas da boca de Louis.

Giovanna estava de camisola, Zola vestia apenas calças. Ele a mantinha em suas costas, tentando protegê-la, enquanto ela o abraçava e gritava.

— *Fratello, per Dio*, não faça isso! — ela implorou, aos prantos, para o irmão.

O único problema era que, eu e Giovanna, esquecemos que aquela era a versão de Louis que não tinha limite. Aquele era o Don.

Avançando para cima de Zola, Louis bateu nele com tanta força que o loiro caiu e cuspiu sangue na areia. Sem dar chance ao outro, Louis o chutou com força entre as costelas. Giovanna gritou e, sem pensar, avançou para cima do irmão.

Louis não teve piedade.

O soco que deu em Giovanna a fez cambalear para trás antes de cair também. Seu rosto era um misto de surpresa e desespero, conforme colocava a mão sobre onde havia sido atingida e tentava puxar o ar com a boca aberta.

Meus pés pareciam não vencer a distância rápido o bastante.

Assistir àquela cena começava a fazer tudo, em mim, doer, e quando cheguei perto o bastante, não me contive.

Passei por Henry e o outro homem que eu não conhecia, e só dei conta de onde estava quando senti o cano quente da arma aquecer meu peito a centímetros de distância.

Eu havia me colocado entre Louis e seu alvo.

E encarando seus olhos tão escuros como nunca, esperei pelo pior.

— Elizabeth. — Meu nome saiu com dificuldade. — Saia da frente.

— Não posso, Louis. Eu os amo. — A verdade embargou minha voz, mas mesmo com a lágrima escapando de um dos meus olhos, me mantive firme.

Louis me ignorou e moveu o braço, apontando a arma para baixo, na direção da cabeça de Zola. Eu me movi junto.

As coisas aconteceram rápido demais, mas dentro da minha cabeça, graças à adrenalina, tudo acontecia em câmera lenta.

Vi quando Louis, sem tirar os olhos dos meus, ajeitou o dedo no gatilho.

Ele ia atirar.

Comigo ali ou não.

Ele ia atirar e matar Zola.

Então, sem pensar, eu disse:

— Eu estou grávida. — Primeiro saiu baixo, como um segredo, mas quando vi que as sobrancelhas de Louis se ergueram, parecendo querer uma confirmação, repeti: — Estou grávida, Louis. E se você matar Zola ou Giovanna, eu juro, vou tirar essa criança e sumir no mundo.

Como se tivesse sido congelado no lugar, Louis parou, processando minhas palavras por mais de um minuto.

O ar era tão pesado e tenso que nem mesmo uma motosserra seria capaz de cortá-lo.

Meu coração batia alto, minha vontade era de vomitar, mas me mantive firme.

Então, quando achei que mesmo aquela notícia não mudaria nada, quando a decepção e o medo dele realmente não sentir nada por mim se misturaram com a certeza de que Louis eliminaria a nós quatro em apenas um minuto, sua mão se afastou e ele, gritando como eu nunca havia visto, parecendo louco, acabou com as balas no pente da arma contra a areia.

O som dos tiros me prendeu no lugar.

Não consegui me mover, não consegui pensar, não consegui sentir.

Louis jogou a arma com violência contra o chão e, dessa vez, avançou para cima de mim.

Suas mãos sobre os meus ombros eram como garras. Machucando minha carne tamanha a força dele contra mim.

— Como você pôde? — Irado, ele não gritou, mas falou alto com a mandíbula meio travada enquanto me girava e derrubava.

Em um segundo, estávamos no chão e eu não me defendi. Louis sacudiu meus braços, batendo meu corpo contra a areia algumas vezes e eu só sabia chorar. — É mentira!

A loucura dele machucava muito mais do que suas mãos de ferro sobre mim.

— Não. — Neguei com a cabeça. — Não é. Descobri esta semana — respondi, olhando para o céu além dele, evitando encará-lo, mas Louis não me deixou fugir, entrando de novo no meu campo de visão, me queimando com os olhos endiabrados.

— Você não ia me contar? — Eu fiquei quieta e fechei os olhos, respirando fundo, inflando as narinas antes de aguentar as consequências do meu silêncio. — Você queria tirar? — Louis me bateu mais uma vez contra o chão e rosnou num ódio tão vivo que senti em cada pedaço do meu corpo sob

o seu. — Você queria decidir sem mim? É por isso que não reclamou quando eu te fodi da última vez?

— Você está me machucando. — Coloquei, pela primeira vez, as mãos contra o peito dele e tentei empurrá-lo, mas ele não se moveu.

Na verdade, pior que antes, suas mãos me apertaram com ainda mais força e ele me bateu de novo contra o chão.

— Diz que está mentindo! — Dessa vez ele gritou na minha cara.

E eu queria dizer que sim. Queria muito poder dizer que era só um surto.

Mas não era.

Não daquela vez.

E depois de fechar os olhos, respirar fundo e resolver encará-lo. Fitando os olhos de Louis sem fugir, encarando sua alma sombria e podre a céu aberto, lambi os lábios e neguei com a cabeça.

— Não estou — choraminguei. — Eu juro pela minha vida, pela vida dos meus pais e por tudo que é mais sagrado, Louis. Eu estou grávida de uma criança sua.

E como se ele tivesse tomado um tiro, sua boca se entreabriu algumas vezes, seus olhos se estreitaram e revistaram o que ele podia ver do meu corpo.

De repente, toda a devoção que eu sempre via no olhar dele quando se tratava de mim, sumiu. No lugar havia um grande e profundo ódio.

Quando Louis se ergueu, finalmente me largando, eu não me movi.

Não tinha um pinga de força para isso.

Conforme ele se afastava, pisando forte contra a areia, pela primeira vez, coloquei a mão sobre meu ventre. Dessa vez, não tinha como fugir. Até o mais venenoso dos amores podia dar frutos, e o meu crescia dentro de mim.

CAPÍTULO 6

Eu tiro tudo de dentro
E jogo tudo isso fora
Porque eu juro
Pela última vez
Eu não confiarei mais em mim com você
from the inside, linkin park

Mil quatrocentos e noventa e três. Mil quatrocentos e noventa e quatro. Mil quatrocentos e noventa e cinco...

Minha mente contava alucinadamente, enquanto eu caminhava para longe daquele bando de traidores. Andei até não ver mais sentido em continuar, até que não deu mais para ignorar. As palavras de Elizabeth ecoaram dentro da minha cabeça num volume ensurdecedor, superior a qualquer contagem ou distração idiota.

Eu estou grávida. Eu estou grávida. Eu estou grávida. Eu estou grávida.

Ouvi repetidamente, cada vez mais alto. Era enlouquecedor.

Gritei alto, colocando as mãos sobre os ouvidos, tentando afastar aquela voz.

Cazzo di inferno!

Como ela podia ter feito aquilo?

Eu sabia que Elizabeth tomava remédios.

Eu mesmo conferia aquela merda de cartela semanalmente.

Ela estava mentindo. Só podia ser mentira.

Eu deveria voltar e mostrar para ela e para o resto do mundo que, não importava o que estivesse em jogo, a lealdade dentro da Família para com o Don era maior que tudo. Eu deveria voltar. Deveria acabar com a vida de Zola com ela como testemunha, só para que Elizabeth entendesse que não havia nada mais importante na minha vida do que a Dark Hand.

Parei no lugar, depois de mais alguns passos, e encarei o caminho que havia feito.

Minhas pegadas solitárias na areia diziam mais do que eu gostaria de ouvir.

— *Cazzo* — xinguei em voz alta, apoiando as mãos na cintura, encarando o mar.

Não havia nada que pudesse me distrair, mesmo que minhas mãos implorassem por qualquer mínima diversão. Qualquer briga de bar, qualquer verme que precisasse de uma lição.

Eu não queria ser pai.

Nunca quis, e sempre tomei o cuidado indicado para evitar isso.

— Puta que pariu, um filho com Elizabeth...

Sem casamento.

Sem sangue puro.

Com uma mulher que nunca entenderia que nascemos para criar monstros.

Como eu pude ser tão ingênuo?

Gozar dentro dela sem a merda da camisinha e achar que tudo ficaria bem, parecia a mais pura e clara idiotice do século.

Elizabeth grávida, só pode ser mentira.

Chutei o monte de areia à minha frente e gritei mais uma vez.

Gritei para o nada, para aliviar a fúria dentro de mim.

Gritei porque, se Elizabeth realmente estivesse mentindo, eu a puniria.

E se não estivesse, eu não sabia o que fazer.

Abaixei-me, apoiando os cotovelos nos joelhos e respirei fundo. Juntando as palmas das mãos, e encaixando meu queixo sobre os polegares, tentei colocar a cabeça no lugar.

Não adiantava tomar nenhuma decisão antes de saber a verdade.

O plano era simples. Levaria todos para Nova Iorque.

Giovanna ficaria presa, em casa, sob meu domínio, até eu ter certeza do que faria com ela. Zola ficaria de molho em algum calabouço, até que eu estivesse disposto a acabar com ele. E Elizabeth... Iria comigo direto ver um médico.

Definido os próximos passos, coloquei minha mente no lugar, e voltei pelo caminho que fiz. Pisando sobre a marca dos meus passos, entendendo que aquela era a única forma de viver:

Sozinho.

Sem depender de ninguém para porra nenhuma.

Quando cheguei até a praia, evitei que meus olhos se distraíssem.

Eu não queria olhar para Giovanna ou Agliardi, e perder o rumo.

Foquei em Elizabeth sentada na areia e fui até ela.

Seus olhos me acompanharam e vi sua cabeça se erguendo para continuar a me encarar.

O desgosto de ver o rosto dela inchado pelo choro me embrulhou o estômago.

Pela primeira vez, eu estava prestes a sentir algo por ela que não fosse aquele desejo louco. Eu poderia odiar Elizabeth com a mesma intensidade que a queria sobre a minha cama. E isso era avassalador.

— Henry. — Minha voz saiu mais fria do que o esperado, mas era bom. — Leve esses dois para Nova Iorque como bem entender. Se eles sumirem, acredite, eu não vou demorar meio segundo para enfiar um tiro na sua testa. São sua responsabilidade.

— Sim, senhor.

— E o que vai fazer comigo? Me matar também? — O desafio nos olhos de Elizabeth me devorou.

Peguei-a pelos pulsos, coloquei-a de pé e a puxei junto de mim para longe dali, em direção ao carro, tentando me concentrar no meu plano inicial.

Elizabeth tentou se soltar o caminho inteiro.

Seus xingos e reclamações não passaram de zumbido aos meus ouvidos, mas quando chegamos até o carro, assim que eu abri a porta, ela

puxou o pulso com força para si e chamou minha atenção.

— O que você vai fazer comigo? — Seu olhar continha uma mágoa profunda, a qual eu não queria perder tempo consertando.

— Vou comprovar se você não está mentindo, já que não posso confiar em mais ninguém nessa merda. — Pegando-a novamente, a joguei para dentro do carro, fechando a porta em seguida, acreditando que ela não era louca de tentar fugir.

Quando entrei pelo outro lado, vendo claramente que me enganava mais uma vez quando peguei Elizabeth com a mão na maçaneta da porta, pronta para sair, segurei com força no volante e disse, olhando-a de canto:

— Se você realmente está esperando um filho meu, não há nada que você possa fazer para fugir. Se ainda existia esperança de um dia se livrar de mim, essa chance acabou.

E sem esperar por uma resposta, girei a chave no contato e saí dali, sabendo que aquela fúria e agonia no meu peito não seriam aliviadas tão cedo.

CAPÍTULO 7

Em algum lugar no final, seremos todos loucos
Por acreditarmos que uma luz poderia nos salvar
Do túmulo que está no fim de toda essa dor
house on a hill, the pretty reckless

Pela milésima vez, eu me perguntei: quando é que fiquei tão louca a ponto de amar Louis? De me apaixonar por alguém que carregava aquela essência desgraçada dentro de si?

Tudo o que eu conseguia me lembrar dos últimos tempos, era que, sob toda sujeira, sob toda a merda, lá estava esse amor. Mais forte do que a minha vontade de ir embora, mais forte do que o meu ódio por ele, maior do que minha mágoa... Porém, agora, havia o medo.

Um medo tão grande e doloroso que poderia me engolir num piscar de olhos.

Um medo que me sussurrava que fugir era a única forma de ter paz, mas como eu poderia? Louis parecia ter mil olhos pela cidade, quiçá pelo mundo. E enquanto toda e qualquer ideia de fuga era frustrada pela obviedade da situação, pousamos em Nova Iorque antes do sol se pôr e, sem

nem tomar um banho, ou trocar de roupa, ele me arrastou para o hospital, sem trocar uma mísera palavra.

Meu rancor era tão grande que aceitei o silêncio de bom grado, já que cada vez que ele abria a boca, só me machucava mais.

Louis parecia um cão de guarda quando me furaram para colher sangue, e quando fui chamada na sala do médico para fazer o ultrassom, ele abriu a porta para que eu passasse e seguiu atrás de mim.

— E então, qual foi a suspeita? — o médico perguntou, depois de me explicar como faria o ultrassom e me ajudar a deitar.

— Na verdade, foi sem querer — falei baixinho, sabendo que Louis, de braços cruzados no canto da sala, ouvia tudo. — Fiz o teste porque estava entediada...

O homem pareceu achar graça.

— Certo, então mesmo você tendo colhido sangue, vamos ver como estão as coisas por aqui.

Quando ele passou o gel no equipamento e introduziu em mim, tentei relaxar.

Fechei os olhos, tendo um restinho de esperança, mas quando o médico abriu a boca, me senti caindo num abismo sem fim.

— Ahá! Achei — ele comemorou. — Seu bebezinho está aqui.

Abri os olhos, rápido demais, e encarei o teto, tentando me livrar da sensação de queda livre.

— T-tem certeza? — perguntei, sentindo Louis se aproximar, para ele mesmo conferir na tela.

— Aqui, ó. — Indicando na tela, eu vi o pequeno desenho esquisito que deveria ser o meu bebê. — Parabéns, papais! — Muito mais feliz do que nós, ele continuou a falar com Louis, enquanto minha cabeça girava com aquela certeza.

Eu estava gerando uma vida.

— De quanto tempo ela está? — Ouvi Louis perguntar e voltei à realidade.

— Sete semanas.

— Quase dois meses...

Assim como ele devia fazer no momento, procurei na minha cabeça as transas de dois meses atrás, mas não tinha como eleger a premiada.

— Está tudo sob controle. A gravidez está se desenvolvendo no lugar certo, não há nada de errado por aqui... — De repente, ele parou de falar e mexeu na tela do computador. — Vocês podem ouvir o som do coração do bebê, enquanto vou buscar seus exames, acabaram de ficar prontos.

E, antes que eu pudesse falar não, a enfermeira, veio substituir o médico e o som preencheu o ar.

Definitivamente, eu não estava preparada, ainda assim, com toda a certeza, não havia nada mais importante do que aquele som. Mesmo que um dia a minha memória falhasse, eu nunca me esqueceria daquele segundo, daquelas batidas, daquele ritmo acelerado gritando “ei, estou vivo aqui dentro!”.

Não importava as consequências daquela vida dentro da minha vida, a partir daquele momento, eu amava o meu bebezinho.

Lágrimas inundaram meus olhos e antes que eu pudesse me dar conta, elas escorriam pelo canto do meu rosto e eu me esqueci de tudo.

Da confusão do momento. Da tristeza que pesava em meu coração.

De Louis.

Esqueci-me de tudo e aproveitei aquele minuto como se fosse o último.

Antes do que eu queria, a enfermeira tirou o aparelho de mim e o som parou.

Abri os olhos, procurando o que havia de errado, mas tudo o que vi foi Louis. Sua cabeça sobre a minha. O nariz tão próximo que chegou a roçar no meu.

— Você não vai contar sobre isso a ninguém, entendido? — Aquela era uma ameaça aberta, sem nenhum jogo.

E sem saber se aquilo era bom ou ruim, quando ele se afastou e saiu da sala, me cobri e pousei a mão sobre o ventre, me perguntando o que faria a seguir.

— Ah, desculpe a demora — o médico falou, descontraído, quando voltou para a sala. — Seus exames estão bem, você só vai precisar de...

— Doutor? — eu o interrompi.

— O que foi?

— E se eu não quiser esse bebê? — Minha pergunta foi feita com a boca seca.

Só de dizer aquelas palavras, meu coração doía.

— Bom... se você não quiser, eu indico interromper até a décima segunda semana.

— Certo — respondi, no automático.

Vendo que eu queria ficar em silêncio, o homem se voltou para as receitas e me deixou quieta, acariciando minha barriga sobre o tecido do vestido, pensando que eu tinha cinco semanas para decidir o que faria da vida.

CAPÍTULO 8

Querida, eu quero te tocar
Eu quero respirar bem em você
Veja, eu tenho que caçar você
Eu tenho que te trazer ao meu inferno
Baby, eu quero foder com você
Eu quero sentir você em meus ossos
Garota, eu vou te amar
Vou me dilacerar dentro de sua alma
desire, meg myers

— Senhor Luppolo, perdoe o incômodo — Edgar abriu a porta do escritório e falou em um tom suave. — A menina Giovanna, o que devo fazer com ela?

Minha irmã havia chegado naquela tarde, e suja, com claros sinais de marcas de luta no corpo, foi colocada em seu antigo quarto.

Henry cuidou de trancafiá-la e explicou a mim que suas marcas eram resultado de algumas tentativas de resistência.

Aquilo era novidade.

Sob o som dos xingos de Giovanna, inconformada com sua recente prisão, dei ordens para não alimentarem Zola e pedi para que sua carne fosse amaciada algumas vezes ao dia, até que eu soubesse em que terreno estava pisando. Quando Henry saiu de casa, pronto para que minha vontade fosse atendida, sabia que precisava tomar uma decisão logo.

— Alimente-a três vezes ao dia. — Soltando um suspiro profundo, me afastei da mesa e encarei o senhor de idade tão fiel. — E avisa logo que, se ela não comer, vou prendê-la na cama e enfiar a comida em seu estômago por um tubo.

Estava farto de dizerem que eu não a enxergava.

Não era problema com o antigo noivo que ela tinha?

Eu cuidei dele.

Era problema com o ato de se alimentar?

Ou faria direito, ou eu cuidaria disso de forma prática também.

— Ela diz que quer vê-lo, senhor.

Erguendo a mão no ar, fazendo pouco caso daquilo, neguei com a cabeça.

— Estou cansado demais para as frescuras de Giovanna. E... — No meu atual humor, não seria bom ser provocado. — E é isso. Lido com ela depois.

Era perigoso que ela virasse meu alvo, e eu não sabia até onde o meu descontrole poderia me levar.

Minhas formas de aliviar tensão sempre estiveram atreladas ao meu trabalho.

Ou eu matava, ou eu torturava, ou eu fodia.

Mas naquele momento, qualquer passo que eu desse, poderia acabar com meu jogo.

Se era divertido construir todo o terror na mente de quem eu colocava as mãos, do jeito que eu estava, poderia facilmente ficar cego e só partir para a violência, para a descarga de adrenalina, para o prazer de dominar uma vida e acabar com ela.

Eu era o diabo que secretamente se sentia um Deus.

Porém, depois de tudo o que havia acontecido nas últimas quarenta e oito horas, eu não sabia exatamente o que fazer. Não quando o futuro parecia bifurcar de novo e de novo, abrindo possibilidades demais para um momento em que eu precisava de estabilidade.

Como Don, minha obrigação era fazer a palavra dentro da Família valer.

A Dark Hand precisava de controle e merecia seus tempos de paz, mas focar na terra nova só me fez perder a mão sobre minha própria casa, sobre

os meus...

— E a senhorita Fabbri, senhor? Ela irá jantar também?

— Avise à Elizabeth que o jantar está servido, e que quero ela na mesa comigo. — O mordomo ia saindo, quando continuei a falar: — E diga que, se ela se negar, vou trancafiá-la também. O comportamento nesta casa, a partir de hoje, será exemplar. Elizabeth precisa se alimentar direito, ou... — Falar da gravidez em voz alta era um erro. — Ela não quer pagar para ver.

— Sim, senhor. — E fechando a porta em seguida, me deixando completamente sozinho, relaxei contra a cadeira, encarando o teto.

A cena da confirmação brotou na minha mente pela centésima quarta vez.

O som do pequeno coração batendo soou alto na minha memória. Eu precisei ouvi-lo vinte e três vezes para entender que era verdade.

Eu havia gerado vida e não tinha ideia do que faria dela.

Por alguns segundos, os prováveis cenários foram formados. E enquanto minha língua ia de um canino ao outro, imaginei como seria Elizabeth com uma criança nossa nos braços.

Aquela possibilidade era um problema.

Eu não queria um pequeno alvo, tão frágil, tão minúsculo, solto por aí.

Pior ainda, eu não queria dividi-la.

Elizabeth era só minha e eu não queria a merda de um caga fralda chorão que a consumisse dia e noite.

Porém se ela gerasse aquela criança, se a tivesse...

Como poderia pensar em ir para longe de mim?

Não havia laço mais forte do que uma criança.

Crianças podiam segurar relacionamentos, mesmo que não segurassem as pessoas dentro deles.

Aquele tipo de controle sobre Elizabeth seria muito interessante de explorar, porém, em contrapartida, se interrompêssemos o processo, se ela abortasse...

Imaginei Lizzie deitada sobre o meu peito, adormecida, nua, e sem nenhuma outra responsabilidade que não fosse ser minha.

Era uma dúvida cruel e me consumiu até que Edgar serviu o jantar.

Elizabeth, descalça, desceu as escadas e apareceu com um robe de seda branco, cobrindo a camisola da mesma cor e tecido no pé da escada. Com a única luz vinda do lustre sobre a mesa, notei a raiva em seu rosto. As sobrancelhas retas, os olhos espertos, a mandíbula travada... Aqueles eram

sinais de tempestade, e eu não estava disposto a enfrentar mais uma briga com aquele humor de merda.

Ela ficou parada na escada e eu a ignorei por um momento, propositalmente. Desenrolei o guardanapo de pano em volta dos talheres e comecei a comer, enquanto Edgar já estava longe, na sua missão de alimentar minha irmã.

Pelo som de coisas caindo no chão, ele havia falhado.

Inflei as narinas e tentei me conter, colocando um pedaço da carne macia na boca.

Giovanna começou seu escândalo, fazendo Elizabeth ficar ainda mais tensa quando os gritos cheios de fúria acompanharam as batidas contra a porta do quarto ao qual ela estava presa.

— Você não vai fazer nada? — O olhar de indignação no rosto de Elizabeth não me afetou.

Encarei-a como se não ouvisse nada além do silêncio precioso da minha casa e perguntei, da forma mais polida possível:

— Não vai se sentar? O jantar vai esfriar.

— Louis — ela deu alguns passos na minha direção —, você não pode tratar Giovanna feito bicho. — A voz da brasileira foi ganhando força e,

quando o vislumbre dela tentando me dar uma ordem passou pelos meus olhos, soquei a mesa com ambas as mãos, com os talheres em punho e respondi, tentando conter minha raiva ao soltá-los:

— Eu posso fazer o que quiser. — Recolhi as mãos para o colo e desviei o olhar do dela para tentar me conter.

O momento de descontrole quase me pegou de jeito.

Era como estar à beira do precipício.

Sem camisa, usando apenas a calça de linho preto, sentia meu corpo quente, quase em erupção. Meu coração batia acelerado, num ritmo que não deveria bater, e por um segundo eu vi tudo em vermelho.

Um, dois, três, quatro, cinco...

Automaticamente a contagem dentro da minha mente começou e voltei a encarar Elizabeth. Com os ombros encolhidos, a boca entreaberta se fechou numa linha reta, conforme ela pressionava os lábios um contra o outro com maior pressão, soltando o ar pelas narinas com tanta intensidade que pude ouvir, mesmo com o show de Giovanna ao fundo. Endireitando a coluna, ela meneou com a cabeça e então se ergueu, claramente me enfrentando.

— *Pro inferno o jantar.* Eu vou soltar Giovanna, quer você queira, quer não. — Cada palavra dita com um ódio genuíno, em desafio.

Ela era feita, pedaço a pedaço, só para me provocar.

Dando o primeiro passo para passar por mim e entrar no corredor, eu a alertei.

— Se não quiser que eu a tranque com Giovanna, pare aí mesmo. — E mudando de direção, como eu já esperava, ela tentou vir para cima de mim.

Levantei-me antes dela me tocar e imobilizei seus braços com os meus, prendendo seu corpo entre o meu e a mesa.

Fazia tempo que ela não se descontrolava, mas era como esperar que a maré nunca mudasse. Elizabeth não lidava bem com sua raiva e era por isso que éramos dois fodidos. Dois iguais.

Quanto mais ela acumulava, mais intensa seria a explosão.

Tão próxima, notei o choque por eu contê-la com tanta facilidade.

Suas pupilas estavam dilatadas, o rosto avermelhado, a boca entreaberta trazendo ao meu rosto a respiração acelerada que fazia seu peito subir e descer contra o meu.

Seu corpo estava quente como sempre. Sua pele, visivelmente arrepiada, me fez esquadrinhar o restante da obra. Analisei suas sardas, seus lábios cheios, seu queixo erguido para me encarar. Sua garganta, colo e seios pesados, com mamilos duros contra o tecido macio.

Era o convite que eu queria.

Desci o rosto para perto do dela e fui surpreendido.

Elizabeth cuspiu em mim.

Fechei os olhos, apertando-a com mais força enquanto sentia minha bochecha esquerda molhada.

— Eu te odeio — ela disse, entredentes, forçando os braços contra minhas mãos, tentando se libertar e eu abri os olhos, encarando os dela cheios de uma animosidade que era novidade para mim.

Aquilo sim era o que eu precisava.

Não falei nada, nem deixei que ela falasse. Libertei um de seus braços e segurei em seu queixo, não dando nenhuma opção de fuga quando juntei a boca à dela.

Minha língua forçou a entrada, Lizzie tentou resistir. Me socou as costelas, tentou me empurrar, mas não me movi nenhum milímetro.

Seu ataque durou pouco mais do que onze segundos.

Quando larguei seu outro braço e movi a mão para agarrar seus cabelos pela nuca, com uma força bruta que não permitia que ela movesse a cabeça, sua boca se entreabriu e sua língua envolveu a minha com uma avidez insana.

Suas mãos grudaram no meu corpo, alisaram minhas costas até perto dos ombros e desceram com as unhas enfiadas na carne.

Eu quase gemi quando mordisquei seu lábio inferior com a mesma violência.

Sua boca tinha um gosto diferente e, de repente, abrindo os olhos por um mísero segundo, encontrei Elizabeth de olhos fechados, chorando, conforme se rendia.

Seu choro não me parou.

Elizabeth precisava lidar com o fato de que era a única que poderia cuidar daquela necessidade visceral. E eu não queria uma foda bonitinha. Queria rasgá-la, destruí-la, fodê-la com toda minha raiva, todo meu ódio, e foi o que fiz.

Peguei com maior firmeza nos cabelos dela e a afastei. Ela protestou, as mãos indo para minha mão, assustada.

— Isso vai doer. — Foi a única coisa que tive capacidade de avisar.

Como se soubesse o que eu precisava, ela abaixou as mãos.

Não prestei atenção em seu rosto.

Não queria olhá-la.

Queria fodê-la.

Limpei a mesa com a mão livre, joguei Elizabeth sobre ela com as costas para cima e, sabendo que seria diferente de tudo o que já havia

apresentado a ela, arranquei seu robe, ajeitei seu corpo com as pernas abertas e ergui a camisola.

A bunda grande com marcas das fodas anteriores apareceu.

A calcinha minúscula da mesma cor do tecido que a cobria foi arrebentada.

Eu me curvei, abrindo minhas calças, cuspi na entrada da boceta que não estava pronta pela primeira vez, naqueles meses todos.

Meu pau estava tão duro que pesou na minha mão, esfregando-o nela antes de meter, notei quando Lizzie se segurou na mesa.

Ela sabia.

Eu sabia.

Se ela não quisesse, aquela seria a oportunidade de descobrir até onde seu controle sobre mim ia. Mas ela não disse nada.

Elizabeth abriu mais as pernas e quando eu a invadi, sentindo sua textura diferente pela falta de umidade, rosnei.

Toda a tensão acumulada nos meus ombros veio parar nas minhas mãos.

Meu olhar se tornou fixo na visão da boceta dela me engolindo.

Minhas mãos em sua bunda tinham os nós dos dedos brancos. A pele dela em volta de onde eu apertava estava da mesma forma, mas ela não deu um pio, nem quando a mesa andou pela força das minhas investidas.

Eu só queria me livrar daquele peso.

Só queria colocar para fora aquela porra de ódio.

Mas com Elizabeth nunca era só isso.

Ela gritou. Meus olhos atentos buscaram seu rosto, mas ela não olhava para mim.

O rosto erguido, o cabelo caindo pelas costas, era sangue no oceano.

Minhas mãos avançaram para liberar a visão das suas costas.

A beleza contida naquela destruição.

Não era eu que tinha feito, mas era minha marca sobre Elizabeth.

Não havia um ser sobre a Terra que nos conhecesse e não soubesse que aquilo tinha sido feito nela para me atingir.

Ouvindo seus gemidos cada vez mais altos, sua boceta ficando cada vez mais molhada, transformando o atrito num vaivém intenso e frenético, minhas mãos foram além.

A boca dela já estava aberta quando a tateei. Meus dedos foram para dentro dela, obrigando a se abrirem ainda mais. E com aquele sendo o ponto

de apoio para manter seu corpo no lugar, eu forcei os lábios de Elizabeth enquanto meu pau maltratava sua boceta.

Não levou nem um minuto para eu gozar daquele jeito.

Travei o quadril contra o dela e, ainda com os dedos arregaçando sua boca, deixei cada gota de porra no fundo dela levar minha raiva embora.

Quando voltei a raciocinar, com o peito suado e a respiração acelerada, vi o que tinha feito com ela. Meus dedos desgrudaram de sua boca, devagar. Minha coluna se endireitou e eu virei Elizabeth de barriga para cima.

Havia medo em seus olhos e ela me observou o tempo todo, enquanto ajeitava o pau para dentro da calça, me aproximando por seu lado esquerdo.

Curvei-me sobre Elizabeth, a mão indo direto para sua garganta.

— Louis... — Ela teve tempo de soprar meu nome contra minha boca, mas eu não parei. Engoli seu medo, sua mágoa, sua raiva, seu tesão e, com a mão livre, enfiei os dedos médio e anelar nela, movendo-os contra sua parede interna enquanto estimulava o clitóris com o polegar.

O corpo dela gritou.

Lizzie gemeu contra minha boca e não conseguiu mais se concentrar em manter a língua na minha. Apertei ainda mais sua garganta, mantendo-a no lugar ao notar as contrações de seu corpo, e me ergui para vê-la.

Os olhos verdes lutando para ficarem abertos, as mãos sobre meu braço em sua garganta, apertando com força, buscando algum ponto de controle. As pernas lutando para fugir, sem sucesso algum. O quadril se erguendo, tentando me afastar, o peito subindo e descendo, os seios marcando a excitação contra o tecido da camisola.

Havia algum defeito naquela mulher?

Algo que pudesse me afastar?

Quando ela gozou na minha mão, num jato que molhou a cadeira, esmurrando meu braço e tentando gritar, soube que não.

Ergui-a da mesa, o corpo mole, e com Lizzie no colo, me sentei de novo, quieto, analisando a bagunça, sentindo o cheiro dela, sua respiração descontrolada sobre mim.

Talvez aquilo fosse um remédio que eu precisasse com mais constância.

Com certeza, Elizabeth seria eleita a mulher do ano, já que sua boceta era a única coisa que podia me fazer parar. Era a boceta salva-vidas.

— Você conseguiria acreditar que eu preciso de você, *bambina*? — perguntei, com o rosto afundado em seu colo, sentindo o cheiro de sua pele

misturado com sangue, meu ou dela, eu não sabia dizer.

Elizabeth não respondeu, só envolveu meus cabelos com suas mãos e acariciou com a ponta das unhas.

Aquilo era um sim?

Eu a abracei pela cintura com mais força e movi o rosto, apoiando a lateral da cabeça nela, vendo os braços marcados.

Marcas que eu havia feito.

Marcas que diziam claramente que ela era minha e lutava contra isso.

A sensação de saber que Elizabeth ainda relutava com aquela máxima não era nada boa.

— Nós somos loucos — ela disse baixinho, mais para si, do que para mim primeiro. — Nós somos loucos e isso não é bom. Não quando estamos envolvendo uma criança...

Esperei-a continuar, mas não havia um depois.

Confuso como nunca, sabendo que precisava mantê-la comigo para que minha mente ainda tivesse o mínimo de estabilidade necessária, acariciei sua bunda e perguntei:

— O que você quer que eu faça? — Ergui o rosto e, com a mão livre, encaixei meus dedos sob sua mandíbula, acariciando a bochecha de

Elizabeth com o polegar.

Colocando as mãos sobre a minha, Lizzie roçou o rosto contra a palma de minha mão e a beijou.

— Primeiro, você precisa tirar Giovanna daquele quarto.

— Ela vai fugir de novo — disse o óbvio.

— Não se você der seu perdão. — Elizabeth, com seu tom ameno e suave, procurou dentro dos meus olhos o resquício de misericórdia.

— Não funciona assim, *bambina*. — E claramente tentando me seduzir, ela esfregou o lábio inferior contra meu polegar.

— Funciona como você quer, e você pode.

Ela não era burra.

— Mas eu não quero. — Apertei sua bunda, me encaixando entre suas pernas, sabendo que Elizabeth provavelmente já estava pronta de novo, e parecia propositalmente querer me fazer pensar com a cabeça do pau.

— Então... — Ela suspirou quando me sentiu duro e, colocando ambas as mãos no encosto da cadeira, lado a lado do meu rosto, depois de liberar meu pau, envolveu-me entre seus lábios, movimentando os quadris para frente e para trás numa lentidão absurda, esfregando seu clitóris molhado contra toda minha extensão. — Não espere que eu vá ficar aqui.

Desci com as mãos para sua cintura, apertando-a com força contra mim, conforme respondia, entredentes, tentando ter algum controle sobre aquela conversa. Olhando para baixo, vendo seu corpo provocar o meu de propósito.

Ela era uma filha da puta.

— Você não vai embora. — Minha voz saiu baixa, quase rouca.

Lizzie aproximou o rosto do meu, tocando a testa na minha. De olhos fechados, ela ajeitou o cabelo atrás da orelha e engoliu em seco depois de passar a língua pelos lábios e soprar contra o meu rosto.

Meu pau pulsou só de vê-la daquela forma.

— Mas vou viver com medo de você. — E de uma forma cretina, que não imaginei que ela pudesse fazer, acompanhei à medida que ela erguia os quadris e com a mão livre, me encaixava em sua entrada.

Lizzie desceu devagar, a boca contra a minha gemendo enquanto me sentia de novo dentro de si centímetro a centímetro.

Fechei os olhos, a apertando, buscando algum controle, e quando os abri, encontrei o par de olhos verdes mais escuros que o normal, sedentos por mim.

— *Bambina*. — Eu tentei prendê-la no lugar para que pudesse mudar o rumo das coisas, mas ela ignorou e continuou.

Seu nariz roçou pelo meu e deslizou pela minha bochecha, até perto da minha orelha. Elizabeth mordiscou o lóbulo direito e eu xinguei.

— Eu vou ter tanto medo de você que não vou deixar você encostar nenhum dedo em mim. — Seu quadril não subiu, mas ela rebolou comigo dentro de si e me apertou. Minhas veias pareciam prestes a explodir quando sua boceta abraçou meu pau daquele jeito. — Nem mesmo vou conseguir te olhar como olho agora.

Sua boca venenosa beijou a base do meu pescoço e seu rosto voltou para o meu.

— Medo é a única coisa que pode matar essa desgraça de amor que sinto por você, Louis. — E mordendo meus lábios, entreabrindo minha boca junto da sua, ela pediu: — Não o alimento.

Naquele segundo, era ela quem me fodia.



— Você é uma *manipuladorazinha* de merda — falei, colocando a roupa.

— Aprendi com você. — Lizzie não parecia nenhum pouco arrependida. — Porém não menti. Não me faça temê-lo, Louis. Meu amor não resistiria a isso.

Era verdade, eu via em seus olhos.

— Giovanna não...

— Você pode pelo menos tentar? — O olhar de Elizabeth era quase de súplica. — Por favor. Você se esforçou muito para que eu amasse Giovanna, e conseguiu isso. Ela é sua irmã, e minha única amiga nesta merda de lugar, será que isso não conta?

Ponderando sobre cada palavra que ela havia dito, pensei seriamente sobre todas as nossas últimas horas. Elizabeth estava, de fato, na corda bamba. Não seria eu a jogá-la para longe, já que o último resquício de sanidade que havia em mim parecia ser proveniente daquela mulher.

Seu cheiro, seu sexo, seu rosto, sua voz, sua presença, ela. Ela era, por enquanto, minha maior necessidade, e eu não podia arriscar.

Eu precisava que ela me amasse.

Precisava ter certeza de sua devoção, e se, tentar acalmar Giovanna fosse o que faria ela continuar como devia, eu faria.

— Amanhã, antes de sair, tentarei conversar com ela.

O alívio no rosto de Elizabeth foi imediato.

Com a mão estendida na minha direção, ela tocou meu braço com a ponta dos dedos e, parecendo insegura se deveria fazer, abaixou os olhos e disse com a sombra de um sorriso no rosto.

— Obrigada.

Quase gargalhei.

Aquele era só mais um elo preso à corrente que eu envolvia em suas asas.

Se ela era a tentativa de Deus me salvar, cada vez mais eu a corrompia, e sua alma ficaria tão dilacerada, viciada em mim, que nunca poderia sequer pensar na possibilidade de uma vida diferente daquela que levava.

CAPÍTULO 9

Quando todo o dia terminar
Lembre-se de mim então
Não é tarde demais para
Tarde demais para te salvar
Lembre de quando a escuridão não era tudo o que você tinha
que ver
Lembre de quando uma parte de você ainda esperava o que
poderia ser
all the king's men, the rigs

— Acorde. — A água gelada atingiu meu peito e rosto em cheio e, por muito pouco, eu não me afoguei.

Minhas mãos estavam amarradas com tanta firmeza que eu havia perdido quase toda a sensibilidade nos braços. Meu estômago, dolorido de fome, aguentou mais um soco.

— Bom dia, Agliardi. — O cumprimento de Henry não era nenhum pouco feliz.

Ele assistia enquanto cumpriam as ordens e eu não podia julgá-lo.

Vivi os três melhores meses de toda minha vida.

Muito mais do que qualquer um daqueles pobres soldados poderia imaginar.

Era justo que eu pagasse por colocar os pés no paraíso sem nunca ter merecido.

— Bom dia — respondi, entre a tosse, a dor e o frio.

— Ei, chega disso. — A voz feminina me fez abrir os olhos, mesmo que meu rosto estivesse muito inchado graças ao espancamento de três horas atrás.

Com alguma dificuldade, consegui ver Kira na porta da cela, nada feliz com o que via.

— São ordens diretas — Henry retrucou.

— Eu sei, e estou falando para parar. Louis não vai saber se ele tomou a surra da noite ou não. Olhe só o estado dele... — Com os saltos ecoando contra o chão, ela se aproximou da alavanca que coordenava a corda que me sustentava no ar, tirando a manivela da trava, fazendo meu corpo ir para o chão mais rápido do que minhas pernas deram conta de sustentar.

— O Don não vai ficar feliz ao saber disso.

— Blá-blá-blá — Kira disse, fazendo careta enquanto gesticulava com a mão antes de vir na minha direção. — Foda-se. Se não está feliz, suba, ligue para ele e me denuncie.

A mulher de cabelos vermelhos se abaixou, puxou minhas mãos para desfazer o nó dos meus pulsos com uma faca e, quando me libertou, passou meu braço sobre seus ombros e me colocou de pé da melhor forma que pôde.

Num suspiro sôfrego, desistindo de brigar, parecendo convencido a me poupar de mais uma sessão de socos, chutes e pauladas, Henry disse:

— Voltaremos mais tarde.

— Não estou ansioso para este encontro — balbuciei, com a boca seca, segurando em minhas costelas, conforme Kira me arrastava até o banco de cimento.

— Sente-se — ela pediu e eu obedeci.

Em silêncio, ela saiu da cela e voltou alguns minutos depois, com uma garrafa d'água.

— Obrigado. — Com muito pouco controle sobre meus braços, peguei a garrafa, agradecendo por ela estar aberta, já que sabia que não daria conta de abri-la e a levei até a boca.

— Devagar... — ela disse, sentando-se ao meu lado. — Você está sem comer e beber há dois dias, se tomar tudo de uma vez, vai vomitar e desidratar ainda mais.

Tentei obedecer, dando pequenos goles em silêncio até acabar com a garrafa.

— Ótimo, me dê isso aqui. — Ela pegou a garrafa e enfiou dentro do casado. — Louis pode até me perdoar por ter te soltado, mas não vai ser tão bonzinho se descobrir que fiz mais do que isso.

E dando uma boa olhada para mim, a bronca veio pronta.

— Caralho, Zola, você está uma merda. Fugir com Giovanna? De onde veio isso?

— Alguém precisava fazer alguma coisa. — Cansado, me deitei contra o concreto e tentei relaxar um pouco. — Giovanna ia morrer na mão daquele desgraçado.

— É, e agora quem vai morrer vai ser você... — Depois de uma pequena pausa, ela perguntou: — Valeu a pena?

Sorrindo, sentindo meus lábios rachando ainda mais, conforme eu via o sorriso da minha esposa em minha mente, confirmei com a cabeça.

— Cada segundo.

Ela não discutiu. Vi Kira cruzar as pernas, balançar o corpo e, me contando um segredo, ela sussurrou:

— Eu vou embora.

— E eu vou morrer — completei.

— Provavelmente. Louis anda sem nenhuma distração com a qual possa colocar a mão, a não ser Lizzie. E nós sabemos que o tipo de diversão que ela proporciona compete perto demais à preferência com um outro tipo que, agora, você pode oferecer.

— Eu não ligo. Só estou preocupado com Giovanna.

— Não se preocupe. Apesar de tudo, o sangue dela vale muito. O que pode acontecer é mandarem a princesinha para viver até o final dos dias em um convento.

Ignorei aquela informação. Não queria pensar em nada ruim naquele minuto, já que, quando eu adormecesse, a ansiedade e o medo do que poderia acontecer com Giovanna assombraria meu sono.

— Como estão as coisas aqui?

— Depois da morte de Salvatore e da volta de Felippo? Andando. Tudo parece começar a se alinhar, é por isso que posso ir.

— Isso é bom.

— Eu acho que sim. — Ela suspirou e, com cuidado, esticou a mão na minha direção, tocando a marca roxa no meu braço.

Estremeci com a dor e tentei não fazer careta.

— Desculpe. Acha que quebrou alguma coisa?

— Não totalmente — confessei.

Com certeza alguma costela minha já devia estar moída, e alguns outros ossos do meio do caminho estavam luxados, mas eu ainda tinha todos os dedos das mãos e dos pés e nenhum dente meu havia se partido ainda, mesmo com os socos no rosto.

— Merda... — ela soprou a palavra e se levantou. — Eu não tinha muito tempo, mas precisava vir.

— Você é boa, Kira — falei, virando o rosto para ela. — Merece paz longe deste inferno.

O sorriso que ela abriu naquele segundo entregava que ela carregava mais segredos do que eu poderia contar.

— Você continua não sabendo de nada, não é mesmo? — Se curvando na minha direção, ela acariciou meu rosto e confessou: — Espero que você sobreviva, Agliardi. E que não arranquem seu pau, você sabe usar ele bem demais.

Não aguentei e ri, mesmo dolorido.

— Você sabe que nunca teria dado certo, não é?

— Sei. Meu coração sempre teve dona.

Sorrindo, Kira se abaixou um pouco mais e, me surpreendendo, selou a boca na minha.

— Sempre vou me lembrar de você.

E assim como chegou, do nada, ela se foi, me deixando sozinho com a cabeça a milhão. Como será que Giovanna estava? O que será que Louis tinha preparado como punição para minha mulher?

Se ele ao menos sonhasse o quanto ela havia amadurecido naqueles últimos meses...

Tentando não me desesperar, fiz o meu melhor para descansar.

Eu ainda tinha duas horas até a próxima surra.

CAPÍTULO 10

Não perca nenhum sono hoje à noite
Tenho certeza de que tudo vai acabar bem
Você pode ganhar ou perder
Mas ser você mesmo é tudo o que você pode fazer
be yourself, audioslave

Era cedo, e eu contava com o silêncio matinal para que a conversa com Giovanna fosse o mais tranquila possível.

Cuidadosamente, abri uma fresta da porta do quarto dela e espiei para dentro.

A luz que entrava pela janela lateral me permitia ver Giovanna deitada de barriga para cima, com um braço sobre o rosto, respirando suavemente.

Esperei cento e dois segundos até ter certeza de que ela dormia e entrei, sendo cauteloso no meu caminho até estar ao seu lado.

O único movimento de Giovanna foi tirar o braço que cobria o rosto e eu a observei atentamente.

Havia um corte na maçã direita do rosto e nos lábios rosados. Marcas de olheiras escuras sob os olhos, e mais delas espalhadas pelos braços.

Nada do que eu havia planejado para ela.

A memória do nosso primeiro contato voltou.

Lembrei-me do bebê indefeso que parou de chorar quando ganhou meu colo, e meneei com a cabeça. Ela havia sido um dos meus melhores projetos, uma das minhas melhores apostas.

Giovanna era a esposa exemplar, a filha da máfia mais fiel, engajada em seu propósito de vida limitado e, por um deslize meu, havia se quebrado.

Eu sabia que minha vontade de tirar a vida de Agliardi e o ódio que eu vinha nutrindo dos dois era consequência da minha insatisfação com minha cegueira, apesar de que, de qualquer jeito, os dois estariam encrencados.

Giovanna não ter corrido para mim ao menor sinal de fumaça em seu relacionamento com Bartek me enfureceu.

Agliardi usar dessa situação toda para foder e fugir com minha irmã foi a cereja do bolo. Com certeza ele a seduziu, com certeza Giovanna foi influenciada, e eu desconfiava que não só pelo soldado, como também por meu irmão mais novo.

Matteo não saber que os dois estavam no seu estado era uma mentira grande demais para eu engolir.

Soltei um suspiro pesado e a ouvi despertar.

Aos poucos, ela se espreguiçou e então, calmamente, abriu os olhos e me encarou fixamente.

Ficamos em silêncio, daquela forma, numa luta mental, por quase dois minutos.

— É bom ter você de volta — falei baixo, tentando buscar nela o amor fraterno que beirava a adoração.

— Cadê o Zola? — A voz de Giovanna saiu falhada, mas muito compreensível. — Cadê o meu marido?

— Marido... — Respirei fundo mais uma vez e me sentei na cama, ao seu lado. — Não é uma palavra muito forte?

— Nós nos casamos, e eu preciso dele. Onde é que você o escondeu? O que é que você fez? — Conforme despertava, Giovanna se sentou e ficou próxima o bastante para que eu visse sua pupila dilatada e a tensão em seu corpo.

— Eu posso resolver isso. Esqueça Agliardi. — Fui direto, calmo, tentando mostrar que a solução seria outra.

— Ou você me diz onde está o Zola, ou eu juro — ela soltou em um tom de voz firme, o qual eu nunca tinha ouvido antes vindo dela — que vou matar você.

Aquela era, de longe, a reação que eu esperava de Giovanna.

Processando aquela ameaça raivosa, me levantei e vi minha irmã fazer o mesmo. Soprei o ar pela boca e enquanto meus caninos passeavam lentamente de um canino ao outro, coloquei as mãos nos bolsos da calça e encarei a janela antes de me recuperar daquele ataque repentino.

— O que faz você pensar que pode falar comigo dessa forma? Suportei sua traição e a trouxe para casa, mesmo que suas atitudes impensadas tenham colocado o nome de nossa família na lama. — Meu tom de voz sóbrio e baixo fizeram o ar ficar ainda mais tenso. — Eu ainda sou seu Don, menina. Você me deve respeito.

— Não. — A palavra de Giovanna me fez encará-la novamente, fitando seus olhos com estranheza. — Aqui, você é o meu irmão. O que deixou que eu noivasse com um monstro que me bateu, me machucou, molestou, abusou e estuprou. — Ouvir aquilo fez minha boca ficar com gosto amargo. — Aqui eu estou falando com o Louis que eu sempre defendi, que sempre amei e ignorei todos os erros por acreditar que me amava.

— Chega — mandei, mas ela continuou.

— Ou foi o Don que achou divertido colocar uma das mulheres da Família, com “sangue real” — ela fez aspas com os dedos, se aproximando — junto de um assassino maldoso e inescrupuloso? Foi o Don que arquitetou um casamento vantajoso, pouco se importando com o que acontecia comigo?

— A cada passo dela na minha direção, um soco era dado no meu rosto. Aquela não era minha irmã

— Eu não sabia. — Minha resposta foi firme, mas poderia ser outra.

Eu fui idiota, eu não havia visto. Eu tinha falhado.

Mas nunca admitiria em voz alta.

— Então eu vou te contar em detalhes. Bartek me fez comer tanto quanto eu achei ser possível aguentar. Ele fodeu com a minha cabeça. — O palavrão na boca de Giovanna me fez perceber que, em três meses, ela era outra. — Eu me odiei por causa dele. — As lágrimas em seus olhos se acumularam e começaram a rolar. — E deixei que ele me usasse. Deixei-o me tocar, deixei *ele* me bater, deixei *ele* abusar de mim... — O rosto de Giovanna estava tão próximo do meu que senti seu hálito quente. — E achei que eu merecia. Merecia cada uma das torturas físicas e psicológicas porque senão, eu decepcionaria o meu irmão.

— Giovanna... — Tentei tocá-la, mas ela gritou, afastando minhas mãos.

— Não me toque! Eu comi meu próprio vômito por sua causa!

— Você precisava ter me dito! — gritei de volta, realmente perdendo o controle.

— Eu tentei, irmão. Cada vez que você me viu, cada lágrima minha, cada desculpa esfarrapada, tudo era um pedido de ajuda. — A voz dela embargou. — E tinha Bartek jurando que mataria Zola, ou faria você matá-lo...

Travei a mandíbula ao ouvi-la.

Giovanna colocou as mãos nos meus braços e perguntou, com um olhar desesperado:

— Por favor, irmão, onde está Zola? Onde está o meu marido?

— Vocês não podem ficar juntos. — Não, porque, cada vez que eu olhasse para os dois, me lembraria de que não havia sido eu a ser o herói dela.

— Louis... — Ela apertou com mais força meu braço e eu me movi, fazendo com que ela me soltasse. Consequentemente, ganhei mais um grito vindo dela. — Só você pode fazer o que quiser? Ser a porra do Don te fez um hipócrita de marca maior! Exibindo Elizabeth por aí como se... — Eu não deixei que ela terminasse de falar.

Minha mão acertou o rosto de Giovanna em cheio e minha irmã vacilou.

O tapa foi forte, alto e eu não me arrependi.

Era desrespeito questionar as minhas decisões, porém, para o que ela fez em seguida, cabia uma punição ainda maior.

A mão de Giovanna se ergueu certa, devolvendo o tapa que eu havia dado.

— Esse foi o meu irmão, ou foi o Don? — ela gritou, quando eu a peguei pelos ombros, pronto para um embate físico maior. — Qual deles matou nosso avô e destruiu nossa família? Qual deles me enganou por todos esses anos?

Joguei Giovanna contra a parede e respirei fundo.

Era cedo demais para perder a cabeça.

— Você é um covarde, Louis Luppolo!

Eu não queria ouvir mais nada.

Tranquei Giovanna no quarto sozinha e saí ouvindo seus gritos cheios de absurdos.

Aquela não era minha irmã indefesa, inocente e obediente.

E se era, aquela mudança tinha um culpado, e eu lidaria com ele mais tarde, com minhas próprias mãos.



Que porra de lavagem cerebral Zola havia feito em Giovanna?

Onde é que eu estava com a cabeça de não ter supervisionado de perto o noivado dela? Contar que Bartek seguiria as regras só por medo de mim não valeu de nada. A mente inocente e moldável de Giovanna acabou se tornando uma maldição na mão de alguém como ele. De fato, era mesmo uma falha minha e eu precisava lidar que, no meio do caminho, algo havia saído do meu controle.

Ainda assim, nada justificava Zola não ter aberto o jogo. Ele já estava com Giovanna antes, e sua vida deveria valer menos que a honra dela. Ele tinha a obrigação de me contar tudo, e não o fez. Na verdade, preferiu fugir e levá-la para longe do que encarar as consequências frente a frente.

E se eu ainda tinha alguma dúvida de que meu irmão tinha dedo naquilo, ela foi sanada quando encontrei com Matteo me esperando dentro do quartel.

Sentado em uma das cadeiras perto da entrada, lendo seu jornal como se nada o preocupasse, Matteo ergueu os olhos ao me ver chegar e se levantou.

— *Fratello*.

— O que faz aqui? — Minha pergunta foi direta quando parei no lugar.

— Precisava conversar, mas assim que cheguei, descobri algumas coisinhas interessantes.

— Isso não é conversa para termos aqui. Vamos. — E seguindo escada acima, com meu irmão aos calcanhares, pensei em uma boa desculpa para socá-lo na cara por ser tão bom ator.

Abri as portas da minha sala e fui direto para a garrafa de uísque sobre o aparador.

— Aceito um copo — Matteo disse, mas eu o ignorei. Não estava ali para servi-lo.

Soltando o ar pelo nariz, antes de dar um sorriso sarcástico, Matteo se aproximou do aparador quando viu que eu não o atenderia.

Sentei-me sobre minha cadeira e logo ele começou a falar.

— Soube que Zola está lá embaixo.

— E? — falei, molhando o dedo médio no líquido do copo e passando-o na borda de cristal.

— E como os encontrou? Onde está Giovanna?

— Vai dizer que não sabe?

— Há algo que te prove que eu sei? — Meu irmão me olhou pelo canto do olho, sorrindo, mas apreensivo.

— Eu vou encontrar algo que prove?

— Não.

— Fora eles estarem no seu território pelos últimos três meses, tem certeza de que não há mais nada?

— Como eu poderia saber? Desde que invadimos a Carolina do Norte, eu vivo por lá e em Miami, dando conta das coisas e trabalhando como um burro de carga.

— Você sabia que ela ia fugir.

— Eu só a embalei, eu já disse isso a você. E não me arrependo. Bartek teria matado Giovanna sob o nosso nariz e colocaria a culpa em Zola.

— Acha mesmo que eu acreditaria?

— Se ele apresentasse provas, sim. Você teria que acreditar.

Sentando-se na poltrona disponível à minha frente, ele continuou a sorrir, parecendo animado.

— Agora me conte, quando vou poder vê-los.

— Não vai.

— Como?

— Não vai. — Encarei meu irmão depois de um longo gole na minha bebida. — São ordens diretas, não me atravesse. Giovanna está detida em

seu antigo quarto. Zola está no subsolo e, enquanto eu penso o que será mais vantajoso, ninguém mexe neles.

— Pare com isso, Zola é quase da família. Eles já se casaram. Se é medo de passar vergonha pela inferioridade dele, arranque umas unhas, quem sabe um dedo? Depois o colocamos no mundo dos negócios e nossa irmã vive quieta e feliz por aí. Papai apoia essa ideia. — Na hora em que ele disse aquilo, senti meu peito aquecer, e não de um jeito bom.

— Papai? Quem falou para Leonel que eu os encontrei?

— Eu. Cinco minutos antes de você chegar.

Soquei a mesa, jogando um pouco de bebida em minha calça.

— Caralho, Matteo! Eu não precisava de supervisão paternal numa hora dessa.

— Como foi que Elizabeth me ensinou, um dia desses? — Ele fez esforço para lembrar. — Ah, sim. Você que lute. — Sorrindo, ele se levantou para se servir de mais bebida. — Agora, se pudermos, gostaria de falar sobre trabalho. Estou mesmo preocupado com Luca. A perda dos filhos o desestabilizou...

— Salvatore mereceu, e sua irmã decidiu seu destino. Eu não posso fazer nada quanto a isso.

— Não discordo, mas talvez ele realmente precise se casar. Já Arone Callegari finalmente voltou a produzir e entregar um bom material.

— Achei que teria que acabar com aquela linhagem — confessei, bebericando o resto do meu uísque.

— Nem me fale. Além do mais, aquela garota deles, Khyara, não me parece... — Antes que Matteo pudesse concluir seus pensamentos, ouvimos batidas firmes na porta e o rosto de Kira surgiu pela fresta.

— O que faz aqui? — perguntei, realmente surpreso.

— Precisava te ver, e trocar duas palavras... — Olhando para Matteo, ela deixou claro sua intenção. — Em particular.

— Bom, eu preciso ir, mas consigo te atualizar depois por telefone. — Entendendo o recado, meu irmão me beijou os dois lados do rosto e saiu, passando por Kira, aparentemente curioso.

— Pensei que não veria mais você — confidenciei, quando as portas se fecharam.

— Mas cá estou... E — se aproximando de mim, vindo ao meu lado, Kira se apoiou contra minha mesa, tirou o copo da minha mão e entrelaçou os dedos nos meus — vim me despedir.

Havia algo próximo à tristeza em sua voz.

Respirando fundo, ela encarou nossas mãos e continuou:

— Quando eu te encontrei naquela tarde, na França, nunca pensei que estaríamos aqui. — Ela deu um meio-sorriso e me encarou. — Você se lembra?

— Quando você evitou a minha morte pela primeira vez? Lembro.

— É... E eu tinha certeza de que você ia colher a informação e me deixar na rua, mas você, ao contrário disso, me trouxe para cá, me deu um nome, me treinou como um dos seus homens.

— Melhor do que eles — eu a corriji.

— Não posso discordar. — Ela sorriu ainda mais. — Mas o caso é, você me alimentou, me vestiu, cuidou de mim como ninguém nunca havia feito, e cumpriu sua promessa. E eu prometi ficar ao seu lado enquanto você precisasse de mim, mas com as coisas como estão, com o traidor morto e a vida andando de novo, agora...

Quando Kira ergueu os olhos para os meus, cheios d'água, eu entendi aonde aquela conversa iria chegar.

— Agora você precisa ir — concluí e ela confirmou com a cabeça, contendo o choro na garganta.

De fato, quando a garota suja e magricela surgiu na minha frente, dizendo que queriam minha cabeça, eu pensei em dar apenas um trocado pela informação e seguir em frente, mas Kira tinha algo a mais dentro de si, e em

menos de um minuto de conversa, eu sabia que não poderia deixá-la solta por aí.

Se criar uma assassina profissional como se fosse minha filha, contava para a experiência com a paternidade, eu estava pronto.

— Eu sabia que isso ia acontecer. Sua hora chegou, mas ainda assim, se quiser, sempre haverá um lugar para você aqui.

— *Spasibo* — ela agradeceu baixinho em sua língua mãe.

— Não precisa agradecer, *Katerina* — falei seu nome real e fui surpreendido quando ela avançou sobre mim para me abraçar.

Kira me soltou depois de um longo minuto, limpou o rosto e se afastou, mas antes de chegar na porta, virou-se e disse:

— Ah, eu dei uma passada lá embaixo e vi Zola. O que vai fazer com ele? — Sua pergunta tinha uma segunda intenção gritante.

— Acho que vou visitá-lo em breve também. — Estava de saco cheio de tanta gente defendendo-o

— Por favor, Louis. Se posso te pedir algo antes de ir embora, é que não o machuque mais, nem o mate.

— Ele é um traidor. — Minha voz saiu monótona, cansado de repetir aquilo.

— E você também. — Ergui os olhos para Kira, não gostando de sua acusação. — Seu sangue sofreu e você não viu. Quem é pior, ele que a salvou e colocou o próprio rabo em risco ou você que entregou sua irmã quase que de bandeja para um psicopata?

E antes que pudesse respondê-la, Kira escapuliu pela porta enquanto eu lutava com a contradição na minha cabeça. Ir ou não ir? Esperar um julgamento justo ou resolver as coisas de modo rápido?

— Que se foda... — reclamei comigo mesmo, quando decidi que, já que em breve Leonel estaria na cidade, ele poderia ajudar a decidir o destino da filha.

CAPÍTULO 11

Porque nós somos aqueles que querem jogar

Sempre queremos ir

Mas você nunca quer ficar

Nós somos aqueles que querem escolher

Sempre quer jogar

Mas você nunca quer perder

aerials, system of a down

Louis Luppolo

Eu não estava esperando que nada me atrapalhasse naquela manhã. Meu dia estava milimetricamente calculado, quando Lorenzo Ferioli me surpreendeu com um convite para almoçarmos juntos, em sua casa na cidade, com sua esposa.

De certo, eu deveria recusar e colocar minha cabeça para funcionar nos negócios legais, os quais poderiam fazer a receita gorda o bastante para que ninguém desconfiasse de nada, mas não era uma tarefa fácil quando Ana era tão inferior à Kira. A mulher se esforçava, era visível, mesmo assim, ela nunca poderia ser tão ágil quanto minha secretária anterior.

Quando a chamei até a minha sala e ela entrou com os cabelos loiros curtos e óculos de armação grossa, parecia receosa, já que, naquela manhã, eu havia dado uma bronca porque, em uma distração, ela marcara duas reuniões no mesmo horário.

— Ana, preciso que reagende meus compromissos da parte da tarde para amanhã. E que procure outra pessoa para te ajudar.

— Eu posso dar conta, senhor Luppolo. Kira me ensinou bem. — Era quase uma súplica. — Sei que cometi um erro, mas não...

— Não penso em mandá-la embora. — Minha interrupção fez a mulher soltar o peso dos ombros. — Seria desastroso fazer isso agora, mas de fato, preciso de você centrada, e pelo volume de coisas que temos para fazer neste próximo semestre, talvez você precise de auxílio.

Eu não era um chefe ruim. Longe disso. Ainda assim, era exigente dentro do meu pequeno círculo uma vez que precisava de um bom nome no mercado.

Inclusive, era hora de marcar um novo evento de caridade, e talvez Giovanna se sentiria mais em casa e menos agressiva com alguma distração...

— Obrigada, senhor. Vou me esforçar — agradecendo, ela quase saiu pela porta, mas parou e continuou: — Farei o melhor com a agenda de

amanhã. Até que horário posso agendar os compromissos?

— Acredito que, amanhã, eu trabalhe de casa. Certifique-se que, o que posso resolver por e-mail seja, de fato, feito desse jeito.

— Pode deixar. — E parecendo esperançosa, Ana saiu da sala.

Faltando meia hora para o meio-dia, Henry entrou em minha sala, sorrindo, enquanto olhava para fora. Aquilo era um feito inédito. Eu nunca o via sorrindo.

— O que é tão engraçado? — perguntei, interessado.

— Nada... — Seu tom de voz foi baixo e a palavra saiu arrastada antes que seus olhos focassem em mim e o sorriso sumisse. — O senhor me chamou?

— Temos planos para o almoço, Lorenzo Ferioli me convidou de última hora. Vou no meu carro, sozinho.

— Hm... Seguirei com a Dodge. A Ferrari é blindada, mas você corre como se ela tivesse o peso de uma pena.

— Bons motores italianos. — comentei, com um meio-sorriso. — Não me perca.

— Sim, senhor.

Depois de todos os acontecimentos longe da minha guarda, eu não era idiota de mantê-los afastados.



Os portões da mansão dos Ferioli se abriram, depois de um pouco mais de uma hora de estrada. Reduzi meia hora do trajeto, fazendo meu motor cantar e parei o carro em frente ao portal. A Dodge parou logo atrás de mim e, pela cara de Henry quando saltou do banco do motorista, soube que havia dado algum trabalho para que ele pudesse me acompanhar.

Subi os degraus de mármore branco cheio de manchas pretas e, antes que pudesse bater à porta, Delfina a abriu.

— Olá, Don — ela me cumprimentou, sorrindo de forma angelical, e aceitou quando a puxei para beijar os dois lados de seu rosto.

— Onde está... — Antes que eu completasse a frase, o garotinho de cabelos pretos, como os do pai na juventude, veio correndo me abraçar as pernas. Pietro olhou para cima, sorrindo enquanto me encarava.

— Padrinho! — ele exclamou, feliz.

— Olá para você também. — Sem muita habilidade, parei com a mão no ar antes de decidir o que fazer. Toquei a cabeça dele e baguncei os fios lisos, como faria com um bom cachorro, e fiquei ligeiramente aliviado quando Delfina o pegou no colo.

— Venha, estávamos esperando pelo senhor.

Com o filho no colo, cantarolando algo para o garotinho que não tirava os olhos de mim, segui Delfina pelo corredor de paredes escuras e chão claro, até a sala de jantar.

A mesa posta contava com três lugares.

— Lorenzo está finalizando uma ligação no escritório e já vem — Delfina avisou, quando viu meu incômodo por não o ver. — Como vai Elizabeth?

— Bem. Seria bom ela ter uma amiga na cidade, quem sabe você não possa visitá-la?

— Adoraria. Também não me importaria de tê-la aqui comigo, ela gosta de crianças?

Parei um segundo, analisando a loira com o garotinho no colo e tentei imaginar Elizabeth em seu lugar. Ela gostava de crianças? Eu não sabia dizer, só sabia que, por enquanto, carregava uma minha.

Antes que eu pudesse responder, o som de passos atrás de mim fez com que eu olhasse sobre o ombro e visse Lorenzo vindo pelo corredor.

— Don Luppolo, obrigado por ter vindo.

— Sempre é um prazer — disse, à medida que recebia seu abraço e seus beijos.

— Por favor, sente-se. Delfina, meu amor, por favor, peça para nos servirem — ele pediu para a mulher, conforme ia para o seu lugar na mesa, deixando a cadeira da ponta livre para mim.

— O que ainda faz na cidade, Ferioli? Achei que ia embora — perguntei, ao me sentar.

— E eu ia, mas com a ligação de Delfina, resolvi ficar e trazê-la. Nova Iorque é o berço da Dark Hand e...

— E? — Encarei-o e vi que Lorenzo encarava sua esposa. Segui seu olhar e a encontrei sorrindo, com os olhos brilhantes.

— Estamos esperando mais uma criança.

Minha expressão continuou a mesma e enquanto Delfina ia para dentro, ver a cozinha, me dirigi ao seu marido.

— Você se sente seguro para ter uma criança agora?

— Eu só estava esperando as coisas normalizarem. Na verdade, talvez isso tenha acontecido um pouco antes... Quando encontrei Delfina no casamento da sua irmã. Essa criança é fruto da minha comemoração por sentir que minha família finalmente está a salvo.

— Hm. — Ri, de forma anasalada. — Se um caga fralda te faz tão feliz assim... Não me vejo pai. Crianças só dão dor de cabeça e você perde a atenção da sua mulher.

— É só porque você ainda não teve a experiência. Amo minha mulher, e amo vê-la reproduzindo uma vida que criamos juntos. Espero que o senhor não conheça o peso de perder uma família que se forma, perder a minha antes de ver o rosto do meu primogênito quase levou minha sanidade, mas Delfina me devolveu a vontade de viver. Saber que fomos abençoados mais uma vez com algo tão nosso, me dá esperança de dias melhores.

Fiquei em silêncio, pensando naquilo.

De fato, não sabia e esperava não saber, porém, meu primogênito seria um bastardo e eu precisava pensar em como articular aquilo. Manter o segredo ainda era a melhor forma.

— E agora que tudo foi resolvido e não tenho mais uma pedra no lugar do travesseiro, preciso perguntar. Por que levamos tanto tempo? Por que não me deixou vingar minha família antes?

— Castagnari nunca nos deu problemas até fazer o que fez com sua família. Na época, existia um vínculo de amizade entre ele e a Família por causa do meu avô. Ele entregou o homem que atirou em sua esposa e uma boa quantidade de dinheiro, além de outras mercadorias, o que para mim não

eram suficientes, mas, contudo, eu não achava que tivéssemos poder e controle o bastante para lidar com uma retaliação pior. Você se lembra de como estávamos, meses atrás, quando finalmente adentramos no território dele. Como o toque de recolher se deu na cidade e dos pequenos incêndios que precisamos apagar, mas que, por falta de poder por parte deles, não foram piores. Eu não queria arriscar perdas dentro de territórios seguros, nem que um traidor se aproveitasse da ira dos que sobraram para subir no meu pescoço. Seria besteira arriscar nosso negócio por não saber esperar.

— Domando Lorenzo, dissipando qualquer névoa que pudesse estar confundindo seu pensamento, toquei em seu ombro e falei em nossa língua mãe: — *É bom que você esteja prosperando e sua família crescendo sem nenhuma preocupação com esse tipo de gente agora. Nós somos uma família, Lorenzo, sou seu pai, seu irmão e seu filho. Nós cuidamos dos nossos.*

— *Família em primeiro lugar.* — Sua expressão era suave, mas seu olhar profundo.

— Sempre será.

Sabendo que precisava ser o melhor possível para a família que havia estado do meu lado por todo o tempo de confusão, tentei ser o mais agradável que conseguia quando Delfina voltou sem o filho, servindo o

almoço e me surpreendeu com sua insistência ao reafirmar na frente do esposo que queria ser mais próxima de Elizabeth.

Tudo correu bem, e saí da casa de Lorenzo dando felicitações ao casal, prometendo que apadrinharia a criança que estava no ventre de Delfina e que, a qualquer hora, poderíamos fazer algo em casal. Aquela última sugestão me fazia rir. Não imaginava Elizabeth e Delfina sendo amigas, já que o modo em que levavam suas vidas era completamente diferente.

Voltando para o carro tentando imaginar aquela cena, fui surpreendido por Henry me entregando a chave.

— O senhor tem planos para depois daqui?

Encarei o relógio de pulso, vendo que já passava das três da tarde e neguei com a cabeça.

— Por quê?

— Bom, seus pais estão na cidade, e acredito que com o que aconteceu...

Ninguém veria Giovanna. Ninguém.

— Mande Edgar trancar a porta e avisar a toda segurança do prédio que visitas estão proibidas. Onde é que eles estão?

— Sua mãe está no apartamento, seu pai e Frederico foram visitar os Lazzarin.

— Felippo sabia disso? — Meu bom humor havia evaporado.

— Não sei dizer, Don.

— *Cazzo* — xinguei, pegando a chave e me enfiando no carro. — Me siga — avisei Henry, antes de fechar a porta.

Quando é que as pessoas passariam a me respeitar?

CAPÍTULO 12

Eu só quero te abraçar na avenida
Eu só quero dançar com você
happiness is a butterfly, lana del rey

Natasha Le Roux Petrowkij Lazzarin

— *Shhhh...* — chiei, enquanto balançava Rowena nos braços.

Ela havia se assustado com Bowie derrubando um vaso no chão e seu chorinho me fez correr até seu quarto com a toalha enrolada na cabeça, roubando-a do colo da babá, tentando acalmar minha pequena.

— Não tive culpa — a babá tentou dizer, mas eu a confortei.

— Não se preocupe, Bowie está descontando porque essa noite eu o tirei do berço dela uma porção de vezes... Pronto, filha. Foi só um susto...

— O que aconteceu? — Felippo entrou, pegando as últimas notas do chorinho sofrido de Rowena.

— Nada, marido. — Virei-me para encará-lo e vi a preocupação brilhando em seus olhos verdes. Meu coração errou mais uma batida e não

consegui segurar o sorriso.

Parecia que eu nunca me acostumaria com a magia de vê-lo.

Felippo procurou no meu rosto a confirmação de que tudo estava realmente bem e só então relaxou, vindo me abraçar e pousar os lábios sobre os meus.

— Essa toalha é a tentativa de alguma nova moda? — ele perguntou baixinho, me fazendo rir.

— Não, é só a vida de mãe.

— Pois então, me dê *ela* e vá se arrumar. — Sem pedir licença, suas mãos grandes roubaram minha filha dos meus braços e, erguendo-a no ar, o choro se transformou num sorriso ainda banguela.

Rowena com certeza havia herdado o meu amor por Felippo.

Algun tempo depois, estava eu de cabelo seco, calcinha e roupão em frente à minha parte do closet, sem saber o que vestiria para encontrar meu pai.

O pai de verdade, o de sangue.

Desde que eu descobri toda a verdade, junto da convivência com Felippo, assistindo-o ser o melhor pai do mundo para nossa filha, vi não

fazer sentido nenhum continuar chamando Bóris de pai.

Ele nunca nem mesmo tentou ser um.

Mordisquei o lábio inferior e me abracei, olhando meu reflexo, pensando em cada uma das loucuras que cometi para tentar ter um amor que chegava até mim aos poucos, por alguém que nunca imaginei amar.

Leonel se esforçava cada dia mais para estreitar nossos laços.

Eu imaginava que Fiama não aprovava, mas estava feliz demais no momento para me tolher. Era divertido trocar informações do que ele tinha sobre minha mãe e do que haviam me contado, ou vê-lo empolgado me mostrando seus cães, pedindo fotos de Rowena, parecendo feliz por ganhar uma filha e uma neta no pacote, mesmo que ninguém mais pudesse saber.

Eu aguentava manter aquele segredo, uma vez que, depois de tanto tempo, ele me fazia completa.

— No que está pensando?

Felippo me pegou de surpresa.

Virei para encará-lo e o vi encostado com o ombro no batente, com Rowena devorando uma mamadeira em seu colo, me encarando, sério.

— Em como, finalmente, eu tenho tudo o que sempre quis — respondi, desviando os olhos dos seus e voltei a encarar meu reflexo. — E estou meio perdida aqui... O que se deve vestir para encontrar seu pai biológico e

alguém que você já conhece, mas desta vez sabe que é seu irmão? — Ri baixo, nervosa, e senti meu estômago tremer.

— Acho que deve se vestir como se sentir mais confortável, mas se quiser me agradar também, gosto daquele seu vestido com girassóis, Foxy.

A peça de roupa que Felippo falava era certa para o verão. O vestido preto, de alças, tinha um decote raso, com botões até a cintura e era solto, rodado, indo até um pouco abaixo dos joelhos. Nele, alguns girassóis que pareciam pintados à mão se destacavam e era uma boa pedida para o dia de sol quente.

Sorri por vê-lo limpo no armário e o coloquei sobre o corpo.

Era perfeito.

— Obrigada, marido.

Com um sorriso de satisfação nada discreto no rosto, ele se ergueu, ajeitou nossa filha no colo e olhando para ela, me disse numa voz carregada de promessas:

— Eu já volto, não precisa ter pressa para se vestir, porque... — revistando cada milímetro do meu corpo ainda coberto pelo roupão, ele continuou —... você sabe, baby.

E ele saiu, me deixando com um sorriso enorme no rosto.

Foi o tempo de colocar o vestido, as sandálias e o perfume.

Saí do closet ao mesmo tempo em que ele voltou ao quarto e, quando me viu, parou no lugar. De jeans escuros, camisa branca dobrada nas mangas e suas botas pesadas, Felippo parecia um deus com todos aqueles desenhos na pele e no rosto perfeito. Seus olhos verdes brilhavam, seu cabelo loiríssimo estava perfeitamente penteado e sua expressão era a mesma que eu via antes dele me fazer esquecer que havia mais alguma coisa na Terra além de nós dois.

— Marido... — falei baixinho e coloquei as mãos na cintura, prevendo suas reais intenções. — Não há tempo, e quero saber sobre *ele*...

— Hm... Ok. — Avançando na minha direção, Felippo ofereceu sua mão e eu a aceitei, indo junto dele para a varanda.

Parando lado a lado, olhei para a imensidão de prédios à nossa volta e esperei.

— Louis não vai devolver Bóris, Natasha. — Nós dois suspiramos ao mesmo tempo e nos encaramos. — Eu não sei o que aconteceu, e você sabe como eu gostaria de lidar com ele...

— Não diga isto.

Coloquei as mãos sobre as de Felippo, mas ele ignorou e continuou:

— Eu ainda não confio cem por cento nos Luppolo, e eu sei que eles gostariam de nos envolver com a Rússia. Inclusive, se Leonel tentar te convencer de algo, você precisa me dizer... — Sua mão veio ao meu rosto com gentileza e Felippo me puxou para perto. — Se você não quiser essa proximidade, se achar que eles estão se aproveitando, é só me avisar.

— Não, eu não acho que Leonel queira isso... E eu também não quero. Minha casa é aqui, e quero ficar com a minha família em um lugar seguro, não em uma terra onde não me sinto bem-vinda. Isso só me fará ter mais medo e... — Meu tom de voz foi subindo e ficando mais agudo, mas meu marido me abraçou pela cintura e colocou o corpo no meu à medida que me obrigava a olhar em seus olhos.

— Foxy, se acalme. — O cheiro de Felippo invadiu meus pulmões e eu aspirei profundamente. — Não importa quanto poder me ofereçam, nada no mundo é mais importante que o bem da nossa família. — Ele pausou, acariciando meu rosto. — Nada no mundo é mais importante do que você. Se é aqui que você quer ficar, é aqui que ficaremos.

— Promete? — Era um pedido, da parte mais frágil e infantil que existia dentro de mim.

— Meu coração é seu, Foxy. O que mais eu preciso fazer para que você entenda? Eu prometo, Natasha.

Raramente meu nome era dito tão sério por ele, mas ouvi-lo naquele segundo me aqueceu por inteiro e quando dei por mim, estava esticada para alcançar a boca de Felippo antes que ele pudesse se mexer.

Sua resposta foi me erguer do chão e logo minhas costas bateram contra o concreto gelado, à sombra, do lado das portas da varanda.

Meus pés tocaram o chão novamente quando Felippo ergueu o rosto.

Cinco segundos juntos e eu já tinha perdido o controle da minha respiração e do resto do meu corpo. Minha mente só pensava em continuar, em me desfazer nele, em amá-lo ainda mais, mas o conhecendo, esperei, quieta, com a boca entreaberta enquanto vigiava suas ações.

Suas sobrancelhas estavam em linha reta, sua mandíbula parecendo travada, e seus olhos fixos nos meus. Apoiando as mãos espalmadas na parede lado a lado do meu corpo, ele se aproximou, me cheirando feito um animal, mas sem encostar em mim.

Fechei os olhos ao sentir aquela eletricidade que sempre me consumia quando ele chegava perto.

— Ah, Foxy... eu não consigo entender esse seu poder sobre mim.

Sua voz reverberou no meu ouvido direito, tomou minha pele, esquentando meu corpo de imediato, e não pude deixar de sorrir.

— E o que você quer que eu faça, Lev? — Ergui o pescoço e abri os olhos para encará-lo.

Felippo sorriu antes de mergulhar com o rosto na curva do meu pescoço. A ponta de seu nariz deslizou pela minha pele, fazendo meu coração bater mais forte, conforme ele avançava até o lado esquerdo.

— O que eu quero? — ele flertou. — Eu quero você chamando meu nome quando eu te foder. — Lambendo a base do meu pescoço até o pé do ouvido, ele riu baixinho. — Acha que pode fazer isso, raposa? — Seu rosto veio para cima do meu e senti seu hálito contra minha boca. — Acha que pode gritar para a cidade que é minha?

Eu só consegui responder com a cabeça. Minha garganta parecia seca, minha língua pesada, meu ventre completamente em chamas, mesmo que ele ainda não tivesse me tocado.

— Gosto de você vestida assim... me provoca.

Suavemente, a ponta dos dedos de Felippo tocaram as alças do vestido e as baixaram ao mesmo tempo. Ele continuou, forçando o tecido que cobria meus seios para baixo e assim que os liberou, sem tirar os olhos dos meus, se abaixou até estar com a boca na altura do mamilo esquerdo e disse baixinho:

— Sinto falta do seu gosto, o tempo todo, baby. — Com a língua para fora, ele lambeu o ponto entumecido e eu não aguentei.

Fechei os olhos, deitei a cabeça para trás e puxei o ar entre os dentes, segurando as mãos em punho ao lado do corpo por não querer atrapalhá-lo. E ainda bem que me comportei. Felippo seguiu com suas lambidas até que envolveu tudo o que podia em sua boca, sugando de forma esfomeada, massageando meu seio livre com a outra mão.

Sem nenhuma demora, ele me provocou no seu tempo e quando deixou um seio para seguir para o outro, vi minha pele rosada pela pressão, brilhando com sua saliva, rígida de tesão.

Sem aguentar, abracei a cabeça de Felippo, entrelaçando os dedos nos fios loiros, querendo mais daquilo e ele não me decepcionou. Sua mão livre subiu por baixo do vestido e puxou minha calcinha para baixo, sem nenhuma cerimônia. O fundo devia estar úmido, mas não liguei. Era só mais uma prova de como eu sempre o queria.

— Por favor, marido... — Pesei a língua no *r* como ele tanto gostava de ouvir e logo em seguida senti seu dedo me invadindo.

Ele deslizou para dentro tão suavemente que Felippo parou o que fazia e me encarou, não havia um pinga de dúvida em como aquilo acabaria.

Em dois segundos, suas mãos estavam no meu rosto, sua boca quase grudada na minha. Com a voz baixa, quase rouca, ele disse:

— Por que você sempre acaba com os meus planos? Não queria te foder ainda, mas não tenho escolha, Natasha. — Mordendo meu lábio inferior com brutalidade, ele finalizou: — Não resisto a você.

Felippo devorou minha boca com a sua em uma intensidade absurda. Sua língua envolveu a minha cheia de necessidade e eu o retribuí com tudo o que era, com tudo o que tinha, porque era, sem nenhuma dúvida, dele. De cima a baixo, do avesso, como fosse. Tudo meu, em mim, era dele.

— Então... me fode — pedi, na única folga que tive naquele beijo consumidor e, logo em seguida, meu marido abriu as calças e abaixou a cueca.

Ajeitei o vestido para cima e abracei sua cintura com as pernas quando ele me pegou no colo. Seu corpo massacrou o meu contra a parede e antes que eu conseguisse processar a dor nas minhas costas, seu membro grosso me invadiu com urgência.

A primeira estocada sempre era daquele jeito.

Eu quase gritei, ele gemeu contra meu seio e, de repente, eu não sabia mais o que era o quê. Boca, mãos, gemidos, palavrões, pele com pele, suor, tesão.

Éramos nós querendo nos perder um no outro para nunca mais encontrar o caminho de volta.

— Peça — Felippo rosnou, quando sua mão veio na minha garganta e ele empurrou minha cabeça contra a parede, entrando tão fundo que quase perdi o ar.

— Por favor... — consegui responder, num sopro, quando me agarrei em seus ombros com a mesma força que ele massacrava minha bunda. Eu sabia o que ele queria. Felippo passou uma tarde toda me dizendo o quanto ele ficava doido quando eu falava de forma suja com ele. — Me fode com força — pedi tão baixinho, gemendo alto no final quando ele curvou meu corpo para entrar mais fundo e mais rápido que o apertei com tudo dentro de mim.

— Puta que pariu, Foxy. — Ele parou um segundo, todo dentro de mim e implorou: — Se você não relaxar, eu vou gozar. Boceta apertada do caralho.

E eu até tentei ajudá-lo, aliviando a pressão que fazia nele, mas quando Felippo me manteve aberta e começou de novo o vaivém frenético, perdi completamente o controle.

— *Vo imya lyubvi Gospoda!*^[1] Felippo! — eu gritei, mas era tarde demais. O som que saiu da minha boca depois disso foi quase um grito de

tão agudo junto do grunhido que meu marido fazia, e ele me prendeu com tudo contra a parede, esmagando meu corpo com seu peso, enquanto gozava dentro de mim com a mandíbula travada.

Minhas pernas travaram ao redor dele, assim como meus braços e, sem forças, ele escorregou para o chão comigo em seu colo.

— Você. Ainda. Vai. Me. Matar — anunciei, mal conseguindo respirar.

O sorriso no rosto dele ao me ouvir denunciou que Felippo poderia falar o mesmo.

— Eu te amo, Natasha — ele disse, de forma tão leve, tão linda, que não me importaria de ficar ali no chão junto dele por mais uma década.

Felippo era minha família, era o meu amor, e tinha meu coração para sempre.



— Todas as nossas fодas na varanda — ele disse, sem dúvidas.

— Não pode ser. Essas são mesmo as suas favoritas?

— Sem dúvida. — Ele se convenceu fácil demais.

— Precisamos de férias. Nada vai ser como aquilo que fizemos no jet-ski... ou no meu aniversário, na casa da sua mãe.

— Hm, é... Mas gosto da nossa varanda.

— Minhas costas é que não — reclamei, olhando no espelho os novos arranhões. — Não podia, pelo menos, ter me levado para a espreguiçadeira?

— Não. Eu gosto de te foder em pé — ele disse, vindo para perto e me abraçando por trás. — E de quatro, e deitada, e de cabeça para baixo... — conforme ia falando, Felippo beijava meu ombro e nuca, me fazendo rir.

— Pare! — pedi, e bem naquele segundo a campainha tocou, me fazendo ficar como uma estátua no lugar. — São eles?

— Acho que sim. Podemos cancelar e passar o resto do dia na cama...

Ignorei o pensamento de Felippo e, numa ansiedade desconhecida, me desvencilhei dos seus braços e saí pela porta, praticamente correndo.

Passei por Jullie que colocava a mesa e corri pelo corredor, em direção à porta.

Em direção ao meu futuro.

E quando girei a maçaneta e encarei os outros rostos no portal, meus olhos se focaram de imediato no rosto de Frederico, procurando qualquer detalhe que pudéssemos compartilhar.

Por mais estranho que fosse, parecia que ele fazia o mesmo, e quando sorrimos, pegos por aquele pequeno momento esquisito, eu vi.

As covinhas nas bochechas estavam lá, assim como as minhas.

Era real. Muito real. Eu tinha mesmo um outro irmão.

Sem esperar por uma segunda reação dele, avancei e o abracei com força, fechando os olhos para conter toda aquela emoção que vinha e transbordava no meu peito quando os braços de Frederico se apertaram ao meu redor, retribuindo o abraço na mesma intensidade.

Colocar Leonel e Frederico para dentro de casa como minha família foi estranhamente satisfatório. Felippo estava na sala, com Rowena no colo, com o olhar desconfiado, e isso não mudou mesmo diante do meu sorriso.

— Leonel, Frederico — ele os cumprimentou de longe, usando nossa pequena como desculpa para não se aproximar tanto.

— Acredita que você já é tio? — Leonel falou para Frederico, tomando cuidado para ele ver seu rosto e entendi que precisava fazer o mesmo, já que meu irmão não escutava.

— Estava ansioso para vê-la sob essa nova condição — meu irmão completou e se aproximou de Rowena que estava adormecida no colo do pai.

Andei até o lado de Felippo, ficando de frente para Frederico e falei:

— Eu também. Ela é a coisinha mais preciosa deste mundo.

Dados os cumprimentos, o almoço foi servido e Felippo, querendo me deixar à vontade, deu a desculpa de que levaria Rowena para o quarto e

sumiu, nos deixando a sós.

— Me desculpe, eu não sei se falo muito rápido ou se meu sotaque pode atrapalhar, de alguma forma, para que você me entenda. — Tentei ser o mais clara possível e relaxei com o meio-sorriso de Frederico ao meu lado, ainda mais quando ele tocou minha mão.

— Não se preocupe, eu entendo perfeitamente bem. Foi Louis quem me ensinou a ler lábios, e meu irmão foi um ótimo professor.

— Não é desconfortável? Se você quiser, posso aprender língua de sinais — ofereci, pensando ser a melhor estratégia.

— Só se torna desconfortável se a pessoa cobre a boca, ou fala muito rápido. De resto, eu até prefiro que seja assim. Louis, mamãe e papai veem minha deficiência como um alvo... Então, quanto menos sinais eu der...

— Menor a chance de alguém tentar machucá-lo. A segurança de Frederico é nossa prioridade número um, você deve entender agora que é mãe.

E, de fato, eu entendia. Não colocava os pés para fora de casa com Rowena se não fosse com um batalhão de soldados.

— Não deve ser fácil...

— Não é, mas eu não sou um coitado. Minha vida não gira em torno disso, além da supervisão exagerada. Mas, em breve, vou resolver isso. —

Frederico suspirou pesado, parecendo realmente cansado daquilo e eu entendi que, apesar daquele obstáculo, ele era uma pessoa, e ninguém quer viver a vida à sombra de uma limitação. Não era porque ele não ouvia que isso o impedia de viver e ter suas experiências.

— Tem cura? — Fiquei atenta, realmente interessada.

— Há uma tentativa. Um implante coclear.

— Não sei o que é... — Um pouco constrangida, mordisquei a ponta da língua, mas isso não o impediu de me explicar.

— É uma cirurgia na qual vão inserir um dispositivo no meu ouvido, e um ímã atrás da orelha, por baixo do couro cabeludo. O processo é cansativo e eu visitei muitos médicos, antes de encontrar um em que sentisse confiança... Não é certeza de que eu vá ouvir como vocês, mas talvez, consiga algo. E aí — ele olhou para Leonel —, meus pais vão poder me dar uma folga.

— Claro... — Leonel nem deu atenção ao que Frederico falava, e a sensação de falta de fé com a cirurgia que meu irmão estava tão empolgado me pegou.

— Eu espero que dê certo e, se quiser, ou precisar, pode contar comigo para ir ao médico ou na recuperação da cirurgia. Minha casa está aberta, não só para isso, mas para dar uma fugidinha de vez em quando... —

Meu olhar divertido voltou a trazer leveza para a conversa. — Sei como é tedioso ser vigiado vinte e quatro horas por dia.

— Você também? — Leonel brincou comigo, mas o filho o ignorou.

— Seria muito bom, já que meus pais largaram a mão de Giovanna e se voltaram completamente para mim. Principalmente, mamãe.

— E por falar em Fiama, ela não acha ruim que vocês tenham vindo me ver?

— Ela não gosta, mas... — Meu irmão foi interrompido por nosso pai.

— Mas ela não tem que gostar. Você tem meu sangue, é minha filha tanto quanto os que ela me deu.

O clima ficou um pouquinho pesado, mas ignorando isso, Leonel tirou do paletó um envelope e se juntou um pouco mais a mim, arrastando a cadeira.

— Mudando de assunto, acho que lhe devia isso. São mais fotos de sua mãe, no verão em que...

— Em que eu fui produzida. — Tentei brincar enquanto meus dedos pareciam meio duros para mexer no papel.

— É... Ela era linda, tanto quanto você. — A saudade na voz de Leonel me surpreendeu.

— E... — Pensei em engolir a pergunta, mas ele continuou atento, me encorajando a terminá-la. — Você realmente a amou, não é? — confirmei, mais uma vez, o que já havia perguntado antes.

— Amei. — Era uma resposta curta e grossa, que envolvia muito mais do que ele ou ela, porém, me bastava.

Eu era fruto de um amor proibido, e tudo bem. Olhando meu histórico, fazia sentido.

Olhei cada uma das fotos por vários minutos em silêncio e ouvi quando Frederico perguntou sobre Giovanna.

— Falaremos disso depois daqui — o pai o cortou, mas me intrometi no assunto que não era meu, largando as fotos sobre a mesa.

— Não, por favor. Sei que eu e Giovanna não somos as melhores amigas, mas eu não sou mais a mesma. Quero recomeçar, se puder. Sei que as coisas não estão fáceis, mas... Ela é minha irmã, não é? Se houver qualquer coisa que eu possa fazer, quero ajudar.

— É muita gentileza sua, mas infelizmente as ações dela... — A frase de Leonel morreu no meio, quando o interfone tocou.

Todos nós olhamos para Jullie, esperando.

— O que foi? — Felippo perguntou, da escada.

— É o senhor Luppolo. Está subindo — nossa governanta anunciou.

— Ah, porra. — Ouvi meu pai xingar baixo e engoli a seco tudo o que queria dizer.

— Ok, esse não era o encontro de família que eu esperava — Frederico completou, mas secretamente, segurou minha mão sob a mesa.

Aquele, com certeza, seria um começo interessante.

CAPÍTULO 13

Aqui estamos no coração da escuridão
Heart of the Darkness, Sam Tinnesz

Louis Luppolo

— Olá, pai, irmão e... irmã — falei, olhando cada um deles depois de descer os pequenos degraus que desembocavam na sala. O tom sarcástico pesou na minha voz e percebi o incômodo deles com minha presença. — Que tipo de reunião familiar é essa que não convidam o primogênito?

Rude, avancei para beijar as faces de meu pai e de Natasha. Frederico foi o único que não recebeu minha parcela de raiva. Com certeza, era um plano de Leonel aquela reunião familiar cheia de segundas intenções.

— Nada que não pudesse ser corrigido com seus olhos por toda a cidade, não? — Felippo devolveu, se aproximando com a criança no colo.

Perdi meio segundo encarando a garotinha de cabelos ruivos. Seus olhos claros me fitaram, curiosa, mas não lhe dei atenção alguma.

— Melhor confiar neles do que em meu próprio conselheiro. — Dei de ombros e voltei para me sentar na poltrona, vendo que os outros tomavam aquele ato como permissão para se sentarem no sofá maior.

— No caso, seu conselheiro está da porta para fora. Aqui está o marido dela, seu cunhado... — A palavra passando pela boca de Felippo me fez rir, ainda mais vendo-o se aproximar de Natasha e tocar-lhe o ombro.

A cumplicidade deles era um bônus o qual eu não esperava.

— Bom, não podemos dizer que seu objetivo de fazer parte da família tenha sido em vão, não é mesmo? — A provocação não passou despercebida e pude notar as veias do braço de Felippo aparecendo junto da expressão sombria no rosto de Natasha. — Relaxem, estou brincando... Vocês não têm a mínima graça — reclamei, mexendo em minha gravata cinza-escuro. — Eu precisava ver Natasha, e você, pai. — Ignorei Felippo e me dirigi a Leonel. — O que faz aqui?

— Não é óbvio? Estou estreitando laços com minha filha. — A expressão filha da puta de dissimulação dele me fez soltar um riso anasalado, conforme me balançava de um lado para o outro.

— Ah, claro. A paternidade é algo em que você é um exemplo, não é mesmo? Não tente me fazer de idiota, Leonel. Por que é que você veio, com Fiama e Frederico, sem me avisar?

Suspirando profundamente, meu pai se ajeitou na beira do sofá, colocou as mãos uma sobre a outra com as palmas viradas para cima e ponderou, enquanto olhava para os próprios sapatos se deveria entrar naquela briga comigo.

— Vim pelo futuro das minhas filhas.

— Natasha está bem. Seu marido tem o futuro deles nas mãos se quiser, porém, a Rússia não é mais um problema, mesmo que todo o conselho não pense assim... Ela ficará a salvo, aqui, se assim desejar. — Apoiei os braços na poltrona e juntei as pontas dos dedos, encarando os rostos ali.

Felippo era o único que não conseguia ler direito, mas Natasha pareceu aliviada ao me ouvir e meu pai entregava em suas sobrancelhas erguidas que estava descrente da minha afirmação.

Eu não conseguia ter nenhuma vírgula de sentimento por Natasha. Não depois de tudo o que vivemos antes daquela descoberta, porém, eu não a odiava mais. Ela era um bom fantoche, e agora era família. E eu precisava manter meu sangue seguro.

— E posso saber como a Rússia não é mais um problema? — Leonel perguntou, depois de alguns segundos.

— Não. — Sorri sem mostrar os dentes ao respondê-lo e vi a frustração em seus olhos.

— E quanto à sua outra irmã? — Leonel forçou.

— O que tem Giovanna? — Desviei o olhar do dele, encarando Frederico que parecia medir sua expressão para que eu não o lesse também.

— Seu irmão ligou...

— Ah, eu sei que ligou. Matteo realmente acha que eu não vou puni-lo... — Dei um meio-sorriso. — Giovanna estava no território dele, ele contou isso também?

— Você a encontrou, então? — Felippo parecia surpreso.

— Encontrei — confirmei. E não era um problema abrir o jogo agora que ela estava sob o meu teto, mas antes que pudesse fazer, a criança começou a se remexer no colo do pai, parecendo incomodada.

Antes que eu percebesse, Felippo estava ao meu lado e notei que havia um carrinho de bebê próximo a mim.

— Segure *ela* um instante. — Parecia que ele fazia isso de propósito.

Antes que eu pudesse recusar, ele me passou a caga fraldas.

Segurei-a como se fosse um saco de arroz, vendo as mãos e os pés remexendo enquanto a boca sem dentes continuava com os grunhidos e o meio choro que com certeza era falso.

Era claro que todos os participantes da conversa anterior estavam me observando, e que achavam graça naquilo, ou então a mãe teria tirado aquela coisinha irritante do meu colo.

— Pronto, coloque-a aqui — Felippo pediu, segurando o carrinho livre na minha frente.

Ergui a criança um pouco acima da minha cabeça, querendo que aquele momento de tensão passasse logo e, antes de soltá-la, ouvi o barulho de gases dentro dela e, de repente, ela arrotou bem na minha cara.

Eu a largaria, mas o pai foi mais rápido e a pegou de mim.

— Obrigado, ela acabou uma mamadeira pouco antes de você chegar.

Minha expressão de nojo deve ter sido algo marcante, já que Frederico e Natasha se encaravam, tentando conter o riso.

— Como vemos, a paternidade não é para mim, assim como não era para o papai aqui. — Indiquei Leonel com a cabeça e movi a mão no ar, querendo que o cheiro de leite azedo sumisse logo.

— Sobre Giovanna... — Meu pai tentou de novo. — Sei que você mantém Zola na sede.

— O quê? Você o quer? Posso providenciar um momento a sós... — E então, ele me interrompeu.

— Não. Zola é como um filho. Eu o quero livre. — E nessa hora, eu gargalhei.

— Não há possibilidade de isso acontecer agora. Você é pai dela, e tem direitos como os meus, mas sou eu que decido o destino de Zola e Giovanna.

— Ela é sua irmã, Louis. Tanto quanto eu. — Frederico se meteu pela primeira vez. Sua voz era firme, num volume controlado, claramente querendo me puxar as rédeas.

— Eu sei.

— E por isso, nos conte, onde está Giovanna e o que você fez a ela?

Respirei fundo, coçando a testa e passando a língua de um canino a outro duas vezes, antes de responder o meu irmão.

— Giovanna está sã e salva, muito bem cuidada, em meu apartamento. Está em seu antigo quarto, isolada enquanto não se acalma.

— E Zola? Vai adiantar de algo papai interferir para que ele seja salvo? Ele é como um irmão... — Enquanto o caçula dos Luppolo tentava argumentar comigo, meu telefone tocou.

O visor brilhou com o nome de Matteo.

— Está atrasado para a reunião familiar — eu o cumprimentei, colocando a ligação no viva-voz.

— Reunião? Onde você está?

— No apartamento de Felippo, por quê?

— Ótimo, ele está ouvindo?

— Estou aqui, junto do seu pai, Frederico e Natasha. O que há? — o consigliere falou por si.

— Bom, não há forma de esconder isso por muito tempo, de qualquer forma. — E soltando um suspiro pesado, ele anunciou: — Matteucci está morto. O fodido se matou, pelo menos, é o que parece. Seria bom vocês virem.

— Puta que pariu — Felippo soprou e eu xinguei junto.

— Estamos a caminho. — Apertei o botão vermelho do celular e encarei os homens presentes, não estendendo ao meu irmão. — Vocês vêm?



O quarto de luz vermelha tinha um ventilador rodando devagar no teto. Aquilo e nada era a mesma merda, visto que o cheiro do sangue me atingiu em cheio antes de atravessar o portal. Assim que o fiz, tive a visão privilegiada do que Matteo escondia com o corpo por eu ser mais alto que ele.

Luca escorado na parede, ao lado de uma poltrona. Pernas abertas e esticadas, o corpo meio caído para o lado. Com a arma na mão, a cabeça estourada e sangue em todo canto.

— *Cazzo...* — Ouvi Felippo xingar ao meu lado, e vi meu pai se adiantar, abaixando-se ao lado do corpo, colocando a mão no ombro do cadáver sem rosto que um dia foi Luca Matteucci.

— A garota que o encontrou está presa em uma sala lá em cima, mas conta a mesma história repetidas vezes. Que o chefe pediu uma garrafa especial e para ficar sozinho. O som do tiro veio quando ela já estava há pelo menos meia hora no andar de baixo.

— Como ela ouviu, se tudo aqui tem isolamento? — perguntei, sem tirar os olhos do corpo.

— A porta estava aberta quando ela chegou.

— As câmeras pegaram alguma coisa?

— Luca mandou tirar as do escritório há pouco tempo, sem eu saber. Não temos nenhum material que indique invasão. E a cena é meio clara para mim...

— Não faz sentido. Luca nunca teria tirado a própria vida — meu pai comentou baixo.

— Nos últimos tempos, ele não estava bem. Tire a honra de um homem e não lhe sobra mais nada. — Matteo tentou consolar Leonel e pousou a mão em seu ombro.

— Honra? — Quase ri no meio daquela tragédia, mas meu irmão não pareceu notar a suave ironia em minha voz.

— Acho que ele não suportou perder os filhos. — E me encarando sobre o ombro, me fitando com os olhos claros, Matteo completou: — Acho que mesmo que tenham nos ensinado a sermos pequenos monstros, ainda há humanidade dentro de nós.

Tapei a boca, escondendo meu riso. Luca não merecia meu desprezo, era um bom homem.

— O que faremos? — Felippo sussurrou ao meu lado. — Avisamos os outros?

— Assim que meu pai e meu irmão se recomporem, limparemos a bagunça. Vamos levar o corpo para casa, reúna toda a Família para o velório... — Pensei por um minuto e continuei: — E não contem sobre o suicídio. Isso mancharia ainda mais o nome de Matteucci e, de alguma forma, devemos isso a ele. Digam que foi uma execução e toquem o terror nas ruas. Alguns carros e parte do comércio queimados não farão mal a ninguém.

— E a filha?

Soltei um suspiro alto, coçando a testa.

— Vou ligar para Alexander. E se não precisam mais de mim aqui...

Dei as costas com a cabeça fervendo.

Quem comandaria a The Hell? Quem cuidaria da parte mais rentável e trabalhosa da Família? Nenhum nome confiável vinha à mente no trajeto para o hotel.

Tudo o que eu via era o corpo de Luca Matteucci, arruinado sob a luz vermelha, mostrando que o final de um homem grandioso pode ser ridiculamente pequeno.

Aquela informação ardeu na minha mente. Eu nunca me mataria. Nunca.

Gostava demais da vida que tinha para fazer algo do tipo, mas caso eu morresse, não gostaria que fosse tão insignificante.

Sem pensar, o celular na minha mão já discava o número da única pessoa a qual eu tinha alguma dependência, e quando a voz dela soou contra meu ouvido, senti o peso nos ombros se aliviar.

— Onde você está? Louis, pelo amor de Deus, você não pode sumir desse jeito. Tem ideia de como fiquei preocupada com a mensagem de

Edgar? — Foi inevitável segurar a satisfação de vê-la angustiada por minha causa.

— *Bambina*, não há motivo para tal aflição — falei, com a maior serenidade que pude.

— Não? Edgar chegar aqui e dizer que você precisou viajar de última hora quase explodiu minha cabeça! — O pequeno furacão devia estar andando de um lado para o outro dentro do quarto. Imaginar a situação me fez esquecer de onde estava. — Você está bem? Quando volta?

— Eu estou bem. Volto amanhã, provavelmente. Preciso acertar algumas coisas por aqui...

— Aí, por acaso, seria seu novo lugar favorito? — Seu tom era quase ciumento.

— Está com ciúme de um pedaço de terra? — Meu tom divertido só a deixou pior.

— Ciúme? Se preserva, homem.

— Lizzie, Lizzie... — repeti seu apelido com um gosto doce na boca.

— Só vim até aqui porque estamos em estado de alerta.

— Alerta?

— Luca Matteucci foi morto. — Não especifiquei como.

— Ai, porra... — O choque dela era palpável junto do silêncio que se seguiu.

— Estou resolvendo as coisas como posso por aqui — continuei.

— Então, por favor, não demore. Se isso aconteceu com ele... — Entendi aonde ela queria chegar.

— Não vai acontecer comigo.

— Tem certeza disso?

— *Bambina*, não acho que o demônio queira competição no inferno. Não tão cedo. — Sorrindo, me despedi dela. — Te ligo mais tarde.

Era divertido deixar Elizabeth naquele estado de alerta.

A necessidade de tê-la me amando, com o tempo, se tornou uma motivação diária.

Eu precisava desesperadamente dela daquela forma, e sabia que havia colocado a mão na base da árvore onde seu sentimento por mim crescia sacudindo tudo.

O medo de me perder faria com que ela me engolisse quando me visse, e eu estava ansioso por isso.



A chegada ao hotel foi rápida, e a primeira coisa que fiz quando me encontrei sozinho foi ligar para Alek. Não demorou até que ele atendesse.

— Louis Luppolo — ele me cumprimentou.

— Alexander Schevisbiski — o imitei. — Como vai?

— Bem, e você?

— Poderia estar melhor. — Desabotoei o terno e me ajeitei sobre a poltrona depois de colocar a ligação no viva-voz. — Preciso te atualizar de algumas coisas importantes. A primeira delas é que, infelizmente, o pai de Giordana acabou de falecer. Não sei se é uma boa hora para trazê-la, mas seria de bom tom avisá-la. Em honra à Família, arcarei com os custos todos do enterro. — Ouvi-o xingar em sua língua mãe, mas o ignorei e continuei: — E, para sorte de todos, encontrei minha irmã. Giovanna está de volta, e pelo que ela se tornou, acabei descobrindo algo que você talvez não goste, meu amigo.

— E o que seria? — ele disse, depois de se livrar do ar dos pulmões de forma dramática.

— Que a dívida da sua família com a minha é eterna.

CAPÍTULO 14

Você não é meu dono
Eu não sou um dos seus brinquedinhos
you don't own me, saygrace

Elizabeth Fabbri

Tudo aconteceu tão rápido, que eu não sabia direito como havia tido coragem.

Depois da ligação de Louis, meu coração ficou aflito e a única solução foi cair de cabeça no trabalho. Foi naquela noite, tarde dela, que o e-mail chegou.

O endereço era estranho, mas o assunto FUGA me chamou atenção.

“Querida Lizzie, aqui quem fala é seu irmão mais novo, Frederico.

Sei que Giovanna está aí, sei que Zola está preso. Dê um jeito de tirar Giovanna daí e desça, estou esperando por vocês, vamos resgatá-lo também.

Apague este e-mail.”

A chance de aquilo dar errado era enorme.

Porém, conhecendo Frederico, se ele estava colocando o próprio pescoço em risco, com certeza era porque não havia qualquer outra opção.

Acreditando que era o certo a fazer, troquei de roupa, vestindo um conjunto de moletom confortável e tênis bons de corrida. Olhando em volta, sabendo que não havia nada que eu pudesse levar dali, fechei a porta do quarto e desci.

O mais silenciosamente possível, desci as escadas e fui até a porta dela.

Dei três batidas e, introduzindo o rosto colado à porta, chamei baixinho:

— Giovanna?

— Lizzie? — O tom aflito e o barulho que se seguiu, dedurava que ela havia me imitado e estava grudada do outro lado da porta.

— Sou eu — confessei, com o coração disparado, num sorriso tímido.

— *Per Dio*, vou chorar! Como senti sua falta! Como você está? E você realmente está grávida? — ela falou mais alto.

— Giovanna, fale baixo! Eu estou bem, quanto à gravidez... — Coloquei a mão sobre o ventre e reconsiderarei. — Estou. Mas é segredo, não conte a ninguém.

— Eu preciso sair daqui!

— E você vai. Me escute, Frederico está lá embaixo, esperando por nós. Preciso tirar Edgar do caminho e abrir sua porta...

Ela ficou em silêncio comigo e, de repente, animada, falou:

— Já sei! Se esconda, não deixe ele te ver. Apesar de idoso, ele é esperto. Vou chamá-lo, dizer que estou com fome. Ele nunca me deixa passar fome.

— Edgar é um bom homem... — O carinho na minha voz entregava que machucá-lo não me deixava nada feliz.

— Eu sei, eu sei. Mas você precisa fazer algo. Quando ele entrar com a bandeja na mão, acerte-o com algo na cabeça. É nossa única chance.

— Certo...

Levou pouco tempo até que Giovanna começasse com seu show. O som dela esmurrando a porta e implorando por comida ecoou no apartamento e, me escondendo no escuro, atrás de uma coluna, esperei.

Não demorou para a figura do homem idoso aparecer na ponta do corredor.

Eu me abaixei e continuei quieta, encoberta pela falta de luz.

— Senhorita, o que precisa?

E no maior teatro, ouvi a voz chorosa de Giovanna.

— Ah, Edgar, por favor. Estou com tanta fome! Não há nada para fazer aqui dentro.

— O que a senhorita gostaria de comer? O patrão não está...

— Estou com vontade de comer doce. Você tem mais algum pedaço daquele bolo que me serviu ontem?

— Verei o que posso fazer, mas, por favor, não faça mais tanto barulho.

— Você é maravilhoso, Edgar!

Pude ver a sombra do sorriso no rosto do mordomo quando ele saiu e engoli a seco o pensamento de como seria para ele lidar com Louis depois de tudo aquilo.

Meu namorado mafioso dos infernos acabaria com a raça de seu empregado.

Em menos de dez minutos, lá estava Edgar com a bandeja recheada na mão. Ele a apoiou contra a cintura e eu o vi tirar a chave do bolso. Encaixando-a na fechadura, girou e a porta se abriu. Ele deu os dois primeiros passos e chamou.

— Menina? — O carinho em sua voz para com Giovanna mais me deu coragem do que me parou. Se ele a amava como parecia, ia querer a garota livre.

Então, silenciosamente, peguei o vaso em cima do aparador e segui atrás dele.

Edgar parecia deslumbrado demais com Giovanna, e eu não pude ver o que ela fazia, só ergui o objeto acima da cabeça dele e o acertei com toda a força que tinha.

O corpo do idoso caiu junto aos cacos do vaso.

— Ai, merda! Ele está vivo? — Giovanna se arrastou de gatinhas no chão para conferir se Edgar estava bem.

— Eu acho que sim! Veja se ele está respirando.

Com a mão em frente ao rosto dele, ela confirmou com a cabeça.

— Vamos arrastá-lo para a cama. Edgar não merece nada disso.

E obedecendo a garota loira que parecia muito mais firme do que em qualquer outro estágio de sua vida, pegamos o mordomo com cuidado e o

colocamos sobre a cama dela.

Paramos as duas, eu com as mãos sobre os joelhos e ela apoiando a coluna e então, devagar, nossos olhos deixaram Edgar e nós focamos uma na outra.

Em três meses, Giovanna havia ganhado o corpo de volta. Seu rosto, apesar de machucado, ainda tinha a doçura e a beleza de sempre, porém, seus olhos verdes vibravam. Ela estava viva, mais do que nunca, e dessa vez não havia manto nenhum cobrindo-a da realidade.

Seu sorriso surgiu quando ela também me analisou e assim que ergui o corpo, ela veio na minha direção. Mais magra e mais alta do que eu, do alto dos seus 1,77, Giovanna se jogou contra mim e me abraçou como se tentasse me fundir a si.

Eu a imitei, fechando os olhos, querendo chorar por finalmente tê-la ali.

A garotinha da máfia havia crescido. Ela era agora uma mulher, com um passado tão feio quanto o meu, mas inteira. Muito mais do que eu.

Demorou mais do que um minuto para que pudéssemos falar mais alguma coisa, mas assim que ela o fez, limpando o rosto das lágrimas de emoção, disse, com um sorriso no rosto:

— De tudo aqui, você foi o que mais senti falta. Me perdoe por todas as vezes em que te tirei do sério, Lizzie. Se soubesse como te amo...

— Eu sei. Te amo igual, ou mais. Acho que mais — confessei, num sorriso, precisando limpar a garganta antes de falar.

— Certo. — Ela se afastou e olhou em volta. — Agora, precisamos sair antes que ele acorde.

E dito isto, seguimos para a porta da frente, como fugitivas que éramos, com medo de sermos pegas, mas com o coração batendo com força, martelando em nossos ouvidos que era isso que precisávamos fazer. Reforçando a cada mísera batida que aquilo era o certo.

Quando o elevador abriu as portas no térreo, ninguém nos parou.

E como um convite feito por Deus, cruzamos o portão de ferro de mãos dadas e atravessamos a rua ao encontro de um Frederico Luppolo de olhos verdes aflitos dentro de seu sedã preto. Atravessamos a rua o mais rápido possível e eu me joguei no banco traseiro, enquanto Giovanna ocupou o banco ao lado do irmão.

Ninguém falou um A. Frederico saiu da porta do prédio e dirigiu rapidamente por algumas ruas aleatórias, até que, na hora que teve certeza de que ninguém nos seguia, estacionou na primeira vaga que viu, desligou o carro e se jogou contra a irmã.

Era um abraço desesperado, cheio de saudade, de preocupação, de amor.

Um amor sublime, de uma fraternidade que nunca pensei ver.

Frederico chorava.

Giovanna chorava.

E nenhum deles disse nada. Não precisava ser dito.

O desespero dele de não ver nunca mais sua irmã era visível, e eu tinha certeza de que ele era de quem ela mais sentia falta.

Senti-me uma intrusa por presenciar tanta intimidade, mas fiquei quietinha no banco de trás, segurando a emoção na garganta dolorida.

Quando eles finalmente encararam um ao outro, sorriram. Ele limpou o rosto dela e ela fez o mesmo com ele.

— Senti sua falta, caçula — ela disse, num sopro baixo.

Frederico lia seus lábios com a maior atenção do mundo e quando entendeu, abriu um largo sorriso.

— Não mais do que eu.

E então os dois engataram uma conversa em italiano, na qual eu fiquei de fora.

Levou minimamente meia hora o diálogo dos irmãos e ele acabou quando me incluíram no assunto.

— Nós vamos salvar Zola — ela afirmou.

— Lizzie, você vem? — Era Frederico quem perguntava, me olhando cheio de dúvidas.

— Espere. — Respirei fundo. — O que precisamos fazer?

— Basicamente? Invadir a sede da Dark Hand. Meu marido está preso e eu vou libertá-lo.

— E depois vamos para onde?

— Natasha vai nos esconder até que seja seguro sair. Ninguém vai desconfiar dela.

Opa, o que eu havia perdido?

— Natasha? — perguntei para Frederico, num tom surpreso. — Ela...

— Ela é nossa irmã. Ela vai cuidar da gente. — A fala do garoto não abria nenhuma discussão e enxerguei ali o motivo dele carregar o sobrenome.

Ninguém batia de frente com um Luppolo.

Eu poderia negar, pedir para me largarem em qualquer ponto seguro onde os soldados de Louis me encontrariam, mas, se havia alguém naquele

maldito mundo que eu devia minha vida, esse alguém era Zola.

Zola era meu melhor amigo e deixá-lo para trás não era uma opção.

— Ok. Me diga o que fazer — falei, depois de alguns segundos e um suspiro profundo atrás de coragem.

Mostrando pistolas de choque, Frederico explicou que aquilo não mataria ninguém, mas poderia desmaiar, dependendo da potência.

— Ok, potência no máximo, então. — Giovanna concordou comigo. — E depois?

— Louis está longe. Tem pouca gente na sede e eu vou entrar dizendo que tenho ordens diretas do meu irmão e do meu pai para que Giovanna fique na sede também. Você pode vir atrás, tentando fazer com que eu mude de ideia. Isso vai ser ótimo para que acreditem.

— Certo — concordei. Eu era ótima em fazer escândalo.

— Lá embaixo vai ser mais fácil soltar Zola, mas na hora de sair... — Frederico comentou.

— Sair pode ser um problema — soltei baixinho.

— Não. Não vai ser problema nenhum — Giovanna disse, cheia de convicção. — Fred, me dê sua arma.

O irmão demorou meio segundo para tirar a cara de descrença e dar à loira o que ela pedia e quando ela ajeitou o pente na arma, meu coração quase saiu pela boca.

— Você sabe mexer nisso? — perguntei, surpresa.

Ela riu, moveu o rosto para o lado por um segundo, parecendo satisfeita com a minha reação e respondeu:

— Meu marido me ensinou uma coisinha ou duas nesses meses. Vamos?

E com cada um de nós com as armas de choque sob as roupas, Frederico partiu, fazendo os pneus do seu sedã cantarem no chão molhado da cidade.

CAPÍTULO 15

Você deveria me ver usando uma coroa
Eu vou mandar nessa cidade de nada
Veja-me fazê-los se curvar
Um por um
you should see me in a crown, ODC

Giovanna Luppolo Agliardi

Quantas eras separavam quem eu fui de quem eu era agora? Eu não acreditava que aqueles míseros três meses longe fossem o bastante para que conseguisse explicar tudo o que havia mudado dentro de mim, mas de todas as coisas as quais eu tinha consciência, uma delas seria imutável, eterna e feroz: o meu amor por Zola.

Ele estava lá quando mais ninguém estava. Me descobriu, me pegou no colo, cuidou das minhas feridas e me fez forte, então o mínimo que eu podia fazer era, dia e noite, pensar em como poderia salvá-lo também.

Meu protetor, meu amor, meu melhor amigo, meu marido. Todas aquelas facetas faziam com que meu coração, só de saber estar mais perto

dele, disparasse.

Eu daria facilmente a minha vida no lugar da sua e, uma vez que aquilo não era possível, arriscaria tudo em troca da sua liberdade. Por isso, quando o carro de Frederico parou na vaga livre em frente ao prédio que eu visitei pouquíssimas vezes na vida, eu fui a primeira a pular para fora do carro.

O soldado na porta parecia distraído, mas assim que me viu, recobrou a pose e pensou em avançar na minha direção.

— Nem pense. — A voz de Frederico surgiu ao meu lado e eu vi sua mão vir na direção da minha nuca, me segurando como se eu fosse sua prisioneira. — Meu pai e irmão querem Giovanna aqui. O apartamento de Louis não é mais um lugar seguro.

A firmeza que meu irmão colocou nas palavras junto de seu olhar penetrante o fizeram parar no lugar, mas foi Elizabeth quem corou o momento.

— Frederico, é absurdo que eu precise vir para este lugar de merda. Giovanna também não merece, Louis é louco! — Ela desceu do carro reclamando, bufando e tentando chamar atenção do meu irmão, mas os olhos dele estavam analisando o soldado.

— Precisa de ajuda? — o soldado perguntou, visto que Elizabeth estava perturbando.

— Não se preocupe. Eu não ouço uma palavra do que ela diz. — O sorriso arrogante e zombeteiro de Frederico fez com que o soldado relaxasse.

— Cara de sorte — o homem disse, quando passamos por ele na porta e seguimos para dentro.

Há muito tempo eu não colocava os pés naquele prédio, mas nada havia mudado. O chão de pedra branca, as paredes claras, o lustre no alto.... Ninguém de fora que passasse pela porta imaginaria que ali não era realmente a casa de caridade da Família Luppolo.

Eu conhecia pouco do lugar. Sabia onde ficavam os quartos. Sabia onde ficava a academia, mas conforme Frederico foi me empurrando como uma criminosa para o corredor lateral, meu estômago foi tomado pelos ventos frios e nada gentis da ansiedade.

Dio Santo, salvaci, pedi, quando mais um soldado apareceu à nossa frente.

Enfiei a mão na parte de trás da calça e segurei a arma de choque com firmeza.

Nosso problema piorou no minuto em que reconheci o rosto à minha frente. Aquele não era um soldado qualquer. Aquele desgraçado era Giovanne Ceratto, um dos homens de confiança do meu pai.

— Senhor Luppolo? — Ele olhou confuso para o meu irmão. — O que faz aqui? Seu pai deu ordens para que você e sua mãe não saíssem do apartamento, não?

E eu não sei se foi seu reconhecimento ao meu rosto, ou algo no meu olhar que entregou tudo, mas ele logo soube que havia algo errado.

A coisa toda aconteceu tão rápido que não tive tempo de esperar.

Vi quando a mão dele deslizou para o terno. Para sua arma.

E sem pensar duas vezes, com a arma de choque em minhas mãos, mirei em seu pescoço e atirei.

O choque foi imediato, o som do engasgo do homem foi um pouco agonizante, mas não tirei o dedo do gatilho. Não até ter certeza de que ele seria derrubado.

— Porra! — Elizabeth disse, num grito sussurrado e me olhou, assustada. Achei que ela fosse surtar, mas tudo o que ela disse foi: — Não podemos deixar o corpo no meio do caminho.

Frederico já tinha pensado nisso.

Pegando o homem pelo colarinho, arrastou o corpo pelo piso liso e o enfiou dentro de uma das portas do corredor.

— Não temos mais tempo para teatro. Eu vou na frente — ele disse para nós duas e seguiu rápido pela mesma porta pela qual o soldado do meu

pai tinha surgido.

Fred desceu alguns degraus, olhou em volta e depois voltou a virar para nós.

— Venham — disse, certo, e eu o segui com Elizabeth atrás de mim.

O cheiro dali de baixo era repulsivo, e imaginar que Zola estava preso naquilo fez meu peito doer, porém, não era hora de chorar. Eu poderia fazer isso mais tarde, com os braços em volta do meu homem.

As celas estavam quase vazias. De nove daquele andar, três estavam ocupadas.

Em duas delas as pessoas estavam presas em mesas. Na terceira, ao fim do corredor, um homem estava preso pelos pulsos no teto. Um machucado dele na testa o havia lavado de sangue e ele parecia desmaiado.

Por um segundo, pensei: *não pode ser*, mas quando Frederico voou em direção àquela cela, meus olhos se encheram d'água.

— Zola? Amor, por favor, acorde — quase implorei, com as mãos contra a grade. Em uma delas a arma de Frederico.

Ele não reagiu, mas pelo que vi, ainda respirava.

Suas calças estavam imundas, molhadas e rasgadas. Os braços e o tronco, onde não estava com sangue, estava roxo. E o rosto... o rosto de Zola era uma massa inchada lavada de sangue.

Meu coração se desfez. Minha visão ficou turva por um minuto e eu me senti quase sem forças. Se Zola tivesse morrido por minha causa, eu nunca me perdoaria. Nunca.

Assim que Frederico conseguiu acertar a chave, passei por ele e invadi a cela.

— Amor, por favor, por favor, fale comigo. Por favor, acorde — pedi, tentando apoiar o peso dele com meu corpo, tocando seu rosto, não me importando com seu estado e sim querendo-o vivo.

Frederico e Elizabeth soltaram as mãos de Zola e vieram me ajudar com o peso todo.

Nós o escoramos até o banco de cimento, mesmo assim, ele não respondeu a nada.

A cabeça bateu contra a parede e eu segurei um gritinho.

— Ele está vivo, está respirando — Fred falou e vi que Lizzie se mantinha em silêncio, tão temerosa quanto eu.

— Zola, amor, por favor — implorei, mais uma vez, imaginando o que ele havia passado para chegar àquele estado. — Se Louis foi o culpado por

isso... — disse, entredentes, com raiva, quando apoiei a cabeça de Zola erguida, vendo que um dos seus olhos se esforçava para abrir.

— Não... — Ele tentou falar, mas era tão baixo e fraco que não pude acreditar.

A lágrima rolou quente pelo meu rosto, mas não era de tristeza.

Ele estava vivo.

— Z? — eu o chamei de novo.

— Isso... — Ele respirou mais intensamente e tentou abrir mais os olhos para me enxergar direito. — Estou sonhando? — Ele conseguiu terminar a frase.

— Não, amor. Não está. Eu vim te buscar. — Desesperada para que ele ficasse bem para que voltássemos a sermos nós, longe daquela loucura toda, avancei para beijar-lhe a face em todos os lugares, ignorando o gosto de sangue nos meus lábios ou o cheiro de morte que o rondava.

Zola precisava acreditar que aquilo era real. Ele precisava lutar só mais um pouquinho para que eu pudesse salvá-lo.

— É real. — Ele tentou sorrir e eu sorri de volta. — Seu cheiro, minha menina... — A mão dele se envolveu ao meu cabelo e, finalmente, ele entendeu.

— Sou eu, amor. Sou eu.

Meu coração parecia que ia sair pela boca.

— Precisamos ir — Frederico falou, vendo que ele se recuperava.
Vocês duas ajudem Zola a andar.

E me surpreendendo, ele tirou uma pistola pequena da meia esquerda.

— Acho que agora uma arma de choque não vai fazer diferença... Use com cuidado, não mate ninguém — me recomendou.

Com muito cuidado, Zola usou tudo o que tinha de si e ficou em pé. Um braço apoiado no meu pescoço, o outro em Lizzie. Senti quando ela o abraçou pela cintura, já que seus dedos roçaram em mim e ouvi o gemido de protesto dele.

— Desculpe, Golden Boy. Preciso te tirar daqui e acho que sou a única que pode te aguentar — ela disse baixinho.

Senti-me sortuda por aquela ser a mulher a atormentar o meu irmão.

Lizzie era boa em tudo, e se um dia eu a quis ao lado dele, naquele segundo, entendi que ela merecia mais.

Sair da masmorra foi mais fácil do que pensei, mas assim que passamos com Zola pela porta, o caos foi instaurado.

O som de uma sirene soou alto e, em seguida, em alto-falantes espalhados pela casa, nós ouvimos em uma voz clara. Uma voz que conhecíamos:

— Atenção, temos invasores. Frederico e Giovanna Luppolo, Zola Agliardi e Elizabeth Fabbri precisam ser detidos — Giovanni, recém-acordado, falou por toda a casa e, nesse segundo, meu coração parou.

Minha troca de olhares com meu irmão foi muito clara.

— Corra! — Frederico gritou e nós tentamos nosso melhor.

Ouvi meu irmão disparar algumas vezes pelo corredor, mas ninguém atirava de volta. Perto da porta, vendo uma quantidade sem fim de vultos de terno, vi o soldado que nos deixou entrar. Frederico não atirou nele, mas a cotovelada que meu irmão deu em seu rosto o fez vacilar e sair do caminho.

Estávamos quase lá, mas no último minuto antes de cruzar o portal, Elizabeth caiu e nos levou ao chão junto com ela.

Um homem havia se jogado contra suas pernas e a puxava pelos cabelos.

— Me solte! — ela gritou e tentou bater nele com a mão livre.

Zola não conseguiria fazer nada e nós não tínhamos tempo.

A arma estava na minha mão.

Não haveria perdão para o que eu faria a seguir, mas não tive escolha.

Era ele e a minha chance de viver com Zola.

Por isso, quando fiz como meu marido me ensinou e apertei o gatilho na direção do peito do homem, eu não gritei.

Não consegui tirar os olhos dos rostos em choque, nem da fumaça que saía da ponta da arma. Mesmo assim, minha mente trabalhou a meu favor e quando nos colocamos de pé, com o corpo lá estirado e sangrando como testemunha da nossa loucura, ninguém ficou no caminho.

Meu irmão voou para o banco do motorista. Zola e eu no banco de trás, Lizzie na frente, no carona.

— Merda. — Ouvi Frederico xingando e entendi o motivo, tinha um carro saindo da garagem. Era para nos caçar, e se eles não podiam nos atingir diretamente, o alvo mais fácil seria o carro.

Passei o cinto ao redor da minha cintura e abracei o corpo machucado de Zola, tentando protegê-lo de tudo e enquanto meu irmão corria pela avenida, encarei o homem pelo qual eu colocaria tudo a perder.

— Você veio. — Ele tentou sorrir.

— Por acaso, só príncipes estão autorizados a salvar princesas? — Minha resposta foi acompanhada de um carinho em seu rosto e um beijo em

sua testa. — Eu te amo, Zola. Não existe possibilidade de eu viver longe de você.

Abraçando-o com força, deitei a cabeça dele na curva do meu pescoço e deixei-o quieto, pois parecia que qualquer mínimo esforço doía.

— Despistamos eles? — A voz de Elizabeth me chamou atenção e foi quando me atrevi a olhar para frente.

O som da buzina me atingiu antes do resto.

Meu irmão não a ouvia. Olhava sobre o ombro e pelo retrovisor, tentando ter certeza de que estávamos sozinhos.

Eu só tive tempo de segurar o corpo de Zola com toda a força que tinha, e então, nós batemos em cheio no caminhão.

CAPÍTULO 16

eu continuo gritando por ajuda,

eu não consigo respirar.

alguém me salve desse inferno

preso nessa luta

Tudo o que posso achar é a mim mesmo

Sozinho em minha mente, demônios aparecem

E mais uma vez, os demônios criam vida

when demons come to life, halocene

Louis Luppolo

A vingança de Giovanna sobre mim era essa, fazer com que não houvesse um segundo de paz dentro da minha cabeça. contei alucinadamente desde o segundo em que me ligaram, avisando sobre a armação dela e de Frederico, e só consegui parar em frente ao quarto do hospital onde os dois estavam.

Meus nervos não se acalmaram. Meti a mão na maçaneta e abri a porta com violência. Meus irmãos estavam acordados. Frederico com a perna

imobilizada, Giovanna com um rasgo na lateral na cabeça. Os olhos apreensivos e assustados.

Não me convenceram.

Bati a porta às minhas costas com força, ignorando que o barulho era indevido para o lugar e gritei:

— Seus filhos da puta! O que vocês dois fizeram? — Sacudi a cama hospitalar que Giovanna estava e a vi segurar algo na garganta marcada. — Onde é que vocês esconderam Elizabeth no meio dessa merda toda?

— O-oi? — Giovanna perguntou, suas sobrancelhas franziram. Ela se fez de idiota.

Não suportei mais uma afronta daquelas.

No segundo seguinte, uma das minhas mãos estava em sua garganta, apertando com força, privando-a do ar. Seus olhos verdes se encheram d'água, suas mãos vieram sobre a minha e as unhas afiadas rasgaram minha pele na tentativa de me afastar. Seu corpo se debateu, seu rosto se transformou em uma máscara de medo, mas nada me abalou. Eu não a soltei e repeti, num rosnado bruto:

— Em que caralho de lugar você escondeu Elizabeth?

Giovanna tentou mover a cabeça em negativo e na brecha dos meus dedos em sua garganta, ela ganiu:

— Eu não sei!

— Louis, saia daí! — Ouvi o protesto do meu pai e logo suas mãos estavam em mim.

— Pelo amor de Deus, ele vai matar a própria irmã agora... — A voz de Fiama surgiu nas minhas costas e eu a encarei, ainda não liberando o pescoço de Giovanna.

Ela merecia que eu matasse mais alguém de seu sangue.

Que eu a machucasse de novo e de novo, até ela morrer seca por sua dívida comigo.

— Louis, solte! — Leonel forçou minha mão a se abrir e, vendo que Giovanna realmente ficava sem ar, eu a libertei.

Ela engoliu com força e colocou a mão sobre o próprio pescoço. Em seus olhos havia uma mágoa profunda, que eu julgava ser irreversível. Pouco me importava.

— Eu vou perguntar de novo. Onde você escondeu Elizabeth?

— Eu não sei do que você está falando! — minha irmã gritou, com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Lizzie estava no banco da frente, junto com Frederico. Quando batemos no caminhão, nós apagamos e acordamos aqui.

Se aquilo era verdade, era ainda pior.

Por um segundo, não quis acreditar em Giovanna, já que aquela era a pior opção, mas pensando bem, eles não tinham tido tempo...

— Quer que eu acredite que você não sabe onde ela está?

— Louis — Frederico me chamou a atenção e ergui o rosto para encará-lo. — Ignorei a imagem de minha mãe ao seu lado e ouvi sua voz calma e profunda. — Elizabeth estava no carro com a gente. É verdade.

E então a bola de demolição bateu contra o meu peito.

Ela havia desaparecido feito fumaça.

Minha *bambina* havia se perdido.

— Se isso é verdade... — demorei a processar —... vocês mataram Elizabeth, e eu nunca vou perdôá-los por isso.

— Não... — Giovanna tentou falar, mas minha única reação foi bater em seu rosto.

— Cale a boca! Você acha que conheceu o inferno? Reze para Elizabeth estar realmente morta, porque se aconteceu o que penso que aconteceu, o inferno que você viveu não chega aos pés do que Elizabeth vai passar. A culpa é sua! Eu deveria entrar na sala ao lado e meter uma bala na cabeça daquele soldadinho de bosta.

Ela não me respondeu, só gritou.

— Louis, vamos pensar! — meu pai pediu.

— Pensar? Tenho um soldado morto, três traidores e dois deles são do meu sangue! O que o grande Don Leonel Luppolo faria? — Meu tom cheio de ironia calou meu pai e quando vi que Frederico abriria a boca, fiz questão de que ele entendesse cada palavra que eu falava.

— E você? Você era o único nessa merda de família em que eu ainda confiava.

— Louis, eu amo você, irmão. Amo você e sou fiel às suas decisões sábias, mas o que você escolheu para Giovanna e Zola era desumano, ainda mais sabendo de tudo o que ela passou... Foi Zola quem a salvou, nós só estávamos retribuindo a dívida. Não foi assim que você me ensinou?

Pagar dívidas... Quis rir. E a dívida que aquela família tinha comigo? Onde e quando seria quitada?

— Você é só um moleque. Eu — bati no peito — ia resolver isso mais tarde, mas sem você e ela fazendo essa merda toda e, sinceramente, não me importo de dar uma vida no lugar da que ela arrancou.

— Não! Monstro! Não! — Giovanna tentou levantar para me bater e meu pai a segurou.

A primeira atitude inteligente de Leonel, em anos.

Se Giovanna tentasse encostar em mim, eu acabaria com ela.

Sua atitude impensada e impulsiva havia arrancado a única coisa que já me manteve em órbita. Não havia nenhum cabresto sobre a minha cabeça com Elizabeth longe.

Eu precisava dela, e minha irmã havia feito o favor de entregá-la de mão beijada.

Fechei as mãos em punho, o peito quente, o corpo trêmulo, tamanho o meu ódio, e então, ela coroou a noite.

— Você é um demônio, Louis!

— Essa palavra nunca me ofendeu, sua idiota. — Ela me ignorou.

— Eu sempre te defendi, nunca quis vê-lo dessa forma, mas mamãe tem razão! Você é uma maldição para essa família, desde o dia em que matou o vovô!

Ouvir aquelas palavras fizeram o balde transbordar.

Minha visão ficou escura e só o rosto de Giovanna era visível.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis...

Não havia contagem no mundo que me faria acalmar, então, querendo prender a porra do monstro que vivia dentro de mim, girei de forma mecânica na direção da porta e saí.

O som dos gritos dela me seguiram, mas eu me afastei.

Quando dei por mim, estava na cobertura do hospital.

Não fazia ideia de quantos degraus eu havia subido, mas assim que senti o vento da minha cidade batendo violentamente contra mim, eu gritei.

Gritei alto, com ódio, com raiva, completamente descontrolado.

— Senhor? — A voz de Henry foi a minha âncora na realidade.

— Onde ela está? — perguntei, olhando-o sobre o ombro, tirando os olhos da cidade a qual, em horas, eu colocaria abaixo.

— Não sabemos ainda. As câmeras próximas falharam, não há uma mísera gravação. Acreditamos que seja algum dispositivo que corte o sinal...

— Henry, você tem quarenta e oito horas para revirar cada canto deste lugar e encontrá-la com vida.

Meu soldado nada disse, só saiu de perto e me deixou sozinho.

Eu tinha um cadáver a dar conta, precisava cuidar da divisão de territórios e fechar as brechas. Havia um império para dividir e a Dark Hand, que era meu sangue, ossos e carne, precisando de mim. Porém não havia nenhuma gota de vontade, ou controle, para cuidar de tudo aquilo.

Não enquanto Elizabeth não estivesse de volta.

CAPÍTULO 17

Eu te sinto em meus sonhos
Você está em todo lugar, você não irá facilmente
Eu te vejo em meu sono
Então eu estou bem acordado para te manter longe de mim
Eu continuo sonambulando apenas para respirar
sleepwaking, diamante

Otto Ferrari

Eu nunca imaginei que seria tão fácil, essa era a verdade.

Acendi o cigarro e traguei profundamente, segurando a fumaça nos pulmões enquanto abaixava manualmente o vidro do velho Cadillac.

Silenciosamente, soprei a fumaça pela brecha aberta e encarei os nós dos meus dedos machucados pelos cacos de vidro.

A garota, Elizabeth, não estava melhor.

A camiseta tinha rasgos em meio a manchas duras de sangue causados também pelos cacos de vidro restantes da janela arrebatada pela qual puxei

seu corpo, e apesar de outros machucados, ela estava viva e aparentemente sem maiores estragos.

Era pouco mais de três da manhã e eu podia ver o prédio do hospital com pouca movimentação naquela hora. Provavelmente, alguns homens da Dark Hand estariam por lá, uma vez que os malditos Luppolo estavam internados, mas ninguém daria muita atenção ao soldadinho de merda que era meu irmão.

A palavra irmão amargou o gosto que sentia em minha boca e eu dei mais uma tragada profunda. O que diria o velho, se estivesse vivo e visse o que seu bastardo estava aprontando para derrubar o império que ele havia ajudado a construir?

Das poucas vezes em que vi aquele doador de porra desgraçado, entendi que sua lealdade era inteiramente da Família, mas nunca minha, nunca da minha mãe. Seu mundo era obedecer ao capo e cuidar de sua nova família. Eu e minha mãe éramos nada.

Foi por isso que quando ela morreu de overdose, eu não o procurei.

Queimei seu corpo e jurei que ele queimaria igual.

No final das contas, cumpri minha promessa.

A imagem da cabeça do meu pai sangrando e do seu corpo sendo o foco do incêndio que queimou um dos cassinos da Dark Hand até as cinzas,

era o meu aviso de que, quem quer que precisasse de ajuda para puxar o gatilho e fazer aquele império de desgraçados cair, teria minha ajuda.

Terminei de fumar meu cigarro em paz, joguei a bituca pela janela e mexi em minha bolsa. Elizabeth ainda dormia pesado, mas só para garantir, apliquei uma dose a mais do sossega leão que havia dado mais cedo e, com máscara na cara, cabelo escondido pela touca hospitalar e uniforme azul como dos enfermeiros do hospital, coloquei a mochila com o aparelho que cegaria as câmeras e roubaria os sinais dos celulares nas costas e tranquei o carro.

Era a última visita que faria ao meu sangue. Depois dali, com certeza, se houvesse um próximo encontro, só um de nós sobreviveria.



Não foi difícil me enturmar. Abaixar a máscara para a enfermeira certa, dizer que era novo e um pouco perdido a fez ter simpatia e me indicar aonde deveria ir e, sem nenhuma dificuldade, passando por dois homens que eu sabia serem da Dark Hand guardando o que deveria ser o quarto dos Luppolo, segui para o corredor ao lado, na porta sem vigilância.

Entrei no quarto com cuidado e quando fechei a porta, encarei o homem adormecido ali. Sim, Zola não era mais um garoto há muito tempo.

Éramos dois homens, colocados em lados opostos desde o nascimento e, naquele segundo, eu me despedia do último laço que poderia nos unir.

Foi só isso que me impediu de não me aproveitar da situação e fazê-lo sufocar com o próprio travesseiro. Não. Ele ainda precisava ver tudo o que eu estava por trás, precisava saber que, mesmo sendo o escolhido, o preferido, o seu lado era o lado perdedor.

Em frente à cama hospitalar, eu o encarei por alguns minutos com um dos braços contra o peito e o outro apoiado, mantendo a mão próxima ao rosto com o cigarro que acendi entre os dedos.

Eu sabia das novas, de como Zola havia fugido com Giovanna Luppolo e deixado toda a máfia louca. Havia gente do meu lado do tabuleiro que o adorava por isso, mas vendo meu irmão tão abatido, fraco e fodido, eu o achei idiota e merecedor de tudo de ruim que cruzasse seu caminho.

Pensando nisso, eu ri, e rindo, vi quando os olhos dele se abriram o quanto podiam dentro de todo o inchaço em seu rosto. Ele focou em mim e ficou em silêncio por um tempo, parecendo duvidar do que via.

— É isso que você ganha por sua fidelidade? Você está quase morto, irmãozinho. Não passa de um pedaço de merda sobre essa cama. — Zola ia abrir a boca para responder, mas com um movimento meu de cabeça, ele se calou. — Não se esforce, não há nada do que você diga que vá me convencer

do contrário. Você é um idiota, e vai morrer como um idiota. Ao menos, não seja tão difícil de matar como aquele diabo do Luppolo. Quando eu atirei nele, uns anos atrás, queria acertar a cabeça, mas ele não parou quieto atrás daquela puta de rabo gordo dele... — Traguei mais uma vez e vi a cabeça dele trabalhar para entender sobre o que eu falava. — É, irmãozinho, eu estou por trás daquele atentado. Não só atrás daquele, mas de alguns outros. — Sorri, vendo a compreensão em seus olhos.

A respiração de Zola ficou mais profunda e vi sua mão agarrar a cama. Só então notei a algema em seu braço.

— Eles me pagaram enquanto eu tramava contra eles. Fui recebido por um mar de boceta, bebida e dinheiro para trabalhar com sua Família sagrada e fodê-los por trás. Já você? Ah, irmão, você foi burro. A Dark Hand vai acabar, e você vai desmoronar junto dela. Inclusive, estou aqui para dar um recado, será que você aguenta?

E tirando o cigarro da boca, peguei no pé de Zola que estava fora da coberta e, sem nenhuma gentileza, imobilizei aquele pedaço de seu corpo e aproximei a brasa do cigarro da pele branca.

— Avise seu chefe que Elizabeth está comigo, e vou levá-la até um velho amigo dele. Ela não vai morrer tão cedo, mas acredite, vai sofrer cada segundo em que conseguir manter os olhos abertos. — Meu irmão fez

menção de avançar para cima de mim, mas era impedido pela algema, o que me fez gargalhar num deboche claro. — Faça um favor a si mesmo e continue quieto. Ou, quem sabe, eu posso mudar meu trajeto e entrar no quarto ao lado para descobrir o que é que minha cunhadinha tem de tão interessante para te fazer trair seu dono...

E sem avisar, pressionei a ponta do cigarro contra a pele dele, assistindo à careta de dor em seu rosto. A mandíbula de Zola ficou tensa e ele respirou fundo, guardando a agonia em algum canto dentro de si como foi treinado para fazer.

— Bom garoto — falei, quando terminei. — Espero que não tenha que te ver de novo, ou vou acabar com você. — Ajeitei a máscara novamente sobre o rosto e, deixando-o agoniado, com medo de eu fazer o que ameacei, saí do quarto com a certeza de que havia abalado o mundo de Zola com minha pequena visita.

Em pouco tempo a cidade estaria em chamas.

Com essa certeza, voltei para o carro na mesma facilidade que foi sair dele e, desligando o aparelho em minha mochila, disquei o número de Arturo.

— Está feito — avisei.

— Ótimo. Não vai demorar para o Luppolo perder o juízo. Está vindo?

— Chego em meia hora — falei, olhando para Elizabeth.

— A mercadoria está fresca?

— Tanto quanto poderia.

— *Gracias*. Seu dinheiro te aguarda.

CAPÍTULO 18

Tentamos correr, tentamos nos esconder com medo de perder a
nós mesmos

Nós tentamos manter tudo por dentro para não machucar
ninguém

Quando todos os demônios ganham vida eu vou continuar sob o
seu feitiço

Este poderia ser o céu ou o inferno

Heaven or hell, digital daggers

Zola Agliardi

— Você está horrível. — Frederico me recepcionou com um meio-sorriso no rosto assim que acordei. Vê-lo fez meu coração bater com força, como se tivesse acabado de correr meia maratona.

— Elizabeth. — O nome dela pareceu pesado na minha língua.

— Desapareceu. — Os olhos do Luppolo mais novo ficaram tristes.

— Não, não desapareceu. — Tentei falar do modo mais claro. —
Avisar Louis, meu irmão esteve aqui ontem à noite. Ele a pegou.

— Seu irmão? Impossível... Ele já trabalhou para a Família.

— E você realmente acha que ele se importa com esse tipo de lealdade? O deus do meu irmão é o dinheiro. Ele esteve aqui ontem, queimou meu pé, pode conferir. Não estou alucinando.

O rapaz de cabelos escuros se esticou e encarou a marca de queimadura enquanto a porta se abria, e trazendo para a luz o encontro que eu sabia que teria mais cedo ou mais tarde, Leonel Luppolo entrou.

— Frederico, o que faz aqui? Quero falar com Zola, a sós — ele anunciou, olhando do filho na cadeira de rodas para mim, com o rosto preso em uma máscara passiva.

— Os guardas disseram que Zola não parava de gritar, vim conferir o que era. Estou melhor.

— E o que tem a dizer, Agliardi?

— Otto está com Elizabeth, ele a pegou, alguém precisa avisar Louis...

— Hm... — O patriarca da família encarou o chão por alguns segundos e sinalizou para o filho sair. — Avise seu irmão. Ele é quem deve tomar as decisões sobre sua... namorada. — A palavra foi solta num suspiro cheio de reprovação.

Por sorte, Frederico não demorou mais que dois segundos para se mover. Se Leonel me matasse ali, minimamente minha parte eu havia feito.

Quando a porta se fechou, preendi a respiração e observei enquanto o homem de cabelos grisalhos andou pelo quarto distraidamente, pressionando as palmas das mãos uma contra a outra, parecendo pensar por onde começava.

A tensão no ar se tornou quase física quando Leonel finalmente parou ao lado da minha cama e, depois de firmar as mãos ao lado do corpo, me encarou e perguntou:

— Na minha casa você foi tratado como um filho e eu não posso fazer algo diferente agora. Quero saber da sua boca o que aconteceu para que você e Giovanna fizessem tudo isso. Me conte sua versão.

— Senhor... — Minha voz não falhou por um milagre, mesmo assim, precisei limpar a garganta antes de continuar: — Eu sempre respeitei sua família, e sempre tentei enxergar Giovanna como amiga, irmã e trabalho. Mesmo sabendo que ela não era e nunca seria nada disso para mim, coloquei a Família acima de tudo e obedeci a todas as regras, pensei que o sentimento que tinha por ela morreria, mas com o tempo, só piorou. Ainda assim, senhor, eu nunca tocaria Giovanna. Nunca me colocaria entre ela e os negócios da Família, porém, Bartek nunca foi bom para ela. Ele a manipulou,

quase destruiu, e eu enxerguei que por trás do que ela dizia ser o luto pela morte de Felippo, havia muito mais.

Parei para respirar um pouco, já que minhas costelas doíam e notei o olhar de Leonel procurando qualquer rastro de mentira nas minhas palavras.

— Ela estava escondendo um inferno que nenhum de nós gostaria de colocar os pés, senhor. E eu sei que nunca, jamais serei digno dela pelos olhos da Família, mas eu a amo e minha única opção era ajudá-la, mesmo que isso custasse minha vida. Sei que posso parecer um idiota apaixonado ao dizer isso, mas por alguma brincadeira divina, Giovanna me ama de volta e, se o preço por viver os melhores dias da minha vida ao lado dela for a morte, eu enfrentarei. Sou um homem de honra. Meu pai me ensinou isso, a Família me ensinou isso. E se o senhor achar que amar sua filha e cuidar dela como pude conta como traição e vale minha vida, que seja. Eu faria tudo de novo por Giovanna.

Quando terminei, notei que havia suor na minha testa e minha respiração estava mais profunda. Contudo, meus olhos não se desviaram por nenhum segundo dos de Leonel Luppolo e eu esperei sua sentença.

O silêncio pairou no quarto enquanto ele mantinha contato visual, mas sua mente era uma incógnita, por isso, quando ele abriu a boca, eu esperei pelo pior.

— Eu sempre gostei de você — ele disse, antes de se sentar na cama, próximo às minhas pernas. — Gosto da ideia de que o casamento de Giovanna não seja nada vantajoso? Não, não gosto. Mas, depois de tudo o que minha filha passou, e vê-la melhor do que nunca, apesar das últimas que ela andou aprontando... Eu nunca seria capaz de machucá-la, não depois de tudo o que soube o que aconteceu com ela.

— O senhor soube? — perguntei, incerto, querendo confirmar.

— Que Bartek é um filho da puta? Tive minha parcela de conversa com Matteo. Não tive tantos filhos à toa. O que não posso arrancar de um, de um jeito ou de outro, tiro do outro. — Ele deu um meio-sorriso. — Eu... — Parando um segundo, parecendo pensar se continuava falar, Leonel suspirou. — Sei exatamente qual é o peso de se apaixonar pela pessoa errada. Além do mais, você é o único que pode fazê-la feliz agora.

— Com todo o respeito, o que eu sinto por ela não é só uma paixão, senhor.

O Luppolo sorriu mais abertamente e meneou com a cabeça.

— Se você diz, não há por que eu não te apoiar. Fique com Giovanna, mas prepare-se, porque estar casado com minha filha te colocará de vez dentro do negócio.

— Como? — perguntei, sem entender.

— Você ainda não sabe, não é mesmo? — Neguei com a cabeça. — Matteucci está morto, não há e, pelo que sei, nunca haverá uma próxima linhagem deles. O que nos dá um posto vago, e pelo que sei de você, parece que há um bom conhecimento sobre o funcionamento da The Hell dentro dessa cabeça loira, não?

Por um segundo, pensei ser louco ou estar sonhando, mas depois de alguns minutos em silêncio, Leonel se levantou rindo e disse:

— Espero que você seja mais esperto em frente aos negócios. — E saiu do quarto, fazendo o temor escorrer dos meus ombros para que a surpresa invadissem minha mente.

Eu, um dos capos da Família?

Se aquele era o preço para manter Giovanna, não tinha como pensar em recusar.

CAPÍTULO 19

Quando os anjos caem com as asas quebradas
Eu não posso desistir, eu não posso ceder
Quando tudo está perdido e termina o dia
Eu te carregarei e vamos viver para sempre
angels fall, breaking benjamin

Louis Luppolo

Eu estava sem dormir há mais de quarenta e oito horas. Na verdade, a última vez que eu havia dormido havia sido com Elizabeth nos braços, um dia antes de toda aquela merda cair no meu colo. Quando a notícia da loucura dela com meus irmãos chegou até mim, eu havia acabado de me deitar para tentar descansar, mas toda a descarga de adrenalina daquela notícia me deixou tão alerta que, por todo o voo, eu fiquei desperto e depois de não a encontrar, as coisas ficaram piores.

Um, dois, três, quatro, cinco...

A contagem na minha mente era mais agressiva do que nunca. Minha mandíbula doía por conta da tensão e, conforme os números apareciam de

forma mecânica, involuntariamente meus dentes se batiam uns contra os outros.

— Puta que pariu! — gritei, batendo contra o volante da Ferrari.

Eu já havia rodado todas as ruas principais, todos os lugares possíveis de Elizabeth se esconder, enquanto Henry revirava as câmeras da cidade.

Como era possível ela desaparecer daquela forma?

Virei a esquina cantando pneu quando o semáforo ficou verde e fui no automático em direção à sede da Dark Hand, à medida que minha mente contava quantos itens da cor verde apareciam no meio do caminho.

Parei o carro de qualquer jeito em frente ao casarão, joguei as chaves para o soldado que se adiantou quando me viu e, ignorando-o, segui para dentro à procura de Henry.

Como esperado, ele estava em uma das salas de vigia. Ele e mais quatro outros homens com computadores à frente, olhando cuidadosamente cada uma das imagens das telas.

— O que achou?

— As câmeras de onde o acidente aconteceu não estavam funcionando, senhor.

— Vou precisar ter uma conversa com o prefeito. — A frustração deixava meu senso de humor sensível demais. — E nos quarteiros em

volta?

— Nada... — meu soldado lamentou. — Assim que eu tiver algo... — Antes que ele pudesse concluir, meu telefone tocou. Era uma chamada de vídeo com Frederico.

A primeira reação foi ignorá-lo, mas sem pensar, meu dedo escorregou na tela e eu encarei a imagem dele do outro lado, deixando meu rosto bem visível para que ele não perdesse nenhuma palavra.

— O que foi?

— Zola tem novidades, ele disse que o irmão esteve aqui, esta madrugada.

— E? — Meus nervos todos ficaram ainda mais tensos. Eu não queria continuar a ouvir o que Frederico tinha a dizer, porque se ele continuasse na linha em que eu seguia, tudo viraria de cabeça para baixo.

— E o irmão disse que está com Elizabeth, que a levou para Art...

E antes que meu irmão terminasse seu recado, meu celular se desintegrou na parede.

O ódio me cegou completamente.

Por quinze segundos, meu corpo deixou de me pertencer.

— Senhor? — Quando minha visão voltou, Henry estava de pé, assim como os outros soldados e havia vidro e papéis por todo lado.

Eu havia quebrado uma estante inteira no soco.

— Eu... — falei, com a respiração entrecortada, encarando meu soldado. — Preciso dela.

— Estamos procurando...

Grudei as mãos nos braços do homem e o puxei bruscamente.

— Não — rosnei, encarando os olhos de Henry tão de perto que notei a mínima mudança em sua pupila. — Nós vamos para as ruas. Quero todos os bairros que abrigam esses mexicanos filhos da puta em chamas. Queime carros, casas, traga-me suas crianças e mulheres. Eu quero Elizabeth de volta, e se não a tiver, se não a encontrar viva e bem, não vai sobrar porra nenhuma em pé, entendido?

— S-sim, senhor. — Aquela foi a primeira vez, em anos, que vi algo parecido com medo passar pelo rosto de Henry.

Quando saí da sala, sem pensar direito, entrei no carro e acelerei para lugar nenhum. Elizabeth era a única coisa que mantinha minha sanidade, e se eles queriam tirá-la de mim, que agentassem as consequências.

CAPÍTULO 20

Aqui estou eu
Desamparado e abandonado à morte
(...)
Diga adeus
Enquanto nós dançamos com o demônio esta noite
Não ouse olhá-lo nos olhos
Enquanto nós dançamos com o demônio esta noite
dance with the devil, breaking benjamin

Elizabeth Fabbri

Silêncio.

Silêncio demais.

Era óbvio que havia algo de errado.

Minha mente trabalhava devagar, tentando organizar a confusão toda de peças que tentavam se encaixar. Minha boca estava seca como eu nunca havia sentido e eu busquei mais saliva para umedecê-la. Não adiantou muito.

Suspirei, tentando sair daquela névoa esquisita que cercava meus pensamentos, mas o cheiro de querosene invadiu meus pulmões.

O chão liso embaixo de mim só fazia meu corpo parecer mais dolorido. Havia algo de errado com meu tornozelo direito, minha cabeça queimava assim como meu quadril e toda a lateral direita do corpo.

Tentei mover a mão para ajeitar a roupa sobre o corpo, pois estava com frio, mas não consegui. Tinha alguma coisa muito errada.

Minhas pálpebras pesadas demoraram a querer responder, mas ao se abrirem, entendi o motivo de não conseguir me mover como queria. Uma corda grossa prendia meus pulsos com tanta força que meus dedos formigavam.

Encarei o trançado marrom por alguns minutos, piscando lentamente enquanto a compreensão vinha aos poucos e, quando ela finalmente chegou, meu coração que antes estava calmo, acelerou como um carro de corrida que vai de zero a cem em um segundo.

Tentei tomar o ar pela boca, mas não consegui. Estava tapada.

Movi a cabeça para cima, querendo enxergar ao redor, tentando me convencer de que aquilo era só mais um dos milhares de sonhos ruins, mas assim que virei o rosto e encarei o teto, entendi que aquilo era real.

Mais real do que nunca.

O quarto inteiro era preto e escuro. Havia uma única lâmpada amarelada e de pouca potência no teto, mas ela fez o objeto ao qual eu tinha

pavor reluzir.

O gancho estava lá, esperando por mim como da última vez, há dois anos.

Aquele era o meu purgatório.

Aquela era a consequência de ter me envolvido com Louis e apreciado cada segundo.

Por ter vacilado em cada pequena chance de ir embora.

Por ter amado o diabo.

Meus olhos se encheram d'água e eu gritei, mesmo sem poder fazê-lo.

Queria implorar para que alguém me tirasse dali. Que, como antes, Louis aparecesse e me salvasse, mas parecia que era sorte demais que em uma segunda vez eu me livrasse do que tinham preparado para mim.

Fechei os olhos de novo, as lágrimas desceram quentes pelo meu rosto, e quando minha cabeça atingiu o chão de vez e eu consegui girar o corpo, ficando de barriga para cima, a voz que ouvi queimou minha alma.

— Bom dia, minha velha amiga, Elizabeth. — O sotaque pesado na fala de Arturo me espancou. — Como vai? Espero que essas lágrimas sejam

de emoção, de felicidade, de satisfação pelos seus novos aposentos.

Neguei com a cabeça, com as mãos contra o peito.

— Gostaria de te dizer que vim em busca de alguém, mas não. Não preciso de uma resposta sua desta vez, menina. Hoje, eu só vim brincar com o brinquedo favorito de Louis Luppolo.

Aquilo me doeu tanto que a sensação era de ter um osso quebrado.

O brinquedo favorito do Don. Era o que eu era.

— Sua rotina será intensa. Não haverá tempo para descanso aqui pelos próximos meses.

Arregalei os olhos, encarando a pequena caixa de som no canto da sala, ao lado da câmera que me vigiava. Como assim, meses?

— E tudo começa agora, que tal um banho para despertar? Estou esperando por nosso encontro há quase quatro dias, você dormiu um bocado.

E no segundo seguinte, a porta preta se abriu.

Dois homens de rostos cobertos entraram e vieram na minha direção. Tentei escapar, mas não tive nenhuma chance. Suas mãos fortes me colocaram de pé e me arrastaram para fora.

O que seria pior do que aquele gancho?

Eu não queria descobrir.

O corredor para o qual me arrastaram era tão mal iluminado quanto o quarto, mas eles não pareciam se incomodar. Meus pés não se firmaram no chão, mas eles não se importaram. Fui arrastada até uma outra porta decadente e assim que ela se abriu, eles me jogaram para dentro.

Aquilo devia ter sido um banheiro decente há muitos anos.

O azulejo, que um dia foi branco, no chão estava todo quebrado e, nas paredes, esverdeado. Uma banheira com a lateral meio quebrada estava vazia e em cima dela pairava um cano sem nada no bocal. E diferente do quarto escuro, ali a luz branca no teto era forte o bastante para machucar meus olhos.

Sentei-me do melhor jeito que conseguia e enquanto um deles colocava uma cadeira de madeira dentro da banheira, o outro vinha na minha direção com um canivete na mão.

Eu gritei, minha garganta ardeu, e tentei me encolher contra a parede, mas o homem tinha pouca paciência. Soltando meus braços e pernas, ele me pegou pelo cabelo como se não fosse nada e me fez levantar. Foi uma boa briga, ganhei dois tapas na cara antes de conseguirem me colocar dentro da banheira, e enquanto um me mantinha parada no lugar, num abraço quente e nojento, o outro rasgou minha camiseta.

O assobio que ele deu quando viu minhas costas fez minha alma congelar.

— É dessa aberração que o Luppolo gosta? — O riso dos dois fez um ódio gigante crescer no meu peito.

Empurrei o homem da minha frente e quando ele não se moveu, dei uma cabeçada contra seu queixo. Queria ter tido tempo de fazer mais, mas o homem atrás de mim, em instantes, estava com o canivete no meu pescoço.

— Acho que ele gosta de uma selvageria. — Sua voz contra meu ouvido era quente, repulsiva.

— Merda, mordi a língua — o outro reclamou, erguendo um pouco a touca que cobria seu rosto, conferindo se havia sangue em sua boca.

Eu queria sorrir ao ver que tinha, mas a fita sobre meus lábios não me permitia.

— Vagabunda. — Foi a última coisa que ouvi antes dele socar minha cara e, por Deus, eu apaguei de novo.



— Ei, acorde. Vamos, acorde logo. — Com tapinhas no rosto, eu engasguei.

Queria tossir, mas não conseguia. A boca ainda estava tapada.

Abri os olhos e tentei me mover, mas não dava.

Minhas pernas estavam presas na cadeira pelos tornozelos.

Minhas mãos estavam grudadas com voltas e voltas de fita nas bordas da banheira e meu corpo era obrigado a ficar inclinado.

Para piorar, eu estava nua. Completamente nua.

— Isso, garota. — O homem acariciou meu rosto e eu tentei me afastar da sua mão. — Você está fedendo. Espero que seu banho seja proveitoso.

E me surpreendendo, ele arrancou o tecido da cara.

Seus olhos não me eram estranhos.

— Tem certeza de que meu irmão não fodeu você?

Então eu soube de onde vinham aqueles olhos.

Zola.

E eu não pude dizer nada, porque mesmo que tivesse como, quando o jato de água gelada quase congelante caiu sobre minhas costas, eu gritei.

Eu não sei quanto tempo aquele tormento durou, mas podia sentir meu corpo tão frio que meu coração parecia bater mais devagar. Dentro de mim, em algum canto resistente demais para a água chegar, algo me dizia “se mantenha firme”. Foi só por isso que, mesmo com os dentes batendo um nos

outros, resisti ao primeiro jato d'água. E foi sem mais nem menos que a água parou.

Na verdade, ela não parou de vez. Um único pingo grosso, pesado, contínuo e gelado caía na minha coluna. No começo, eu tentei contá-lo, mas depois de seiscentos e pouco, perdi a conta. Ele continuou mais e mais.

O frio era quase insuportável.

O sono pesado começava a trazer areia aos meus olhos, e quando eu achei que fosse conseguir cochilar, a água voltou com força total contra minhas costas.

E eu perdi a conta de quantas vezes isso aconteceu.

Quando achei que me deixariam morrer daquele jeito, a única coisa em que pensei foi no meu bebê. “Salvem meu bebê”, eu queria dizer, mas tinha medo de que as consequências fossem ainda piores.

E como se Deus ainda pudesse ouvir meus pensamentos, vieram me tirar dali.

— Seu cheiro ainda é ruim — o irmão de Zola disse.

Seus cabelos loiros eram compridos, ele era maior e mais forte do que o irmão, mas não consegui prestar atenção em mais nada porque, assim que ele me soltou, eu realmente apaguei.

CAPÍTULO 21

E se eu quisesse lutar?
Implorar pelo resto da minha vida
O que você faria?
Você diz que queria mais
O que você está esperando?
the kill, halocene

Fiana Coppola Luppola

vinte e seis anos antes

Nunca ser fraca.

Sempre cuidar da Família.

Nunca ser subjugada.

Sempre ser fiel à Dark Hand.

Essas eram as regras básicas de sobrevivência dentro do meu mundo, e sem uma mãe, meu pai fazia com que cada uma delas fosse gravada dentro do meu coração com um esforço brutal. Havia admiração em nossa relação. Por mais que ele fosse um monstro da porta para fora, ele era um bom pai.

Não muito carinhoso, sempre muito disciplinado e inteligente, na maior parte do tempo um bom pai. Mesmo que ele tivesse entregado cada um dos seus companheiros para a morte na mão do meu futuro marido, que tivesse sido forçado à aposentadoria, *papà* cuidou do meu futuro, do meu casamento, das nossas raízes.

Giuseppe Coppola era o rei mais ardiloso que já havia colocado os pés em Nova Iorque, e eu poderia dizer que o mais cruel também, mas ainda assim, ele era o meu pai.

Seguir seus planos não havia feito de mim uma escrava. Casar com Leonel Luppolo não foi nenhum sacrifício. Os olhos castanhos inteligentes e cheios de superioridade me conquistaram facilmente. O resto do conjunto nunca decepcionou. Ele era bonito, forte, bom de cama e aquilo era melhor do que havia sonhado.

Eu amei Leonel, mesmo com todo o fogo que havia em nosso relacionamento, que às vezes nos incendiava e, por vezes, nos fazia queimar, até o momento em que ele resolveu levar Louis de mim. Ali, o fogo nos consumiu, de uma maneira que nunca haveria reparação.

— Você sabe, ele precisa ser melhor que nós.

Essa foi a frase que meu marido disse quando sugeriu, pela primeira vez, naquela quinta-feira fria. Eu nunca me esqueceria.

— Não. É cedo. Eu sei que você precisa fazer isso alguma hora, mas não ainda... Não destrua a minha criança — pedi, quase implorando, com os dedos apertando sua mão sobre o meu colo naquele jantar barulhento.

Nosso filho corria em volta da mesa de jantar com o irmão mais novo, com seus brinquedos barulhentos, distraído o bastante para nem sonhar com o que seu pai e eu falávamos.

— *Mamma*. — Meus olhos deixaram os de Leonel para encontrar com os de Louis.

Meu menino, meu primogênito, era a cara do pai.

O mesmo cabelo escuro, os mesmos olhos intensos em tom de chocolate quente.

De mim, Louis só havia herdado o formato do rosto e do nariz, o resto era do pai, e Leonel constantemente parecia orgulhoso disso.

— Podemos comprar um desse para o Matteo?

Meu filho se aproximou de mim e soltei a mão de seu pai, afastando a cadeira para poder vê-lo melhor.

Mantendo um sorriso calmo, coloquei as mãos no rosto da criança a qual eu queria afastar daquele destino cruel e encarei os olhinhos inocentes

cercados por cílios cheios e longos. Meu menino não tinha feito nem oito anos direito, como eu poderia deixá-lo ir embora para se tornar um homem?

— Podemos, mas por enquanto, por que não divide seus carrinhos com ele?

— Ele já está com metade deles. — Dividir não era algo que parecia agradá-lo, mas pelo amor ao irmão triste, Louis cedia.

Acaricieei sua bochecha e juntei minha testa à dele, sorrindo em aprovação.

— Você é bom, meu filho. Muito bom. Deixe seu irmão brincar e amanhã eu darei um jeito nisso, certo? *Lo prometto* — sussurrei para que só ele ouvisse e senti suas mãozinhas envolverem meu pescoço para um abraço.

Beijei sua testa e segurei seu corpo com firmeza, retribuindo o abraço, abaixando o rosto para encaixá-lo na curva de seu pescoço. O cheiro do perfume infantil aqueceu meu coração, mas o cortou também.

Eu havia sido criada para produzir homens impiedosos, gerações mais fortes que as anteriores, mas vendo aquela criança de olhos doces, tudo o que eu conseguia pensar era em como eu poderia mantê-lo ali, pequeno, indefeso e bom por mais tempo.

— Amo você, mamãe — ele disse, beijando minha bochecha antes de me soltar e correr de volta para o irmão.

Encarei os dois brincando no chão, Matteo com os cabelos claros, menor, mais frágil ainda... Minha família, meus meninos, meus amores.

— Vocês dois brinquem mais dois minutos, depois recolham tudo e vão para a cama — Leonel anunciou e nenhum dos dois falou nada, mesmo que a troca de olhares dos irmãos tenha entregado alguma revolta com a ordem do pai.

Ergui a coluna e ajeitei minha cadeira para perto da mesa novamente, pegando a taça ainda cheia, evitando olhar de novo para meus filhos. O vinho seco abraçou minha língua e desceu pela garganta como um velho amigo.

Quebrar aquela criança amorosa e querida não parecia certo, mesmo que a vida toda eu tenha pensado e dito que seria fácil, que seria honrado e correto.

Ali, mãe, à beira do abismo, eu sabia que não era nada daquilo.

— Fiama, meu amor, não podemos perder tempo. Os Lazzarin têm crianças demais para colocarem em votação ao cargo quando a hora chegar. Meu poder não é absoluto e Louis é nosso fruto forte. Ele precisa ser o próximo Don e só teremos essa vantagem se ele for treinado agora.

— Não. — Ergui os olhos para os dele e repeti, com firmeza: — Não. Ainda não é hora e eu não vou discutir isso com você, Leonel. Está fora dos

meus planos tornar Louis um homem aos oito anos de idade, seria...

— Cruel. Eu sei — ele completou —, mas nosso mundo é assim. Achei que você soubesse, sendo filha de quem é.

E eu não fiquei ali esperando por mais ofensas, partindo para nosso quarto, deixando Leonel e sua ideia maluca para trás.

Quando deitei na cama, já passava das onze da noite e nada do meu marido me acompanhar. Não me importei, ou fingi não me importar, e praguejando contra ele mentalmente, adormeci caindo em um sono sem sonhos.

Acordei na manhã seguinte com o sol brincando entre as frestas da cortina.

A parte da cama onde o corpo de Leonel deveria se encontrar estava vazia, e isso fez com que eu saltasse num pulo das cobertas. Descalça, abri as portas do quarto e saí em busca do meu bem mais precioso.

A porta do quarto dos meninos estava entreaberta, eu só precisei empurrá-la.

Matteo dormia profundamente com seu urso envolvido em um abraço apertado, mas a cama de Louis estava vazia, sem uma ruga sequer no lençol.

— Não... — falei baixo, tentando me convencer. — Leonel não fez isso. Ele não pode ter feito isso. — No segundo seguinte, eu estava gritando pela casa.

— Louis! Louis, meu filho!

Em cada cômodo do triplex, eu procurei por ele.

Em cada centímetro daquele lugar, eu cacei pelo meu filho, mas a verdade estava estampada no meu rosto o tempo todo.

Leonel não havia me pedido permissão, ele só havia me avisado sobre o que faria.

Na sala, em frente à porta de entrada, girei sobre meus pés, vendo tudo e nada ao mesmo tempo.

Minhas mãos foram parar nos cabelos, encaixando os dedos na raiz, eu os puxei.

Puxei e gritei, enquanto a agonia tomava conta de mim ao perceber que ele havia levado o meu menino. O meu filho. O meu maior amor.

— Mamãe, o que *tá* acontecendo? Cadê meu irmão? — Matteo choramingou e fez com que meus olhos focassem em seu rostinho assustado.

De joelhos no chão, eu estiquei as mãos em sua direção e quando meu filho se aproximou, eu o abracei com toda a força que tinha, rompendo em

lágrimas dolorosas, sentindo meu coração se partir como nunca havia sentido antes.

Era como se algo dentro de mim estivesse vazio.

Meu Louis, meu menino, meu filhinho, tirado de mim no meio da noite, na surdina.

Leonel havia me roubado e nada, nunca, faria com que eu o perdoasse por aquilo.



Minha mente foi ao limite.

Passei a dormir na cama de Louis, com Matteo em meus braços, toda santa noite. Durante o dia, enquanto meu filho mais novo brincava no tapete da sala, eu me sentava na poltrona e encarava a porta, esperando o momento em que Louis voltaria. Que meu primogênito entraria, são e salvo, e me abraçaria.

— Foi necessário, foi pela Família! — Leonel gritou uma noite para mim, mas não consegui manter os olhos nos dele.

Sabia que meu marido estava certo, sempre soube que aquele momento chegaria, porém, nada havia me preparado para o amor da maternidade. Para

a chegada do sentimento avassalador que me faria passar por toda e qualquer dor no lugar do meu filho.

Deitando com Matteo, depois de seis meses da ausência de Louis, com o coração seco e miúdo, acariciei os cabelos loiros como os meus e suspirei profundamente, enquanto minha mente soprava “era melhor não os ter”.

Religiosamente, eu cumpri meus compromissos como mulher do Don. Publicamente, fazia minha parte em parecer forte, sem deixar ninguém desconfiar que meu marido e eu não trocávamos nenhuma palavra dentro de casa que não fosse para machucar um ao outro.

Mantive Matteo perto até que olhar para ele e saber que um dia não seria mais meu bebê me fez chorar por uma semana inteira.

Quando entendi que a qualquer momento ele também poderia ser levado de mim, troquei de quarto e passei a dormir sozinha, ignorando as batidas dele na porta tarde da noite, quando o mordomo e a governanta precisavam levá-lo para a cama com alguma oferta vantajosa para que o choro cessasse e eu tivesse um pouco de paz.

Ainda assim, mesmo vendo minha rotina virar um tormento e meu casamento a mortalha que envolvia meu coração, secretamente, por várias

vezes ao dia, eu encarava a porta do apartamento e imaginava Louis entrando por ela.

Depois de tanto tempo, como meu garotinho estaria? Será que eu o reconheceria?

O único irmão que tive morreu logo após voltar para casa da sua iniciação e eu não pude vê-lo, por causa de alguma doença contagiosa. Mamãe amaldiçoou meu pai no leito de morte por causa disso, acusando-o firmemente, dizendo que a culpa era dele. Eu rezava para que Deus me ajudasse a não passar por isso.

E ele, de alguma forma, me ouviu, mas anos depois, lembrando-me daquele dia, eu não saberia dizer se o garoto que foi entregue na minha sala de estar ainda era Louis. Se dentro dele ainda havia vida.

Eu nunca me esqueceria daquele dez de outubro.

O outono havia chegado com tudo. Do topo da sacada, eu podia ver as árvores nas ruas lá embaixo ganharem tom vermelho alaranjado e invejei as pessoas livres, caminhando para cima e para baixo, atrasadas para seus compromissos na cidade que nunca parava, nenhum daqueles malditos sabia o quanto suas vidas eram boas. O quanto a liberdade valia.

Dentro do meu peito havia uma bola de ferro no lugar do meu coração.

A amargura e a tristeza tinham transformado meu sangue em veneno e, a fuga que minha mente encontrou diante de toda aquela dor foi me apegar ao único laço que parecia nunca ter me traído ou mentido para mim, por mais bruto e frio que fosse.

Meu pai sempre me disse tudo o que aconteceria, tentou me preparar para cada uma das coisas que a vida traria e eu conseguia perdoá-lo por não entender a loucura da maternidade.

Era bom que ele estivesse longe naquele momento tão atribulado, ou ficaria decepcionado com minha postura perante a iniciação de Louis.

Tentando me lembrar do rosto do meu filho e, mais uma vez, tentando me conformar com o destino do nosso mundo, me perdi em pensamentos por horas, até notar que não estava sozinha.

Meu vestido verde balançou com o vento que soprou e o cheiro de Leonel chegou até mim.

— Está aí há muito tempo? — perguntei, ainda olhando para a rua.

— Há tempo o bastante para entender que, se você quisesse pular, já teria feito. — Leonel se aproximou, parando bem ao meu lado enquanto eu ria.

— Está com medo do escândalo que seria a notícia de uma esposa suicida? — Ergui o rosto e encarei-o.

Leonel parecia cansado, desarmado. Ele não estava ali para brigar e o sorriso provocador do meu rosto se desfez.

Seus olhos castanhos pareciam buscar nos meus o resquício de algo que talvez eu nunca mais fosse capaz de dar.

— Você gosta muito de si mesma para cometer esse erro, Fiama. E eu só estou invadindo seu espaço por um único motivo. — Respirando fundo e tirando os olhos dos meus por um único segundo, apenas para encarar a selva de pedras ao nosso redor, Leonel voltou a me encarar e anunciou: — Mandarei Matteo para a casa dos Lazzarin.

— E por quê? — Virei o corpo na direção dele, com as sobrancelhas franzidas, não entendendo o que Leonel queria, afastando o único filho que me havia sobrado.

— Porque Louis volta hoje, e eu espero que você seja a boa mãe que quis ser nesses últimos dois anos. Ele vai precisar.

O choque da notícia congelou meus pés no lugar.

— Louis? — Minha voz saiu num sopro, não acreditando que aquilo seria real.

— Sim. Esteja com o jantar pronto às sete.

E não esperando por mais nada de mim, Leonel se foi da mesma forma que surgiu, enquanto na minha cabeça as possibilidades daquele reencontro, com o qual eu sonhei por quase dois anos, fervilhavam.



O relógio apontava dez para às sete. Eu estava com o estômago inquieto e o peito pesado. A bola de ferro que ocupava o lugar do meu coração parecia prestes a engolir meu peito. Ainda assim, aguardei em pé, anotando mentalmente toda a comida que havia mandado preparar. Os pratos que Louis mais gostava estavam quentes na cozinha, esperando para serem servidos, espalhando o cheiro de comida boa e familiar pela casa. Os doces da sobremesa também estavam perfeitos.

Eu havia preparado suas roupas e sua cama em seu antigo quarto.

Queria que a volta dele para casa fosse fácil, que continuássemos de onde havíamos parado, e esperava que Louis adentrasse a porta de casa com um sorriso no rosto, pronto para me abraçar, depois de tanto tempo longe, mas quando finalmente a porta se abriu, a bola de ferro que havia no meu peito explodiu, me partindo em tantos pedaços que eu não sabia se seria capaz de recolher algum deles.

A maçaneta girou, Leonel apareceu e olhou para o lado, para alguém atrás da outra porta. Era meu menino, meu Louis. Esperei, segurando a respiração, com as mãos juntas em frente ao corpo, ansiosa como nunca havia estado em toda a vida.

A sombra de um sorriso quis surgir involuntariamente no meu rosto, mas aos poucos, conforme a visão do que Leonel trazia junto dele adentrava meu apartamento, meu sorriso morreu.

O garoto magricela e alto tinha um corte na maçã do rosto.

Um dos olhos ainda muito roxo e inchado.

Os lábios feridos em um nível assustador.

Seu braço esquerdo estava engessado e apoiado em uma tipoia que transpassava o peito. Nos seus poucos passos para atravessar o portal, notei que mancava.

E apesar de tudo aquilo me doer, nada foi pior do que seu olhar na minha direção.

As sobrancelhas retas abrigavam olhos escuros e, mesmo ferido, eu podia sentir a onda de ódio, mágoa e desconfiança que emanava daquela criatura.

Não tive como segurar. Meu nariz formigou e o nó na garganta se formou como uma bola de basquete, grande demais para que eu engolisse.

Minha visão turvou, os olhos enchendo d'água. E só quando a porta se fechou, com Leonel e o que era meu filho naquele momento dentro do apartamento, foi que consegui respirar.

O instinto, mais forte que eu, me fez andar na direção deles.

Sem tirar os olhos dos daquele menino machucado, parei à sua frente, vendo que seu estado era lastimável e, sem pedir permissão, ergui as mãos para tocar seu rosto.

Ele não se moveu, mas havia reprovação em seu olhar quando meus dedos encostaram em sua mandíbula.

Notei que, mesmo tendo tomado um belo banho, ainda podia sentir o cheiro de sangue vindo dele. Olhei para baixo, olhando suas mãos com maior atenção e vi as unhas faltando.

Corpo ferido. Pele ferida. Alma quebrada.

Louis estremeceu e fechou os olhos quando meus dedos correram por sua pele do rosto e sua boca se entreabriu. Foi quando notei um espaço que não deveria estar ali.

Inconscientemente, minhas mãos forçaram sua pele e eu abri sua boca.

O horror tomou conta de mim ao ver quantos dentes quebrados meu filho tinha ganhado.

E com as lágrimas quentes rolando pelo rosto, por todo o ódio que eu sentia, por todo o maldito inferno pelo qual Leonel nos fez passar, sem pensar, me virei na direção do meu marido e o ataquei.

Aos gritos, com chutes, socos, mordidas e tudo mais que poderia feri-lo.

Diferente do que pensei que fosse acontecer, Leonel não se moveu.

Recebeu cada agressão minha até que meu corpo cansasse, até que não houvesse mais nada dentro de mim, além da tristeza por olhar meu filho ali sentado, encolhido, desconfiado e cheio de medo.

O que haviam feito com o meu menininho?



Ninguém podia me culpar, mesmo assim, o peso da cobrança me consumia.

Eu levei Louis aos melhores médicos e me esforcei dia após dia para sua recuperação e adaptação, mas meu menino agora era quieto, arisco, porém, ainda obediente.

Matteo também sentiu a diferença do irmão, e com o tempo pareceu ter medo dele.

Com um mês de Louis em casa, precisei separá-los porque meu caçula chorava aos berros e acusava o irmão de machucá-lo ou assustá-lo.

Louis nem mesmo se esforçava para negar. Quando o fazia, era num ar de monotonia tão grande que convenceria qualquer outro de sua mentira. Enquanto jantávamos, ou em toda oportunidade que tinha de observá-lo, pensava se havia algo que eu poderia fazer para que a essência dele voltasse, e por um bom tempo, acreditei ser capaz de conseguir.

Porém, ao receber aquela carta, aquela fatídica carta, entendi que o meu filho não era mais meu. Nunca mais seria.

E se algum dia eu o visse de novo, apesar de tê-lo colocado no mundo, o que sobraria dentro daquele corpo nunca me reconheceria como mãe.

Eu amava meu pai, mas sabia que ele tornaria meu filho alguém irreconhecível.

A cada dia que tentei viver ignorando sua ordem, me esforcei muito para que Louis voltasse ao que era, porém, era um fato: se no período em que sarei suas feridas não consegui um abraço sequer, depois de ele ir embora pela porta, teria menos que nada e entender aquilo me causava uma impotência dolorosa, cheia de cobranças, medos, raiva e rancor.

O apoio de Leonel foi um carinho inesperado. Eu nem me lembrava como era ter braços ao meu redor, e nunca imaginei que fosse possível derramar parte da minha dor sobre o peito de alguém que a acolhia, mas em uma noite, imersos na água quente, com meu rosto sobre seu peito, quis perguntar algo.

— Foi igual com você? — Ele sabia o que eu queria dizer.

— Não... Mas você sabe, ele não será igual a ninguém. — Meu marido me abraçou e apoiou os lábios sobre minha testa.

Suspirei profundamente e dedilhei sua cintura, tentando não descontar nele a minha raiva.

— Nunca pensei que poderia querer uma menina, mas agora, sabendo que ela não seria tirada de mim dessa forma, eu gostaria.

— Podemos tentar... — Leonel parecia muito solícito com meu pedido e me puxou mais para cima para poder beijar meu pescoço e ombro.

— Mas ainda temos Matteo...

— Se seu pai quer Louis, se tem planos para ele na Itália, precisamos preparar Matteo para ficar aqui e ocupar o lugar que seria do irmão. — Ouvir aquilo vindo de Leonel resetou meu corpo e qualquer possibilidade de transarmos mais uma vez foi por água abaixo.

Ergui o rosto e encarei Leonel frente a frente, severa como nunca.

— Não me faça passar por isso de novo, não agora. Não te perdoei pelo que fez com Louis ainda e nem sei se um dia conseguirei isso, mas sei que se levar Matteo de mim agora, antes que eu me cure da ausência definitiva de Louis, você vai me destruir.

— Você é uma grande mãe, Fiama. — Encaixando as mãos na minha nuca, me olhou parecendo orgulhoso e juntou a boca na minha. O beijo foi duro, firme e quando acabou, seus olhos tinham uma promessa. — Você não ficará sozinha de novo, eu prometo. Os meninos nunca foram nossos, nem as meninas serão — ele avisou —, mas podemos tentar.

— Podemos tentar. — Desesperada por algum apoio onde pudesse ter firmeza nos próximos passos, me juntei ao meu marido naquela banheira e me forcei a esquecer que, saindo daquele banheiro, o mundo desmoronaria de novo aos meus pés e eu não estava mais pronta do que da primeira vez.



— O carro está lá embaixo, senhor. — Ouvi quando Edgar avisou a Leonel em seu escritório e senti minhas forças indo embora, mesmo assim, não fraquejei.

Não podia.

Devia isso a Louis. Devia isso à vida que neguei a ele só por pari-lo.

Agarrei o colar em meu pescoço, respirei fundo e tomando a coragem necessária, saí da biblioteca e fui para a sala.

Matteo observava o irmão, curioso, sentado do último degrau da escada.

Leonel estava parado em frente à porta, pronto para levar meu menino, ou o que havia sobrado dele.

Louis estava sentado no sofá, com sua mala no chão.

— Filho, abrace sua mãe e seu irmão. Não podemos nos atrasar — Leonel pediu.

Como se seguisse uma ordem, ele se colocou de pé e me encarou.

Um pouco atrapalhada, andei a passos largos em sua direção e o abracei, trazendo-o contra mim com força.

As lágrimas estavam lá de novo e rolaram pelo meu rosto quando fechei os olhos e desejei que aquela dor sumisse. Era o MEU filho, era EU que deveria decidir seu destino, não um bando de homens que não sabiam a dor de parir.

Eu mal havia matado a saudade. Louis tinha ficado míseros dez meses comigo e já estavam levando-o para longe de novo, para torná-lo sabe-se lá Deus o quê...

A vida era injusta, injusta demais, e eu nunca me recuperaria daquele golpe.

Minha vontade era de dizer para Louis que eu não tinha opção. Que poderia matar por ele, que o levaria para longe de tudo e de todos, mas me resumi as únicas palavras que importavam agora que seu destino estava traçado.

— Eu te amo, meu filho. — E quebrando uma parte dentro de mim que eu não sabia que existia, reforcei: — Sempre vou amá-lo.

Louis não respondeu, mas me abraçou de volta e, isso, disse mais do que qualquer palavra que ele pudesse colocar para fora.

Quando me afastei, coloquei nele o relicário que carregava comigo com a foto de nós quatro e beijei sua testa, querendo gravar o cheiro que minha cria tinha antes de abrir a porta e jogá-la no mundo para ser o monstro que todos queriam que ele fosse.

— Precisamos ir — Leonel ordenou, de forma pacífica, e daquela vez eu não pude brigar com ele.

Afastei-me do meu filho, sem vergonha nenhuma das lágrimas e do desespero que sabia estar estampado no meu rosto e fiquei ali, imóvel, enquanto ele e o pai saíam pela porta, consciente de que ele jamais voltaria e que nunca me perdoaria por entregá-lo.

Matteo, vendo meu desespero quando a porta se fechou, veio até mim e se encolheu no chão, no meu colo. Não havia alternativa que não o abraçar.

Outro menino que em breve seria levado de mim também.

Num suspiro cheio de dor, padecendo cheia de um vazio enorme, repeti o que aprendi desde pequena:

Ser fiel à Dark Hand, e dar seu corpo, seu coração, seus filhos, sua sanidade e sua alma para a Família, até que não sobre mais nada.

CAPÍTULO 22

Eu sou um leão e eu quero ser livre
Você vê um leão quando olha dentro de mim?
Do lado de fora da janela, só pra assistir você enquanto dorme
Porque eu sou um leão, nascido das coisas que você não pode
ser
Como posso dormir à noite? Tem uma guerra dentro de minha
cabeça
Eu encontrei um leão escondido bem debaixo da minha cama
Não vou me esconder das lágrimas que você derramou
Porque eu sou um leão e você está morto
hollywood undead, lion

Louis Luppolo

vinte e três anos antes

Era verão, e na minha pouca idade, nunca havia ligado para aquilo antes, mas depois de passar tanto tempo longe do sol, enclausurado em uma jaula no meio de um galpão sem janelas, valorizava cada segundo ao senti-lo na pele, principalmente quando desci do carro e coloquei os pés sobre a estrada de terra.

A poeira que os pneus levantaram ainda rodava no vento e, conforme ela sumia, notei o tamanho da fazenda que meu avô mantinha naquele mundo tão desconhecido por mim.

Voltar para casa não era o ideal. Talvez eu nunca mais confiasse no meu pai, e mesmo que me esforçasse, não sentiria pena da minha mãe, mas com tudo o que havia passado, sabendo o motivo de meu pai ter feito o que fez, quando fez e como fez, eu tive a falsa sensação de que estaria minimamente seguro.

Erro meu.

Erro que eu tentaria não cometer novamente.

À minha frente o caminho de pedras adornado por um jardim florido acabava em uma casa grande de dois andares com paredes brancas e moldura de madeira escura nas portas e janelas. Quando o soldado que havia me buscado no aeroporto me fez parar e carregar minha própria mala, parei junto.

O piso de ardósia que cercava a casa era encerado por duas mulheres de meia-idade que, quando me viram, pararam de tagarelar e ergueram o corpo, apoiando seus panos na cintura.

— O menino chegou! — Ouvi uma delas dizer, espantada, para a outra e logo a troca de olhares anunciou que havia ordens sobre o que fazer comigo.

O soldado passou por elas e eu o segui nos seus calcanhares, com a mala contra o peito, observando atentamente seus rostos, vendo as bochechas, já vermelhas graças ao trabalho braçal, corarem ainda mais por eu não desviar o olhar de seus rostos até que tivesse passado por elas.

Havia receio saindo por cada poro do meu corpo, consequência de ter visto meu avô duas vezes na vida pessoalmente e ouvir histórias sobre ele na casa dos bons amigos do meu pai. No fundo, eu só sabia que Giuseppe Coppola era um nome a se temer, e como se ele fosse algum deus, para não ser dito em vão.

— Mattia, chegou cedo! — uma voz feminina exclamou, surpresa, e então, quando me viu, pareceu compreender. — Ah, você trouxe o menino.

A mudança de luz do sol quente do meio-dia para dentro de casa fez com que meus olhos levassem meio segundo para enxergar com clareza os rostos ali dentro. Uma mulher da idade da minha mãe se erguia num vestido

branco. O cabelo escuro caía sobre os ombros e seus olhos escuros focaram em mim ao mesmo tempo que sua mão envolvia a nuca da garota sentada à sua frente e a puxou para si.

A menina com tranças loiras e olhos igualmente curiosos aos da mãe me encarou com uma expressão ilegível.

— O que faço com ele? — A monotonia na voz do tal Mattia me fez erguer os olhos para encarar seu rosto.

— Giuseppe pediu para colocá-lo no quarto lá em cima... — A voz da mulher era flácida, como se tivesse sido atingida por algo e perdesse o rumo.

— *Andiamo*. — A ordem foi solta para mim sobre o ombro e, mais uma vez, eu segui o homem escada acima, ignorando a sala cheia de móveis, porcelana e tapetes, vendo claramente que eu não era bem-vindo por aquelas pessoas.

— Quem são elas? — perguntei, quando Mattia parou em frente a uma porta de madeira rústica, pesada, e girou a chave antiga na fechadura para abrir a porta.

— A família do seu avô. Mary, a mãe. Pedrina, a filha dela. — E depois de um suspiro, ele, com a mão na porta, virou-se para mim e ordenou:

— Entre.

Dei um passo para frente, vendo o quarto com a cama de casal no centro, uma boa cômoda para colocar roupas e um banheiro. Tudo inundado pelo sol que entrava pela janela.

Era muito melhor do que eu esperava.

— Quando eu vou... — ao me virar, Mattia estava batendo a porta e ao ouvir o som da chave me trancando ali, terminei a frase num sopro —... ver meu avô?

De todo jeito, não podia reclamar.

Desfiz a mala, guardando minhas coisas na cômoda e depois de lavar o rosto e tirar as roupas da viagem, fui até uma das janelas do quarto que dava visão para o resto da fazenda.

Era enorme.

Os campos de uva iam até onde meus olhos conseguiam ver e eu sabia que ainda tinha a plantação de oliveiras, que deveria ser o dobro daquela, já que meu avô era um bom produtor de azeite.

Um celeiro de teto vermelho vibrava do outro lado da estrada e pude ver algumas cabeças de gado.

Com a esperança de que minha ida para a Itália tivesse sido algo bom querendo inflar meu peito, mal notei quando uma das mulheres lá de baixo

veio servir meu almoço.

Ela entrou em silêncio, colocou a bandeja sobre a mesinha em frente à outra janela e saiu, trancando a porta novamente.

Por que é que eu não podia sair?

Mudei de lugar depois de alguns minutos, tentando entender o porquê me manter trancado e almocei com a vista do sol sobre o campo.

Não havia nada para fazer no resto do tempo e aproveitei para descansar.

Deitei sobre a cama que parecia antiga e adormeci profundamente, até a hora do jantar.

O sol já havia ido embora quando ouvi alguém mexendo na porta e abri os olhos, alerta. Esperava encontrar uma das mulheres que cuidavam do quintal mais cedo, mas, na verdade, quem entrava no quarto era a garota que eu tinha visto antes.

Parecendo muito concentrada para não derrubar a bandeja no escuro, notei o nervosismo ao conseguir cumprir sua missão sem falhas.

Sentei na cama e, por algum instinto, disse:

— Oi.

A menina deu um pulo e, assustada, pegou a bandeja vazia com o que sobrara de louça do meu almoço e escapuliu pela porta, como se eu tivesse alguma doença.

Acendi a luz do quarto no interruptor ao lado da cama e fiquei encarando o vazio.

Parecia uma espécie de jogo.

Trancado e sem ninguém para conversar.

Não parecia tão difícil, e eu o encarei de bom grado, estava cansado o bastante da viagem para encarar uma noite inteira de sono, depois de ter o estômago cheio do jantar quente.

No segundo dia, a menina apareceu mais três vezes. Em nenhuma delas falou comigo ou olhou para mim. No terceiro dia, entediado, tentei perguntar seu nome, mas isso só a fez ser mais rápida na troca das bandejas e em sua fuga.

Depois do jantar, deitei de bruços no chão, tentando ver qualquer movimento na casa ali em cima ou ouvir algo que me desse alguma pista de quando aquele isolamento iria acabar, e para minha completa surpresa, pés surgiram em frente à porta do meu quarto.

A pessoa tocou na porta, como se tentasse ouvir e, quando achei que fosse embora, vi tecido e, então, um rosto curioso, tentando espiar para dentro como eu fazia para o lado de fora.

Era a garota.

Seus olhos tinham cor de mato fresco e eram curiosos, dava para notar mesmo na pouca luz. Suas sobrancelhas e cílios eram loiros, assim como o cabelo da cor de trigo. Seu nariz tinha a ponta fina e empinada, sua boca rosada estava com os lábios pressionados um contra o outro.

— Oi. — Foi a vez dela de dizer, num sussurro. — Quem é você?

— Louis — respondi.

— Dizem que você é neto do senhor Coppola, é verdade?

— É — respondi, achando graça.

— Quantos anos você tem?

— Faço onze, mês que vem.

— Sou mais velha que você, tenho doze. — Ela parecia orgulhosa.

— Por que está falando comigo agora?

— Porque... antes eu não podia, mas não acho certo você ficar aí trancado, sozinho.

— Você sabe onde está meu avô?

— Ele está fora, não sei quando volta, minha mãe não diz.

— Sua mãe é aquela mulher que vi quando cheguei? — Ela abriu a boca para sussurrar de volta, mas algo a fez parar.

— Preciso ir, até depois! — Num pulo, ela se ergueu e correu para longe, entrando em uma das portas do corredor.

— Pedrina? — Ouvi o chamado na voz de sua mãe.

Pedrina era um nome engraçado, feio para uma garota tão bonita.

E ela era linda, o que me fez pensar no que já havia visto e feito...

Eu sabia o que acontecia entre homens e mulheres, sabia como era ser bom e como machucar, mas nunca chegaria àquele ponto. Pelo menos, esperava não precisar chegar, mesmo que a memória distante dos gritos da mulher de cabelos pretos ainda ecoasse na minha cabeça vez ou outra, me fazendo ter vontade de ver aquilo de novo pessoalmente só para entender melhor por que o que parecia tão bom podia se tornar um pesadelo.

Por duas semanas, nas minhas contas, Pedrina apareceu com as três refeições diárias. Ela não fugia quando eu a cumprimentava, e vez ou outra deixava escapar coisas da fazenda.

Ela tinha uma cabra.

A colheita de uvas estava para começar.

Uma das porcas tinha dado filhotes e arrancado o dedo de um dos serventes da fazenda que tentou pegá-los.

E na minha mente, com essas pequenas informações, imaginei o dia em que fosse ser livre para poder ver com meus próprios olhos o mundo em que ela vivia.

Parecia mais interessante do que a vida na cidade.

Naquela noite, quando deitei na cama, com o relicário que minha mãe havia me dado de última hora, olhei a foto da minha família dentro dele e o guardei dentro da blusa.

Talvez eu nunca mais os visse na vida.

Talvez meu avô fosse melhor do que eles poderiam imaginar.

Talvez, quando mais velho, eu nem me lembrasse daqueles rostos, nem do que vivi por causa deles.

Talvez eu ainda fosse muito inocente para acreditar em qualquer uma dessas coisas.

Ainda estava escuro quando acordei com o coração disparado.

A porta havia sido aberta, a luz estava acesa e vi um rosto que eu deveria conhecer. Algumas rugas distribuídas no rosto do meu avô denunciaram que Giuseppe havia envelhecido, mas seus cabelos brancos bem penteados e os olhos grandes, claros e mais frios do que gelo diziam muito.

Ele ainda era elegante. Sua postura e aura ditavam o ritmo das coisas ao seu redor.

Se alguma hora eu pensei que minha vida seria mais fácil sob sua tutela, naquele mísero segundo eu soube que, se havia um inferno na Terra, era aquele homem que me apresentaria.

— Aproveitou a estadia, Louis? — ele perguntou, parado em frente à minha cama.

— Eu... — Ele me interrompeu.

— Levante-se. Quis que você ficasse no quarto onde nasceu para que entendesse que, a partir daqui, o seu renascimento acontece.

Encarei a cama onde estava sentado e ele deu um meio-sorriso.

— É, você nasceu bem aí. O colchão ainda tem a mancha de sangue que sua mãe deixou. E se você não quer que a próxima seja feita com sangue seu, eu aconselho que me obedeça. Levante-se.

Eu não esperei mais nenhum segundo para obedecer.

Meus pés bateram rápido contra o chão gelado e meu avô veio até mim, me cercando, analisando meu corpo, meu rosto, curioso, atento, e aparentemente insatisfeito.

— Uma obra de arte sem a devida finalização. Um porco Luppolo. — E ele cuspiu nos meus pés. — Seu pai disse que tinha feito um bom trabalho, mas eu duvido muito.

Sem eu esperar, suas mãos envolveram algo em volta do meu pescoço e quando entendi o que era, senti o medo comendo minhas entranhas.

A corda usada como coleira serviu para que ele me arrastasse de pijamas, descalço, para fora do quarto. Descemos as escadas com ele me puxando mais forte, tentando me derrubar de propósito, parecendo se divertir com os trancos que meu corpo dava quando não conseguia acompanhar seu ritmo.

Sáímos da casa no meio da noite, atravessamos a estrada e o cheiro dos bichos encheu meus pulmões. Meu avô parecia conhecer muito bem o caminho, mesmo no escuro, caminhou livremente sem se importar com nenhum dos sons estranhos da noite enquanto assobiava uma tarantela.

Contornamos a estrutura grande que eu conseguia ver no meu quarto, e logo vi a porta do celeiro aberta.

— Chegamos ao seu novo lar — anunciando aquilo, como se fosse algo grandioso, o velho me forçou a entrar e me jogou na última baia. Caí de joelhos numa coberta gasta e o encarei, sem entender o que iria acontecer. — Você é meu novo bicho de estimação. Esqueça seu nome, seu sobrenome, seu sangue. Nada disso vale aqui. Você entra humano, e só sai daqui quando for algo bem distante disso. Amanhã cedo você começa a cuidar dos bichos.

E do mesmo jeito que surgiu, ele foi embora, apagando a luz, me deixando sozinho no meio da palha fedida, no meio da noite fria.



Meus pés estavam machucados graças aos cascalhos que pisei na noite passada, mas eu mal os sentia, graças ao frio. Enquanto o calor no auge do meio-dia parecia ser capaz de rachar um coco, o frio da madrugada naquele fim de mundo quase me matou na primeira noite. Quando abriram a porta de manhã cedo, antes do sol nascer, eu já estava acordado e só sabia tremer.

Não me ofereceram nada além de um macacão de trabalho e as ordens do meu avô. De resto, tanto os homens que vinham buscar algum instrumento quanto as mulheres que passavam por ali, fingiam que eu era invisível.

Não reclamei. Antes de partir, sabendo que voltaria cansado até os ossos, fiz o melhor que podia com a palha e construí uma pequena barreira para me proteger do vento na noite seguinte.

Os homens da fazenda tomavam café, mas quando fiz menção de ir até eles, negaram com a cabeça e entendi que eu não poderia comer.

Os dias de glória tinham se acabado.

Suspirei, um tanto quanto triste e engoli a seco qualquer indício de fraqueza ou reclamação, me lembrando das palavras de meu pai antes de tudo aquilo começar.

Eles estavam fazendo aquilo para o meu bem, para que eu fosse forte. E se era assim que as coisas precisavam seguir, era assim que elas seriam.

Segui para o estábulo vazio, agradecendo por terem tirado os cavalos de lá e comecei a limpar. Era uma quantidade absurda de merda e palha misturados. O cheiro era forte, mas mesmo que tivesse revirado meu estômago, não havia nada para pôr para fora.

Era meu trabalho limpar e eu faria sem reclamar.

Fiz meu melhor, tirando toda aquela sujeira, enchendo o carrinho de mão e levando para uma parte do campo onde deixaria aquilo secar para virar adubo. No final da tarde, minhas mãos tinham cortes, meus braços

estavam cansados, meus pés doloridos por todas as viagens, mas a sujeira estava fora.

Na última viagem, minha visão turvou. Com fome e sede, me deixei cair no chão ao lado de uma torneira e enfiei a cabeça embaixo dela, bebendo e me refrescando, feliz pelo turno do dia ter terminado.

O mínimo que eu esperava era um prato de comida, depois de todo aquele esforço.

Sonhei momentaneamente com o banquete que minha mãe costumava servir toda noite e antes era tão comum para mim.

— Eu disse que você podia beber da minha água? — A chamada enfurecida veio junto da mão no meu pescoço. Fui erguido do chão num solavanco bruto e tomei um tapa na cara que me deixou alerta. — Já terminou seu serviço?

Os olhos claros do meu avô não faziam questão de esconder seu descontentamento.

Tudo por eu ter bebido água.

— Sim, senhor — respondi, como havia sido ensinado, mantendo os olhos nos dele enquanto minha bochecha ardia onde ele havia batido.

— Vamos ver...

Duvidando do que eu havia falado, ele seguiu para o estábulo na minha frente e eu esperei, fazendo o meu melhor para manter a postura enquanto ele fazia sua revista.

— O dia todo e você só fez isso? — O desdém em sua voz fez meu peito se aquecer em puro ódio e eu o respondi, entredentes:

— Fiz direito, senhor.

Meu avô veio na minha direção e me pegou pela orelha, puxando com força para me levar até a última baia do estábulo.

A quantidade de palha no chão era mínima, ainda assim, ele me fez ajoelhar, depois soltou minha orelha e, se apoiando atrás de mim com uma das mãos na minha nuca, levou meu rosto até o chão e o esfregou no que havia restado da sujeira.

Minha cara queimou, conforme era esfolada entre resto de palha e esterco no cimento duro.

— A minha palavra é lei. Se eu disser que está malfeito, então está malfeito — ele gritou em italiano na minha orelha e me jogou de vez no chão, finalmente me largando.

Travei as lágrimas na garganta, me lembrando da sensação de precisar controlar o choro e a dor.

— Termine isso, lave tudo.

— Sim, senhor — soprei, querendo que as palavras não me fizessem entregar o quanto aquilo tudo me machucava.

Aos poucos, eu me ergui, tentei me limpar o melhor que dava e comecei a trajetória de carregar água no carrinho de mão, junto da vassoura e do sabão, querendo que cada esfregada que eu dava ajudasse a limpar a dor que eu sentia.

Naquela noite, com fome e com o corpo todo dolorido, me deitei na cama improvisada sob a manta fina dobrada, e caí num sono exausto, não me importando nem mesmo com meu cheiro. Sabia que o dia seguinte seria ainda pior e a única forma de aguentá-lo sem sofrer mais punições seria descansado.



Na manhã seguinte, eu já sabia o que fazer. Limpei o curral das vacas leiteiras antes das três da tarde. Caminhei com o sol quente na cabeça e não parei até estar em frente ao chiqueiro.

Os porcos pareciam agressivos, ainda mais a porca que havia dado cria recentemente. Com muito custo, limpei o comedouro nojento, tirando as crostas de comida velha e lavei os cochos de água.

Naquele calor infernal, aproveitei para molhar minha roupa, sabendo que ela estaria completamente seca em uma hora e, sem resistir, sabendo estar o mais limpo possível, meti a cara dentro do pote de água dos porcos, sem conseguir pensar direito, sabendo que a sede me mataria mais cedo que a fome.

No final daquele dia desgraçado, com dor de estômago e febre, não tendo um único centímetro do corpo sem dor, deitei de qualquer jeito sobre a palha e abri o relicário.

A única coisa que conseguia me perguntar era o motivo de terem me mandado para aquele lugar. Se me entregar ao meu avô era uma coisa tão ruim assim, por que não tinham me matado antes?

Não consegui tirar os olhos do rosto da minha mãe naquela foto, tentando compreender como é que ela, criada por ele, havia me criado.

Não encaixava. Nada encaixava.

Eu tive ódio, tive raiva e, lá no fundo, eu tive medo.

Sentia-me rejeitado, esquecido, desprezível, dispensável.

E enquanto tudo aquilo fazia o peso no meu peito crescer, tentei pegar no sono.

Foi quando o barulho de algo sendo arrastado me fez jogar o relicário no meio da palha e eu levantei, num pulo.

Para o meu desespero, meu avô surgiu e antes que eu tivesse a chance de perguntar qualquer coisa, fui jogado de novo sobre a coberta onde estava graças a um soco dele.

Um soco bruto, forte, com a intenção de me machucar.

O gosto de sangue invadiu minha boca, mas não tive tempo de me recuperar desse choque, pois, no segundo seguinte, Giuseppe cuspiu em mim.

— Bem-vindo ao começo do seu treinamento, meu neto. Se você acha que seu pai era ruim, você não sabe o que te espera.

Meu sangue congelou nas veias.

Naquela noite, sem roupas, ajoelhado sobre grãos de arroz e milho, enquanto assistia ao meu avô rir, colocando mais peso nos meus ombros, tive vontade de gritar quando ele disse:

— É seu aniversário, consegue imaginar uma comemoração melhor?

Onze chicotadas acertaram minhas costas, mas eu não gritei.

Eu as contei.

Eu resisti.

E procurei no meu pequeno universo mental um monstro que poderia ser pior que meu avô. Um muito grande e mau que pudesse comer seu coração.

CAPÍTULO 23

Quando você fecha os olhos, o que você vê?
Você segura a luz ou a escuridão está por baixo?
Em suas mãos, há um toque que pode curar
Mas nessas mesmas mãos, há o poder para matar
Você é um homem ou um monstro?
Quando você olha para si mesmo, você é um homem ou um
monstro?

man or a monster, sam tinnesz e zayde wolf

Um mês havia se passado, desde o dia em que meu avô havia me arrastado no meio da noite para o celeiro.

Um mês de frio, fome, trabalho físico intenso.

Um mês de silêncio, de ser tratado como nada.

Um mês de dor.

Na noite passada, Giuseppe havia me colocado para fazer flexões com as mãos sobre uma chapa de ferro. Quando fiquei com os braços cansados, ele me obrigou a sustentar o peso do corpo com os braços esticados e adicionou carvões em brasa sobre a chapa. Senti quando minhas mãos

começaram a esquentar e a voz dele se embrenhou na minha mente, me lembrando da sua ordem.

— Conte.

E eu contei.

Quando o ferro se tornou quente o bastante para transformar meu suor e lágrimas em fumaça antes mesmo de tocá-lo, o número trinta e seis estava desenhado em vermelho na minha mente.

Minha costela ainda doía do chute que ganhara na noite passada.

Só assim para conseguir me descolar da placa de ferro.

Meu avô não perguntou se eu estava bem, não perguntou se eu precisava de ajuda, nem tentou me erguer. Me largou no chão, segurando o grito na garganta e disse:

— Você não é um homem. Está longe de ser.

Aquelas palavras me derrubaram na noite passada quando enfiei as mãos dentro do balde de água gelada, e me machucavam naquele minuto, conforme eu descia com a enxada contra a terra, sentindo cada uma das bolhas estourar contra o cabo de madeira, molhando o tecido ao qual eu havia enrolado nas mãos para tentar evitar ferir ainda mais a pele.

A dor crescia a cada investida contra a terra, mas eu a segurei com tudo o que era e tudo o que tinha. Mesmo com fome, mesmo com sede,

mesmo cansado, a dor era tudo o que eu sentia. E massacrei a terra, descontando nela, querendo acreditar que se dividisse aquela carga, tudo ficaria melhor. Mas não ficou.

Quando dei por mim, estava ofegante, o tecido e o cabo da enxada lavados de sangue. O suor escorria pelo peito e, na minha mente, lá no fundo, uma contagem instintiva e automática soprava o número mil duzentos e sessenta e três nos meus ouvidos.

Quis chorar quando percebi o que acontecia, mas com os olhos dos trabalhadores curiosos na minha direção, não o fiz. Engoli o choro com o nó na garganta arrebitando minha carne e me afastei.

No fundo, o que mais doía era que eu entendia quando meu pai me machucava.

A infelicidade dele estava estampada em sua cara o tempo todo, desde o primeiro tapa até o momento de quebrar meu braço. Ele vivia repetindo que era para o meu bem. Mas Giuseppe Coppola, o desgraçado do meu avô, parecia se divertir, conforme me feria. Achava graça quando me causava qualquer desconforto e dor.

Parecia que lhe era prazeroso.

Como poderia ser?

Meu corpo estava machucado. Manchas verdes e roxas se espalharam por toda minha pele, inclusive, no rosto. Meu supercílio tinha um corte e agora havia aquela obsessão por números.

Toda e qualquer vez que a dor começava, eles surgiam.

Era como uma herança dos momentos em que Giuseppe me torturava.

Na noite passada havia sido a queimadura nas mãos, mas ao longo daquele mês, eu havia experimentado cem chibatadas que cortaram minha pele em traços finos e dolorosos. Também fui enfiado até o pescoço, completamente nu, em água com gelo, e obrigado a correr enquanto ele dava tiros tentando acertar meus pés montado a cavalo.

Cada dia que passava, a criatividade dele se superava, e a cada degrau que sua maldade subia, o meu ódio por ele se nutria. Principalmente, quando ele falava que meu pai era um merda.

Eu estava a caminho do celeiro quando o sino soou alto, anunciando às seis da tarde. Era o aviso diário que o trabalho daquele dia na fazenda se encerrava e o anúncio de que, assim que escurecesse, o monstro do meu avô apareceria.

Eu o temia, sem sombra de dúvidas, mas aguardava ansiosamente por vê-lo, já que era só ele quem me alimentava e me trazia água.

— Quer fazer um cão ser obediente? Alimente-o somente pela sua mão — ele disse, um dia desses, colocando os restos da sua mesa em uma tigela para mim.

Era humilhante, mas eu não tinha coragem de contestar.

Por isso, sabendo o que me aguardava mais tarde, deitei na cama improvisada, com as mãos ardendo, e adormeci. Sonhando com a barriga cheia, implorando para estar descansado o bastante para aguentar fosse lá o que ele quisesse fazer comigo.



— Ei, garoto. — Ouvi de longe a voz feminina, mas achei que estava sonhando. — Louis, acorde. Você está com febre, seus gritos são ouvidos lá de casa.

Minha boca estava seca, meu corpo com muito frio, eu não sentia minhas mãos direito. Foi com um esforço descomunal que entreabri os olhos. Ainda assim, a visão demorou um pouco para se formar na minha frente.

Quando finalmente consegui ver quem estava ali, o rosto da menina Pedrina se formou. Ela parecia preocupada.

— Menino, abra a boca. — A voz mais firme me chamou atenção. Ergui um pouco a cabeça e, para minha completa surpresa, sua mãe Mary estava ali.

Eu obedeci e o remédio foi colocado na minha língua.

Sua filha empurrou um copo d'água contra minha boca e eu engoli o máximo que podia.

— Devagar... — as duas pediram.

— Onde ele está? — perguntei como conseguia. Minha voz saiu mais fraca do que eu esperava, mas a secura da boca havia melhorado muito.

— Fique quieto — Mary ordenou em um sussurro. — Ninguém pode sonhar que estamos aqui.

Enquanto a garota me servia de água, a mãe pegou minhas mãos e encarou o estrago. Eu quase não senti quando ela segurou meus pulsos, mas ao tentar mexer no pano, eu gemi de dor.

— Minha Nossa Senhora! — A exclamação tinha uma nota de pena cortante. — Essa febre toda vem dessas mãos. Pedrina, pegue mais água, o tecido grudou na pele. — Encarando meu rosto, ela disse: — Agente firme, vai doer.

Com muito custo, Mary e Pedrina cuidaram de mim.

Depois de soltar o tecido sujo, lavaram, limparam e trataram minhas mãos com um unguento refrescante.

— Deixe secar e não se esforce. — Os olhos negros de Mary traziam muitas coisas nele. Nos meus só havia gratidão.

— Vou para casa antes que deem minha falta. Pedrina, termine de alimentá-lo e siga de volta. Deixarei a porta da cozinha aberta para que você entre.

Mãe e filha trocaram um olhar cúmplice e a mulher mais velha partiu.

A garota, obedecendo a mãe, trocou a toalha com água fria da minha testa e, segurando minha nuca, colocou mais palha sob minha cabeça.

— Está bom assim?

Só concordei com a cabeça e esperei, observando a menina pegar o prato cheio de uma comida cheirosa e de boa aparência.

Tive vontade de chorar pela generosidade delas, e o fiz assim que a colher trouxe à minha boca textura e sabor de comida boa.

Mastiguei devagar, saboreando. Fechei os olhos, tentando me lembrar de casa, de quando aquela comida era pura e simples rotina.

Apesar de não comer tão bem no período de treinamento, eu nunca havia passado tanta fome e sido tão humilhado para conseguir um prato de comida quanto naqueles dias.

— Coma devagar — ela disse, quando abri a boca, esperando por mais.

— Onde está meu avô? — perguntei, quando ela parou com a colher em frente ao meu rosto.

— Foi resolver algo em uma outra fazenda. É época de colheita, é preciso ficar de olho se toda a fruta colhida chega ao seu destino ou é roubada e vendida por fora. Aproveite para descansar, suas mãos estão em um estado... — Ela não encontrou palavras, mas a careta que fez denunciou que não era nada bom. — Se mamãe não desse um jeito, acho que você poderia até perdê-las.

— Se eu as perdesse, talvez ele me deixasse em paz — sussurrei para mim mesmo, querendo continuar a conversa, querendo não me sentir mais tão sozinho. — Como sua mãe está casada com aquele monstro?

— Mamãe era atriz de cinema.

— Famosa? — perguntei, de boca cheia, e vi Pedrina sorrir sem jeito, enquanto descansava a colher no prato.

— Até poderia ser, se não fosse por mim. A gravidez a fez perder um papel importante, sustentar um bebê arruinou as chances dela e, desde então, nós estamos aqui.

— Então você sempre conviveu com o monstro que é meu avô?

— Ele não é tão ruim com a gente... — O tom de voz foi abaixando junto com o olhar. — Vamos logo, você precisa se alimentar direito.

Fiquei quieto de novo, tentando sentir a vida que a comida trazia consigo se alastrar por cada parte do meu corpo e quando finalmente ela

raspou o prato, eu me sentia bem melhor.

— Obrigado — falei, depois de um suspiro entrecortado.

Ela não respondeu, colocou o prato de lado, me serviu de mais água e depois mediu minha temperatura com a mão contra a minha bochecha.

— A febre baixou... Você vai dormir bem. Vou tentar trazer comida mais vezes, você precisa se alimentar melhor... E, sinceramente, seria bom você descansar.

— Eu vou — concordei, me aninhando do melhor jeito possível na minha cama de palha.

— E tente manter as mãos limpas.

— *Me lembrarei disso.*

— Certo... — Pegando o prato, o copo e os panos, Pedrina se ergueu com os olhos nos meus e ficou parada por alguns segundos, pensando em dizer algo que não teve coragem. — *Buonasera.*

— *Buonasera* — falei, já de olhos fechados, querendo que aquilo não fosse algum tipo de alucinação bizarra.



Por quatro dias seguidos, eu recebi Pedrina a mando de sua mãe. Elas me medicaram, alimentaram e eu não trabalhei. Me senti quase gente de

novo.

Meu corpo parecia recuperar as forças com uma gana incontrolável, mesmo que minhas mãos ainda estivessem bem ruins, principalmente os dedos que eu precisava usar vez ou outra.

E eu poderia ter me acostumado com aquilo, mas seria sorte demais.

Naquela noite, meu avô voltou e eu só soube disso quando era tarde demais.

— Seu bostinha, eu disse que você poderia parar? — As mãos dele no meu cabelo me ergueram da cama, mas logo em seguida me jogaram no chão.

O susto fez meu coração bater nos ouvidos.

Seu pé encontrou minhas costelas e, com um chute, ele me virou de lado.

— Eu disse que você poderia ter algum descanso? — Mais um chute, bem no estômago.

Eu vomitei a água que havia tomado mais cedo.

Aquilo o enfureceu ainda mais, então, me virando de novo de bruços à base de pontapés, ele pisou sobre minhas costas, mantendo o meu tronco preso ao chão.

Pegando meu braço direito, o que ainda estava intacto, Giuseppe Coppola me ouviu gritar ao quebrar o osso, forçando-o para trás.

O ar fugiu dos meus pulmões e minha cara contra o chão fez com que minha boca aberta se enchesse de terra.

— Grite mesmo! Grite! É música para os meus ouvidos, seu vagabundinho imundo!

Ele estava furioso, mas eu também estava.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis...

A contagem disparou na minha cabeça instantaneamente.

— *Figlio di puttana*, achou que eu teria dó de você? — ele continuou xingando baixo. — Ei, você aí! — ele gritou para alguém que eu não tinha visão. — Vá chamar o médico. Mande-o consertá-lo logo, não o quero moribundo.

Puxando meus cabelos de novo, vindo perto do meu ouvido, ele disse:

— Recupere sua mão e seu braço trabalhando com os pés. Amanhã você vai amassar uvas, mas tome um banho antes. Você está podre.

Jogando minha cabeça para frente, ele saiu andando, me deixando com aquela contagem alucinante, enquanto eu via tudo em vermelho.

Pela primeira vez, o nó da minha garganta se desfez rápido, talvez tenha sido por eu entender que não adiantava chorar. Aquele inferno do caralho não tinha data para terminar.

O médico veio, me deu ordens diretas e rápidas, colocou meu braço no lugar como achou que deveria ser, e depois de imobilizá-lo e me dar uma cartela de comprimidos, sumiu noite adentro. Eu continuei em silêncio absoluto e assim que fiquei sozinho, me arrastei até a cama. Dolorido, inútil, vazio.

Infelizmente, o sono não veio e enquanto eu encarava o buraco no teto, vendo o céu estrelado, ouvi o som de passos.

A primeira reação foi me encolher, mas quando notei os cabelos loiros no ser minúsculo, relaxei um pouco.

— O que faz aqui? — Minha pergunta saiu ácida.

— Eu não vou parar de vir... — ela sussurrou, incerta, com medo do meu tom de voz, mas continuou e deu mais um passo na minha direção. — Você precisa de ajuda.

— Vá embora. Se ele descobrir, é capaz de te matar, ou coisa pior.

— Não... — ela insistiu e tentei ignorá-la, mas a garota era teimosa.

Puxou minha mão do braço bom para si e cuidou dela. Depois, com muito cuidado, mexeu na outra e, por fim, limpou meu rosto.

— Coma — ela pediu, e eu queria ser forte o bastante para negar, mas tinha fome.

Muita fome.

Abri a boca para devorar o pão e as colheradas da sopa quente que ela havia trazido e quando terminei, não agradeci.

— Eu volto amanhã — anunciou.

— Não volte — falei, mas ela não pareceu ouvir.

Na madrugada seguinte, em uma noite sem surpresas vindas do meu avô, lá estava Pedrina.

CAPÍTULO 24

Eu pego em minha garganta

Sufoco

Rasgo em pedaços

Eu não vou, não

Eu não quero ser isso

vermilion pt 2, slipknot

Meu avô se absteve das visitas noturnas por vários e vários dias.

Foi o tempo do meu braço e mãos ficarem quase novos em folha.

Trabalhar com as uvas me dava chance de roubar algumas durante o dia, beber um pouco do suco também. Todos os funcionários faziam, e parecia que ali, sem vigia, eu era mais um deles.

Para minha felicidade, todos os dias de paz vinham acompanhado de madrugadas ao lado de Pedrina. Alguns dias ela vinha rápido, mas em outros, ela ficava por horas sentada ao meu lado, olhando para as estrelas, falando bobagem.

Não dava para entender como, sabendo de tudo o que acontecia, ela conseguisse ser tão doce.

Seus olhos claros eram envoltos em cílios compridos e claros que me encantavam.

Era a coisa mais bonita e pura para se olhar naquele lugar.

Naquela noite, tomando coragem, quando ela disse que precisava ir embora, eu a abracei. No começo, de um jeito meio afobado, o que a surpreendeu, mas passado o susto, fui retribuído.

— Gosto de você, Louis. Gosto mesmo. — Deixando um beijo na minha bochecha, ela se foi, me dando certeza de que voltaria assim que pudesse.

E foi isso que me fez sobreviver, dia após dia, depois das novas visitas do meu avô.



Com seis meses trabalhando na fazenda, meu avô permitiu que eu tomasse café com os funcionários ao acordar e que eu almoçasse junto deles quando a tarde caía também. Eu estava em fase de crescimento, e com tanto esforço, os músculos começaram a aparecer. De longe eu não aparentava minha pouca idade.

Entre os peões, sempre me davam pelo menos três anos a mais. Com esse tempo, eu também ganhei mais um cobertor, puído, mas já ajudava muito a enfrentar o frio do inverno que se aproximava.

Com quase um ano daquela rotina, eu já havia me adaptado bem à vida que levava, apesar de ainda precisar aguentar duro todas as tentativas de me enlouquecer vindas de Giuseppe. Tinha dias que ele me mandava ficar em pé, com os braços para o alto, por horas, ou me fazia correr até parecer que meus pulmões iam explodir. Já fiquei acordado uma noite toda em cima de uma árvore por ele ter soltado os cães em cima de mim ou apanhei até perder a consciência, sem motivo algum.

Com o tempo, eu entendi que, se conseguisse controlar as contagens do meu coração junto à dor, podia haver uma centelha de prazer, então quando Giuseppe colocava as mãos em mim, eu era o seu boneco obediente, que enfrentava tudo e qualquer coisa só porque ele tinha poder sobre mim.

Isso quase me transformou no monstro que ele queria, mas ainda havia uma parte humana preservada pelas visitas da madrugada.

Pedrina sempre aparecia depois de ele ir embora. Cuidava dos meus machucados, me alimentava, tentava me aquecer como podia. Mary aparecia vez ou outra quando meu avô não estava, mas as duas, de formas completamente diferentes, me mantiveram são.

As duas eram muito mais família do que a minha própria.

Mas, contudo, eu não conseguia ver Pedrina como uma irmã.

A adolescência chegou com força, o corpo dela se desenvolveu como o meu, e nem ela, nem eu, éramos alheios a isso.

Naquela noite, depois de ficar por horas amarrado pelos pés em uma árvore, sendo açoitado, voltei cambaleando para dentro do celeiro e a encontrei lá, escondida em uma das baias vazias.

— O que faz aqui? — perguntei, quando ela correu na minha direção para me dar apoio.

— Mamãe disse que eu podia vir mais cedo... Você está bem? — Ela me ajudou a sentar sobre minha cama e eu fiz que sim com a cabeça.

— Eu quase não sinto mais. Acho que estou calejado. — Meu meio-sorriso não a convenceu.

— Isso é sério, Louis. É absurdo que ele te trate desse jeito, você é neto dele!

— E isso já o impediu de me machucar? — Levei a mão à costela direita e massageei. — Acho que ter o sangue dele faz tudo ficar mais divertido.

— Há algo que eu possa fazer por você?

— Se o meu cheiro não te incomodar, deite comigo. — Ela riu, já me empurrando para se aninhar no que eu chamava de cama ao meu lado.

— Seu cheiro nunca é ruim.

Eu tentava de todo jeito tomar banho depois do trabalho braçal na fazenda, mas nunca conseguia depois das visitas do meu avô.

— Você é uma mentirosa. — Me ajeitei ao seu lado e a ouvi rir junto comigo.

— Não, é sério. — Virei o rosto para encará-la sob a luz que vinha do buraco no teto. O riso dela morreu aos poucos com o olhar preso ao meu. — Eu gosto do seu cheiro. — Sua voz soou profunda e baixa.

Ela respirou fundo e notei o tom avermelhado subindo por seu pescoço e bochechas.

— O seu é bem melhor — respondi no mesmo tom de voz e, sem receio algum, movi minha mão para o seu rosto.

A pele de Pedrina era macia e quando eu a toquei, seus olhos se fecharam.

Não houve brecha alguma para dúvida. Eu tinha vontade, e era óbvio que ela também. Lentamente eu curvei a cabeça na direção dela e, quando minha boca tocou a sua, em um primeiro beijo inocente, pensei que o mundo teria alguma salvação.

Nossas bocas se chocaram e permaneceram juntas por alguns segundos.

Era casto, limpo, era ela.

Surpreendendo-me, Pedrina colocou a mão sobre o meu rosto e entreabriu os lábios, trazendo sua língua para encontrar a minha.

Começamos sem jeito, mas também sem pressa.

Descobrimos juntos como respirar, como seguir, aonde ir e aos poucos, a calma foi deixada para trás. Eu gostaria de me sentir imundo e conseguir parar, mas sabendo o que poderíamos fazer, como poderia ser, não parei. Nem ela.

Ali, entre a palha e as estrelas de testemunha, nós nos tratamos como homem e mulher.

E de toda minha existência, aquele havia sido o momento pelo qual valeu a pena estar vivo.

— Vamos fugir — soprei a sugestão com o braço em volta dos ombros dela.

— Fugir? — Se erguendo num pulo, ela se sentou. — Não posso fugir. Você não tem doze anos completos ainda, eu sou só um ano mais velha. O que comeríamos? Onde dormiríamos? E minha mãe? Minha cabra? — O pavor esganiçado na voz dela me deixou magoado.

— E eu? — perguntei, me apoiando sobre os cotovelos, um pouco mais ríspido do que gostaria.

— Você está sendo criado para... — Ela me olhou por cima do ombro e suspirou, sacudindo a cabeça, negando a frase que se formava, se levantando para colocar a calcinha.

— Estou sendo criado para quê?

— Ele nunca vai deixar você ir embora, Louis. Vai te caçar em cada esquina e todo mundo aqui sabe disso.

— Nós poderíamos tentar... — Tentei mais uma vez e ela falou, num tom mais alto:

— Chega! Não fale mais sobre isso, é loucura. — Pedrina não esperou uma outra reação minha. Saiu atordoada para a noite e fiquei sozinho na cama.

Ajeitei as calças, encarei o teto e tentei dormir, mas com a mente a milhão, graças à negativa da única pessoa que parecia gostar de mim, de me salvar daquele tormento diário, não consegui pregar o olho.

Foi por isso que eu o ouvi chegar.

Naquela noite, meu avô veio acompanhado de seu terno branco, cachimbo na boca, bengala no braço e um riso sinistro demais no rosto.

Ele nunca sorria.

— Levante-se — ele mandou e eu obedeci num pulo.

Medindo-me de cima a baixo, como se soubesse o que havia acontecido, seu tom de voz saiu cheio de sadismo.

— Teve uma boa noite, menino?

— Não te interessa. — A resposta entredentes saiu alto o bastante para que ele ouvisse.

Giuseppe tragou e soltou a fumaça lentamente, me analisando com seus olhos frios, achando-se superior.

— Ah, não? Então venha comigo.

Sem outra opção, meus pés foram lentos ao acompanhar meu avô pelo terreno acidentado no escuro da madrugada, mas ao entender que ele voltava para sua casa, ao perceber que algo sobre Pedrina e eu poderia gerar consequências para ela, senti meu coração se enterrar no estômago e, quando cruzei o portal da casa, achei que fosse vomitá-lo na soleira.

Mary e Pedrina estavam nuas.

A menina, amarrada pelos pulsos em uma corda no teto em frente à lareira, tinha o rosto molhado pelas lágrimas de desespero. Os olhos, assim que me enxergaram, se arregalaram no mais puro e denso medo. Já sua mãe, com os olhos selvagens cheios de uma raiva que poderia derrubar a casa,

encarava meu avô e a mim, ajoelhada no chão próxima à Pedrina, com as mãos atadas.

Ambas com panos sobre a boca como mordanças, não permitindo que falassem.

Meus pés congelaram no lugar e, meu avô notando que eu havia parado, olhou para trás sobre o ombro.

— Entre, garoto — ele disse, depois de soprar a fumaça com cheiro forte na minha cara e riu. — Está com medo? — Em sua voz estava refletida toda sua diversão ao ver aquela situação. — Não se preocupe. Hoje, finalmente, eu vou te ensinar algo grandioso.

Tirando seu paletó e colocando-o sobre as costas da poltrona, Giuseppe se sentou e encarou as mulheres à sua frente como se fossem obras de arte.

— Cultivei essas duas por longos e doces anos, mas chegou a hora de servirem a um propósito maior. Louis, aproxime-se.

Com muito custo, minhas pernas responderam, e mesmo sob os protestos da minha mente, foram na direção dele. Parei ao lado da poltrona, encarando os rostos de quem tanto já havia me ajudado e pensei em como poderia retribuir.

— Seu pai te ensinou muito sobre como lidar com inimigos, não?

Concordei com a cabeça, não entendendo aonde ele queria chegar.

— Certo, agora, vou te ensinar a lidar com inocentes. Para o futuro que quero para você, não há espaço para arrependimentos, ou para fraquezas desse tipo. Agora, me obedeça e vá tocar Pedrina.

— Eu...

— Agora. — A ordem me alertou de que coisas piores poderiam ser feitas.

Sentindo cada fibra do meu corpo, tensa, me vi indo na direção da menina e parei à sua frente, encarando seu peito, sem coragem de encará-la nos olhos.

— Afaste o cabelo dela, toque sua pele, sinta seu coração bater.

Não queria tocá-la daquela forma, ali, e levou mais de meio minuto para eu ter coragem de erguer minha mão e colocar os cabelos loiros para trás. Fiz isso enquanto notava as lágrimas escorrendo por seu colo e precisei morder a língua para segurar minha vontade de dizer não ao meu avô.

A respiração de Pedrina se intensificou, até mesmo fez barulho, quando eu toquei a pele úmida. Tentei ser delicado, sentindo o seu coração batendo contra meus dedos.

— O que acha dela, Louis?

— Linda — disse, com todo o respeito que poderia caber a mim e, querendo que ela visse que aquilo doía em mim também, tive coragem de encará-la, olho no olho. — Eu acho que Pedrina é linda. — Minha voz saiu baixa e limpa.

— E você gosta dela?

Devia ser sincero porque, até o final da noite, eu não sabia o que poderia acontecer.

— Gosto — confirmei e vi o olhar de Pedrina mudar.

Ainda tinha tudo aquilo que eu vira antes, o pavor, o temor, o medo.

Mas agora também havia compreensão e uma dose de arrependimento.

Nós deveríamos ter fugido, ela sabia.

— Ótimo. Agora afaste as pernas e foda com ela — meu avô cuspiu as palavras e antes que eu pudesse processá-las, ele estava ao meu lado, as mãos no meu ombro. — E faça direito.

— Não.

Neguei de imediato.

Não havia possibilidade de machucá-la.

— Não? — A risada do meu avô no meu ouvido arrepiou os pelos da minha nuca. — Ah, Louis...

Soltando meus ombros, ele foi para trás de Pedrina, arrancou a mordança de sua boca e, chegando de frente para a lareira, pegou o atizador que estava com a ponta no fogo.

— Você vai fazer — ele ordenou, apontando o ferro quente para mim.

— Não. Você pode me matar agora se quiser, mas não vou... — me recusei a falar aquela palavra, mas meu avô não.

— Estuprá-la? — O sorriso que ele deu revirou meu estômago. — Ah, então vamos fazer com que ela te peça.

E virando o ferro na direção de Pedrina, ele ameaçou tocar suas costelas.

— Não! — nós gritamos, enquanto ela tentava se esquivar.

— Se não quer sentir isso contra sua pele, mocinha, peça para que ele te foda.

Aquela cena toda o divertia. Aquele homem era um sádico maldito.

Naquele minuto, vendo o mundo desabar, entre a cruz e a espada, eu rezei.

Eu pedi.

Eu implorei.

Mas não houve sons de trovão, ou alguém entrando pela porta para nos salvar.

Tudo o que eu tinha era o abismo dos olhos de Pedrina me encarando. O som do seu choro de desespero junto ao de sua mãe, e o medo corroendo meus ossos.

— Louis — a voz saiu esganiçada —, por favor, faça o que ele pede — a garota disse baixo.

O diabo do meu avô riu e eu neguei com a cabeça.

Como eu poderia?

— Ela está pedindo, Louis. Faça o que ela pede — exasperado, ele ordenou. — Faça!

— Não posso... — soprei, sabendo que lágrimas rolavam pelo meu rosto também.

E então, sem paciência, meu avô triscou na pele clara sob o seio esquerdo com o atizador.

O grito dela junto ao som da pele queimando me fizeram gritar também.

Virei para ele e pensei em ajoelhar, implorar, qualquer coisa.

— Nem pense em pedir para desistir.

— Então me mate! — O pedido rasgou minha garganta.

— Te matar? — Deitando a cabeça para trás, ele gargalhou. — Menino estúpido. Se eu quisesse você morto, já teria feito isso há tempos. Não, Louis. Eu vou matar essa sua fraqueza. Se você não me obedecer, elas morrem hoje e amanhã você estará em um puteiro qualquer, sendo usado por homens tão ruins quanto eu, até que sua alma apodreça dentro do corpo e os vermes te comam de dentro para fora. Faça o que eu mando, agora!

— FAÇA, LOUIS! — Pedrina gritou.

E enquanto ela, sua mãe e meu avô cercavam minha cabeça, me vi explodindo por dentro, e só entendi o que fazia quando, com as mãos apoiadas no traseiro dela, me afundei na carne quase seca, tão apertada que me machucava.

Pedrina gritou, meu avô riu, eu chorei.

A cada estocada, conforme via no olhar dela o desespero, a dor, sentia aquilo que eu ainda não sabia o nome crescer dentro de mim.

Minhas mãos e meus quadris trabalharam juntos, um contra o outro, trazendo o corpo pequeno contra o meu cada vez mais rápido e enquanto minha mente contava alucinadamente, sabendo que aquela era mais uma das torturas do meu avô, mal percebi quando o meu próprio diabo deu as caras.

Foi assustador sentir aquele peso dentro do meu coração, agarrando minha alma com suas garras e sussurrando no meu ouvido.

— Olhe o que está fazendo, Louis. Você não gosta do que vê? Não gosta de saber que ela é sua? Cada pedaço dela, cada grito, cada lágrima. Tudo é seu. Você é o dono da alma dessa pobre garota azarada, e o que vai fazer com ela?

As lágrimas que escorreram pelo meu rosto enquanto eu respondia mentalmente eram uma despedida. Depois daquela noite, eu nunca mais seria igual.

Depois daquela noite, eu só me tornaria pior e pior.

Depois daquela noite, minha alma estava condenada.

E tudo isso porque eu gostei.

Quando o prazer veio, meus dedos se afundaram na carne dela e eu urrei.

A respiração fora de controle, o corpo trêmulo, o olhar vazio.

Eu era um conjunto de tudo e nada.

Era Eva provando do fruto proibido.

Era a vergonha de Adão por ter cedido.

Era a serpente feliz por ter feito algo tão cruel.

— Agora é a minha vez. — Ouvi Giuseppe dizer e, como um bicho que protege sua caça, quando o vi se aproximar, estiquei a mão para a faca que ficava em seu cinto e, sem pensar duas vezes, sabendo como se fazia aquilo, agarrei os cabelos de Pedrina pela nuca e deixei seu pescoço exposto.

Era meu presente de despedida.

A faca rasgou a pele. Sangue lavou meu rosto, peito, e o corpo que agora pendia inerte da garota que fez meus olhos brilharem.

Em menos de um minuto, Pedrina estava morta.

Eu a havia matado.

Sua alma me pertenceria para sempre.

O diabo dentro de mim aplaudiu, rindo do meu avô.

— Por essa, eu não esperava. — Ouvi-o dizer e só então soltei o corpo de Pedrina. Saí de dentro dela e ajeitei minhas calças, erguendo o corpo logo em seguida para olhar para Giuseppe.

— E agora? — Não havia sombra de emoção na minha voz.

— Agora? Sobrou a mãe — ele me indicou. — Traga-a.

E eu obedeci, pegando Mary pelos cabelos, arrastando o corpo que brigava por uma chance de sobreviver, porta afora.

No quintal dos fundos, para a minha surpresa, havia algo que eu nunca tinha visto antes. Era um touro dourado, bonito. Parecia uma escultura. Em sua boca havia um buraco pequeno, em suas costas, uma espécie de maçaneta.

— Coloque-a aqui. — Giuseppe girou a maçaneta e a barriga do touro se abriu.

Apesar da minha pouca idade, eu aguentava o peso de Mary, e mesmo ela sendo mais alta do que eu, naquele estado, não foi nenhum problema forçá-la para dentro.

Suspirei, aliviado, achando que aquele seria o final da punição e virei as costas, pronto para ir até o celeiro e me permitir sentir todo o peso daquela desgraça nos ombros, mas meu avô me chamou de novo.

— Aonde acha que vai? Traga aquela lenha ali do lado da porta e coloque embaixo do boi, depois, coloque fogo nela e só pare de cuidar dessa fogueira quando não ouvir mais nenhum som saindo daqui. — Ele indicou o pequeno buraco na boca do bicho de ferro.

Minha boca secou, mas sabendo que não havia alternativa, obedeci.

Quando o fogo pegou, quando consumiu a madeira e as chamas lamberam o metal, os gritos de Mary encheram o ar. Era uma sinfonia estranha, agonizante, horrenda e bonita. E eu passei a madrugada inteira em pé, assistindo ao seu último espetáculo, sabendo que aquela era a única forma que eu teria de prestar a última homenagem à mulher que se atreveu a amar meu avô.

Passaram-se dez mil seiscentos e vinte e dois segundos.

Já tinha um tempo que nenhum grito vinha do touro de ferro.

Mary tinha me apresentado a canção mais forte e intensa de toda a vida antes de finalmente morrer.

— O amor, a compaixão e todos esses outros sentimentos que dizem ser bons, serão sua ruína. No nosso mundo só existe o ódio, a raiva, o dinheiro e o poder. Lembre-se disso, e não se renda nunca. Dê um jeito no corpo e vá para o seu canto — meu avô disse e me deu as costas.

Aquela era sua despedida.

Ninguém naquela fazenda me viu cavar duas covas rasas ao pé da oliveira do quintal. Ninguém testemunhou minha dor ao limpar cada gota de sangue da garota que eu gostava, nem me viram carregar o corpo de Pedrina.

Ou suspeitaram da minha maldade toda quando recolhi o corpo carbonizado da mulher que tentou me dar um pouco de dignidade no último ano.

Quando os funcionários da fazenda chegaram, tudo o que eles viram foi um garoto sujo e maltrapilho fazendo um novo canteiro de flores para cadáveres que nunca teriam seus nomes em lápides, chorando entre fuligem e sangue, expelindo pelas lágrimas quase todo o resto de humanidade que ainda lhe sobrava.

CAPÍTULO 25

Nós somos a tempestade
Esta é a nossa guerra
Enquanto os mundos colidem, nós lutaremos
E vamos sair vivos
Machucado e espancado
Nós vamos batalhar
Até o sol da manhã nascer
Nós somos a tempestade
Isso é guerra
this is our war, halocene

— Você está cheirando à morte. Vá se limpar — Giuseppe disse, quando me mandou pular no rio naquela noite.

Ele não estava errado.

No último ano, eu virei seu executor. Matei homens muito maiores do que eu, algumas mulheres e até mesmo uma criança no caminho. O processo de me tornar o que eu era naquele momento da vida não foi bonito, mas cheguei ao ponto de que, quando minha vítima era alguém que parecia merecer o que eu faria com ela, o prazer me consumia. Era minha única diversão. Quando não, eu só tentava encarar que, se fosse meu avô ou algum

dos seus homens, eles não seriam tão misericordiosos ou rápidos como eu era.

Vez ou outra, o som do pescoço do garotinho, de olhos castanhos como os meus, quebrando invadia meus sonhos. Com o passar do tempo, eu comecei a me acostumar.

Naquela tarde, eu havia dado cabo de dois homens que roubaram a fazenda e estupraram uma das funcionárias do meu avô. Um deles também tinha engravidado a filha de um velho que, aparentemente, Giuseppe tinha algum apreço.

O ladrão teve as mãos decepadas e, quando estava perto de perder a consciência, fiz com que ele afogasse no próprio sangue. O outro assistiu a toda a cena e quando chegou sua vez, moí sua cabeça nas hélices do cortador de gramas.

Era dele o sangue no meu rosto, e se não fosse a ordem, teria mantido ali a marca de mais uma vida ceifada.

Era divertido ver o medo no olhar dos funcionários da fazenda que viam o que eu havia me tornado e não fizeram nada para impedir.

Agora era realmente bom que eles me vissem como algo vil e sujo.

Era bom que eles me temessem.

— Você só sai daí quando o sol nascer — Giuseppe me avisou e, deixando seus cães me vigiando, foi embora.

Lutando contra o sono, com o frio e com a fome, mais uma vez, agradei a correnteza do rio estar fraca naquela noite, me concentrei em manter o corpo ativo e contei por horas e horas até que o primeiro raio de sol rompeu no céu.

Não demorou para os cachorros notarem a presença de Giuseppe e quando ele finalmente apareceu com uma bacia na mão, fez sinal para que eu saísse de onde estava.

O corpo amortecido pela água gelada agradeceu quando saí e me encolhi de cócoras, esfregando os braços na luz quente, tentando me aquecer logo.

Depois de dois anos vivendo daquela forma, nada mais me surpreendia, ou me assustava.

— Seu café — o velho avisou, quando jogou o pote de metal no chão bem aos meus pés.

A comida, uma massa de cor amarelo-areia misturada com restos de carne e verdura, girou no recipiente. E, como aprendi há muito tempo, não perguntei o que era, não importava o sabor. Eu precisava me manter forte e vivo.

Sem me importar com qualquer regra de etiqueta, nu, tentando me esquentar e faminto, meti a mão na massa e levei até a boca, mal mastigando o que devia ser parte dos restos que iriam aos porcos. Engoli bons quatro punhados de comida, quando recebi um chute na costela.

— Erga-se, coma direito. Mesmo não parecendo, você ainda é um homem.

Obedeci, ainda encolhido, me ergui sem largar a comida e me questionei.

Depois de tudo o que tinha vivido e feito, será que eu ainda era minimamente humano?

O único fio que me ligava a esse termo era o relicário que minha mãe havia me dado e que estava escondido e esquecido sob a palha de onde eu dormia. Apesar de não sentir nada por cada um dos rostos na foto escondida dentro daquele colar, vez ou outra eu esperava que pudesse voltar para casa e que as coisas fizessem sentido, mas aquela era uma ideia pequena, frágil demais para se tornar uma esperança concreta.

— Se limpe e coloque as roupas que mandei levar até o celeiro. Temos compromisso na rua hoje, não faça eu me atrasar — ele disse, tirando a comida da minha mão, erguendo-a para perto do seu rosto, só assim ganhando minha atenção. — Você entendeu?

— Entendi — soltei num grunhido grosso e rouco, limpando a boca com as costas da mão.

E depois de uma troca intensa de olhares com o velho, ele assobiou, chamando sua pequena matilha para acompanhar sua caminhada de volta à casa.

Lavei a boca no rio, meti a cara na água gelada para acordar de vez e corri nu e descalço para o celeiro, sem me importar se alguém me veria naquele estado, um tanto quanto ansioso por receber aquela ordem.

Seria a primeira vez, em dois anos, que ele me tiraria dali.

Para minha surpresa, havia itens de higiene que eu não via há muito tempo, como minha escova de dentes e xampu. As roupas também não eram nada do que eu esperava. Em cima da cama, uma calça preta social era acompanhada de uma blusa de malha, com gola alta e mangas compridas. Meias, sapatos italianos bem lustrados e um cinto de couro com fivela dourada.

Que diabos aquele velho estava aprontando?

Depois de escovar os dentes por cinco vezes, a ponto de machucar a gengiva, feliz por me livrar do gosto do carvão, o qual havia virado minha

pasta de dentes, e não precisar usar tiras de palha como fio dental, tomei um bom banho de balde, ainda com a água gelada da torneira, e esfreguei com força o couro cabeludo.

Meu cabelo havia crescido muito naqueles anos, e sem um corte, o comprimento dos fios estava abaixo do ombro.

O cheiro de limpeza era tão raro que, quando me vi pronto, precisei cheirar as roupas e meus braços. Não lembrava qual a última vez que tinha me sentido tão bem daquele jeito.

Era humilhante saber que algo que me era tão banal antes, agora me fazia falta.

Não que eu me importasse com a sujeira, mas o ato de poder me limpar depois dela era bom.

Não era meio-dia ainda quando eu entrei para sentar no banco de trás do carro do meu avô. Ele se sentava no banco do passageiro e Mattia, seu fiel escudeiro, dirigia.

Quando pensei na possibilidade de ele estar me levando para outro lugar para nunca mais voltar, olhei para trás, pensando que aquela fazenda

era tudo o que eu conhecia e seria terrivelmente cruel me levar a um lugar pior, onde eu pudesse sentir saudade da vida naquela terra.

Levou pelo menos quarenta minutos até chegarmos à cidade, e pelo caminho, a cada árvore que eu via, meus dentes se chocavam, em um outro tipo de contagem, curioso para saber aonde iríamos. A maior surpresa foi quando o carro parou em frente a um comércio pequeno, e demorou alguns segundos até eu entender que era uma barbearia. Meu avô desceu do carro, puxou o banco e eu desci logo em seguida, olhando em volta, estranhando tudo. Não me lembrava de ter passado por ali na minha chegada e ver a cidade tão pequena, numa arquitetura quase primitiva comparado de onde eu vinha, me levantou o questionamento de onde estávamos de fato. Não pude ficar muito tempo prestando atenção nas coisas, já que meu avô subiu os degraus com uma agilidade incomum para sua idade e eu o segui.

— Preciso que dê um jeito no menino — ele disse ao barbeiro, assim que entrou e colocou dinheiro no pote de vidro sobre a bancada ao lado da porta.

O barbeiro não tinha mais que quarenta anos. Seu bigode escuro sob um nariz comprido combinado com o cabelo bem-cortado me fizeram perder

alguns bons segundos em seu rosto. Os olhos dele saíram do rosto de Giuseppe para me encarar, claramente curioso.

— Sente-se aí. Já vou atendê-lo.

— Escute aqui, garoto — meu avô disse, virando-se para mim e pegando no meu queixo. — Bico calado, e quando sair daqui, vá direto até aquele lugar. — Ele indicou com a cabeça um restaurante de paredes vinho. — Entendido?

Fiz que sim e ele partiu em seguida de volta para o carro.

Eu o assisti descer as escadas e me sentei sobre a cadeira em frente ao espelho.

Foi a primeira vez, em quase dois anos, que via meu reflexo naquele tipo de superfície e tomei um choque de realidade. Eu havia crescido muito.

Não era, nem de longe, a criança que foi trazida para a fazenda. Eu era comprido e forte. Meu rosto magro trazia alguns hematomas quase curados na testa e nas maçãs. Meu nariz, que fora quebrado e colocado no lugar com brutalidade nove meses atrás, não parecia nenhum pouco torto como achei que ficaria. Meu olhar era desconfiado e, com aquele cabelo, eu parecia um selvagem.

O barbeiro não demorou para me atender, e quando sua tesoura começou a trabalhar, evitei olhar para o espelho até que, finalmente, tivesse

acabado.

— Pronto... Você não é o neto do...

— Don Coppola? Sou — respondi, abrindo os olhos e encarando novamente o reflexo completamente diferente no espelho.

Até então, vaidade não era algo importante para mim, mas olhar a figura bem-vestida e, agora, com um bom corte de cabelo, fez meu ego ser acariciado. Eu era bonito. Realmente bonito.

— Oh... — Houve um pequeno choque com o reconhecimento do homem enquanto eu me levantava e analisava meu rosto mais de perto no espelho. — Então, seja bem-vindo.

— Certo. — Me ergui, orgulhoso por ser favorecido pela natureza e, sem olhar para trás, nem me despedir, saí da barbearia.



O restaurante era mal iluminado e demorou algum tempo para minha visão se adaptar à escuridão. Quando finalmente consegui enxergar, vi meu avô e Mattia sentados no bar e fui até eles.

— Agora sim, parece um homem. Deixe-me ver isso de perto. — Giuseppe estendeu a mão na minha direção e quando me aproximei, segurou

meu queixo e girou minha cabeça para ver o que o barbeiro havia feito. — Hm. — Era sua aprovação.

Livre-me da sua mão e continuei em pé ao seu lado, com uma distância segura de seu toque.

— Sente-se aí — ele ordenou, indicando o banco livre ao seu lado, servindo-se de uma dose de grappa.

Olhei em volta enquanto me sentava, pensando o que aconteceria ali, e quando meu avô bateu no meu braço, franzi o cenho, sem entender o que ele queria.

— Beba devagar.

Não questioneei a ordem. Tudo o que eu havia provado era o suco puro da uva, mas nunca o vinho. E agora me foi servido uma bebida feita para derrubar.

Peguei o copo entre as mãos, sentindo o cheiro da bebida antes de levá-la à boca e sentir o gosto tomando conta da língua.

Era bom. Forte, estranho, mas ainda era bom.

Em silêncio, fiquei sentado bebericando do copo e analisando o bar, sentindo minha cabeça ficar mais leve, conforme o copo ia esvaziando.

Minha distração foi tanta que, quando meu avô me obrigou a levantar, me pegando pelo braço, precisei sacudir a cabeça antes de firmar os olhos

nos rostos nos quais ele ia na direção.

Nenhum deles se deu ao trabalho de trocar mais do que meio cumprimento comigo, mas não me importei. Sentei-me na mesa junto deles, comi o que lhes foi servido, sabendo que meu avô conferia se eu ainda sabia comer como gente, de garfo e faca, e escutei a conversa.

Aqueles cinco homens bem-vestidos eram da Cosa Nostra e queriam fazer negócio com meu avô. Parecia que, naquela cidade, ele era dono de quase toda a terra.

— Vejamos, vocês estão colocando um preço muito baixo... tenho outra proposta. Eu vendo essa parte Sul para vocês por esse valor, mas tenho livre passagem do meu comércio para as cidades vizinhas. Minha taxa de pagamento por lucro ficará em dois por cento ao ano para vocês, e meu neto casa com a filha mais velha de Máximo.

— A filha mais velha de Máximo deve ter o dobro da idade desse... — um deles disse com desprezo e me encarou —... menino.

— Louis não é um menino qualquer. É meu neto, filho de Leonel Luppolo.

— Você quer que negociemos com o filho de um traidor? Que só te poupou porque casou com sua filha? Sem chance — outro debochou.

— Leonel pode até ter sido... severo. Mas sua atitude o colocou no topo do poder.

— Um poder que tem rachaduras demais... Você deveria estar a par dessas coisas, Coppola, mas como não está... — O homem suspirou profundamente. — Não. Seu neto não tem chance aqui e esta é minha última palavra.

— Você é só um capo, amigo. — Meu avô disse aquilo com desprezo e colocou mais bebida no meu copo. Quase até a boca. — Não acho que possa decidir algo pelo seu conselheiro, ou no lugar do seu Don.

— Isso é algo que posso... — A animosidade no ar era brutal, mas foi interrompida pela chegada de um homem que nunca havia visto antes.

De cabeça raspada, corpulento e de olhos tão claros que pareciam feitos de vidro, o homem carregava junto de si um garoto que tinha quase a minha idade.

— Um de vocês é Tommaso Colombo?

— O que quer dele? — O homem que estava prestes a brigar com meu avô direcionou seu olhar ao forasteiro, enquanto batia as cinzas do seu cigarro no copo vazio.

— Sou Gorm Schevisbiski, tenho negócios a oferecer.

— Hm... Polones, não é? Qual é sua... — E ele foi interrompido.

— Falo pela Zwi Migdal.

Os olhos do meu avô brilharam.

— Não sou da família, mas gostaria de lhe oferecer hospitalidade. —
Afastando a cadeira, meu avô fuçou nos bolsos e tirou de lá um cartão. —
Espero você e seu menino para o café da manhã.

Gorm aceitou o convite do meu avô, pegando o cartão e confirmando com a cabeça.

— Se me dão licença, como não há negociação com os senhores, eu vou embora.

Surpreendendo o resto dos homens, meu avô pegou a garrafa da bebida forte que me dava e olhou para mim, numa ordem clara para que eu o seguisse.

Na porta do restaurante, enquanto Mattia ia buscar o carro, meu avô bateu com a garrafa contra o meu peito e eu a segurei.

— Termine com ela até chegarmos em casa. É uma ordem.

Sem opção, levei o gargalo até a boca e comecei com os pequenos goles, até sentir a cabeça leve demais, até meu estômago embrulhar, até que meus pés não estavam firmes e o carro parecia rodar antes mesmo da garrafa se esvaziar.

Minha mente, mesmo embaralhada, prestou atenção à conversa no caminho, e aproveitei para aprender um pouco mais do ambiente em que vivia.

— Acha que o polonês é uma boa? — Mattia perguntou.

— Podemos fazer negócio. Ele será rejeitado pela Cosa Nostra, mas não por mim, não para o meu plano futuro. Um aliado como ele pode ser poderoso.

— Acha que seu plano pode dar certo? — Mattia me olhou pelo espelho retrovisor e eu virei a garrafa na boca mais uma vez, fugindo do calor dos seus olhos. — Eles o rejeitaram.

— Não ainda. Eu não considero a palavra daqueles merdas o final. E o Leonel está se metendo em dívidas externas, eu sei disso. Uma dívida que não poderá pagar. A Cosa Nostra também não confia nele por causa da limpeza da qual ele foi cabeça. Eu só não sou mais julgado porque entregar minha filha foi a única forma de sobreviver, e porque deixo esses desgraçados, porcos italianos, com parte dos meus lucros. Mesmo velho, eu ainda sou útil.

— Mas até lá, o que faremos com o garoto?

— Louis? — Meu avô e ele falavam como se eu não estivesse ali. — Ninguém quer sentar um Luppolo no trono, mas eu estou transformando-o no tipo de homem que não pede nada para ninguém. Falta pouco, mas ele estará pronto...

A bebida me deu coragem de perguntar.

— O que você quer para mim?

— Em breve, você vai saber... — Num tom de voz mais baixo, ele reforçou: — Muito em breve.

Foi então que eu entendi que algo estava errado.

O rádio do carro terminou a música e o radialista disse:

“Estamos em vinte de agosto...”

Era meu aniversário.

Meu maldito aniversário.

E se, um ano antes, ele havia me feito matar Pedrina e sua mãe, o que ele tinha planejado para esse, em que eu não me chocaria com nenhum tipo de crueldade?

Quando paramos na fazenda, o sol se punha, e trançando as pernas, desci do carro e zerei a garrafa em três goles grandes, sentindo o corpo

arrepiar e o estômago reclamar.

Meu avô não precisou dizer nada para que eu andasse na direção do celeiro. Fiz o meu melhor, mesmo com o mundo girando, e quando consegui enxergar minha cama, caí sobre a palha.

Alguma coisa me incomodou as costelas e eu tateei, sem querer me mexer muito, até encontrar o pequeno relicário que eu achei que tinha perdido. Nem me lembrava a última vez que havia dado uma olhada naqueles rostos, mas fiquei ali encarando-os, pensando em como mandaria cada um deles para o inferno se pudesse. E enquanto minha cabeça ensaiava palavrões em italiano e a bebida me fazia lento e desatento, meu avô chegou.

— O que é isso? — Ele arrancou a corrente das minhas mãos e quando tentei me levantar para puxá-la de volta, ele me empurrou na cama e começou a rir. — Não creio que, depois de todo esse tempo, você ainda pense neles.

Não pensava, mas ainda assim, aquilo era meu.

Eram memórias do tempo em que eu ainda me sentia humano e não um bicho.

— Me devolva — pedi, numa ordem baixa, o que fez meu avô rir mais ainda.

— Ah, moleque. Eu ainda não consegui te quebrar? — Ele suspirou e foi atrás de corda para me prender. — Vamos ver se o que eu tenho planejado para hoje, vai fazer o trabalho que quero logo de uma vez.

E sem eu ter forças para brigar, meu avô, com a ajuda de Mattia, me colocou de pé, arrancou minhas roupas e prendeu meus pulsos com a corda numa amarração cheia de curvas.

— Coloque-o preso no teto e, depois, vá embora.

— Para o meu quarto? — Mattia perguntou, me segurando em pé pelo ombro, já que eu não tinha muita capacidade de ficar ereto.

— Não. Quero você e qualquer homem de guarda fora da fazenda hoje.

O homem não reclamou, mas o obedeceu e partiu logo em seguida.

Do alto, minha cabeça girava ainda mais e quando meu avô acertou a primeira chicotada nas minhas coxas, puxei o ar entre os dentes e depois, pela primeira vez, na frente dele, eu ri.

A verdade era que, convivendo com a dor aquele tempo todo, aprendi a gostar dela.

Notar como meu corpo reagia a cada uma das provações, em como ela era às vezes limiar do prazer... Não era raro as vezes em que, depois de um espancamento, mesmo sem me tocar, minhas cuecas estivessem meladas.

E não havia um pingo de vergonha em mim quando sabia que era aquela a forma que meu corpo tinha encontrado para sobreviver no meio daquela merda toda.

— O que vai fazer hoje? — Solucei sem querer. — Quer que eu fique acordado por quantos dias? Ou que eu mate quantas pessoas? Quer que eu estupre alguém? — Quis rir, não por achar graça e sim por ser patético. — Qualquer coisa que você quiser que eu faça, ou queira fazer comigo, nada mais pode me machucar.

Meus olhos focaram no rosto do meu avô e eu não entendia o motivo dele estar sorrindo.

— Vamos ver, então.

Pegando um cabo de madeira, meu avô me espancou inteiro.

Pernas, coxas, bunda, costelas, peito, braços.

Cada pequeno lugar que ele pudesse bater ganhou uma bela paulada.

E como um louco apreciador da dor, eu ri numa gargalhada desesperadamente medonha e aguentei até que minha pele rasgasse em alguns lugares.

Havia filetes de sangue espalhados por todo o meu corpo, mas não me abalava.

Não era novidade ser tão machucado, e meu avô não gostou disso.

— Eu odeio todo mundo que você poderia usar contra mim, vovô — falei, em inglês, para irritá-lo. Ganhei de volta um soco no estômago e senti o jato de vômito voar da minha boca.

— Aqui você fala a língua mãe. — Suas mãos puxaram meu cabelo da raiz com força e ergueram meu rosto para olhar em meus olhos. — E como só te sobrou você, vou te tirar isso também.

Eu, bêbado e confuso, não entendi o que ele quis dizer, mas quando ele foi para trás de mim e ouvi o zíper de sua calça abaixar, entendi que talvez tivesse passado do limite.

— Não — reclamei e movi o corpo como dava. — Não! — gritei, quando ele me segurou no lugar. — VOCÊ NÃO PODE FAZER ISSO! — rosnei e tentei lutar, mas não havia o que fazer.

Eu o ouvi cuspendo. Ouvi seu riso, e seu aviso final:

— Assista como vou quebrar você.

E antes que eu tivesse chance de falar qualquer coisa, de fazer qualquer coisa, ele me penetrou de uma vez. Ardeu. Me rasgou por dentro. Não houve contagem, nem um pinga de prazer naquela dor, naquela humilhação do caralho.

Parei com a boca aberta, puxando ar, e os olhos queimando.

Tentei não gritar, mas era impossível. E sem saber como, vomitei ainda mais.

Com aquele ato, meu avô não só tirava de mim o resto da dignidade.

Ele me roubava a vida. As boas memórias que estavam lá no fundo da minha alma.

Depois daquilo, eu não era ninguém.

E ninguém era um ser perigoso.

Quando acabou, ele se afastou, soltou a corda que me prendia no teto e saiu sem dizer nada. Parecia que me ver jogado ali no chão, daquele jeito sujo e fodido era seu maior prêmio.

Minhas mãos estavam na terra, meu rosto molhado pelas últimas lágrimas que produzi na vida. Minha mente parecia ter sofrido um acidente catastrófico. E eu tinha uma única certeza: foi dia vinte de agosto de mil novecentos e noventa e oito que eu morri. E a partir dali eu era qualquer coisa, menos humano.

CAPÍTULO 26

Estamos cansados de pensar

Orando para um Deus em que você não acredita

Você está procurando a verdade nos achados e perdidos

Então a pergunta que faço é, oh, cadê a porra do seu Deus
agora?

Porque estou prestes a desmoronar, procurando uma saída

Sou mentiroso, trapaceiro, sou um cético

Eu desmorono, estou me apaixonando por me despedaçar

Eu sou popular, um monstro popular

popular monster, halocene

No dia em que meu pai me tirou de casa, no meio da madrugada, nós tivemos uma conversa séria no carro. Minha memória trouxe a cena com força total.

As mãos dele estavam no volante e ele disse:

— Você pode me odiar quando crescer, mas estou fazendo isso para o seu bem. Quanto mais cedo você se transformar em um homem, mais fácil será a garantia do nosso futuro.

Ali, no chão do celeiro, arrebitado como estava, tive certeza de que eu havia me transformado em algo, mas estava longe de ser humano.

Minha cabeça só sabia contar, contabilizando os últimos anos em frações quebradas, transformando tudo o que um dia eu temi, que sofri, em um grande nada.

Eu não sentia nada.

Meu peito subia e descia em paz.

Podia sentir meu coração batendo, mas tinha certeza de que não havia nada mais lá. Era só a formalidade do corpo físico.

Eu estava à beira do precipício.

Podia ficar ali e esperar a próxima tentativa de me empurrarem, ou poderia eu mesmo me jogar de cabeça. Quando finalmente tomei coragem de levantar, sabia qual era a decisão a ser tomada.

Dando o meu melhor, me lavei, coloquei as boas roupas que vestia mais cedo e encarei o machado que usava para cortar lenha preso na parede.

Sem pensar duas vezes, eu o peguei e, sabendo que nada mais seria igual, avancei para fora daquele maldito celeiro, prometendo nunca mais voltar.

Foram quase noventa passos até estar na porta da casa.

Abri a porta num chute, com o machado em mãos e encarei a figura do velho sentado em frente à lareira, solitário, fumando seu cachimbo.

Ele encarou o fogo, soltou a fumaça tranquilamente e virou-se para mim.

— Finalmente... — Se erguendo com dificuldade, ele girou os pés para me ver de frente e disse: — Você virou homem. Dê o seu melhor.

E eu não esperei uma segunda oportunidade.

Avancei para dentro da casa, na direção dele, e o atingi em cheio no rosto com a lateral do machado. Um vinco vermelho surgiu em sua testa. Meu avô cambaleou para trás e foi ao chão.

Eu não parei.

Um.

Avancei para cima do corpo.

Dois.

Pisei sobre seu estômago, prendendo-o no chão.

Três.

Girei o machado, com a lâmina para baixo e o ergui sobre a cabeça.

Quatro.

Meu avô sorriu.

Ver sua boca cheia de sangue seria assustador antes, mas não me causou nada além de ódio.

Cinco.

Eu o atingi com a primeira machadada sobre o ombro.

Seis.

Ergui o machado, espalhando sangue por todo lado, ouvindo o grito de agonia do velho.

Sete.

Lembrei-me dos gritos de Mary e encarei a lâmina cheia de sangue.

Era minha chance de reparação e de pagar minha última dívida.

Oito.

O frenesi do cheiro de sangue me dominou, e como um animal, atingi o corpo sob os meus pés de forma estratégica, abrindo seu peito, sabendo que a consciência dele dava seus últimos suspiros.

Nove.

Meu avô cuspiu em vermelho.

Eu me abaixei sobre ele e meti a mão no rasgo, sentindo o sangue quente envolver minha pele e fazer minha boca encher d'água. Tateei dentro dele até encontrar o que queria. A massa grande e resistente não aceitou bem

meu toque, mas ainda assim, eu insisti. Envolvi seu coração com os dedos e o puxei com toda minha força.

Dez

Ele gritou.

Eu gritei.

E quando finalmente o órgão saiu de seu corpo, a última visão do meu avô nesta Terra foi a do monstro que criou e que comia seu coração. Consumindo meu inimigo, tomando sua força.

A partir dali, eu tinha certeza de que era a pior criatura viva.

E não via nenhum problema nisso.

Mastiguei a carne fibrosa como um animal, encarando os olhos sem vida do homem que havia me tirado tudo. Só sobrara o ódio, a raiva, a vontade de engolir cada pedaço dele.

O sangue encheu minha boca, os dentes forçaram ainda mais contra o pedaço de carne inerte na minha mão, mas ao primeiro sinal de luz do sol pelas janelas, eu já o tinha engolido por inteiro. Aquilo parecia pouco.

Quando o último pedaço foi engolido, lambi os dedos e gritei.

O barulho era gutural.

E em mais um pico de raiva, minhas mãos escorregaram pelo cabo do machado e eu o acertei mais vinte vezes. Na última, bem no pescoço, arrancando a cabeça do corpo velho e estraçalhado.

Se eu podia jurar algo por toda minha vida, era que a alma daquele desgraçado nunca descansaria. Seu corpo apodreceria separado, preso eternamente naquela terra maldita.

Enganchei os dedos no cabelo empapado de sangue, e quando me coloquei de pé, a porta atrás de mim, que havia sido fechada pelo vento no meio da madrugada, se escancarou. Na porta, Gorm e seu filho encararam a cena que eu havia montado em silêncio.

Encarei-os com raiva, pronto para me defender. Meus dedos em volta do cabo do machado se firmaram e eu não larguei a cabeça de Giuseppe, soltando um rosnado claro de que não estava para brincadeira.

Levou pelo menos cinco minutos daquele jogo de poder.

Os olhos do viking me analisavam friamente, mas não havia reprovação, por mais que eu buscasse por ela.

— Quem é você? — O italiano cheio de sotaque soou forte.

— Louis Luppolo. — Eu não precisava de referências.

Foda-se quem era meu pai. Quem havia sido o meu avô.

Eu era pior e seria maior do que qualquer um dos dois.

— Quer viver, Louis?

— Eu vou — respondi, com a respiração queimando os pulmões.

— Então, venha comigo. — Dando-me passagem, passei por ele e, sem nada a perder, com o machado e a cabeça nas mãos, segui para dentro do carro preto em frente ao portal.

Aquela era a minha despedida, e enquanto o carro avançava pela estrada, deixando um rastro de poeira para trás, prometi a mim mesmo que a humanidade que havia me sobrado estava enterrada sob sete palmos naquele lugar, e que nunca mais ressuscitaria.



Gorm me levou para a casa onde estava e, apesar de desconfiado, não me pediu para soltar o machado, nem a cabeça. Na verdade, falou algo com seus homens em sua língua mãe a qual eu não entendia nada, fechou a porta e veio para perto de mim.

— Sente-se, se quiser — ele ofereceu e eu afastei a cadeira com o pé, observando em volta a pequena sala conjugada com a cozinha e sala de jantar.

O viking trouxe uma bacia com água e um pano e colocou à minha frente.

— Ninguém vai te atacar aqui, mas seria bom limpar o sangue do rosto antes que descubram o que você fez.

— Eu não me arrependo do que fiz — rebati e encarei a bacia d'água, não querendo soltar minha arma e meu troféu.

— Imagino que não, mas em breve essa cabeça vai começar a feder e o machado precisará ser limpo. Você também vai precisar de comida, então, estou oferecendo a hospitalidade da minha casa a você, Louis Luppolo. — Encostando na cadeira, ele levantou o pano que cobria um pão recém-cortado. — Limpe-se e coma. Você é meu convidado.

Não havia nenhum indício de ameaça na voz dele, mas soltei a cabeça no chão, apoiei o machado no colo, mantendo uma mão sobre o cabo e, com a mão livre, peguei o pano e enfiei dentro da bacia.

Com os olhos presos nos do polonês, apertei o tecido tirando o excesso d'água e limpei meu rosto da melhor forma que consegui.

Foi um processo lento, mas pouco a pouco a água da bacia foi ficando suja e, pela aprovação nos olhos dele, entendi que meu estado era aceitável.

O próximo passo dele foi me oferecer um pedaço de pão, e eu aceitei, mesmo estando cheio da última refeição que havia feito.

Não sabia como seria o dia e aprendi a não recusar uma boa oportunidade.

— Certo. Até onde eu sei, a cabeça que você carrega é a do seu avô, errei? — Neguei com a cabeça. — Eu devo avisar seus pais que estou com você? — Neguei mais uma vez.

— O que quer fazer, então?

— Por que você não me entrega? — A pergunta saiu sem rodeios e vi a sombra de um sorriso crescer no rosto de Gorm.

— Porque, se você fez o que fez com seu sangue, talvez seja mais vantajoso para mim ser seu aliado do que seu inimigo.

— De onde você é? — questionei, com a boca cheia de pão.

— Como você já deve saber, sou polonês. Trabalho com um certo tipo de... exportação.

— Você também é da máfia?

— Sou. — Ele confirmou com a cabeça. — E meus filhos serão depois de mim. — Ele indicou o garoto sentado no sofá e eu precisei esticar o pescoço para enxergá-lo direito.

— Você iniciou seu filho?

— Aleksander foi iniciado no último inverno.

— E ele não te odeia? — Ao me ouvir, Gorm riu.

— Por que odiaria? Eu o mostrei para o que viveria, mas não o quebrei como fizeram com você. Se der seu machado na mão dele, verá que é tão bom quanto você, mas não o verá apontando sua lâmina na minha direção.

Havia outra forma?

— Não entendo.

— Se trata de fidelidade, Louis Luppolo. — Pegando um pedaço de pão e queijo, ele se serviu, mastigou e engoliu antes de falar de novo. — Vamos fazer o seguinte. Eu te convido a vir comigo para minha terra. Te convido a viver no meio da minha família, a te ensinar a minha língua e a ver meu negócio de perto.

— E o que quer em troca?

— Por enquanto? Nada. Mas quando você crescer, saberá como pagar. — A postura séria não me intimidou. — Minha proposta é boa, mas vá, tome um banho, limpe sua arma, descanse e quando voltar aqui, me traga uma resposta. O seu quarto é o primeiro subindo as escadas. — Ele indicou o caminho e eu me ergui num pulo, arrastando a cabeça junto comigo para a bênção que seria um bom banho de chuveiro.

Embaixo da água quente, depois de me livrar de qualquer resquício de sangue no corpo, pensei sobre as opções que tinha. Recusar a ajuda de Gorm e ficar solto na Itália não era uma opção, ainda mais sem dinheiro algum. Voltar para a América não era algo para o qual eu me sentia pronto.

Naquele momento, ir embora com ele e ver o que tinha a aprender era uma boa oportunidade.

Foi por isso que quando saí do banho, com a toalha enrolada na cintura, desci e o encontrei na mesa, bebendo com o filho e alguns homens. Quando seus olhos vieram sobre mim, soube o que dizer.

— E vou com você.

O meio-sorriso dele veio cheio de orgulho.

— Ótimo. Vamos dar um jeito de você levar isso sem arranjar problemas. — Ele indicou a cabeça do meu avô que balançava com os cabelos presos na minha mão.



Os poloneses se preparavam para o inverno quando cheguei lá.

Por algum tempo, fui só um forasteiro, mas o bom tempo com Aleksander fez com que eu aprendesse a língua, e o incentivo de Gorm para

que eu participasse da família e soubesse dos seus negócios fizeram com que eu aprendesse o lugar de cada um ali e o admirasse como líder.

Com um mês, eu já entendia boa parte das coisas que ouvia. Com dois meses, fui colocado junto de Alek para tocar um pequeno ponto de interesse de Gorm, e com o tempo, era missão minha e do garoto de cabelos compridos cuidar de ladrões, traidores e fugitivas. E elas eram muitas quando se tratava do tráfico de mulheres.

Eu as encarava como mercadoria valiosa e junto de Alek, quando todos dormiam, treinamos no meio do vento frio das montanhas. Correndo, escalando, lutando.

Formando dentro de nós a força necessária para carregar a carga futura.

Cinco meses depois, o idioma, os costumes e a família eram como meus.

Eu não tinha tanta proximidade com Bartek e a matriarca da família. Ariane tinha cabelos longos, escuros, que caíam em cachos cheios até depois da cintura. Bela, inteligente e fazia Gorm rir como se não tivesse matado meio mundo de gente da porta para fora.

Aquilo, para mim, era uma fraqueza e talvez por esse motivo eu nunca tenha feito nada além de encará-la nos olhos, tentando desvendar seu feitiço,

seu poder.

Foi numa noite de dezembro, depois de chegar com Alek de uma escalada complicada, com as mãos feridas, que sentei na mesa de jantar com Gorm e notei o vinco entre suas sobrancelhas quando me encarou.

— Preocupado? — perguntei, curioso.

— Tive notícias que talvez te interessem. Quer ouvir sobre sua família?

Minha família... Eles ainda existiam? Pois eu poderia fazer com cada um dos membros o mesmo que fiz com diversos cadáveres naqueles meses, escondê-los sob a neve das montanhas ou jogá-los dentro de algum lago para alimentar os peixes no inverno.

— O que tem eles?

— Seus pais foram atrás dos restos do seu avô. Não é bom o que dizem sobre quem o fez, nem sobre você. Achem que você foi roubado, ou que matou o próprio avô.

— E? — Havia desafio na minha voz.

Apesar de respeitar Gorm, não me curvaria jamais a ninguém mais.

— E que, diante disso, podem vir em cima da minha Família, se acharem que eu matei seu avô e te sequestrei. Ou podem me pedir por você, se houver interesse nessa dívida de sangue.

Parei por um momento, analisando as situações que tinha na mão.

— Ele queria que eu o matasse. Disse isso quando invadi a sala.

— É a sua palavra, vai precisar fazê-la valer.

— Não me importo com eles.

— Mas se importa com poder. — Minha expressão o fez menear com a cabeça. — Não negue. Eu o vi em ação vezes demais para não perceber o quanto você gosta de estar no controle.

— Eu gosto, não nego. Mas... o que me diz sobre a Dark Hand?

— É uma família grande, poderosa e de histórico sangrento. Seu pai não foi perdoado pelo que fez, mas ainda assim, está no poder. A dívida da Família é alta com o velho mundo.

— E você acha a América um bom território?

— Trabalhoso pelo tamanho, mas sem dúvida, um ótimo lugar — ele admitiu.

E então, lá no fundo da minha mente, o diabo soprou uma possibilidade, e meu tutor leu nos meus olhos o que se passava pelos meus

pensamentos. Em um tom de voz sério e profundo, Gorm falou:

— Não te trato como criança, Louis. Você é um homem, e pode decidir seu destino. Se quiser ficar, lutaremos lado a lado. Se quiser ir, as portas sempre estarão abertas para quando voltar, mas saiba que se quer o lugar do seu pai, seu trabalho não será tão divertido quanto você pensa.

— Eu vou — decidi.

— Então vá. Prepararei tudo para que o faça assim que o sol nascer, mas em um último conselho, cuidado com o monstro que seu avô criou. Ele pode te engolir também. — E me deixando sozinho naquela mesa, mal sabia o polonês que não havia nada dentro de mim para que o monstro consumisse.

Eu era um fantoche dos mais belos e desastrosos desejos do diabo e, naquele segundo, ele clamava por poder.

CAPÍTULO 27

Esse coração de vidro está se quebrando em pedaços

Quebrando em pedaços

É assim que isso acaba?

Não há mais volta

glass heart, sam tinnesz feat. tomme e profit

Fiana Coppola Luppola

Nada parecia ser capaz de trazer paz à minha mente desde o dia em que ligaram avisando da tragédia. Voamos o mais rápido que pudemos para a Itália e, infelizmente, vi com meus próprios olhos o que havia acontecido ao meu pai.

Louis ter sumido podia dizer muitas coisas, mas do que sabíamos e já havíamos conversado, a verdade poderia ser cruel demais para engolir.

Meu leite secou. Minha criança recém-nascida parecia sentir tudo o que eu passava e eu perdi as contas de quantas vezes me vi sobre o berço de Giovanna, me perguntando se deveria sufocá-la com o travesseiro antes que

sua vida se tornasse um tormento como a minha. Foi Matteo quem me impediu de fazê-lo, em uma madrugada cheia de tormentos.

Mesmo assim, toda vez que eu não controlava meus pensamentos, eles iam direto para o questionamento de onde é que meu filho estaria, se tinha fome, se tinha frio. Se realmente havia feito aquilo com meu pai... Como poderia? Era seu sangue, era meu pai! E toda vez que aquele choque de possibilidades se emaranhava na minha mente, o choro e o desespero me faziam afundar dentro de um lugar que ninguém conseguia tirar.

Nem meu marido, nem meus filhos, nem minha fé e toda a minha criação.

Não havia nada no mundo que pudesse me preparar para as fofocas entre as famílias, as sugestões do que meu filho havia ou não feito. Como Don Coppola havia morrido...

E eu fui drenada, dia após dia, até que a única forma de continuar foi me carregar de ódio. Ódio por não ter controle sobre meus filhos. Ódio do pai deles por ter feito aquilo conosco. Ódio do meu pai por levar Louis para longe e mais ódio do meu próprio filho pela possibilidade de ele ter matado o próprio avô daquela forma.

E aquele ódio me aqueceu e alimentou por meses, até que, cinco meses depois, no almoço de Natal, com Giovanna esperneando no colo da nova

babá e Matteo entediado remexendo as ervilhas de seu prato, a campainha tocou.

O silêncio na casa me fez remexer, incomodada na cadeira, mas assim que Leonel se levantou na ponta da mesa, vi um conjunto de cabelos escuros surgindo da ponta da escada e sufoquei.

Todo o qualquer ar dentro dos meus pulmões congelou.

Meus olhos se encheram d'água.

Minha língua secou.

Mas os olhos de Louis eram reais demais para eu acreditar em qualquer possibilidade de que aquilo não fosse real.

— Filho... — Leonel soprou.

— Não era para você estar aqui. — Foi tudo o que saiu da minha boca.

Um meio-sorriso cruel demais para um garoto de treze anos surgiu em seu rosto. Aquela foi a confirmação silenciosa de que, sim, ele seria capaz de fazer aquilo com meu pai e muito mais.

— Mas voltei. Lidem vocês dois com isso. E quero meu quarto de volta.

Ele não parou para conversar.

Ele nem mesmo se deu ao trabalho de nos cumprimentar.

Louis invadiu minha casa como se fosse dono do lugar, indo na direção dos quartos, como se fizesse aquilo todo santo dia, mas no primeiro degrau, ele parou, olhou para trás sobre o ombro e mirou o bebê chorão.

— E, Fiama, faça isso calar a boca. Quero dormir em paz.

O próximo som capaz de ser ouvido era o dos sapatos dele contra a escada.

O que só eu ouvi foi a última e mais dolorida rachadura do meu coração cortá-lo para sempre. Meus olhos encontraram com os de Leonel e, de forma inocente do alto de todo o meu pavor, eu perguntei:

— Quem é esse?

— O diabo que seu pai soltou na Terra.

E de fato, aquele não era Louis.

Estava muito longe de ser.

CAPÍTULO 28

Eu quero ser seu escravo
Eu quero ser seu dominador
Eu quero fazer seus batimentos cardíacos
Acelerarem como uma montanha-russa
Eu quero ser um bom menino
Eu quero ser um gangster
Pois você pode ser a Bela
E eu posso ser a Fera
i wanna be your slave, maneskin

Louis Luppolo

Três meses depois do meu retorno a Nova Iorque, eu não suportava mais olhar para a cara da minha genitora. Só não fiz com que meu pai me tirasse dali porque era interessante ver como a dinâmica familiar havia se organizado sem mim, além de que, quando Leonel saía de casa, eu tinha livre acesso ao seu escritório.

O fato de haver um testamento vindo do desgraçado do meu avô também me forçava esperar, mas de resto, achava Matteo um idiota, o bebê

chorão era interessante de incomodar e meus pais, ambos, tinham medo do que eu havia me tornado.

Era divertido ver o pavor nos olhos deles, até mesmo nos de Leonel, quando eu saía girando Mary, meu machado que havia ganhado nome nos meses em que fiquei na Polônia, pelo apartamento.

Os dias frios haviam ido embora quando o advogado do meu avô chegou.

A reunião privada aconteceu em casa e, quando ele tirou os documentos da maleta, encarei-o, entediado.

— As partes interessadas estão todas aqui, certo? Fiama e Louis.

Confirmei com um movimento leve com a cabeça e o velho esticou os braços, um na direção da minha mãe, outro na minha, com duas cartas diferentes em mãos.

Segurei o papel, mas fiquei preso, curioso, em minha mãe lendo sua parte.

Fiama engoliu a carta com os olhos marejados e eu li seus lábios quando ela leu a parte que dizia “ele me matou”.

Matei.

E mataria dez vezes mais, das piores maneiras possíveis.

Sorrindo, sabendo que os olhos dela estavam em mim, peguei minha carta.

Meus olhos correram rápido pelo texto ridículo do meu avô e então, parei sem saber como reagir.

Ele havia deixado para mim suas terras na Itália, todas elas. As produções de azeite e vinho. Alguns imóveis restantes na América, e uma quantidade de dinheiro que eu não conseguia compreender.

Com treze anos, eu era milionário.

O que um garoto na minha idade iria querer?

Brinquedos? Viagens?

Eu queria poder, estabilidade, e não havia outra forma de fazer isso.

— Quero me emancipar. — Foi a primeira coisa que falei quando consegui raciocinar meus próximos passos. — E não quero mais morar aqui.

Minha mãe, no auge de sua revolta, se levantou e saiu do escritório.

— Tem certeza disso? — meu pai perguntou, parecendo muito cansado quando tirou os olhos da porta pela qual minha mãe havia acabado de passar e voltou a atenção para mim.

— Quero sair desta casa.

— Sair de casa? Para onde você iria?

— Para a sede da Dark Hand. Seus homens serão meus homens. Quero ficar entre eles, e voltar a estudar. Preciso recuperar o tempo perdido.

— Tem certeza disso? — Meu olhar para meu pai foi a resposta que ele queria. — Vou providenciar em breve.

— Amanhã.

Era minha ordem.

E depois de um suspiro, se dando por vencido, ele concordou.

— Amanhã.

E foi assim que eu ganhei minha carta de alforria.

Meu avô não me fez favor nenhum me passando suas coisas. Ele queria que eu me tornasse aquilo por causa dos seus próprios interesses. Não havia amor, não havia cuidado, havia apenas o propósito de fazer a família prosperar no futuro. Era sobre seu sangue, sua linhagem não morrer, não se submeter, não enfraquecer.

E aquilo eu aprendi direitinho.

Depois daquele dia, meu novo lar era uma cama no meio do alojamento de soldados da Dark Hand. Eu comia, estudava, treinava e dormia entre eles.

E conseqüentemente, eu cresci no meio deles.

Porém, mesmo que muitos pudessem se confundir, eu nunca fui um deles.

A cada ano que passava, a cada degrau que eu subia, mais forte eu me sentia.

A disciplina daquele ambiente era o que eu precisava para me manter nos trilhos, porque se ninguém me colocasse um cabresto, minha necessidade de foder e machucar tomava conta de toda minha vida.

Meu pai assistiu à minha formação sem conseguir me parar.

Não havia um único prisioneiro nos calabouços da Dark Hand que não me conhecesse. Não havia uma reunião que eu não comparecesse. Não tinha uma vez que eu fugisse de sujar as mãos. Não existia homem no mundo que conhecesse meu nome e não o temesse.

E foi assim que, quando a oportunidade surgiu, eu soube aonde ir.

Aos dezesseis anos, eu sabia que não havia outro destino para mim que não envolvesse o governo da Dark Hand e torná-la maior e melhor do que qualquer homem que se atreveu a trabalhar no submundo jamais sonhara.

Foi ali que entendi que aquele era o centro de comando do inferno, e eu era o diabo certo para comandar o pandemônio.

CAPÍTULO 29

Às vezes eu odeio

A vida que eu fiz

Tudo está errado o tempo todo

Pressionando, eu não consigo escapar

Tudo que vem na minha direção

Está me assombrando e se divertindo

narcissistic cannibal, earlyrise

Leonel Luppolo

TEMPOS ATUAIS

— Onde está Louis?

Foi Francesco Piscitelli que fez a pergunta que todos os outros mentalizaram.

A pilha de jornais em cima da mesa exibia na primeira página a marca da mão suja de tinta e os títulos eram os mais variados.

“Mafiosos agindo em Nova Iorque.” “A Dark Hand está mais viva do que nunca.”

“Os mafiosos voltaram.” “Nova Iorque sob ataque.” “Massacre ao povo latino.”

Apoiei as mãos sobre o tampo da mesa de madeira, respirei fundo, sentindo toda a pressão nos ombros e, antes que Matteo pudesse tomar seu lugar de comando, poupei meu filho e ajeitei a postura depois de coçar a barba.

— Senhores. — Encarei os rostos carrancudos e não amaciei na hora de dar a notícia. — Luca Matteucci morreu. Elizabeth, a companheira de Louis, foi sequestrada. Louis não está aqui, porque, obviamente, está trabalhando. — Bati com os dedos na pilha de jornais, espalhando-a mais um pouco.

— Louis está trabalhando em quê, exatamente? Porque, se Matteucci tivesse sofrido um atentado, não estaríamos todos na Carolina do Norte? — A pose de Agostino me incomodou como nunca, mas não fui eu que o respondeu.

— A morte de Luca ainda é um mistério, Lazzarin. Nós ainda tentamos entender o que aconteceu, as câmeras de segurança não pegaram nada de estranho e, o que podemos supor até agora, é que ele não aguentou o peso de um filho traidor — Matteo interrompeu. — E meu irmão, que nunca deu motivo para nenhum de vocês desconfiar ou reclamar, neste momento está na

rua porque, de alguma forma, a MS-13 invadiu nossa terra e, agora, está com Elizabeth. E gostem vocês ou não, ela é uma de nós.

Reparei em cada olhar de desaprovação e anotei mentalmente os nomes ingratos.

— E por causa dela, precisa chamar tanta atenção? — Foi a vez de Arone perguntar.

— Se ele quer mandar um recado, qual a melhor forma? — Felippo respondeu. — Esqueçam Louis por um minuto, precisamos falar sobre Luca. Ele merece um funeral decente e eu preciso de um nome para assumir os negócios da The Hell, já que ele não tem outro herdeiro homem.

— A filha e o polonês... — alguém sugeriu, mas Matteo rosnou um não tão ameaçador que ninguém se contrapôs.

— O que é de direito de Giordana será dado a ela, mas não conte com uma mulher assumindo uma dessas cadeiras. — Felippo indicou o lugar vago na sala.

— Sendo assim, eu coloco o nome de Zola para votação — me adiantei sob os olhares ameaçadores de Piscitelli e do Lazzarin pai. A velha guarda estava acabando e não parecia disposta a ceder poder para quem chegava.

— Zola Agliardi? O soldado que fugiu com sua filha? — A fala de Agostino veio cheia de veneno, mas eu não entrei em seu jogo.

— Como muitos de vocês sabem, Agliardi é um nome fiel à Dark Hand desde o seu início. O avô trabalhou conosco. O pai deu a vida em um dos seus cassinos, não, Francesco? Zola cresceu sob o meu teto, sempre foi útil e fiel, até quando não enxergamos o que era certo a se fazer. Ele fugiu sim com a minha filha, mas foi para protegê-la. É esse tipo de homem que esta mesa precisa, dos que ainda têm algum senso de certo e errado para equilibrar o jogo.

— Você não está errado, Leonel — Francesco disse, depois de algum tempo digerindo minha visão. — O pai era leal. O filho também parece ser.

— E é — Matteo completou. — Eu voto por Zola, quem mais?

Felippo apoiou logo em seguida. Eu, Lorenzo e os irmãos Gabiatti fomos os próximos. Me surpreendendo, Francesco cedeu ao bom senso e, também, ergueu a mão.

Agostino Lazzarin e Arone Callegari foram os únicos a não concordarem, mas naquele ponto, não adiantava. Eram votos vencidos.

— Então, no mais tardar, na segunda da semana que vem, a compra da parte de Luca será feita e Zola será integrado oficialmente a este conselho.

Matteo já estava de pé, pronto para sair. Felippo quase o imitava, mas foram impedidos quando Francesco abriu a boca novamente.

— Aguardaremos o senhor Agliardi na próxima reunião, porém, não acabamos ainda. — Matteo se virou sobre os calcanhares e percebi o desgosto de ter que lidar com aquilo. Mesmo assim, ele me orgulhou ao não fugir. — Louis está colocando todos nós em risco por uma relação que não é do interesse da Família, enquanto isso, não posso nem mesmo ver minha filha por ordens dele, então, por que eu o apoiaria em algo dessa proporção?

Ouvi Marchiori Gabiatti soltar o ar de forma anasalada, segurando o riso de uma piada a qual nós não tínhamos ideia de qual era.

— Bom, deixe-me ser claro. — Voltando à mesa, Matteo apoiou as mãos sobre o tampo e encarou Francesco como se ele fosse o único ali. — Elizabeth é parte desta família, aproveitem vocês ou não, e Louis é o homem que limpou a dívida da Dark Hand e deixou o terreno livre para que vocês prosperassem. Demonstrem um pouco de respeito e lealdade ao Don de vocês porque, se um dia for sua filha que for levada, tenho certeza de que contará com seus bons companheiros para recuperá-la, não?

— Ele vai começar uma guerra. — Ouvi Arone dizer, mas Matteo nem mesmo se preocupou em olhar para ele, só respondeu, ainda com os olhos em Francesco:

— Então preparem-se para ela.

E meu filho saiu, deixando para trás um pai orgulhoso e outro ressentido.

CAPÍTULO 30

Eu consegui um milhão na minha alma
Eu vou construir um exército sozinho
Eles colocaram uma recompensa na minha alma
Porque você não vai me deixar sozinho mais
a million on my soul, alexiane

Felippo Lazzarin

Aquilo era um desastre iminente, e era meu trabalho dar um jeito, uma vez que Matteo parecia apoiar a loucura do irmão. Quando saí do apartamento de Leonel Luppolo naquela tarde, mesmo com Natasha pedindo para que eu fosse mais cedo para casa, não pude atender ao seu pedido e, assim que entrei no carro, com a noite caindo na cidade, soube exatamente para onde ir.

Estacionei meu carro quase em frente à sede e desliguei o motor.

Precisei respirar fundo, tendo certeza de que o que encontraria em seguida talvez fosse demais para um estômago despreparado, e desci. Passei pelo soldado na porta e caminhei direto para o fundo da casa, abrindo a

porta pesada e colocando o pé no primeiro degrau, sendo engolido pelo calor, pelo cheiro de sangue, sujeira e pólvora, e o som dos gritos de desespero.

Aquele era o ambiente perfeito para Louis se sentir em casa.

Pé ante pé, desci as escadas e prestei atenção no que acontecia. Naquele primeiro andar, mulheres e crianças gritavam e choravam quando os soldados puxavam seus maridos de seus braços. A superlotação dentro das jaulas parecia fazer aquela divisão ser difícil, mas no final das contas, eu acompanhei a fila indiana de homens sendo levados escada abaixo e comecei a ouvir o som dos tiros entre a confusão de gritos.

Quando finalmente pude enxergar com clareza o que acontecia, quando entendi o que Louis fazia, quase não acreditei.

Louis parecia um bicho. Com a arma na mão e os homens ajoelhados na sua frente, ele os pegava pelo queixo, e falando em espanhol, o que era novidade para mim, ele fazia três perguntas. Pelas palavras-chave, imaginei que a primeira era: onde está Arturo Gonzales? A segunda: onde estavam os homens da MS-13? E a seguinte era: você viu Elizabeth?

Quase sempre era uma negativa, mas alguns dos homens tentavam enrolar.

Era claro que não sabiam, mas eles queriam sobreviver. Era só um percalço do destino que Louis não ligasse nenhum pouco para isso.

Quando o terceiro corpo foi para o chão, em menos de cinco minutos, eu me adiantei.

— Precisamos conversar — anunciei, mas ele nem se moveu.

Seus olhos estavam concentrados na próxima vítima.

— O que você quer?

— Cinco minutos seus, lá em cima.

Louis riu e se ergueu, me encarando pela primeira vez.

Seus olhos pareciam mais escuros e a expressão em seu rosto era, de fato, diabólica.

— O cheiro daqui de baixo te desagrada, senhor? — O tom de escárnio em sua voz era uma provocação pronta, mas ignorei e dei as costas, sabendo que ele me seguiria.

— Henry, continue. Se algum deles falar algo que preste, eu quero saber. — Ouvi Louis dizer antes de vir atrás de mim e continuei até estar fora daquele ar imundo.

— Fale. — Louis bateu a porta atrás de si e me encarou.

O peito nu, suado e sujo, o rosto igual, com os cabelos úmidos e a barba ganhando forma, entregavam que ele estava realmente sem limites.

— Houve uma reunião hoje, eu te avisei — comecei.

— É, eu sei, mas estava ocupado. Matteo e você resolveram, não? Afinal de contas, é bom colocar os traseiros para trabalhar de vez em quando.

— Zola assumirá a parte que era de Luca. Ele conhece a The Hell intimamente.

— E? — Louis franziu as sobrancelhas, como se não se importasse e não entendesse o motivo de eu falar aquilo.

— E a Família não está gostando de como isso está indo. Estamos em todos os jornais, até nos quais temos controle.

— Compre os outros aos quais não temos. — A solução para ele era prática. — O que mais?

— Louis, o que você está fazendo é extermínio. Isso aqui não vai ficar muito tempo por baixo dos panos. Onde é que você pretende desovar esses corpos?

— Vou queimá-los, mas não espere que eu pare. Acha que eu não sei que eles podem querer vingança? Adivinhe só, é o que eu estou esperando.

— Se você continuar nesse ritmo, teremos uma guerra e... — De repente, num acesso de raiva, Louis me botou contra a parede. O braço no meu pescoço, o corpo prendendo o meu.

Foi só o autocontrole de saber que aquela briga não era uma a qual valia comprar que fiquei quieto e ouvi.

— E o quê? — O tom agressivo estava lá. — Se fosse Natasha no lugar de Elizabeth, você não deixaria pedra sobre pedra.

— Natasha é minha esposa, e eu a amo. Elizabeth é seu brinquedo, e, até onde eu sei, você não tem outro sentimento por ela que não seja acreditar que é a melhor foda da sua vida.

Louis bateu com meu corpo contra a parede e minha cabeça ricocheteou. Entendi aquilo como um cala boca.

— Ela é minha, e cada maldito segundo sem ela vai custar caro para essa raça filha da puta do caralho. *Capisco?* — Ele pressionou o cotovelo contra minha garganta, me privando de ar. — E se vocês acharem ruim, que venham. Você me conhece bem o bastante para saber que ter cada um de vocês como inimigo não é um problema para mim. Eu mataria a todos de bom grado, inclusive você, se ficar no meu caminho, então, se me dá licença.

Louis se afastou de repente e, da mesma forma que saiu pela porta, voltou a entrar por ela.

O som de gritos não demorou a recomeçar, ainda mais alto, vazando pela porta que demorava a fechar sozinha e eu entendi que, o melhor que eu tinha a fazer era tentar ajudar Louis a encontrar Elizabeth. O sentimento de dívida com aquele filho da puta, também com ela, me fazia pensar que era melhor trazê-la bem do que ver a cidade virar um inferno pior do que quando a grande limpeza aconteceu.

Pior ainda era a possibilidade da minha família estar no meio daquela guerra pela qual nenhum de nós havia pedido.

CAPÍTULO 31

Porque você era exatamente como eu
Mas ajoelhada
black ballon, goo dolls

Natasha Le Roux Petrowkij Lazzarin

Havia pouco mais de uma semana desde que a aventura desastrosa de Frederico tinha acontecido. Eu não havia visto mais meu irmão mais novo, desde então, porém, com meu marido assumindo a postura que precisava quase cem por cento do tempo, foi com alívio no coração que aceitei de bom grado o pedido que Leonel fez. Há três dias, Giovanna estava hospedada em casa.

Do que meu pai havia dito, sua mãe não daria um pingo de descanso, e com tudo o que aconteceu, minha casa seria o lugar mais seguro para que ela pudesse se recompor e organizar as ideias.

Mas talvez, não fosse tão simples assim como pensei que seria.

No primeiro dia em casa, Giovanna mal olhou para mim. Eu não entendia se era uma resistência à ideia de ficar sob o meu teto ou algo a

mais, porém, na tempestade que a vida dela havia se tornado, tentei dar algum espaço e respeitar seu tempo, mas na manhã seguinte, as coisas não melhoraram, e se não fosse eu pedir para servirem suas refeições no quarto, ela provavelmente teria ficado sem se alimentar e sem qualquer contato humano.

Na manhã do quarto dia, quando Felippo saiu, decidi que faria as coisas de um modo diferente. Cuidei da rotina matinal de Rowena, que com sete meses parecia mais curiosa do que nunca, e quando ouvi nossa governanta mexer nas panelas, fui tomar banho. O verão naquele começo de julho vinha com tudo.

Lavei o cabelo, tomei o menor tempo possível ajeitando-o com os dedos cheios de creme para que os cachos ficassem definidos, e com um vestido leve e pés no chão, fiz eu mesma o prato de comida de Giovanna e subi até seu quarto.

Respirei fundo, ajeitei os ombros e, me lembrando pela milésima vez que não tinha mais treze anos, desde que tudo havia acontecido, bati na porta três vezes, com o estômago reclamando pela ansiedade.

— Pode entrar. — A resposta foi tímida, mas clara o bastante para que eu girasse a maçaneta e colocasse a cabeça para dentro.

— Hey — chamei e vi os olhos de Giovanna se arregalarem pela surpresa de me ver ali.

— Oh, oi. — Abraçando as pernas que estavam escondidas sob a coberta, a garota de cabelos loiros desgrehados e olheiras enormes sob os olhos me recebeu.

— Eu não quero ser invasiva — falei, já dentro do quarto, fechando a porta com o pé —, mas ninguém ganhou nada passando fome, ou se isolando. Acredite em mim.

Ela deu um meio-sorriso fraco antes de jogar as pernas para fora da cama e seguir para perto de mim, para a mesinha próxima à varanda do quarto de hóspedes.

Giovanna suspirou profundamente quando largou o corpo sobre a cadeira e, olhando para o prato que eu lhe servia, murmurou:

— Obrigada.

— Não há de quê. — E, sabendo que ela poderia se incomodar, sentei na cadeira livre e esperei. — Ou, na verdade, há.

Vi quando ela moveu as sobrancelhas, parecendo curiosa, mesmo sem olhar para mim, conforme mexia em seu prato.

— Já faz um tempo que nós duas precisamos conversar, não? Com tudo o que aconteceu comigo, e depois com você, acho que há uma rachadura que

preciso fechar, ou um caminho para atravessarmos juntas, se você quiser.

Tentei ser leve, mas a ansiedade pelo medo da negativa dela me fez esperar sua resposta em silêncio, mordiscando o canto interno da boca.

Levou algum tempo para que Giovanna processasse o que eu havia acabado de falar. Quando finalmente entendeu, soltou o talher, olhou para fora da varanda e lambeu os lábios lentamente, antes de prender o inferior entre os dentes e mover a cabeça de um lado para o outro, dando mais um suspiro.

— Por onde começamos? — Seu olhar na minha direção era direto e sincero.

— Acho que podemos ir pelo caminho mais fácil. Posso me desculpar por ter sido uma vaca mimada e um tanto quanto superficial quando nos conhecemos, e depois disso também. Não é algo que eu goste de lembrar, na verdade, eu me sentiria muito feliz, caso essa parte da minha memória nunca mais voltasse, mas ela está lá, quase sempre me perturbando.

— Eu te entendo. — Giovanna arregalou os olhos por um segundo, num sinal de compreensão e se abraçou, pousando uma das mãos no pescoço, curvando o corpo para frente. — E, sinceramente, estou cansada demais de revisitar o passado e sentir que eu mesma era uma completa estranha. Ainda assim, eu te peço desculpas. Você só queria uma amiga e eu,

sabe-se lá Deus o motivo, nunca consegui te oferecer isso. Pelo menos, não naquela época.

— Talvez fosse a intuição, gritando que aquela ordem dos fatos, o casamento com Louis e tudo mais, não deveria ser.

— É, talvez — ela concordou.

— E temos o fato de que, de alguma forma, eu roubei o que era seu. — Era um assunto delicado aquele.

O silêncio na mesa deixou um gosto amargo na minha boca, e ele durou mais do que eu gostaria, porém, o alívio que veio sobre os meus ombros ouvindo Giovanna foi maior do que qualquer um antes.

— Felippo nunca foi verdadeiramente meu, Natasha. E, hoje, eu sei que também nunca fui dele. Eu era apaixonada pela ideia do amor. Fui tão guiada pela missão de vida que recebi sobre ser uma boa esposa, em manter o casamento perfeito que, de alguma forma muito errada e absurdamente doentia, me ceguei. — Esfregando o rosto por um minuto, ela ajeitou os fios de cabelo que caíram em seu rosto para trás das orelhas e continuou: — Pela honra, pela família, pelos homens que nos colocaram no mundo e nos moldaram, hoje eu vejo que nós duas tentamos de todo jeito suprir expectativas que não eram nossas. Pelo que sei da sua história, e da minha, ambas estávamos caminhando direto para o precipício. E eu não posso dizer

que me sinto superconfortável com você e Felippo, porque é mentira. Não consigo esquecer aquele Natal e a mágoa no seu rosto, e pensar que você possa interpretar qualquer olhar meu para o seu marido de uma forma a qual não seja minha intenção, também me mantém afastada, porém, eu não consigo mais ver você como o cometa que destruiu minha vida. Na verdade, não te vejo assim há um bom tempo, e por todo o carinho que tenho por Felippo, eu fico feliz por ele ter encontrado alguém forte o bastante para viver o que é nítido que vocês vivem.

— Ok, eu não estava esperando por isso. — Limpei a primeira lágrima com as costas da mão quando senti que ela estava querendo rolar pela minha bochecha. — Há muito tempo eu também não te vejo como inimiga. Na verdade, você tem razão. Fomos moldadas e feitas de uma matéria que exala ódio e eu ando farta disso. Talvez a única pedra no sapato seja Louis. Este eu ainda não consegui entender, ou decifrar, ou perdoar...

Foi então que Giovanna me surpreendeu.

Gargalhando, ela estendeu a mão para mim sobre a mesa e disse:

— Bem-vinda ao clube.

— Você tem alguma aposta sobre? — perguntei, querendo não ser indelicada.

— *Per Dio*, tudo o que consigo fazer é pensar em como vou sobreviver a esse sentimento pesado e esquisito. Louis me usou como moeda de troca, não que isso me surpreendesse, no final das contas, mas eu contava com ele para cuidar de mim e, ao invés disso, meu irmão me caçou nos últimos três meses como se eu fosse uma traidora. — Era a vez de Giovanna chorar. — Eu dei tudo de mim, e daria mais se ele pedisse. Aprendi a amar Louis de uma forma quase divina. É o meu irmão mais velho, a cabeça da família, era a certeza de que o mundo poderia desmoronar, mas que eu estaria segura e agora... Agora, eu acho que o odeio pelo que fez a mim, pelo que fez com Zola, e acho que ele me odeia duas vezes mais pelo que causei à Elizabeth.

— Não é sua culpa. — Tentei ajudá-la, mas não adiantou muito.

— Não, ele está certo. Infelizmente, é. É minha culpa envolvê-la em algo que ela não precisava, e agora, não sei se é melhor rezar para que ela esteja viva ou morta. De todo o meu coração — ela fungou e limpou o rosto na barra da camiseta —, eu amo Elizabeth e odeio saber que ela viver como viveu nesses últimos tempos, e ser levada como foi, tem dedo meu.

— Não se culpe, você fez o seu melhor e é isso o que vai pesar.

— Eu espero que sim. — Giovanna tentou se recompor, mas percebi o quanto era difícil. A guerra dentro da cabeça dela não parecia ser fácil de

vencer.

— Tente se alimentar um pouco, descanse e, se sentir bem, adoraria ter você na mesa do jantar. Eu mesma vou cozinhar algo... — Levantei, pronta para deixá-la em paz com seus pensamentos, quando ela me pegou pela mão.

— Acha que podemos zerar tudo?

— Só se você achar que há espaço para uma outra irmã na sua vida...

— Acho que tem. — O meio-sorriso de Giovanna me fez sorrir de volta.

— Não se preocupe com mais nada com relação a mim, então. E não fique apreensiva com Felippo, o que nós temos me dá a certeza de que não há espaço para qualquer desconfiança, acredite. — E me curvando, beijei o topo da cabeça dela.

Quando estava pronta para sair, Giovanna me chamou mais uma vez.

— Natasha.

— O que é? — Olhei para ela sobre o ombro, com a porta já aberta.

— Acha que eu devo tentar perdoar Louis? Mesmo sem ele se arrepender?

Parei no lugar e, mesmo com a minha mente gritando um grande não, tentei ouvir meu coração.

— No momento, não acho que eu tenha maturidade para isso, porém, você o conhece melhor do que eu. De tudo o que vi e vivi, não acredito que ele seja indiferente a você como sempre foi comigo. — Mordisquei o lábio e, considerando, continuei: — Ouça seu coração, Giovanna. Você é boa, ele não, nós sabemos, mas se isso te tira o sono, resolva. Ninguém merece viver com o maldito “e se” martelando nos ouvidos.

— Certo. Obrigada. Que horas é o jantar?

— Às sete.

— Estarei lá. — Com um olhar de cumplicidade entre nós, saí do quarto com a certeza de que, seja lá como fosse o futuro da nossa relação, ela estava partindo de um ponto diferente. De um lugar muito melhor.



O polvo estava no ponto, a mesa estava posta e eu terminava de ajeitar os morangos sobre o bolo, quando ouvi a porta abrir.

Instantaneamente, o cheiro do perfume dele tomou conta do ar e não demorou mais do que alguns segundos para as mãos de Felippo tomarem minha cintura. Envolvendo meu corpo contra o seu e encaixando o rosto na curva do meu pescoço, ele aspirou profundamente e foi impossível não sorrir.

— Isso é a sobremesa? — Ele não falava do doce nas minhas mãos.

— Marido — forcei o *r*, ronronando a palavra como eu sabia que ele gostava —, o que é que está pensando?

— Podemos levar esses morangos lá para cima e você vai descobrir, baby.

Não houve tempo para fugir, ou pensar. No segundo seguinte, as mãos de Felippo me viraram e seu corpo prensou o meu contra a bancada, ao mesmo tempo que sua boca veio sobre a minha.

Ele tinha urgência e, sabendo que talvez aquilo tivesse um motivo maior do que só nossa intimidade, não o neguei. A língua dele tinha gosto de bala de menta e eu a suguei antes de ser domada e obrigada a ceder às suas ordens. A boca de Felippo era exigente, seu toque no meu corpo fazia tudo e qualquer coisa ser apenas um segundo plano ilusório, mas quando ele me colocou sobre a bancada e o pote de vidro com morangos foi ao chão, precisei pará-lo.

— Marido, temos visita! — ralhei com ele, ainda rindo, tentando afastá-lo. — Giovanna descera para o jantar a qualquer minuto.

— Houve algum progresso? — ele perguntou, com as mãos ainda em mim, parecendo interessado.

— Acho que, definitivamente, sim. — Meu sorriso aliviado o fez sorrir também.

— Que bom, Foxy. Sei o quanto isso é importante para você, e acredito que, com tudo o que anda acontecendo, será para ela também.

— O que está acontecendo? — Fiz o mesmo questionamento de todas as noites anteriores e Felippo suspirou.

— Conversamos sobre isso no jantar, que tal? Giovanna também precisa saber de algumas coisas...

— Preciso saber do quê?

Como ela tinha dito, às sete, lá estava ela em roupas limpas, rosto levemente maquiado para esconder as marcas de noites mal dormidas, e curiosa.

Os olhos de Giovanna brilhavam sobre nós e, em um primeiro momento, me senti constrangida por ser pega naquela posição com Felippo. Expulsei-o do lugar entre minhas pernas e desci para o chão.

— Que tal conversar com algo no estômago? O jantar está pronto e eu só preciso colocar tudo na mesa, vocês podem me ajudar?

Saí para a geladeira, procurando pela salada e pela jarra de suco por mais tempo que o necessário e ouvi a conversa atrás de mim.

— Você está bem? — Felippo perguntou a ela.

— Um pouco melhor... Obrigada por me abrigar.

— Agradeça à Natasha, foi ela que decidiu tudo. Porém fique o tempo que precisar.

Virei a tempo de ver Giovanna concordar com a cabeça enquanto se abraçava.

Eu compartilhava com ela a sensação de “olá, amanhã vamos nos casar”, e no dia seguinte tudo mudar, então não era tão terrível atravessar aquele clima esquisito que eu sabia que teria quando decidi colocar Giovanna sob o meu teto.

Sem falar nada, minha convidada pegou as coisas da minha mão e Felippo se mexeu para limpar os cacos de vidro do chão, já que estava descalça.

— Você pode pegar a maior panela no fogão também? — pedi para ele e ouvi um murmúrio concordando.

Não demorou para estarmos à mesa, com os pratos postos e provando da comida, ainda assim, a ansiedade de Giovanna não facilitou para o clima ficar mais leve.

— Bom — Felippo disse, antes de limpar a garganta —, acho que é bom dizer logo. Zola foi aprovado pelo conselho.

Na hora em que ouviu a boa notícia, Giovanna largou o talher, encostou contra a cadeira e fechou os olhos, soltando a respiração,

relaxando tão profundamente que pude sentir o ar ficando menos denso em volta de nós.

— Você o viu? — ela perguntou, ainda de olhos fechados.

— Infelizmente, não.

— Mas pelo menos sabe onde ele está? — Ela fitou Felippo, parecendo um pouco mais esperançosa.

— Sei que ele saiu do hospital e está sob os cuidados do seu pai.

— E há alguma previsão de quando eu vou poder vê-lo?

— Não deve demorar. Ele vai passar por alguns testes, afinal de contas, não é de graça que ele vai assumir um dos maiores negócios da Família, mas ficará bem.

— Ah, ainda temos isso, não é? A morte de Luca... — Giovanna pegou no talher de novo, mas nem mesmo minha comida pareceu animá-la. — Giordana ficará arrasada quando souber e eu não poderei fazer nada. — O nó na garganta dela embargou o final da frase.

— Não se culpe, ela sabe que, se você pudesse, estaria lá para ela. — Tentei ajudar, mas não pareceu fazer muita diferença.

— E Louis... — Os olhos dela que estavam no prato, foram para o rosto de Felippo por meio segundo, desconfiados. — Ele está bem?

Foi a vez do meu marido largar o talher. A mandíbula de Felippo se fechou com tensão e ele coçou o meio das sobrancelhas, antes de soltar um belo suspiro.

— Não estou no meu melhor momento para falar do seu irmão. Louis está pior do que nunca. Nem no meu pior pesadelo, eu achei que ficar sem Elizabeth faria isso com ele.

— Merda... — Ouvi Giovanna xingando pela primeira vez na vida. — Eu deveria fazer alguma coisa.

— Não há nada que você possa fazer, Giovanna. — Felippo tentou seu tom mais compreensivo.

— É, mas enquanto estou aqui, uma das pessoas que mais amo no mundo está passando pelo inferno, e não consigo não me sentir culpada por isso.

— Mas a culpa não é sua. Se Elizabeth tem um alvo nas costas, o único culpado é Louis — Felippo rebateu.

— Eu... — e tentando controlar a voz, pois estava chorando, Giovanna sorriu de forma quase dissimulada —... me perdoe, Natasha. Eu estou tentando, mas não consigo. Me perdoe. — Deixando o jantar para trás, ela se levantou e subiu as escadas tão silenciosamente quanto tinha descido.

Aquilo não era o que eu queria.

— Desculpe, Foxy. — Felippo pegou minha mão antes que eu pudesse recolher seu prato sujo para levar até a cozinha.

— Não foi culpa sua, nem dela. Não estou chateada... às vezes, só o tempo ajuda, e ela está perdida. Não tem o marido, não tem nenhuma das amigas, não sabe o quanto pode confiar em mim ou em qualquer outro... Eu não sei o que faria no lugar dela.

— Você já esteve lá — ele lembrou.

— Mas eu tinha Rowena. E depois você voltou e tudo fez sentido. — Beije o topo da cabeça de Felippo e voltei à missão de limpar a mesa. — Não posso exigir de Giovanna algo que ela não pode dar agora. Ninguém deveria.

— E qual será a solução?

— Deixá-la entender o que pode mudar, e aceitar o que não pode. — Encerrando aquela discussão, levei a louça suja para a cozinha, enquanto Felippo subia para o quarto.



Depois de encher a lava-louças, guardar o que sobrou da comida, trancar a porta e confirmar que o alarme estava ativado, passei no quartinho

de Rowena, peguei minha filha sonolenta do colo da babá e terminei o trabalho, sabendo que criaria Rowena no ambiente mais saudável possível para que ela nunca carregasse em suas costas o peso da validação dos outros, nem mesmo a minha.

Foi pensando sobre isso que a deixei com a babá e vaguei pelo apartamento, indo para o único lugar que conhecia como lar, mesmo sem ter a intenção.

A visão de Felippo na banheira com a hidro ligada só me deu mais certeza de que, seja lá o que eu fazia, estava no caminho certo.

Meu marido era um deus. O corpo musculoso, todo tatuado e coberto com desenhos bonitos, era realmente bom de se olhar, mas Felippo era muito mais do que isso.

Quando minha roupa finalmente foi ao chão e eu coloquei os pés para dentro da banheira, ele ergueu a cabeça e abriu os olhos, finalmente notando minha presença.

— Baby? — ele perguntou, mas não respondi, fui para cima dele e me agarrei ao seu pescoço, cansada emocionalmente daquele dia.

Suas mãos envolveram meu corpo e, entendendo que eu precisava de paz, Felippo brincou com as bolhas, cobrindo minhas costas com elas e as soprando por minha pele até que não restasse mais nada.

— Quer conversar? — ele perguntou, depois de quase meia hora em silêncio.

Seus dedos brincavam no espaço entre minhas costelas e a curva dos meus seios.

— Não — soprei contra seu pescoço.

— Foxy... — Sua voz parecia divertida com a sugestão. — Você sabe que não sou o tipo que nega foda para descarregar as energias.

Quis rir, mas erguendo o rosto, encarei os olhos verdes dele e perguntei, em um tom de voz profundo e sensual:

— Então por que é que ainda não está dentro de mim?

E aquilo foi tudo o que precisei dizer.

Meu marido me pegou pela nuca e grudou a boca na minha. Minhas mãos buscaram dentro d'água por seu membro, acariciando-o, senti conforme ele endureceu contra meus dedos.

A satisfação de saber que meu efeito sobre Felippo era quase imediato me deixou excitada e, com ele me puxando para si, sua boca devorando a minha e a mão livre acariciando meu seio, quis montá-lo.

Mas, por algum motivo, ele não deixou.

Abri os olhos, assustada, com medo de ter feito algo errado, mas as esmeraldas que Felippo carregava nos olhos só tinham um único recado para mim.

Ele me queria.

— De pé. — Bateu na minha bunda, segurando nas minhas coxas, ele me obrigou a levantar. — Quero sua boceta na minha boca, seu cheiro na minha cara — exigiu, me guiando para a posição certa.

Com a cabeça apoiada na beirada da banheira, Felippo me posicionou bem acima dele e me puxou para baixo, me beijando suavemente, contornando cada pedaço com a língua, causando arrepios na minha pele e aquela pressão quente no ventre.

O ar ficou denso, suas mãos mudaram de posição e ele as colocou espalmadas sobre minha bunda, obrigando meu corpo a ir para frente e para trás.

Com as mãos na parede, sem coragem de olhar para baixo ainda, eu obedeci.

Movi o quadril devagar, roçando minha intimidade toda em sua boca, sentindo sua língua me tomar por inteira e quando o prazer foi maior sobre o clitóris, encurtei o vaivém.

Ele me incentivou. As mãos quentes, fortes e molhadas acariciando meu corpo.

A boca não mais tão suave entre minhas pernas me deixou com a respiração entrecortada. Uma das minhas mãos desceu para o cabelo dele e não pude evitar.

Olhei para baixo e o vi me admirando. A sombra de um sorriso tomou minha boca, mas Felippo o fez morrer quando sugou forte e me arrancou um gemido baixo.

Forcei o corpo mais para baixo e me esfreguei contra ele, sem vergonha alguma.

Era meu marido, era minha alma gêmea. Era meu.

Seus olhos verdes se fecharam. Ele me provou com prazer, e ver aquela cena foi demais para mim. Com suas mãos sustentando meu peso e sua língua diminuindo o ritmo, eu fui ao céu e voltei, mas ainda queria mais.

Deixando-me escorregar de volta ao seu colo, Felippo beijou meu corpo todo no caminho. Ventre, abdome, meio dos seios, meu queixo.

Seu braço envolveu minha cintura, a outra mão na minha nuca, e do mesmo jeito que me beijou entre as pernas, ele fez com minha boca.

Não quis esperar.

Não podia esperar.

Com a ajuda dele, ergui os quadris e o ajeitei em minha entrada sob a água.

Quando desci, o gemido compartilhado por nossas bocas foi o melhor de toda a vida, assim como eu sabia que o próximo ganharia aquele lugar.

Ele me invadiu devagar. Sua grossura ganhando espaço dentro de mim, me abrindo e preenchendo. Engoli a seco o pequeno grito que queria dar, encarando-o com os olhos semicerrados.

Meu marido me segurou parada, suspirou profundamente e abriu os olhos. Trazendo a mão para o meu rosto, desenhou o contorno da minha mandíbula e, como se aponta do seu dedo tivesse fogo, deixou seu rastro na minha pele em brasa.

Ele desceu por meu pescoço, clavícula, e deu o sorriso mais sensual de todos quando viu que meu corpo só faltava gritar que o queria.

Eram involuntárias as contrações do meu ventre, das minhas paredes internas.

Era seu efeito em mim, e ficou claro quando ele apalpou meu seio, envolvendo-o todo com a mão, massageando intensamente.

— Marido... — A palavra saiu num gemido baixo, conforme deitava a cabeça para trás, e seu rosto logo veio para a curva do meu pescoço.

A barba recém-feita de Felippo arranhou minha pele, causando um arrepio cruel à medida que ele me cheirava, selvagem, e esfregava o bico do meu seio.

Não consegui ficar parada. Eu o abracei e forcei os quadris para frente.

Ele soprou contra minha pele, me torturando.

— Você não me queria dentro de você, baby?

Cada palavra dita baixinho no pé do ouvido, me seduzindo mais, mostrando que meu desejo por Felippo não tinha limites.

Ele me beijou e tentei erguer o tronco para que ele continuasse mais para baixo, mas a risada que ele soltou me fez arfar.

— *Tu sei mio*, Natasha. — ele repetiu, depois de tanto tempo, e eu ainda me lembrava.

Ergui o rosto, alerta e com as mãos em seu rosto, fiz com que nos olhássemos.

— E não há lugar nenhum para mim que não seja com você — completei.

— *Ti amo*. — Bastou.

Bastou para nós, para tudo.

Podia vir a guerra que fosse, eu aguentaria.

E venceria. Por ele e por nossa família.

Tomei a sua boca e forcei o corpo para cima e para baixo, mas Felippo me segurou. Sua boca deixou a minha por um mísero segundo e eu protestei, mas só até ouvir o que ele tinha a dizer.

— Rebola no teu macho com essa bocetinha apertada, rebola, Foxy. —
A voz rouca de Felippo na minha boca não era um pedido, era uma ordem.

Seus dentes puxaram meu lábio inferior e quando o soltaram, procuraram meu pescoço, causando um arrepio brutal e uma ansiedade louca para obedecer.

Fiz como sabia que ele gostava e me aproveitei de cada toque preciso do meu marido. Me movi sobre ele como se não soubesse fazer nada além daquilo.

Não percebemos quando a hidro desligou sozinha.

Não ligamos para o banheiro inundado.

Só existiam ele e eu naquele universo privado do qual eu me orgulhava de ter construído. E eu não reclamei quando, sem sair de mim, ele nos tirou da água.

A porta do banheiro estava aberta, e eu jurava que o destino final era a cama, mas quando ele a ignorou, eu quis rir. Acreditei que ele nos levaria para a varanda, mas também errei.

A surpresa era o closet.

Ele acendeu todas as luzes e mesmo com meu protesto, me deixou no chão.

— Quero que veja.

Guiando-me, Felippo me colocou de frente para o espelho e com as mãos no meu quadril, empinou minha bunda e se encaixou em mim.

Minha única alternativa foi colocar as mãos sobre a superfície refletiva para não cair quando ele entrou de uma vez.

— Caralho de mulher gostosa. Olhe! — ele mandou, puxando meu cabelo, me obrigando a ficar um pouco mais ereta e colocando a mão livre no meu seio.

A cena era bonita, mesmo. Meu marido todo desenhado, lindo, loiro e forte, completamente hipnotizado com a imagem à nossa frente, e eu com os cabelos todos em sua mão, com a boca entreaberta, vendo o leão em sua mão massacrar meu seio.

Meu sopro embaçou o vidro quando ele voltou a investir sobre mim. Minhas pernas bambearam, mas me segurei. Queria que ele fizesse aquilo até eu esquecer meu nome. Queria não conseguir sentar no dia seguinte. Queria esquecer o mundo do quarto para fora. E consegui.

Com as mãos dele me abraçando, me tomando, me tocando como se eu fosse seu instrumento favorito. Dedilhando meu clitóris como as cordas de sua guitarra, Felippo me ergueu do chão quando me fez gozar.

E me travou em si, deixando-me ver a cena bonita de nós dois como um, enquanto, mais uma vez, ele provava que era todo meu.

— Você também precisava disso. — Em seu peito, em nossa cama, eu matei a charada.

— Eu sempre preciso de você, Foxy. Porém não nego... — Ele suspirou enquanto acariciava meu rosto. — Não ando nos meus melhores dias.

— Louis tem te deixado em uma corda bamba, não?

— Tem. Mas não posso julgá-lo por estar fazendo algo que eu provavelmente faria se você fosse a vítima.

— Você acha que ele a ama?

— Não sei se ele é capaz de amar alguém, baby. Mas, de alguma forma, Elizabeth é dele e isso é o mais próximo de amor que Louis conhece.

CAPÍTULO 32

Cinzas cintilantes, elas são minhas próprias veias
Um pouco mais que um sussurro, um movimento súbito do meu
coração

E eu sei, eu sei que terei que assisti-los falecer
Simplesmente passar por esse dia
Desista do seu caminho, você poderia ser qualquer coisa
Desistir do meu caminho e me perder? Hoje não
É culpa demais pra carregar
the last song i wasting on you, evanescence.

Elizabeth Fabbri

Se eu acreditava que existia um limite para o que meu corpo e minha mente conseguiam aguentar, toda aquela experiência estava me mostrando que eu podia ir além.

Perdi a conta de quantos banhos gelados eu tomei. Não tinha ideia de quando tinha comido pela última vez. E toda maldita vez que meus olhos estavam mais pesados do que eu podia aguentar, como se quilos de areia estivessem forçando minhas pálpebras a se fecharem, aquele maldito alarme soava e me obrigava a ficar acordada.

Eu realmente aguentei mais do que pensei que conseguiria, mas sabia que estava por um fio. A fome era algo doloroso de se sentir, a privação de sono fazia com que meu corpo não se recuperasse dos abusos físicos, e era cada vez mais difícil me concentrar em algo que não fosse me manter viva.

Eu pensei nos meus pais, na vida em que deixei para trás e nos sonhos que realizei.

Pensei em Giovanna, em Zola, em Frederico e, inevitavelmente, como um castigo diabólico, em Louis e no bebê que estava crescendo dentro de mim em meio a tudo aquilo.

Queria poder não pensar em Louis.

Queria que aquele bebezinho não existisse, para não precisar passar por tanta coisa antes mesmo de ter ar em seus pulmões pela primeira vez.

Queria não sentir que a culpa de eu estar ali era toda e completamente minha.

Se eu tivesse recusado.

Se eu tivesse ido embora antes.

Se eu tivesse sido cuidadosa.

Se, se, se. Um bilhão de possibilidades que teriam evitado o destino que me aguardava naquele quarto dos horrores, e ainda assim, mesmo

sabendo que um dia aquilo poderia acontecer, em toda encruzilhada eu escolhi seguir de mãos dadas com Louis.

A sensação era estar em uma escada onde ele conseguia subir por todos os degraus e, enquanto tentava alcançá-lo, o chão sumia sob os meus pés.

Aquele amor não era justo, mas era tudo o que eu tinha para dar, e até ali, eu tentei acreditar que o que ele me dava de volta era o suficiente para viver o resto da vida daquele jeito.

Era honesto, mesmo dentro de todas as mentiras.

Era bom, mesmo que me deixasse tão fodida quanto a pior ressaca da vida.

Era tudo o que eu queria, mesmo sabendo que aquela dança alguma hora me quebraria ambas as pernas.

Era intenso, mas alguma hora aquele mergulho me sufocaria.

Louis era o fogo que me aquecia, mas que me consumia igualmente. E encarar aquilo tudo naquele momento doía. Doía como ter o coração arrancado do peito, o tipo de dor que eu sabia que não aguentaria.

Constantemente, eu pensava sobre o que estava acontecendo além daquelas paredes. Se meus amigos estavam bem, se Louis estava me

procurando... Será que ele sabia o que havia acontecido? Será que achava que eu tinha ido embora e estava com raiva? Será que eu valia o esforço para ser encontrada?

Porra, se sim, que ele e toda a maldita Dark Hand entrasse pela porta no segundo seguinte.

Depois de ter as roupas rasgadas, ninguém se preocupou em me vestir novamente.

Sem nada para me cobrir, agradei por estarmos no verão e o sistema de ar-condicionado daquela merda de lugar estar quebrado. E no cantinho do quarto, no chão, sem forças para nada, não percebi quando o sono me tomou.

Em um segundo, eu estava olhando para as paredes escuras, no seguinte, eu não entendi o que aconteceu quando uma mão puxou meus cabelos ao mesmo tempo que eu era estapeada, ouvindo o som do maldito alarme.

— Acorde! Acorde, vagabunda! — Era a voz do loiro que dizia isso, e eu achava que era sua mão atingindo meu rosto também.

Mas mesmo com muito esforço, meu corpo estava cansado demais para obedecer.

Minhas pernas falharam por um minuto e eu voltei ao chão.

— Acho que ela precisa de uma lição. Vou fazê-la vibrar no meu pau, quem sabe isso a acorde? — o outro de cabelos escuros disse, pegando minhas mãos, algemando meus pulsos.

— Eu vou por trás, quero ver se ela aguenta. — O loiro riu, pegando meus pulsos, obrigando que eu levasse meus braços acima da cabeça.

O gancho que me dava tanto pavor foi usado.

Meus pulsos quase arrebentaram quando todo o peso do meu corpo ficou dependente deles. E enquanto meu cérebro processava as agressões, o som do alarme e dos gritos, por um mísero segundo, achei que seria apenas mais uma ameaça como eles já haviam feito antes. Isso mudou quando um deles colocou o pau para fora, duro, e cuspiu na mão.

Ele ia me pegar.

Ele ia forçar, e machucar, e rasgar.

Então, com a última força que tinha, juntei toda e qualquer fé que ainda restava nos meus pulmões e gritei:

— EU ESTOU GRÁVIDA!

Foi como se um botão de pausa fosse ativado e as mãos que tentavam abrir minhas pernas fossem obrigadas a parar, assim como os homens, o tempo e todo o resto.

Minha respiração fora de controle era a única coisa que conseguia ouvir.

— O que você disse?

— Eu. Estou. Grávida — repeti, com dificuldade.

— É mentira — o loiro apostou.

— Não, não é.

— E é do Luppolo?

Fechei os olhos. As lágrimas rolaram pelo meu rosto e, sem opção, eu confirmei com a cabeça.

A risada que ouvi em seguida vinda deles ficaria gravada para sempre na minha mente.

— Vamos contar ao chefe e, se depois do teste, isso for mentira, acredite que vou te foder até você realmente engravidar — o cara de cabelos escuros disse e, quando me desceram daquele maldito gancho, eu fui ao chão e, sem opção, meu corpo desligou.



Eu não fazia ideia de quanto tempo havia passado, mas surgiram com uma garrafa d'água, uma banana e a porra daquele maldito teste de gravidez.

Seria um milagre aquela vida ainda estar dentro de mim, depois de tanta coisa, mas depois de beber e comer, fiz o bendito xixi e o teste deu positivo.

Enquanto os homens saíam, fiquei olhando de novo para aqueles mesmos dois risquinhos que me assustaram tanto antes e, naquele minuto, não quis fugir.

Aquela vida já era forte. Aquele pontinho de coração extremamente barulhento queria sobreviver, então era minha obrigação fazer aquilo virar realidade. Porém, de repente, toda a realidade da situação bateu na minha cara um pouco menos cansada e, até que ponto era bom estar grávida de uma criança de Louis?

Foi rápido e forte quando o pânico me pegou.

Foi chorando, nua, ainda encolhida no canto do quarto, que eu só encontrei um pouco de sanidade enquanto orava.

— Deus, você costuma me ouvir de um jeito muito estranho, então, por favor, faça Louis arrebentar essa merda de porta. Faça com que ele nos tire daqui, e que seja logo. Amém.

E então, parcialmente alimentada, fechei os olhos com o corpo encolhido contra o chão e adormeci, tendo como última visão a memória suja

e confusa de Louis me pegando no chão daquele quartinho cheirando mal,
dois anos atrás.

Que ele não demorasse tanto daquela vez.

CAPÍTULO 33

Mesmo se isso me machucar, amor
Eu vou correr até você
run to you, lea michele

Giovanna Luppolo Agliardi

Era certo que, se eu não fizesse o que estava prestes a fazer, eu poderia enlouquecer.

Naquele mundo, dentro de toda aquela confusão, com medo de pisar em mais uma armadilha, foi um refresco e tanto ver que Natasha se sentia tão perdida quanto eu. Era bom saber que eu não era a única que não sabia lidar com a parte podre do mundo em que vivia. Ainda assim, colocando a Dark Hand em uma caixa para abrir em outro momento, coloquei minha família como prioridade.

As coisas podiam funcionar, e eu vi isso com meus próprios olhos vivendo sob o teto de Natasha e Felippo por doze dias, e nos últimos dois que passei no meu apartamento, quando decidi que era hora de me mover de

alguma forma, prometi que daria tudo de mim, do que eu era, da minha essência, para fazer minha vida voltar a funcionar.

Eu não era mais a garotinha fútil que acreditava que ser parte da realeza da máfia era somente vestidos, festas e um casamento perfeito. Agora, graças a uma lição intensiva, eu conhecia a parte que te fazia sangrar, gritar e chorar e que, de alguma forma, te pegaria pelos cabelos e te obrigaria a agradecer por isso quando você não tivesse mais nada.

Fui do zero a cem, perdendo tudo, inclusive, quem eu era, com medo de não suprir as expectativas que todos tinham em cima de mim. Me senti uma marionete na mão de crianças egoístas que brigavam o tempo todo enquanto arreventavam minhas cordas, tentando me manipular.

De fato, graças ao bom Deus, aquela não era mais eu.

Foi o amor de Zola, a cumplicidade de Giordana e a visão aguçada de Matteo que me abriram a porta para entender que eu precisava lutar por mim. E a nova eu era muito mais resistente, mesmo dentro das minhas fragilidades todas.

E eu ainda era boa.

Essa foi a lição mais difícil de entender nos últimos três meses.

Não importava o quão cruéis as pessoas podiam ser, eu não podia mudar a minha essência por causa delas. E ainda com tudo o que havia acontecido, me permitindo sentir uma raiva gigantesca do meu irmão, da minha família, da vida que eu levava, do mundo em que eu vivia. Ainda que doesse digerir cada uma das situações que passei, dos abusos, das manipulações, da maldade. Eu ainda era eu, e eu seria amor e bondade, por onde quer que eu fosse, por mais que pudesse errar mais e mais vezes.

Era isso o que eu tinha para dar, e foi isso que me fez ficar pelas últimas dez horas dentro do apartamento de Louis, esperando por ele.

O sofá era desconfortável, mas isso não me impediu de cochilar algumas vezes, ainda mais depois de Edgar me mimar com meu bolo favorito como forma de dizer que me perdoava por deixá-lo desacordado e trancado no quarto onde eu era a prisioneira. Ainda assim, quando ouvi a porta sendo destrancada e olhei para o visor do celular, vendo que eram três e doze da madrugada, foi como se todo o sono evaporasse do meu corpo.

O cheiro de sangue e suor do meu irmão dominou o ambiente, e junto dele a tensão que vinha nos acompanhando cresceu de forma sufocante.

A porta se fechou e tudo o que enxerguei no escuro foi a camisa clara entreaberta, o cabelo bagunçado e a postura ameaçadora que parecia

considerar se avançava direto na minha direção, provavelmente para me matar, ou esperava para ver o que acontecia.

Muito suavemente, me inclinei com cuidado para a mesinha que ficava entre a poltrona e o sofá e apertei o botão da pequena luminária.

A luz amarela e quente acertou meus olhos em cheio, mas me deixou ver Louis um pouco melhor e sua expressão era mais vazia do que eu esperava.

Seus lábios mal se moveram quando ele perguntou, num tom de voz que era menos enfurecido do que eu esperava:

— O que faz aqui?

Respirei fundo, movi as pernas para cima do assento e me inclinei um pouco, encarando-o de volta.

— Precisamos conversar. — Era óbvio, e graças a Deus minha voz saiu mais firme do que eu esperava.

— Eu não tenho nada para falar com você. — Ele tentou dar um passo na direção da escada.

Olhando para frente, sabendo que qualquer hora as lágrimas desceriam como em uma cachoeira, o observei pela minha visão periférica e fui firme mais uma vez.

— Louis, pare. Nós vamos fazer isso, e vamos fazer agora.

Fazendo o que pedi, respirou fundo como se estivesse cansado demais para brigar, e voltou a me fitar.

— Fale logo.

— Primeiro, antes de qualquer coisa, preciso dizer que eu perdoo você. — Louis se aproximou e só então movi a cabeça para olhar em seus olhos. — Você não merece, e não fez absolutamente nada para se redimir, mas para conseguir seguir em frente, para conseguir deitar e dormir uma noite inteira sem sonhos perturbadores, eu preciso disso. Então, eu te perdoo. Perdoo sua manipulação, sua inanição e sua soberba. — A primeira lágrima rolou grossa, mas não parei, nem quando minha garganta parecia tão apertada que minha voz falhou. — Eu perdoo que você não tenha entendido que, se tivesse ficado aqui, teria morrido ao lado de Bartek, e perdoo que você tenha me caçado, me machucado e me julgado tão mal quando, na verdade, tudo o que eu fiz foi acordar do transe porque você não estava lá por mim quando precisei. — Fiz uma pequena pausa, vendo a expressão de Louis mudar. Suas sobrancelhas estavam juntas, era um sinal claro de que ele me ouvia de verdade. — E mesmo que você me culpe por Elizabeth ter sido levada, e acredite, eu também me culpo por isso. E por causar mais problemas do que jamais sonhou. Eu ainda o amo, Louis. Amo mais do que poderia colocar em palavras e talvez seja por isso que te odiei e me magoei tanto. Porém, de todas essas coisas, se há algo que você não pode dizer é

que não fui fiel e leal a você até o último momento. Eu só fiz o que fiz, eu só te decepcionei, porque tinha certeza de que não sobreviveria. E nesse processo, entendi que se eu não me amasse também, se não fosse embora, aquele casamento seria o meu fim, e você sabe que sim.

Levou um bom momento para que eu conseguisse me recompor.

Na verdade, eu não me envergonhava nenhum pouco do choro, ou de expor o que sentia e como sentia, mas sabia que o lado racional de Louis e tudo o que ele era, via aquilo como uma fraqueza.

— Há algo mais?

— Não.

— Então você já deve saber que seu... marido — o tom era amargo — agora faz parte da Dark Hand como capo, e consequentemente, seu casamento será validado.

— Sim. — Limpei o rosto. — Papai me contou.

— Então considere isso meu acordo de paz sobre o que aconteceu. Porém não ache que sua vinda aqui e tudo o que me disse anula o que você fez. Se Elizabeth estiver viva, está passando pelo inferno, e quem a tirou daqui foi você. Se preciso lidar com a responsabilidade de ter colocado sua vida em risco, lide você com a responsabilidade de foder com a segurança dela. Viva seu conto de fadas enquanto ela vive seu pior pesadelo.

Engoli aquilo como deveria ser e fiz que sim com a cabeça, sabendo que meu coração, naquele segundo, tinha o dobro do meu peso.

— Ela estava grávida mesmo, não é?

Ele confirmou com a cabeça.

— Consegue imaginar o que a mãe de uma criança minha vai passar?

Fiz que não com a cabeça, porque mesmo tendo passado por coisas terríveis, sabia que existia muita criatividade voltada para a maldade lá fora.

— Há algo que eu possa fazer? — Minha voz saiu como um sussurro.

— Você muito ajuda se não foder mais. Agora, faça o favor de descer para a garagem. Vou interfonar e pedir para Henry te levar.

E sem mais delongas, Louis me deu as costas e subiu as escadas.

Aquilo era o mais humano que eu conseguiria arrancar de Louis, e apesar de sentir toda a tensão, de saber que ele ainda estava nervoso comigo, foi bom vê-lo se controlar. Podia ser muito pior. Eu, de verdade, realmente esperava que fosse pior.

Aquilo foi a única coisa que me consolou no caminho para casa, mas ao entrar no elevador e saber que seria mais uma noite sozinha, eu e meus

pensamentos, o desânimo tomou conta.

Porém, ao abrir a porta de casa, minhas pernas ficaram moles, meus olhos cheios d'água e meu cérebro não sabia se meu coração estava acelerando ou derretendo.

— Por que demorou tanto? — A voz de Zola me fez entender que era real.

Era ele.

Depois de todo inferno das últimas semanas, finalmente, era ele.

CAPÍTULO 34

Eu preciso que você entenda
Não me importo com suas sombras
Porque elas desaparecem na luz
Não me importo com suas sombras
Porque elas se parecem muito com as minhas
E me escute
Tudo bem ter medo
Apenas caminhe como se nunca estivesse sozinho
Eu não me importo com suas sombras
shadows, sabrina carpenter

Zola Agliardi

A última semana havia sido, sem dúvidas, uma das mais difíceis da minha vida.

Além de precisar me inteirar das contas, do sistema de funcionamento e dos funcionários da casa, fossem eles legalizados ou não, precisei escolher bons homens entre os soldados da Dark Hand e senti o peso nos ombros ao sair de uma posição de serventia para a de comando.

O apoio vindo de Leonel foi surpreendente, mas entendia que, assim como eu assumia aquela posição por Giovanna, ele cuidava de perto para que tudo desse certo pela felicidade da filha.

E foi um longo processo até eu poder estar ali.

Minha perna ainda não estava cem por cento, entender de finanças, administração e virar chefe do dia para a noite tomava muito tempo e me fazia entender por que aqueles malditos capos bebiam tanto, mas quando ela abriu a porta e eu a vi, depois de tanto tempo, a confirmação do meu motivo de ser o melhor que podia veio com clareza.

Giovanna tinha o cabelo preso de forma preguiçosa no alto da cabeça. Uma camiseta de mangas compridas cinza-escuro e calças jeans pretas que não combinava em nada com o clima quente do verão.

Seu rosto estava inchado pelo choro, mas ela ainda era a mulher mais linda que eu já havia visto.

Seu choque ao entender que eu estava lá, depois de semanas, a paralisou na porta e fiz meu caminho até ela, tentando conter a urgência que tinha. Sabia de onde ela havia vindo, sabia que não tinha sido algo fácil encarar Louis, já que eu mesmo não havia feito ainda, mas minha pequena princesa era corajosa o bastante para enfrentá-lo.

— É mesmo você? — A pergunta me fez rir quando ela veio com as mãos no meu rosto, tocando para garantir que não era uma alucinação.

Seus dedos tocaram minha testa, olhos, bochechas e mandíbula e foi automático colar o corpo no dela. Surpreendendo-me, Giovanna não teve nenhum problema de esconder ou controlar seu instinto e necessidade. No segundo em que ela entendeu que era real, foi ela que avançou para cima de mim. Suas mãos se encaixaram no meu rosto, me puxando para si e não houve um choque de lábios. Ela me beijou sedenta, enfiando a língua na minha boca, buscando o que ela sabia que só eu podia dar, e eu não a poupei.

Do mesmo jeito que ela libertou suas amarras, me desfiz das minhas e foi automático puxá-la para o meu colo. Suas pernas envolveram minha cintura, minhas mãos apertaram sua bunda e eu a carreguei para o sofá. Era o lugar mais próximo, e naquela emergência, o melhor possível, já que eu teria fodido com ela em pé, na porta, como estávamos.

As mãos de Giovanna vieram para os botões da minha camisa. A prática em soltá-los só não foi superior à minha em livrá-la da camiseta e do sutiã.

Ela veio pronta para voltar com o rosto para o meu, mas segurando em seus ombros, a impedi. Seu olhar era confuso, porém, eu precisava vê-la.

O cabelo se soltando, os cílios longos sob os olhos grandes no tom de um verde-claro que artista nenhum no mundo conseguiria reproduzir. As bochechas coradas com as quais eu sonhei por dias, o nariz arrebitado e pequeno, a boca, de lábios em formato de coração, inchada. E o torso de pele macia, quase reluzente, finalmente sem hematomas como os que vi da última vez em que tinha estado no mesmo ambiente que minha mulher.

Seus seios pequenos e empinados, de mamilos tão claros, estavam arrepiados, a calça jeans larga na cintura e, pensando no que ela guardava, suspirei.

— Te esperei todo santo dia. — A voz baixa dela era quase um sussurro.

Giovanna tocou meu peito com a ponta das unhas e eu a soltei para que ela continuasse a me livrar da camisa. Seus dedos firmes na minha pele subiram para meus ombros e desceram pelos braços junto do tecido.

— Eu só conseguia pensar quando...

— Não precisa mais pensar, amor. — Peguei-a pela cintura e puxei seu corpo contra o meu, cheirando a curva do seu pescoço, grudando a boca na pele sensível, beijando, mordiscando, deixando um rastro vermelho, conforme sentia as mãos de Giovanna sobre meu cabelo, direcionando minha cabeça para seu seio.

— Eu sei — ela sussurrou, se esfregando contra mim.

O jeans contra o tecido fino da calça roçou meu pau com força, e duro como estava, foi difícil segurar o ar nos pulmões.

Arfei contra o bico do seio de Giovanna entre meus lábios e a suguei logo em seguida, ouvindo o gemido tímido vindo dela junto com o carinho de suas unhas descendo por minha nuca.

Forcei sua bunda contra meu colo, incentivando aquele movimento com os quadris e abocanhei ainda mais seu seio. Suguei devagar, faminto por ela, girando a língua sobre o ponto duro dentro da minha boca, causando pressão, ouvindo sua respiração acelerar junto do pequeno grito quando soltei seu mamilo.

A visão dele rosado, inchado, e a pele em volta dele marcada era o céu.

— *Sei così perfetta, piccola mia...* ^[2]

— E toda sua, completamente sua...

Giovanna dirigiu meu rosto para seu outro seio e eu fiz o mesmo, ganhando o caminho de volta para sua boca com a língua em seu corpo, segurando-a pela nuca.

Ela não protestou quando a beijei, na verdade, foi ela que me devorou mais uma vez. Sua língua sedenta pela minha à medida que se afastava um

pouco e descia as mãos para abrir minha calça me fez gemer quando, certo que fazia, Giovanna liberou meu pau para fora e brincou com o dedo sobre a cabeça molhada, antes de envolvê-lo com a mão, firme, como eu havia ensinado, e começar a me masturbar.

Puxei seu lábio inferior entre os dentes e ataquei seu pescoço.

Minha boca sobre sua pele não foi gentil.

Marquei sua pele, suguei, beijei, lambi.

— Você vai me enlouquecer... — ela disse, quando subi até sua orelha, brinquei com o lóbulo e a parte externa.

Esfreguei meu rosto nela sendo consumido pelo perfume de lavanda e, quando sua mão acelerou sobre meu pau, eu a afastei.

Livre Giovanna da calça e da calcinha de uma vez.

Queria tanto seu corpo no meu que nem mesmo notei a cor da lingerie daquela vez, e com ela nua, minha boca encheu d'água para a parte dela que eu mais cobiçava.

Ciente de como queria, desci para o chão e apoiei a cabeça no sofá. Giovanna, que já tinha aprendido muito, ficou com os joelhos um de cada lado, próximos à minha cabeça e apoiou as mãos nas costas do sofá.

Eu não precisei pedir. A boceta rosada e brilhante de tão molhada veio sobre o meu rosto. Minhas mãos em suas coxas a prenderam sobre mim, o

gemido dela ganhou força, seu clitóris girou sobre minha língua quando ela movimentou o quadril.

O cheiro daquela boceta tinha que ser encapsulado e vendido. O gosto, eu não gostaria de compartilhar com o mundo, já que, com certeza, precisaria matar alguém, caso tentassem tirá-la de mim.

E morto de saudade, com o pau latejando de tesão, eu a chupei gostoso.

— Isso... — ela gemeu baixinho, depois de puxar o ar entre os dentes.

Minha língua a fez dançar sobre mim, quando suguei toda carne do seu clitóris, Giovanna perdeu o ar, e só aquilo bastaria para mim. Poderia ficar ali com a visão do seu corpo sobre meu rosto, os seios pequenos, o abdômen liso tremendo a cada vez que eu acertava o movimento, mas ela era quem mandava, e notei quando, fazendo movimentos para frente e para trás, ela parou com outra parte na minha boca. Giovanna queria ser estimulada naquele cuzinho rosado e eu não negaria.

Minha língua girou sobre ele e ela forçou o corpo contra mim quando tentei forçar o caminho naquele beijo-grego.

— Amor — eu ainda não acreditava que era com aquela palavra que ela me chamava —, eu quero. — O pedido saiu estrangulado por um gemido e eu não podia deixar de obedecer. Fiz meu melhor em deixá-la úmida, saí

de baixo dela e, me livrando de todo o resto de roupa, fiquei de joelhos no chão.

Fiz Giovanna se sentar, escorreguei seus quadris para fora do sofá, e me encaixando entre suas pernas, fiz com que ela as flexionasse.

Não quis ir direto ao ponto, e com minha mulher completamente exposta naquela posição, esfreguei o pau nela toda, misturando sua excitação com a minha, me ajeitei na entrada da boceta quente e molhada, e forcei a entrada.

O quadril dela desceu, com os cotovelos apoiados sobre o sofá, Giovanna deitou a cabeça para trás, conforme se encaixava no meu pau e gemeu meu nome.

Travei a mandíbula, nem mesmo respirei. Me forcei a manter os olhos abertos para não perder aquela cena e usei toda minha força para não gozar quando meu corpo encostou no dela.

Estava enterrado em Giovanna, sendo apertado da forma mais severa possível, vendo minha menina, minha pequena, meu anjo, movendo os quadris, querendo mais.

— Puta que pariu, como eu pude viver longe de você?

Toquei Giovanna com a lateral do polegar, apoiando minha mão sobre seu monte, sentindo a carne tenra e quente sob meu poder e, lentamente, me

movimente, começando o lento vaivém dentro dela.

Observei suas mãos passeando por seu corpo, a forma como ela massageou os seios, como puxou os mamilos entre os dedos, como seu peito subia e descia progressivamente mais rápido. Notei a veia em seu pescoço saltada, vi a sombra de sua boca aberta, já que ela tinha jogado a cabeça para trás, e segurando em seus quadris, aumentei a velocidade.

O atrito, o calor, pele contra pele, a resistência... Giovanna era pequena, perfeita, gostosa *pra caralho*, fodendo com meu juízo.

Quando achei que estava pronta, saí de dentro dela, vendo o rastro de Giovanna no meu pau, melado com a excitação dela e a minha, chamei:

— Amor. — Ela ergueu a cabeça e eu me ajeitei melhor sob ela. — Olhe *pra* mim...

Esfreguei a cabeça do meu pau sobre seu cu.

Ela gemeu e se arrepiou.

— Relaxa e, quando quiser, desça — avisei, me contendo com uma mão no pau e a outra em sua nuca.

Sabia como Giovanna era.

Seria involuntário ela fugir e esconder o rosto, mas daquela vez não.

Não podia perder um único segundo dela, estimulando seu corpo a receber o meu, mantendo o olhar no dela, vi tudo o que queria quando atravesssei a entrada.

Eu gemi e devo ter xingado. Ela quase sorriu, mas gemeu também e forçando mais o quadril, me colocou mais para dentro.

Meu pau pulsava; o cu dela, duas vezes mais.

— Z, eu... — Quase fechando os olhos, Giovanna parou onde estava e rebolou. Puxei seu rosto para o mais próximo do meu.

— Não. Quero que me olhe, Giovanna.

Ela obedeceu, a respiração batendo contra meu rosto, completamente desconexa.

— Amor, vai. Por favor, mais — ela choramingou.

Rendido, insano e completamente entregue, entrei de uma vez.

Ela gritou. Eu a segurei.

— Espere. — Foi minha ordem dada com a mandíbula travada. Seu corpo sabia que havia um intruso, e tentou me repelir de todo jeito. — Relaxe, pequena. — Engoli em seco e coloquei a mão que estava sobre meu pau de volta ao clitóris dela. — Só relaxe — pedi num sussurro, vendo as pupilas de Giovanna dilatadas, o têsão contido no lábio sendo mordido e a dor tentando ser superada no vinco entre seus olhos.

Meus dedos tocaram seu corpo como se fosse algo divino.

Sua boceta continuou molhada.

Seu rabo continuou me apertando de maneira insana, mas eu só me movi quando ela voltou a gemer e mexeu os quadris. Era o sinal verde que eu queria, e com as mãos travadas em sua cintura, com os dedos enfiados em sua carne, sabendo que Giovanna se esforçaria para continuar a me olhar, afastei meus quadris dos seus e, saindo quase que completamente, voltei até o fundo.

Nós dois gememos alto, era impossível controlar.

Mesmo assim, não parei. Minha boca desceu sobre seu seio, meus olhos nos dela num recado mudo de que aquele corpo me pertencia, meus lábios a marcando sem dó. O chupão sobre o seio direito de Giovanna era um sinal claro de que, a partir dali, só eu poderia marcá-la. Cada centímetro seu me pertencia.

Cada grito, cada gemido, cada olhar, cada sorriso, cada lágrima.

Tudo o que a formava em matéria e espírito era meu, e metendo nela em um ritmo insano, sentindo seu corpo responder a cada movimento meu, agarrei seu corpo, a ergui sem sair de dentro dela. Me sentei no sofá, Giovanna se ajeitou sobre o meu colo, rebolando, juntou a boca na minha.

Não consegui beijá-la, nem ela a mim.

O som dos seus gemidos eram uma bagunça. Quando eu ia até o final, eram mais altos, quando eu saía, eram baixinhos, um sopro, e conforme ela rebolava, suas mãos nos meus ombros deixavam pequenas marcas, graças às unhas compridas.

Mas seus olhos, apesar de toda aquela confusão de prazer e saudade, não deixaram os meus por segundo nenhum.

— Eu vou... — Ela ergueu o rosto quando avisou, minha boca contra a dela escorregou até seu pescoço e eu a marquei mais uma vez.

— Zola! — ela gritou meu nome, rebolando mais forte.

Segurei Giovanna num abraço matador, movendo o quadril mais para frente, meti nela com força e agilidade. Todo e qualquer esforço concentrado em esperá-la.

Não houve arrependimento e, no último segundo, antes dos olhos dela se fecharem, eu sabia o recado.

Ela me amava, mas nunca chegaria aos pés do que eu sentia por ela.

Giovanna tremeu, pulsou, gritou e se contraiu de um jeito impossível de aguentar.

Quando senti minhas bolas repuxando e o gozo vindo, travei dentro dela e deixei tudo para trás.

Naquele mundo, eu seria o pior se precisasse, se isso significasse nunca mais ficar longe dela.

— Você está bem? — ela perguntou e arrancou mais um riso meu.

— Agora, sim... — Suspirei. — E você? Como tem sido?

— Uma droga — ela choramingou. — Mas tive alguns progressos. Agora tenho uma irmã e uma sobrinha, você sabia? — Fiz que sim com a cabeça quando os olhos dela procuraram atenção. — E consegui colocar algumas coisas na mesa com Louis que achei que não seria capaz...

— Como? — Peguei sua mão que acariciava meu peito e beijei a ponta de seus dedos.

— Depois de ameaçá-lo de morte, quando nos separou... — Não pude segurar o riso ao ouvir aquele absurdo. Gostaria de ter visto a cena. — E odiá-lo e culpá-lo por tudo o que você sabe, eu o perdoei. Também entendi que tenho sim parte da responsabilidade do que houve com Lizzie. Não tudo, mas, minha parte está lá.

— Estamos nisso, anjo. Não esqueça que, se Elizabeth foi convencida a sair do Brasil, eu ajudei.

— E é por isso que, apesar de tudo, e por causa de tudo, meu irmão precisa de apoio.

— Do que eu sei, ninguém anda muito feliz com o que ele anda fazendo. — comentei, vendo a expressão curiosa de Giovanna tentar ler as entrelinhas do que eu falava.

— Acha que ele pode ter problemas dentro do conselho?

Suspirei, afastei-a do meu peito e fitei Giovanna do modo mais sério possível.

— Acho. De baixo, de onde eu vim, sei que todos temem Louis, mas o acham meio doido. Sádico. Se um líder se mostrar mais forte do que ele, e mais estável, não duvido que haja um problema interno.

Giovanna desviou o olhar do meu, mordeu o lábio inferior e olhou pela janela antes de dar um longo suspiro, deitando a cabeça para trás.

— Isso é péssimo. — Erguendo a cabeça novamente, ela me encarou e disse, tão séria como eu nunca vi: — Devemos apoiar Louis, e não só porque é nossa obrigação.

— Devemos apoiá-lo por Elizabeth — completei o que minha esposa pensava e ela concordou com a cabeça. — Então, assim será.

Giovanna juntou a boca na minha e respirou fundo mais uma vez.

— Não queria ter voltado — ela confessou.

— Nem eu, mas prometo que nada vai mudar, pelo menos, não entre nós.

E beijando minha mulher nua, pensando em recomeçar o que tínhamos acabado de fazer só que com mais calma, quase esqueci da surpresa, mas quando Coelho apareceu com suas patas pesadas contra o chão e respiração barulhenta, ela deu um grito e pulou para fora dos meus braços, falando em italiano rápido demais para que eu entendesse tudo perfeitamente, enquanto celebrava ter seu pet de volta.

E eu viveria, e morreria, só para ver aquele sorriso estampado no rosto dela outra vez.

CAPÍTULO 35

Eu faço o que for preciso para fazer isso
Passamos por qualquer coisa, estou cara a cara com a verdade,
você vai me fazer perder a paciência
Porque a vitória é minha e eu vou pegá-la
whatever it takes, hollywood undead

Louis Luppolo

Passei pelo velório de Luca Matteucci, e mesmo com seu caixão fechado, com um corpo que já devia começar a apodrecer dentro dele, honrei sua memória colocando o buquê de rosas negras sob a madeira escura e dei as costas àquele circo todo.

Sabia que os olhares todos estavam sobre mim, mas depois de ligar para Alek e avisar sobre a morte do capo, e cumprir minha parte naquele velório, não havia tempo para desperdiçar com um cadáver frio.

Dia após dia, minha obsessão me consumia.

O foco em encontrar Elizabeth era tão grande que o ódio por Zola era ínfimo e acatar o que meu pai havia decidido para o futuro de sua filha,

agora, parecia fácil.

Se o homem que um dia havia sido um soldado não podia mais ser um alvo, obrigatoriamente eu mudei o rumo e, pelo bem da Família, dos meus e de Elizabeth, eu fui para as ruas. Sem me esconder, sem fingir, sem nenhum medo de tentarem algo contra mim. E como imaginei, depois tanto tempo sem ela, com uma cidade sob estado de alerta e toque de recolher ativo, eu havia chegado na porra de uma bifurcação.

O tempo dedicado à tortura era mínimo.

Quando eles eram muitos dentro de uma jaula, ou ajoelhados numa rua escura, a cada tiro que eu dava na cabeça da vez, o medo dos seguintes me alimentava, e não sobrou homem, mulher ou criança para testemunhar à MS-13 o que eu fazia.

O recado era claro, quanto mais tempo eles passassem escondidos, mais deles morreriam. Enquanto Elizabeth não estivesse comigo, o massacre continuaria.

Ela era a única que me faria parar.

Arrastando os corpos do beco pelos calcanhares pela noite vazia de Nova Iorque, sabendo que não precisava me preocupar com a polícia ou qualquer outra ameaça, estranhei quando o Jaguar rompeu o bloqueio dos

meus homens e veio na minha direção. Parei, soltando os pesos das mãos e não entendi o que Lorenzo Ferioli fazia ali àquela hora da madrugada.

— Don Luppolo — ele me cumprimentou.

— Lorenzo — respondi, numa voz monótona.

— Está difícil de encontrá-lo, Don.

Olhei em volta e o encarei com uma das sobrancelhas erguidas.

— É mesmo? Não parece que você tenha tido qualquer dificuldade.

— O senhor tem um minuto para conversarmos?

— Estou ocupado, não vê? — Indiquei com a cabeça a pilha de corpos no beco.

Ele esticou o pescoço para ver sobre o que eu falava e insistiu mais uma vez.

— Caso não tenha acabado, posso aguardar. Mas se já acabou, não é um problema oferecer uma carona até sua casa. É o tempo que preciso.

— Não vou para casa.

— Ainda assim, posso levá-lo.

— Achei que as coisas entre nós estavam bem, Lorenzo — falei, sem paciência.

— E estão, é por isso que está me vendo aqui.

Sem ter outra opção, assoviei, chamando a atenção de Henry e indiquei que entraria no carro para que ele nos seguisse.

— O que devo a honra de uma visita dessa? — perguntei, depois de colocar o cinto de segurança, vendo Lorenzo fechar o vidro e olhar atentamente em volta. — E sozinho, pelo que parece.

— Não há ameaça na rua, se ainda não percebeu. — O tom ácido me fez dar um meio-sorriso.

— Agradeça ao seu Don.

— Agradeço, mas temos um problema. Ao mesmo tempo que você limpou as ruas dos problemas, existem outros tantos inocentes no meio...

— Ah, não. Essa conversa de novo? Felippo te pagou quanto? — Irritado, soltei o cinto sem ele nem ter esquentado no meu peito, pronto para saltar fora do carro na primeira oportunidade.

— Louis, isso é um massacre — ele insistiu, e como se toda a carga da qual eu havia me livrado matando aqueles homens voltasse com tudo para os meus ombros, eu soquei seu carro sem me importar com a reação de Lorenzo.

— Acha que eu não sei? Mas é essa a única forma de chamar a atenção dessa gente. Ou eles aparecem, ou eu vou fazer uma limpeza que vai entrar

para a história. Eu só estou começando.

— Os capos estão preocupados com a direção desse banho de sangue, Louis. Como a MS-13 pode responder é algo que preocupa a todos.

— E você tem medo desses bostas? — Encarei-o, mas Lorenzo prestava atenção no caminho.

— Não... — Não parecia verdade e eu entendi o motivo. — Mas eles pegaram sua mulher, não?

— Se eles tivessem matado Elizabeth, eu saberia. Arturo e os desgraçados da MS-13 não ficariam quietos.

Houve um minuto de silêncio tenso entre nós, então Lorenzo soltou o que pensava:

— Sinceramente? Com essa gente, às vezes é melhor que ela tivesse a chance de uma morte rápida e limpa.

Aquilo me desconcertou de um jeito que o capo não esperava.

A imagem de Elizabeth jogada no chão entre a vida e a morte apareceu na minha mente tão viva quanto nunca. Se eles a deixassem daquele jeito...

— Pensa que eu não sei? — esbravejei.

— Não quis dizer que... Eu sei que essa sede de sangue não vai passar tão cedo, já a vivi, mas não pude fazer como você... — Lorenzo suspirou e

soltou como forma de consolo. — Elizabeth é forte, ela vai sobreviver.

— Eu sei. — Larguei o corpo contra o banco, olhando para frente, vendo que estávamos quase chegando à rua da sede. E sem pensar, eu soltei baixo enquanto encarava o nada: — Ela está grávida.

Percebi o choque de Lorenzo no ar e a primeira pergunta me fez querer socá-lo.

— É seu?

— De quem mais seria?

E nós não precisamos dizer mais nada.

Quando o carro parou na vaga para que eu descesse, Lorenzo colocou a mão sobre o meu peito, me impedindo de pular logo do carro.

— Agora eu entendo. E imagino que não queira essa informação solta por aí.

— Seria bom manter a boca fechada.

E confirmando para mim que assim seria, me despedi do capo e, sem falar nada com ninguém, subi direto para o escritório.

Fechei as portas à chave, movi o quadro que ficava atrás da minha cadeira, liberei o painel de acesso cheio de números e depois de colocar

minha senha, esperei até a porta do quarto do pânico se abrir.

Eu precisava ficar fora do radar e ali era o lugar certo.

Arranquei as calças e a cueca, liguei o chuveiro e fui atrás de uma boa garrafa de Bourbon enquanto a água esquentava. Encontrei o que queria numa garrafa dezoito anos e, antes que percebesse, estava em frente ao espelho de fundo falso. Foi preciso apertar apenas um botão e quando a cabeça do meu avô preservada na câmara de gelo do outro lado apareceu, encarando-me com seus olhos mortos, sendo a prova do quão longe eu já havia ido, jurei em voz alta:

— Eu vou trazer Elizabeth de volta e ninguém vai me impedir. Nem que eu precise mergulhar esta cidade em fogo e sangue.

CAPÍTULO 36

Você olha para mim como se eu fosse uma revelação
Você quer saber se eu posso trazer salvação
Você viu o pecador - você viu um santo dentro de mim
Você quer saber se eu sou um amigo ou um inimigo
hald god half devil, in this moment

Louis Luppolo

Minha rotina ficou restrita. Ana precisou se virar, dizendo que eu me ausentei por problemas familiares no mundo real, mas por trás dos bastidores, eu dormia durante o dia no quarto do pânico, um lugar onde ninguém poderia me perturbar e, à noite, ia à caça.

Acabei com qualquer mexicano que cruzou meu caminho em Nova Iorque, depois em New Jersey e não pretendia parar. Mas mesmo tendo toda aquela distração, nada se comparava a ter Elizabeth comigo, e nada era mais frustrante do que não ter uma mínima pista dela.

Lorenzo havia colocado seu programa para funcionar, Henry procurou em cada uma das câmeras da cidade disponíveis. Nós torturamos, matamos e apavoramos todos os possíveis contatos, mas nada da MS-13 aparecia.

E, depois de tanto, entendi que estava sendo burro, limitando minhas opções.

Todos os capos estavam na cidade, todos queriam uma oportunidade de me foder, mas eu cobraria por sua lealdade e reverteria o jogo. Ou eles me ajudavam a encontrar Elizabeth, ou seriam servidos como café da manhã dos peixes do canal.

Esperei por cinco minutos a mais do que o horário marcado para aquela reunião e entrei na sala, interrompendo a discussão acalorada entre Matteo e Arone Callegari, que parecia só ter voz quando eu não estava presente.

Era a primeira vez que via Zola naquela mesa, mas não dei muita atenção.

Cada um dos homens sentado ali estavam em ternos bem-alinhados, rostos sérios e claramente ansiosos pelo que eu tinha a dizer.

Naquele ponto, eu não sabia quais as alianças estavam fortes o bastante para que eu pudesse me apoiar, mas descobriria em breve.

Cada um dos rostos ali acompanhou minha caminhada até o outro lado da sala, e não se intimidaram quando afastei a cadeira da ponta, ficando em pé entre meu irmão e Felippo.

— Desculpem-me pelo atraso, ando muito ocupado. — Sendo o único naquela altura, encarei cada um dos rostos de cima, com calma, analisando onde havia brechas, onde havia o que cavar. — E infelizmente, não pude contar com muita ajuda dessa Família.

— Não concordamos com o que você vem fazendo, Don Luppolo. — Foi a voz de Agostino que ressoou alta na sala. — Você está descontrolado, Louis. Teremos problemas se continuar assim.

— Você — apontei para ele — não concorda com o que eu faço e isso é porque ganha dinheiro com os mexicanos para o qual você vende sua bebida — rebati. — E gostaria de saber, não só de você que é o único que parece ter coragem de falar algo na minha presença — caminhei para perto de Agostino, que afastou a cadeira para me olhar direito —, mas também dos outros, quais problemas podem surgir, já que tenho tudo sob controle. A polícia está no nosso bolso, os políticos comem na nossa mão e a porra dos conservadores republicanos estão amando o que estou fazendo. A imprensa também não é um problema, vão ditar o que deixo, como deixo, e eu não acho ruim que tenham a Dark Hand. Algum de vocês acha?

— Você está fora de... — Agostino tentou reforçar sua ideia em um tom nada respeitoso ou agradável, e minha pouca paciência para aquela merda, acabou de vez.

Em um segundo, minha mão estava em sua nuca, e desci com seu rosto sobre a mesa com tanta força que quando ele se ergueu, o nariz quebrado sangrava.

O choque no rosto de cada um dos homens sentados naquela mesa foi combustível para a minha raiva.

— Acho que vocês não entendem o que está em jogo aqui. Fui eu que limpei a porra do nome dessa máfia em toda a Europa, principalmente, com a Cosa Nostra. Foram anos matando em nome deles, e no de vocês. Anos vivendo para ser o que sou hoje e nenhum dos senhores, malditos — fiz questão de falar isso o mais próximo possível do ouvido de Agostino —, respeitam isso. Eu deveria jogar seus corpos em alguma vala no deserto e deixar os abutres cuidarem das entranhas, mas seria muito pouco para limpar tamanha ingratidão dos capos dessa Família com seu Don!

O silêncio reinou na sala e eu só conseguia ouvir a minha respiração e a de Agostino, que bufava de raiva, mas não reagia.

— Acham que podem fazer um trabalho melhor que o meu? Acham que são melhores do que eu? Levantem dessas merdas de cadeiras e venham tomar o poder. Se forem capazes de me matar, então vocês realmente merecem essa merda, mas enquanto forem covardes ardilosos que

choramingam pelos cantos, a obrigação dos senhores é me obedecer, porque a Dark Hand é minha, e eu sou dono da porra das suas almas.

Larguei Agostino, vendo Felippo segurar o pai e contê-lo no lugar, e caminhei de volta para a ponta da mesa, apoiando as mãos sobre o tampo, olhando para cada um dos rostos com muita atenção.

— Estou terminando com Jersey, mas ainda não encontrei Elizabeth e não posso mais perder tempo. Quero que os senhores revirem seus estados, prendam, assolem, massacrem e encontrem Elizabeth ou algum maldito bastardo que saiba onde ela está. Se encontrarem algo, quero saber. Se a sombra de Arturo surgir, quero estar lá. E essas são ordens diretas do seu Don. A reunião acabou.

Estava na cara de Felippo e Matteo que eles não aprovavam minha postura, mas como os outros, eles se levantaram para sair. Eu fiquei para trás e, relaxando um pouco da adrenalina, me sentei, encarando o chão por alguns segundos, pensando no que fazer a seguir.

— Don Luppolo? — A voz de Francesco me chamou a atenção e ergui a cabeça para fitá-lo.

Acompanhei seus passos ao se aproximar e esperei por sua sentença.

Francesco puxou a cadeira à minha esquerda e se sentou.

Calmamente, puxou uma cigarrilha do maço, a acendeu e tragou.

A seriedade de quem ele era não me permitiu rir por achar aquilo feminino demais.

A virilidade do pai de família dono dos maiores cassinos de Las Vegas não permitia nenhuma dúvida sobre sua masculinidade e poder.

— O que quer, Francesco? — perguntei, quando o silêncio me incomodou.

— A primeira coisa — ele soprou a fumaça — é dizer que o senhor pode contar com a amizade e a lealdade da minha família.

— E o que quer em troca? — Fui rápido em pegá-lo na curva.

— Ver Ariana.

— Vou ver com Gabbiatti sobre isso, mas espere ser seguro. É só isso?

— Não. Quero dizer que, apesar de discordar com o modo como o senhor lida com algumas coisas, eu o respeito. Respeito o que fez no passado por todos nós, e respeito o que faz agora. Cada um trabalha com as armas que tem.

— E eu espero que suas armas estejam alinhadas às minhas quando a hora chegar, Francesco.

— Não tenha dúvidas, Don Luppolo.

— Se é só isso, vá em paz. Verei o que posso fazer por sua família.

— Agradeço ao senhor. — E beijando ambos os lados do meu rosto, ele se levantou e partiu.

Quando pensei que ficaria sozinho de novo, ouvi uma batida e olhei para a porta.

Zola estava lá parado, parecendo esperar minha permissão.

Eu não estava com tempo, mas ainda assim, seria bom ver sua atitude diante de mim, depois de tudo.

— Entre, Agliardi.

Obediente, ele veio para perto, mas não se sentou.

Quase ri. Garoto esperto.

— O que quer? Até onde sei, você já está vendo minha irmã.

— Gostaria de agradecer a oportunidade. Sentar nessa mesa é algo que nunca pensei ser capaz de acontecer.

— E talvez você não mereça. — Meu tom duro não o intimidou.

— Mas ainda assim, farei o meu melhor, senhor.

— Ok, e o que mais?

— Como são tempos difíceis, gostaria de saber se alguém te contou detalhes sobre meu irmão. Otto apareceu no hospital...

— E aquele vira-casaca do caralho levou Elizabeth. Eu sei. — Otto Ferrari comeria terra pelo rabo quando eu o encontrasse.

— Não só isso. Foi ele que esteve por trás de outras coisas, Don. O tiro que o senhor tomou, perdas de carga e sabe-se lá mais o quê...

— Está me avisando isso para que eu fique com mais raiva, desconfie de você também, ou o quê?

— Estou avisando isso para que ele seja um alvo maior, senhor. Otto é atrevido e gosta de se exhibir. Se os mexicanos estão tentando fazer silêncio, meu irmão pode ser a chave para encontrá-los. E eu vou encontrá-lo.

Parei por um segundo, sabendo que meu ódio não podia mais ser direcionado a Zola.

Dei um suspiro pesado, me ergui e encurtei a distância entre nós.

Bati a mão em seu ombro e olhei dentro dos olhos azuis, sabendo que nunca mais deveria subestimá-lo.

— Espero que faça isso logo, ou talvez nunca saberemos o que houve com Elizabeth.

Notei que minhas palavras o abalaram tanto quanto faziam comigo e saí para caçar, deixando o novo capo da Dark Hand torrar seu cérebro para

achar seu sangue sujo.

Quando voltei para a sede naquela noite, pude ouvir os comentários.

— Eu *tô* dizendo, foi a coisa mais fodida que já vi na vida.

— Era uma pilha de pedaços de corpos? O Don está louco?

Eu não estava. Mas a pilha era composta de um grande ponto de interrogação.

Como ninguém sabia nada àquela altura do campeonato?

CAPÍTULO 37

Cercada pela incerteza, eu sou tão insegura
Me diga o porquê de me sentir tão sozinha
Porque eu preciso saber a quem eu devo
Explique essa conspiração contra mim
E me diga como perdi meu poder
Eu pensei que nós conseguiríamos
Porque você disse que conseguiríamos superar
E quando toda a segurança falhar
Você vai estar lá para me ajudar?
conspiracy, paramore

Era inevitável não pensar que, em algum momento ou em alguma vida passada, eu havia cometido o pior crime contra a humanidade. Aquela era a única explicação para tudo o que aconteceu comigo no meio do caminho. Talvez o meu crime fosse amar Louis e Deus não gostasse nada da ideia de o diabo ser minimamente feliz, ou eu era só um brinquedo muito querido ao qual, nos planos dEle, o inimigo deveria perder. Seja lá qual fosse a conclusão, nada fazia o peso do medo ir embora.

Eu havia sido levada a um quarto limpo. Foram-me dadas roupas decentes e todo dia eu era alimentada, ao menos três vezes, além de que

surgiram milagrosamente vitaminas de pré-natal um dia desses quando acordei.

Eu não passava mais sede ou fome. Dormia como se todo o sono do mundo fosse só meu e eu não tinha ideia se aquilo era só um efeito da gravidez ou da ansiedade.

Quando eu ficava extremamente ansiosa, meu corpo tinha dessas de, ou me deixar completamente ligada, ou me desligar de vez. Considerando o que não dormi nos últimos anos, talvez fosse uma compensação.

Mesmo assim, a cada dia que se passou, a insegurança não diminuiu.

Era involuntário não imaginar que, do nada, alguém abriria a porta e me colocaria no chão na base do soco. Ou que me deixariam nua e me humilhariam. Ou que fariam coisa pior comigo e com meu bebê, ainda mais agora que ele parecia tão visível.

Eu não tinha muita ideia de quanto tempo estava ali. Chutava algo perto de dois meses, e se era isso, devia estar de quatro meses e pouco de gestação.

A verdade era que não tive tempo nenhum de me acostumar com o lance de contar a gravidez por semanas, e perdendo a conta dos dias como perdi, eu só podia contar com a sorte de não estar tão errada assim.

Ainda assim, nem mesmo sentindo o meu pacotinho mexendo, nem quando tentava conversar mentalmente com meu bebê, conseguia me livrar do sentimento de solidão e aquele era o castigo mais cruel para alguém que sempre teve medo de ficar sozinha.

Num todo, eu achava que disfarçava muito bem. Aprendi a lidar com a distância de tudo e de todos, escolhi a dedo cada uma das pessoas que permiti ter acesso a quem eu era com o passar do tempo e sempre tentei manter um bom limite, até Louis chegar, até tudo mudar, e eu perceber que a garotinha assustada lá de trás ainda estava viva e com todas as feridas abertas.

Eu odiava a sensação de vulnerabilidade.

Odiava saber que era tão dependente assim de companhia, de aprovação alheia.

Odiava perceber que, olhando para dentro, eu ainda era tão pequena e frágil.

Mesmo lutando muito contra, não dava para negar, eu era.

E perceber isso me quebrou.

Chorar, dormir, comer.

Essa virou minha rotina dentro daquelas quatro paredes.

E ela estava a ponto de me enlouquecer quando os “e se” se multiplicaram.

E se Louis não aparecesse nunca?

E se eu tivesse meu bebê, sozinha, ali?

E se decidissem que não precisavam de nós e, no dia seguinte, viessem nos buscar?

O medo me enfraqueceu ainda mais.

O pânico passou a ser companheiro diário e, todo e qualquer barulho fazia com que eu acordasse e meu coração disparasse.

Era um inferno, e eu parecia não ter mais força nenhuma para lutar contra.



Aquele era só mais um dia dentro daquele buraco. Não havia absolutamente nada de diferente, mas de algum jeito bizarro, o meu sexto sentido me disse para não dormir depois do café.

Sentei na cama com as pernas cruzadas sobre o colchão e descansei as mãos sobre o bebezinho que crescia dentro da minha barriga. Eu o acariciei com cuidado, esperando que tudo dentro de mim se desenvolvesse da melhor

forma possível. Querendo que meu bebê não sentisse nenhum décimo da tristeza que eu sentia.

Foi então que, do nada, ouvi o som da chave virando na fechadura e, olhando para a porta ansiosa pelo que veria, fui surpreendida.

Primeiro eu achei que um dos homens entraria ali, mas quando a figura de vestido cinza grudado ao corpo surgiu, meu cérebro gritou algum alerta louco que, no começo, não entendi.

A mulher devia ter minha idade, cabelos pretos tão compridos quanto os meus já tinham sido algum dia. Maquiagem impecável, lábios cheios, olhos grandes.

Ela era linda, e sustentava uma gravidez mais avançada do que a minha sobre saltos finos.

Não percebi que havia ficado de pé, na defensiva, mas quando ela deu um passo na minha direção, virei para a cama.

— Não tenha medo. Não ainda. — O timbre da voz dela me fez parar.

— Quem é você? — perguntei, vendo a figura tão confiante caminhar na direção da única cadeira do quarto. Ela a arrastou até parar próxima a mim e se sentou.

— Quem sou eu? Você não faz ideia mesmo, Elizabeth? É um pouco frustrante saber que você não sabe quem sou eu quando eu sei tudo sobre

você. Sei sobre seus pais, sua faculdade, sobre os tormentos que Louis causou até ter você com ele... Sei como você sempre se sente um peixinho fora d'água neste mundo, do seu trabalho, dos seus livros, das suas roupas favoritas... Observei sua vida por todos esses anos, o tempo todo, Lizzie. — Ela disse meu apelido de um jeito quase desagradável. — E, garota, você realmente o ama mesmo, não?

— Quem é você? — perguntei de novo, um pouco mais agressiva dessa vez, e a morena riu.

— É extremamente frustrante que você não saiba quem eu sou, sendo que, a marca nas suas costas tenha sido feita por minha causa.

Então, como se houvesse um pane em todo o sistema, eu entendi.

Ela era Miranda.

A filha de Arturo, a irmã de Juan, a garota desaparecida.

A compreensão nos meus olhos a fez sorrir.

— Sim, sou eu. Estou impressionada com a sua inocência, Elizabeth. Ela é perigosa demais neste mundo, querida. Mas eu entendo, talvez você ser desse jeito, seja o que fez com que Louis nem mesmo pensasse em olhar para mim como uma opção, ou para Natasha. O que a russa tinha a oferecer quando a novidade era você? — Eu não conseguia entender o tom de voz dela. Ela me odiava ou tinha alguma simpatia? — E você o ama, não? O ama

tão desesperadamente que mesmo sabendo que não deveria, você ficou. — Ela acariciou a própria barriga quando olhou para a minha. — E eu entendo a força desse amor, capaz de dar frutos, de te fazer se jogar de um prédio, pular de um carro em movimento, ou de ter uma criança em meio à guerra. Acontece que, nesse jogo, estamos em lados opostos. Enquanto eu vejo sua agonia dia a dia crescer, e vejo agora nos seus olhos o desgosto por estar envolvida neste mundo, eu adoro o poder e a vida sem limites que essa realidade traz. Ainda assim, não perdi completamente minha humanidade. Quando descobrimos sua gravidez, fui eu que intercedi para que você fosse tratada com um pouco mais de dignidade.

— E por quê?

— Porque há coisas que só mães podem fazer uma pela outra.

— Eu não entendo. Eu não sou ninguém além da companheira de Louis, a qual ele nem ama. Não estou envolvida em nada da máfia e, se quer saber, não sei nada deste mundo... Se vocês me soltarem, eu sumo. Louis nunca mais vai me ver, nem essa criança. Eu vou criá-la longe, fazê-la crescer sem sonhar com a possibilidade deste mundo podre de vocês.

— Você é realmente muito inocente. — Talvez ela quisesse me chamar de burra, mas Miranda não me faltou com o respeito. — Consegue entender que a mágica é essa? É justamente por você transitar nos dois mundos que se

torna o alvo ideal. A Família nunca te viu como ameaça, então nunca se deram o trabalho de te mandar embora, e graças à sua proximidade com Louis, você tem livre acesso a tudo. Você é a chave para romper a Dark Hand no meio, Elizabeth. Louis está vindo atrás de você com tudo, mas nem todos os capos querem isso. Uma guerra desse porte não é interessante neste momento... Consegue ver aonde isso vai dar?

— Não sei do que você está falando... — Talvez eu fosse menos informada do que ela esperava.

Miranda suspirou, se levantou e me mediu de cima a baixo.

— Em breve, você vai entender.

Ela ia me dar as costas, mas a interrompi.

— O que vocês planejam fazer comigo? Você está grávida, é a única que consegue se colocar um pouco no meu lugar... Não consigo descansar com medo de...

— Não se preocupe. Enquanto você for o recipiente onde a criança de Louis vive, confie que tudo ficará bem. É tudo o que posso te prometer.

E virando as costas de vez, Miranda se foi.

CAPÍTULO 38

Toda vez que eu mentir você se deitará junto comigo

Toda vez que você cantar será por minha causa

Toda vez que eu chorar você sempre rirá de mim

Não importa o que você faça, você me pertence

...

Porquinho, porquinho

Você vai me deixar entrar?

Porquinho, porquinho

Eu já estou sob sua pele

Porque eu sou o grande lobo mau,

agora vamos começar os jogos

big bad wolf, in this moment

Louis Luppolo

Quase dois meses sem Elizabeth.

Para ser mais exato: sete semanas, cinquenta e três dias, mil duzentas e setenta e duas horas, setenta e seis mil trezentos e vinte minutos, e tantos segundos que eu já havia perdido a conta.

A ausência dela, a falta de informação, as possibilidades do que eu poderia encontrar e quando poderia encontrar, tudo aquilo só me enlouquecia ainda mais.

Mesmo sabendo que não havia como ela ter saído de Nova Iorque, revistei cada um dos estados. O banho de sangue na América era estampado em cada porra de jornal, mas graças à demonstração com Agostino, o apoio da Família era maior e forte o bastante para não haver brechas para dúvidas sobre o que eu fazia.

Eu mal conseguia conversar. Com os olhos abertos, todo e qualquer minuto era tempo de ir atrás de algo que me desse um mínimo de alívio, ou alguma resposta, um rastro de por onde seguir.

A vantagem era que, com a casa em ordem, eu tinha um verdadeiro banquete para me fartar. Os rebanhos colhidos pelos capos eram uma boa distração, e ninguém mais reclamou sobre precisar lidar com corpos quando Lorenzo trouxe ao nosso conhecimento um ácido especial.

A lista de pessoas desaparecidas se multiplicaria, mas até aquilo era um recado meu.

Mesmo com o meu humor cada vez mais animalesco e meus hábitos cada vez mais violentos, Henry não saiu do meu lado. Meu soldado, meu general, sabia da necessidade que eu tinha de encontrar Elizabeth, e enquanto ele, Felippo e Matteo trocavam suas ideias em particular, eu continuava minha busca incessante por algo que eu não sabia nomear, mas que precisava com urgência.

Foi numa tarde nublada, depois de eu visitar o Texas e ser recebido por Agostino com tudo o que merecia, que as coisas mudaram. Nosso próximo destino era Las Vegas. Quando entrei no avião, avisei aos Gabbiatti que a próxima visita era deles e que levaria o pai de Ariana junto. Não houve nenhuma demonstração de emoção do outro lado da linha naquele telefonema, e não havia motivos para ter. Eles teriam uma semana antes de deixarem a garota apresentável para a Família, fosse lá como ela estivesse. Porém, assim que deitei sobre a poltrona e relaxei o pescoço no encosto, ouvi meu soldado limpar a garganta.

— O que foi?

— Eu estava pensando em algo e, juntando algumas informações, Matteo já começou a organizar as coisas em Miami, não?

Suspirei e me estiquei para olhá-lo.

— O que encontraremos em Miami, além desses vermes que estamos esmagando em todo o país? Não é segredo que Arturo está em Nova Iorque, o que não me entra na cabeça é não o ter pegado ainda. Meu próximo passo é invadir cada teto, e no meu atual estado, você sabe que estou bem próximo disso.

— Bom, chegou até mim que Arturo teve uma aventura antes do casamento. Há um bastardo.

— E? — Meu nariz se inflou com o cheiro de sangue que a informação trouxe.

— E ele está em Miami.

Minha mente correu em vermelho. Ergui a cabeça e parei, olhando para o nada enquanto processava a informação recebida e definia meus próximos passos.

Levou quase cinco minutos para que eu abrisse a boca de novo, mas quando abri, havia um gosto ruim na língua.

— Mude nosso destino. Quero pousar em Miami o mais rápido que puder, e quero ir fora do radar. Não avise ninguém.

— Como queira, senhor.

E a contagem insana recomeçou na minha mente.

Um, dois, três, quatro, cinco...

Mesmo assim, lá no fundo, a questão me pegou.

Se havia alguém do sangue de Arturo naquela merda de cidade, por que Matteo ainda não o havia entregado numa bandeja de ouro para mim?

A única desculpa possível seria a ignorância, ainda assim, eu não o perdoaria tão fácil.



— Porra, Louis. Onde você está? — A pergunta na voz furiosa de Matteo veio cedo.

Eu já havia recusado outras ligações antes.

Primeiro Francesco, quando não cheguei na hora que devia.

Depois Agostino, Felippo, meu pai e, finalmente, Matteo.

As ligações eram várias, mas só atendi quando estava em frente ao prédio vermelho, ouvindo o efeito de uma boa equipe de busca agindo lá dentro.

— Eu vou te dar uma mísera chance de me dizer, por que caralho o bastardo de Arturo estava em Miami e eu nunca soube disso?

— Oi?

— Alejandro Portela. Trinta anos, traficante. O cara dirige um conversível que raspa o escapamento no chão — falei, batendo a mão na

porta do carro. — Chegou à América em 95, comanda alguns pontos de droga aqui em Miami...

— Eu soube que era uma possibilidade, mas não sabia que era esse o nome dele, nem tudo isso. Como soube?

— Onde você estava, senão descobrindo mais sobre isso?

— Limpando o caralho da sua merda e organizando meu estado para sua limpeza, Louis. Não consegui cuidar de Miami, da Carolina e da Califórnia, enquanto corria atrás de você como uma babá. Porra, eu estaria aí se pudesse, como soube? — ele voltou a perguntar.

— Como eu soube, não importa. Quando eu sair daqui, ele só vai ser mais um cadáver na pilha. — Desligando o celular de vez, segui para a porta, ignorando os corpos da guarda do bastardo no chão.

— Tudo pronto? — perguntei para Henry que me esperava com Mary na mão no alto da escada.

— Como o senhor pediu.

Tomei o machado da mão dele, girei-o no ar e adentrei ao apartamento de luzes amarelas e paredes verde-escuras. O lugar estava uma bagunça.

Vidros no chão, móveis destruídos, tudo o que sobrou inteiro foi um sofá de capa vermelha onde uma garota de não mais que dezesseis anos

chorava. Com a parte de cima de um biquíni roxo e shorts da mesma cor, ela colocava a mão sobre a barriga, protegendo a criança que gerava ali.

Meus olhos brilharam ao vê-la e uma quantidade absurda de insanidades brotaram na minha mente.

Em frente a ela, do outro lado da sala, Alejandro, sua mulher e um garoto de uns nove anos estavam amarrados e ajoelhados.

Cuidadosamente, caminhei pela sala e, colhendo o cheiro de medo daquelas pessoas, parei em frente a Alejandro.

Ergui seu rosto com a lâmina do machado mordendo seu queixo.

— Achei que família significasse mais para o seu pai. — Aproximei o rosto do dele para procurar as semelhanças com Arturo. Além do nariz, não vi nada de mais.

— Eu não falo com meu pai. — Ele abriu a boca e pude ver o vermelho do sangue em seus dentes.

— Não minta para mim. Sei que vocês estiveram juntos recentemente na cidade...

Ele ficou em silêncio e acabou com a minha paciência.

— Pela nossa rápida pesquisa, a garota grávida é sua enteada. O garoto é seu filho, não? Será que você é um pai melhor? E se...

Erguendo-me, rápido demais para que qualquer um pudesse me parar, eu nem mesmo prestei atenção na minha vítima.

Quando ergui o machado para afundá-lo no crânio do garoto, a mãe e o pai choraram e a meia-irmã escorregou ao chão e implorou:

— Pelo amor de Deus, fale! — a garota gritou para o bastardo de Arturo. — Eu sei que você sabe, eu sei! Aquele velho desgraçado falou do plano dele o tempo todo, para quem quisesse ouvir. FALE!

— Olha só, alguém aqui é inteligente.

Pousei Mary no chão e olhei em volta.

— Não quer ter a chance de falar nada? — perguntei de novo a Alejandro.

— Eu... Não sei.

— EU SEI! — a menina gritou. — Eu sei onde eles estão!

— Mel, cale a boca! — a mãe da menina gritou, mas não funcionou.

Ignorei o escândalo em família e me abaixei ao lado da grávida.

— Conte-me. Você sabe onde Elizabeth está?

— Sei — ela choramingou.

— Então, eu não preciso mais perder tempo. Henry — chamei pelo meu soldado quando me ergui. — Leve essa daqui.

E não dei tempo de ninguém fazer mais nada quando saquei minha arma e acertei a cabeça de cada uma das pessoas de joelhos. Os corpos despencaram no chão, a grávida quase surtou, mas Henry deu conta de carregá-la para fora.

Limpei as mãos, limpei os sapatos no capacho e olhei para a menina.

— Mel, não é? Você tem o tempo do meu banho para contar tudo o que sabe para Henry.

— E você vai me deixar ir depois disso?

— Não. Eu só te solto quando Elizabeth estiver de volta. E se você estiver mentindo, vai se lamentar por não ser só um corpo frio com um tiro na testa.

E ela voltou a chorar, fazendo aquele som ser música para os meus ouvidos.

Finalmente, eu tinha pegado uma pista decente.

CAPÍTULO 39

Você tem bebido como se o mundo fosse acabar (não acabou)
Ganhou um olho roxo da mão do seu melhor amigo (vai
entender)

Está claro que alguém tem que ir
Queremos dizer isso, mas eu prometo que não somos maus
glory and gore, lorde

Louis Luppolo

A enteada de Alejandro cantou como um passarinho durante o caminho.

Ouvi, da poltrona em que estava, ela falando com Henry.

— É um complexo esquecido, abaixo do nível da água, Arturo vivia dizendo isso. Eu os vi marcando no mapa, sei indicar, mas é tudo o que sei.

— Sabe quantos homens estão com Arturo? — Henry tentou.

— Ele levou muita gente daqui, inclusive, o pai do meu bebê... — Ela fungou e eu parei de prestar atenção.

O drama daquela menina não me interessava. Sua presença só era tolerada por uma informação pela qual eu busquei por meses. Se estivesse mentindo, morreria. Se o que havia falado fosse verdade, eu a deixaria ir. Ela e aquela criança não eram ameaça, não depois de eu aniquilar toda a MS-13.

O alerta havia sido dado antes de entrar no avião. Todos os capos deviam estar na cidade e o plano de ação já estava traçado. Mas para minha surpresa, assim que aterrissamos, Lorenzo Ferioli estava me esperando em seu Jaguar, na pista.

— O que faz aqui? — perguntei, já entrando no carro dele.

— Alguém precisava buscá-lo. Estamos tão perto que seria burrice perdê-lo no caminho. Meu carro é o mais seguro, além de que, eu tenho alguns brinquedinhos. — Ele indicou o banco traseiro com algumas maletas. — Os homens já estão prontos, Louis. É a hora da verdade.

E sem esperar mais nada, ele arrancou, levando-nos para a rua numa velocidade acima do permitido, que não me incomodou nenhum pouco, já que, a cada segundo que passava, eu estava mais próximo de Elizabeth e pegar os desgraçados que a arrancaram de mim.

— Como o encontrou? — Lorenzo me perguntou no meio do caminho.

— Ninguém sabia se era real. Foi um golpe de sorte eu mudar os rumos, inclusive, para ver que meu irmão tem muito o que fazer naquela merda de cidade. Felippo também está atrasado com algo que pedi a ele, meses atrás.

— E não pode culpá-los, pode? Estamos todos esperando seus próximos passos, Don. — Havia algo de desaprovação pela primeira vez na voz de Lorenzo.

— Não gosta como as coisas estão sendo, Ferioli? — Olhei para ele de soslaio, mas seu rosto era uma máscara impenetrável.

— O senhor confia em alguém, depois de tudo isso? — perguntou, após alguns segundos em silêncio.

— Não. Vocês me obedecem porque me devem, ou me temem. E não me importo. — Dei de ombros e pousei Mary no colo.

— E eu não tenho do que reclamar se é esta a sua palavra final.

— É por isso que gosto de você. — Meu tom não o convenceu, nem a mim, mas não liguei. Olhei pela janela, conferindo o trânsito e, de repente, senti o peso da mão dele na minha perna.

— Então, por isso, alguma hora irá me entender. Sinto muito, Don.

E antes que eu entendesse, havia uma seringa vazia com a agulha enfiada na minha coxa e, sem que eu pudesse me mover, minha visão

escureceu.

CAPÍTULO 40

Eu sonho que você ainda está aqui
Mas já está um pouco fora do alcance
Eu sonho que você ainda está aqui
Mas se quebra tão facilmente
Eu tento protegê-lo
Eu não posso deixá-lo desaparecer
still here, digital daggers

Felippo Lazzarin

De todas as caronas possíveis, a menos provável estava dentro do meu carro naquele minuto. Zola Agliardi estava no banco do passageiro, conferindo algo no celular, enquanto eu prestava atenção no trânsito.

— Já avisou Natasha? — ele me perguntou, guardando o celular logo em seguida.

— Não. Ela não precisa de mais estresse do que vem tendo. Avisou Giovanna? — perguntei, prestando atenção no seu rosto pela visão periférica.

— Avisei. — Ele parou por um segundo, considerando se continuaria o pensamento. — Não faria isso antes, mas...

— Mas ter alguém te esperando em casa é diferente. Eu sei.

A imagem de Natasha com Rowena no colo surgiu fácil.

Eu tinha mais de um motivo para voltar.

— Ainda não consigo acreditar que Elizabeth está tão próxima assim de nós — ele soprou, olhando de novo a localização no GPS.

— Nem eu. Quem pensaria na porra do píer trinta e quatro? Passei naquela porra de túnel uma centena de vezes nos últimos meses — completei.

— Pelo que entendi, onde ela está é um complexo escondido. Uma parte abandonada da construção do túnel que leva para Jersey. Não tinha como adivinhar.

— Isso só prova uma coisa — comentei, vendo outros carros conhecidos junto de nós na rua. — Que inimigos se escondem melhor embaixo do nosso nariz.

E Zola, concordando comigo, colocou mais munição em sua arma e ficou em silêncio, apreciando a tensão antes de toda a merda explodir.

A polícia foi alertada, a passagem fechada, e quando os carros da Dark Hand pararam em fila na entrada do túnel Holland, vi os rostos

conhecidos e os contei.

Zola parecia atento também, e foi ele quem botou em palavras o meu pensamento.

— Onde está Louis? Será que ele já entrou?

— Não duvido nada desse maluco ter ido na frente, mas Henry está ali.

— Indiquei com a cabeça enquanto soltava o cinto de segurança.

— Também não vejo Lorenzo Ferioli, apesar de ver seus homens.

Batemos as portas do carro quase ao mesmo tempo e isso chamou atenção. O primeiro a me encarar foi meu pai. Sua expressão era menos tensa do que eu achei que seria. Parecia que a chance de alguma ação fazia o velho animado.

Francesco conversava com Leonel e Arone, enquanto ajeitava as luvas de couro brilhante nas mãos. Matteo encarava a porta a qual entraríamos bem ao lado deles em silêncio, assim como os irmãos Gabiatti.

Mesmo com a ausência de Louis e Lorenzo, estavam todas as famílias lá.

Lazzarin, Piscitelli, Callegari, Gabiatti, Luppolo e, agora no lugar dos Matteucci, Agliardi. A Dark Hand em peso, a céu aberto, de dia, no meio da rua.

Sem dúvida alguma, os tempos eram outros.

— Felippo. — Matteo me chamou sem mover o olhar da porta e eu me aproximei.

— Louis já está lá dentro?

— Não sei. — Ele parecia preocupado. — Meu irmão está tão louco que, sinceramente, eu não duvido que ele saia por aquela porta a qualquer minuto com o machado em uma mão e a cabeça de Arturo na outra.

— Acha que Elizabeth está mesmo aqui?

— Eu espero que sim...

— E o que temos?

— O carro de Ferioli não está por aqui, mas seus homens estão armados até os dentes e falaram que seguiriam nossas ordens. De resto, estávamos todos esperando por Louis.

— Não faz sentido ele não ter esperado... — Encarei a porta, imitando Matteo, apreensivo do que encontraríamos lá dentro. — Estão todos com colete?

— Mandeí que todos colocassem proteção. Seria besteira perder alguém por um tiro mal dado.

— Concordo.

Suspirei, olhando em volta e, vendo que o helicóptero da polícia rondava, dei risada.

— O que é?

— Eles vão esperar. E vão dizer que descobriram o chefe do tráfico mexicano aqui. No final das contas, a Dark Hand vai sair como uma grande salvadora da pátria, que expulsou as baratas que comiam o país.

— Nada mais justo. Se Louis não fizesse questão da cabeça de Arturo, eu mesmo o pegaria. E, falando nisso... Não acho que seja inteligente esperar mais. Se meu irmão ainda não chegou, algo aconteceu e nós não podemos perder a oportunidade. Se ele já está lá dentro, nossa única saída é encontrá-lo e ajudá-lo.

— Então... — Virei-me para o resto das pessoas ali e anunciei alto o bastante para que todos me ouvissem: — Senhores, chegou a hora. Confiram suas munições e entrem para matar. Este lugar é nosso e ninguém vai tomar.

— Urra! — os homens vibraram e, com Matteo ao meu lado, avancei na direção da porta, sabendo que o meu motivo de voltar à superfície era superior a qualquer ferimento ou intenção de qualquer homem nas sombras.

Eu voltaria para Natasha, porque foi com ela que deixei meu coração quando saí de casa naquela manhã. Sem ela, eu era um morto-vivo.

E mortos-vivos tinham sede de sangue.

Foi por isso que eu fui o primeiro a entrar no corredor estreito, escuro e malcheiroso, com a arma erguida, as facas úteis no cinto da calça e mais munição pesando no bolso.

O ar tinha cheiro de mofo, o chão estava molhado e eu podia ver musgo subindo pelas paredes mal iluminadas. Pé ante pé, sabendo que Matteo seguia na minha retaguarda, avancei pelo corredor até a primeira curva. Parei com as costas na parede, olhei para Matteo que entendeu o que quis dizer, e espiei do modo mais discreto para frente.

Aquela parte do caminho se estendia por mais um corredor de uns três metros e se abria para uma estrutura de metal vermelho. Dava para ver que era uma escada e que devia haver mais depois dali.

Seria besteira enfiar meu peito aberto naquele corredor e, sabendo que não havia risco, chamei os soldados. Andy foi o primeiro a entrar e eu, silenciosamente, pedi por um dos novos brinquedinhos de Lorenzo.

A bola na minha mão era pouca coisa maior que uma bola de tênis. Ela emitia uma luz verde que cegava e causava enjoo. Se havia alguém do outro lado, com certeza nós saberíamos.

Como um arremessador da liga profissional de beisebol, joguei a bola longe e me escondi atrás da parede com os outros, de olhos fechados.

Esperamos por mais de um minuto, todos alertas, mas não houve barulho nenhum, nada.

Era algo estranho demais.

— Parece que eles querem que entremos — Matteo comentou baixo.
— Não estou gostando disso.

— Nem eu, mas não temos outra opção. Temos?

Ele negou com cara de poucos amigos e mandou seus homens na frente.

Enfiei-me junto dele na fila que avançava pelo corredor, e como imaginei, desci alguns degraus para um novo platô. Nele, havia outra porta destrancada como a de cima, e dessa vez, nos deparamos com um corredor mais largo.

A luz artificial era boa o bastante para eu enxergar o chão e as paredes escuras e desgastadas pelo tempo, mas o que me incomodou em tudo aquilo foi a música.

Havia música no ar.

Era uma melodia baixa que não identifiquei nas primeiras notas, mas de repente ganhou corpo e entendi que aquilo era uma versão da marcha fúnebre.

Arturo era, sem dúvida, dramático como todo louco que acredita ser o herói de sua história. E longe de tudo o que eu imaginei, ele entrou por uma porta lateral. Alto, com os cabelos bem-penteados, parecendo muito mais velho do que da última vez que o vi, vestindo um terno cinza bem-cortado. Atrás dele vinha uma quantidade absurda de homens. Tantos que eu não consegui contar.

Todos se ajeitaram no fundo da sala, nossas armas umas apontadas para as outras.

E enquanto o pandemônio começava, Arturo assoviava as notas da música.

Quando ele parou, com os homens de rosto tatuado à sua volta, encarou a mim e ao resto dos homens da Dark Hand, e estalou os lábios.

— Vocês demoraram, amigos. Achei que o corpo começaria a feder antes que vocês descessem até aqui.

— Onde está Elizabeth? — Foi Matteo quem perguntou.

— Ah, está achando que é este corpo? Não... Lorenzo, meu amigo, entre aqui.

E, fazendo com que meu estômago se contorcesse, eu vi Lorenzo Ferioli, um dos capos mais fiéis da Dark Hand, o homem que salvou minha

prima, adentrar com o corpo de Louis em um dos ombros e o machado dele em uma de suas mãos.

Como se o Don não passasse de um saco de batatas, ele o soltou no chão e largou o machado ao lado do corpo também.

— Se responde sua pergunta, não. Não é o cadáver da senhorita Fabbri que começará a feder.

Foi tão rápido que aconteceu, que não tive outra escolha.

Antes que eu me desse conta, antes que conseguisse processar a ideia de Louis morto, Matteo surtou ao meu lado.

Um grito agonizante saiu da sua garganta. Seu braço se ergueu com o dedo no gatilho da arma na direção de Lorenzo.

— TRAIADOR! — Matteo gritou quando seu corpo se chocou contra o meu.

Segurei sua mão para o alto e o impedi de avançar, segurando seu corpo no lugar. Ele não gostou, num reflexo impressionante, tentou me dar uma rasteira, mas Leonel me ajudou a conter o próprio filho.

Matteo cuspia enquanto gritava em italiano para Lorenzo.

— *Você é um merda! Meu irmão confiava em você. Eu vou acabar com a sua raça!*

— Matteo, se acalme — pedi, tentando pensar em algo para fazer. — Se acalme.

— ELE MATOU O MEU IRMÃO, PORRA!

— Se controle, eu não treinei você assim. — A voz baixa e calma de Leonel acertou o filho como um dardo letal.

— Isso, controle seu cachorro, Leonel. Nós éramos amigos, parceiros de negócios no passado. As coisas podem voltar a ser assim.

— Nós éramos, até você atrapalhar os negócios da Família, Gonzales — Leonel respondeu, ainda contendo o filho.

Minha mente tentava processar qual o próximo passo, se deixaríamos Elizabeth para trás logo de uma vez, se entraríamos na pior troca de tiros do século, se recuaríamos em algum acordo merda...

— Tive meus motivos... — O outro suspirou e começou seu pequeno discurso fodido. — Minha filha sumiu nas suas terras, e mesmo com nossos problemas, você sabe, família é família. Seu Don me desprezou quando eu o busquei. Quando tentei descobrir se ele estava por trás do sumiço da minha filha, ele devolveu com a morte do meu filho só porque sua prostituta de luxo ficou no caminho... E Miranda continuou sumida por todo esse tempo.

Eu não achava seguro largar Matteo. Seu corpo tremia tanto de ódio e sua raiva era tão sólida que eu não duvidava que ele seria capaz de avançar

de peito aberto em cima de Arturo ou de Lorenzo.

Afastei o rosto para encará-lo melhor e vi que havia lágrimas em seu rosto. Ainda assim, notei um traço mínimo racional que o fazia ficar parado e só por isso tirei as mãos do corpo dele, sem pressa. Ao ver que não havia reação, virei-me novamente para encarar nossos inimigos e tentei ler algo no rosto de Lorenzo, mas era impossível, pois ele encarava o nada com as mãos em frente ao corpo.

— Você matou o meu filho...

— Eu não. Seu próprio homem o matou — ele corrigiu o Luppolo pai.

— E, ainda assim, o sangue de Louis está nas suas mãos. Há mais algum pagamento a ser feito?

Leonel nos entregaria de bom grado, depois de tudo aquilo? Reviramos o país, massacraramos um povo, fizemos o inferno e vivemos por ele dentro da Família, para nada?

Não segurei a risada anasalada, inconformado.

— Não. — Ouvi a palavra sair da minha boca antes de processá-la. — Não assisti a toda essa merda esses anos todos só para ver isso acabar num acordo de cavalheiros. Se vocês queriam sangue, vocês o terão. E o último homem de pé será o vencedor.

Minha mão estava erguida, o meu dedo puxou o gatilho, o tiro foi certo na direção do alvo que se mexia, mas para minha completa surpresa, não foi o corpo do soldado inimigo caindo que fez com que toda a sala segurasse a respiração.

O que fez isso com todos nós, foi o machado de Louis acertando o homem armado mais próximo dele bem no rosto.

— Olá, filho da puta — ele disse, em alto e bom som, e foi o que bastou para que a legião que vivia dentro de cada um de nós despertasse.

O diabo havia voltado ao jogo, e eu não tinha o mínimo dó de quem ficaria no seu caminho.

CAPÍTULO 41

Ouvi dia desses um bater na porta
Eu a abri para descobrir a morte a me encarar
A sensação da perseguição mortal me inda soa
E aos lugares todos levo o caixão só por precaução
the drug in me is reimagined, falling in reverse

Lorenzo Ferioli

Eu não era um homem sem honra.

Sem palavra.

Longe disso.

Mas o desespero de Delfina me consumiu desde o primeiro horário daquela manhã.

Não eram nem nove horas quando ela deixou meus braços para ver Pietro.

O sexo matinal era quase uma rotina no casamento e se intensificou com a descoberta da gravidez. E, de corpo e alma, eu amava aquele corpo,

aquela mulher, aquele universo pelo qual eu daria minha vida para manter de pé.

Por isso, não tive escolha quando ela gritou, chamando a atenção da casa inteira.

Pulei no primeiro par de calças que encontrei e, quando peguei Delfina no final do corredor, parada no lugar, em choque, entendi rapidamente o que acontecia quando olhei por cima do seu ombro.

A babá estava estirada no chão e tinha a garganta cortada.

Estava morta.

Seu sangue se espalhou pelo chão claro e ensopou o tapete azul.

Meu olhar acompanhou o caminho até a caminha e, vendo os lençóis mexidos e completamente vazios, avancei para dentro do quarto.

A cama estava fria.

— Onde está meu filho? Onde está meu bebê? — Delfina gritou e veio na minha direção, pisando no sangue sem se importar, caindo nos meus braços logo em seguida.

Abracei minha mulher, sabendo que a plateia de funcionários e os soldados que eu mantinha dentro de casa estavam lá testemunhando aquele minuto de fraqueza da minha família.

Movi as mãos para o rosto de Delfina, olhando em seus olhos verdes cheios de dor e lágrimas, sendo cortado em dois por vê-la daquela forma e respondi:

— Eu não sei, mas vou descobrir, amor. Vou trazê-lo de volta para casa.

— E se? — Eu sabia qual era a possibilidade.

— Não, nem pense. Pietro está vivo.

Se não estivesse, ninguém se daria ao trabalho de levar o corpo embora.

— Preciso que confie em mim, ok?

— Ok. — Ela tentou se acalmar, colocando as mãos sobre a barriga.

— Fique aqui, se tranque e não saia. Faça o que já combinamos antes. E não importa o que aconteça, você só abre as portas do quarto para mim, entendido? — E Delfina entendeu o que eu queria.

Ela se esconderia em nosso quarto do pânico até que fosse seguro.

— BRUCE! — eu gritei, enquanto via minha mulher correr para me obedecer.

— Estou aqui, senhor. — O homem no comando dos soldados já estava lá.

— Quero as imagens das câmeras de segurança. Se alguém viu meu filho sendo levado e não fez nada, esse alguém vai pagar.

— Sim, senhor.



Uma hora depois, mais quatro corpos achados escondidos dentro de casa e a visão de um homem esguio e muito bom com uma faca na mão era o que eu tinha.

O desgraçado era um soldado de anos. Ou o haviam corrompido, ou o manipularam. Fosse qualquer uma das alternativas, eu o mataria com minhas próprias mãos e, para seu azar, eu tinha um rosto, um nome e a placa do carro em que ele enfiou meu filho adormecido.

Rastreá-lo foi brincadeira de criança, mas quando encontrei o Honda prateado parado na estrada, no meio do nada, a quase duas horas de casa, soube que as coisas não seriam boas.

Louis estava voltando para a cidade.

A caça aos mexicanos estava em seus segundos finais e ninguém estava seguro.

Nem eu, nem minha família, mesmo no meio de um império poderoso numa fortaleza tão segura.

Uma laranja podre podia azedar o cesto todo.

Desci do meu carro e, com a arma na mão, avancei para o carro. Mas como eu imaginei, o banco traseiro estava vazio e quando abri a porta do motorista, o corpo do soldado traidor caiu para fora. Morto, com um tiro no peito, ele não teve chance.

— Isso está muito mal explicado. Eu conheço esse homem — Bruce avisou, mas eu o ignorei. Meus olhos estavam na caixa preta no banco do passageiro.

Atravessei para o lado do carona com os sapatos contra o cascalho do acostamento e abri a porta, já pegando a caixa.

Envolto em papel seda, um celular preto descartável estava desligado.

Não pensei duas vezes antes de ligá-lo e foi fácil entender o que fazer quando apareceu um único número salvo.

Apertei o botão verde sem pensar duas vezes e não demorou para que a voz alterada por algum aparelho soasse no meu ouvido.

— Você é bom, mas nós somos melhores. — Não havia emoção na voz computadorizada.

— Onde está meu filho, seu filho da puta? — xinguei.

— Ele está vivo, é o que você precisa saber. Se o quiser de volta neste mesmo estado, há algo que você precisa fazer.

— O quê?

— Mate seu Don, e traga-o para o endereço do último SMS.

E antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, a ligação caiu.

Tentei ligar mais uma vez, mas ninguém atendeu. Naquele minuto, o celular descartável do outro lado já não devia nem mesmo existir.

— Porra! — gritei, socando o vidro do carro, vendo o pesadelo se repetir.

Eu havia perdido um filho que eu nem tinha conseguido ver o rosto.

Não perderia Pietro.

Meu soldado havia escutado tudo e me encarou, um pouco incerto.

— O que vai fazer? — ele me perguntou na volta para o carro.

— O que preciso.

E não houve mais nenhuma palavra até estarmos de volta em casa.

Ele abriu a porta do Jaguar e desceu, mas quando viu que eu nem tirei as mãos no volante, me olhou de novo.

— O que eu faço?

— Siga o plano. A Dark Hand está se movimentando, vá junto, leve nossos homens. Diga que vou com Louis. Eu sei onde alcançá-lo, e o que fazer.

— O senhor não vai...

— Não interessa o que vou fazer. Não fale nada sobre isso para ninguém. — Minhas ordens foram claras e o medo nos olhos de quem sabia o que eu era capaz de fazer pela minha família me convenceram do silêncio que Bruce faria. — Obedeça ao Felippo e ao Matteo. Esta é minha ordem final.

E assim que ele fechou a porta, manobrei o carro e corri sozinho para fazer o que precisava antes de Louis pousar.



Quando eu o peguei no aeroporto, Louis pode ter estranhado, mas não desconfiou.

Tentei me manter concentrado, e quando ele menos esperou, a toxina que eu guardei como ouro, por anos, foi injetada em sua coxa esquerda.

— O quê? — Ele tentou me empurrar, mas o efeito foi quase imediato.

Seu corpo amoleceu.

— O que é isso? — ofegante, ele respondeu, desfalecido contra o banco do carona.

— Espero que entenda, Don Luppolo. Eles pegaram meu filho. O que injetei em você é um veneno raro. Seus batimentos vão quase zerar, seu corpo ficará anestesiado. Será como hibernar. O efeito é rápido e indolor, relaxe e durma. Quando acordar, tente continuar fingindo de morto. Será melhor para todos nós, até que seja a hora de agir.

Parei de falar quando vi o machado escorregar para o chão e dirigi pela cidade, até o endereço indicado, com Louis semimorto ao meu lado.

Quando parei o carro, conferi no relógio de pulso quanto tempo mais teria de Louis apagado, deixei minha arma no porta-luvas, já que não tinha opção, mas levei algumas surpresas pela roupa. Nem toda arma se parecia com uma.

Peguei Louis no carona, coloquei o corpo pesado sobre o ombro direito e carreguei seu machado na mão esquerda. Ele precisava ser realmente bom com aquilo para a loucura que eu iria cometer.

E antes de dar um passo na direção da porta que nunca havia visto em todos os anos naquela cidade, rezei à alma da minha mulher morta, do filho que nunca havia visto o rosto, a um Deus que não acreditava e desci em

direção ao inferno, sabendo que em menos de uma hora a Dark Hand em peso estaria ali, e se Louis não acordasse a tempo, eu seria o traidor e não havia santo que poderia me salvar.

O mais lentamente possível, caminhei com Louis por um corredor malcheiroso e, assim que fiz a primeira curva, fui recepcionado com três AK-107 na cara.

— Estou desarmado — avisei, mostrando Louis quase morto e o machado.

— Largue o machado! — o homem do meio, que era muito mais magro e baixo do que eu, mandou.

— Eu não vou usá-lo. É um presente para o seu chefe, em troca do meu filho. — Meu tom de voz o fez parar e considerar.

— Revistem-no — o baixinho moreno gritou para os amigos e, de imediato, um dos homens largou a arma e veio em sua revista nada gentil. Achou moedas em meu bolso, uma caneta no meu terno e minha carteira. Faltava coisa, mas não fiz questão de que ele soubesse o que mais eu carregava.

— *Está limpo.* — respondeu para o comparsa em espanhol.

— Confira o corpo!

E o outro o fez, colocando a mão na jugular de Louis.

Esperei ansiosamente os segundos seguintes e me aliviei quando ouvi:

— Morto.

Houve uma troca de sorrisos entre eles

— É bom não tentar nenhuma gracinha, ou te fazemos de peneira.

— Não está nos meus planos. — E eu os acompanhei mais para baixo.

Descemos uma escada, entramos por outra porta, seguimos por uma sala que mais parecia um corredor e paramos em frente à outra entrada.

O homem que me revistou bateu no metal e nos anunciou:

— Chegaram.

E no instante seguinte, a porta se abriu, revelando um Arturo feliz, sorridente e, incrivelmente, alucinado.

— Você fez, não fez? — A ansiedade em seus olhos só não era maior do que a crueldade claramente estampada em suas intenções.

Confirmei com a cabeça.

— Pois não fique esperando, entre logo e coloque esse desgraçado na mesa.

Dei um suspiro profundo, mas mantive a postura e não tirei meu olhar do dele quando entrei.

Cuidadosamente, coloquei o corpo de Louis sobre a mesa e aguardei ao lado dele.

— Lorenzo Ferioli — Arturo cantou meu nome na sala cheia. — Foi tão difícil quebrar um dos seus homens e obrigá-lo a vir. Matei mãe, irmão, e ele só disse que faria quando apontei a arma para a mulher dele...

— E agora ele está morto.

— E a mulher dele também. Vão se encontrar no além. — A piada em sua fala não me fez rir.

— Por que eu?

— Porque, ao contrário de qualquer outro que faria por interesse, você sabe a dor de perder um filho. Eu perdi dois.

— Um bastardo e um louco — rebati, mas fui ignorado.

— Você era o único que faria sem problemas, sem arrependimento, sem pensar muito. Louis confia em você, e você não hesitaria, não quando a vida do seu filho estava em risco.

— E onde ele está?

Arturo ergueu o olhar para as câmeras e procurando, apontou quando achou.

Pietro estava no colo de uma mulher de moletom amarelo.

Demorou um pouco para eu reconhecer Elizabeth, ainda mais grávida.

Ver meu filho inteiro e com alguém que o conhecia, pelo menos um pouco, suavizou a preocupação no meu peito.

— Quando poderei ver Pietro?

— Se você sobreviver, logo. Não viu como lá em cima já está tudo fechado? Não vai levar mais que meia hora para eles descerem. — De repente, a atenção de Arturo, tão próximo da mesa, foi toda para Louis.

Ele abriu a camisa do Don, conferiu se seu coração batia e quando não sentiu pulso, me perguntou:

— Como?

— Envenenamento. Não podia arriscar — falei, sem sentimento algum na voz.

— Te invejo. — Ele largou o braço de Louis com violência na mesa. — Queria ter pegado esse desgraçado antes e, se quer saber, se vai te deixar feliz, estou arriscando muito, quase tudo, com isso aqui. — Ele apontou para o que acreditava ser um cadáver.

— Por quê?

— Porque eu não era o único que queria Louis morto. Acontece que eu queria de todo e qualquer jeito, mas...

— Mas?

— Estou falando demais — ele se conteve.

— Acho justo uma troca de informações, já que te trouxe o corpo de Louis Luppolo. — Minha voz era firme e fez algum efeito em Arturo. Ele estalou os dedos, encurvou os ombros e considerou.

— Há gente que queria ser responsável por essa morte. Assinar o cadáver.

— Isso eu sei. Poderia te dar uma lista de nomes. — Tentei de novo.

— Então tente pensar melhor em cada um deles. — Arturo não daria com a língua nos dentes tão facilmente. — Ainda assim, farei minha parte. Levarei esse corpo e o queimarei no meio da cidade, para que todos vejam quem ele era em vida. Vamos ver se o diabo realmente não sente medo do fogo... — O homem parou, analisando o corpo em silêncio por quase dez minutos, parecendo sonhar em como faria a morte de Louis o mais vergonhosa possível.

No visor das câmeras, vi movimentação e um dos homens que estava vigiando, avisou no rádio e na sala:

— Eles chegaram, avise todos.

— Suas câmeras não têm sinal de internet? — perguntei, distraído Arturo depois de ver que o efeito do veneno passaria em breve, ainda mais

em um corpo como o de Louis.

— Cabo. Sabia que por internet você teria acesso. Você é bom no que faz, Lorenzo. Explodiu tanta gente minha que eu deveria explodi-lo agora também.

— Seria bom antes de a Família chegar e acabar com você. Não quero morrer como traidor pelas mãos deles.

— Você realmente acha que eu quero acabar com a Dark Hand? — E então, fui eu que fiquei sem entender o jogo.

— Então por que tudo isso?

— Homem, não seja tolo e pense nas aulas de história. Como os romanos cresceram tanto?

— Roubando. — Era verdade.

— Conquistando. — Arturo cresceu o peito e sorriu. — E essa é a minha vez. — O tom de voz dele mudou e ele falou para todos na sala: — Senhores, preparem-se. As viúvas desse velório não ficarão em silêncio.

Aposte que não. Nem o cadáver — pensei.

Se ele se via como romanos conquistadores, eu o via como Tróia, e Louis seria meu presente deixado nos muros. Pelo menos, depois do corpo voltar à vida, rachando a cara de um soldado ao meio com o machado em riste, eu esperava que sim.

CAPÍTULO 42

Eu posso senti-lo na minha pele
Posso sentir na minha língua
Ele é o sabor mais doce do pecado
Quanto mais eu recebo, mais eu quero
Ele quer me possuir
Aproxime-se
Aproxime-se
E simplesmente não consigo me mandar daqui
Sob um feitiço que não se pode quebrar
Simplesmente não consigo parar
closer, j2

Elizabeth Fabbri

Havia algo de errado.

Soube disso quando, em vez do meu café da manhã, jogaram um menininho chorando para dentro do quarto e fecharam a porta.

— Mamãe! — ele gritou na porta e, de repente, eu vi que conhecia aquela criança.

Pietro tinha crescido desde o casamento de Ariana, mas ainda era aquele menininho doce e apegado à mãe.

— Pietro? — chamei, me aproximando.

Ele me estranhou, os olhos intensos brilharam cheios de lágrimas quando notaram que eu estava perto e, curiosamente, o menino parou no lugar.

— Oi, sou eu, lembra? Elizabeth. Sou amiga da sua mãe, do seu pai, da Giovanna. — Tentei fazê-lo se lembrar e fui mais fundo. — Sou namorada do seu padrinho, Louis.

— Quero minha mamãe. — O inglês infantil não foi tão difícil de entender quanto pensei que fosse ser.

— Eu sei, meu amor. Mas a mamãe agora *tá* ocupada. Você pode me ajudar? Olhe, a tia tem um bebê aqui. — Mostrei a barriga para ele e consegui chamar sua atenção.

— Mamãe também tem um desse. — Ele colocou o dedo indicador no meu umbigo e eu sorri.

— Sua mãe está grávida?

Ele confirmou com a cabeça.

— Eu vou ser *irmão* desse bebê também? — Eu gargalhei como não fazia há meses.

— Não, querido. Esse vai ser... — E eu fiquei sem uma resposta para dar num primeiro momento. — Esse vai ser o meu bebê com o seu padrinho.

— Eu vou ser padrinho dele? — Segurei as lágrimas e sorri.

— Você quer?

— Meu padrinho é *bavo*. Eu vou ser *bavo* também. — Pietro fez careta, tentando parecer o que na sua cabeça era a visão que tinha de Louis,

— É mesmo? Por que não vem para cama me contar melhor?

Gentilmente, eu consegui guiá-lo, mais calmo e distraído, para a cama.

— Como você chegou aqui?

— O tio me trouxe — ele disse, despreocupado.

— Que tio?

— Não posso contar. Ele é mau.

— Ele é mau? Mais que o seu padrinho?

— Ele disse que vai matar o papai, a mamãe e o meu *imão*, se eu contar.

E eu passei, o que imaginava ser a manhã toda, com aquele garotinho, tentando entender o que acontecia lá fora, o quanto ele, com seus quase quatro anos, podia me contar algo que fizesse algum sentido.

Mas era como se eu montasse o quebra-cabeça de algum quadro de Monet, daqueles em que as cores se confundem, com mais de quinze mil peças.

Inevitavelmente, algum tempo depois, Pietro caiu no choro de novo, e parecendo cansado e estressado demais para negar o único colo que tinha, me deixou niná-lo até adormecer. E eu deitei junto dele, me perguntando que horas nos tirariam dali, ou que trariam algo para a criança comer, ou... Pensei no pior e no melhor cenário.

E sem perceber, adormeci, sonhando com a possibilidade de Louis finalmente aparecer. De ele finalmente estar lá por mim, depois de tanto tempo.

Foi o som de tiros que me acordou. Os gritos também eram muitos.

Parecia que o lugar tremia e foi a bomba que me fez pular da cama.

Pietro voltou a chorar, assustado, mas não tive tempo de pensar em acalmá-lo.

Num instinto estranho, tirei-o da cama, puxei a estrutura contra o outro lado da parede e a usei como barreira entre nós e o resto do quarto.

Agarrei o menino com força contra o peito, me encolhi e fechei os olhos, enquanto tentava cantar algo para ele, mas tudo me parecia incrivelmente ridículo.

A única coisa que eu tinha a oferecer era um embalo esquisito e muitos “shis” descompassados. Não funcionou. O choro do menino não parou, mas eu consegui me concentrar melhor no que acontecia à nossa volta.

Mais gritos, mais tiros.

Mais confusão.

E, por um momento, eu apreciei o caos, principalmente se ele me trouxesse Louis.

O som de batidas cresceu. Achei que fossem mais bombas, até que a porta do quarto foi aberta. Eu agarrei ainda mais o menino contra mim, enterrei o rosto contra seu cabelinho limpo e fechei os olhos. Apesar da minha pouca fé, o mais provável era que tivessem vindo nos pegar.

— Pietro? — Ouvi a voz masculina chamando e o menininho no meu colo gritou de volta:

— Papai!

Ele se debateu no meu colo, mas não o soltei. Com os olhos turvos de tanto chorar, ergui a cabeça e encontrei Lorenzo Ferioli abaixado na nossa frente, com a mão esticada na direção do filho.

— Dê ele para mim, Elizabeth.

E só então eu o soltei.

O menininho correu para os braços do pai que o agarrou com tudo o que era e fechou os olhos, cheirando o menino. Ele o amava. Amava muito.

Tentei afastar a mágoa do meu coração por saber que aquela cena nunca se encaixaria no meu mundo, no precário e inconstante relacionamento que eu tinha, e consegui.

Livre-me de qualquer sentimento ruim ao ouvir a voz com a qual sonhei por meses.

Ela dizia meu nome.

Ela me chamava.

— Elizabeth. — Foi intenso, baixo, real.

Eu ergui o pescoço e olhei além da murada de ferro que a cama era.

E, finalmente, eu o vi.

Finalmente.

Em carne e osso, com o peito nu coberto de sangue e o machado pendendo na mão. Com o rosto forte, a mandíbula marcada, os lábios finos entreabertos, os dentes alinhados e os caninos avançados. O nariz italiano,

as maçãs do rosto altas. As sobrancelhas em uma linha reta, os cabelos despenteados, e os olhos castanhos, vivos, intensos, fixos em mim.

Um ímã do qual ninguém podia escapar.

Um chamado que qualquer um obedeceria.

Uma sentença a qual minha alma condenada clamava.

Louis Luppolo, no auge de sua natureza brutal e animalesca, buscando por mim.

Minha boca e garganta secaram. Minhas pernas amoleceram, mas ainda assim, eu fiquei de pé. O olhar dele não deixou o meu por segundo nenhum, e me atraiu a ponto de eu não saber como, mas estava lá, em frente a ele, com as mãos sedentas pela verdade, pelo seu calor, pelo seu corpo. Por ele e tudo o que ele trazia junto.

Eu não vi nenhum outro rosto.

Eu não notei nenhuma outra pessoa dentro daquele quarto.

Era ele e eu. O meu universo particular imaculado pela presença divina do anjo que era o favorito de Deus e, alguma hora, se perdeu pelo caminho.

Dei mais um passo, cobrindo qualquer e toda distância que havia entre nós.

Seu corpo bateu contra o meu, minhas mãos tomaram seu rosto.

Ele não sorriu.

Os olhos se estreitaram.

Sua cabeça desceu e, quando finalmente sua testa tocou a minha, eu acreditei.

Era real.

Louis estava ali.

O som do machado no chão me fez sorrir.

O hálito dele contra o meu rosto me fez chorar ainda mais.

Fechei os olhos, finalmente, me sentindo segura.

— Você me achou — soltei num sopro, quando senti seus braços ao meu redor.

Louis me envolveu com seu corpo. Me escondeu do resto do mundo.

— Eu nunca ia parar de procurar, *bambina*.

No segundo seguinte, Louis tomou minha boca e não houve vergonha, limite, pudor.

Nada.

O beijo dele fez toda e qualquer dor sumir da minha mente.

Como uma viciada que tem sua droga favorita injetada nas veias, depois de quase surtar pela abstinência, Louis me fez esquecer de tudo quando me tomou daquele jeito. E teve retribuição.

Minhas mãos desceram por seu rosto, pescoço e peito. Escorreguei os dedos pelo sangue quente contra sua pele, senti o gosto daquele mesmo sangue na língua.

E eu queria continuar e queria mais, mas ele afastou o rosto e me encarou de cima.

Engoli em seco a vontade na garganta que queimava.

— Está machucada?

— Não. Eles não mexeram mais comigo, depois de descobrir que eu estava grávida. Louis, Miranda esteve aqui...

Eu queria continuar e contar tudo, mas a voz atrás de nós chamou a atenção.

— Arturo está descendo, pela planta deste lugar, há uma última saída. Louis, é a sua chance! — Felippo apareceu na porta, e com Louis virando para encará-lo, ele me viu. — Ela está bem?

— Está.

Foi como se alguém tivesse apertado um botão e, todo o calor vindo de Louis sumiu e ele havia se transformado na maior e mais densa pedra de

gelo.

Meu corpo rejeitou aquela troca e eu me afastei sem problemas, uma vez que suas mãos deixaram meu corpo.

Louis se abaixou, pegou o machado e virou as costas.

— Não! — Eu lutei contra e tentei segurá-lo pelo ombro, mas meus dedos sujos de sangue não conseguiram contê-lo.

— Matteo, fique com Elizabeth aqui e, se alguém tentar algo...

— Nem precisa dizer. — Foi só então que notei o rosto dele e de Zola no canto da sala.

— Louis, por favor, não vai... — pedi de novo, indo atrás dele, tropeçando nas próprias pernas, mas não adiantou, ele continuou seguindo para fora.

Tudo o que minha mente gritava era não. Tudo o que eu podia fazer era implorar.

— Por favor, por favor. — Minha voz era um murmúrio.

Doía vê-lo sair. Doía demais.

— Eu vou com você — Zola avisou e Louis parou no lugar para que o loiro passasse na sua frente.

— Louis, por favor, não...

Virando-se para mim, Louis colocou a mão livre ao lado da minha cabeça e acariciou minha bochecha.

— Preciso ir. Preciso pegá-lo.

— Não precisa. Deixe os outros... — Minha sugestão o ofendeu.

— Não. Se Arturo tinha tanto medo do diabo, não deveria ter aberto a porta do inferno. Vou eu mesmo pegá-lo. — A resposta foi dada com cara fechada, como se fosse impossível não atender ao chamado da vingança, do sangue, daquele caos cheio de desassossego.

Ele recolheu a mão, voltou a caminhar e eu segui atrás dele mais uma vez, mas minhas pernas pararam quando eu vi o estado do corredor do lado de fora.

Havia corpos demais no chão. Alguns poucos ainda estavam vivos, terminando de sangrar, terminando de partir, mas a grande maioria tinha sido assinada de forma brutal. Uns não tinham rosto, outros estavam partidos, mas era inegável que o machado de Louis havia sido o responsável por aquela chacina.

O que eu esperava? Que ele me tirasse dali e vivesse em paz?

— Lizzie?

A mão de Matteo no meu ombro não fez a dor de me sentir em segundo plano diminuir. Eu era só um efeito colateral. Se estivesse viva, bem. Se não

estivesse, era só mais combustível para a raiva de Louis consumir seus inimigos.

Sua necessidade de sangue era o que o comandava.

Minha vida não importava.

Minha criança não importava.

O que importava era que o brinquedinho estava bem para ser usado de novo e de novo. Devia ser excitante *pra caralho* precisar me salvar e matar todos no caminho.

Eu ser um alvo interessante era o que mantinha Louis comigo.

E se havia mais alguma coisa para quebrar, se ainda havia uma parte do meu coração intocada, ela havia acabado de virar pó.

Eu perdi o rumo. O choro veio forte, a força das pernas sumiu, e enquanto eu via Louis indo pelo corredor, suas costas sumindo, conforme ele se afastava, caí de joelhos, em prantos, gritando desesperadamente, num último chamado desesperado para que algo dentro dele, da alma que ainda restava, pudesse ouvir.

Mas não adiantou.

Ele não voltou.

E então eu soube que não havia nada para salvar que não fosse a mim mesma.

CAPÍTULO 43

Então venha e brinque com essa raiva (aquela raiva)

Acenda um fósforo e reacenda as chamas (as chamas)

Não é o fim, viemos para ficar

Nós corremos para o desconhecido

Destemido e valente

Então não jogue fora (aquela raiva)

Não vai parar até a doce vitória

rage, halocene

Para o começo de um posto de liderança, eu estava sendo batizado de tudo quanto é jeito. Começamos com aquela paralisação da cidade, então a invasão, a falsa morte de Louis e toda a confusão seguinte.

Arturo correu como um maratonista quando Louis levantou do chão, rachando a cara de um de seus homens. Um tiro de Felippo ou Matteo o rasgou o braço no meio da baderna de tiros, gritos e socos, mas ainda assim, ele continuou a fugir.

— HENRY, ATRÁS DELE! — Ouvi o grito do Don e olhei em volta para saber o que faria com os homens no meu comando.

Elizabeth ainda estava perdida por ali, e eu era parte do time interessado em encontrá-la.

— Avancem! — gritei junto de Francesco Piscitelli que, usando luvas, atirava com armas em ambas as mãos, e vi nossos homens fazerem uma barricada viva, abrindo caminho para os corredores que estavam lotados de gente.

— PARA TRÁS! — A voz era de Lorenzo Ferioli e, quando meus olhos o acharam, ele estava em frente à porta, com algo fino na mão, e arremessava contra o corredor, por cima das cabeças. A fumaça veio acompanhada de gritos de agonia, e quando ele fechou a porta em suas costas, eu fui um dos homens que o ajudou a segurar.

— O que é isso?

— Uma surpresinha para esses filhos da puta — ele me respondeu, entredentes, se esforçando para manter a porta fechada até ouvir o som da explosão.

Ele se afastou e nós o imitamos, e quando Lorenzo abriu a porta, os homens que estavam nos dois metros mais próximos haviam virado geleia, enquanto os outros corriam pelo corredor.

— Peguem essas baratas — Lorenzo gritou e parte dos soldados entraram naquele corredor.

— Nós seguimos aqui também? — perguntei, mas foi Louis quem deu o comando.

— Por aqui! — Ele estava mais para frente, num corredor sem porta, abrindo caminho na machadada e de peito aberto.

Louco.

Foi meu primeiro pensamento, mas quem era eu para julgar?

Então, Lorenzo, Felippo, Matteo e eu seguimos para ajudá-lo.

Pelo corredor, enquanto os soldados iam na frente, Louis se enfiava nas brechas e terminava o serviço nos corpos que caíam pelo caminho.

Era feio de assistir.

Ele parecia possuído.

Forçamos cada porta daquele corredor, encontrando salas vazias, um banheiro, escadas para lugar nenhum e, finalmente, o lugar certo.

Eu assisti de camarote quando Elizabeth se levantou. O choque de ver sua gravidez tão avançada fez com que Matteo e eu trocássemos olhares.

— Você sabia? — ele sussurrou para mim e, fiel a ela, neguei com a cabeça.

E mesmo abusada, cansada, claramente exausta e derrubada, Elizabeth foi direto para Louis, como uma mariposa que finalmente encontra a lua.

Senti-me um intruso assistindo àquela cena, mas parte de mim não queria tirar os olhos, com medo de ela se machucar ou sumir no segundo seguinte.

Se eu já achava que Lizzie estava mal antes de tudo aquilo, não sabia como ela suportaria o depois.

Eu já a havia salvado uma vez de tentar contra a própria vida, e agora, com o jogo tão diferente, sabia que não estaria lá se aquilo acontecesse uma segunda vez.

Foi Felippo quem surgiu trazendo todos nós para o tempo presente, inclusive, Louis.

E não fiquei para ver o pós de Elizabeth quando saímos para acabar, finalmente, com quem havia ameaçado tanto a vida dela.

Eu só não contava com aquele grito.

A voz dela, o desespero, foi maior e mais alto do que o som dos tiros, dos mortos, da batalha.

Era claro ali que Lizzie descobria que tinha perdido uma guerra, e olhando Louis continuando a avançar, implacável, senti pena da mulher que ele havia deixado para trás.

O corredor acabou em mais uma sala cheia de portas, e eu não tive tempo de processar o que acontecia. Enquanto cuidava do flanco esquerdo, do nada, algo atravessou quem guardava minhas costas e me pegou.

Fui arremessado contra a parede e uma mão grande veio firme contra a mão que eu segurava a arma.

— Vamos resolver como homens, irmãozinho. — Batendo minha mão na parede com uma força esmagadora até eu soltar a arma, Otto, cheirando a sangue e pronto para me matar, me jogou no chão logo em seguida.

— Bastardo do caralho — xinguei, tentando me erguer rápido, mas ele foi mais, o primeiro soco me atingiu em cheio do lado direito da cabeça.

— É, e o bastardo vai matar você.

Ele avançou, pronto para me socar.

Otto era mais alto, com bons dois metros de altura, e mais pesado também, mas eu tinha a vantagem da agilidade. Movi o corpo para o lado e passei o braço em seu pescoço. Subi em suas costas, apoiei o peso do corpo no braço que o sufocava e chutei com toda a força que tinha na parte de trás dos seus joelhos. Fazendo o desgraçado ir ao chão.

Otto virou o corpo, me deixando embaixo de si, e num movimento desesperado, enquanto tentava soltar meu braço em volta de seu pescoço, ergueu o tronco como conseguia e desceu com tudo para o chão.

Minhas costas doeram com o impacto, mas não o soltei.

Ele fez de novo e mais uma vez.

Na última, bati a cabeça e o soltei um pouco. Foi o suficiente. Meu irmão se desvencilhou do mata-leão e se jogou para o lado, tossindo.

— Desgraçado. — E ele veio para cima de mim.

Otto largou todo o peso em meu peito quando se sentou sobre mim, e começou a socar minha cara.

Eu não tinha força para tirá-lo de cima de mim. Não quando seus socos vinham num ritmo frenético.

Minha respiração já estava difícil. Minha visão, tingida de vermelho, e por um segundo tive medo de não conseguir virar o jogo, mas ele soltou algo que mudou tudo.

— Quando isso aqui acabar, quando os Luppolo estiverem mortos, eu vou atrás da sua mulher. Vou ensinar para a vagabundinha que irmão fode melhor. Quem sabe eu não faço um filho nela?

A possibilidade de deixar Otto perto de Giovanna despertou dentro de mim uma raiva que há muito tempo eu não acessava.

Raiva por viver uma vida de privação, por aguentar mais do que podia levar, por viver nas sombras. Por vê-lo sempre se safar, e por achá-lo podre.

Ele havia matado meu pai, ele havia feito o inferno na vida de gente que eu amava, e não podia sair impune. Com as mãos livres, enquanto ele se divertia em arregaçar minha cara, tateei o chão e encontrei algo pequeno, duro e com uma ponta afiada.

Não sabia o que era, mas com toda a força que tinha, quando meu irmão abriu a guarda, enfiei o pedaço de ferro entre suas costelas.

Eu o furei, e a confusão em seu rosto foi o bastante para que conseguisse derrubá-lo. Me ergui, me apoiando no guarda-corpo e cuspi sangue.

— Eu vou matar você. — Minha promessa saiu num sopro e com tudo o que eu tinha, acertei um chute no pedaço de ferro, colocando-o mais para dentro.

Otto parecia feito de aço. Segurou a dor e veio pra cima de mim. Trocamos socos, procurando abertura um na guarda do outro até cansar, e num ato desesperado, ele se jogou contra minha cintura.

Tentei socá-lo no lugar machucado, nas costas, mas ele me bateu contra a parede e minha cabeça ricocheteou. Por um segundo, meu corpo falhou. Otto se ergueu, as mãos na minha garganta, pronto para me sufocar.

Esforcei-me ao máximo para chutá-lo entre as pernas, mas não consegui. Ainda assim, não desisti. Com uma das mãos, eu o soquei nas

costelas e com a outra, tentei afastá-lo, empurrando seu rosto.

Enfiei um dos dedos em seu olho direito, ele gritou e, se desvencilhando, me deu uma cabeçada. Vi tudo preto.

— É assim que acaba, irmãozinho. — Erguendo a mão num soco que me apagaria de vez, ele não notou quando o machado desceu sobre seu pescoço na diagonal.

O corpo ficou parado, processando o que havia acontecido, mas logo amoleceu e caiu de joelhos no chão.

Otto estava morto.

Louis o havia matado antes que ele me matasse.

O Don apoiou o pé nas costas dele, retirando o machado e, sorrindo diabolicamente, conforme via o corpo indo de cara no chão, espalhando sangue por todo lado, me encarou.

— Você me deve um favor. — E, como se fosse nada, Louis me deu as costas, continuando sua caçada, me deixando com o cadáver do homem que eu mais odiava nesta Terra, sem vida, aos meus pés.

CAPÍTULO 44

Eu tenho sangue nas minhas mãos, nenhuma culpa em minha
consciência

A guerra em seu caminho, o sexo em sua violência

Todas as minhas falhas, eu às visto com honra

Um desgosto roxo por tudo que temos sofrido

Eu sou o inimigo

Aqui para salvar o dia

brand new numb

Duzentos e trinta e sete corpos cantaram junto de Mary até aquele minuto, e parecia que a cada vida que eu ceifava, mais faminto pela alma de Arturo eu ficava.

Chegamos a um ponto que não havia por onde ele correr. Seus homens foram reduzidos a uma guarda mínima, mas caíram lutando, tanto que eu tinha tiros de raspão por todo o corpo e viraria a porra do Frankenstein quando fosse ser costurado.

Mas, ainda assim, segundo a segundo, enquanto todos aqueles ferimentos ardiam, meu corpo pedia por mais. Minha alma queria mais. E eu era guiado por aquele único chamado.

— Aonde vai, Arturo? — gritei atrás dele, vendo-o correr escada abaixo. Ele havia ficado sem munição há muito tempo. Não sei como aquele idiota acreditava que seu golpe daria certo. — Você veio até a minha cidade, me roubou — falei, descendo atrás dele. — Zombou de mim. Você levou minha mulher...

Ele não respondia, e eu podia sentir o cheiro de medo exalando à medida que seus passos iam ecoando junto dos poucos sobreviventes. Ele estava tão perto...

Olhei por baixo do patamar onde ele estava e, vendo que não tinha mais que dois metros e meio de distância, sem pensar duas vezes, eu pulei.

A chuva de balas veio de cima. Meus homens choveram sobre os ratinhos mexicanos. Um ou dois ainda tiveram coragem de apontar para mim, mas quando as balas passaram raspando pela minha cintura e pelo meu ombro, me senti mais vivo do que nunca.

Parado, assisti a Arturo ficar sozinho entre corpos que nunca seriam encontrados.

— Eu... — Ele tentou dizer algo quando dei o primeiro passo com o Mary cantando contra a estrutura de ferro em que pisávamos.

Sua postura era de quem procurava uma saída, e o pânico em seus olhos eram os de quem sabia que não havia para onde fugir. Arturo havia,

finalmente, chegando ao fundo do poço. E lá estava eu, pronto para recebê-lo.

— Finalmente... — olhei nos olhos dele, tão próximos quanto poderiam estar —... sua alma será minha. — A mão dele foi para dentro do terno, e no auge de seus cinquenta e poucos anos, ele tentou me acertar com uma faca.

Quando reagi com Mary e sua mão voou, ele gritou.

Enquanto ele se desesperava, segurando o toco sanguento e se encolhia, Henry chegou ao meu lado e logo foi conferir se Arturo não tinha nada mais para tentar alguma graça.

— Zola, Felippo, venham aqui — ordenei, olhando para a decadência que era aquele imundo encolhido no chão, saboreando aquele segundo como se ele fosse uma miragem boa demais para ser verdade.

Quando Zola se aproximou, antes de Felippo, me aproximei dele, peguei a barra de sua camisa e a rasguei. Me ajoelhei junto de Arturo em seguida e fiz um bom torniquete em seu braço.

— Você vai morrer, mas não será tão fácil assim... — Organizando os próximos passos, eu ordenei: — Felippo e Zola, segurem esse filho da puta, e alguém me traga Elizabeth. — Queria fodê-la ali, no sangue deles. Queria que a última visão de Arturo fosse a de me ver vitorioso, me enterrando nela.

Atendendo ao meu pedido, os dois seguraram o corpo de Arturo e eu o acertei com o primeiro soco no rosto. Foi tão forte que senti o impacto nos nós dos dedos. Algo havia se quebrado, mas aquilo não era nem o começo do que eu tinha para ele.

O corpo do homem se curvou, ele arfou e em seguida tossiu, cuspidos alguns dentes.

— Acha que ganhou? — a voz fraca de Arturo me provocou antes de rir.

— Não, ainda não. — Peguei em seus cabelos e ergui seu rosto para que ele visse que minha promessa era séria. — Vou ganhar quando pegar aquela vagabunda da sua filha e cortá-la em duas, depois de deixar toda a Família foder com ela. Quando meus homens acabarem com Miranda, vou dar seus restos aos cães. O seu fim perto do dela será brincadeira de criança.

Ele riu e negou com a cabeça.

— Você é que será servido na mesa, Louis Luppulo. E eu assistirei do outro lado, rindo da sua soberba. — Arturo cuspiu sangue no meu rosto e a minha resposta, a única possível, foi me afastar para poder pegar impulso com os braços para que Mary o fizesse atingir a nota mais aguda possível.

Como se ele fosse o tronco de uma árvore muito grossa, eu o atingi uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove...

— MALDITO! — ele gritou, alucinando, perdendo as forças.

Quando meus olhos se focaram de novo, Arturo tinha perdido ambos os pés, e suas pernas eram completamente inúteis. A poça de sangue embaixo dele só crescia, e minha impaciência também.

— ONDE ESTÁ ELIZABETH?

O cheiro do sangue, a aura de violência e Arturo fodido depois de tanto tempo buscando por aquilo, só me deixou mais e mais excitado. Meu pau doía dentro das calças e, ao som da respiração irregular do mexicano, enquanto ele se recuperava, andei em círculos, esperando, contando os segundos até ter Elizabeth ali.

Talvez, com o incentivo certo para acessar sua raiva, ela mesmo acertaria Arturo com Mary e me faria ainda mais escravo de sua essência.

A possibilidade me fez sorrir.

— Onde ela está? — perguntei para Henry que vinha chegando sozinho.

— Senhor, Matteo a levou, pois o ambiente não era...

Interrompendo meu soldado, Arturo juntou tudo o que ainda tinha de força e coragem para soltar uma gargalhada doentia.

Aquele era mais louco do que eu.

— Você veio tão longe atrás dela, e agora está aqui comigo, quando ela, a sua *bambina*, está nas mãos do lobo mau.

Demorou alguns segundos para eu processar o que ele disse, mas quando o fiz, parei com a lâmina em sua garganta. Meu coração queimava dentro do peito, batendo tão acelerado que podia ouvi-lo nos ouvidos.

— O que você disse? — A raiva travava minha mandíbula.

— O que você ouviu, Don Luppolo — ele cuspiu meu título com desprezo e escárnio. — Sua soberba, sua arrogância, te cegaram. Mesmo que você me vença aqui, ainda irá perder. A cada segundo que passa se divertindo com a minha morte, é a morte dela que você não atrasa. — O sorriso vermelho foi o último que Arturo deu.

Num impulso louco, Mary caiu aos meus pés e minha mão foi fácil para a faca exposta no cinto de Felippo.

Minha mente estava a milhão e, conforme eu procurava com a ponta dos dedos o ponto certo entre as costelas dele, o nome e a imagem do meu irmão brilhavam em vermelho.

Eu lutei muito tempo contra aquela possibilidade.

Eu não queria aquela resposta porque, se ele estivesse por trás de tudo aquilo, o destino dele seria ainda pior do que daquele homem que, na minha

frente, agora era um nada.

Com os olhos nos dele, vi todo o desespero surgir quando a faca entrou e suas pupilas dilataram. A faca correu pela pele como se fosse manteiga, e quando vi ter espaço o bastante para enfiar a mão, deslizei com o punho para dentro dele.

Senti a textura da carne, do sangue.

Molhado, quente, liso.

E encarando Arturo, mostrando que era dono dele, vasculhei seu corpo que começava a entrar em curto.

Um filete de sangue escorreu por sua boca, ele perdeu as forças para qualquer piadinha, conforme eu procurava o que queria, e assim que encontrei, que o senti bater quente entre os dedos, aprisionei os olhos de Arturo nos meus e lhe disse as últimas palavras que ele ouviria antes de descer ao inferno:

— É isso o que acontece quando brincam com o diabo. Só há um nesta Terra, e sou eu.

Quando puxei o coração para fora com toda minha força, ele veio arrebatando tudo no meio do caminho, e com os olhos de Arturo em mim, ergui o órgão até a altura dos lábios e o lambi.

O gosto do meu inimigo era impuro.

A alma dele seria minha escrava, mas não habitaria dentro de mim.

— Você não merece. Seu gosto é podre. — Num movimento sem graça, enfiei o coração no bolso e assisti à vida deixando os olhos de Arturo Gonzales, transformando-o num nada.

Henry se aproximou e peguei em seu bolso o pequeno pote de tinta preta.

Aquele cadáver ficaria para trás e na manhã seguinte seria capa dos jornais, com a mão negra marcada em seu peito, como prova de que a Dark Hand ainda vivia e não havia nada nem ninguém que pudesse derrubá-la. Nem meu próprio irmão.

CAPÍTULO 45

Não vou esconder meu rosto
Eu não vou cair da graça
Vou andar no fogo, baby
Toda minha vida tive medo de morrer
Mas agora eu ganho vida dentro dessas chamas
the fighter, in this moment

Elizabeth Fabbri

Em alguns momentos da minha vida, tudo o que eu mais quis foi estar fora do meu corpo. Naquele minuto, parecia que finalmente tinha conseguido.

Do minuto em que Matteo me ergueu daquele corredor lavado de sangue, até o trajeto de carro para o seu apartamento, todo e qualquer barulho externo era só um zumbido. Dentro de mim, de uma hora para a outra, tudo parecia oco.

Não havia ar puro que me animasse. Nem a luz daquele sol da tarde.

Cada célula minha, cada gota de energia, estava concentrada em me manter respirando, acordada e quieta. E eu agradeci muito por Matteo estar ao meu lado naquele minuto, me acolhendo no seu silêncio, me deixando

naquele limbo de não sentir nada, pelo menos, até estarmos entrando na garagem do prédio.

O ato de mergulhar no escuro de novo fez meu estômago tremer. Meus olhos arregalaram e eu o encarei, claramente assustada.

— Não se preocupe, o pior ficou para trás. — Sua mão veio sobre a minha delicadamente. — Vamos subir, você vai se livrar dessas roupas, tomar um banho e, depois, pensamos no depois, ok? — Com a boca seca e a língua pesada para falar qualquer coisa, concordei, enquanto segurava as lágrimas que inundavam meus olhos.

Ele parou o carro em sua vaga, tirou o celular do bolso e mexeu nele, conforme eu tirava o cinto e descia. Provavelmente ele avisava Louis onde me encontrar e eu não queria pensar na possibilidade de vê-lo ainda, não depois de comprovar com meus próprios olhos o que ele era capaz de fazer.

Louis era o demônio que sempre me avisou ser.

Aqueles corpos espalhados tinham sua marca, e eu era... eu era um nada no meio daquela bagunça toda.

Devagar, caminhei na direção do elevador que subi tantas vezes para ir ao apartamento de Giovanna e esperei Matteo, que apertava o passo para me acompanhar logo. Quando a porta se abriu na nossa frente, parei, num choque esquisito.

Era a primeira vez, em todo aquele tempo, que me via no espelho.

Meu cabelo estava sujo, desganhado, mais comprido do que eu me lembrava. As luzes que eu havia feito há tempos precisavam de manutenção.

Meus olhos estavam inchados pelo choro, mas havia olheiras pesadas sob eles.

O resto foi uma bagunça, meu rosto estava mais magro, havia manchas de sangue em todo canto, e na minha barriga havia um volume novo que, na minha concepção, só parecia o efeito de comer muito.

Matteo notou meu choque na porta e esperou até que eu me recuperasse para ocupar o lugar ao meu lado.

— De quanto tempo você está? — Os olhos dele não saíam do volume no meu ventre.

— Quanto tempo eu fiquei fora? — Me ajeitei contra a parede do elevador.

— Dois meses.

— Então, estou de quatro meses. Parece mesmo que estou grávida? — perguntei, erguendo o moletom para ver minha barriga no espelho.

— Parece... Mas, só para confirmar, é mesmo do meu irmão? — Olhei para a cara de Matteo desacreditada daquela pergunta, e pela minha

expressão, ele se arrependeu no segundo que percebeu o que havia feito. —
Desculpe, é que, Louis, pai?

— É. — Ajeitei o moletom, cobrindo a barriga de novo. — Eu sei. —
A raiva saiu prensada nas palavras e nós suspiramos ao mesmo tempo.

— Esqueça isso agora, você precisa descansar. — Abrindo a porta
para eu sair, encerramos aquele assunto ali, mas Matteo não entendia que
dentro da minha cabeça, aquele era meu maior tormento.

A porta do apartamento se abriu, revelando o ambiente masculino que
eu ainda não conhecia.

— Ali, naquela porta à esquerda, é meu escritório, e gostaria que não
fosse lá. — Foi a primeira coisa que Matteo apontou. — O resto da casa é
seu, fique à vontade. Tenho algumas roupas que podem servir em você por
enquanto...

— Certo. Por ali? — perguntei, analisando que o apartamento deveria
ter a mesma estrutura que o de Giovanna.

Confirmando com a cabeça, Matteo veio junto de mim, abrindo a porta
do quarto.

— Eu sei que talvez eu esteja sendo invasivo, mas... por acaso, você
pensa em ir embora? — O lugar inundado de sol era bonito e organizado.

— Acho que não tenho alternativa. Na verdade, eu sabia que isso alguma hora ia chegar...

— Sinceramente, eu não sei como você suportou. O primeiro sequestro, a forma como te marcaram... E depois teve todo o drama com Natasha, a perseguição na editora. Deve ter sido assustador estar sozinha, no escuro, com alguém tão próximo de você naquele prédio vazio, em um lugar que deveria ser seguro... Ainda bem que seus cabelos estavam mais curtos, ou teriam te levado dali naquele dia, acredito eu. E agora, passar pelos apuros que passou nesses dois meses, ainda por cima grávida...

Conforme Matteo ia ditando as merdas dos últimos anos, eu quis chorar ainda mais.

Minha garganta se fechou como se uma mão se apertasse em volta dela e me esforcei com tudo o que era e tudo o que tinha para não me encolher ali mesmo.

— Estou falando demais, não é? Me desculpe. Vou deixá-la à vontade. O banheiro é naquela porta, e se precisar de ajuda, me chame. — Não senti maldade alguma naquela fala e, confirmando com a cabeça, limpando a primeira lágrima que descia, vi Matteo virar as costas e encostar a porta do quarto.

E estando sozinha pela primeira vez, desmoronei.

De joelhos no chão, a imagem de Louis indo embora voltou com tudo na minha mente. Por que doía tanto, se eu sabia que esse momento chegaria em algum minuto? Por que, depois de tudo, eu não conseguia ter raiva dele?

Louis sempre foi honesto sobre seus sentimentos por mim, mas até nisso eu me iludi. Achei que sua obsessão fosse, alguma hora, se transformar em amor. Pensei que, fosse lá o nome do que ele sentia por mim, fosse mais forte do que aquela natureza obscura e maldosa dele.

Meu peito sangrava por dentro por saber que havia sido deixada por ele.

Doía visceralmente enxergar quem Louis era de verdade e saber que, tudo o que vivi até ali, o bom e o ruim, foram consequências daquela paixão cega, do meu amor doentio por alguém que eu tinha quase certeza que não fazia ideia do que amor significava. As marcas de sangue em mim e na minha roupa provavam isso.

Ele me tocou. Ele viu nossa criança crescendo dentro de mim. E ele não ficou.

As lágrimas desceram grossas pelo meu rosto.

Minha boca tinha sabor de ingratidão e era amargo demais.

Louis era ingrato porque, de tudo o que eu havia feito por ele, a mais desafiadora tinha sido amá-lo. E não havia um pingô de retribuição.

Quando eu finalmente não aguentei de dor de cabeça por chorar tanto, me ergui com dificuldade e me arrastei até o banheiro, me livrando das roupas sujas, louca por uma boa escovada de dentes, um banho decente e a invenção de um sabão forte o bastante para limpar meu peito de todo aquele peso.

Estar morta, definitivamente, seria melhor.

Mortos não sentiam nada, e o que eu sentia só me fazia querer morrer.

Quando saí do banho, meu couro cabeludo estava machucado e minha pele estava vermelha e sensível graças à água quente e a força com que me esfreguei. Minha gengiva chegou a sangrar quando a escovei com a escova de dentes limpa que encontrei no armário e precisei agradecer por meu cunhado, ou fosse lá o título que Matteo levava agora que na minha cabeça Louis e eu não seríamos mais um casal, por receber mulheres que pareciam satisfeitas em esquecer coisas para poder voltar. Isso ia dos produtos de higiene, a pequenos detalhes como brincos sobre o armário, uma camisola dobrada dentro do armário, mais toalhas do que um homem solteiro precisaria... Enfim, nada a reclamar, nem me intrometer. A vida de Matteo era dele e, até então, ele não parecia em nada como Louis.

A mulher que ganhasse seu coração teria sorte.

Tentando afastar a cabeça do assunto relacionamentos, me enrolei na toalha e voltei ao quarto, notando o closet meio aberto. Como se algo estivesse muito além do tamanho da prateleira de cima para a porta fechar direito. E, com a minha sorte no desastre, foi puxar a maçaneta que a caixa veio ao chão.

O barulho chamou a atenção de Matteo, e ele chamou alto:

— Elizabeth? Algum problema?

— Não, eu... — Conforme eu me abaixei para pegar a caixa e a ergui pelo fundo, a tampa dela ficou no chão. Tudo o que tinha dentro dela ficou ali, exposto. Inclusive, o blusão azul-claro que eu nunca me esqueceria, junto daquela merda de máscara de palhaço.

O ar foi sugado de mim numa velocidade que quase me engasgou.

Meu corpo todo tremeu.

Precisei tocar a máscara para saber se era real.

E era.

Real *pra caralho*.

— Ei, está tudo bem? — A porta do quarto gemeu quando foi aberta por ele e meu reflexo me fez saltar, ficando de pé num pulo, com aquela merda na mão.

Quando ele viu o que eu segurava, seu rosto mudou. O sorriso sumiu, seus olhos pareceram escurecer, sua postura mudou.

— Foi você — falei baixo, dando um passo para trás. — Você esteve lá, é por isso que sabe da puxada de cabelo que levei... Eu não contei isso para ninguém.

E com a máscara que era seu rosto rachando de uma só vez, ele deu um meio-sorriso e disse:

— Demorou para entender, não é? — Matteo colocou as mãos ao lado do corpo, pronto para agir.

— Não. — Neguei com a cabeça. — Não pode ser. Eu sei que foi você que ajudou Giovanna e Zola. Você mesmo já me acolheu antes. Não foi você, não pode ter sido você... — Minha voz embargou.

O carinho e o respeito que eu tinha por aquele filho da puta foram dissolvendo enquanto eu compreendia tudo.

— Ah, você não vai chorar, não é? Não está magoada, está?

— Matteo, eu confiei em você... — soprei, mantendo a distância entre nós, dando um passo para trás, conforme ele vinha para frente.

— Você e todo mundo. Meu irmão se diz tão inteligente, tão superior, que não quis enxergar que era eu o tempo todo.

— E por quê? Você é poderoso, por que trair seu irmão? — A indignação ardia na minha língua.

— Porque o poder que eu tenho não é nada ao poder que eu quero. Louis roubou isso no dia em que decidi voltar da Itália. Ele roubou tudo de mim! Eu seria o Don. Eu seria o dono desta porra de país! Eu, não ele! — Matteo gritava. — Mas agora a Dark Hand está quebrada. Eu tirei você de Louis e deixei o cão solto. Ele ficou tão louco, se você soubesse... Ninguém gostou do que Louis fez, ou como enfiou isso pela goela de cada um de nós. Você acha que viu sangue hoje? Você não sabe o que seu querido namorado fez na sua ausência.

— Matteo, o que você fez? — Eu tentei enrolá-lo, dando mais um passo para trás, entrando no estreito espaço entre a cama e a parede.

— Eu acabei com Louis. Ele, depois de hoje, não será nada além de uma lenda.

— Você não vai conseguir matá-lo.

— Não? — Ele gargalhou. — Tem certeza? Você, Elizabeth, é a distração perfeita. Meu irmão nunca vai me perdoar por tudo o que fiz, mas vou tirá-lo do controle mexendo com você. Louis não será misericordioso, ele não vai querer me dar uma morte rápida e simples. Você é a minha cartada final.

— Espere — ergui a mão, vendo Matteo perto demais — você quer me usar como distração? — Fingi estar mais ofendida do que realmente estava.

— Dos dois jeitos, eu ganho, Elizabeth. Se ele te quiser viva, não vai arriscar. Se ele não quiser... Enquanto ele gasta sua bala em você, a minha cuidará dele.

— Eu não sou um brinquedo, Matteo.

— Ah, é sim. E é um brinquedo pelo qual eu esperei muito para poder colocar as mãos.

Apesar de machucada, cansada e louca, eu queria sobreviver.

Matteo avançou para cima de mim, mas pulei sobre a cama. Ele se jogou para pegar meu pé e minha única reação possível foi chutar a cara dele. Em um segundo, eu estava na cama, no outro, no chão, correndo para fora do quarto, pronta para sair do apartamento. Mas o universo, Deus, ou sabe-se lá qual nome eu podia dar para quem comandava tudo, não gostava de mim.

A mão dele acertou em cheio meu cabelo.

— Desta vez, eu peguei. — E dizendo isso, ele deu com a minha cara contra a parede.

Meu corpo amoleceu, meu rosto formigou, meus olhos encheram d'água.

O cheiro de sangue inundou meu pulmão e o gosto dele se espalhou na minha língua. Matteo continuou me segurando, mesmo quando meu corpo foi ao chão, e ignorando que a toalha ficava pelo meio do caminho, me arrastou junto dele para o canto da janela.

O atrito entre o chão e minha pele fez a madeira cantar.

Tentei me livrar das mãos dele, mas era a mesma coisa que nada.

Matteo não se importava com nenhum esforço meu, na verdade, parecia achar graça.

— Enquanto você estava lá dentro, eu estava terminando de ajeitar seu presentinho especial. — Ele me ergueu do chão pelos cabelos e, quando fiquei de pé, puxou os cabelos da minha nuca, me obrigando a olhar para cima.

O gancho brilhou, preso em um ferro parafusado no teto, no limite da janela. — Soube que você adora essas coisinhas. — Ele sorriu e o desespero me consumiu.

Eu me debati, querendo me afastar, mas ele não deixou.

Matteo era mais alto, mais forte e tinha uma motivação cega, doentia.

Mesmo assim, tentei afastá-lo. Tentei lutar. Eu gritei a plenos pulmões.

Mas naquele duelo vertical, comigo nua, Matteo ganhou.

O soco que ele deu na minha cabeça fez tudo girar e minhas pernas cederam.

Sentei no chão, com medo de desmaiar e ele se aproveitou disso para pegar meus braços. Ele os uniu e pacientemente, passou a corda que estava no chão em volta dos meus pulsos, várias e várias vezes, fazendo minhas mãos ficarem vermelhas com o sangue preso.

— Você não vai conseguir — rosnei. — Vamos morrer nós dois aqui, mas você não vai conseguir... — Ele não me deixou terminar. Sua mão veio contra minha boca e eu senti ainda mais forte o gosto de sangue.

— Cale a boca. — O recado foi dado entredentes e eu, sabendo que podia ser pior, não me movi, nem disse mais nada até ele finalizar.

Quando terminou, meus pulsos estavam juntos um do outro e ele passou a corda mais grossa entre aquela amarração, fez um nó e o que sobrou, passou gancho.

— Não — reclamei, quando olhei para cima. — Não, por favor, não!

— Você nem sabe o que te espera ainda. — E sorrindo, ele se afastou, pegando um dos bancos em frente ao balcão.

Por um segundo, eu quis achar que estava errada e fechei os olhos.

Quando ouvi o som de vidro quebrando, soube que não.

Olhei sobre o ombro e vi Matteo terminando de jogar os pedaços presos para fora.

— Você não...

— Ah, eu sim, Elizabeth. Eu vou, sim.

Não era possível que alguém conseguisse ver graça naquilo, achar divertido, mas Matteo comprovou que nem todo mundo tinha o mesmo senso de humor.

Feito aquilo, ele me obrigou a ficar em pé puxando a corda e, quando eu estava totalmente erguida, me içou.

Meus pulsos queimaram, lágrimas racharam meu rosto.

As memórias vieram piores.

Lembrei o que a primeira vez içada nua fez comigo, também da mais recente, com risco de ser estuprada. Doeu tanto quanto a dor física e eu sabia que estar grávida não me salvaria agora. Para Matteo, aquilo era só mais um bônus.

— Matteo, por favor... — Minha voz saiu fraca demais.

— Por favor?

Ele se aproximou, segurando meu peso todo naquela corda grossa em apenas uma mão e, dando mais um tapa ardido na minha bochecha com a mão

livre, me pegou pela cintura, enfiou o rosto entre os meus seios e cheirou minha pele. — É assim que você pede para o meu irmão te foder?

Fechei os olhos, tentando me conter, sentindo o medo endurecer minha coluna ao perceber que Matteo estava excitado com tudo aquilo. Se era uma competição entre irmãos... Eu não queria nem pensar.

De repente, parecendo empolgado, ele me soltou um pouco e meu corpo desceu para ficarmos face a face.

Muito sutilmente no começo, Matteo roçou o nariz pelo meu corpo, traçando o caminho até minha bochecha esquerda. Aquilo só fazia meu nojo crescer.

— Eu sempre soube que você era durona, Elizabeth. — Ele lambeu minha bochecha e seguiu com a língua pela minha pele, até minha boca. Eu não correspondi, e ouvi sua voz dizendo bem baixinho: — E nunca deixei ninguém te tocar. Sabe o motivo? — Fugi do rosto dele, mas aquilo só o fez achar graça. A risada solta bateu contra minha pele. — Porque eu queria fazer isso... Eu e mais ninguém — Matteo contou como um segredo.

Virei o rosto, mas sua mão na minha mandíbula me obrigou a voltar para ele.

— Abra os olhos. — Eu não o fiz de primeira, mas, ele com a mão firme na minha garganta, me sufocando, não tive outra opção. Encarei seus

olhos, sabendo que dentro dos meus o mais puro medo transbordava e não vi nada de bom nos dele. — Ah, Elizabeth, eu nem acredito que, finalmente, estamos aqui...

Ele riu, minha vontade era de cuspir em sua cara, mas me contive pois mal conseguia respirar.

— A Dark Hand, o país, o dinheiro, o poder... Tudo o que Louis teve até hoje, será meu. Inclusive, você.

— Eu não sou uma mercadoria.

Matteo me ignorou, mas desceu o rosto para a curva do meu pescoço e beijou, mordiscou e lambeu minha pele.

— É sim. O brinquedo que Louis deixou para trás, porque havia outras coisas com que se divertir... — Doeu mais que um tapa ouvir aquilo. — Mas eu vou cuidar muito bem de você.

A mão que estava na minha garganta desceu pelo meu corpo.

Eu quis vomitar.

Ele apertou meu seio, minha cintura. Contornou minha coxa e então, me tocou entre as pernas. Eu mordi o lábio inferior com força. Tanta que senti gosto de sangue.

— Vamos, Elizabeth...

E ali eu estava pronta para deixar que Matteo atirasse de uma vez pela janela.

Acabaria com toda a dor, com todo o problema, antes de estar presente enquanto ele me violava.

Fechei os olhos, sentindo suas carícias e pensei nos meus pais, em Isabella, nas mil vidas que imaginei, nas poucas que havia conseguido escrever. Pensei nos lugares que eu queria ir, nos amigos que fiz, nas vezes em que me levantei, mesmo depois de ser consumida pelos incêndios que atingiram minha vida, e no bebezinho no meu ventre.

Ele, ou ela, não tinha um futuro. Se tinha, dentro daquele mundo, só seria ou outro Louis, ou outra Giovanna. Ou pior, um Matteo.

Acabar com tudo era melhor. Não mais fácil, mas melhor.

Eu descansaria, já que não havia sobrado nada do meu coração para sobreviver depois daquilo.

Juntando toda a coragem dentro de mim, enquanto reunia as últimas forças para tentar me salvar uma última vez, alguém bateu violentamente na porta.

Matteo olhou para trás, e parecendo satisfeito, se afastou de mim e disse baixo:

— É a hora do show.

De trás de sua calça, ele tirou uma arma, e me colocando para o alto de novo, empurrou meu corpo, fazendo o gancho que me prendia ranger, conforme a estrutura de ferro, frágil demais para o meu peso, ia avançando para fora dos limites do apartamento.

Eu não aguentei, olhei para baixo e gritei.

Meu algoz não ligou.

— Se eu fosse você, não me mexeria muito. — Sem opção, com o corpo parte dentro e parte fora do que minutos antes era a porra de uma parede de vidro, vi Matteo enrolar a corda melhor em seu braço esquerdo e ficar em pé ao meu lado.

Quando finalmente a porta veio abaixo, nós dois olhamos para a pequena multidão de gente que entrava no apartamento e toda e qualquer força minha sumiu ao ver Louis entre os rostos conhecidos.

Diabólico, lindo e cheio de crueldade, ele apontou a arma na direção do irmão.

Matteo riu, movendo o braço de leve, me balançando completamente nua na frente de Zola, Leonel, Felippo, Fiama, Giovanna e do irmão ao qual parecia adorar provocar.

— É agora que começa a brincadeira — o traidor disse, me segurando com firmeza. — Você demorou, irmão. Achei que fosse mais esperto, mas, se tentar alguma coisa, Elizabeth morre. Estamos unidos pelo fio da vida, literalmente.

O tom vitorioso em sua voz era nojento.

E, mesmo que eu soubesse que não teria nada lá para mim, mesmo com a vida mais em risco do que nunca, olhei para Louis, tentando ler a tempestade em seus olhos castanhos.

Atire. Apenas atire — pensei.

Seria mais fácil, mais rápido.

Vamos, atire! — implorei em pensamento.

Mas ele não o fez.

CAPÍTULO 46

Eu não consigo escapar desse inferno
Tantas vezes eu tentei
Mas eu continuo preso por dentro
Alguém poderia me tirar desse pesadelo?
Eu não consigo me controlar
E daí se você pode ver o lado mais negro de mim?
Ninguém jamais mudaria
Esse animal que me tornei
animal i have become, cole rolland

Matteo Luppolo

Eu me lembrava perfeitamente do dia em que Louis foi levado para a Itália.

Foi naquele dia que perdi minha mãe, e que meu pai fechou a porta do meu quarto para a nossa primeira conversa de homem. Com ele longe, assumindo a Cosa Nostra no futuro, eu seria o próximo Don da Dark Hand. E, mesmo novo, mesmo pequeno, mesmo sem entender muita coisa, eu sentia nos meus ossos que aquele era meu destino. Por isso, quando chegou a hora da minha iniciação, eu não dei um pio quando meus dedos foram quebrados,

ou chorei quando o corpo sem vida da prostituta que eu havia matado caía nos meus pés.

Eram meios de chegar a um fim.

De ser um bom filho.

De ter tanto poder que ninguém poderia me negar nada.

Mesmo me lembrando daquele caminho com exatidão, nada superaria a memória viva do dia em que meu sonho se enfiou no primeiro bueiro e afundou feito merda.

Louis havia voltado.

Por causa dele, a mulher que eu conheci como mãe, carinhosa e dedicada, se transformou em uma parede de gelo. E notei que o jeito que meu pai olhava para ele, com os olhos brilhando, cheio de orgulho, não era o mesmo com o qual olhava para mim.

Eu era a promessa. Louis era a palavra riscada em pedra.

E naquele dia, quando o demônio que tomou o corpo do meu irmão colocou fogo na minha cama ao voltar para casa, exigindo seu quarto, prometi que um dia eu o faria pagar.

Conforme nós crescemos, eu achei que Louis seria esquecido.

Mas dentro de casa, minha mãe só tinha olhos para a garotinha tagarela e para o bebê deficiente. Quando, por acaso, seus olhos verdes vinham sobre os meus, eram vazios, como se ela visse a sombra do que Louis havia feito refletido em mim também. Da primeira vez que ela bebeu e invadiu meu quarto para estapear o meu rosto, eu tinha dezesseis anos e as palavras dela ficaram gravadas a fogo na minha alma.

— Você será pior do que ele. Eu sei!

E, depois de tantos anos, e de um jeito diferente, eu era.

Foi em um final de agosto, um ano depois de tomar posse oficialmente do meu cargo, que fui convidado à casa dos Gonzales. Arturo era um homem cheio de extravagâncias. Me levou do aeroporto para conhecer seu negócio, mostrou como o tráfico de drogas na cidade era forte, exibiu seus coiotes, seus prostíbulos, sua mansão e, em um jantar cheio de música, dança e mulheres dos mais variados tipos, ele me mostrou sua família.

Juan era um garoto magricelo, mimado e cheio de si. Comia com sua arma no colo, mandando um recado nada sutil a qualquer um que o olhasse torto. Já Miranda...

Ela se atrasou, e quando apareceu, foi como se tudo ao redor parasse para admirá-la.

Eu nunca havia visto um corpo daqueles. As proporções eram, na minha concepção, perfeitas. O vestido de paetê prata, curto e colado, com alças tão finas que o peso dos seios dela poderia arrebentar a qualquer minuto, fizeram o pensamento impuro surgir numa força sem tamanho.

O efeito foi imediato nas minhas calças, mas eu era bom em disfarçar.

Parecia que aquele jogo era algo que ela fazia constantemente, exibindo a jovialidade por todo o canto, provocando, tendo toda a atenção masculina de volta só para desprezá-la no segundo seguinte.

E eu a decepcionei.

Meus olhos nos dela eram duros, sérios.

Eu a queria.

Podia imaginar como seria fodê-la naquela mesa, com o pai como plateia.

E a maldita disse as palavras certas quando veio me cumprimentar.

— Você é o irmão do grande Don Luppolo? Papai já te fez a proposta?

A dona da mão macia e pequena dentro da minha me encarou com seus longos cílios escuros. Sua boca bem-desenhada e cheia guardava um sorriso de canto provocador.

— Miranda, não se apresse. — A mão de Arturo sobre o ombro da filha era uma reprimenda delicada. — Matteo chegou hoje, deixe que ele conheça nossa casa, que se atualize dos negócios...

Eu não respondi à garota, e do mesmo jeito que minha cara estava fechada antes, ela continuou.

Miranda, oficialmente, foi a primeira coisa que decidi roubar do meu irmão.

Depois de uma semana dela usando roupas coladas demais e suas pequenas provocações durante os jantares, em uma madrugada quente, ela invadiu a ala da casa que Arturo havia dado a mim e aos meus homens.

Eu era o único ali naquele momento e assisti quando, com os cabelos escuros em ondas muito bem-feitas, ela veio numa camisola prata cheia de nós bonitos nas costelas e pés descalços.

— O que faz aqui, *chica*? — perguntei, mas fui ignorado mais uma vez.

Miranda caminhou até a geladeira no canto da sala, abriu a porta e pegou uma cerveja. No segundo seguinte, eu estava em suas costas.

Aspirando seu cheiro, sentindo o calor de seu corpo.

— Eu perguntei, o que você faz aqui? — Girando sobre os calcanhares, ela pareceu gostar quando eu a prendi contra a parede, com ambas as mãos espalmadas no papel de parede preto e dourado, não tocando nela.

— Não sabia que você falava espanhol — ela disse em um inglês cheio de sotaque, e sorriu, abrindo a tampa da garrafa com a mão. — Está muito calor, e aqui é mais perto do meu quarto do que a cozinha.

— Mentirosa — rosnei para ela. — Eu sei onde fica seu quarto.

— E por que não foi até lá? — Virando a long neck na boca, propositalmente ela deixou que o líquido gelado descesse por seu queixo, pescoço, garganta e meio dos seios.

Foi impossível não acompanhar o trajeto.

— Porque eu seria morto pelo seu pai.

Lentamente, tirei os olhos dos seios dela e voltei a encará-la.

— E você é o tipo de homem que tem medo do meu pai?

Eu não respondi. Minhas mãos grudaram no corpo dela ao mesmo tempo que sua boca na minha. A garrafa foi ao chão, mas ninguém ligou.

Eu a coloquei sobre o aparador, devorando sua boca, apalpando seu corpo, tendo suas pernas ao redor da minha cintura me puxando para si.

A garota tocou meu corpo, marcou minha pele com as unhas e, quando notou que eu estava duro feito pedra, me empurrou.

Achei que ela correria, mas Miranda me guiou, me empurrando pelo peito até o sofá, me fez sentar e, depois de colocar o cabelo para o alto, liberou o nó de trás do pescoço, fazendo a camisola descer por seu corpo como se uma obra de arte fosse despida na frente da plateia sedenta.

Ela se ajoelhou entre minhas pernas, apenas de calcinha, um fio de renda rosa-claro, e sem uma segunda ordem, com os olhos nos meus, botou meu pau para fora da calça e o chupou como a porra de uma profissional.

Eu quase me desfiz na sua boca, o tesão por aquela garota era acumulado desde o primeiro dia que coloquei os olhos nela. Quando a puxei para cima e a coloquei no meu colo, Miranda me parou.

— Não — ela ordenou.

Não era uma simples sugestão. A filha da puta estava mandando em mim.

— Você não pode chegar aqui, me chupar como uma puta, e achar que é assim que vamos terminar as coisas.

Os olhos dela se estreitaram.

— Eu não sou uma puta. Eu sou A puta. E minha virgindade está reservada ao meu futuro marido.

— Que seria?

— Louis Luppolo. — Ela riu e saiu do meu colo, mas não houve protesto quando a puxei de volta pela cintura. Me encaixando nela, só com o tecido fino entre nós.

— Eu vou gritar e meu pai vai matar você — ela ameaçou.

— Eu não tenho medo — respondi, tentando entender o jogo dela, esfregando meu pau pela extensão de sua boceta.

Miranda era quente mesmo por fora, e estava encharcada.

A filha da puta queria.

— Se não tem, é você quem deveria ser o Don. E meu marido. — A seriedade em seu rosto era impressionante, ainda mais quando foi ela que encostou com os braços nos meus ombros, e com a boca próxima à minha, começou a se esfregar em mim.

Sua cintura solta rebojava com pressão contra mim, enquanto sua boca na minha gemia baixinho. Miranda roçou em mim com tanto vigor que, de repente, mordiscou meu lábio e gemeu alto.

A desgraçada tinha gozado sozinha.

Foi a primeira vez na vida que fiquei sem reação.

Ela saiu do meu colo, colocou a camisola de volta e, do mesmo jeito que entrou, sem dizer nada, ela saiu. E foi aí que o inferno na Terra começou, porque depois daquela madrugada, a filha de Arturo Gonzales virou minha perdição, até começar a me ignorar.

Miranda parou de ir aos jantares, não cruzava nunca comigo em nenhum dos corredores, e nem em sonho aparecia na minha ala da casa. E eu não podia deixar aquilo por menos.

Na sétima noite sem sinal dela, invadi seu quarto.

No escuro, demorou para enxergar alguma coisa, mas quando a vi, mais uma vez, fui surpreendido. O cheiro dela foi a primeira coisa que senti, e quando me virei, Miranda tinha um punhal na mão, erguido na altura do meu pescoço, e se eu vacilasse, ela me cortaria.

— Senti saudade? — Não havia um pinga de emoção em sua voz.

Aquilo me encantou de um jeito que eu não podia colocar em palavras.

— Quantos anos você tem?

— Dezesseis. — Ela era uma menina. E me punha contra a parede. — E eu não convidei você.

— Eu não preciso de convite.

Mesmo sabendo que o punhal me machucaria, eu puxei seu rosto para o meu.

O toque daquela boca na minha fez com que meu pau acordasse de imediato.

O toque dos seios dela contra meu peito entregavam que o efeito não era só em mim. A garota largou o punhal e entrelaçou as mãos no meu cabelo. Eu a puxei pela cintura e deslizei as mãos por sua bunda, puxando seu corpo para erguê-lo e jogá-la na cama.

Sua roupa daquela vez era muito mais precária do que na outra noite. A camisola curta foi erguida e eu fui surpreendido. Entre suas pernas, observando a menina ansiosa me olhar com os cotovelos apoiados no colchão, toquei a pele nua. Ela não usava nada, e meus dedos percorreram a pele lisa, quente e molhada com uma lentidão que a fez morder a ponta da língua.

Eu não percebi, mas xinguei em italiano e ela sorriu.

Só por isso eu me ajoelhei para Miranda, agarrei seus quadris e a devorei. Seu clitóris inchado sob a minha língua me deixou louco. Eu a lambi, provei, e me dediquei até que pudesse ouvi-la de novo.

E ela não me decepcionou.

Sentada, puxou meus cabelos enquanto empurrava os quadris contra o meu rosto e se esfregava em mim, parecendo que marcava o território.

Ali, entendi que, não só por roubar a chance de Louis tê-la, eu a queria.

E junto daquela pequena mente diabólica, nós estruturamos o nosso império.



Levou quatro anos até Miranda dizer ser uma boa hora.

Ela tinha controle sobre alguns homens do pai, e com as informações certas, não foi difícil começar a frustrar os planos da Dark Hand. Arturo, inclusive, me viu como inimigo quando menti para ele e falei que Louis iria entrar no México com nosso pessoal. Foi sob a cortina de fumaça de uma briga de máfias que Miranda pôde vir para os meus braços, sem precisar se esconder. Seu disfarce para viajar, os documentos que arranjei, o controle que eu mesmo fazia das filmagens por onde ela passava... Tudo era milimetricamente calculado para que MS-13 e Dark Hand se chocassem. Louis seria morto alguma hora, ou Arturo, quem morresse primeiro daria a cadeira a nós para conquistar o outro lado. Eu só não esperava que meu irmão fosse tão difícil de matar.

Manipulei Salvatore, instiguei problemas internos, fiz os capos todos acharem que estavam sendo prejudicados e se voltarem contra Louis. Quase consegui que seu próprio conselheiro o matasse. Brinquei com Elizabeth durante esse tempo, fiquei curioso com o que ela tinha para fazer Louis mover céus e terras por causa daquele rabo, mas nada, nem ninguém, em nenhum lugar, teve controle sobre mim como a mulher que eu havia escolhido para ser minha rainha.

Miranda, com o tempo, sentiu falta da Família. O encontro com Arturo não foi fácil, mas ela o convenceu de que os nossos planos eram bons para toda a MS-13, ainda mais quando abri as portas de Miami para recebê-lo com seu povo.

Nesse tempo, com tudo acontecendo como deveria, eu quase fui descoberto por um Luca Matteucci curioso demais sobre a morte do filho, e quando ele soube de Miranda, quando a viu, eu não tive outra saída.

— Você, seu filho da puta! Você matou meu filho! — ele vociferou contra mim dentro daquela sala apertada.

— E agora vou matar você. — Dei o tiro certo e, pela primeira vez, me desculpei por uma morte.

Eu gostava de Luca. Era uma pena ele nem pensar na possibilidade de ser meu parceiro dentro do submundo.

Forjar a morte dele, organizar o golpe que deixaria meu irmão alucinado, trazer mais caos para dentro da Dark Hand, tudo aquilo ia perfeitamente bem.

Se não fosse a boca grande de Arturo, sua mania de grandeza e a loucura que o consumiu depois de perder o filho.

Meu sogro tinha colocado tudo a perder quando achou ser capaz de manipular Lorenzo Ferioli.

Aquele bastardo maldito era o único que eu não havia conseguido dobrar.

Quando vi Louis morto aos pés dele, por um segundo, tive ódio.

Um ódio desproporcional, de Lorenzo e de Arturo.

Naquele minuto, eu quase quebrei a promessa que fiz à minha mulher, porque era inadmissível que a morte do meu irmão fosse por outra mão que não a minha.

E ali, segurando o peso de Elizabeth naquela corda frágil, com a arma apontada para o meu irmão, finalmente eu não precisava mais me esconder.

Depois de tanto tempo, eu não precisava mais fingir.

— Matteo, que porra você está fazendo? — A pergunta de Louis foi feita em um tom de voz baixo, sério. Eu queria que tivesse mais raiva, descontrole. Que ele mostrasse o líder incapaz que era.

— Você é tão soberbo... Me acha tão inferior, que toda vez que estava na sua cara que era eu, você preferiu acreditar estar errado. Você não me acha bom o bastante para ser igual, irmão. É isso?

— Filho... — meu pai tentou, se aproximando pela esquerda.

Aquilo me doeu. Ele viria, mais uma vez, defender seu pequeno monstro.

Idiota, cuzão, fraco. Era isso que Leonel Luppolo era.

— Filho? — cuspi com a raiva esquentando o peito. — Agora? — debochei. — O que foi, pai? Esqueceu que eu não prestava mais, depois que Louis havia voltado e limpado sua merda na Europa? Que o cargo que ocupo hoje foi um cala boca, um prêmio de consolação? Quem dá as regras aqui sou eu e, Louis — voltei minha atenção ao meu alvo —, agora é sua chance. Ou você abaixa a arma e fica de joelhos, ou Elizabeth morre. E aí, o que vai ser?

Com uma simples puxada, coloquei o corpo dela completamente para fora do apartamento, e pude ver, pela primeira vez desde que meu irmão

havia se tornado o que era, dúvida em seus olhos. E o sabor daquilo não tinha como confundir. Era de vitória.

Eu havia ganhado.

CAPÍTULO 47

Você consegue ouvir o silêncio?

Você consegue ver a escuridão?

Você consegue restaurar o que foi destruído?

Você consegue sentir, você consegue sentir meu coração?

Você consegue ajudar os sem esperança?

Bem, eu estou implorando de joelhos

Você consegue salvar minha alma bastarda?

Você vai esperar por mim?

can you feel my heart, bring me the horizon

Louis Luppolo

Depois de todo aquele tempo, de toda aquela baderna, finalmente algo fez sentido.

— *Fratello*, você me ajudou, como pode fazer isso com Elizabeth? —
A voz da minha irmã vinha embargada, e ela se aproveitou da brecha do meu silêncio para tentar acessar o que acreditava ser a parte boa de Matteo.

Giovanna, mais uma vez, mostrando que sua fé era inabalável mesmo, quase me fez rir. Se fosse outra situação, eu estaria gargalhando.

— Você, mais do que ninguém, Giovanna, deveria entender. Eu vou cortar o mal pela raiz, irmã. Salvei você e vou salvar a Dark Hand. — Os olhos dele não deixaram os meus. — Serei um líder muito melhor. — Matteo tentou esfregar minhas falhas como sal nos meus machucados e quase conseguiu.

Mas éramos feitos do mesmo material.

Éramos monstros.

Era disso que aquela família era feita.

A loucura nos olhos do meu irmão beirava à bestialidade, mas não me rendeu.

Minha mente, enfurecidamente, procurava uma maneira de chegar até ele e consumi-lo. Uma morte rápida seria boa demais para o ser que, por mais de um ano, bagunçou meus planos e fodeu minha casa. Uma morte rápida era misericordiosa demais para quem merecia, pelo menos, dez anos como meu brinquedinho particular.

Matteo merecia a marca de cada um dos homens da Família.

Merecia que eu arrancasse suas unhas, cortasse seus dedos, queimasse seus pés e suas mãos. Ele merecia que eu removesse sua pele, que furasse seus olhos, que cortasse sua cabeça e a deixasse apodrecer.

E eu queria fazer isso e muito mais.

Queria tanto que meu estômago retorceu de ansiedade.

Minha necessidade do seu medo, do seu sangue, da minha vingança era tão grande que eu dei um passo para frente.

— Fique bem aí! — Ele aumentou o tom de voz.

A visão dele em frente ao nada, com Elizabeth pendurada do lado de fora e descendo mais, conforme ele soltava mais a corda para demonstrar que não estava brincando, me deixou louco para avançar.

Com o perigo da descida, Elizabeth deu um grito de pavor e fechou os olhos, movimentando a cabeça para cima, como se procurasse por Deus em algum canto do céu. Era uma pena que eu havia tirado isso dela.

Foi graças ao seu desespero, ao seu grito, meus olhos que estavam concentrados nele, mudaram de alvo.

O quanto eu já havia destruído aquela menina?

As lágrimas brilhavam em seus olhos verdes e molhavam seu rosto, fazendo pequenos rastros pelas manchas de sangue espalhadas por sua face.

Matteo havia batido nela e isso fez meu ódio por ele se multiplicar em mil.

Eu o abriria ao meio, mas como?

— Louis... — a boca dela soprou num choramingo.

A visão de Elizabeth nua, grávida, exposta até o último na frente de toda aquela plateia, amarrada por um gancho vagabundo para fora do apartamento foi como um tiro bem no meio das minhas mais cruéis intenções.

A garota que eu revirei a vida e fiz de tudo para ter por perto, que quando sumiu levou junto de si toda e qualquer sanidade minha, era o único empecilho entre mim e o meu alvo. Entre mim e uma vingança que duraria, pelo menos, dez anos.

Se eu atirasse em Matteo, Elizabeth cairia junto.

Como eu poderia fazer isso quando tinha a obrigação de ser minimamente misericordioso com ela?

Era fácil.

Eu deveria acertar uma bala no meio de sua cabeça.

Sua morte deveria vir pelas minhas mãos, não pelas de Matteo.

Com um único movimento, libertaria Elizabeth daquele maldito pesadelo no qual a prendi, livraria o mundo de uma criança minha e pegaria meu irmão traidor.

Ele não teria opção. Não teria para onde fugir.

— Sua arma não vale nada aqui, Louis — Matteo cantou, mas eu não liguei.

Se atirasse nela, ele não teria opção.

O ego dele não permitiria que ele se matasse.

E seria rápido com ela. Piedoso.

Um movimento com o dedo indicador e não haveria mais nada.

Nenhuma humilhação, nenhuma dor...

Quando aponte a arma na direção do meu novo alvo, precisei encará-la.

Seu olhar no meu era de descrença.

Eu quebrava a última parte de Elizabeth.

— Vai carregar a morte dela para sempre, Louis... Tem certeza de que é isso que quer? — meu irmão tentou me provocar, mas o movimento da cabeça dela, confirmando que era aquilo que queria, me desmontou.

Enquanto via a cabeça loira de minha mãe se aproximando de Matteo pela visão periférica, não consegui ouvir nada da conversa deles.

Todo som naquela sala era um ruído branco e eu me vi analisando coisas que não deveria. Em cinco segundos, cheguei à conclusão de que sair do meu quarto de hotel naquela noite no Brasil foi um erro.

Ainda assim, estava certo e pronto para arcar com as consequências de apertar aquele gatilho, de ter nas costas o peso da morte dela,

Meu dedo pesou, mas no último segundo, antes que eu pudesse afundá-lo no gatilho, algo me segurou.

De forma impiedosa e precisa, o espaço escuro da minha mente se iluminou como se, naquela noite eterna em que eu vivia, o sol resolvesse dar as caras de uma vez. A visão de Elizabeth no meio da multidão dançante tomou conta do meu pensamento, então sua boca nervosa no banheiro, o meu primeiro não vindo do sexo oposto. Seu sorriso, seus olhos espertos, a brutalidade que abraçava uma doçura que poucos tinham acesso. Senti o gosto do primeiro beijo que roubei dela naquele armazém, vi Elizabeth entre os lençóis na primeira vez que a toquei, ouvi o primeiro gemido que ela deu pronunciando meu nome enquanto sentava em mim.

Lembrei-me de cada um dos momentos em que a tive entre os meus braços antes e depois de despi-la por inteira. Revivi a sensação de tê-la sob aquele falso controle, em como era ser amado por ela, e ainda ter sua fidelidade e o mar de bondade inocente das suas tentativas frustradas de me fazer sentir, pelo menos, até aquele minuto.

A sensação de ficar sem ela nos últimos meses me bateu com força. A agonia que a falta dela causava levou tudo de mim. Eu virei minha pior versão para encontrá-la e já estava perdendo de novo...

Que porra estava acontecendo comigo?

Eu não fazia ideia, só sabia que, de repente, onde nunca houve nada daquele tipo, eu senti dor.

Uma dor que ia além do físico naquele embate que eu não sabia para que lado correr. Minha vontade, tudo o que eu era, tudo o que havia aprendido, tudo o que havia me tornado, implorava pelo sangue do meu irmão. Mas ela, e uma parte de mim que eu pensei estar morta para todo o sempre, pediam socorro.

No meio daquela confusão silenciosa entre mim e Elizabeth, eu quase sucumbi.

Como eu faria aquilo? Como tiraria a vida da minha humanidade sobre pernas?

Como avaliaria em tão pouco tempo o peso que aquela menina tinha na minha vida *versus* a Dark Hand?

Eu não podia deixá-la ir...

Estava quase decidido a colocar o joelho no chão.

Estava a meio puxão de meter uma bala no meio da cabeça dela.

E não sabia o que fazer.

Não podia servir a dois senhores.

Não podia entregar tudo a Matteo, e não podia perder Elizabeth.

E enquanto eu tentava decidir o que fazer, enquanto algo dentro de mim quebrava e se torcia, alguém tomou a decisão por mim.

— Eu amo vocês.

Foi a única coisa que ouvi, e quando prestei atenção, era tarde demais.

A última vez que minha mãe tinha dito aquilo para mim, eu tinha oito anos de idade, e agora, vinte e sete anos depois, era estranho ouvir aquelas palavras. Ainda mais quando elas eram ditas abraçando meu irmão.

Ele atirou nela, mas não mudou nada.

Suavemente, aquela cena terminava em um passo para o nada.

Os corpos de Fiama e de Matteo se juntaram, descendo juntos em queda livre e foi o grito de Giovanna que me trouxe de volta.

Minha mão caiu ao lado do corpo e virei o rosto a tempo de ver Giovanna se descabelar, querendo ir em direção à janela, mas era tarde demais.

Seu marido a segurava, enquanto ela esticava as mãos, na tentativa de segurar algo que nunca mais conseguiria. E eu li em seus lábios o nome dela.

Elizabeth!

Movi a cabeça, olhando direto para o gancho, e ela não estava mais lá.

O vazio me engoliu. Meu joelho foi ao chão tarde demais.

Fui roubado de mim em um mísero segundo e enfiado de cabeça dentro de água gelada. A dor da perda dela era a única coisa que me atingia.

E, por um milagre, meus olhos encontraram com meu pai e Felippo de joelhos, se esforçando muito para puxar algo para cima.

Fiquei de pé e cambaleei quando vi os braços se esforçando para subir.

De repente, o rosto manchado apareceu.

O medo de ela ter ido embora. De ter morrido no processo, fodeu com tudo.

O controle, a diversão, o prazer, a loucura, nada bastaria agora.

Levou um longo minuto para que eu conseguisse enxergar que era realidade, mas finalmente ela gritou e gemeu de dor, como quem renascia. A garota trêmula sobre o chão cheio de cacos de vidro me devolveu os sentidos e o ar que não notei estar segurando saiu dos meus pulmões.

Houve luz, e eu não precisava de um guia para saber de onde vinha.

— Vocês estão ouvindo isso? — Foi Felippo quem disse, depois de se erguer.

Foi quando todos nós ouvimos o som de choro de criança.

Meu conselheiro procurou, até notar que vinha da porta trancada, e a arrebentou num pontapé, encontrando o que tanto procuramos por anos.

Ele me encarou, parecendo surpreso, mas nem tanto e eu vi o que ele tinha visto. Era Miranda, no chão, encolhida contra a mesa, segurando uma criança nos braços.

Ela estava assustada.

A criança não calava a boca, mas nada daquilo me importava naquele minuto.

— Eu a quero no meu apartamento — me ouvi dizer.

Eu sabia que deveria dar um jeito nela, que deveria dar ordens do que se fazer depois de tudo aquilo, mas fiz a única coisa que precisava e avancei para abraçar Elizabeth. Para segurar todo o meu mundo nos braços e tirá-la do inferno no qual eu a coloquei.

Quando a cobri com a toalha de banho, Elizabeth nem mesmo ergueu a cabeça.

Seu choro era carregado de medo, cansaço e tristeza.

Quando eu a peguei no colo e ela não disse nada, nem mesmo me ajudou no processo, eu entendi que havia ido longe demais.

Tudo estava arruinado.

E mesmo que no meu mundo escuro agora houvesse luzes e eu só enxergasse a ela, era muito tarde para exigir qualquer coisa daquela *bambina*. Mesmo assim, eu finalmente tinha uma certeza. Elizabeth era tão dona de mim quanto eu dela.

E eu faria qualquer coisa por aquela mulher, não porque ela era minha, mas sim porque era... Ela.

CAPÍTULO 48

Então olhe no espelho
E diga-me, quem você vê?
Ainda é você?
Ou sou eu?
become the beast, karliene

Fiana Coppola Luppolo

Nada é tão nosso quanto nossos filhos.

Por isso, enquanto o caos estava instalado na cidade, eu coloquei os únicos que podia embaixo do braço, xingando em toda e qualquer oportunidade de abrir a boca o fato de Louis estar fazendo aquilo tudo em plena luz do dia por causa daquela mulherzinha. Eu não entendia o motivo, nem queria.

Frederico estava impaciente, Giovanna tentava se manter sã enquanto o noticiário na TV falava sobre a cidade parada, mas não largava o celular, esperando por algum sinal do marido.

Eu ainda não havia engolido que minha princesinha estava casada com um soldado. Não importava o título que Zola exibisse agora, a raiz era algo que contava muito naquele mundo, e ver minha menina ainda naquele apartamento minúsculo, não era certo, nem justo.

Mas não era hora daquela discussão.

Não quando parecia que ninguém queria me ouvir.

Não quando eu sentia que, pouco a pouco, não tinha mais controle de nada.

Olhando pela janela, a rua lá embaixo e os transeuntes, entendi que a hora sombria em que eu me dava conta de que não tinha nada e não era ninguém, havia chegado.

Achei que seria boa esposa e, no final das contas, vivi as consequências das puladas de cerca de Leonel. Achei que a maternidade era meu papel da vida, e fui atropelada com o desgosto de um filho que representava todas as falhas do mundo ao qual eu achei que estava pronta para enfrentar, e me descobri incapaz.

Tentei resgatar algo com minha menininha e a sufoquei.

Tentei cuidar do filho que, aparentemente, mais precisaria de mim, e via constantemente seu esforço para não explodir comigo.

Se nada era tão nosso quanto nossos filhos, por que eu sentia que nenhum deles me queria como mãe?

Eu odiava o primeiro.

Ignorava o segundo.

Era afastada pela terceira.

E me via falhando com o quarto.

Quantos filhos eu precisaria ter, até acertar com um deles?

Eu não sabia, pelo menos, não até o celular de Giovanna tocar e Frederico sentir uma vibração que nenhuma de nós sentiu. Meu menino de olhos bonitos olhou na direção da porta e Giovanna levantou em um pulo.

— Zola mandou ninguém sair do apartamento, mas... — Ela digitava enquanto falava. — *Dios mio!* — E sem dizer nada, ela correu na direção da porta.

— Giovanna? Explique o que está acontecendo — pedi, indo atrás dela com o irmão, mas ela não respondeu. Abriu a porta da escada e correu degraus acima.

— *Mamma*, aconteceu algo com Matteo? — O pensamento dele foi o mesmo que o meu. Era a única desculpa para Giovanna subir daquele jeito.

Sem pensar muito, subimos atrás dela e cheguei a tempo de vê-la parada na porta da saída.

— Mas que... — Já ia xingar, quando ver o hall do apartamento cheio me fez calar a boca.

Louis se jogava contra a porta do apartamento de Matteo com toda a força.

— O que está acontecendo? — A voz anasalada do meu caçula veio e eu me virei para Frederico, com medo de ser alguma tragédia, eu ordenei:

— Desça. Vá para o apartamento de sua irmã e tranque a porta.

O carinho no rosto de Frederico não foi bem aceito, mesmo assim, ele não discutiu e voltou a descer as escadas.

— Z? — Giovanna chamou pelo marido. — O que houve?

— Amor, é melhor você descer... — o loiro sugeriu, bem na hora que Louis conseguiu arrebentar a porta e, então, o que eu vi de longe, acertou minha cabeça como uma bola de demolição.

Desde o segundo em que tive aquela visão, a minha única certeza é de que havia fracassado como mãe. Matteo, meu menino de olhos doces, o qual eu deixei de lado com medo de perder, realmente se perdeu.

Suas justificativas eram balbuciadas com raiva.

—... Eu lutei por anos pelo meu lugar, e nenhum de vocês reconheceu. Tudo o que ouvi era que ele seria melhor! E agora, como se sentem, vendo que o melhor de vocês falhou? — A risada dissimulada me fez duvidar de que aquele era meu filho. — Louis é o favorito porque é um monstro, então, pai, e, mãe, eu sou pior. Ele matou nosso avô e você o odiou, mãe, mas o que eu fiz?

— Você não fez nada, meu filho.

As palavras saíram da minha boca e eu avancei entre dois titãs.

De um lado, Louis. Meu primogênito, o que teve tudo de mim em intensidade e tamanho. O que foi levado de mim duas vezes e partiu meu coração em tantos pedaços que nunca pude recolher os cacos.

Sujo de sangue, machucado, exalando ódio, com a arma apontada para o outro lado da sala, analisando como agiria.

Na outra ponta, à minha frente, tinha meu menino Matteo. O que sofreu as consequências da decepção que tive com a maternidade dentro daquele mundo louco em que vivíamos. Que traiu a todos, que agiu por puro interesse e se gabava disso para mostrar seu potencial.

Qual dos dois era pior?

Nenhum deles.

O erro foi meu, como mãe.

Eu não deveria ter aberto mão de Louis.

Eu não deveria ter descontado em Matteo a dor que senti.

E Elizabeth, a quem eu não tinha nenhum apreço, estava grávida.

Será que aquela menina seria uma mãe melhor do que eu, se tivesse a chance?

Será que ela conseguiria trazer de volta algum resquício do menino que eu vi ir embora tão cedo dentro de Louis?

A minha troca com meu marido, o companheiro de anos, foi dura.

Ele havia me entendido, não completamente, mas tinha.

— Mas está fazendo agora. Largue essa arma, traga Elizabeth para dentro, seu pai cuidará...

— Eu quero que meu pai se foda — ele respondeu, entredentes. — Eu não estou aqui pela redenção, eu estou aqui porque, agora, é tudo ou nada. Louis tem duas opções, ou se entrega, ou eu mato Elizabeth aqui e agora. A Dark Hand será minha.

— E acha que alguém vai te aceitar como líder? Matteo, olhe bem o que você fez, meu filho. Não há lugar para traições dentro da Família.

— Como você é hipócrita, Fiama! Você, mamãe, aceitou Louis de volta quando ele matou o próprio sangue. Quando matou o seu pai.

Fechando os olhos, saboreando um sabor amargo demais para conseguir colocar em palavras, exclamei num grito desesperado:

— Ele fez o que precisava fazer!

E eu, por todos os anos depois de ler o que meu pai tinha feito com Louis, resolvi odiá-lo para não deixar a culpa cair sobre os meus ombros.

Eu tinha sido a mãe relapsa que havia mandado o filho para o inferno.

E eu o culpei por aceitar de braços abertos tudo o que aquela experiência de vida tinha lhe dado.

Mas a verdade era uma só: sempre soube o que aconteceu com Louis nas mãos do meu pai. Eu só não queria aceitar que tinha sido a responsável por aquilo. Só não queria admitir a minha culpa por ser uma mãe de merda, quando eu precisava estar lá para proteger o meu menino.

Odiar Louis era o caminho mais fácil dentro da minha loucura.

Ignorei Matteo depois de tudo porque era melhor não arriscar o erro de novo.

Giovanna era para ser minha redenção, mas falhei mais uma vez.

E Frederico...

Soltei um longo suspiro enquanto os olhos de Matteo tentavam entender a confusão na minha mente.

— Eu fui uma mãe terrível, mas fui a melhor que podia ser.

— ISSO NÃO É SOBRE VOCÊ, FIAMA!

— Não, mas é sobre o que as consequências das minhas decisões causaram na minha família. Filho, nós dois sabemos que só há um jeito de você sair daqui com vida.

— Não — ele teimou, mas me mantive firme, estendi a mão para Matteo e dei um passo em sua direção.

Eu já estava perto o bastante para tocá-lo.

— *Me entregue essa arma. Deixe essa menina ir.* — Lentamente, pouco a pouco, eu o abracei.

— Não posso — ele sussurrou.

— Mas você não tem opção. — Foi a minha resposta. — Eu amo você.
— Minha voz sobressaiu ao momento, e minha atitude não deixou brechas.

Se eles entendessem o recado, ótimo.

Se não, paciência.

Quando fechei os olhos, sentindo o vento sobre o rosto na queda livre,
soube que estava livre daquele inferno.

Minha dívida estava paga.

CAPÍTULO 49

Não me acorde, minhas paredes se foram
Tenho esse sentimento que não posso aguentar agora
allure, fifth dawn

Elizabeth não saiu do meu colo.

Nem no carro, ou no elevador, ou ao chegar em casa.

Eu só a larguei quando a coloquei sobre minha cama.

A equipe médica já esperava por nós no apartamento, e enquanto reviravam a garota dos pés à cabeça, eu me mantive lá, como um cão de guarda.

Não saí de perto dela nem mesmo quando me costuraram.

O tempo todo, meu foco era ela.

Mas havia algo de muito errado.

Lizzie não falava nada.

O máximo que fazia era confirmar ou negar com a cabeça e resmungar sim e não.

— Acha que ela está em choque? — perguntei ao médico.

— É uma possibilidade. A senhorita Fabbri precisa descansar.

Colheram seu sangue, pesaram, mediram, deram soro e surgiram com a máquina para fazer o ultrassom.

Foi a única hora que os olhos de Elizabeth demonstraram alguma emoção, e ela não era boa.

— O bebê está bem? — ela perguntou, atenta à tela.

— Até então, tudo normal. Essa máquina é um pouco limitada, mas quando a senhorita estiver se sentindo melhor, seria bom ir até o hospital para mais exames e acompanhar esse novo trimestre da gestação, como deve ser feito. Esse menino precisa ser muito bem-cuidado — o médico disse e, como se fosse combinado, nós dois nos olhamos pela primeira vez.

A tensão naquele quarto ficou tão grande que o médico notou.

— Há algo de errado? — O doutor parecia pisar em ovos.

— Tem certeza de que é um menino? — ela perguntou, segurando o choro, desviando o olhar do meu.

— Absoluta, olhe aqui. — Ele indicou no monitor e eu vi que ela desmoronaria.

— Se o senhor acabou, minha mulher precisa descansar — interrompi, em um tom cansado.

— Ah, claro. Se precisarem de algo, liguem que eu e minha equipe estaremos aqui.

Simpático demais para quem falava com alguém coberto de sangue seco e rasgos costurados causados por balas, ele foi rápido em sair.

Quando a porta bateu, parei no meio do quarto, vendo Elizabeth olhar para o teto, segurando o choro com tanta força que a garganta ficava marcada. Pousando as mãos na barriga, ela devia estar rezando.

Eu a amaldiçoei, sabia disso.

— O que quer fazer? — Era a vez dela escolher. — Se quiser se livrar disso...

— Não. — A resposta me deu um fio de esperança.

— Então descanse. Vou dar um jeito nisso — indiquei o corpo sujo — e volto já.

Ela não se moveu durante meu caminho para o banheiro e quando saí dele, ela já estava adormecida, não me dando alternativa a não ser deitar ao seu lado.

Abracei Elizabeth, encaixei o corpo no dela e depois de cheirar seu cabelo, apoiei o queixo sobre sua cabeça, não percebendo o quão cansado estava até que o sono veio e me derrubou.

Nós ficamos naquele estado letárgico e estranho pelos três dias seguintes.

Eu mal saí do lado dela. Quando o fiz, foi só para resolver algum problema urgente ou buscar comida. Nem Edgar, eu permiti chegar perto dela.

Não queria dividir Elizabeth com mais ninguém depois de tê-la longe.

E não era por sexo. Sabia que não era a hora mesmo que estar perto dela exigisse todo o autocontrole que eu tinha.

Eu estava lá por ela, esperando sua hora, esperando que ainda houvesse uma chance de ser perdoado por colocá-la naquela vida. Esperando que o cativoiro não tivesse levado embora sua vontade de ficar comigo. Pensando no que mais eu poderia fazer para convencê-la de que o futuro ao meu lado era algo bom.

Naquela manhã, eu servi o café, ajudei-a a se levantar e fui para debaixo do chuveiro com ela. Banhei seu corpo, beijando todo e qualquer canto, suas cicatrizes, suas novas curvas, menos sua boca. Sentia que não tinha permissão para fazer isso ainda e não quis forçá-la ainda mais. Porém a retribuição veio quando eu menos esperava.

Terminei de secá-la, ajudei-a a vestir o roupão e foi ela quem me parou, ficando na ponta dos pés para me beijar.

Elizabeth tinha um gosto suave na boca. Sua língua foi gentil quando tocou a minha e a reação que tive não podia ser diferente. Abracei seu corpo, entrelacei a mão no seu cabelo e a coloquei contra a parede.

A minha necessidade era assustadora, eu quase a devorei, mesmo assim ela permaneceu. Lizzie permitiu que eu a dominasse e quando dei por mim, estava arrancando o roupão que ela tinha acabado de vestir.

Erguer seu corpo foi instintivo. O calor da sua pele, a textura, contra a minha era tudo o que eu precisava. E enquanto suas mãos me puxavam contra si, me vi duro, pronto, e não pedi permissão. Não consegui controlar. Me encaixei em Elizabeth, deslizando lentamente para dentro dela.

O tempo longe do meu maior vício só fez tudo mais intenso.

Ela estava mais apertada que de costume, mas seu calor, sua umidade, nunca decepcionavam.

Fui até o final, a estocada foi profunda, e senti meu corpo inteiro queimar.

A primeira metida com ela sempre me deixava daquele jeito, e quando ela arfou contra minha boca, abri os olhos para comprovar ter o mesmo efeito sobre seu corpo. Eu só não esperava que Elizabeth estaria chorando.

Ela encostou a cabeça contra a parede, de olhos fechados, as lágrimas correram pesadas por suas bochechas. Ela suspirou e me apertou os ombros. Meus olhos escaparam para sua boca, e então, de repente os olhos verdes estavam abertos, lendo uma parte de mim que sempre fora proibida.

Parei com a porra da boceta dela apertando meu pau como nunca e, com dificuldade até para falar, encostei a testa na dela e perguntei baixo:

— Estou machucando você?

Ela confirmou com a cabeça.

— Mas não aí.

Engoli em seco e afastei a cabeça da dela.

Os olhos verdes continuavam me encarando, semicerrados.

— Quer que eu pare?

— Não. — Ela negou com a cabeça e se ajeitou no meu colo, de um jeito que me colocou para fora de si e sua cabeça ficou acima da minha. Lizzie envolveu as mãos em volta da minha garganta e, numa postura séria e num tom de voz matador, ela acabou comigo. — Faça bem-feito, porque essa é nossa última vez.

E, pela primeira vez na vida, eu sofri o medo de perder alguém.

Queria que ela esquecesse aquelas palavras, que esquecesse os últimos meses.

Queria ter o poder para apagar suas marcas, as memórias ruins, as vezes em que eu a magoei, mesmo não tendo outra opção, mas descobri, lidando com Elizabeth, que eu era limitado.

E determinado a fazê-la mudar de ideia, voltando às origens de como aquela relação se desenvolveu, tomei a boca dela mais uma vez, abracei seu corpo e puxei junto de mim.

Nós tínhamos uma relação fodida com banheiros, e na minha pressa de fazê-la mudar de ideia, na minha tentativa de salvar tudo, carreguei-a para cima da pia.

Elizabeth não reclamou quando a sentei sobre o mármore gelado.

Suas mãos escorregaram para o meu peito, delicada, como se quisesse que, por me dizer que ia embora, as coisas seriam calmas.

Mas eu não era calma. Eu era tormenta, pesada e intensa, que engolia barcos no meio do oceano e inundava casas no meio da cidade. Eu era fogo consumidor, que queimava sem parar e devorava tudo no caminho.

Era isso o que eu era, e era isso que eu tinha para oferecer.

E apesar de Elizabeth parecer querer outra coisa, quando encaixei novamente os dedos entreabertos em sua nuca, enroscando os fios de cabelo

com brutalidade, puxando sua cabeça para trás, conforme deixava seu lábio inferior escapar dos meus dentes, seu gemido de satisfação me deu outro recado.

Eu não fui com toda a sede ao pote daquela vez. Observei o corpo dela, os olhos fechados, a boca de lábios cheios e bem-desenhados entreaberta, as sardas incontáveis que eu nunca consegui chegar a uma conta fechada, o queixo marcado, o pescoço, os seios pesados, ainda maiores e de aréolas mais escuras graças à gravidez, a nova curva no ventre, a cintura ainda mais marcada, as coxas entreabertas... Então olhei no espelho, vendo o reflexo de suas costas.

As marcas do passado vergonhoso que criança nenhuma deveria carregar e as marcas do presente. As lacerações que apontavam que ela era um erro no meio do caminho. Eu não deveria ter remexido sua vida. Eu não deveria ter insistido.

Naquela noite, no primeiro não, eu deveria tê-la deixado ir, já que depois daquilo, eu ganhei um ponto fraco. Suas marcas novas não eram sobre ela. Eram sobre mim, sobre minhas escolhas, sobre tudo o que não percebi e deixei na mão dela:

Minha sanidade, meu corpo e o que restava da minha alma.

Tudo o que me constituiu ali, em frente à Elizabeth, pertencia a ela.

Apreciando cada expressão do seu rosto, cada sutil indicação do seu corpo, curvei a cabeça e rocei o nariz por seu ombro esquerdo. O cheiro de sua pele inundou meu cérebro. Lentamente, percorri o caminho em direção à sua clavícula, depois à curva do pescoço e suspirei pesado.

Elizabeth se arrepiou. Vi quando mordiscou o próprio lábio inferior, segurando um suspiro igual ao meu. Sorri pela satisfação de conhecê-la tão bem e roçando os lábios contra sua pele, os abrindo, coloquei a língua para fora e a lambi fervorosamente. O caminho da curva do pescoço, a garganta. Intercalei com pequenas e intensas chupadas e continuei brincando com o autocontrole dela.

Fiz parecer que desceria, mas voltei pelo caminho que fiz, marcando ainda mais intensamente sua pele, até subir por seu pescoço e morder o lóbulo de sua orelha.

Elizabeth chiou, puxando o ar entre os dentes.

— Você é minha — rosnei baixo e ela não discutiu.

Vi quando lambeu os lábios e entreabriu os olhos, pensando em algo para responder. Não dei tempo, ela era minha inimiga no momento. Ela e sua ideia idiota de ir embora. Num súbito ódio por ela, segurei-a pela garganta, empurrando sua cabeça contra o espelho, privando-a de ar e, quando Lizzie abriu a boca, eu a beijei e ela correspondeu, me desmontando com o gosto

da sua boca na minha. O aperto em sua garganta foi aliviado o suficiente para ela tomar uma lufada de ar, mas eu a segurei com força novamente e, com a mão livre, belisquei o mamilo duro e desci direto para tocar sua boceta.

Senti seu calor antes mesmo de tocá-la, e quando o fiz, meus dedos deslizaram.

Elizabeth nunca decepcionava.

Seu corpo era meu, mesmo que ela negasse além do túmulo.

Passei por seus lábios melando a ponta dos dedos e a abri, buscando o que me interessava. Resvalei no ponto inchado que era seu clitóris e ela tentou fugir, escorregando o quadril para trás. Eu não deixei, a puxei ainda mais para a ponta da pia, afastei suas pernas com as minhas, e voltei a mão para seu clitóris.

Esfreguei-o entre os dedos lentamente e recebi uma mordida no lábio. Ela queria mais? Então teria. Toquei nela com o dedo anelar e o médio, sem muita pressão, mas num movimento circular intenso. Lizzie gemeu alto contra minha boca e eu sorri. Afastei um pouco o rosto do dela, senti suas mãos vindo sobre a minha mão em sua garganta, e quando suas unhas cravaram na minha pele. Eu não parei.

Os olhos verdes me desafiavam, mesmo assim continuei aquele movimento intenso com os dedos, liberando um pouco mais de ar para que ela respirasse melhor e, quando vi Elizabeth quase gozando naquele pouco esforço, parei o que fazia. Ela não gostou. Empurrou minha mão para longe do seu pescoço e eu a deixei livre.

Queria alguma reação, e tive. Ela tentou me puxar de volta, me encaixar entre suas pernas, mas não deixei. Pesei a mão contra o seu colo e a mantive contra o espelho, inclinada, e me curvei sobre ela. Sem cerimônias, abocanhei seu seio direito, sugando com força o mamilo duro na minha língua, fazendo Elizabeth gemer, conforme fazia isso e deslizava dois dedos para dentro dela.

Vi suas mãos segurando na borda da pia, o nó dos dedos brancos, o rosto tenso enquanto a boca entreaberta não suportava mais conter os gemidos e, querendo prová-la, me coloquei de joelhos, sem tirar os dedos de dentro dela, tomei todo e qualquer resquício de Elizabeth com a língua. Seu cheiro me deixou louco. Seu gosto era melhor do que eu me lembrava e mordiscando seu púbis, soprei:

— Que falta senti disso, *bambina*...

Ela não respondeu. Deitou a cabeça para trás e, ao mesmo tempo que eu tomava seu clitóris com a boca e começava um movimento diferente com

os dedos dentro dela, esfregando sua parede interna, Elizabeth gemeu mais alto. Aquilo só me estimulou a seguir, e eu sabia aonde queria chegar. Com a língua maleável, provoquei seu clitóris num ritmo intenso e continuei com os movimentos dentro dela.

Sua mão veio firme na minha cabeça. Elizabeth pulsava contra minha boca, seus dedos contra meu cabelo puxaram com força. Ela soprou meu nome:

— Louis.

Eu não atendi.

— Louis! — ela chamou de novo, mais forte.

Eu a ignorei, mais uma vez.

— LOUIS, PELO AMOR DE DEUS! — ela gritou, tremendo enquanto eu a sentia empurrando meus dedos para fora, e então, direcionei a boca em sua entrada e recebi o jato de Elizabeth.

O gosto suave inundou meu paladar.

Seu cheiro, ela, estava por todo meu rosto e peito.

Meu pau latejava, louco pela sua hora de provar daquilo, mas eu me contive.

Faria Elizabeth pedir, mesmo que fosse pela última vez.

Ergui-me sobre ela, as mãos em seu rosto e, brutalmente, a beijei.

Ela bebeu de si, ainda tremendo, e agarrou meu pau com ambas as mãos.

Meu corpo todo respondeu ao toque.

Parecia que aquele maldito pedaço tinha toda a sensibilidade que o resto não.

— *Cazzo* — xinguei contra a boca dela e a vi sorrir.

— Vou sentir falta disso — ela disse tão suavemente, com um sorriso triste no rosto, que levou alguns segundos para eu processar.

— Você não vai embora — rosnei, segurando em seu pescoço de novo.

Os olhos de Elizabeth se encheram d'água.

Ficamos daquele jeito por quase meio segundo.

Nossas respirações batendo uma contra a outra, os olhares tentando desvendar o que havia na cabeça um do outro, numa guerra silenciosa.

— Você não pode me segurar.

— *Me* deixe domar você. — Juntei a testa na dela, com raiva, beirando o desespero.

— Você nunca pôde.

— Eu posso.

E não deixei Elizabeth responder. Eu a peguei de cima da pia, obrigando Lizzie a tirar as mãos de mim e puxei ela para baixo. Com as mãos em sua cintura, girei seu corpo e, forçando sua nuca, coloquei seu rosto contra o mármore escuro.

Não pensei quando me forcei para dentro dela e a ouvi gemer junto comigo. Eu só queria fazê-la ficar. Só queria que ela entendesse que, depois de tão fodida quanto eu já tinha sido um dia, não havia como fugir. E movendo a mão livre por suas costas, investia contra ela com força, numa intensidade que sabia que nenhum de nós aguentaria muito, ouvindo o barulho de carne contra carne.

Segurando com força em seus quadris, a ponto que eu sabia que machucaria e marcaria minhas mãos nela, investi pesado contra Lizzie, enquanto via seu corpo dançar sobre a pia. Me curvei para beijá-la nas marcas que a faziam única para mim, parando por completo dentro dela.

— Fique — pedi de novo, mas ela não respondeu. — Fique! — gritei, saindo dela e a puxando para mim, peguei-a no colo e coloquei o corpo de Elizabeth contra a parede de novo. Olhando dentro dos olhos verdes, procurando qualquer indício de que conseguiria curvá-la.

— Eu te amo. — Foi tudo o que ela respondeu quando colocou as mãos no meu rosto e me beijou com gosto de lágrimas na boca.

Tudo o que me restou foi me afundar nela, e foi o que eu fiz, literalmente.

Meu pau deslizou para dentro dela, minha boca buscou mais do seu corpo, e ela, conhecendo a si, tocou-se para mim. Seus gemidos e os meus se misturaram.

O preço do que um pedia do outro era demais para aguentar.

Eu sabia que um de nós se quebraria no processo e não era eu.

Abri sua bunda, apoiando seu peso, e quase comecei uma reza, mas o jeito que ela me apertou quando anunciou seu segundo orgasmo me engoliu. Minha mente virou um espaço em branco e, conforme Elizabeth gemia no meu ouvido, eu a enchia de porra, marcando mais um lugar que ninguém deveria ocupar além de mim, e secretamente gravava como seu corpo ficava contra o meu.

Suados, quase como um só, escondi o rosto em seu pescoço enquanto ela acariciava minha nuca com as unhas e suspirava.

Não havia nada para dizer depois daquilo, talvez fosse por isso que ela continuava chorando. E talvez, se eu pudesse, se houvesse ainda possibilidade, eu choraria também.



De todas, aquela havia sido a foda mais estranha da minha vida.

Olhar para Elizabeth me dava agonia.

Eu não gostava de sentir aquilo.

Eu não queria sentir aquilo, mas não havia opção.

Eu só sabia que não podia deixá-la ir embora, que não conseguia lidar com a sua ausência de novo. Precisava dela pelo bem da minha sanidade. E mais alguma coisa que eu não conseguia entender, como aquela sensação esquisita na boca do estômago.

Com o corpo dela sobre o meu, acariciei as marcas em suas costas com as pontas dos dedos, seguindo os desenhos irregulares, e esperei.

— Onde está Miranda? — ela perguntou num tom suave, mais calma.

— No andar de baixo.

— Você deveria trocar a porta daquele quarto por uma grade. Está colocando prisioneiros demais aqui dentro. — O tom de voz dela não se alterou. — Da vez que eu a vi, ela estava grávida. Quase dando à luz...

— E deu. Ela teve um menino, você não viu?

— Não vi nada desde que você surgiu... E não me lembro de muita coisa se quer saber. Acho que estou bloqueando. — Não era uma reclamação. — O que você fará com eles?

Suspirei profundamente ao ouvir a pergunta.

Se Elizabeth não gostava daquela parte minha, por que insistia em provocá-la?

— A única coisa possível...

— Você não pode... — Ela ergueu o rosto, indignada.

— Não posso é correr o risco, não confio em mais ninguém. Se daqui a alguns anos esse garoto crescer e querer vingar sua família, o que você acha que vai acontecer?

— Não precisa ser assim. Miranda não tem mais ninguém, Matteo...

— Eu a interrompi.

— Não fale dele. — Fui ríspido e ela se afastou.

Eu não queria falar de Matteo ainda, não quando tentava entender a porra que tinha acontecido dentro daquela sala. Não quando ainda não entendia que caralho tinha mudado dentro de mim para priorizá-la tanto.

— E sua mãe? Ela não se sacrificou à toa, Louis.

— Você não sabe nada dela. — Eu me lembrava das últimas palavras de Fiama, mas elas não mudaram em nada a nossa relação. Seu sacrifício, em tudo, para mim, ainda era vazio. Aquilo não fazia dela uma santa. — Mas amanhã haverá um velório. Meus irmãos virão para cá antes. Incluindo Natasha — avisei.

O rosto de Elizabeth era uma incógnita, e não poder lê-la gerava a maior frustração do mundo.

Fosse como fosse, nós ainda estávamos em lados contrários daquele tabuleiro.

Eu nunca poderia dar o que ela queria. Era deficiente e defeituoso.

E ela não estava mais disposta a esperar.

CAPÍTULO 50

Agora a porta está aberta
E o mundo que eu conhecia está quebrado
Não há como voltar atrás
Agora o meu coração não está com medo
when the darkness come, colbie caillat

Giovanna Luppolo Agliardi

Eu tinha muita sorte por ter Zola como marido.

Frederico e meu pai estavam juntos. Louis e Elizabeth tinham muito a tratar.

E eu fiquei por três dias sob as cobertas, no escuro, agarrada ao porta-retratos da foto mais recente que tinha com minha mãe, com Zola abraçado à minha cintura.

Ele não me deixou por nenhum segundo. Me alimentou, banhou, consolou e, se não fosse o trabalho para a Família, ele não teria me deixado.

Quando Felippo ligou para ele, eu estranhei, mas ouvindo toda a conversa, achei muito civilizado quando os dois combinaram que Zola, por

ser mais próximo, daria assistência ao meu pai nos preparativos do velório e Felippo nos levaria, Natasha, Frederico e eu, até Louis.

E eu não soube dizer o quão importante foi ter as mãos de Natasha e Frederico nas minhas, enquanto subíamos pelo elevador até a cobertura do meu irmão mais velho.

Durante o trajeto de carro, até entrarmos pelas portas brancas, nenhum de nós disse nada, mas estar ali, no apartamento onde fomos criados enquanto papai era o Don, trouxe tantas lembranças que eu não aguentei.

O choro veio forte, Frederico me abraçou, Natasha nos cobriu.

— Eu não consigo acreditar... Nossa família — falei, quando consegui controlar a tempestade no meu peito, ainda com a voz embargada.

— Vai passar... — Natasha tentou me consolar e a Frederico, que também não estava nada bem.

Meu irmão tinha olheiras profundas sob os olhos vermelhos.

De todos nós, a morte da minha mãe impactaria diretamente em sua vida. Era ele quem morava com ela, e era dele toda a atenção dela nos últimos anos. Já a morte de Matteo... Eu não conseguia acreditar no que meus olhos tinham visto.

A humilhação que Elizabeth passou com aquele homem insano... Era mais do que eu podia aguentar. Não dava para processar e acreditar que

aquele era meu irmão.

— Não sei se uma coisa dessas passa. Acho que a gente só segue em frente, mas eu nunca vou conseguir absorver... — E enquanto eu falava, Louis surgiu no ponto alto da escada.

Nós três olhamos para ele e meu irmão, imponente como sempre, indicou com a cabeça para seguirmos.

Subimos as escadas e, nós três, caminhamos direto para a porta do escritório que ele mantinha aberta.

Frederico assumiu sua cadeira ao lado de Natasha e eu fui para o outro lado da mesa. Louis se sentou na ponta, entre nós duas, e suspirou.

— Quis reunir vocês aqui hoje, antes do velório, porque, o que aconteceu de fato, não deverá ser assunto de mais ninguém. Preciso manter em segredo o que Matteo aprontou, porque, se desconfiarem do nosso sangue, se o resto do mundo souber o que um dos nossos fez, estaremos fodidos, vocês entendem?

— Ele realmente...? — A pergunta de Frederico morreu no ar.

— Matteo se relacionava com Miranda, há anos. Os dois, juntos, acharam que causando o caos entre nós e a MS-13, teriam chance de formar um novo império. Ele fez mais coisas além disso, mas agora está morto e seus planos irão junto dele para debaixo da terra.

— Espera, eu não entendo. Nós sabemos o que aconteceu no Brasil com Elizabeth, e pelo que Zola contou, Arturo estava lá dessa vez também. Como isso era um plano só de Matteo e Miranda? — perguntei, confusa.

— Pelo que parece, naquela época, Arturo realmente não sabia onde estava Miranda, mas depois da nossa posse de território, depois que entreguei Miami na mão de Matteo, eles se encontraram e passaram a agir juntos. Nosso irmão nos traiu, Giovanna, e ele estava certo, mesmo sendo óbvio, eu nunca o considerei capaz de ser uma ameaça. No entanto, ele era esperto, apesar de ineficiente. Matteo tentou me matar antes...

— Zola me contou do irmão dele — comentei.

— Otto era só mais um peão, assim como Salvatore. Matteo foi esperto em não se manchar.

— Todos falam sobre os Callegari — Frederico chamou a atenção de Louis.

— Todos quem? — o Don inquiriu.

— Os Piscitelli. Da última vez que falei com Zanetti, havia comentários sobre como eles estavam esperando você falhar... — Os olhos de Louis se estreitaram e ele sorriu.

— Em breve, os Callegari terão o que merecem.

— E Miranda, onde ela está? — Natasha perguntou.

— Lá em cima, presa. E em breve ela não será mais um problema.

Nós três entendemos o que aquilo queria dizer.

E diante de tudo, eu não sabia o que sentir por ela.

— O testamento de nossa mãe será lido no mês que vem. Frederico, diante disso, se você quiser vir morar aqui, não vejo motivos para não o fazer. Giovanna e Natasha, acredito que vocês duas sejam capazes de fazer nosso pai superar o luto. Apesar de caótico, o casamento deles era tudo o que Leonel tinha.

— Farei isso — nossa irmã se pronunciou primeiro, mas olhou para mim, buscando apoio e eu confirmei com a cabeça.

— E algum de vocês tem mais alguma coisa para perguntar? Essa é a única chance, depois disso, esse assunto é proibido dentro dessa Família.

— Não... — nós três negamos.

— Ótimo. — Louis encerrou a conversa, deixando a nós três desconfortáveis.

Natasha e Frederico foram os primeiros a sair, mas eu fiquei e meu irmão não se moveu.

— O que foi, Giovanna?

E, instintivamente, me levantei e o abracei.

Num primeiro momento, Louis não entendeu nada, mas quando ouviu meu choro, me correspondeu ao seu modo.

— Eu o amo o bastante para realmente perdoá-lo por tudo — disse a ele. — E não quero perder mais ninguém. Sinceramente, sei que Matteo cometeu erros imperdoáveis, mas não é assim que quero me lembrar dele.

— Se isso vai te fazer bem... — Louis respondeu, dando tapinhas sem jeito nas minhas costas, mas logo foi interrompido por um grito feminino e levantou num pulo.

— Elizabeth! — ele chamou e, no segundo seguinte, me deu a ordem: — Desça com seus irmãos.

Quem mandava era o Don, não meu irmão mais velho.

E só coube a mim obedecer.

CAPÍTULO 51

A parte mais difícil de ir embora é aceitar todos os motivos
Que, de alguma forma, a gente fica repetindo infinitamente
E a parte mais difícil de ir embora é segurar a respiração
pesada

De mostrar o quanto é difícil para mim
Fazer parecer tão fácil
easy, demi lovato feat. noah cyrus

Elizabeth Fabbri

A curiosidade era uma merda.

Mas mesmo muito consciente disso, eu não resisti.

Quando vi Edgar montando a bandeja, sabia para onde ele iria e, sem pensar duas vezes, o segui. Foi por isso que, quando ele abriu a porta, eu assisti de camarote à cena que nunca mais deixaria minha mente.

A garota de cabelos compridos estava de olhos fechados, com um lençol amarrado ao pescoço, o corpo pendendo a centímetros do chão, presa ao ventilador de teto, morta.

A bandeja de Edgar foi ao chão.

O grito que saiu da minha garganta fez o bebê chorar.

Minhas mãos vieram para minha boca, e como Edgar, eu me encostei contra a parede, não acreditando que aquilo era real.

Mais um item para lista de coisas fodidas que conviver com a máfia trazia para a minha vida.

Apesar do pavor, do susto e da agonia, sem perceber, quando dei por mim, estava dentro do quarto, vendo o bebê de perto. Talvez, com tudo o que aconteceu nos últimos meses, eu estava anestesiada demais para me chocar ainda mais com o corpo pendendo no ventilador. Pequeno, indefeso, sem nem conseguir abrir os olhos direito ainda, o bebê se remexia assustado e o instinto não me deu opção. Peguei o pequeno no colo e tentei acalmá-lo.

— Olá, garotinho — eu disse, aproximando-o do rosto, sentindo o cheiro das roupinhas, tentando mantê-lo seguro nos meus braços. Foi só então que ergui o rosto, vendo o recado de Miranda pintado em batom vermelho para mim.

Em letras de forma, no espelho, estava escrito: “Há coisas que só mães podem fazer umas pelas outras”.

— Elizabeth! — Louis entrou como um míssil no quarto, e quando me viu naquela situação, parou, parecendo desacreditado.

Eu não lhe dei atenção.

Miranda estava certa.

Havia coisas que só mães podiam fazer umas pelas outras, e era minha vez de retribuir.

Saindo do quarto, não querendo ficar olhando o corpo de Miranda pendurado daquele jeito à minha vista, fui para a sala de jantar.

— Você não vai matá-lo — anunciei, logo que o bebê se acalmou no meu colo.

— Não vamos discutir isso agora, Lizzie — ele tentou, mas fui firme.

— Sabia que foi Miranda que não deixou que me machucassem? Que foi ela que mandou me colocar em um quarto minimamente aceitável? Que me deu vitaminas e uma alimentação decente?

Ele ficou mudo.

— Você não vai matá-lo, Louis. Este bebê não merece pagar pelos erros dos pais.

— Não existem inocentes quando se nasce neste mundo. — A resposta dura de Louis me fez erguer o rosto para encará-lo, e como uma leoa, eu disse:

— Se essa é sua última palavra, eu não te devo nem mesmo o respeito de acompanhá-lo hoje, e quando você voltar, não estaremos mais aqui.

Ele parou, me analisando enquanto a língua brincava entre os caninos e suspirou, soltando os ombros.

— Não é hora de discutirmos isso.

— Prometa.

— Eu...

— Prometa — exigi.

— Prometo que essa criança estará aqui quando voltarmos. Viva, se é isso que te importa.

— Não minta para mim, Louis Luppolo.

— Não faça isso há um bom tempo, Elizabeth. Agora, dê esse bastardo logo a Edgar e me encontre lá embaixo.

Naquele minuto me dei conta de que, seu eu tinha perdido as forças para brigar, ele parecia na mesma situação.



O vestido preto que eu usava era bonito, mas muito marcado.

Minha barriga, que começava a aparecer, ficava ainda mais evidente e o meu receio de Louis querer continuar escondendo aquilo me deixou mais

para baixo do que antes.

Era tão louco como tudo tinha virado. Dois meses atrás, eu só queria uma boa razão para ficar, agora eu só queria uma boa desculpa para ir embora.

Estava tão cansada, tão arruinada, tão fora da minha pele, que não havia nada que me fizesse pensar diferente, mesmo que fosse claro que Louis estivesse tentando me cercar para que eu mudasse de ideia.

Não era fácil ficar em seus braços, sendo entorpecida dia e noite pelo seu cheiro, pelo seu toque, pelo peso nos ombros que o olhar dele causava quando percebia que havia algo dentro de mim que estava repartido de forma irreparável.

Ele sabia que tinha acabado.

Eu sabia.

Então por que ainda não conseguia largar sua mão, ou rejeitar seu toque possessivo na minha cintura enquanto cumprimentava as pessoas que prestavam homenagens aos seus mortos?

Encarei o caixão de Matteo lacrado, tentando encontrar algum sentido naquela história toda. O que havia causado tamanha revolta nele para se voltar contra o próprio irmão, na minha concepção, não era justificável.

Aquilo era um problema sério de família.

Louis se achava dono das coisas. Matteo queria ser o que o irmão era.

Aquilo resultou nos dois corpos ali.

Tentei uma linha do tempo na cabeça e me achei idiota quando percebi que, desde a primeira vez que eu o vi, na festa de aniversário de Louis quando flertamos, ele já sabia quem eu era. Era muito esquisito e doloroso perceber que o mesmo cara que sempre se esforçou para me deixar confortável e parecia gostar de mim, era o mesmo que me apavorava e brincava com a minha vida só para provocar o irmão.

Que porra de poder era esse que podia fazer Louis agir como uma máquina mortífera, mas não tinha capacidade de fazê-lo sentir nada?

Eu não queria a merda do robô do Exterminador do Futuro como parceiro.

Queria aquele Louis do banheiro da última foda.

O que me conquistou debaixo de chuva.

Que me fez dançar todas as músicas possíveis até não sentir mais os pés.

Queria alguém que pudesse me dar o que eu merecia, mas olhando para Fiama e em como ele lidava com a morte da própria mãe, com a mesma quantidade de sentimento que uma porta poderia entregar, sabia que Louis

não era, e nunca conseguiria ser, essa pessoa. E eu não ia esperar um terceiro atentado para descobrir se a mudança era possível.

Nós não trocamos uma palavra sequer, mas não precisávamos.

Sabíamos exatamente em que ponto estávamos.

Não era fácil precisar repetir mentalmente o tempo todo os meus motivos de ir embora, continuar me convencendo de que aquela era a atitude certa a se tomar. Não quando Louis parecia me dar um recado a cada toque, a cada olhar, a cada desistência de discussão. Era como se lá dentro dele, algo soprasse bem baixinho para o meu coração “fique”. O problema era que só havia restado poeira dentro do meu peito.

Quando tudo terminou, abracei Frederico por um longo tempo. Giovanna também ficou nos meus braços por quase meia hora. Natasha não a deixou por nenhum segundo e em nossa troca de olhares o recado ficou muito claro.

— Cuide dela por mim. — Foi o que consegui soprar para a ruiva e ela confirmou com a cabeça.

Até Leonel me permitiu um abraço tímido.

Eu o devia depois do que tinha feito por mim.

E diante de toda a Dark Hand, grávida, me despedi silenciosamente.



No caminho para o apartamento de Louis, não houve um minuto em que minha mente não pensasse no bebezinho que havia deixado para trás, e a primeira coisa que fiz passando pela porta, foi tentar correr escada acima para vê-lo, mas a mão de Louis me segurou.

— Se está correndo para ver aquela criança...

— E se eu estiver? — Parei, olhando para a mão no meu ombro e depois para o rosto dele. A expressão fechada era uma incógnita.

— Eu vou matá-lo, Elizabeth.

— Não. Você não vai — rosnei, entredentes.

— Porra! — ele xingou e eu me liberei de sua mão, virando para encará-lo.

Estava demorando para o circo vir abaixo.

— Você não pode ser tão doente — gritei de volta e bati as mãos nas coxas, indignada. — É um bebê, Louis! Um bebê! Que perigo ele pode te oferecer?

— Bebês crescem. E esse bebê tem história.

— Ele não precisa saber! Eu vou levá-lo comigo, pronto, problema resolvido. Você nunca mais vai ouvir falar dele, ou desse — indiquei meu ventre —, ou de mim!

— Você está falando besteira — ele soprou, parando com uma mão na cintura e outra passando pelo cabelo.

— Eu estou farta! Eu não tenho mais forças para gritar e lutar para me salvar. Você tirou isso de mim — esbravejei, indo para cima dele.

— Elizabeth. — Ele tentou me parar, mas não conseguiu.

— Não, escute! — vociferei, com as lágrimas queimando nos olhos e a garganta ardendo. — Eu era feita em pedaços, mas você me transformou em pó. Pedaços ainda poderiam ser colocados no lugar, Louis, mas o pó? — Apontei para meu peito e com os olhos nos dele, cuspi a verdade. — Não há nada que você possa fazer com esse tipo de poeira a não ser ver o vento levá-la com a certeza de nunca encontrará aquele grão novamente. Você me destruiu!

— Eu não... — Eu não deixei Louis fugir da sua responsabilidade e quando ele tentou dar um passo para o lado, eu o enfrentei, me colocando na sua frente de novo.

— Você acha sua irmã idiota por viver a vidinha de boneca que ela viveu até agora? Idiota sou eu, por ter visto algo de bom em você e por

conseguir amar essa ilusão desgraçada. Não existe nada de bom em você, Louis! Não existe! Se Matteo era ruim, você continua sendo o pior!

Sem perceber, fui cada vez mais para perto dele aos berros, e quando estava a centímetros do seu corpo, as mãos de Louis vieram sobre meus ombros e ele me sacudiu.

— COMO VOCÊ NÃO PODE VER? COMO?

— VOCÊ É LOUCO!

— EU NÃO ME IMPORTO COM MAIS NINGUÉM! EU SÓ QUERO QUE VOCÊ ME AME!

— Para quê? — respondi, firmando o corpo, assistindo aos seus olhos dissimulados queimarem minha alma. — Para ter mais controle sobre mim?

— Não. — Nossas respirações estavam fora de controle. — Eu preciso de você...

Ele juntou as sobrancelhas e, depois de um longo minuto procurando algo em mim que claramente eu não era mais capaz de dar, Louis me soltou.

— Mas você claramente não precisa mais de mim.

O frio que me cortou quando suas mãos se afastaram do meu corpo fez com que minha raiva fosse para o esgoto e se transformasse na mais pura tristeza.

— Você levou mais do que eu tinha para dar. Não é justo.

— Eu sei que não, mas é só o que eu tenho a oferecer.

A dor de ouvir aquilo foi a pior da minha vida, mas me segurei.

Respirei fundo e, tomando toda a coragem que ainda restava, continuei:

— E não é o bastante — rebati. — Não mais. — Neguei com a cabeça.
— Nós acabamos aqui.

— É isso o que quer?

— Não só isso. Quero levar a criança comigo. E eu juro pela minha vida, pela vida do nosso filho, que você nunca vai ouvir falar deles, nem os dois de você e dessa merda de máfia.

— Elizabeth... — ele implorou, mas não havia opção.

— Você me deve isso. — Não cedi.

Louis fechou os olhos, apoiou as mãos atrás da poltrona e soltou o ar dos pulmões com a boca aberta, negando com a cabeça.

— Os documentos vão estar aqui o mais rápido possível. — A frieza em sua voz me endureceu em um segundo.

— Obrigada.

Quando eu virei as costas, ele não disse nada.

Ele não fez nada.

E eu não entendi o porquê a liberdade tão esperada tinha aquele gosto de merda.

CAPÍTULO 52

Nós nos achamos
Eu te ajudei a sair de um lugar destruído
Você me deu conforto
Mas me apaixonar por você foi meu erro
call out my name, the weeknd

Elizabeth Fabbri

Apesar de toda a raiva, de toda a mágoa, de todo o rancor, eu não conseguia sentir nada além de tristeza. O bebê sem nome dormia calmamente em cima da cama, enquanto minhas malas estavam abertas no chão e as lágrimas vertiam pelo meu rosto e eu tentava separar as roupas que precisaria.

Não tinha como eu levar tudo, então escolhi o que mais seria útil e algumas peças que criei apego. Ainda assim, boa parte do estoque de lingerie que Louis havia me dado e a maioria dos vestidos ficariam para trás.

Terminando de dobrar algumas blusas, ouvi o som de passos no corredor e esperei, encarando a porta. Mantive o rosto sério esperando que

fosse Louis, mas assim que Zola e Giovanna surgiram na porta, eu desmoronei.

Os dois vieram com os braços ao meu redor, em silêncio, num momento doloroso e nosso. Aqueles dois haviam sido minha rocha naquele mundo esquisito. Giovanna podia ter todos os defeitos do mundo, mas ela era genuinamente boa. Eu nunca mais encontraria um coração como o dela em qualquer outra parte da Terra. E Zola... Zola era um tipo raro, que eu desconfiava que só aparecia na Terra de mil em mil anos.

— É isso mesmo? Você vai... — Giovanna perguntou, com o rosto inchado de tanto chorar.

— Vou embora — completei sua frase, confirmando o que era óbvio.

— Ah, eu não quero perder mais ninguém, Lizzie — ela lamentou, abaixando a cabeça, parecendo cansada de passar por tantas despedidas em tão pouco tempo.

— Você não vai me perder. Podemos nos ligar, vocês podem me visitar no Brasil... Eu só estou de mudança, não estou morta.

— Não é a mesma coisa, você sabe. — Ela fungou. — Mas, agora eu entendo. Você precisa ir, e eu seria uma péssima amiga se dissesse para você ficar. Você é muito boa para o nosso mundo... — Erguendo o rosto de novo, Giovanna olhou dentro dos meus olhos e acariciou minha bochecha. — E,

você vai levar o bebê? — ela perguntou, espiando sobre meu ombro e eu me virei para contemplá-lo também.

— Vou. Vou criá-lo. Não sei como, mas vou. — Aquela era uma promessa que eu cumpriria.

— Você será uma ótima mãe, Lizzie. — Foi Zola quem disse e eu me virei para encará-lo, vendo o sorriso triste em seu rosto.

Sem pensar, dei um soquinho em seu peito e tentei sorrir, limpando o rosto.

— Vocês também serão ótimos pais. E eu estou cansada de tanto chorar. Minha cabeça dói como o inferno. — Funguei, tentei me recompor e voltei para a pilha de roupa em cima da cama. — O que fazem aqui?

— Louis ligou — Giovanna assumiu, indo para perto do bebê. — Ele queria que... — Ela parou por um segundo. — Meu Deus, ele é a cara de Matteo.

— O que ele queria? — Puxei-a de volta para a realidade.

— Ah, sim. Louis queria um nome, e então contou que você ia embora.

Achei justo ela escolher o nome do sobrinho.

— E o que você escolheu?

— Elliot.

Eu gostava.

— Vocês vão manter o sobrenome da família? — ela perguntou, esperançosa.

— Não... sinto muito. — A decepção brilhou nos olhos dela. — Eu não quero que ele saiba de onde veio, Giovanna. Será melhor para todo mundo.

Ela engoliu aquilo com dificuldade, esticando os dedos para tocar a mãozinha do bebê adormecido.

— Certo...

E a deixando curtir o pouco que poderia do sobrinho, me virei para Zola.

— E é assim que acaba? — ele perguntou.

— Acho que grávida e com outro bebe recém-nascido para criar é melhor do que morta. — A acidez do meu comentário fez Zola segurar o riso.

— Tem razão. E eu até te levaria para o aeroporto, mas nossa experiência dividindo o mesmo carro não é muito encorajadora. — Ele tentou uma risada. — Você está fazendo o certo.

— E você parece ser o único que sempre viu isso... — Suspirei. — Agora, preciso terminar de colocar minhas roupas na mala, pegar as coisas

de higiene e meu computador.

— Não vai levar mais nada? — ele me perguntou, observando a esposa encantada com o bebê.

— Não quero nada. — Neguei com a cabeça e olhei em volta. — Não preciso de nada que me lembre daqui, já que nunca serei capaz de esquecer.



O resto do tempo com eles ali, enquanto eu ajeitava minhas coisas e as do bebê, me fez ter a sensação de que minha vida estava suspensa. Era uma despedida.

E eu não me iludia como Giovanna com aquele tipo de promessa de “vamos nos ver”. Seria melhor tanto para Elliot quanto para o bebê dentro da minha barriga que o contato com qualquer membro daquele mundo fosse cortado de vez.

Era uma pena, mas sacrifícios precisavam ser feitos.

Com as malas prontas, encarei Giovanna dando mamadeira a Elliot, que havia acordado aos berros cheio de fome, e Zola ao seu lado.

A cena me doeu o estômago.

Seria muito doloroso apagá-los da minha mente, uma vez que ambos estavam gravados no meu coração. E eu perderia ver o casamento de verdade, as primeiras brigas, a gravidez, as conquistas, o crescimento... Não participaria de nada.

Aquele rompimento doía.

O que me consolava era que, muito em breve, eu teria uma jornada dupla de mãe solo e precisaria lidar com meus pais. Voltar para casa com um bebê recém-nascido no colo e outro dentro da barriga não seria algo fácil de explicar. Além de coisas burocráticas da editora, meu trabalho que não pararia e tudo mais.

— Acho que estou pronta — anunciei e vi a tensão no rosto dos dois quando me encararam.

— Tem certeza? — Giovanna tentou mais uma vez, mas só confirmei com a cabeça.

Se abrisse a boca, era perigoso começar a chorar de novo e eu não aguentava mais o peso das lágrimas no meu rosto.

Com calças largas, meus documentos, as passagens e tudo o que eu precisava para viajar com Elliot, nós descemos as escadas.

Giovanna levou o sobrinho; Zola, minhas malas e eu um caminhão de decepções que ficou ainda mais pesado quando não vi Louis lá.

Notando na minha cara que havia algo errado, Giovanna contornou.

— Acho que ele está no escritório daqui de baixo...

— Eu... preciso me despedir — falei, e nenhum dos dois argumentou contra. — Já volto.

Com o estômago tremendo e as pernas pesando uma tonelada cada, fui na direção do meu canto favorito daquela casa.

A porta fechada dizia que ele não queria companhia, mesmo assim, eu girei a maçaneta. Era injusto que só eu fosse embora com aquele peso no peito.

Quando empurrei a porta, a visão de Louis me atingiu em cheio.

Em pé, olhando pela janela que ia do chão ao teto, onde já tinha me fodido antes. Onde tinha jurado que colocaria fogo na cidade por minha causa.

Pelo que soube, ele cumpriu sua promessa, mas me deixou queimar também.

Respirei fundo, soltei o ar inflando as bochechas e entrei no escritório.

Louis mal se moveu. Me olhou de perfil.

— Achei que já estivesse longe. — A frieza na voz, no corpo, doeu visceralmente e precisei me esforçar muito para não fracassar ali.

— Não. Vim me despedir. — Minha voz saiu sóbria, tão morta quanto a dele.

— Não precisava se incomodar.

— Mas ainda assim, eu vim.

O silêncio desconfortável caiu sobre nós e levou muito tempo até Louis finalmente virar para mim. O pôr do sol contra nós fazia tudo parecer ainda mais melancólico.

— E o que quer?

Dei de ombros.

O que eu queria? Não sabia responder. Mas sabia o que não queria.

E, grávida de um menino, podendo salvar outro, viver naquele mundo estava fora de cogitação.

Girei sobre os calcanhares, pronta para sair, mas ele foi cruel.

— Antes que vá. A editora será sua. Estou abrindo mão da minha parte, não seremos mais sócios. Seu dinheiro estará na conta e eu espero que

seja o bastante para uma vida confortável.

Aquilo fez meu sangue subir.

Travei o choro na garganta e me virei para ele, sem acreditar que ouvia uma merda daquela.

— Você está falando de dinheiro? Agora?

— Acredito que não teremos outra oportunidade, não?

— Enfie seu dinheiro no rabo, Louis. Dinheiro não foi o que me fez ficar com você, e não foi o que me trouxe aqui. Você deveria saber que eu não tenho preço.

— Não foi isso que quis dizer.

— Mas foi isso que disse.

Ele passou a língua rapidamente entre os caninos e meneou com a cabeça.

— Isso nunca teria dado certo.

— Claro que não. Você tem um iceberg no lugar do coração.

— E você sente demais — ele provocou.

— E não me arrependo — rebati. — Tem razão. Isso nunca teria dado certo.

E arrependida de tentar, com o lugar onde meu coração deveria estar queimando, eu saí.

Aquela foi a última vez que vi Louis Luppolo.

Aquela foi a última vez que eu deixei alguém estar perto o bastante para me machucar.

CAPÍTULO 53

Pois você faz essa porcaria tão fácil
E eu te contei meus segredos
Então não sei o porquê de eu estar sem palavras
No momento errado quando preciso disso
Estou aqui, mas estou em pedaços
E não sei como consertar isso
Se sou apenas alguém a quem você vai deixar
E você não sente algo quando olha para mim
Se você apenas é algum hábito que tenho que romper
Posso limpar meu sistema em 90 dias
Você está segurando meu coração, o que me diz?
Apenas me coloque lentamente no chão
90 days, p!nk

Toda a burocracia para voar com uma criança foi resolvida em segundos por Henry, no balcão do check-in com os meus documentos e os de Elliot. Aquele, na verdade, tinha sido o único motivo de eu aceitar que mais um peão de Louis ficasse mais tempo perto de mim. Quando ele me entregou o papel com a identificação do bebê e eu vi meu nome no registro de mãe, senti o peso da responsabilidade que havia trazido para mim.

Um bebê era muita responsabilidade. Dois, eu nem sabia explicar.

Mas com minha mala de mão e a criança no colo, eu entrei pelo portão de embarque e não olhei para trás.

Era como se a cada passo que eu dava na direção de deixar aquela cidade, mais pesadas minhas pernas ficavam. Chegou a doer fisicamente, mas eu segurei a tensão na mandíbula e segui.

Não havia mais nada para mim ali, nada que eu pudesse salvar, e eu fiz o que sentia ser o certo: entrei no avião e segui em frente.

Ver meu nome na certidão de Elliot despertou algo em mim que eu não sabia explicar. Tanto por ele, quanto pelo bebê que crescia dentro de mim, eu faria de tudo. Me doaria, me entregaria, protegeria aqueles dois do mundo, de tudo, enquanto meu coração batesse e, se duvidar, no pós-vida também.

Eu nunca permitiria que eles sofressem um décimo do que sofri.

O voo não foi fácil. Elliot acordou de hora em hora, chorou, mamou, chorou mais, sujou algumas fraldas e exigiu de mim toda a energia disponível. O que foi bom, já que eu precisava de uma distração, e foi péssimo porque quando pousamos no Brasil, tudo o que eu queria era dormir e não podia, afinal, tinha avisado nem meus pais sobre minha volta.

Carregar minhas malas, o bebê e as coisas dele junto não foi fácil, mas pior do que isso foi discar o número de casa.

O telefone deu dois toques e a voz sonolenta do meu pai atendeu.

Eu quase desisti, mas quando vi, já tinha dito.

— Oi, gordinho.

— Elizabeth? — O choque o acordou. — Está tudo bem?

— Sim, e não. É que — suspirei, tomando coragem e segurando o choro — eu voltei.

Não precisava de explicações, não ali ao telefone.

— O que você precisa?

— Vou pegar um táxi, e vou para casa. Você pode passar um café?

Eu odiava café, mas queria o do meu pai.

— Certo. Está sozinha? — Meus olhos foram para o bebê que finalmente estava adormecido no bebê-conforto.

— Não exatamente... Explico melhor quando chegar, ok?

— Estamos esperando. — Era tudo o que eu precisava ouvir.

— Obrigada, pai. — O alívio na minha voz fez algumas lágrimas escaparem, mas fui mais rápida que elas e as limpei assim que desliguei o telefone.

Estar em casa resolveria boa parte dos problemas.

Pelo menos, eu tinha fé que sim.



Levou pouco mais de uma hora, graças ao trânsito da manhã, para chegar até a rua dos meus pais. Quando o carro parou em frente à antiga casa, algo no meu coração gritou “este não é seu lar”, mas no momento, eu não tinha outra opção.

Minha mãe, muito esperta, já estava de olho na rua e quando abri a porta do carro, lá estava ela, com o portão aberto. Seu sorriso quando me viu descer do carro tomou conta do seu rosto, mas quando ela viu a criança no bebê-conforto e analisou minha barriga, o sorriso sumiu.

— Filha? — ela tentou, para confirmar se não era uma miragem.

— Oi, mãe... — E eu não aguentei.

Todo o choro que segurei silenciosamente no caminho me pegou. O taxista se assustou, mas não disse nada. Meu pai apareceu, e tão em choque quanto minha mãe, pagou a corrida com meu cartão e os dois me ajudaram a colocar tudo para dentro.

Sentei-me na mesa da cozinha, olhei em volta e quis rir.

Eles tinham pintado as paredes, armários e eletrodomésticos eram outros, era uma nova cozinha.

Por sorte, a mesa continuava a mesma, as cadeiras também.

— Elizabeth, quem é esse menininho? — meu pai perguntou, me abraçando, e eu, tentando falar, ouvi minha voz totalmente instável, respondendo o óbvio:

— É meu filho. Eu... — Como explicar aquilo tudo, sem falar o que não devia? Não tinha jeito, e tão natural quanto podia, a mentira pulou da minha boca. — Eu o adotei. Sozinha. E não é tudo, pai... Estou grávida.

O enterro dentro de casa começou cedo e o corpo a ser velado era o meu.

Meus pais, claramente, estavam perdidos e fiquei com medo de que, aquela coisa escondida nos olhos do meu pai quando ele desviou o olhar do meu, fosse decepção.

— Eu terminei com Louis — continuei. — Não consigo explicar tudo, e talvez esse espaço em branco seja algo que vocês nunca vão engolir, mas tudo o que posso e consigo dizer é, eu salvei essa criança tanto quanto ela me salvou. Eu não podia deixá-lo para trás. Eu sou a mãe dele agora. — Pensando em tudo o que vi e ouvi sobre nossa família, continuei: — Sei que a vida de vocês sempre seguiu um manual, e se eu não o seguir for um

problema, amanhã mesmo eu estou fora daqui. Mas se vocês puderem me dar um lugar para dormir por hoje...

— Perdeu o juízo, menina? — minha mãe me chamou, erguendo meu rosto. — Você é minha filha, eu nunca te colocaria para fora. E se você voltou para casa, é porque sabe disso. Gravidez não é doença, nem motivo de vergonha. E adotar uma criança? Talvez seja um pouco precipitado, mas quando se acalmar, comer e descansar, você explica isso direito.

Meu pai não abriu a boca, tudo o que fez foi colocar o bebê-conforto sobre a mesa para encarar Elliot.

Eu parei, analisando aquela atitude, mas minha mãe me botou para correr no minuto seguinte.

— A fórmula está na bolsa dele? — Confirmei com a cabeça. — Ótimo, então suba. Ainda tem roupas suas no seu quarto. Me deixe cuidar dele aqui.

— O nome dele é Elliot. — Foi tudo o que eu disse antes de subir as escadas.



Meu quarto continuava exatamente igual.

E eu não me identificava em quase nada mais com aquilo tudo.

Os pôsteres da minha adolescência na parede de jornal, a poltrona de couro esgarçada, a bicama de zebra... Aquilo tudo era só parte da memória de quem eu fui um dia. Quem eu era no momento estava a anos-luz à frente.

Ainda assim, quando entrei no banheiro e arranquei a roupa, entendi que aquele período seria uma despedida intensa e dolorosa de quem eu era para o que eu me tornaria. Seria a Elizabeth mãe? A mulher de negócios? A escritora? A garota de coração partido? Eu não sabia em qual daqueles rótulos poderia encontrar conforto, então me coloquei embaixo d'água e, relembrando a última vez que chorei em um chuveiro, vivendo o último segundo em que vi o rosto de Louis de maneira vívida na mente, puxei a toalha de banho para o rosto e abafei o grito.

Ali eu coloquei toda a dor, toda a decepção, toda a mágoa, toda a tristeza.

Mas não adiantou. Não trouxe alívio nenhum, e enquanto eu escorregava para o chão, entendi que aquele era o problema da insuficiência. Ou do meu exagero.

Eu tinha dado tudo de mim para Louis, mais do que eu já havia dado a qualquer pessoa no mundo, e ainda assim, não tinha sido o bastante.

Ele não me amava. Nunca me amaria.

E apesar de tudo, de todas as falhas, de todas as mentiras, de todos os caminhos tortos, quedas e machucados que ganhei, eu ainda o amava e duvidava que algum dia seria capaz de deixar aquilo morrer.

Era o tipo de amor que era para sempre.

Jamais poderia ser levado de mim, mesmo que ele não merecesse.

CAPÍTULO 54

Posso erguer seus dedos
De tudo que eu digo e faço?
Eu só não consigo esquecer você
E seu coração de pedra
heart of stone, iko

Eu dormi feito um urso.

Hibernei de um dia para o outro e, quando abri os olhos, demorei para reconhecer onde estava. Era esquisito a cama ser de solteiro, o quarto não ter as janelas gigantes, a hidro, ou não ter os braços fortes e possessivos em volta de mim.

Suspirei profundamente, entendendo onde estava e instintivamente peguei o celular.

Não havia mensagens ou ligações de ninguém.

Nem Giovanna, Zola ou Louis.

Larguei o aparelho em cima da cama, esfreguei o rosto e me virei para encarar o teto. Não tinha para onde fugir, a realidade era uma só, e eu tinha cinco meses para me estabilizar antes de outro bebê chegar.

Deus, onde eu tinha guardado todo aquele instinto materno?

Acariciei minha barriga, certa de que a primeira coisa que precisava fazer era marcar um médico, e me levantei.

Sem querer assustar ninguém, me ajeitei nas calças de moletom mais folgadas que encontrei, prendi o cabelo no alto da cabeça, feliz por ele estar no comprimento que cobria pelo menos metade das costas, escovei os dentes, coloquei a primeira camiseta que vi na gaveta e, de pés descalços, saí do quarto.

Fechando a porta, parei no corredor e tentei ouvir a conversa que rolava no andar de baixo, e quando reconheci a voz que tanto queria ouvir, desci as escadas o mais rápido que pude.

E, como esperado, lá embaixo estava Isabella.

Na mesa com meus pais, ela dava mamadeira para Elliot e ria de algo engraçado que eu havia perdido, mesmo assim, quando seus olhos caíram em mim, a mesma cumplicidade, o mesmo amor e toda a compreensão que eu precisava estavam lá.

— Com todo o perdão aos seus pais, você é uma vagabunda, Elizabeth! Como que você surge do nada aqui e não me avisa?

Eu relaxei, sorrindo pela primeira vez.

— É a vida de mãe. — Meu tom a fez rir.

— Percebi. — Ela exibiu meu filho nos braços.

— Como soube? — perguntei.

— Eu liguei para ela — minha mãe disse, do fogão.

Meu pai continuou em silêncio e eu entendi que, alguma hora, nossa conversa aconteceria.

— E eu vim te roubar.

— Mas... — Sair não era uma boa ideia.

O medo de ainda ter um alvo nas costas era demais.

— Você vai — minha mãe interferiu. — Deixe Elliot, eu cuido dele.

— Mãe, eu não voltei porque precisava de uma babá...

— Não, voltou porque não parece em nada com minha filha. E eu sou mãe, sei cuidar de uma criança. — Ela parou, com o pano de prato no ombro e as mãos na cintura.

— O que você está fazendo?

— Um doce de abóboras do vigilante, aquele com cenoura — ela disse, como se fosse a coisa mais deliciosa da vida.

— Putz — meu pai soltou baixinho.

— É, eu acho que vou sair, mesmo...

Será que agora eu tinha dinheiro o bastante para trazer Edgar?

A comida do homem era divina e, comparado ao que minha mãe fazia, digna de um chef.

Não demorou para que eu arrancasse uma calça jeans da bolsa, enfiasse o par de tênis e estivesse pronta. Isabella deu o bebê para meu pai antes de levantar e eu só observei. Vindo até mim, ela olhou nos meus olhos e, sem dizer nada, me abraçou com toda a força que tinha.

Eu retribuí.

— Nem parece que te vi no Natal — ela soprou.

— Não sei se aquela era uma versão decente de mim. Não sei se esta é uma, na verdade — eu respondi baixinho também.

— Mas vamos cuidar disso, venha.

E pegando na minha mão, foi minha melhor amiga quem me levou para fora de casa.



Sair era uma merda.

Não teve um segundo em que eu consegui desligar.

O tempo todo eu prestava atenção nas motos, nos pontos cegos, em tudo ao redor, com medo de algo acontecer. Isa notou, mas ficou quieta até chegarmos ao café que ela gostava.

Desci do carro o mais rápido que podia e, desconfiada, peguei na mão dela e tentei ir o mais rápido possível para dentro do estabelecimento.

— *Tá* tudo bem? — ela perguntou.

— Quer a versão com edição, ou a verdade? — perguntei, entrando pela porta e puxando a garota para dentro.

— Elizabeth, você parece doida. — Ela ria, sem entender.

Sem alternativa, sabendo que guardar aquilo para mim era demais, peguei na mão de Isabella, puxei-a para o segundo andar, obriguei-a a sentar na última mesa do salão, e ficando de frente para a porta, soltei:

— Você não tem ideia do inferno em que vivi. — Minha voz saiu trêmula.

— Liz? — Ela realmente entendeu que o negócio era sério. — O que foi que aconteceu?

E então, em cerimônias, sem esconder nenhum detalhe, eu contei tudo desde o primeiro dia em que cruzei com Louis, parando de falar toda vez que a garçonete chegava perto para colocar algo em nossa mesa.

Uma hora depois, os pedidos, meu e dela, ainda estavam intactos.

Ninguém conseguia comer.

Quando eu terminei de falar, com o rosto inchado de tanto chorar, com a garganta em frangalhos, Isabella levantou, se jogou contra mim, e me abraçou numa atitude desesperada.

Ela conhecia Louis. Ela sabia que não era mentira.

— Como você caiu nisso tudo? — Foi a única coisa que ela conseguiu perguntar, meia hora depois.

E rindo, sem graça, eu respondi:

— Eu o amo. — Dei de ombros e desviei o olhar do dela. — Mas ele não é capaz de sentir nem a morte da própria mãe... — Engasguei.

— Elizabeth... — Isabella soprou, desacreditada.

Colocou a mão na testa, a boca entreaberta, sem palavras.

— É, eu sei. — Entendia muito bem aquele sentimento.

— Você, literalmente, se apaixonou pelo diabo.

— Em carne e osso. E pior do que isso, agora eu espero um filho dele.

— Passei a mão na barriga.

— Meu Deus. — Ela parou, bebendo seu café de uma vez.

Aquele intervalo em silêncio, para que ela digerisse tudo o que contei, durou mais de meia hora. Quando abriu a boca, Isa perguntou:

— E o que vai fazer?

— Não sei... Acho que, primeiro, fazer meu pai não me odiar.

— Ele não te odeia, garota. Ele só não sabe como lidar, mas vocês vão ter tempo de conversar. Sinceramente, sua família não é um problema. Você tem um lançamento internacional para acontecer, tem uma editora para administrar, dois filhos para criar...

— E eu não sei por onde começar. Não sei se consigo transferir as coisas para o Brasil, se abro uma filial aqui e tento cuidar das coisas de um jeito insano... Eu não vou dar conta sozinha.

— Você não precisa dar. — Ela pegou minha mão sobre a mesa. — Se você quiser, eu posso ser sua funcionária, já que não tenho cacife para sócia ainda.

— Não entendemos porra nenhuma dessas coisas, Isa — lamentei.

— Mas a gente aprende. O mais difícil já temos, que é o poder de produção, o nome e o dinheiro para fazer girar.

Parei por um segundo.

— Acha que a gente consegue?

— Só vamos saber se tentarmos. — Ela deu de ombros. — E você precisa de uma distração... Sabe que tem Bienal dentro de dois meses, não é? De verdade, Liz. Se eu fosse você, ia viver. Não tem nada que te segure agora. Mude de casa, compre um carro, contrate uma equipe de segurança,

porque na sua situação não vejo outra saída, mas vá ser dona da sua vida. Se esse filho da puta desse Louis não consegue amar alguém como você, como você diz, ele não consegue amar nem a si mesmo. Deixe-o no passado, siga em frente, porque além de ter duas vidas que vão precisar de uma mãe foda, você precisa olhar para si e ver que, com ou sem alguém do lado, você é incrível.

As palavras de Isabella me acertaram em cheio.

De fato, eu era melhor quando me erguia das cinzas.

E eu era, no momento, um grande monte de cinzas.

— Você tem razão... — Limpei o rosto, ajeitei a postura e respirei fundo. — Por onde a gente começa?

O sorriso que Isabella me deu foi a certeza de que tudo ficaria bem.

CAPÍTULO 55

Eu sinto falta daquela cidade
Eu sinto falta de seus rostos
Você não pode apagar
Você não pode substituir isso
Eu sinto falta agora
Eu não posso acreditar
Tão difícil de ficar
Muito difícil de ir
Se eu pudesse reviver aqueles dias
Eu sei a única coisa que nunca mudaria
photograph, nickelback

Depois daquela tarde com Isabella, eu passei um bom tempo trancada com Elliot no meu quarto, com uma folha de papel em branco na mão e uma caneta na outra.

Tudo o que eu precisava fazer, tudo o que precisava correr atrás, foi listado.

E depois da mamadeira dele e de todo ritual do banho quentinho para dormir, coloquei o bebê naquele maldito bebê-conforto, que prometi substituir por um berço decente no dia seguinte, e desci as escadas, pronta para a conversa do século.

— Mãe, pai, vocês podem vir aqui um minuto?

Os dois se olharam e, sem opção, saíram do sofá e vieram para a mesa de jantar.

Eu não me sentei como eles, fiquei de pé, tentando não chorar e ser o mais racional possível.

— Eu sei que vocês, apesar de me apoiarem, acham que eu fiz a maior besteira da minha vida...

— Não é... — minha mãe tentou, mas eu ergui a mão, impedindo-a de continuar.

— Eu sei que estão, mãe. Se isso fosse com alguém fora desta casa, eu também julgaria. E por falar em julgamento, vocês sabem que meu maior medo era ser uma decepção. Se vocês me julgam burra por ter engravidado cedo, em um relacionamento instável, e sem o bebê nascer, adotar outro, então não conhecem muito da filha de vocês. Apesar de não ser nenhum pouco planejado, o bebê da minha barriga não foi um erro. E eu nunca vou aceitar que coloquem essa carga nele ou em Elliot. Esse bebezinho com quinze dias de vida já passou por mais coisas do que vocês um dia sonharam. E este, na minha barriga, também. E, diante de tudo, decidi que vou ser a mulher que mereço, e a mulher que vai ser mãe desses dois e criá-los com orgulho, mesmo que vocês não entendam e não queiram participar

disso. Esses últimos dois anos foram loucos. Insanos. Mas eu trabalhei muito e tenho o bastante para uma vida diferente da que levamos agora. Inclusive, algumas coisas precisam mudar por causa desse nosso “status”. — Fiz aspas com as mãos. — E a primeira é que não me sinto segura aqui. Quero me mudar para um apartamento, e gostaria muito que vocês fossem comigo. Vou comprar um carro novo para vocês, um para mim, ambos blindados. E, conversando com Isabella, decidi que vamos precisar de seguranças.

A cara dos dois de quem não entendiam nada não ajudou.

— Eu sei que parece loucura, mas vocês não têm ideia do pavor que é se sentir tão vulnerável quanto me sinto agora. — Suspirei, recobrando o controle das minhas emoções e continuei: — Que fique claro, não quero vocês indo morar comigo para serem pais dos meus filhos. Eu realmente agradeço todo o apoio e ajuda, mas vou contratar uma babá para me auxiliar no que eu precisar, e vocês continuam levando a vida normalmente. Eu só não posso, nem quero, arriscar que algo aconteça e tire nossa família dos eixos mais do que eu já tirei.

— Elizabeth — meu pai soltou num tom de voz tão profundo que me amoleceu as pernas. Engoli em seco e encarei seus olhos por trás dos óculos de lentes grossas. — O que te faz pensar que é uma decepção?

— Pai, você não fala comigo desde que cheguei. — Minha voz falhou.

— Não é isso, filha. É um choque abrir a porta, receber minha filha que chegou sem avisar de outro país, grávida, com uma criança no colo, visivelmente abalada e, agora, falando que quer mudar toda nossa vida. Por mim, eu não mudo. Você pode fazer tudo o que quiser. Quer ir para um apartamento? Comprar seu carro? Eu apoio, mas não entendo o porquê precisamos mudar de vida junto.

A raiva me corroeu e escapou pelos olhos enquanto sufocava minha garganta.

— Pai. — Respirei fundo. — Tudo o que posso dizer é que o pai do meu filho tem muitos inimigos. Gente ruim que faz o que você vê na televisão ser brincadeira de criança... Eu não consigo e não posso dizer mais, mas você entende? Não estou aqui para mandar em você, não estou aqui para dizer o que deve ou não fazer. Estou pedindo, implorando, para que me deixem cuidar de vocês também porque, por um erro meu, todo mundo pode pagar. O pai dessa criança é muito poderoso. Não posso arriscar.

E meu pai finalmente entendeu.

— Eu vou conversar com sua mãe... Vá se distrair, amanhã no café eu te dou uma resposta.

— Certo.

Eu já ia me movendo para pegar o bebê-conforto quando ele levantou e me pegou pelo braço. Encarei meu pai sem entender, mas no segundo depois, tudo mudou.

Ele me puxou para si, me abraçou forte e minha mãe o imitou.

Os dois me amassaram igual quando eu era pequena e, pela primeira vez em muito tempo, foram cinco segundos sem medo, sem sentir o peso nos ombros. Foi melhor do que qualquer vez que eu me machuquei buscando por alívio.

— Eu amo vocês — falei, quando consegui controlar a dor na garganta da falha em segurar o choro.

— E nós te amamos, filha. Independente das suas escolhas, somos seus pais. Nada nunca vai mudar isso. — A voz dele no meu ouvido fez meu coração pulsar. A pedra no meu peito voltava a ter um pouco de vida.

E na manhã seguinte, quando ele me disse um belo sim, toda a mudança começou.

CAPÍTULO 56

Eu não consigo dormir à noite
Acordada e tão confusa
Tudo está em ordem
Mas estou machucada
Eu preciso de uma voz que ecoe
Eu preciso de uma luz para me levar para casa
Eu meio que preciso de um herói
É você?
Eu nunca vi a floresta por entre as árvores
Eu realmente poderia usar sua melodia
Querido, estou um pouco cega
Eu acho que é hora de você me encontrar
nightingale, demi lovato

Elizabeth Fabbri

dois meses depois

Eu não tinha ideia do quanto precisava de toda aquela mudança, nem de todo aquele trabalho, mas não havia nada mais satisfatório do que estar

tão cansada, depois de um dia exaustivo, deitar na cama e, sem perceber, já estar dormindo.

Em tempo recorde, eu achei o apartamento dos sonhos e estruturei toda a vida da minha família. Contratei uma babá para ajudar com Elliot e a carreguei para cima e para baixo comigo e com Isabella, porque achava absurda a ideia de deixar meu filho longe de mim.

Em quinze dias, desde a nossa conversa, estruturamos a editora e montamos um escritório provisório no apartamento. Isabella correu com o que precisávamos para a Bienal, eu terminei de editar o que precisava para os lançamentos e as impressões.

Isabella contratou mais algumas pessoas, delegou o que faltava, e no final de tudo, não tinha por onde fugir. O trabalho exigia tudo de mim e Elliot e o bebê na minha barriga levavam o que restava. E por falar em barriga, aos seis meses, ela resolveu aparecer de vez.

Era comum eu estar trabalhando e meu pai dar uma passadinha no escritório para conversar com “o garotão”. Ou minha mãe trazer um chá depois do jantar e ficar abraçada a mim, acariciando o lugar onde o sentia chutar.

E eu tentei entender que a rotina de mãe solo seria daquele jeito.

Foi com Isabella que senti o primeiro chute.

Foi com meus pais que passei pelas consultas de pré-natal.

Foi com aquela família que fiz os ultrassons.

Mas foi sozinha que enfrentei a carga de ser mãe de uma criança de Louis.

Era como se, mesmo lutando muito para esquecê-lo, para aplacar a falta que eu sentia, havia um serzinho muito ativo dentro de mim que me fazia relembrar que nossa história não tinha sido fruto de alguma loucura da minha cabeça.

Eu não tinha criado nada sozinha.

E por mais feio que fosse todo o final, nada tiraria de mim o sabor de ter vivido os dias bons. Foi nisso que pensei naquela tarde, conforme fazia minhas malas para ir para o Rio no dia seguinte. Foi isso que tirou meu sono naquela madrugada, enquanto tentava lidar com mais uma cólica de Elliot.

Mesmo com só dois meses longe, parecia uma eternidade. E eu tinha esperança de que com a cabeça em outras coisas, fazendo a vida andar, olhar para trás ficaria cada vez menos dolorido.

O que ainda não era o caso.

Era estranho pensar que eu tinha o melhor sentimento na mão para usar naquela superação e, de uma hora para a outra, não conseguia acessá-lo. A

raiva, o ódio, pareciam ter escoado pelo banho e liberado o lugar para uma tristeza densa, que eu só permitia me abraçar quando ninguém estava me olhando.

Era difícil lidar com um sentimento daquela magnitude, mas o serzinho nos meus braços era o motivo de eu me erguer. Apesar de tudo, Elliot não merecia o que Louis tinha planejado. E eu não podia permitir a morte daquele neném pesar nas mãos do homem que eu amava.

Se tivesse acontecido, eu nunca o perdoaria.

Eu nunca me perdoaria.

Mesmo assim, apesar de saber que Louis não era o cara bom, o príncipe encantado, quando pensava nele, tudo o que eu tinha no peito era um buraco no lugar do coração, uma falta absurda dele na pele, e a sensação de impotência por não ter sido capaz de despertar nada no Don da Dark Hand.

No final das contas, eu havia falhado na missão.

Ele não sentiu nada por mim, além daquela obsessão doentia, e nem ela foi o bastante para fazê-lo mudar um pouquinho.

Era doido pensar que o mesmo cara que colocou a cidade abaixo buscando por mim, não tinha capacidade de ficar comigo. Não encaixava.

Porém eu não podia dizer que me arrependia.

Apesar de sentir lá no fundo que minha vida estava fadada ao trabalho e à maternidade em tempo integral, que o amor que sentia por Louis era independente do meu coração, que estava gravado na minha alma e na minha pele e ninguém seria capaz de despertar aquilo em mim de novo, eu acreditava que seria feliz.

Não como sonhei. Não como queria.

Mas a felicidade era um estado de espírito ao qual eu realmente esperava alcançar de novo, e eu era capaz, já que provei a mim mesma que podia dançar sobre cacos de vidro e rir disso, afinal de contas, foi assim que dancei desde que conheci Louis.

Era sádico, eu sabia, mas era a dor que me fazia ficar.

Era a loucura que me deixava excitada.

Era a eterna briga entre os lençóis e fora deles que me mantinha tão apaixonada.

Não era saudável, eu sabia.

Mas também era consciente de que teria ficado, se ele tivesse deixado minha humanidade contaminá-lo só um pouquinho.

Naquela madrugada, olhando para a criança que foi o motivo de eu conseguir levantar voo, eu cantei embalando seu sono. Cantei uma das minhas favoritas, cantei como se alguém do outro lado, a milhas de distância, com um coração duro feito concreto, também pudesse ouvir.

E secretamente, em pensamento, com vergonha de ser tão fraca depois de tudo, eu orei por ele. Orei para que Louis um dia fosse capaz de reconhecer que estava errado. Que enxergasse que eu teria ficado, mas que meu preço era outro. Não envolvia dinheiro, jantares, viagens... Meu preço era ele. De corpo, alma e o que tivesse mais para dar. Sua sombra e sua luz. Seu lado bom e o ruim também.

Não era novidade, eu gostava daquilo também, mesmo que fosse vergonhoso admitir. Mesmo que fosse errado deitar na cama de um assassino. Eu passaria a vida toda ao lado dele se soubesse que, o que havia sobrado do seu coração, mesmo que fosse uma mísera migalha, fosse meu.



Aquela madrugada tinha sido um pesadelo.

— Você ainda não dormiu? — minha mãe perguntou, quando me viu olhando pela janela, tentando fazê-lo adormecer nos meus braços.

— Acho que quinze minutos foi o máximo antes de ele acordar.

— É cólica?

— Acho que sim, já mamou, já arrotou, já troquei fralda, passei creminho, dei remédio, fiz massagem, mas nada resolveu... — Eu estava realmente cansada.

— Me dê ele aqui e vá dormir um pouco. Você não dormiu os quatro primeiros meses com cólicas também...

— A vida de vocês não foi muito fácil, *né*? — Fui um pouco irônica, mas minha mãe relevou pela minha falta de sono.

— Durma logo que teu mal é esse. — E roubando Elliot do meu colo, ela saiu.

Eu não podia me sentir mais grata. Amava meu filho, mas se não dormisse pelo menos duas horas, chegaria um bagaço no Rio e meu dia seria um terror.

O combinado era que eu iria em um dia e voltaria no outro.

Faria uma boa sessão de autógrafos, agitaria algumas mesas de conversa e Isabella cuidaria do resto. Na verdade, além de ser muito bem paga para aquilo, minha melhor amiga parecia um cão de guarda, me poupando de tudo o que podia e cuidando de mim nos mínimos detalhes quando percebia que minha mente ia ao limite. Eu não poderia ser mais grata.

Foi por isso que quando ela me pegou naquela manhã no aeroporto do Galeão, eu me senti segura o bastante para enfrentar aqueles compromissos todos.

— Você não se preocupe com nada hoje, ok? Seus seguranças estão seguindo no carro de trás, ficarão lá o tempo todo por você.

— Acredite, eu estou bem — falei, segurando no apoio de braço da porta, encarando o Rio de Janeiro que eu não conhecia ainda. — Achei que seria diferente.

— Como? — Ela me olhou sem entender do que eu falava.

— A cidade. Achei que aqui era sufocante, sabe? Que, por causa da praia, a maresia cobrisse a cidade toda, mas não é assim... E é linda.

— Bom, eu sou suspeita para falar daqui. Amo o Rio. — Ela deu um sorrisinho que matei na hora.

— Ok, quantas meninas daqui... — Isabella me interrompeu.

— Por que é que você acha que tem a ver com isso? — A risada dela me fez sorrir também.

— Eu nem vou julgar, porque, *né?* — Indiquei a barriga. — Não tô podendo.

— Achei que a gravidez mexia com os hormônios.

— E mexe. Eu só não tenho mais tempo, nem macho. — Encolhi os ombros.

— E se tivesse?

— Estaria mantendo o bonitão preso em um quarto, e quando o liberasse, provavelmente, seria presa.

— Elizabeth, você é absurda — ela ralhou comigo.

— Eu sou é realista. *Tô* grávida, mas não *tô* morta. E se tem algo para sentir falta do falecido — Isa odiava quando eu falava o nome dele — é o sexo.

— Não pode ser tão bom assim...

— Ah, é. É, de verdade. Eu nunca... — E com tanta memória vindo na hora que não devia, eu suspirei. — Olha, a gente pode mudar de assunto? Não está fácil.

— Fique à vontade — ela concordou. — E aqui são três. E todas se conhecem.

— Quê? — exclamei, fazendo-a rir.

— E a gente sai todo mundo junto — completou.

— Depois eu que sou absurda, *né*?

O hotel onde Isa me levou era perto do evento, e como era cedo, deu tempo de tomar um bom banho e decidir com calma qual roupa seria ideal para aquele clima.

Das opções, ficamos com um conjunto de terno oversize, calça social, ambas as peças com risca de giz, e um top amarelo por baixo. Ficava profissional, mas ainda despojado e, com sapatos confortáveis, era a roupa ideal.

Meu cabelo tinha passado pelas mãos da boa e velha cabeleireira da minha mãe para sumir com as luzes e voltar ao tom original. Em breve, chutava que até o meio do ano seguinte, ele estaria no comprimento que eu tanto sentia falta.

E enquanto Isabella fazia ondas nele com o babyliss, eu passava maquiagem.

Usei tudo o que tinha na minha necessaire: base, corretivo, pó, delineador, rímel e um batom vermelho. E quando Isa viu, deu risada.

— O que foi? — perguntei quando terminei, ajeitando o batom no contorno do lábio inferior com o mindinho.

— Tem coisa que não muda mesmo, *né*? — O tom de voz dela era saudoso. — De qualquer jeito, você está linda, e hoje vai ser um dia maravilhoso — ela cantarolou. — Mal posso esperar para ver sua reação quando ver o que aprontamos no estande, você vai amar!

E Isabela estava certa, mais uma vez.

Não era algo pequeno, nem de longe.

Estávamos entre a galera de grande porte, com um estande lindo e lotado.

Meus olhos encheram d'água e meu peito se aqueceu.

Era mais do que a realização de um sonho, era a prova viva de que a vida podia ter seus bons momentos de novo. De que eu podia me realizar em outras coisas e tentar seguir um novo rumo.

— E aí? — ela perguntou ao meu lado, ansiosa.

— Eu nem sei o que dizer — falei, já abraçando minha melhor amiga.
— Você é tão incrível!

— Só tirei do papel anotações suas. — Havia um sorriso em sua voz.

— E fez melhor do que eu jamais pensei — confessei, com a voz embargada. — Merda, não quero chorar.

— Não. Deixe para chorar quando esgotar seus livros. Nossa caixa registradora agradece. — Ela me afastou e beijou minha bochecha. — Hoje é seu dia, aproveite o momento. Vai lá dar uma olhadinha em tudo que vou ajeitar as coisas ali para sua sessão. Começa em meia hora, não se perca, ok?

— Ok. — Confirmei com a cabeça, animada, e fiz o que ela mandou.

Olhei cada título que havia conseguido com muito suor, peguei em cada capa, vi cada detalhe do trabalho que entregava. Me delicieei ainda mais ouvindo elogios do público sobre as edições, sobre o estande, sobre a editora.

Era como um sonho, não podia ser mais perfeito.

No horário, com uma fila que eu não imaginei ser possível se formando, fui para o meu lugar. Eu já tinha passado por aquilo fora do Brasil, mas ali, na minha terra, tinha um sabor completamente diferente.

Foi como se eu fosse feita para aquilo.

Eu não gostava da exposição, mas amava a troca.

Cada pessoa que passou pela minha mesa me trouxe uma história.

Uns queriam um dia escrever um livro como o meu. Outros queriam viver aquela história, mas foi uma garota de dezesseis anos que fez tudo

girar dentro da minha cabeça.

— Meu Deus, é você! Oi! — ela disse, antes de me abraçar.

Era engraçado porque, ao mesmo tempo em que eu queria pular com ela, ficava sem graça e, do jeito mais carinhoso que pude, eu a recebi.

— Oi — correspondi seu sorriso —, qual é o seu nome?

— Esther. Tenho dezesseis anos, moro aqui no Rio mesmo, e eu sou louca por essa história! — Ela deu um pulinho, sacudindo o livro.

— Que bom que você gostou. Neste livro, você está levando um pedaço gigante meu para casa, nem imagina o quanto... — comentei.

Peguei o livro da mão dela, abri na primeira página e ajeitei a caneta para começar a escrever, quando ela parou e me perguntou:

— Sério? Eu amo o final desta história, o romance, a forma como tudo acaba... Como você chegou nisso?

E então, eu levei um soco.

— É... — Respirei fundo e olhei para cima, para vê-la direito. Seus olhos brilhavam. — Eu nunca pensei que escreveria um romance assim, mas algumas histórias de amor merecem ser contadas.

— Você já viveu algo assim?

A menina não percebia o que fazia, mas meu sorriso quis morrer e a vontade de chorar encheu meus olhos de lágrimas.

Mordendo o lábio inferior, eu fiz que não com a cabeça e voltei a olhar para baixo.

Terminei de escrever a dedicatória dela sem conseguir enxergar o papel direito, e quando a garota saiu, apoiei os cotovelos na mesa e cobri o rosto com as mãos, tentando me concentrar em ficar bem para atender à próxima pessoa.

Deu tempo de respirar fundo duas vezes.

De repente, um livro brotou na minha frente, sendo empurrado para baixo do meu rosto e eu entendi que precisava continuar.

Fechei os olhos e, antes que pudesse erguer o rosto, ouvi, no inglês nova-iorquino que deixava minha cabeça em parafuso às vezes, no tom de voz mais calmo que eu já tinha presenciado, mas não menos marcante, a voz de Louis Luppolo.

— Posso ter um autógrafo seu?

Ergui o rosto de imediato, em choque, e o encarei lá.

Parecia uma miragem.

Com a barba feita, o cabelo perfeitamente penteado para trás, a mecha que não saía do lugar. O terno escuro, uma das mãos no bolso, a postura de

quem tinha tudo na mão. Ele deu um meio-sorriso para mim, os olhos castanhos me desafiando mais uma vez.

O mundo parou.

Tudo foi silenciado em volta de nós.

— Louis. — O nome que eu evitava dizer em voz alta saiu num sopro.

— Olá, *bambina*.

— O que faz aqui? — me ouvi dizer.

— Vim por você. — Era real. Ele estava ali de verdade.

Algo rachou dentro de mim. Eu pude ouvir.

Era a represa de sentimentos que eu tentava conter.

Naquele segundo, encarando os olhos do homem que era meu céu e meu inferno, soube que inundaria aquele lugar e não deixaria nada inteiro para contar história.

CAPÍTULO 57

Bem, você só precisa da luz quando está escurecendo

Só sente falta do sol quando começa a nevar

Só sabe que a ama quando a deixa ir

Só sabe que estava bem quando se sente mal

Só odeia a estrada quando sente saudade de casa

Só sabe que a ama quando a deixa ir

E você a deixou ir

let her go, passenger

Louis Luppolo

Eu falhei.

Analisando tudo, do começo ao fim, eu tinha errado.

Obviamente, eu nunca admitiria em voz alta, nem para nenhuma outra pessoa, mas dentro de mim, vendo os restos do meu irmão naquele apartamento fodido, bebendo da última garrafa disponível no bar e tocando o gancho onde ele pendurou Elizabeth, não tinha como pensar diferente.

Desde o primeiro olhar que trocamos, até aquele último minuto dentro do escritório, eu errei.

Ainda assim, não conseguia deixar de contar no relógio quantos minutos faltavam para que ela pousasse no Brasil, e precisei engolir a curiosidade de saber como seria sua viagem com a ajuda daquela bebida forte.

O que seria dela com aquela criança bastarda? Do jeito que conhecia Elizabeth, do pouco que havia visto, ela seria uma loba tomando conta de sua cria. E, de longe, ela seria uma mãe melhor para o meu filho do que qualquer outra mulher no mundo, uma vez que, onde eu falhava, ela transbordava.

Será que ela sonhava em como era difícil para mim abrir mão de ser o responsável pela morte do meu irmão? Será que ela entendia que, apontar a arma para ela, era uma tentativa de salvá-la?

Eu não sabia.

Virei a garrafa na boca e dei três longos goles, encarando a noite, me sentindo vazio. Era aquilo que gente normal sentia? Se era, eu não queria ser normal.

Preferia estar na rua, preferia estar caçando, preferia estar fodendo, mas nada parecia suficiente desde que aquela porra de luz se acendeu na minha cabeça.

Por que ela era tão importante?

Não podia ser só pela boceta, eu sabia.

Não havia boceta no mundo que fosse capaz de fazer aquilo comigo.

Era outra coisa, mas o quê?

Eu não tinha a resposta e aquilo era desesperador.

Só sabia que ela havia se tornado minha única e maior fraqueza.

Por isso, eu a deixei ir embora. E depois de quebrá-la daquele jeito, não podia mais forçá-la. Ela merecia ser feliz, mesmo que eu só fosse um coadjuvante em suas memórias mais sombrias.

Aquele era o meu jeito de dizer que ela era importante.

Estava passando por cima do meu orgulho, da minha obsessão visceral, das minhas vontades, só para que ela tivesse uma mísera chance no mundo lá fora.

E aquilo, mesmo que para ela parecesse pouco, era tudo o que eu podia dar.

Depois daquela tarde, quando vi a mais crua e vil decepção exposta no seu rosto antes de ir embora, eu tinha assinado sua carta de alforria.

Elizabeth, depois que eu saísse daquele lugar, seria um assunto proibido na minha presença e eu a trataria como uma ilusão. Um sonho. Uma miragem.

Até que ela realmente se tornasse um nada na imensidão de pecados
que eu tinha que carregar.

CAPÍTULO 58

Eu tenho dançado com seu fantasma
Alguns podem dizer que roubamos o show
Todas as memórias que me assombram
Eu me recuso a deixar você ir
dancing with your ghost, no resolve

Frederico aceitou meu convite. Passou a morar comigo, uma semana depois de toda merda em nossa família, e em um jantar daquela semana em que milagrosamente cheguei cedo em casa, porque no dia seguinte precisaria viajar com Zola para cuidar da The Hell, na Carolina do Norte, meu irmão chamou minha atenção, limpando a garganta.

— O que foi? — perguntei, quando descansei o garfo no prato.

— Queria saber como vão as coisas... Quem cuidará da Califórnia, daqui em diante. — Ele limpou a boca e me encarou com um brilho diferente no olhar.

— Está interessado, garoto? — Achei graça.

— Não agora, mas você sabe que mês que vem farei a cirurgia. Virarei um *cyborg*, e poderei... — Eu o interrompi.

— Poderá trabalhar para a Família — completei.

— Sim. — Confirmando com a cabeça, Frederico esperou ansioso.

— Você ainda não tem experiência, mas convivendo comigo e, depois que terminar a faculdade, se ainda quiser, não vejo motivos para negar.

— E o lugar de Matteo na Dark Hand?

— Como subchefe, Lorenzo Ferioli vai assumir. Já o estado de Matteo, nosso pai anda um pouco sobrecarregado, mas não posso poupá-lo agora, ainda mais quando pretendo lidar com aquele pequeno problema com os Callegari, em breve.

— Precisa de mais nomes, Louis.

— E nunca pensei que o seu seria um deles, mas vejo que me equivoquei.

O olhar de Frederico era orgulhoso.

Ele era um Luppolo.

— Faça sua cirurgia, veremos como serão os próximos meses, o quanto consegue recuperar da audição e voltaremos a conversar sobre isso, certo?

— Certo — ele confirmou, voltando a atenção para seu prato.

A convivência com meu irmão era fácil.

Frederico era discreto, falava quando necessário e agora passava boa parte do tempo com Giovanna e Natasha. Os três tinham um vínculo ao qual eu talvez nunca faria parte.

Eu, depois de tudo, era o Don.

Os conflitos familiares, depois da morte de Matteo e Fiama, não me interessavam mais. Eu só tinha uma única âncora, e eu não resisti em sair discretamente para o escritório e acessar a câmera que ainda resistia firmemente no novo escritório de Elizabeth.

Era tarde da noite no Brasil, mas ela ainda tinha os olhos na tela do computador.

Seu rosto carregava olheiras sob os olhos e, vez ou outra, a criança surgia nos braços de uma mulher que descobri ser a babá.

Ela estava bem, e fazendo o que prometera fazer.

Eu deveria me sentir bem com isso, não? Ela estava fazendo exatamente o que a libertei para fazer. Trabalhando muito, seguindo com a vida...

Então por que a vontade de atravessar aquela tela era maior do que qualquer outra coisa? Por que a vontade de voltar no tempo e não ser tão frio quando ela foi embora me consumia?

Abri mais uma garrafa da boa safra dos Lazzarin e acabei com ela observando Elizabeth. Lutando mais uma vez com o vazio da porra do buraco onde ela estava antes, sendo torturado pelas memórias de sua risada pela casa, do cheiro de sua pele, do gosto de sua boca... Eu sentia falta até de estar no mesmo cômodo em silêncio, quando podia olhá-la como um admirador secreto, de pensar em como dobrá-la, provocá-la, e colocar o plano em ação.

Mas eu não podia mais tocá-la, e afoguei aquela maldita vontade no vinho, secando mais uma garrafa para garantir que o sono pesado e sem sonhos fosse o prêmio de consolação naquela noite.

A vida dela continuava, e a minha não podia ser diferente.

CAPÍTULO 59

Sem você há buracos em minhas almas
don't forget about me, cloves

Cada dia vazio e sem graça que passava, eu me tornava mais taciturno e retraído.

Eu até tentei me divertir em uma visita à The Hell, mas nenhuma das garotas me interessou. Tudo o que fiz foi acabar com uma boa garrafa de Bourbon no bar e, mais uma vez, acordar com o sabor metálico da ressaca na boca.

Não havia nada excitante na minha rotina, tudo era entediante.

Talvez, a única coisa que não fazia o resto do dia ser uma completa merda, era treinar com Henry. Bater em alguém que não tinha medo de revidar era divertido, e só por isso, antes das seis, eu estava pronto para sair e encontrá-lo.

— Aonde vai? — Frederico surgiu do nada e me fez soltar um xingamento.

Virei para encarar meu irmão, pensando no quão cruel era a ideia de alguém que não podia ouvir ser tão silencioso, e soltei a respiração.

— Treinar. E você, não tem médico hoje? Achei que sua cirurgia fosse esta semana.

— Tenho sim, e a cirurgia é esta semana, depois de amanhã — ele lembrou como algo óbvio e eu anotei mentalmente que deveria ficar atento àquilo. — Natasha pediu para eu esperar o jantar de hoje.

Minha cara entregou que eu não fazia ideia do que ele falava.

— Você esqueceu. — Ele riu.

— Esqueci do quê?

— Natasha e Felippo convidaram a família.

— Hm, que horas? — Não queria cruzar com Agostino fora das obrigações.

Nem com meu pai, Vicenza, Giovanna, Felippo ou Natasha e aquela pequena aberração sem dentes que era sua filha.

— Às dezenove.

— Pensarei a respeito — falei, abrindo a porta.

— Por favor, não temos mais muito o que comemorar...

— Vocês arranjam esses encontros toda semana.

— Louis...

Balançando a cabeça, fingindo concordar, saí de casa.



Contrariado, às dezenove em ponto, saí do elevador em frente à porta do apartamento de Felippo e Natasha, e a ruiva já me esperava na soleira.

— Boa noite, Louis.

— Natasha — cumprimentei e segui pelo corredor.

O clima na sala parecia de Natal.

Meu pai estava com a neta no colo, Vicenza estava perto dele babando na criança também. Agostino estava na poltrona, olhando desconfiado para Leonel, mas sem coragem de largar o próprio celular.

Frederico, Giovanna e Zola conversavam discretamente perto da varanda e, para minha surpresa, estavam acompanhados de Delfina, mas não vi Felippo ou Lorenzo.

— Onde está seu marido? — perguntei, depois de olhar todos os rostos.

— Ah, ele e Lorenzo saíram, foram buscar uma torta... Mas, se não se incomodar, gostaria de conversar em particular com você, lá em cima.

Dei um passo para trás e encarei Natasha com mais atenção.

Ela não fugiu do meu olhar e dando de ombros, não tendo nada de mais interessante para fazer, eu disse, no tom mais entediado possível:

— Primeiro as damas. — E ela passou por mim.

Segui Natasha para o andar de cima sem ligar para nenhum olhar curioso no andar de baixo e entrei em uma sala que não conhecia.

— Onde estamos? — perguntei, antes de ela acender a luminária sobre a mesa.

— Este é o meu ateliê. Ainda gosto muito de fotografia e de artesanato, então, quando fico estressada, ou me sinto ansiosa, é para cá que venho. Pode se sentar — ela disse, afastando o gato da poltrona no canto do quarto.

Desconfiado, eu segui suas instruções e a vi puxar a cadeira simples em frente à mesa e se sentar com o peito contra o apoio das costas.

— Se estamos aqui, posso sugerir que você está estressada? — tentei.

— Não. Ansiosa, mas muito certa de que já passou da hora de alguém te chamar para ter uma conversa desse tipo.

— E que conversa seria essa?

— Uma para dizer que você é o pior tipo de pessoa que existe. Ou que, pelo menos, foi assim que vi você por muito tempo... — Eu não a interrompi. Na verdade, aquilo era, em dias, a coisa mais interessante que acontecia. — Antes de tudo, lá atrás — ela fez o movimento com a mão —, sempre ouvi como você era o homem ideal. O soldado ideal, para ser mais

exata. Ser sua mulher era entender que, talvez, eu nunca saberia com quem dividia a cama. E eu percebi que isso era verdade quando houve a virada de chave...

— Quando conheci Elizabeth. — Fui claro.

— É. — Ela parecia sem graça de tocar naquele passado tão próximo. — Você engana bem, Louis. É muito bom nisso, se quer saber, e por causa disso, eu te odiei tanto... — Natasha aparentava tirar um peso dos ombros, conforme admitia aquilo em voz alta. — Quis te matar quando recuperei a memória, quis morrer também, e depois de descobrir que somos irmãos, meu Deus...

— É, não é confortável — assumi.

— Nenhum pouco. Mas com recortes de Giovanna, de Frederico, de nosso pai, acho que consigo montar quem é você.

Aquilo quase me fez rir.

— E que a conclusão chegou?

— Que você é triste. — Natasha atirou contra o meu peito. — Sua vida toda foi condicionada a ser algo que precisava ser temido, odiado, o que fizeram com você no meio do caminho deve ter sido horrível. Mas convivendo com você nas últimas semanas, comparado a tudo o que já vi... Louis, eu nunca pensei que diria isso, mas você está miseravelmente

solitário. — Ela soltou os ombros e me encarou como se fosse absurdo chegar àquela conclusão. — Colocar Frederico debaixo do seu teto não vai fazer a falta dela diminuir.

— Do que você acha que está falando? Eu não sinto... — Ela me cortou.

— Sente. Pode parar de mentir. Eu já passei por isso e sei como é. Odiava Felippo, de repente, amava Felippo, e do nada não havia mais Felippo! — O jeito como ela falava com as mãos era quase cômico, mas o que ela dizia não me fazia querer rir. — A ideia de viver em um mundo onde ele não estivesse era tão insuportável que, quando ele surgiu na minha frente, eu entendi que estar com ele valia mais do que me agarrar às mágoas todas.

— O que quer dizer com isso, Natasha? Porque, obviamente, não há nada que eu possa fazer. Sei exatamente onde Elizabeth está, e como está...

— E, depois dessas batalhas todas que vivemos por meses, que vocês enfrentaram, você já descobriu quem realmente importa? Porque não adianta nada ganhar a guerra e estar sozinho para comemorar.

Os olhos azuis da ruiva brilharam na iluminação ruim e eu a encarei por tempo demais, a ponto de o silêncio ser constrangedor e ela suspirar para quebrá-lo.

— Você ganhou sua guerra? — Minha voz era mais baixa do que deveria ser.

— Ganhei. — Ela balançou a cabeça, sem dúvidas. — E você, se quiser, pode comemorar comigo. O lado vencedor... isso pode ser nosso primeiro segredo de irmãos. — Natasha me ofereceu um sorriso esperançoso, mas não consegui retribuir.

Surpreendendo-me mais uma vez, ela se levantou, veio até mim e, pegando minha mão entre as suas, disse do modo mais carinhoso possível:

— Este mundo é cruel, Louis. Não deixe que a única coisa boa que já te aconteceu vá embora tão facilmente. Lute por ela, e se você acha que não é bom, ou que não tem nada a oferecer, dê a ela o que ainda tem e deixe que ela decida.

Naquela noite, eu mal falei e mal comi. Mas enquanto degustava a única garrafa de bebida da mesa, analisei cada um dos rostos presentes, pensando na proposta da minha irmã. Aquele era o time da vitória? Como eu poderia confiar em qualquer um deles, depois de ter sido traído por meu próprio irmão?

Sentia que, talvez, não tivesse escolha.

E distraído, vendo Lorenzo cuidando de Delfina grávida, tive um estalo.

Lorenzo não havia me dopado e arriscado tudo porque queria poder.

Lorenzo fez por sua família, por Delfina.

Encarando sua coragem de enfrentar as consequências de tudo, não o achei fraco, ou ridículo. Então, aos poucos, a compreensão veio.

Elizabeth era o meu ponto fraco, mas me fazia forte o bastante para que eu colocasse o mundo aos seus pés, se fosse necessário.

Sem dizer nada, eu levantei e saí.

Saí em busca da minha mulher, e a traria de volta, se ela quisesse ficar.

CAPÍTULO 60

Belas criaturas, você e eu
Toda vez que nos tocamos é perigoso
Essa faísca é mais do que química
Belos mentirosos, afundando
Toda noite brigamos e é quente como um inferno
Mas parece um paraíso debaixo dos lençóis
Toda vez que nos soltamos
Eu grito e peço por mais
Passamos todo momento
Virando de amigos para inimigos e
Lutando para se segurar um no outro
Todo segundo, nós caímos no fogo abaixo
É tão lindo
O inferno que a gente fez um para o outro
Mas tudo é amor e guerra
Mais alto nós rugimos
Implorando por mais
Eu sei que é muito errado, mas querido, apenas
Me toque
Por que a gente não se mata devagar?
O que posso dizer? Meu bem, o que posso fazer?
O monstro em mim ama o monstro em você
monster in me, little mix

Elizabeth Fabbri

— O-o que você faz aqui? — eu gaguejei, a voz estrangulada na garganta.

Eu não conseguia acreditar.

— Eu vim, por você.

Soltei uma risada anasalada e neguei com a cabeça.

— Você não pode estar falando sério... Você me deixou vir embora.

— Minha voz sumiu no final da frase e ele deu um passo para o lado, ficando de frente para mim.

Olhando-me do alto, Louis parecia uma criatura divina com aquelas luzes em volta de si. Era injusto que ele não fizesse o mínimo esforço e só sua visão me destruísse daquele jeito.

— É, eu deixei, pela primeira vez na vida, outra pessoa tomar decisões, mas não gostei do resultado. — Elevando o tom de voz, ele ofereceu a mão para mim e, sem opção alguma, eu a peguei.

Vendo ser real, quando seu toque enviou aquele choque quente por todo o meu corpo pelo mínimo contato, me levantei.

Louis revistou cada pedaço do meu rosto, depois do meu corpo, e deu um meio-sorriso quando focou na minha barriga. Eu não estava entendendo porra nenhuma.

— Louis — o nome saía macio na minha boca —, eu não entendo...

— Mas vai. Eu fui estúpido de acreditar que isso era só uma brincadeira, Elizabeth. Já tive provas o bastante de que, de alguma forma bizarra e inumana, você é minha. — Sua mão se ergueu lentamente, como quem buscava permissão, e quando não me afastei, ele tocou meu rosto com a ponta dos dedos.

Eu fechei os olhos e engoli com dificuldade o gemido de prazer que aquele toque trazia. Minha pele formigou sob a sua, meu coração bateu na minha garganta. Eu podia ouvi-lo nos ouvidos. O mundo parecia ter parado.

— *Bambina...* — O apelido me arrepiou por inteiro e colocando a mão sobre a sua no meu rosto, abri os olhos para encará-lo sem máscaras.

Eu não aguentava mais fingir que não sentia falta. Não suportava mais o peso de carregar a mentira de que não precisava dele. Tudo o que eu queria era me jogar de novo, de cabeça, recomeçar do zero, ou de onde paramos, mas não podia.

Não devia.

Precisava ser mais, precisava ser real.

— Preciso de você, *mia bambina*. Sei disso desde o momento em que a deixei sair pela minha porta e não consigo mais suportar. E estou aqui, agora, disposto a passar pela sua aprovação. Quero você de volta, mas não como uma imposição minha, Elizabeth. Não vim aqui te forçar. — Os olhos castanhos encaravam os meus tão intensamente que toda minha alma parecia queimar. Cada célula minha era consciente da presença de Louis.

— Eu... — Não sabia o que responder, principalmente quando ele tomou a respiração e, tirando a mão do meu rosto quase causando dor física, se afastou e começou a se abaixar.

Demorou meio segundo para eu entender o que acontecia.

Meu cérebro entrou em pane. Minhas mãos suaram. As lágrimas atrapalharam minha visão e eu só sabia tremer.

— Vim aqui saber se há alguma chance de você ainda amar essa alma despedaçada e sombria. — Ele aumentou o tom de voz, me olhando de baixo, apoiado em um dos joelhos, ainda segurando minha mão enquanto a outra ia ao bolso do terno. — Eu não tenho um coração para oferecer, Lizzie. Você sabe. Mas o que tenho, o que você me fez descobrir que ainda existe, é seu, se você quiser, para amar ou destruir. É tudo seu.

— Você não pode fazer isso comigo. — As palavras saíram tão baixas que nem eu me ouvi direito, e com medo de ouvir de novo que ele não me

amava, a pergunta saltou dos meus lábios. — O que mudou, Louis?

— Tudo mudou.

— Você não está... — me interrompendo, ele tirou a caixinha do bolso e a abriu.

A pedra transparente que eu desconfiava ser um diamante brilhou e eu levei a mão livre até a boca, não acreditando que aquilo era real.

Não podia ser. O despertador tocaria a qualquer segundo, ou Elliot choraria e eu teria que me recuperar daquele sonho.

Mas, por um longo segundo, nada aconteceu.

— Eu jurei nunca mais mentir para você, e você sabe que cumpri, mesmo te machucando. Isso não mudou. Elizabeth — ele ergueu o anel para que eu visse melhor —, se ainda há algo dentro de você que me pertence, por favor, me dê a honra de ter você para sempre.

E então, o mundo congelou.

Ajoelhado na minha frente, eu vi Louis como no primeiro dia.

Dois mundos diferentes se colidindo.

Vivi o seu melhor e o seu pior.

Toquei seu lado mais amável, fui refém do seu lado mais sombrio, e
amei os dois.

Vivi dias em que acordei sua melhor amiga, e dormi como seu pior
inimigo na zona de guerra.

Nada foi em vão. Nada foi simples, nenhum dia sequer.

Dancei com ele no céu e no inferno, todo tipo de ritmo, todo santo dia.

E, visceralmente, dentro de cada pedaço meu, a falta dele doía.

Eu deveria correr. Deveria mandar os seguranças afastá-lo.

Mudar de nome, de país, de profissão.

Deveria colocar uma estaca dentro do seu coração e bani-lo para
sempre, mas não podia. Nunca conseguiria.

Não era racional.

Não era certo.

Provavelmente, alguma hora, me mataria.

Mas aquele era o preço quando sua alma já estava condenada, e a
minha pertencia a ele.

Quando eu soprei a resposta, soube que ela era a única possível.

Naquele segundo, tudo o que contava era meu coração, e mesmo que o
caminho no qual ele fosse me levar me machucasse, estava decidida a não

me arrepender.

— Sim — me ouvi dizer antes de entender o que aquela palavra significava. Então, tomei coragem de admitir a minha estupidez para mim mesma, e repeti em voz alta: — Sim!

Eu não consegui ver muita coisa, mas quando o anel deslizou pelo meu dedo, o frio no estômago quase me congelou. Parei no lugar, não entendendo como podia ser tão louco daquele jeito, mas não tive tempo de processar.

Louis se levantou, meus olhos o acompanharam e, ansiosamente, eu esperei.

Do mesmo jeito que aquela sensação no estômago chegou, foi embora quando ele colocou ambas as mãos no meu rosto e secou minhas lágrimas. O cheiro de outono dele inundou meu cérebro e eu respirei fundo, querendo mais, querendo nunca esquecer.

Era melhor do que eu me lembrava.

Lentamente, Louis se curvou sobre mim.

E eu vi o meio-sorriso que ele dava antes de encostar os lábios nos meus.

— Isso é real? — perguntei, com a boca na dele.

Os olhos castanhos ainda estavam abertos e, tocando a testa na minha, ele soltou a risadinha de deboche que só eu conhecia.

— Por quanto tempo eu viver.

Quando Louis me beijou, fui engolida por toda a corrente de sentimentos que pulsavam no meu peito e pelo que ele trazia junto de si. Sua boca tinha gosto de lar e não importou estarmos em público, ele não me poupou e eu não tive um pingão de vergonha de toda nossa intensidade.

Se mil vidas eu tivesse, em mil e uma eu queimaria por Louis.

Eu era dele e, finalmente, ele era meu.

CAPÍTULO 61

depois de todo esse tempo, não tenho nada a perder
depois de todo esse tempo, não vejo nada além de você

Você pode dizer que eu desperdicei com você
Mas quando você quebra, eu quebro por você também

O amor pode nos deixar roxos
Mas querido, eu vou levar os socos por você

punches, noah cyrus

— Você tem certeza disso? — Isabella perguntou, pela milésima vez, com as mãos nas minhas, encarando Louis como se ele fosse uma assombração.

— Tenho. De verdade, confie em mim. — Apertei seus dedos e ela voltou a me olhar.

— Se esse homem te colocar em perigo de novo...

— Provavelmente, ele vai. — Não podia mentir. — Mas não posso dizer não.

Isa lambeu os lábios e, então, num surto da sua genialidade, virou para Louis, que estava nas minhas costas e soprou em português antes, inconformada:

— Não acredito que você vai me fazer gastar meus cinco anos de Fisk com esse cara. — E depois de um suspiro, ela o chamou: — Ei, você aí.

Louis olhou para ela, e mesmo que sua expressão fosse mais séria, eu o conhecia bem para saber que ele achava graça.

— Isabella. Olá — ele a cumprimentou.

— Olá, nada. E eu vou dizer algo muito sério, então confirme com a cabeça se me entendeu. — Eu olhei para o lado, querendo rir. — Se minha amiga sofrer de novo por sua causa ou por causa da vida que você leva, eu acabo com você com minhas próprias mãos, entendido?

Fechei os olhos, segurando a risada e balancei a cabeça, não acreditando que aquilo acontecia.

Isabella é absurda, mesmo — pensei. Mas não a julgava, eu faria o mesmo por ela.

— Você sabe atirar? — Louis respondeu e ela ergueu a sobrancelha, achando que ele a provocava.

— Não, mas aprendo rápido. — Abri os olhos para vê-la de novo.

— Ótimo. Fique tranquila, se algo acontecer, serei eu a dar a arma na sua mão.

Eu sabia que aquilo era brincadeira, mas meu peito se aqueceu e o sorriso parecia carimbado no meu rosto.

— Isa, ei, me escute — chamei a atenção dela, passei suas mãos para os meus ombros e a abracei pela cintura. — Sei que é loucura, que pode ser errado.

— Não pode, é.

— Eu sei. — Concordei com a cabeça. — Mas se eu não for com ele...

— Não sou burra, Elizabeth. Eu te conheço como a palma da minha mão e mesmo que você viva em Marte pelos próximos vinte anos, ainda vou te conhecer. Você ama esse desgraçado.

— Amo. — Confirmei com a cabeça.

— Então é bom que ele te faça feliz, ou realmente vou aprender a atirar. — Ela me abraçou tão forte que não houve opção que não fosse retribuir.

— Amo você também, palhaça — falei baixinho e ela suspirou.

— Eu sei.

E a graça de tudo e qualquer coisa naquele dia foi ofuscada por ele.

Isabella assumiu as mesas onde eu falaria, e ficamos de marcar uma reunião no primeiro horário da segunda-feira, para resolvermos o que

faríamos com os novos rumos da editora. Louis me pegou pela mão, parecendo orgulhoso, e me levou na direção do rosto conhecido.

— Oi, Henry. — Acenei no ar e ele, segurando o sorriso, moveu a cabeça.

Aquele ali tinha mais cu que eu para aguentar Louis há tanto tempo sem reclamar, e pensar nisso me fez rir.

— O que é tão engraçado?

— Nada... Pensando como deve ter sido — escolhi a palavra com cuidado — diferente para você ter que fazer tudo isso.

Louis, tentando manter o ego nas alturas como sempre, deu de ombros.

— Estou sempre certo, você sabe.

E eu parei no lugar.

— *Tá* dizendo que sabia que eu ia cair nessa sua armação aqui? — Minha testa vincou e, me surpreendendo, ele sorriu.

Sorriu abertamente, no meio do corredor, só para mim.

Era raro demais.

Erguendo meu queixo com a mão livre, Louis beijou o centro da minha testa e eu engoli em seco. O vinco se desfez. Que droga de efeito era aquele? Deus... Não era nenhum pouco justo.

— Não. Não houve armação. E não. Não sabia se você me aceitaria.
— Ele roçou o nariz pelo meu e fitou meus olhos, enquanto sua voz, num tom mortalmente delicioso, disse: — Mas eu esperava que sim.

— Eu te odeio — respondi, contendo o sorriso e levando a mão livre ao seu rosto, para selar a boca na dele.

— Eu sei — divertido, ele se afastou —, é por isso que funciona.

E continuamos o caminho para fora do pavilhão.



Por todo o caminho de volta, eu não conseguia parar de olhar para ele.

O anel na minha mão brilhava, mas nada comparado aos meus olhos.

Sabia que teríamos alguns embates, mas fiquei quietinha pelo maior tempo possível, querendo que aquele momento de felicidade durasse pelo menos mais um pouco. Depois de tanto tempo imersa naquela tristeza, as palavras de Louis eram como a lufada de ar mais puro e fresco, e eu não queria perder isso.

No jatinho particular dele, estávamos sentados um ao lado do outro, as poltronas um pouco inclinadas e com os apoios de braço erguidos antes de decolar.

Foi só estabilizar no ar que botei os pés para cima do banco e Louis me puxou sobre seu peito, me abraçando enquanto eu aspirava uma dose cavalgar do cheiro que tanto senti falta. E como se fosse o encaixe perfeito, fiquei ali o maior tempo que pude, antes de precisar levantar para fazer xixi.

Da quarta vez que levantei, Louis estranhou.

— Está tudo bem?

— Chama-se gravidez. — O coice veio tão natural que mordisquei a língua ao me sentar. — E você não viu nada. À noite, não consigo dormir mais que duas horas direto. Na verdade, não lembro quando dormi isso tudo, acho que a última vez foi quando cheguei aqui...

Louis ficou em silêncio.

Falar sobre filhos, no plural mesmo, seria delicado.

Se por qualquer segundo Louis rejeitasse Elliot, eu devolveria aquele anel enfiando bem no meio do cu dele. Aquele garoto era meu. Podia não ter saído de mim, mas era meu filho.

E não querendo foder tudo na primeira hora, me ajeitei com os braços em volta de mim e, tão relaxada quanto poderia estar, adormeci.

CAPÍTULO 62

Não é saudável
Mal estamos respirando
Mas essa dor mantém meu coração batendo
Estamos perdidos quando estamos juntos
Mas eu vou seguir você para sempre
Eu não quero ir para o céu
Se você vai para o inferno
Vou queimar com você
burn with you, lea Michele

Eu era a rainha das tortas de climão, mas com aquela ali, eu estava de parabéns.

Não conseguia parar de querer rir de Louis sentado no sofá da sala, de frente para os meus pais, ambos se olhando intensamente. A vantagem era que o jogo de vôlei na tv, mesmo baixinho, ajudava no silêncio constrangedor, mas a cena nunca sairia da minha cabeça.

Louis falava palavras soltas em português. Grande parte repetição de algum palavrão meu solto em hora proibida para menores.

Minha mãe não tinha ideia do que era um *verb to be*, e meu pai era o tio do pavê que atendia ao telefone fazendo a piadinha do

“UATENSOMDIU?”

Juntar todos na mesma sala me fez ter uma crise de riso, mas tentei me controlar muito. Tanto que quase fiz xixi nas calças.

Quando percebi que Louis ficava desconfortável, aliviei um pouco a tensão.

— Mãe, pai, este é Louis Luppolo. Meu ex-namorado, pai do meu filho, e acho que agora noivo. — Mostrei o anel mais uma vez, tentando que a informação fosse processada aos poucos, já que Isabella tinha me atropelado e contado a fofoca pela metade.

Por conta da minha melhor amiga, meu pai e minha mãe, como se fossem dois robôs, piscaram para mim e voltaram a encarar o estranho.

E eu imaginava o quanto era estranho para eles receberem alguém do porte de Louis, que parecia feito em impressora 3D, tirado de alguma revista chique, sabendo que aquele cara tinha quebrado meu coração e, do que eles sabiam, me colocado para correr com uma criança no bucho e outra no colo.

A sorte era que, a cara de poucos amigos do meu pai não afastou Louis.

— Louis... — Respirei fundo. — Essas são as pessoas mais importantes da minha vida.

— Eu sei — disse e completou: — E seu pai parece me odiar.

Louis dizia aquilo sem expressão alguma que não parecesse um elogio.

— E eles odeiam, eu acho.

— Poderíamos ter conversado melhor antes de subir, não?

— E perder o show de você se virando nos trinta? Jamais. —

Desviando o olhar para mim, sabia que ele me xingava mentalmente. — Não vou ajudar, você que lute. Me pedir em casamento foi fácil, agora, convencer meus pais de que você é bom para mim, são outros quinhentos.

— Se eles falassem inglês... — reclamando, Louis arrancou o celular do bolso.

— Eu posso traduzir — me ofereci, mas ele fingiu não me ouvir e começou a digitar freneticamente.

Meus pais me encararam, reprovando aquilo. Eu sabia, mas não podia fazer nada.

— Esperem — pedi o voto de confiança. — Ele quer falar com vocês por si só... — expliquei a situação.

Dois minutos mais tarde, o gringo suspirou e me olhou com sua melhor poker face.

Não foi fácil fingir que não tinha efeito algum em mim, mas observei ansiosa enquanto ele deslizava para a beirada do sofá e colocava o celular sobre a mesa, virado para os meus pais.

O aplicativo de tradução tinha feito seu trabalho e era óbvio que eu estiquei o pescoço para ler junto.

“Sr. e Sra. Fabbri, sinto muito que sejamos apresentados dessa forma. Eu já quis que isso acontecesse antes, mas a filha de vocês me impediu. Acho que, agora, não há mais como fugir, não é? Apesar da vida pública que levo na América, gosto de manter nosso relacionamento o mais privado possível, e seria estranho lamentar sobre as nossas divergências, minhas e de Elizabeth, dos últimos meses nesse primeiro contato. Porém, apesar de alguns erros no caminho, estou aqui para corrigi-los. Seria ingênuo de ambas as partes eu pedir a mão desta mulher a vocês, antes de saber se ela me aceitaria, mas ainda assim, gostaria que pudéssemos contar com a sua bênção em nosso casamento. Elizabeth é a única pessoa com a qual quero dividir a vida, e quero fazer isso do modo certo.”

O lugar onde meu coração deveria estar se aqueceu depois de ler aquilo e, com uma timidez esquisita que não me pertencia tomando conta de mim ao ver o modo como Louis tratava a nossa volta com meus pais, me sentei no braço do sofá e o encarei.

— Você me paga — sussurrei e ele piscou.

Quase perdi o ar, mas minha mãe se moveu ao meu lado e precisei prestar atenção nela, mesmo que não tivesse tirado os olhos dos dele.

— E então, o que te fez aceitá-lo, Elizabeth?

— Eu o amo.

Não era a melhor, mas era a única justificativa que eu tinha.

— E ele vai assumir Elliot? — Foi meu pai quem perguntou, e só isso tirou minha atenção de Louis.

— Pergunte a ele — pedi, oferecendo o celular, já avisando: — E saiba que, se ele disser não, este celular e este anel vão voar pela janela, então não se assustem.

Era bom que meu pai perguntasse.

Seria mais fácil administrar meu ódio se tivesse uma plateia.

Louis notou a mudança no clima, mas com cara que eu fazia, não era difícil de entender.

A pergunta do meu pai foi simples, e quando ele recebeu, respirou fundo e me olhou por míseros dois segundos antes de digitar a palavra pequena, de três letras, em português.

Eu quis gritar.

Era simples, pequeno e definitivo.

“Sim.”

E não havia mais nada do qual eu pudesse reclamar.

Meu pai e Louis conversaram um pouco mais daquele modo esquisito e eu achei a coisa mais bonitinha do mundo quando o italiano disse que se esforçaria para que, quando se encontrassem novamente, ele estivesse falando e entendendo um pouco mais de português. Meu pai tentou fazer a brincadeira do “*uatemsomdeu*”, e finalmente eu me senti confortável para ver meu filho.

Depois do jantar, olhei para os três sentados e decidi que, se seria daquele jeito, não tinha como adiar ainda mais aquele encontro.

Quando me ergui e parei em frente a Louis, oferecendo minha mão, ele entendeu perfeitamente o que eu queria fazer. E enfrentou, por mim.

Abri a porta com todo o cuidado do mundo, vendo a luz do abajur acesa, e adentrei no quarto do meu pequeno. Elliot dormia profundamente e

eu não quis perturbá-lo, mas parei em frente ao berço e esperei Louis se aproximar.

— Este é o meu filho.

Orgulhosa, acariciei a perninha por cima do tecido do body quentinho.

Louis não falou nada, só observou, e eu o amei ainda mais.

Sabia que era um risco para ele. Entendia muito bem de onde vinha sua preocupação, seu receio, mas se dependesse de mim, Elliot nunca nem desconfiaria que não tinha nascido de mim.

— Acha que pode deixá-lo esta noite? — Foi a única coisa que Louis disse, depois de vinte minutos ali.

A curva de um sorriso surgiu no meu rosto.

— E para onde você quer me levar? — flertei com ele, apoiando o queixo no ombro, mantendo os olhos sobre sua boca.

— É surpresa, mas acho que você vai gostar...

— Hm... Agora eu sou mãe.

— Podemos achar uma babá — ele ofereceu, esperançoso, num tom de voz tão cheio de possibilidades que meu corpo todo gritou.

— Preciso pedir permissão. — Me freei com a verdade.

— Ou fugir pela janela.

— Do décimo quinto andar? — Eu ri. — Acho que não.

— Então vá logo, ou... — Louis se aproximou o bastante para sua respiração bater contra o meu rosto. — Você sabe o que te aguarda.

— Estamos na presença de uma criança. — Tentei dar algum juízo a ele.

— Estaremos na presença de uma criança, o tempo todo, pelos próximos três meses.

Ele tinha razão, e eu só soube rir.

— Vamos lá para fora.

Não demorou cinco minutos.

Abraçando minha mãe por trás na cozinha, sozinhas, sussurrei em seu ouvido:

— Ei, você gostou dele?

— Acho que sim. Você está feliz?

— Em um tanto que não sei explicar — confessei.

— E o que vão fazer agora?

— Se pudermos, vamos conversar fora daqui...

— Se pudermos? — Minha mãe me encarou com uma expressão engraçada no rosto. — Você está meio grandinha para pedir permissão.

— É que Elliot... A babá. — Ela me interrompeu.

— Eu já ficaria com Elliot hoje à noite de qualquer jeito, não? Fique tranquila, não te acho irresponsável por isso. Estou orgulhosa, na verdade. Você está acertando sua família.

— Obrigada, mãe! — Beijeí sua bochecha. — Prometo que não volto tarde amanhã.

— Certo. Dê tchau ao seu pai — ela falou um pouco mais alto quando me liberou da cozinha e, no segundo em que Louis me viu exibindo um sorriso divertido, a expressão em seu rosto mudou, e ele não era mais o de bom moço que havia conquistado minha família.

CAPÍTULO 63

Eu ainda olho para você com olhos que querem você
Quando você se move, você faz meus oceanos se moverem
também

Se eu ouvir o meu nome, eu vou correr em sua direção

Podemos dizer que nos amamos

Podemos jogar como nenhum outro

É meu desejo que você alimenta

Você sabe exatamente o que eu preciso

Você tem poder sobre mim

power, isak danielson

Louis Luppolo

Em frente ao carro, como a porra de um adolescente, abri a porta para colocá-la para dentro. Assim que Lizzie estava sentada, com a cabeça apoiada no banco, não resisti. Minhas mãos em seu rosto me deram o bom apoio para beijá-la como quis o tempo todo desde que entramos naquele apartamento.

Peguei-a tão desprevenida com minha necessidade dela, que nem quando ela riu, me afastei. Na verdade, aprofundei o beijo, pressionando-a

contra o banco, brincando com os dentes em seu lábio inferior.

Elizabeth suspirou quando percebeu que eu não pararia e suas mãos no meu terno me puxaram mais para si. Se ela não me parasse, eu a foderia no carro.

Mas lendo meus pensamentos, seus dentes mordiscaram minha língua com mais força e suas mãos me forçaram o peito.

Afastei a boca da dela e vi Elizabeth sorrindo, levemente assustada com aquilo.

— Seu médico disse algo sobre transar? Há alguma proibição?

Ela negou com a cabeça ainda na busca de controlar a respiração.

— Ótimo. — Me senti vitorioso. — Eu tenho uma condição. Coloque a máscara que está no porta-luvas — ordenei e dei a volta no carro.

— Precisamos mesmo desse tipo de joguinho? — ela reclamou, já com a faixa que taparia sua visão.

— Você queria uma versão minha da qual não tivesse dúvidas, não? Então...

Facilmente convencida, Elizabeth tapou os olhos e descansou a mão na minha coxa, parecendo irritada. Eu sabia que não estava.

Liguei o carro e saí de onde estávamos, agradecendo que o endereço agora era próximo do destino, principalmente quando suas unhas começaram a fazer desenhos sobre minha calça.

Era a mesma coisa de fazer aquela porra na cabeça do meu pau.

Acreditei que aquilo era só uma carícia sem malícia, mas o controle já estava longe há tempos. Sentir o cheiro dela, o contato com a pele, a presença... Porra. Só de olhar Elizabeth meu corpo respondia.

Eu era mesmo o caralho de um viciado, e não havia nenhum tratamento que meu dinheiro pudesse pagar para arrancá-la do meu sistema.

Concentrei-me ao máximo no caminho, mesmo que sentisse a pressão nas minhas calças aumentar e comi um ou dois semáforos vermelhos antes que parasse o carro em qualquer canto.

Era uma luta descabida do meu instinto contra o meu plano de ação, e assim que entrei pela garagem do hotel, soltei o ar, aliviado.

— Está tudo bem? — Elizabeth perguntou, quando notou minha tensão.

— Está, espere um minuto. — Parei o carro na vaga reservada e abri a porta, saltando logo para fora.

— Minhas coisas estão no porta-malas — ela avisou, tentando adivinhar onde eu estava.

— Você não vai precisar de nenhuma delas. — Meu tom de voz era de um predador e Elizabeth sabia disso, pois ficou sem fala.

Eu a desci do carro e a guiei até o elevador com o máximo de zelo.

A ansiedade dela estava estampada em cada movimento que ela fazia e era divertido de assistir. Tão humana...

Assim que subimos até o último andar e eu abri a porta da suíte, a coloquei para dentro e anunciei de uma vez:

— Pode olhar.

Lizzie parecia uma criança quando os olhos se adaptaram à luz.

Havia uma quantidade absurda de flores espalhadas pelo quarto. A única iluminação vinha do fogo da lareira e das velas espalhadas. Ela ficou parada, analisando tudo como se não acreditasse ser real. Quando a combinação de rosas e velas foi superada, ela entendeu onde estávamos.

— Ah, meu Deus...

Era a mesma mesa de pedra onde eu a havia punido.

A lareira, a cama, o sofá, tudo.

— Por que aqui? — ela perguntou, depois de meio minuto sem fala.

— Porque era o jeito certo de fazer isso. — E eu não esperei mais nenhum segundo.

Minhas mãos a grudaram contra a porta e eu cobri seu corpo com o meu.

Eu a queria tanto...

— Louis — ela chamou baixinho, antes de eu conseguir tocar sua boca com a minha.

— Você tem dois segundos antes que eu comece — avisei, mas ela negou com a cabeça e entendi que não podia avançar. — O que foi? — Afastei-me dela só o bastante para vê-la com clareza.

— Preciso de um banho antes. — Sua voz era um sussurro, parecendo se convencer de que não podia se render.

— Eu posso cuidar disso...— Já ia me virando para o banheiro, quando ela parou e me puxou pelo paletó.

— Não é... só isso.

Parei, sem entender Elizabeth e ela pareceu entrar em pane.

Seu rosto se fechou numa máscara de quem queria chorar e se esforçava muito para não desmoronar.

— O que foi? Não quer estar aqui? — Voltei para ela, tentando consolá-la de qualquer merda que podia ter feito.

— Quero — ela limpou a garganta —, mas meu corpo é outro.

Quis rir daquilo, mas nunca faria.

Era absurdo Elizabeth achar que algo mudava só por causa da gravidez.

— E eu continuo te querendo. Nada mudou...

— Mas... — Ela suspirou entrecortado e eu a abracei, beijando o topo de sua cabeça.

Eu a foderia como tanto esperei? Era óbvio que sim.

Mas primeiro, eu a deixaria confortável sob sua pele.

Se era ver que as mudanças físicas não afetavam o meu desejo que ela precisava, era isso que eu faria, e por isso, encaminhei Elizabeth para o banheiro.

A decoração se estendia até ali, e sob as luzes das velas, liberei Lizzie de cada peça de roupa. Quando a deixei completamente nua, depois de uma bela revista em seu corpo, percebendo que mais uma vez eu estava certo, notei que ela não me olhava nos olhos.

Ergui a cabeça de Elizabeth e, quando ela finalmente me encarou, fui claro no que queria que fizesse.

— Sua vez.

Lizzie entendeu e, logo, suas mãos trêmulas foram pouco a pouco ganhando firmeza, conforme arrancavam minha roupa. Quando ela abaixou minhas calças junto da cueca, percebi seu olhar e a forma como ela mordiscou o lábio inferior ao ver meu pau completamente duro e ereto liberto.

Era por causa dela, e eu podia provar.

Abri o boxe e ela entrou, indo para debaixo do chuveiro, abrindo o registro.

Elizabeth prendeu o cabelo, molhou-se virada para a parede, ficando de costas para mim, e eu a abracei por trás. O calor do meu corpo contra o dela fez com que ela arfasse. Engoli a seco minha vontade de avançar o sinal. Não era hora, ainda.

Soltei o ar pelas narinas infladas e juntando minhas mãos às dela, afanando o sabonete e fazendo espuma, desliguei o chuveiro e comecei meu trabalho com cuidado e dedicação.

Ensaboei o pescoço de Elizabeth, acariciando sua garganta com os dedos em volta dela propositalmente. Massageei os pontos de tensão em sua nuca, depois clavículas e ombros, e quando percebi que ela começava a ficar mais solta, volvei com as mãos para seu colo. Fiz mais espuma no sabão e desci um pouco mais, pegando seus seios ainda maiores, um em cada

mão, massageando e provocando o corpo da minha criança, da minha menina, que jogou a cabeça para trás e gemeu baixinho. Meu pau pulsou contra suas costas, mas eu não interrompi o curso das coisas.

Espalhei a espuma por seus seios e esfreguei os mamilos já intumescidos com as pontas dos dedos. Lizzie se apertou contra mim com a boca semiaberta e os olhos fechados. Beijeí sua têmpora e descí as mãos por sua cintura, esfregando seu corpo com dedicação até que, quando avancei para a barriga, ela não fez nada além de suspirar.

Beijeí-a novamente, dessa vez na bochecha, e desvendei cada pedaço daquela parte de Elizabeth. Era realmente novidade para nós dois, e eu não perderia a viagem. Senti cada uma das marcas sob meus dedos, entendi a estrutura, onde era mais rígida, onde ela não parecia gostar tanto e quando a mapeei como queria, me curvei um pouco mais e atingi o que tanto ansiava...

Seu monte, os lábios externos, seu clitóris inchado...

Eu a ensaboei em todo canto com muito apreço e atenção, e quando o chuveiro foi ligado, fui eu que direcionou a água para lavá-la.

A mulher em meus braços girou entre eles e ficou de frente para mim e, na ponta dos pés, me puxou para si, ainda que nos empurrasse para a parede, para longe d'água.

Elizabeth estava vorazmente faminta e provou isso quando me beijou.

Segurei seu corpo contra o meu, a bunda ainda maior, os quadris mais largos, e senti quando uma das suas mãos desceu pelo meu torso até, finalmente, agarrar meu pau sem timidez alguma.

Devagar, sua mão envolveu o que conseguia e lentamente ela começou o movimento de vaivém.

Foi a mesma coisa que soprar fogo nas minhas veias e a consequência disso foi que, daquela vez, fui eu que gemi contra a boca dela.

Ela sorriu entre o beijo, e intensificou seu movimento.

Minha mão subiu para sua garganta e eu a apertei.

Aquilo só a excitou mais. Lizzie colocou a outra mão no meu pau também e me masturbou, massageando minhas bolas, fazendo todo meu corpo estremecer.

— *Cazzo* — mais gemi do que xinguei, e ganhei em retribuição uma chupada no lábio antes da língua dela voltar a invadir minha boca.

Meus dedos se apertaram ainda mais em sua garganta. Ela arfou, mas não me pediu para diminuir. Elizabeth estava excitada com aquele novo poder que tinha e a cada tentativa minha de fazer parar, só a atiçava mais.

Era um duelo de vida ou morte.

Ela queria me fazer gozar ali, com sua mão, e eu queria muito mais.

Num rompante, movi a mão para sua nuca e a afastei de mim com uma brutalidade seca. Ela me encarou assustada num primeiro momento, mas não dei nem tempo de ela raciocinar. Peguei Elizabeth no colo, juntei a boca na dela de novo e saí para o quarto.

Ela nem sonhava com o que eu tinha planejado, mas desconfiou quando eu a coloquei sobre a mesa. Houve um pequeno protesto vindo do fundo de sua garganta quando me ergui, e seus olhos me seguiram, conforme eu abria a caixa branca sobre a cama.

— O que tem aí? Se você tentar me punir... — A ameaça em sua voz era tudo o que eu precisava ouvir.

— Não vou. Hoje... — tirei as fitas da caixa —... você não merece ser punida.

— Louis, eu não quero ser amarrada em cordas... Não ainda. — Receosa, ela se sentou.

— Não temos cordas hoje. Só cetim. — E vindo por trás dela, passei as fitas soltas por seu rosto, pescoço, colo, seios, barriga e monte de vênus. — Vê? Não vou te machucar.

Ela ainda parecia incerta, e a última coisa que eu queria era Elizabeth desconfiada de mim. Ajoelhei-me entre suas pernas, ficando com o rosto na altura do seu e acariciei sua bochecha.

Elizabeth suspirou.

— Ainda tenho lembranças...

— Por favor, confie em mim. — Procurei em seus olhos bondosos um mísero átomo de fé. — Eu juro que fora deste quarto não sou eu que te domino, Elizabeth. Sendo sincero, nem mesmo aqui dentro. Eu sou seu escravo desde que coloquei os olhos em você, mas me deixe tentar...

Pensando, Lizzie acariciou as fitas e soltou um suspiro.

— Se eu disser para parar...

— Paro na hora. Eu prometo. — Com tudo o que havia em mim.

Eu morreria antes de machucá-la de novo.

Ela respirou fundo e, engolindo a falta de coragem, me perguntou:

— O que eu faço?

— Deite-se.

Fechando os olhos, como se duvidasse de si mesma, ela obedeceu.

— Esta mesa não me traz boas lembranças...

— Talvez hoje eu mude isso.

Fiz Elizabeth flexionar a perna direita, e amarrei o cetim em volta de sua canela e coxa. Depois repeti com a perna esquerda.

— Apoie-se nos cotovelos — ordenei.

Lizzie não deu um pio, e evitou olhar, conforme eu ia para trás dela, passando três pedaços de fita cintilante para unir ao máximo seus braços naquela posição,

— E por último... — Coloquei a mesma fita, só que mais grossa, sobre seus olhos e amarrei atrás de sua cabeça.

Abaixado ao seu lado, vendo Elizabeth tão exposta e tensa, chiei, passando a mão na pele ainda úmida, mas ela não relaxou.

— Eu nunca te ofereci uma palavra de segurança, porque eu nunca teria parado antes, mas agora...

— C-chão — ela gaguejou.

— Certo. Que seja.

A música da *playlist* dela daquela época, *Whore*, começou a tocar quando acionei o botão de mídia em cima da lareira. Ela segurou um sorriso e virou a cabeça para mim, mesmo sem conseguir me enxergar. Podia ler em sua expressão um “é sério?”, mas a ignorei.

Voltei para a caixa, coloquei tudo o que precisava por perto e, voltando para Elizabeth, sem nada para nos atrapalhar, coloquei as mãos sobre a mesa, roçando os braços em suas coxas e, depois de chupar violentamente seu lábio inferior, desci por seu pescoço. Ao sentir o gosto e o

cheiro de sua pele, abri a porta para que o demônio em mim tivesse o que ele tanto queria.

Elizabeth sentiu quando meu quadril bateu contra ela e meu pau, sedento e molhado, roçou em sua boceta. Desci ainda mais com a boca, parando com a língua entre seus seios e vi a menina engolindo a saliva com força. Ela segurou a respiração por um longo segundo antes de soltar o ar e eu ri contra sua pele.

Vi seus poros marcados quando se arrepiou ao sentir minha respiração e beijei o caminho imaginário até o mamilo duro e inchado como nunca.

Aquilo seria tão perfeito para o que eu queria fazer, que só de roçar nela eu poderia gozar, mas me segurei mais uma vez, focando no meu objetivo.

Minhas mãos saíram do mármore para tocar suas coxas. Sentir as fitas se misturando com a pele era foddidamente excitante para mim e quando eu a apertei ali e suguei seu peito, Elizabeth inflou os pulmões e deitou a cabeça, gemendo baixinho, me dando livre acesso.

O demônio dentro de mim comemorou.

Uma das minhas mãos foi para meu pau, e com a cabeça inchada e melada, me esfreguei contra Elizabeth tão lentamente que chegava a ser doloroso. Passei por seu clitóris, desci causando atrito na uretra e deslizei

com a maior facilidade para sua entrada. Não deveria invadi-la ainda, mas a tentação era demais para suportar, e descontei isso em seu mamilo entre meus dentes.

Não era delicado, mas ela gostou e demonstrou isso empurrando o peito contra minha boca.

Superando a vontade de me enterrar em Elizabeth, voltei a me esfregar contra seu clitóris e depois me afastei, soltando o mamilo molhado de saliva e avermelhado pela pressão da minha boca, continuando sobre sua barriga, na linha fina e quase invisível que a marcava.

Beijei o caminho para baixo e fiquei ainda mais sedento por ela quando senti seu cheiro. Elizabeth estava tão molhada e quando olhei para baixo, vi que a mesa estava úmida. O sorriso de aprovação ganhou meus lábios, e sem pensar duas vezes, caí de boca nos dela.

Sua boca se abriu num gemido longo e eu suguei seu clitóris com intensidade antes de acariciá-lo com a língua, tão lentamente que ela se remexeu toda.

— Caralho. — Ouvi-a xingar em sua língua e não parei.

O movimento circular que fiz nela em seguida e os gemidos que ganharam sua boca transformaram aquele quarto em um estádio onde, aquele som e a visão do corpo dela, era o único show que importava.

Com Lizzie no ponto, dolorido de tanto tesão, eu não quis mais esperar.

Os grampos de mamilo que eram seus favoritos arrancaram seu ar quando os coloquei de uma vez.

Ela travou a mandíbula e respirou fundo, tentando se controlar e eu precisei esperar, sentindo de longe o calor e a pulsação vindo dela.

Enquanto esperava, preparei uma das velas e, quando o corpo de Elizabeth pareceu levemente menos sensível, me encaixei em sua entrada e, mantendo-a aberta para mim, lentamente juntei nossos corpos, sentindo a maciez, o calor e a umidade dela me engolirem.

A boceta de Elizabeth me massacrrou.

— PORRA! — não aguentei, xingando alto junto com ela.

Minha vontade era de já começar o vaivém intenso, mas me segurei em suas coxas com tanta força que ela gritou e me espremeu ainda mais.

— Caralho de mulher apertada — rosnei, antes de soltá-la.

— Louis... — ela choramingou.

Elizabeth exalava cheiro de sexo.

Seu corpo pulsava.

Lindo, perfeito, meu.

— Relaxe, *bambina*... — A profundidade da minha ordem a fez confirmar com a cabeça e respirar fundo. Não adiantou muito para mim que tinha a visão dela daquele jeito.

O contraste do preto na pele clara me fez tocá-la e, sem aguentar, movimentei o quadril para sair dela lentamente e entrar ainda mais devagar.

— Filho da puta. — A voz afetada parecia frustrada, mas só eu sabia o quão fodido era estar sendo apertado daquele jeito por ela.

Parei, tentando me concentrar em outra coisa que não fosse a sensação do meu pau latejando contra a boceta pulsante e, respirando fundo, sentindo meu corpo suado, me mantive parado para pegar a vela que já havia acumulado cera o suficiente.

A respiração de Elizabeth estava acelerada e quando eu pinguei a primeira gota em seu joelho, ela deu um gritinho.

Respirei fundo e mordi a língua, contando mentalmente quanto tempo mais eu aguentaria.

— O que é isso? — Lizzie questionou, quando se recuperou do susto.

— Confie em mim — pedi, continuando minha contagem.

Seis, sete, oito, nove, dez...

Pinguei mais uma vez, mais para dentro da coxa e ela arfou, me apertando e se movimentando contra mim.

Quinze, dezesseis... Todo meu corpo travou e eu engoli a seco aquele tormento.

Dezessete, dezoito, dezenove, vinte.

Não dava mais. Vagarosamente, comecei a me movimentar.

Ela, tão molhada, me deixava deslizar até estar completamente enterrado.

E a desgraçada gostava.

Arruinando meus planos, encurtei o caminho.

Mantendo Elizabeth de pernas abertas, ergui a mão com o pote onde estava a cera derretida e a derrubei sobre seus seios. Começando sobre o mamilo direito e em direção ao esquerdo.

Ela tentou fugir, mas a segurei, empurrando seu quadril contra a mesa.

— Pelo amor de Deus! — ela implorou, mas não havia deus nenhum naquele quarto, e eu provei para ela quando, segurando-a com muita força, me libertei daquela amarra desgraçada de controle e meti sem dó.

O barulho da minha carne contra a dela ecoava pelo quarto junto dos nossos gemidos. Elizabeth era puro atrito, aperto e calor.

E me consumia, gota a gota, para explodir no ápice do seu orgasmo, junto dela.

Eu me enfiei fundo e me forcei ainda mais quando a senti se contrair.

Ela xingou meu nome, e minha resposta foi puxar os grampos de seus seios, trazendo parte da camada de cera junto.

Ela tremeu fervorosamente e se desmontou, mas eu não.

Queria muito dela para que uma gozada, mesmo que intensa *pracaralho*, me consumisse. Eu queria mais.

O mais rápido possível, puxei os laços todos de suas pernas, coloquei seus pés no chão, vendo que Elizabeth não tinha forças para isso, e fui soltar seus braços. Arranquei a venda de seus olhos e ela se largou contra o mármore, mas a peguei no colo e ela arfou um não.

Ignorei, completamente irracional.

— Louis... — Ela engoliu a saliva com dificuldade, com o peito subindo e descendo em ritmo acelerado. — Não sei se aguento...

Coloquei Lizzie sobre a cama. Meu pau ainda apontando para o teto.

No fundo da caixa ainda tinha uma surpresinha.

Eu a queria em todos os cantos e não dava para esperar.

Joguei o pacote de camisinha na cama, o anestésico e o vibrador favorito dela também. E não dando nem tempo para ela respirar, deitei ao seu lado e tomei sua boca.

Elizabeth me mordeu quando toquei seu clitóris sem cerimônia, mas não me afastou. Na verdade, arranjando forças sabe-se lá de onde, ela me empurrou e veio por cima de mim.

— Caralho, espere um pouco! — rosnou, entredentes e bateu na minha cara.

A violência só me deixava mais alucinado.

Lizzie me segurou contra o colchão, forçando o peso contra o meu peito e, livremente, toquei seu corpo.

Ajeitando-se sobre mim, ela colocou os seios na altura do meu rosto. Abocanhei o mais próximo e acariciei a bunda de Elizabeth, puxando-a mais para cima para que pudesse estimulá-la como queria.

Meus dedos indicador e médio deslizaram para dentro da boceta dela e fiquei ali, brincando, até ela se recuperar. Quando percebi sua respiração mais calma, parei de tocá-la daquela forma e com os dedos melados com nosso gozo, percorri seu períneo e fui além, parando em cima de seu rabo. Massageei o cu de Elizabeth com cuidado, em movimentos circulares, forçando levemente a passagem. Quando notei que ela movimentava os quadris, me incentivando, mantive aquele estímulo junto da sucção no seio em minha boca e procurei o anestésico na cama.

Com prática, tirei a tampa do lubrificante e depois de uma quantidade generosa no dedo, vi quando Elizabeth ergueu o corpo e se abriu para mim.

Ela queria.

Mais do que isso. Ela gostava.

Quando introduzi o dedo completamente dentro dela e espalhei o produto, Lizzie gemeu gostoso, se forçando contra minha mão, apoiando a cabeça no meu peito.

Podia sentir sua respiração contra minha pele. E, depois, sua boca. Elizabeth me beijou, lambeu e mordeu. Em seguida, roçou os lábios por meu corpo, passando por peito, garganta e queixo, encaixou a boca na minha e me beijou.

A língua lenta, quente, *sexy pra um caralho*.

Se eu não a quisesse antes, se meu corpo tivesse desistido minimamente da ideia, depois daquilo, ele não teria outra opção. O problema era que tudo de Elizabeth, no meu estado atual, ainda era pouco.

Forcei um segundo dedo para dentro dela, alargando a entrada do seu cu que sofreria para me receber e engoli seu gemido.

As mãos dela no meu cabelo puxaram com força.

Ela xingou algo ininteligível, eu não me importei.

Precisava da camisinha e precisava naquela hora.

Não podia passar mais um segundo sem ser dentro dela e, parecendo ler minha mente, Elizabeth fez as honras.

Saiu de cima de mim como uma gata, achou o pacote prateado e depois de abri-lo, voltou com os olhos fixos no meu pau duro. Ela o segurou pela base, e me encarando da forma mais devassa possível, lambeu das minhas bolas até a cabeça com a língua relaxada, bem devagar, dando uma última sugada na cabeça.

— Filha da puta — xinguei e me ergui para pegá-la pelos cabelos.

Puxei seu rosto para o meu mais uma vez, devorando meu gosto e o seu em sua língua, enquanto sentia suas mãos, pequenas e quentes, desenrolar a camisinha na minha pica.

Eu odiava aquilo no começo, mas era uma exigência dela para as vezes em que eu quisesse as portas de trás.

Elizabeth veio por cima, e erguendo um pouco o corpo, me encaixou onde eu tanto queria e desceu devagar.

O som que saiu da sua boca foi quase um canto quando chegou ao fim e me enfiou. E eu, desesperado por mais, a segurei pela cintura, ajeitei as pernas para pegar mais impulso, e comecei o movimento de vaivém.

Os olhos dela estavam fechados, da boca inchada e vermelha saíam gemidos ritmados, intensos, um recado claro de que ela adorava.

Seu corpo sofria o impacto dos meus movimentos. Os seios balançavam, a curva da cintura se movia, e aquela, com toda a certeza, era a visão do meu paraíso.

Quando parei um segundo para admirá-la, seus quadris tomaram conta da situação, e enquanto Elizabeth cavalgava com meu pau no seu cuzinho apertado, me deixando ainda mais louco, enfiei três dedos em sua boca.

Ela abriu os olhos, assustada, mas os chupou e lambeu avidamente.

— Molhe-os — ordenei, e minha nada submissa obedeceu.

O caminho deles foi um só. Toquei seu clitóris com as pontas escorregadias de saliva e a fiz gemer tão alto que podia ser considerado um grito.

Lizzie tentou fugir de mim se jogando para o lado da cama.

Eu não deixei. Fiquei de joelhos, ajeitei seu corpo, e dando um belo tapa naquela bunda que merecia algumas marcas da minha mão, me encaixei dentro dela de uma vez.

A garota puxou um travesseiro para si e escondeu o rosto nele para abafar seus gemidos. Não adiantou de nada. Quanto mais ela gritava, quanto

mais seu corpo tentava me expulsar, quanto mais ela me apertava, mais eu a queria.

E não levou dois minutos até que ela abrisse a bunda, me permitindo ir mais fundo e olhasse sobre o ombro, anunciando:

— Eu vou gozar, não pare, por favor, não pare!

Mesmo sabendo que, se continuasse, eu explodiria dentro dela também, eu parei.

— Louis! — ela xingou meu nome, mas mais um tapa em sua bunda a amansou.

Empurrei a varinha mágica na direção dela e mandei:

— Use.

Se fosse para gozar daquele jeito, que fosse tão forte que ela não conseguisse mais andar.

Esperta como era, Elizabeth conteve o sorriso quando viu o que eu havia levado até ali, ligou o vibrador e o posicionou em pé embaixo de si. E ali foi meu fim.

A parte vibratória daquela porra acolheu toda a boceta dela. Clitóris, entrada, pequenos lábios e, para completar, minhas bolas a cada vez que meu corpo batia contra o de Elizabeth.

Sua excitação era todo o lubrificante que precisávamos.

E quando forcei, aumentando a velocidade com que invadia aquele rabo apertado, sentindo os efeitos do vibrador, segurei com uma das mãos em seu cabelo e cheguei, finalmente, ao limite.

Meu gozo veio pesado. Eu gemi a cada jato de porra que senti saindo de mim e Elizabeth também.

Seu corpo amoleceu, o meu não foi diferente, e quando caímos na cama, ela riu.

— Eu te odeio. — Sua voz, fraca soprou na minha direção, conforme sua mão tocava meus cabelos. — E te amo tanto que poderia morrer.

Eu não podia responder algo como aquilo.

Talvez, nos moldes tradicionais, eu nunca amaria Elizabeth.

Mas seria seu escravo para o resto dos dias, porque tudo dentro de mim lhe pertencia.

CAPÍTULO 64

Eu amo tudo o que você faz
Quando você me chama de burra pra caralho pelas merdas
idiotas que eu faço
Eu quero pedalar na minha bicicleta com você
Completamente despida, sem rodinhas para você
Eu vou tirá-las para você
training wheels

Elizabeth Fabbri

Minha cabeça girava e o sorriso no meu rosto era tão genuíno que não sumia de jeito nenhum. Depois da organização pós-sexo, naquela pouca luz, nos cobrimos com os lençóis e ficamos em silêncio, um olhando para o outro, contemplando o momento.

Queria poder congelar a nós dois ali, esquecer que havia uma vida fora daquele quarto. Um rastro de destruição até a porta dele.

— Eu tenho algo a dizer. — A voz de Louis, mais grave depois de tanto tempo em silêncio, fez meu estômago tremer.

— *Shiiiiiiu* — pedi, colocando a mão sobre sua boca. — Não fale nada — sussurrei. — Não quero que isso acabe.

Pegando minha mão, Louis beijou a ponta dos meus dedos sem tirar os olhos dos meus.

— É exatamente por isso que preciso falar, *bambina*.

— O quê? — continuei no mesmo tom de voz. — Vai me prometer viver aqui para sempre?

— Não. — Ele não queria ser duro, mas foi, e aos poucos, o sorriso no meu rosto se desfez. — Quero conversar sobre nosso filho e sobre a outra criança. Nosso futuro...

Fiquei calada e esperei, dando um suspiro profundo.

Era uma merda não ter opção.

— Ninguém, além de quem estava naquele apartamento, sabe sobre a existência de Elliot e o que aconteceu com Matteo. — Quando Louis disse o nome do meu filho, pude ouvir o barulho da poeira que havia no meu peito girando em um tornado. — E ele terá pouco tempo de diferença do nosso filho.

— Cinco meses — informei o tempo correto.

— Por isso, podemos mexer nos papéis. Isso não é algo difícil de fazer. — Ele tentou me explicar, e continuou, sério, sem tirar os olhos dos

meus: — E criá-los como gêmeos.

Levou alguns segundos, ou minutos, eu não tinha noção de tempo, para que eu entendesse o que ele dizia, mas quando finalmente fez sentido, pude sentir meu peito pesar.

Eu tinha um coração de volta, e ele gritava ao seu modo, batendo alucinadamente, vivo.

— Você está falando sério? — Não era a minha intenção sussurrar, mas minha voz mal saiu.

— É o que preciso fazer para ter você... — Minha falta de reação o fez se apoiar no cotovelo e me encarar de cima. Louis afastou uma mecha de cabelo do meu ombro e continuou: — Não quer me perguntar nada?

Eu queria?

— Acho que tenho medo da resposta... — Era surreal demais.

— Elizabeth — sua mão subiu suavemente para o meu rosto e eu medi seus olhos castanhos naquela pouca luz —, você é a única pessoa no planeta que nunca vai precisar ter medo de mim.

Ele fez menção de se aproximar, mas fui mais rápida.

Cobri a pouca distância entre nós e o beijei.

Cada pequena célula minha explodiu em comemoração.

Eu transbordei.

Queria mantê-lo entre meus braços para sempre.

Eu o amei mais do que nunca.

— Espere, tem mais. — Me mantendo em seus braços, Louis ergueu o rosto a centímetros do meu e limpou as lágrimas nos cantos dos meus olhos. — Quero ir para Nova Iorque, e quero casar com você o mais rápido possível.

— E quais são seus motivos, já que nós já levamos uma vida de casados? — Tentei me fazer de durona, mas era só para me aproveitar mais daquela versão de Louis mesmo.

— Primeiro — ele beijou meu queixo — que eu não quero que a criança que você gera agora carregue a nuvem de ser uma bastarda no futuro. Eu sei que você não gosta, mas ainda sou quem sou fora deste quarto, Elizabeth. E no mundo em que eu vivo, existem regras. Se elas valem aos meus homens, elas valem para mim. — Aquilo não era exatamente o que eu queria ouvir, mas ele continuou: — E, além disso, temos um problema a resolver. — Ganhei mais um beijo no canto da boca.

— Qual? — Tentei ser o mais desinteressada possível.

— Eu não posso esperar muito mais que isso para que todos saibam, de forma oficial, que há uma criatura boa o bastante nesta Terra disposta a

atravessar o inferno para viver ao meu lado. — Acaricie seu rosto com os olhos presos aos dele, mas Louis não me beijou, ao invés disso, ele suspirou e, tão sério quanto antes, disse: — Eu não a mereço, Elizabeth. Mas não posso mais viver sem você. Você é o único ponto de luz no meio da escuridão na qual vivi por anos e me fez acreditar ser cego.

Segurei a vontade de chorar e fechei os olhos para absorver o peso daquelas palavras, gravando-as a ferro e fogo no meu coração renascido.

— Você sabe que, por um momento, quando me deixou vir embora, quando não fez nada para impedir, achei que não se importasse.

— Era isso o que queria de mim? — Havia confusão em seus olhos quando abri os meus para encará-lo de novo.

— Não, mas de algum jeito, era isso que esperava.

— Eu teria feito. Queria fazer — ele admitiu — Mas quando você decidiu ir, achei que facilitaria tudo se te desse mais um motivo para não se arrepender da sua escolha. Aquela foi minha forma de dizer que você era livre para partir, Lizzie. Mas agora, se quiser ficar, se eu merecer que você fique, nada mais importa. O demônio dentro de mim sempre vai existir. É isso que sou, é só isso que sei ser, mas até ele é dependente de você.

E quando eu ergui o rosto para selar nossa pequena conversa de casal, a qual fazia meu coração bater e me dizia que estávamos no caminho certo,

entendi que talvez ele nunca me diria aquelas três palavras, mas agora, não importava.

Não era sobre controle.

Eu havia vencido.

Louis sentia, e eu, como sempre, sentia muito mais.

CAPÍTULO 65

Pois você é tudo que quero

Você é tudo que preciso

Você é tudo

everything, life house

Depois da euforia da primeira transa e da intensidade da conversa, foi ela que me comandou. Elizabeth subiu no meu colo e dominou minha mente, corpo e qualquer outra coisa que eu tivesse para dar. E depois de mais uma vez sendo minha, ela adormeceu.

Eu não consegui.

Levei tanto tempo lutando contra ela e a maré de coisas que vinham junto dela que, ao vê-la ali, não conseguia pegar no sono. Não queria fechar os olhos e correr o risco de ela sumir.

Aquela foi minha vez de passar a noite acordado.

E enquanto velava seu sono, voltei à rotina de contar suas sardas e me perder nos números dezenas de vezes. Depois, intrigado, comecei a desvendar o que, em breve, seria meu filho.

O pensamento do choque de todos quando vissem a brasileira grávida se casando comigo não me abalava. O que, de certa forma, me deixava receoso, era que, em breve, aquela barriga sumiria, e haveria mais uma criança para disputar a atenção de Elizabeth.

Nunca quis ser pai, mesmo que um dia soubesse que precisaria ter filhos por obrigação. Aquilo era completamente fora da curva do meu planejamento, ainda mais porque, a mãe que o carregava, não seria uma mãe da máfia nunca.

Sabia dos limites de Elizabeth, e sabia que precisaria mantê-la alheia de como resolveria as coisas quando aqueles dois estivessem na idade.

De qualquer jeito, não adiantava gastar a cabeça com aquilo ainda.

Eu faria a paternidade funcionar de algum jeito.

Não era impossível, Felippo mesmo provaria.

Encarando a barriga de Elizabeth, tentando entender como aquilo se tornaria alguém vindo de mim, acabei pegando no sono, perdido no pensamento de que, fosse como fosse, talvez seria bom tentar poupá-lo dos motivos que me fizeram ser como era.



A luz cinzenta da janela panorâmica me despertou cedo.

Era mais cedo ainda em Nova Iorque, mas saí da cama antes de Elizabeth e, depois de escovar os dentes e tomar uma boa ducha gelada, subi para a pequena cozinha do quarto. Sentei na mesa, peguei o telefone e, sabendo exatamente o que fazer, retornei uma das milhares de ligações de Giovanna.

Depois de seis toques, a voz sonolenta me atendeu.

— Você sumiu — ela reclamou. — Todo mundo está preocupado com você. Zola disse que você foi para o Brasil, está tudo bem?

— Seu marido, em breve, vai precisar ter uma outra conversa comigo sobre fechar a boca grande dele.

— Deixe Zola em paz. — Ela não me deu bola. — O que foi fazer aí?

— Pedir Elizabeth em casamento. — O silêncio do outro lado da linha me surpreendeu. — Giovanna?

— COMO VOCÊ PÔDE FAZER ISSO SEM EU ESTAR PRESENTE?

— Precisei afastar o telefone do ouvido.

— Se acalme.

— Impossível! Me conte tudo, agora. — Honrando seu sobrenome, ela me deu uma ordem. — Alguém filmou?

— Não sei.

— Ela aceitou?

— Sim. E é por isso que estou ligando.

— *DIO SANTO!* Teremos o casamento do ano, não, do século!

— Acontece que, não é isso que queremos. Elizabeth está grávida, não quero deixá-la estressada com os preparativos.

— Mas precisa? Eu posso cuidar de tudo. — Ela parecia indignada por eu duvidar da sua capacidade de organizar uma festa.

— Faça como quiser, só deixe Elizabeth ter poder de escolha — frisei.
— E, se quiser, acho que chamar Natasha para participar disso não seria uma má ideia.

— Ah, eu te amo, Louis! Estou feliz por você.

— Louis? — A voz de Elizabeth chamou e eu ergui a mão, chamando a atenção dela para cima.

— Preciso desligar.

— Diga à Lizzie que sinto falta dela!

— Até mais, *sorella*.

— *Ciao, fratello.* — A ouvi gritar, provavelmente para o marido: —
LOUIS VAI CASAR!

— Giovanna mandou lembranças — avisei, quando apertei o botão vermelho na tela e me colocando de pé, desci as escadas, voltando para a cama.

— Ela está bem?

— Melhor, impossível. — Deitei contra o travesseiro e ela se aninhou no meu peito.

— Acordou faz tempo?

— Não muito.

— E o que fazia falando com Giovanna?

— Programando algumas coisas. Quando quer ir embora?

— Preciso voltar cedo, Elliot não pode ser responsabilidade dos meus pais... — Ela esfregou os olhos e se espreguiçou.

— Não, Lizzie. Quando quer voltar para Nova Iorque? — refiz a pergunta e notei a nítida mudança corporal dela.

Elizabeth congelou no lugar.

— Porra — ela disse baixo e, suspirando, soltou: — Meus pais...

— Eles podem ir também.

— Não é tão simples. Eles têm suas vidas, não falam sua língua... Se não é fácil para mim, que sou nova, mudar, imagine para eles que tudo o que

conhecem a vida inteira está aqui?

— Podemos programar visitas, levá-los para temporadas, contratar tradutores. Não é um empecilho se você não quiser que seja. E aposto que, quando eu aprender a falar português, convenço o seu pai. Sou ótimo negociador, você deveria saber.

Quando eu a puxei para os meus braços, ela me empurrou, me olhando com uma das sobrancelhas erguidas. Os olhos verdes brilhavam, espertos.

— Algo aconteceu mesmo com você, não é?

— Você não faz ideia.

CAPÍTULO 66

Por que todos os monstros saem à noite?

Por que dormimos onde queremos nos esconder?

Por que eu volto correndo para você como se

Eu não me importasse de você foder com a minha vida?

monsters, all time low feat demi lovato

Era loucura, eu sabia, mas depois de todo aquele tempo fora, quando adentrei as portas do apartamento de Louis, a sensação de pertencimento me abraçou.

Aquela não era só a casa dele, era minha também.

Não havia possibilidade de eu ter um lar que não fosse dele. Ou ele.

E era bom poder, finalmente, dizer todos os “eu te amo” que queria, e mesmo que ele ficasse em silêncio toda vez que me ouvia, seus olhos respondiam.

Para muita gente, aquilo não era o ideal, mas para mim, funcionava.

E eu não estava me importando com o resto do mundo fora daquela bolha. Quem Louis era da porta para fora era o que precisava ser. Depois de tudo o que passamos e de revisitar aquele corredor ensanguentado na minha

mente mais vezes do que gostaria, soube que não tinha jeito. Se eu fosse amar Louis, se fosse arriscar tudo por ele, seria por ele inteiro.

Luz e sombras.

E, secretamente, de forma insana, eu era viciada em sua parte sombria.

Era ela que me atraía feito um ímã, que dava a ele aquela aura que não me permitia fugir. E eu não queria mais fugir.

A mente humana era um labirinto escuro onde qualquer um podia se perder. Eu mesma me perdi várias vezes. A diferença entre mim e Louis era que, em vez de tentar sair se guiando pelas paredes, ele resolveu quebrá-las.

O homem que eu amava abriu seu próprio caminho, e aprendeu a sobreviver daquele jeito, mesmo que precisasse reconstruir algumas paredes por mim.

Giovanna, Frederico e Zola nos receberam de braços abertos.

Isso, pelo menos, funcionou para mim. Foi nítido perceber que a relação deles com Louis não havia mudado. Louis ainda era o chefe antes de ser o irmão. E ainda os controlava. Zola era o único que parecia perceber, e foi nossa troca de olhares que entregou o que eu procurava. Era um misto de

desconfiança e orgulho que eu arrancaria dele em palavras, na primeira oportunidade.

Frederico estava mais seguro de si e eu precisei parar no lugar quando ouvi sua voz sem ser anasalada. Passamos todo o almoço com ele me contando sobre a cirurgia, em como estava sendo a recuperação e que, por um milagre da ciência, estava conseguindo ouvir.

Elliot foi roubado de mim por Giovanna e eu, apesar de sentir um ciúme esquisito e superprotetor, entendi que ela precisava daquilo. Era seu único elo com uma parte boa demais para ser destruída por qualquer merda daquele submundo.

Depois do almoço, Louis e Frederico precisaram sair e, com ajuda de Zola e Giovanna, subi meu filho e as malas para o quarto, encontrando Edgar terminando de supervisionar o trabalho da empresa de limpeza.

— Senhorita Fabbri. — Os olhinhos bondosos do mordomo me ganharam, e com os braços livres, pude abraçá-lo.

Ele não esperava isso, mas deu leves tapinhas nas costas quando se rendeu ao meu gesto de carinho.

— Que bom que voltou.

— É bom estar de volta também — assumi, sem um pinga de vergonha ou arrependimento.

— Podem deixar as malas no closet. Volto mais tarde para organizar — ele avisou, antes de sair e deixar nós quatro a sós.

— Que bom que vocês chegaram. Quando seus pais vêm? — Giovanna perguntou, se sentando no deck de madeira da jacuzzi, embalando Elliot no colo.

— Em quinze dias. Eles vêm com Isabella. Ela e você serão minhas damas de honra — informei, me livrando dos sapatos. Meus pés estavam inchados por conta do voo e eu precisava descansar. Ajeitei os travesseiros do jeito certo na cama e me joguei no colchão, pronta para fazer absolutamente nada até que meu filho precisasse. — Como as coisas ficaram por aqui?

— Estranhas, mas acho que estamos vivendo uma nova fase.

— E isso seria?

— A proximidade da família que restou. Você conhecerá uma Natasha que vai te surpreender. Eu não duvido nada que vocês virem melhores amigas.

Eu ri daquele pensamento.

Desde que todo o auê daquela família tinha vindo para a luz, eu evitava qualquer pensamento envolvendo Natasha. Depois do nosso pequeno acerto de contas, eu não tinha um sentimento definido por ela.

— Espero que suas apostas estejam certas...

— Meu Deus, que cheiro é esse? — Giovanna não me deixou terminar a frase, erguendo Elliot, sem acreditar. — Este bebê comeu o quê?

— Leite, mas é bom se acostumar.

— Onde estão as coisas dele?

— Na mala azul. — Fiz menção de levantar, mas ela foi mais rápida.

— Não, fique aí. Descanse. Eu posso cuidar disso.

Saindo com a mala no ombro e Elliot carregado como um saco de arroz, Giovanna deixou a mim e Zola sozinhos.

Meu melhor amigo havia mudado. Seus olhos azuis traziam uma maturidade ainda maior que antes, e parado, com as mãos no bolso da calça social, ele me encarava com a curva de um sorriso no rosto.

— E então, Golden Boy. Agora você é um mafioso da pesada? — zombei e Zola abriu um sorriso.

— Quase isso. — Apesar do tom de brincadeira, eu não queria saber se aquilo era verdade. Cruzando os braços, se apoiando contra a parede ao meu lado na cama, ele suspirou. — Precisava te agradecer, e não sabia como.

— Pelo quê? — Franzi as sobrancelhas, olhando sem entender.

— O que você fez por nós. Desde o começo.

— O quê? Ver que você era louco por essa doida? — Indiquei a porta por onde Giovanna tinha saído há pouco. — Eu só não era cega.

— E o depois?

— Ah, não fiz nada do que vocês não fariam por mim.

— Se enfiar, grávida, na frente de uma arma, ameaçar um mafioso, invadir um quartel, ser testemunha de um crime... — ele começou a listar e, tentando tirar sarro, ergui a mão e a girei no ar, fazendo a maior cara blasé.

— Isso é rotina, querido. — Ele riu e eu não aguentei, rindo junto, me ajeitando melhor na montanha de travesseiros. — Não, é sério. Eu não faria nada de diferente.

— Eu sei. Por isso te acho louca. E te agradeço também.

— Agora que Giovanna saiu, de verdade, me conte. — Encarei Zola, realmente curiosa. — Como estão as coisas aqui? Como Louis está?

— As coisas estão se movimentando, mas calmas. Os Luppolo andam se reunindo com frequência, as Famílias estão se restabelecendo. Louis continua sendo o líder de sempre. Mandão, articulado, viciado em trabalho, mas acho que ele se entediou. Frederico está morando aqui, ele fez o convite antes mesmo de você ir embora e eu desconfio que ele já desconfiava do que

aconteceria. Mas nós sabemos que o irmão não era você, não é mesmo? — Ele meneou com a cabeça e eu sorri.

— Acha que ele mudou? — Era a pergunta que eu tanto queria fazer.

— Com você? Sim. Com o resto de nós? Nem fodendo. Ele anda mais desconfiado, e continua sem abrir a guarda. Ainda é o Don, se é o que você quer saber.

Respirei fundo e dei de ombros.

— Imagino que isso nunca vá mudar — soprei, num lamento.

— E, para o nosso mundo, não consigo achar que isso seja ruim. Todos nós precisamos fazer nossos sacrifícios, Lizzie.

— Vou aproveitar ao máximo, até ser obrigada a fazer o meu — prometi em voz alta para mim mesma e Zola balançou a cabeça, negando, achando graça.

— O que foi?

— Nada. Não é hora. — Os olhos azuis guardavam algo que eu não sabia se queria descobrir o que era.

— Pronto, um bebê de bumbum limpo e cheiroso! — Giovanna anunciou quando entrou. — Quando vamos reformar o quarto dele?

Olhei para Zola pelo canto do olho e ele deu de ombros.

— Você precisa dar um desse a ela.

— Estamos no treino. — A confissão me fez segurar o sorriso, ainda mais quando Giovanna, me ouvindo, ficou vermelha feito um pimentão.

— Parem com isso — ela ralhou. — Temos um assunto importante a tratar.

— Temos? — Deitei a cabeça, esperando alguma bomba.

— Elizabeth, seu casamento! — Seu tom de voz era agudo, e ela me recriminava.

— *Eita...* — soltei em português e ela ignorou, obrigando Zola a segurar Elliot para pegar um fichário rosa.

— Aqui está tudo. Você só precisa escolher entre as opções A e B. — Orgulhosa, ela mesma abriu e entregou na minha mão, me deixando folhear as páginas no meu tempo.

— Gio, de onde saiu tudo isso? — Meu espanto foi recebido com um sorriso.

Flores, doces, opções de refeição, bebidas, decoração, lista de convidados, vestidos, sapatos, penteados, maquiagens... Era muita coisa.

Encarei Giovanna que se balançava sob os saltos Gucci com as mãos juntas na frente do corpo e quis rir quando ela respondeu, toda orgulhosa:

— Eu já estava planejando meu casamento, foi fácil dividir o material.

— Mas nós já casamos... — Zola tentou se intrometer, mas ela ergueu a mão, interrompendo-o.

— E vamos renovar os votos todos os anos. Só assim eu vou poder usar todos os vestidos de noiva que já quis um dia na vida.

Com meu filho no colo, mas os olhos fixos, brilhando, sobre sua esposa, Zola deu de ombros. Ele não se importava. Queria fazê-la feliz.

— Ok, e vendo tudo isso, consegue me devolver a pasta quando? Preciso realmente fechar todos os detalhes. Em dezesseis dias, você se casa e o frio está chegando.

— Certo, eu preciso pensar.

— Quer pensar conhecendo nossa casa nova? — ela soltou, como se me oferecesse um chá.

— O quê? Vocês mudaram quando?

— Há — ela pensou, contando nos dedos — três semanas. É um condomínio novo, um pouco afastado, mas não é longe. Eu queria uma casa, e precisava sair do meu apartamento depois do que aconteceu... — Seus olhos se entristeceram na mesma velocidade em que a voz dela sumiu.

— Quais são os planos? — engatei outra pergunta, evitando aquele desconforto.

— Natasha, Felippo e meu pai vão aparecer por lá.

— Eu não sei se já seria uma boa ideia... — Me esquivar de um encontro familiar parecia melhor do que me sentir desconfortável no meu primeiro dia de volta.

— Seria bom ter você lá, e eu me comprometo a trazê-la, se você não se sentir bem.

Encarei Zola como se ele fosse louco.

— Eu e você, no mesmo carro? Agora eu sou mãe de dois, querido. Não, nem fodendo. Já entendi o recado do universo. — Os dois seguraram a vontade de rir e notei a ansiedade nos olhos de Giovanna. Em um suspiro, sabendo que ela estava me enfeitiçando como fazia com todos ao seu redor, prometi: — Eu realmente preciso descansar, e não me sinto muito segura ainda, então... vou ver com Louis mais tarde, pode ser? Que horas vocês vão se encontrar?

— Às cinco. Eles ficarão para o jantar.

— Que vai ser?

— Pizza, muito provavelmente. — Zola admitiu. — Giovanna ainda não sabe cozinhar um ovo sem queimar a água.

— Z! — Ela bateu em seu ombro e entendi que a ordem natural das coisas estava restabelecida.

CAPÍTULO 67

Meu bem, você é tudo o que eu quero
Quando você está aqui deitada em meus braços
Eu acho isso difícil de acreditar
Estamos no paraíso
E o amor é tudo o que eu preciso
E eu achei isso em seu coração
Não é tão difícil de enxergar
Estamos no paraíso
heaven, halocene

A casa nova de Giovanna parecia saída de um filme.

Com o exterior branco, um grande quintal com árvores e um lago, aquela era realmente a casa ideal para a mulher que sonhava em constituir uma família feliz. Quando chegamos de mãos dadas, Giovanna, Zola, Leonel, Natasha e Felippo estavam sentados em volta da mesa na varanda bem iluminada, rindo sobre algo que não tínhamos ideia.

A decoração ali de fora era aconchegante e moderna, porém, mais sóbria. Não havia tons de rosa ali fora e eu tinha certeza de que eram nesses detalhes que eu encontraria Zola.

Os donos da propriedade nos recepcionaram e, com Louis assumindo um lugar na mesa, eu fui convidada a entrar para conhecer a casa.

Frederico me cumprimentou da cozinha quando passamos por ele e, depois de ver todos os cômodos do lugar que parecia ainda maior por dentro, precisei sentar um pouco, e decidi fazer isso no quintal, no banco em frente ao lago, aproveitando o silêncio.

— Não está com frio? — Natasha me tirou do pequeno transe em que entrei olhando para a água.

Olhei para baixo, vendo minhas roupas, e entendi o motivo da pergunta.

O vestido nude que eu usava, apesar de ter mangas compridas, era curto.

— Na verdade, estou com calor.

— Ah, a gravidez. — Havia saudade em sua voz e ela encarou a garotinha de cabelos laranjas em seu colo, balançando Rowena. — Tenho saudade.

— Eu confesso que não terei. — Esperei o olhar de julgamento, mas ele não veio.

— Não gosta?

— Não. Apesar de, por um milagre, não ter tido nenhuma complicação, mal sofri de enjoos e tudo mais, é desconfortável. Não vejo a hora de acabar...

— É, a reta final é um pouco mais complicada. Quantas semanas? — Ela tentou se sentar ao meu lado, mas a garotinha não queria que a mãe se sentasse, e brigou para que ela se levantasse logo.

Natasha a atendeu.

— Completo vinte e oito na segunda.

— Está perto de acabar, fique tranquila. Já sabe como será seu parto?

— Nem ideia. — Neguei com a cabeça. — Até quero tentar o normal, mas não queria sentir dor.

— Justo. Eu tinha algumas ideias de como queria que isso fosse. Aliás, acho que todas as meninas criadas nos nossos moldes pensam sobre isso logo que aprendem como as coisas acontecem. É por isso que não te julgo. Você nunca me pareceu alguém que quisesse ser mãe cedo, pelo pouco que te conheço.

— Eu poderia ter esperado mais uns seis anos. Depois dos trinta...

E ela riu.

— Não neste mundo.

— O problema não é ser mãe, entende? Eu amo o meu filho. Serei a melhor mãe que puder para ele, mas a gravidez...

— É, é um pouco, ou muito, romantizada, sim.

— É... — Suspirei. — E como vai a experiência? Planeja ter outros?
— perguntei, interessada na bebê que parecia ter me descoberto e me encarava com seus olhos grandes e vivos.

— Rowena era tudo o que eu queria, e apesar de um pouco cansativa a rotina de um bebê, eu tenho uma boa rede de apoio. — Então Natasha relaxou os ombros, riu sozinha e me encarou, ganhando toda minha atenção.
— Sobre o próximo... Você pode guardar segredo?

— Está grávida também? — Precisei diminuir meu tom de voz.

— Pegamos o resultado hoje de manhã.

— De quanto tempo?

— Ainda não fiz o ultrassom, mas acredito que pouco mais de um mês.

— A maternidade é algo no qual você realmente se encontrou, não?

— Sim — ela admitiu, sem vergonha alguma.

— Meus parabéns. Que venha com muita saúde e seja uma gestação mais suave que a minha. — Nós duas rimos sem graça.

— Obrigada. De verdade. Mas, aproveitando o momento, você se lembra da nossa última conversa?

— Como se tivesse sido ontem — confessei.

— E, sinceramente, quanto está disposta a zerar o relógio?

— Natasha... — Desconfortável, encarei o lago por alguns segundos, respirei fundo, e soltei de uma vez: — Eu fui a intrusa na sua vida. Eu tirei tudo o que você tinha planejado para o futuro e vi com meus próprios olhos, na convivência com Giovanna, o que isso pode fazer...

— E ainda bem que você apareceu. Ou eu teria casado com meu irmão. E não teria Rowena, ou esse novo bebê, ou Felippo. E não seria feliz como sou hoje — arrematou. — De todo coração, Elizabeth, tudo o que me importa é preservar aquilo ali. — Ela indicou a varanda. — Eu lutei muito para realizar o sonho de ter uma família. E, querendo ou não, você e sua descendência fazem parte dela.

Encarei a imagem da varanda como uma pintura. Mirei em cada um ali e mordi o lábio inferior com força, antes de ter coragem de dizer:

— Será que vamos conseguir impedir que nossos filhos sejam quebrados como eles foram?

— Não tenho uma boa resposta para isso. Só sei que vou dar o meu melhor, amá-los incondicionalmente, e espero que isso baste. A revolução

começa com as mãos. — A gentileza de suas palavras me fez encará-la, e vi que Natasha também olhava para a varanda. — E mesmo neste submundo, acredite quando te digo que o amor pode fazer coisas inimagináveis.

O sorriso em seu rosto a iluminou, e ele era uma resposta ao olhar de Felippo.

A conexão deles estava lá. Como a minha com Louis.

Disso eu entendia, e se ela, que havia colocado os pés na água antes de mim, confiava, não me restava escolha.

CAPÍTULO 68

Sua luz está dentro de mim, como um rugido feroz
Como um oceano nascido, você está em minhas veias
Sua voz é serenidade quando o sol se põe e a força que
encontrei
Você está aqui, como uma silhueta quando a escuridão domina
Você é a lua mais brilhante e eu estou segura
Você nunca está longe de onde eu estou
Como um farol, me traz pra casa
Você nunca está longe de mim
Deixe seu espírito brilhar
A história nos liga, como o certo e o errado
Sua mão na minha, marchando para a batida da tempestade
E nós caminhamos juntos para a luz
E meu amor vai ser sua armadura hoje à noite
E estamos juntos, enfrentando uma guerra
E o nosso amor vai conquistar tudo
Nós temos corações de leão
lionheart, demi lovato

Elizabeth Fabbri

Estava quase na hora.

O pôr do sol foi o escolhido para ser testemunha do meu maior ato de loucura.

O vestido de noiva com mangas transparentes era simples, recatado e liso na frente, mas nas costas, o decote mostrava quase demais.

Seria um casamento íntimo.

Família, Dark Hand e amigos próximos.

Louis pediu para eu não me preocupar que, na manhã seguinte, ele mesmo enviaria o comunicado para a imprensa e assim a exposição seria menor.

Ainda assim, olhando para o espelho, encarando o reflexo da mulher que eu havia me tornado, gestando uma criança, prestes a dizer sim para o homem que revirou minha vida do avesso, eu me sentia plenamente feliz e certa do que fazia.

Será que tinha perdido o juízo no meio do caminho?

Podia apostar que sim, mas não importava.

Nada mais importava.

Giovanna terminava de ajeitar meu buquê de rosas negras e vermelhas, vestida de rosa, com o cabelo perfeitamente arrumado em uma trança pesada sobre o ombro direito.

Minha melhor amiga também estava ali, com o vestido igual ao de Giovanna, olhando tudo um pouco encantada, um pouco receosa, e quando meus olhos encontraram os dela, notei que algo acontecia dentro de sua cabeça.

— O que foi?

— De zero a dez — ela tentou ser delicada —, quanto vou ser inconveniente se fizer a pergunta de um milhão de dólares?

Quis rir. Estava demorando...

— Fale.

— Você sempre escondeu sua cicatriz, mas agora... Por quê? O que mudou?

Esfreguei os lábios um no outro e respirei fundo, sorrindo como nunca, dando a única resposta concebível.

— Tudo mudou.

Aquela não foi a resposta que ela queria, mas fez ainda mais sentido quando ouvi a música escolhida tocando e, depois de Isabella e Giovanna irem na frente, subi as escadas para o rooftop com meu pai ao meu lado.

Assim que pisamos sobre o tapete vermelho, inevitavelmente, eu o procurei.

Não importava que a decoração estivesse perfeita.

Não importava quantas velas estivessem acesas para que o clima romântico fosse bem recebido.

Não me importava nenhum dos olhares insatisfeitos, ou dos comentários maldosos feitos ao me verem grávida, com todas as marcas expostas, caminhando com um sorriso no rosto em direção ao homem sem coração que me esperava com a sombra de um sorriso no altar.

Tudo havia mudado.

Nós havíamos mudado.

E bastava.

Quando os olhos castanhos dele ganharam os meus, meu coração bateu dolorosamente forte. Se ele estivesse nu, eu não me importaria. Ele não era nada diferente de lindo no auge de sua perfeição com a luz alaranjada batendo contra seu rosto. A mesma luz que banhou nossa última despedida, agora sendo testemunha do reencontro.

Ele me pegou das mãos do meu pai.

Eu não consegui prestar atenção em nada que não fosse ele.

Nós dissemos sim.

E estava feito.

Quando sua boca tomou a minha na frente de toda aquela plateia, tive plena certeza de que havia encontrado meu canto no mundo, e tomava posse dele.

O amava em tudo, no bom e no ruim. O limite e o além.

E sabia que seria ele, somente ele, por cada mísero segundo de batida do meu coração restaurado. Era dele, para o que quisesse, para o que precisasse, sem arrependimentos.



A lua de mel não podia ser em outro lugar.

Primeiro porque eu estava grávida e aquela seria minha última viagem de avião permitida pelo médico, segundo porque Louis me levaria para conhecer aquele pedaço de terra que tinha a história impregnada nas veias do seu sobrenome.

E nossa primeira parada, como casal, foi Capri.

Apesar de estarmos em meados do final do ano e a ilha não parecer tão convidativa quanto no auge do verão, meu marido me prometeu que valeria a pena. E, para piorar seu ego, ele tinha razão. Mesmo não aguentando andar muito, aproveitei os passeios de barco, fiquei encantada com a gruta azul, fui guiada aos restaurantes e presenteada nas lojas abertas da avenida por Louis.

Com todo o cansaço dos passeios, quando chegávamos ao hotel, no final do dia, tudo o que eu conseguia fazer era jogar uma água no corpo e dormir o máximo que a primeira parada do xixi permitia. Louis não reclamou. Serviu de apoio quando estar deitada sobre seu peito parecia a única posição favorável, me incentivou quando quis chorar por não conseguir enxergar mais nada quando olhava para baixo a não ser as pontinhas das unhas do pé, e foi gentil toda vez que o recusei.

Até que, em uma tarde, depois de roubar um golinho da garrafa de limoncello que ele havia comprado, eu o arrastei para dentro da água quente da varanda do hotel.

— O que está fazendo, senhora Luppolo? — ele disse, quando me ajeitei com as costas sobre o seu peito e, propositalmente, rocei a bunda no seu pau.

— Senhora Luppolo? — Encarei-o sobre o ombro, com um sorriso inocente no rosto.

— É o que é, não? — Louis me abraçou.

Seus braços em volta de mim como uma prisão, a mais confortável de todas, e eu me apertei contra ele.

— Elizabeth... — A bronca viria, mas não estava nem aí.

Outro bom motivo para evitar sexo era que, por recomendação médica, deveríamos ter cuidado, visto que aquele tipo de atividade nunca era muito suave entre nós.

— Eu não estou fazendo nada, estou? — Suspirei, apoiando a cabeça contra seu ombro e ajeitando suas mãos em volta de mim, colocando-as sobre meus seios.

— Filha da puta — ele xingou baixo.

— Preferia o outro nome. — O sarcasmo na minha voz o provocou o bastante para que ele nos movesse. Louis me colocou onde estava antes, com as costas contra a parede e, na minha frente, puxou minhas pernas para colocá-las ao redor da sua cintura.

O volume em sua bermuda era sempre surpreendente.

Eu nunca me acostumaria com aquela boa obra da natureza.

E quando ele pressionou o quadril contra o meu, roçando o pau na minha boceta, todo meu corpo respondeu.

Com a voz rouca, que me deixava completamente molhada só de ouvi-la, ele disse baixo:

— Senhora Luppolo, por favor, pode fazer o favor de parar de me provocar?

— Oi? — Me fiz de surda, travando minhas pernas nele, não dando nenhuma opção de fuga. Louis lambeu os lábios e aproximou o rosto do meu.

Seu cheiro nunca mudava. Nem ali.

Eu o aspirei ao máximo, apoiando as mãos em seus ombros.

— Elizabeth — ele disse meu nome com cuidado. — Fabbri. Luppolo.
— Era uma reprimenda. — Eu lembro como isso acabou da última vez.

Eu com cólica. Ele, preocupado. O médico sendo acionado às duas da manhã.

— É só fazer devagarinho. — Juntando a testa na dele, abraçando Louis, eu implorei: — Por favor...

E como sempre, ele não soube me dizer não.

A calcinha do biquíni foi empurrada para o lado, sua bermuda, de repente, estava boiando na piscina, e antes que eu pudesse dar risada, ele me fodeu.

Não aguentei manter os olhos abertos naquela primeira metida. Era tão bom que, na tentativa de ser silenciosa, juntei a boca na dele e gemi.

A puxada de ar entredentes que ele deu, veio acompanhada de um: “isso”, bem baixinho, e eu, intencionalmente, o apertei.

O efeito foi imediato.

Louis me devorou. Suas mãos na minha bunda me puxavam contra si dentro d'água e qualquer um que passasse de barco pela praia veria o que fazíamos.

Ele respirou fundo e, soltando da minha boca, conforme os movimentos iam ganhando ritmo, deitou a cabeça para trás. Levou um segundo, mas quando voltou com os olhos nos meus, eu sabia como aquilo acabaria.

— Segure firme. — Era uma ordem a qual eu não era besta de não obedecer, e sendo beijada, adorada e fodida por Louis naquele paraíso, eu soube que não queria outra vida.

Aquela tinha tudo o que eu precisava.



A parte dois da viagem chegou mais rápido do que eu gostaria.

Depois de ter lido para Louis que sexo poderia me ajudar com o parto, atrasamos o quanto deu a viagem de carro pelo país. Mas com dois meses longe de Elliot e batendo nas trinta e oito semanas de gestação, agradei imensamente quando Louis avisou que a próxima parada seria a fazenda da família.

O médico contratado por Louis era amigo de longa data dos Luppolo, e a primeira coisa que eu fiz, depois de pegar meu filho no colo da babá e ser

abraçada por Giovanna e Zola que estavam nos aguardando, foi ser examinada por ele.

— Já tem contrações de treinamento? — O inglês do homem era bom.

— Há algum tempo — respondi, olhando para o teto enquanto ele colocava a cara lá nos países baixos.

— Seu tampão mucoso já saiu?

— Não que eu saiba...

Depois de ele me examinar mais atentamente, avisou:

— Perdeu, sim.

E então o medo me pegou de jeito.

— Isso quer dizer que...

— Que você já pode parir.

Enquanto o médico saía do quarto para conversar com Louis, eu me encorajei sozinha. Faria aquilo. Faria por mim, pelo meu bebê e pela minha família.

Após aquela consulta, todo dia era uma surpresa.

Em alguns deles, minhas contrações de treinamento me faziam chorar de dor.

Era incômodo. Eu não tinha posição para dormir. Ficar sentada por muito tempo doía minha bunda. Minhas pernas estavam me matando e, desesperada, no auge das quarenta semanas, fui atrás de Louis.

Ele tentava me distrair o tempo todo. Ora me levando para tomar banho de rio, ora para conhecer a plantação de oliveiras, ver as videiras, até que não havia mais nada para ver, e mesmo que houvesse, meu mau humor não me permitia ver mais graça.

Eu queria, desesperadamente, parir.

Naquela tarde, a iniciativa da distração veio de Giovanna.

O piquenique no meio da plantação de uvas era uma boa ideia, mas Louis notou que eu não queria estar ali.

— Está tão ruim assim? — Ele me puxou para si e eu suspirei, irritada.

— Não aguento mais. — Sem conseguir segurar, eu chorei.

— *Bambina...* — Ele tentou me abraçar, mas minha vontade era bater nele.

— Preciso parir!

— E eu posso ajudar?

Não respondi. Tudo o que consegui fazer foi derrubá-lo.

Avancei para suas calças e o vi sem saber se ria ou se aproveitava o momento.

Quando viu minha cara, ele soube que rir não era uma opção.

Era raro o corpo de Louis não estar no ponto, mas quando eu abaixei suas calças, não tive opção e o levei até a boca.

— Eliza... — Meu nome morreu no meio, junto da bronca que ele me daria.

Eu o chupei como se minha vida dependesse daquilo.

Usei as duas mãos para masturbá-lo ao mesmo tempo em que deixei sua mão na minha cabeça ditar o ritmo e até onde ele queria ser chupado. Pelo menos, até onde ele cabia na minha boca.

Aquele pau grosso e enorme tinha que servir para mais alguma coisa, além de me deixar assada. E descontrolada como eu estava, quando senti o gosto salgado dele na minha língua, cuspi sobre a cabeça vermelha e inchada. Ajeitei o vestido, arranquei a calcinha como deu, e no meio do mato, pouco me importando se alguém podia nos pegar, montei em Louis de uma vez.

— Mulher louca do caralho. — Ouvi quando ele xingou, mas ignorei.

Aquilo não era para ele.

E com tudo o que tinha, sentei, rebolei e fiz o diabo a quatro em cima daquele homem. Sem interrupções. Sem deixá-lo me dominar. Sem pedir licença.

Quando o orgasmo veio, cravei as unhas em seus braços, mal notando suas mãos sobre meus seios.

Ele já tinha gozado, mas se segurava por minha causa.

— Vou engravidar você de novo. — Com a respiração completamente fora de ordem, ele me puxou para si e deitamos os dois olhando para o céu.

— Nem — tentei respirar com todo aquele peso extra me atrapalhando — fodendo. Nunca mais.

— Espere para ver. — Era uma promessa.

E eu, que não era burra, nunca mais esqueceria um dia sequer do anticoncepcional.

— Se eu gestar mais uma vez, o nome será MacGyver. Pode apostar.

Ele gargalhou e, mesmo brava, aquele era o som mais bonito que eu já tinha ouvido.

— E o nome desse?

Parei, encarando o céu, me tocando daquele pequeno detalhe.

— Tem algum que você goste?

— Sinceramente? O meu.

— Não, nem vem. — Aquilo era impossível, ainda mais se nascesse com o gênio do pai.

— Precisamos de um nome.

— Ok. — Revirei minha mente. — Gosto de Hunter, Dominic e Camden. Essas são minhas opções, o final você decide.

— Certo.

— E os documentos? — Ele sabia do que eu falava.

— Está tudo no esquema. Serão gêmeos.

— Ótimo.

Passamos cinco minutos em silêncio.

— Está mais calma? — Louis virou o rosto para me encarar enquanto guardava o pau para dentro da calça.

— Sim — admiti.

— Quer mais uma vez? — Eu gargalhei ao ouvir a proposta, mas bem no meio daquilo, uma fígada me pegou e eu reclamei, me encolhendo.

Ele se sentou num pulo.

— O que foi?

— Acho que meu desejo foi atendido... Ai!

Não vi como, mas Louis me carregou para dentro do carro numa velocidade que eu nunca havia visto, e aquela foi, sem dúvidas, uma das tardes mais infernais de toda minha vida.

A dor só piorava. Nas costas, no baixo ventre, no quadril.

As contrações vinham sem dó.

— Quero remédio — chorei, quando Louis afastou Giovanna.

Eu estava de joelhos no chão, buscando o gelado do piso, com a cabeça enfiada em suas pernas e com ele esfregando minhas costas vigorosamente.

Eram ordens médicas. E mais seguro para ele também, já que o desgraçado não queria me dar nada para dor ainda e se passasse perto de mim, eu o mataria.

Porém, noite adentro, quando tudo se intensificou, eu entendi o porquê o médico havia esperado tanto para me dar qualquer anestesia.

Eu daria à luz a um filho de Louis.

Não podia ser tão simples.

CAPÍTULO 69

Por que os pássaros subitamente aparecem
Todas as vezes que você está perto?
Assim como eu, eles anseiam estar
Perto de você
close to you, carpenters

O trabalho de parto de Elizabeth ganhou a madrugada toda.

A anestesia não pegava de jeito nenhum, e quando eu a vi cansada, mandei pararem com tudo aquilo. Fiquei ao seu lado, de mãos dadas com ela, por horas, mas nada da criança vir ao mundo. Ela tentou de cócoras, na cama, e quando finalmente a parteira, que mandei chamar no final da noite, sugeriu o banquinho que havia trazido, Lizzie, suada, descabelada e exausta, deu seu último grito.

Aquele foi diferente de tudo o que eu já havia ouvido.

E foi ele que deu abertura para que o choro alto e forte do nosso filho rasgasse a noite.

Eu fui o primeiro a pegá-lo. Giovanna se intrometeu.

— Não cortem o cordão, ainda! Ela não quer. — Era bom ter minha irmã ali, já que minha mulher não tinha forças para falar.

A única coisa que ela fez foi esticar o braço, querendo tocar nosso filho, e eu, com as mãos sujas de sangue, atendi à sua vontade.

Elizabeth chorou e, percebendo que eu poderia atrapalhar, fiquei observando atento enquanto colocavam a criança direto em seu peito e a ensinavam como seguir com a amamentação.

Vendo aquele pequeno milagre, quis rir.

Estava preparado para qualquer tipo de morte.

Sabia lidar bem demais com o processo contrário do que acontecia naquele quarto.

Mas com o nascer de uma vida...

Aquela criança me pertencia de dentro para fora e não o contrário.

Seria mais uma coisa a aprender.

Esperei todo o processo de cuidados com Elizabeth, fui convidado a cortar o cordão quando chegou a hora e, depois de limparem o quarto, mandei que todos saíssem quando vi Lizzie de olhos fechados e com o bebê ao seu lado.

Fechei a porta de madeira, que não era mais a mesma, mas notei que as estruturas da parede eram, e quando olhei pela janela, com o sol raiando no

horizonte, olhei para o celeiro, o local que foi o mais próximo de uma casa para mim, durante anos.

Eu deveria ter queimado todo aquele lugar.

Pelo menos, era uma ideia válida, até aquele segundo.

Elizabeth suspirou profundamente e eu virei o rosto para vê-la.

Os olhos verdes me fitavam muito concentrados.

— Foi aqui, não foi?

Da parte do que ela sabia, sim. E cumprindo minha promessa, não menti.

— Foi. E eu nasci bem nesta cama em que você está.

Ela ficou em silêncio por vinte e sete segundos, lambeu os lábios e soprou:

— Você venceu.

— Eu sei. — Então ela relaxou.

— Ótimo. — Fechando os olhos por meio segundo e se afundando na pilha de travesseiros, ela disse: — Porque quando eu me levantar desta cama, vou matar você.

Quis rir.

— Há algo que eu possa fazer para que mude de ideia?

— Prometa que nunca mais vai me engravidar.

— Impossível. — Era sério e ela abriu os olhos de novo, tentando me ler.

— Prometa que nunca mais vai tentar mandar em mim.

Minha resposta seria a mesma.

— Elizabeth. — Sorri para a mulher detentora de todo o poder sobre mim. — Vá dormir. E não se preocupe, você é o ser mais indomável que já cruzou o meu caminho. Já entendi que é uma batalha perdida.

— Duvido que tenha aprendido. Você ainda é inconsequente. — Ela voltou a fechar os olhos, mais cansada do que parecia, e alto o bastante para eu ouvir, Lizzie reforçou: — Mas eu te amo, Louis Luppolo.

E descobri que, da porta para dentro, nem sempre teria tudo o que queria, mas tinha tudo o que precisava. Confirmei isso cinco anos depois.

— Elizabeth! — chamei por ela, um tom mais alto do que os outros barulhos da casa. Era a única forma dela me ouvir.

Segurando Beatrice, a caçula, no colo. Vendo os olhos verdes iguais aos da mãe, atentos a qualquer movimento, balancei-a no ritmo que sabia que a faria dormir, enquanto Elliot e Hunter brincavam com arminhas de brinquedo, gritando.

Por sorte, a bebê no meu colo não ligava para o barulho.

Mas eu sim. E estava realmente incomodado.

— Caralho, Lizzie! — chamei, mais uma vez.

— Papai falou palavrão. — Elliot parou, com a mão na boca.

Definitivamente, mesmo de vez em quando procurando, não achava nada de Matteo nele. Pelo menos, não da versão fodida.

— Mamãe fala palavrão também — Hunter disse, pulando nas costas do irmão.

— Aí! — Elliot reclamou, batendo a testa no chão e começou a chorar.

— ELIZABETH! — gritei, mais uma vez.

— Já vou. Meu Deus, que confusão! Eu preciso de paz para escrever!
— ela reclamou, surgindo pela escada, pronta para vir pegar a menina dos meus braços.

Quase não dei a ela, mas o olhar de reprimenda da mulher baixinha não me deu brecha para discutir.

Suspirei, sabendo que demitiria a babá que se atrasara naquela manhã e me abaixei para lidar com os garotos.

— Hunter, aqui — chamei, colocando Elliot em pé.

— Foi brincadeira, papai. — O garotinho, que era minha cópia, de olhos castanhos, escondeu as mãos atrás do corpo.

— Peça desculpas ao seu irmão — ordenei.

— Desculpe... — Foi tão baixo que quase não ouvi.

— Direito.

— Desculpe, Elliot. — E como Elizabeth devia ter ensinado, ele abraçou o outro e deu um beijo em seu rosto.

Aquilo não era obra minha.

Nem a benevolência de Elliot.

O garotinho abraçou o irmão, fez que sim com a cabeça e depois, se jogou no meu colo, ainda chorando. Não tive opção, ainda mais sob o olhar de Elizabeth, que não fosse acolhê-lo.

Era meu papel de pai.

— Calma. — Respirei fundo. — A dor já vai passar.

Enquanto o acalmava nos ombros, me levantei com ele no colo.

— Onde está a porra da babá?

— Não faço ideia. Já liguei três vezes, mas acabei meu livro. — O sorriso dela era radiante.

— Onde está? — Lizzie dizia que era um presente para mim, e sem tempo para ela repensar, saí subindo a escada, direto para o meu escritório, de onde ela havia roubado as chaves pelas últimas duas horas.

— Não é para ver, ainda! — ela tentou, mas não me parou.

Segui pela porta, encontrei o computador aberto e, ainda com meu filho no colo, girei as páginas escritas.

Era grande.

— Você não vai ler. — Ela veio rápida, abaixando a tela do notebook.

— Quer apostar? — Mais um desafio.

— Eu disse não.

— E sabe que isso não funciona comigo.

Sabia que era algo proibido, mas com as crianças no colo, a tensão de não poder pegá-la, só me fez ter mais vontade.

Pensando em como poderia fazer aquilo funcionar na nova rotina matinal, tentei distrai-la.

— E quem é Zoe... — Eu tinha visto a capa.

— Shiu. — Ela levou o dedo até a boca, exigindo silêncio.

— Não vai assinar seu nome? — Não entendia o motivo.

— E todo mundo desconfiar de que essa porra é real? Não.

Parei por um segundo, olhando a superfície metálica, processando a informação.

— Escreveu nossa história?

— Tudo. Até o motivo de te amar. — Foi rápido, e eu não tive tempo para reagir.

O choro de Hunter ganhou o apartamento todo e nós corremos pela porta.

Eu realmente precisava contratar novas babás.

E nunca mais deixar Elizabeth ir.

EPÍLOGO

Quando sua alma encontra a alma que estava esperando
Quando alguém entra em seu coração por uma porta aberta
Quando sua mão encontra a mão que foi feita para segurar
Quando você é um só com a pessoa que foi feita para encontrar
Tudo se encaixa, todas as estrelas se alinham
Não deixe escapar
Não existem outros olhos que poderiam me ver por dentro
Os braços de mais ninguém podem levantar tão alto
Seu amor me levanta além do tempo
E você conhece meu coração de cor
heart by heart, demi lovato

Louis Luppolo

10 anos depois

Elizabeth entrou feito um furacão no meu escritório e bateu a porta.

Levantei os olhos do computador para encará-la e afastei a cadeira, endireitando a coluna, pronto para pegá-la.

— O que aconteceu desta vez? — Esperei o furacão de cabelos compridos e escuros, vestido numa saia de couro escura que eu deveria

colocar num quadro, bater os saltos pelo chão até chegar na minha frente

— Nossa filha achou que seria interessante e divertido jogar sorvete dentro da impressora. Perdemos a máquina e toda a impressão que já estava atrasada pela demora da entrega das tintas — Lizzie se lamentou, cansada e estressada.

— Ela só tem cinco anos... — Tentei fazer o papel de advogado da garotinha que era a cópia da mãe externamente, e que, de algum jeito absolutamente errado, internamente tinha puxado a mim.

— Eu sei — soltou um muxoxo. — Nem tive coragem de brigar com ela, mas... — Frustrada, ela se sentou na minha mesa, de frente a mim, e suspirou pesado, cobrindo o rosto com as mãos.

— Podemos comprar outra máquina, ou mandar imprimir o que você precisa, fora.

— Já fiz isso. — Ela era ágil em seu trabalho. — Mas não consigo deixar de pensar que é um prejuízo do cacete.

— E onde está a diabinha?

— Deu sorte que Natasha apareceu. A tia favorita a roubou, falou que a devolve antes do jantar. — Ela cruzou os braços e roçou a ponta do salto no meu joelho, me provocando sem nem perceber.

Ainda era minha garota.

— Hm... E os gêmeos?

— Saíram da escola direto para a casa de Giovanna. Acho que aqueles dois estão fazendo bullying com um dos primos. Falei para Zola que, se precisar, é para colocá-los de castigo.

— Elliot e Hunter têm dez anos, são crianças, estão nessa fase...

Que em breve eu acabaria quebrando. A Dark Hand começava sua busca, e eu gostaria que um dos dois se sentasse sobre a minha cadeira.

— Pois, vai todo mundo para a terapia. Eu não vou ficar doida, não. A maternidade não é para amadores! — Quis rir do estado de Elizabeth.

— Que horas os meninos voltam? — Me levantei e me encostei nos seus joelhos.

Ela mudou na hora. Sua postura endireitou também, as mãos desceram para a borda da mesa e, os mesmos olhos verdes pelos quais me perdi, me capturaram.

— Perto do jantar. Por quê?

Dei um meio-sorriso provocante para ela e, sem tocá-la, alcancei o zíper de sua saia. O barulho a fez abrir a boca, mas nenhum som foi reproduzido.

O colar que eu havia dado no último aniversário de casamento brilhou no seu pescoço e, indo com a outra mão para a peça, a apertei contra sua

garganta.

— Você precisa relaxar, senhora Luppolo. — Minha voz era baixa para aquela distância.

Podia ver os olhos de Elizabeth concentrados, intrigados, e os lábios bem-desenhados e pintados com batom escuro se movendo para perto dos meus.

Ela mordeu o ar.

— E imagino que você saiba como cuidar disso.

— Talvez...

— Vou deixar você tentar. — Lizzie saltou para fora da mesa, deixando a saia cair no chão. Analisando cada reação minha à medida que descobria a surpresa que ela tinha por baixo. Vi quando sua expressão orgulhosa me desafiou ao desabotoar o último botão da camisa que vestia, revelando o conjunto cheio de amarras e renda.

Depois de tanto tempo, meu corpo ainda demonstrava o quanto a adorava.

Meu pau marcou na calça, e ela não precisou de um convite.

Nada havia mudado.

Elizabeth Fabbri

Deitada no peito de Louis, completamente nua, na cadeira do escritório, quis rir.

Deus parecia finalmente ter aceitado que não tinha como nos separar, por isso, da janela, o pôr do sol era mais uma vez testemunha daqueles anos todos.

Eu não o julgava. Na verdade, se alguém me dissesse que aquela seria a minha vida, principalmente no primeiro ano envolvida com Louis, eu teria acertado a pessoa com um tijolo bem na cabeça, mas ali, no meu lar, com os braços de Louis ao meu redor, entendi que tudo o que trilhamos foi parte da transformação maior.

Todos os escombros do meio do caminho foram usados no molde da nossa armadura.

Separados, éramos falhos, insanos e machucados. Juntos, transformamos o que tínhamos, nosso mundo que antes era ilusório, em algo sólido, invulnerável.

E eu tinha provas de que nada poderia nos destruir.

Suspirei, aspirando o cheiro imutável da minha estação favorita no pescoço dele e me aninhei ainda mais, aproveitando os minutos finais

daquela tarde fora da rotina. Acolhida em suas sombras, sabendo que aquele era o meu norte no mundo, quando, de repente, Louis me chamou:

— Elizabeth... — A voz baixa, receosa.

Ergui a cabeça, olhando-o nos olhos, tão próxima que nossos narizes quase se tocavam.

— Você sabe, não sabe?

Era a primeira vez que ele dizia algo do tipo.

E, mais uma vez, eu só tinha uma resposta para dar.

— É, eu sei.

O beijo que dei em Louis tinha um sabor diferente.

O que só os corajosos, que lutavam até o fim, tinham direito de experimentar.

E mesmo pequeno, esquisito e incompreendido, aquele era o nosso felizes para sempre.

FIM



Guilherme.

Talvez você vá se sentir um pouco acanhado por eu fazer uma declaração dessa, pública, que quando algum filho da puta transformar em PDF e piratear, a gente nunca vai conseguir apagar da internet, mas é bom para compensar todos os anos em que eu acabei não escrevendo para você, mas escrevi sobre você, e sobre nós dois.

Isso daqui nasceu de um término nosso, sabia? Dividi você em dois, o que eu odiava, o que eu adorava sem limites, e comecei. Achei que não ia dar em nada, achei que te superaria, mas depois de todas as demonstrações de amor, eu fiquei.

Você, mais do que ninguém, convive com a loucura que é amar uma mulher como eu. Minhas neuras, minhas mudanças de humor, as vezes em que me tranco em minha cabeça, ou quando me enfureço, ou quando fico eufórica... E é no teu silêncio acolhedor que eu sei que posso descansar, que

posso ficar quieta também, até que minha mente se acalme, até que a única coisa que sobre seja o seu carinho em mim, o seu amor por mim, o jeito que eu odeio e adoro como nossa relação funciona. Secretamente, ou agora nem tanto, eu amo que o jeito de você me tratar seja tão exclusivo. O Guilherme carinhoso, o que tem o melhor senso de humor e ri até chorar, o que não pode me ver passar que gruda em mim, o que é carinhoso, que me respeita, que me apoia, que me cobre, que me protege e que aprende a ser um pouco mais humano e a sentir como eu sinto.

Só Deus sabe quantas fases nós já passamos até aqui. Quantas vezes eu já quis ir embora, mas quantas vezes mais você me deu motivos para ficar. Quando tudo o que eu tinha era só o amor que eu sentia, quando tudo o que você era me assustava e fascinava.

Eu ainda me assusto às vezes, mas me fascino mil vezes mais.

Obrigada pela coragem de me amar, de pegar na minha mão, orgulhoso.

Obrigada por me amar no meu pior e comemorar as minhas vitórias.

Obrigada pelo pedido de casamento mais lindo e louco desta vida.

Obrigada pela família que eu sempre quis ter.

Sei que sou um desafio, que somos como água e óleo. Mas ninguém é tão bom em me amar como você, e ninguém saberia fazer isso como eu faço.

Te amo amanhã, mais um dia, quem sabe para sempre?

Você é tudo.

Com amor, sua...

AGRADECIMENTOS

Uma carta aberta cheia de gratidão.

Com minha música favorita tocando no último volume, sabendo que vou terminar este texto chorando, entendi agora há pouco o motivo de fazê-lo por último, e porque é que fiquei tão louca pensando nele, conforme ia escrevendo este livro: eu não devo só à Dark Hand a vida que eu tenho hoje. Eu devo a cada pessoa que segurou minha mão no processo, que viveu, que chorou, que gritou, que xingou e que sentiu visceralmente cada uma das palavras que eu, sem saber como, coloquei nesses cinco livros.

Para quem não sabe, ou não me acompanha em outros lugares além da Amazon, minha relação com a escrita é longa e cheia de buracos. Sempre quis ser escritora, mas nem sonhava que havia uma possibilidade. Saí de problemas grandes, passei para problemas ainda maiores, tive a vida revirada de cabeça para baixo em um nível que talvez nem com um mês de molho no mar tiraria a uruca, mas mesmo no meio dessa tempestade toda, a única coisa que não mudou foi meu amor por criar histórias e a necessidade de escrever.

Vim da fantasia, da ficção científica, amo um bom terror/suspense, e dizia para quem quisesse ouvir, no auge da minha imaturidade, que nunca escreveria um romance. Com sexo, então? Eu não estava louca! Mas aí, aconteceu o que tinha que acontecer. Cuspi para cima e caiu bem dentro da boca mesmo, nem na testa foi.

Foi Nana Simons que me estendeu a mão dizendo que eu era boa, e que havia um público carente de mim e do meu jeitinho de pesar o texto. Foi ela que me apresentou à Amazon, que me deu o aval para escrever sobre o tema o qual ela era A autoridade no mercado literário independente BR, que pagou o dinheiro que eu não tinha para a primeira revisão. Se hoje eu estou aqui, se posso escrever, se vocês conhecem meus livros como eles são, Nana tem 110% de culpa no cartório, e não importa o tempo que passe, não importa o que venha pela frente, eu nunca vou conseguir colocar em palavras o quanto eu sou grata. O quanto eu a amo. O quanto a amizade dela é a coisa mais intensa e preciosa que já tive na minha vida.

— Nana *Cyrus*, se você está lendo isso agora, obrigada. Obrigada por ter aprendido a dividir o pódio comigo, por me colocar *pra* cima, por ser meu porto seguro neste mundo e fora dele. Quando eu digitei o fim neste arquivo, a primeira pessoa na qual eu pensei foi você, que conhece fora e dentro de mim, e eu não poderia te amar mais. Obrigada por ser a Giovanna da minha Lizzie e, às vezes, a Isabella.

Eu não poderia me esquecer da Lua, quem me deu minha primeira capa quando eu não tinha um puto no bolso para pagar. Ou Mari Sales, que de camarote, me acompanhou lá do comecinho, que somou comigo e me mostrou que este mundo aqui, apesar de ter uma galera que fode o rolê, também tem gente de coração bom.

No dia em que entendi que estava atrás de vocês, pessoas que estão lendo este livro, abri o top100 da Amazon e entendi o que faria. O primeiro pensamento foi “ok, e se eu colocasse a minha vida no papel?” e lá veio Elizabeth segurando no peito toda minha impulsividade, tristeza, raiva, vergonha. Veio ela com meu senso de humor meio doido, com minha capacidade de me enfiar no pior buraco, mas de levantar de um jeito que ninguém nem desconfia das cicatrizes que carrego.

Lizzie me salvou de mim mesma, e escrevê-la foi a coisa mais deliciosa e fácil que já fiz na vida. Foi ela que conquistou uma legião de gente, foi ela que trouxe vocês até aqui. E ela sou eu de algum jeito muito louco.

— Minha menina Elizabeth, que carrega realmente o nome da minha avó e todos os meus pesos dentro do seu peito, nada no mundo é mais bonito

do que você. Obrigada por ter me mostrado como ser forte. Muito obrigada por se reerguer. Você é a coisinha mais falante, teimosa e indomável que eu já criei.

E depois de Indomável estourar. Depois de ser um lançamento top2 de uma autora iniciante sem um puto no bolso para investir em nada, eu encarei Louis.

— E aqui eu abro um canto pra agradecer todas as meninas que vieram do Wattpad comigo. As que seguraram a barra quando eu não tinha dinheiro nem para consertar o celular, as que divulgaram, que cuidaram da minha história como se fosse delas, principalmente dona Ariane Schevisbiski (de quem eu, sim, roubei o sobrenome) e dona Tati Borges. As duas ainda estão comigo, uma é a amiga que vou levar para sempre, a outra é uma irmã que a vida me deu. Amo vocês. *Tati, Louis tá vivo e você me deve um suco na praia. Ari, você betou este livro e se ele tá perfeito assim, teu dedo nele é um dos motivos.*

Deus, que desgraça! O final de Indomável, aquela partezinha dele que deve dar 20% do livro, levou mais de três meses para ser escrita. Ali eu achei que tinha entendido, que tinha dominado a forma dele tomar a

minha cabeça. E eu errei. A prova veio em Inconsequente, quando passei noites em claro no hospital com meu pai, trabalhando do outro lado da cidade, guardando mais coisas dentro de mim do que eu realmente aguentava, completamente sozinha.

Aprendi a odiar a pergunta “tá chovendo?” Aprendi que se eu não fizer, ninguém vai fazer por mim. Aprendi que preciso saber a hora de parar, e enquanto Louis comia minha cabeça e eu quase tentei suicídio de novo, foi Talita quem apareceu.

Eu tenho todo o lance de não me mostrar, mas quando decidi trabalhar com Talita, lembro como se fosse hoje de a esperar do lado de fora de casa, sentadinha na calçada, e não acreditar que o mundo da internet se tornava real.

— E, dona Talita, quanto trabalho eu te dei nesses últimos quatro anos, hein? Obrigada por ter me salvado do meu monstrinho interno. Por ter abraçado minhas dores, compartilhado as suas e me dado tanto motivo para sorrir com as memórias que criamos. Ganhei uma mãe, uma irmã, uma filha, uma amiga e um irmão quando você entrou na minha vida. Tenho um orgulho da porra de tudo o que te vi fazendo de lá pra cá, e sei que ainda vou ser testemunha e confidente de muita coisa boa que ainda virá. Te amo!

Sobrevivendo à Inconsequente, dei voz à Natasha e Felippo. Apanhei que nem uma filha da puta, mas descii os dois pela goela de vocês para ouvir “eles são meus favoritos”. Amores, não era pra menos! Hahahaha! Chega que eu peguei ranço dos dois por um tempo, mas olhando de uns meses para cá, vejo o quanto Natasha tem de mim também, o quanto tem de uma das pessoas que mais amo no mundo — e divide a data de aniversário com ela. Vejo em Felippo a chance de um recomeço pleno. De acertar, ou tentar, entre todos os erros... Ninguém é perfeito, eles também não precisavam ser.

Imoral me deu a liberdade de bater o pé e tomar a decisão mais arriscada da minha vida, que foi sair da casa dos meus pais. Me emancipou de uma parte de mim que, ao mesmo tempo, me deixava feliz e me machucava. Foi um ensinamento e tanto...

E eu fui além, passando Improvável na cara de vocês e obrigando que algumas olhassem suas feridas, ou a ferida de outras mulheres, e as validasse.

No fim, depois disso, não tinha volta.

Escrever este último livro foi um inferno. Eu não queria dar adeus, mas sabia que não podia continuar adiando. O meu luto começou antes mesmo de eu me dar conta e foi graças à terapia (Jéssica, minha terapeuta,

salva-vidas) e a uma conversa com TM e Nana num almoço despretensioso, no qual eu sabia que precisava do colo do meu trio, que pude entendê-lo.

— Inclusive, TM, se tem alguém neste mundo que conheceu primeiro o meu pior, para depois ter acesso ao meu melhor, foi você. Amiga, obrigada por ter esperado e acolhido tudo o que eu sou, desse jeito espalhafatoso e chocante. Amo você.

Então, obrigada você, que aguentou, que engoliu, que não fez uma leitura vazia, e que chegou até aqui. Que voltou a se apaixonar pelo meu demônio, pela minha menina, ou não. *Tá* tudo bem também. Aprendi a aceitar nesse processo que nem sempre o meu melhor vai ser o melhor para o outro, e que vivemos um dia de cada vez.

Obrigada, Ana Beatriz; obrigada, Bianca; obrigada, Beatriz; obrigada, Tati Moreira (por tudo o que *cê* sabe e o que não sabe também); obrigada, Thaís Pietrobom e Juliana Bispo. Obrigada por serem as primeiras a receberem meus textos, por acompanharem as evoluções, por serem meus termômetros, por darem ideias, por acrescentarem tanto numa história que já não é só minha. Amo cada uma de vocês. Foi um prazer ver esse universo fazer os olhos de vocês brilharem.

Depois disso, não me resta nada a fazer além de agradecer aos amigos — que graças a Deus são muitos. Eu sei que eu vou falhar e esquecer alguém, mas o bom é que quem me tem, sabe que tem, e eu não deixo dúvidas sobre isso. TM que o diga, *né*, amiga? HAHAHA. — E às leitoras INCRÍVEIS que eu tenho. Meninas, OBRIGADA por fazerem essa história viver. Obrigada por serem parte do meu sonho mais lindo. Obrigada por todo amor, todo apoio, todo colo, toda a boa vibração.

Obrigada, obrigada, obrigada.

É aqui que eu choro, mas de felicidade por ter vivido isso com vocês.

Nos vemos em breve, eu prometo.

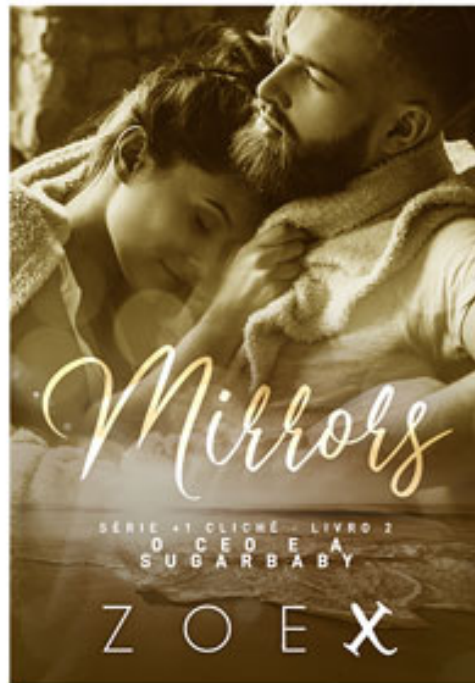
PS: Pai, mãe, Lee, eu consegui.

Com todo o amor do mundo,

Zoe X.

OUTRAS OBRAS

SE VOCÊ GOSTA DE CLICHÊS



SÉRIE +1 CLICHÊ

[MAR ABERTO](#)

Casey é um problema, e eu não afirmo isso por conta do estilo rebelde, sua música barulhenta, botas de combate ou tatuagens que fecham os braços e

pescoço. Eu afirmo isso porque vi com meus próprios olhos todas as rachaduras que haviam dentro de seu coração.

London é muito mais que a garota esquisita, mesmo que sempre haja tinta em seus cabelos quando ela sai atrasada da sala de artes, mesmo que seu guarda-roupa seja um pouco peculiar e sua falta de fé no amor seja compensada em uma fé — tão singular quanto ela — em Deus.

Quando o caminho de duas pessoas tão diferentes, mas tão parecidas, acaba se cruzando, é inevitável fugir, por mais que elas tentem.

Uma aposta, um mergulho mais profundo, e nada nunca mais será igual.

Você está pronto pra mergulhar nesse mar aberto?

Este livro faz parte de uma série de romances independentes que acontecem no mesmo universo.

MIRROS

Owen Smith é o CEO que cuida da empresa da família Reed há mais de uma década. Estudioso, inteligente e sagaz nos negócios, só quem conhece sua história sabe que sua obsessão extrema com trabalho é apenas uma compensação por ter perdido o amor de sua vida de uma forma tão trágica.

Hope Stewart colocou sua vida em segundo lugar para assumir as responsabilidades com o irmão mais novo já que seu pai e sua mãe mal conseguem se manter. Buscando justiça pela fatalidade que acometeu sua família e os fizeram perder tudo, incluindo a saúde, ela trabalha dia e noite na esperança de que alguma hora as coisas se resolvam e ela não precise ser forte o tempo todo.

Owen precisa fechar um acordo. Hope é o meio para justificar um fim.

Ela tem 23, ele 39. Ninguém quer envolvimento emocional, mas o plano do destino é outro.

Será que eles estão prontos para ver essa relação se transformar em algo além de pedaço de papel?

SE VOCÊ GOSTA DE DARK FANTASY



[NÃO SEJA UMA BOA MENINA](#)

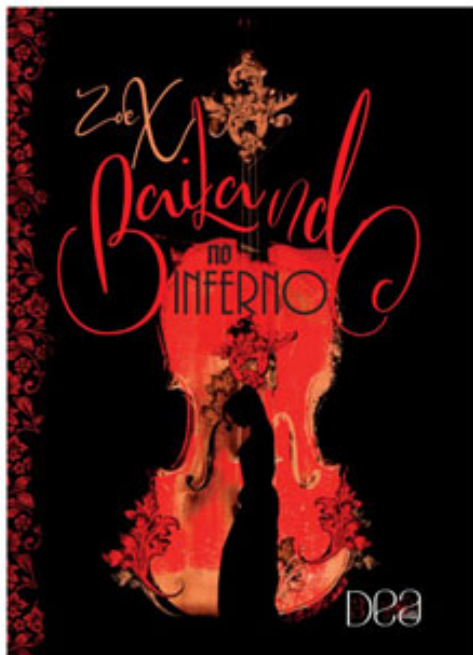
AVISO: Esta é uma obra de ficção destinada a maiores de 18 anos. Ela contém assuntos polêmicos, incluindo temas de consentimento questionável, agressão física, linguagem imprópria e conteúdo sexual gráfico. Não leia se não se sente confortável com isso.

Em meio ao caos e a desigualdade, toda a inocência dela cheirava como o mais doce perfume para ele. Dentro de todo seu desespero e solidão,

a justiça distorcida que ele trazia consigo era a única coisa que a mantinha de pé. E nessa dança proibida, ela descobriu que ser uma boa menina nem sempre era a garantia de se salvar e achou, na escuridão dele, o seu lugar.

"Eu me apaixonei pelo demônio, meu salvador, e se ser uma menina má era a condição para tê-lo novamente, eu aceitaria".

SE VOCÊ GOSTA DE DARK ROMANCE



[BAILANDO NO INFERNO](#)

AVISO: Este é um romance dark contemporâneo. Se você não se sente confortável com leituras que envolvam violência física, psicológica e que tenham finais controversos, essa leitura pode não ser para você.

Adrian de La Vega nunca se encaixou na Faculdade de Direito, nos padrões que a sociedade na qual vivia exigia ou nos planos que seu pai tinha. Ao ter o coração quebrado e a chance da liberdade tão sonhada, caiu

no mundo com seu violino, para viver como bem queria, mas o destino é cheio de linhas suspensas e intrigas e o traz de volta a Buenos Aires, anos depois.

Voltando para casa atrás de algo que nem mesmo ele sabe o que é, Adrian cruza com a mulher de olhos cor de ouro e descobre que a liberdade nunca mais terá o mesmo gosto, por mais que ele tente.

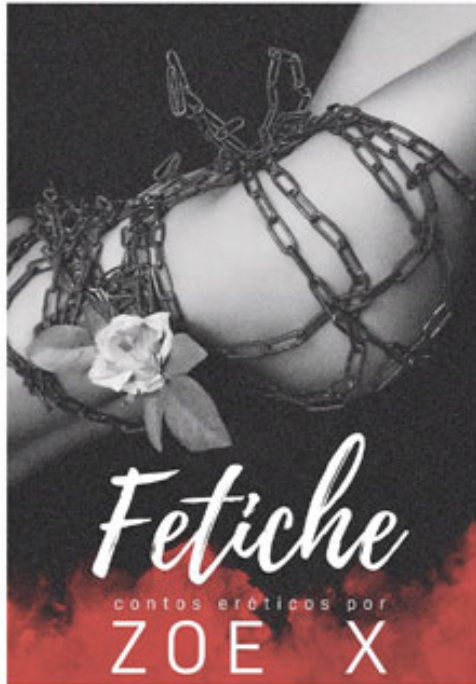
SE VOCÊ GOSTA DE DRAMA



[SINGULAR](#)

Essa é a história de como Ayleen Pumpkin morreu e, com isso, me ensinou a viver.

SE VOCÊ GOSTA DE CONTOS ERÓTICOS



FETICHE

^[1] Pelo amor de Deus!

^[2] Você é tão perfeita, minha pequena.